o que tudo levantei sôbre a cabeça, e estimo em muito. Espero que com estas
*Fl. 195 v. ajudas me salvarei. A confissão geral, com * algumas das orações, sei já bem de memória; as demais leio de contínuo pelo papel, sem me descuidar de dia e de noite. Todo meu cuidado é procurar de ir àvante na verdade, encomendando-me à Senhora Santa Maria, rezando também pela alma de Bujendono Belchior, meu pai. Agora conheço quão errado andou meu coração estes tempos atrás, e como o demónio foi o que me impediu a não receber de-pressa o baptismo; e estou mui agradecida à Providência Divina, que trouxe cá a Vossa Reverência, em tão boa conjunção, para me baptizar. Todo o meu desejo é de ouvir e aprender à minha vontade as coisas da salvação, e crescer nas virtudes dos cristãos; peço a Vossa Reverência que me mande por escrito os dias de jejum, de peixe e de guarda».

«Como encubro o ter-me feito cristã a estes entre os quais vivo, não posso com a liberdade que meu coração deseja, entregar-me tôda às coisas da salvação; e assim, já alta noite, faço oração, e o mesmo faço também de madrugada, benzendo-me e rezando, antes que os de casa me vejam. Bem sei que, tocando êste negócio à salvação, me houvera de dar pouco dos homens; porém, como pretendo que o Mori me dê licença para sair livremente de suas terras e viver à minha vontade na lei de Cristo, convém por agora ir assim contemporizando. Confio na intercessão da Senhora Santa Maria, que me cumprirá meus desejos; e, se Moridono me deixar sair de seus dois reinos, determino de me ir recolher ou com algumas mulheres devotas cristãs do Cami, ou de Nangazáqui, para com elas me ocupar de dia e de noite no negócio de minha salvação. Peço a Vossa Reverência que terce por mim, para que me concedam isto; porque nesta terra de nenhuma maneira vejo modo para poder intender nas coisas da salvação.
*Fl. 196. Folgaria que, oferecendo-se boa ocasião, * mandasse Vossa Reverência aqui alguma pessoa virtuosa e de confiança que me praticasse de-vagar as coisas de Deus, pôsto que nem a esta Vossa Reverência diga, se lhe parecer, que eu recebi o baptismo, se Deus quiser que o Mori me dê licença; o mais [d]irei presencialmente neste verão seguinte. Jesus, Maria». Atèqui o teor da carta.

Em outra que escreveu a um Irmão, quási diz as mesmas coisas, e acrescenta a particular alegria que recebeu êste ano, quando celebrou a festa do Natal, pôsto que só e em secreto; porque, como todos os de casa são gentios, e a velha, de quem acima dissemos, nunca se aparta dela, lhe é necessário haver-se com grande cautela; porque, se o Mori aventar que ela é cristã, para que não viva livremente como tal, a não deixará sair nunca de suas terras, como já mandou a uma sua prima cristã, chamada Clara.

Êste é o fruto que o Padre colheu de sua ida a confessar a Justino, e o estado da cristandade de Iamagúchi, e perseguição que o Mori lhe faz, e em particular a Cano Fanjemon Sancho, principal cristão daquela terra, da qual esperamos se seguirá muita glória de Deus Nosso Senhor e proveito daquelas almas.

CAPÍTULO XXI

Do que se fêz na cidade do Meaco e casa reitoral dela

VIVEM, nesta casa, e residências a ela sujeitas, vinte de nossa Companhia: sete Padres e treze Irmãos, com outros mais obreiros necessários, dos quais e dos Irmãos se ocupam alguns em ouvir as seitas de Japão, para melhor as saberem confutar, que um Irmão nosso, * mui versado nelas, lhes lê. *Fl. 196 v.
Os mais o fizeram na cultivação da cristandade e conversão dos gentios, cada um segundo o talento que Nosso Senhor lhe comunicou, procurando de o empregar bem, e colhêr dêle o fruto, e ainda que não tão copioso, como se podia esperar de um tão largo campo, todavia digno de se apresentar na mesa de sua Divina Majestade, por ser colhido no meio de tanta gentilidade, e tão dada ao culto dos Camis e Fotoques, como é a daquelas partes, e principalmente a do Meaco. Êste [fruto] foi de setecentas e trinta e tantas almas, que os nossos da casa reitoral do Meaco êste ano trouxeram ao conhecimento de seu Criador, não sòmente dentro da cidade, mas também em algumas missões que se fizeram fora dela. Não faltam alguns cristãos mui fervorosos e zelosos da honra de Deus, e em particular de darem a conhecer aos gentios a verdade da nossa santa lei, e os moverem a recebê-la e segui-la; entre estes se assinalam dois, um fidalgo e um médico, o qual, com ocasião de saúde corporal, não deixa também de procurar a espiritual dos gentios, persuadindo-os que se façam cristãos, como muitas vezes com efeito acontece, dispondo-os êle primeiro com suas práticas, e depois levando para isso prègadores, que mais de raiz lhes pratiquem as coisas de nossa santa Fé.

Morava um velho, mui entendido nas seitas de Japão, junto de um caminho, pelo qual às vezes passavam estes dois zelosos cristãos. Indo, pois, ambos juntos, vendo o velho assentado à sua porta, começaram a travar prática com êle, acêrca das seitas de Japão; e como pelo discurso da prática viesse o velho a conceder que não havia salvação nas suas seitas, lhe foram muitas vezes praticando das coisas de nossa santa lei, até que um dia, vendo * o fidalgo cristão que o velho *Fl. 197.
ia abrindo os olhos e caindo na verdade do que lhe praticavam, lhe praticou das coisas de nossa santa Fé, de tal maneira, que o velho se resolveu em se fazer cristão, como logo se fêz.

Estando uma mulher gentia endemoninhada, cuidando os parentes que era outra doença, chamaram um médico cristão para curar a doente. Vendo-a o médico, arreceoso do que era, ou para melhor dizer, conhecendo-lhe o mal pelos efeitos, sem dar fé à doente danada, pôs-lhe debaixo da cabeceira um *Agnus-Dei*. Começou logo a endemoninhada, ou o demónio nela, a conhecer sua virtude; altera-se grandemente, e faz grandes feros e estrondos, queixando-se e sentindo-se muito do que lhe tinham pôsto debaixo da cabeceira. Tomaram então os circunstantes o *Agnus-Dei*, e pondo-o sôbre ela, a deixou logo o demónio, e se foi bramindo, ficando a mulher quieta e sossegada. Porém, como nem com tudo isto se movesse a desventurada gentia a se fazer cristã, nem menos

mostrasse desejos disso, daí a um dia morreu de-repente, e se foi aos infernos, em castigo, como parece, de não se aproveitar de tal milagre, para conhecer a virtude do Senhor, e receber por êle o lume da nossa santa Fé.

Fêz-se desta casa uma missão aos reinos de Mino e Voari, indo um Padre e um Irmão consolar aos cristãos que ali há. Consolaram-se todos sumamente com a vista do Padre, e muito mais com as ajudas espirituais, que dêle receberam, assim por via dos conselhos e práticas espirituais, como dos sacramentos da confissão e comunhão, ficando todos com tais meios grandemente animados a perseverarem fortemente na Fé. Alguns gentios, ouvindo as prègações do catecismo, receberam o santo baptismo. O senhor do reino de Voari, que então era um filho do Cubo, chamado Salçumano Cami, fêz muito agasalhado ao Padre, e ainda lhe ofereceu ren*da, se quisesse estar ali de assento, e deu licença para se refazer a igreja, mostrando folgar muito que estivessem Padres e cristãos no seu reino. Convidou ao Padre em sua fortaleza, e deu-lhe algumas coisas de presente, e, depois de tornado o Padre para o Meaco, o mandou visitar, com muitos patos bravos de presente, que êle toma na caça com seus falcões, coisa que em Japão é mui estimada.

Com estes favores daquele senhor, ficaram os cristãos de Voari mui contentes e mais à sua vontade que dantes, e da mesma maneira o ficaram os Padres, e com esperança de se fazer ali grande conversão; mas, como daí a pouco morreu o dito senhor, não tiveram efeito atègora. Visitou também um Padre os cristãos da serra, com o fruto ordinário das confissões e comunhões, a que acodem aqueles cristãos com devoção e fervor, por serem antigos, e perseverarem atègora tão firmes na Fé, que são exemplo a muitos outros.

Entre os que se converteram à Fé, baptizou um fidaldo principal, perfilhado do senhor do reino de Vacasa, que em seu nome veio às exéquias de sua irmã Madalena, filha de Giogocu Maria, das quais já falámos acima. Movido, pois, êste fidalgo com a prègação, que um Irmão nosso fêz nas ditas exéquias, quis ouvir as pregações do catecismo, as quais ouvidas, se baptizou com grande consolação sua, e o mesmo fizeram alguns criados seus; e tornando-se para o dito reino, louvou muito a ordem do ofício e a formosura do ornato, e muito mais o dar da esmola, que os nossos repartiram a pobres, bem diferente do que o fazem os Bonzos; do que resultou grande crédito à nossa santa lei. Porém o demónio, tendo inveja dêste e do mais fruto que da igreja nova e ofícios divinos que nela se celebravam com tanto concurso, se seguiu, corrido (1) de ficar desta vez tão abatido e vencido, procurou servir-se desta ocasião, para nos perturbar, como no princípio desta fica dito; mas, por misericórdia de Deus, não lhe saíu como traçava, pois ne-
* Fl. 198. nhum * efeito tiveram suas diabólicas traças; aproveitou-se todavia do sôgro da defunta, grande inimigo da nossa santa Fé, para inquietar a Giogocu Maria, sua mãe, fazendo mandar diversos recados, por pessoas muito graves, aos filhos de Maria, senhores do reino de Tango e Vacasa, para que peruadissem a mãe, que não seguisse a lei dos cristãos, e não freqüentasse a igreja. Ao que, como bons filhos e cristãos que ambos são, responderam que sua mãe era cristã antiga, já desde o tempo de Nobunaga, que antes perderiam seus estados, que dar-lhe tal conselho.

(1) Mt.: e corrido.

Insistindo todavia o gentio que pelo menos a chamassem para os seus reinos, para não dar no coração ao Xogum, com ir tantas vezes à igreja, e fazer-se cabeça e exemplo dos mais cristãos, o que poderia redundar em mal dêles, e dos mesmos cristãos: êles o fizeram, e Maria, protestando primeiro aos filhos e a tôdas as suas criadas, que por nenhum trabalho nem perigo deixaria de professar a lei de Cristo Nosso Senhor, condescendeu com êles por alguns poucos de meses, para com isto aquietar os gentios, e contemporizar com o tempo que assim o pedia, e também escusar algum trabalho que a ela e aos cristãos poderia acontecer. Feita esta protestação, se foi para o reino de Vacasa, aonde vive com suas criadas, tôdas cristãs, com muita edificação e firmeza. Estava neste tempo no Meaco o Bispo, a quem pediu Maria a quisesse crismar com tôdas suas criadas, como crismou, e depois se foi para o dito reino, apostada ela e as criadas a viverem entre aqueles gentios, como boas cristãs, com cujo exemplo se espera que alguns cristãos frios que ali há, entrem em fervor, e os que não são, se movam muitos a abraçar e seguir nossa santa lei.

Também se baptizou um letrado que tinha nome entre os Ienxus, e se prezava muito de ter alcançado a substância e medula do Bupo (que é tôda a substância das seitas de Japão), e de Bonzo feito mercador, tinha mulher e filhos cristãos, o qual, pôsto que por muito tempo foi combatido e importunado do sô*gro (que é um dos mais antigos cristãos do Meaco), que viesse ouvir as * Fl. 198 v.
prègações, ou pelo menos disputar com um Irmão nosso, muito versado nas coisas do Bupo, porque êste lhe soltaria as dúvidas que tivesse, nunca o quis fazer, antes cada vez se fazia mais surdo aos bons conselhos e persuasões do sôgro e ainda da mulher que lhe persuadia o mesmo, tendo para si, conforme ao que ouvia da verdade de nossa santa lei, e das firmes razões em que se fundava, que se viesse a ouvir, ficaria na rêde de que tanto fugia. Porém, como fôsse chegada a hora de seu chamamento, finalmente se resolveu a ouvir as prègações, mais pela importunação do sôgro e mulher, e também curiosidade que a isso o levava, que por desejo de se fazer cristão; e propondo muitas dúvidas, continuou alguns dias, até que por derradeiro, convencido da fôrça da verdade, se rendeu, e recebeu o santo baptismo com tanta devoção, que bem parecia tê-lo Deus Nosso Senhor mudado e trocado interiormente; e persevera com edificação de todos, vindo muitas vezes a preguntar as dúvidas que se lhe oferecem, e aprendeu outras coisas, ainda muito miúdas, da nossa santa Fé e costumes cristãos, para se conservar mais facilmente em graça, prometendo de exortar dali por diante a seus amigos e conhecidos, que oiçam nossas coisas e se façam cristãos; os quais, como souberam da sua conversão, ficaram pasmados e abalados grandemente, pois viam rendido aquele de quem menos o cuidavam.

Ajudou muito a conversão dêste Bonzo, por ser pessoa tão conhecida e vista nas seitas de Japão, à de um filho de Nobunaga, aquele grande rei que os anos passados, e antes de Taico, o foi de todo Japão; o qual, pôsto que tinha por vezes ouvido as prègações, e feito bom entendimento da verdade, não acabava todavia de se resolver em a abraçar e seguir, até que, persuadido por * êste * Fl. 199.
Bonzo cristão, que era seu colaço, a que se fizesse cristão, determinou de se baptizar, como fêz logo, sendo o mesmo seu colaço seu padrinho, com assaz alegria de todos, por ser pessoa de tanta marca, pôsto que ao presente com

pouca renda. Feito cristão, persevera atègora muito bem, e freqüenta a nossa casa, folgando sempre de ouvir novas coisas de nossa santa lei, dos Santos, e outras coisas espirituais e devotas, e é pessoa de muito bom natural e mui quieta e assentada; e, como se baptizou com bom entendimento, logo persuadiu a seus pagens que também se baptizassem, como fizeram. Da mesma maneira se espera que o faça sua mulher, a quem muitas vezes persuade o mesmo.

Na relação passada se disse como uma senhora dera de esmola, para ajuda da nova igreja, cem cruzados, a qual, pôsto que desejava de ser cristã, todavia, pelos impedimentos que para isso havia, e inconvenientes que se podiam seguir, não podia cumprir seus antigos desejos, nos quais, perseverando sempre e crescendo cada vez mais, se resolveu êste ano em se baptizar, cortando por tudo, mas com o devido resguardo e cautela, e ainda grande segrêdo, por ser perfilhada do Taico e estar à sombra de Quitano Madocorosama, mulher que foi e a principal do mesmo Taico, mui dada aos cultos dos Camis e Fotoques, e ter seu marido Bigeno Çanogodono, que os anos atrás foi senhor de quási três reinos, ainda gentio, pôsto que desterrado, e seu irmão Figendono, tão grande senhor em Japão, também gentio com tôda sua geração: querendo-lhe Nosso Senhor remunerar a esmola que dera para sua igreja, com lhe dar a verdadeira luz e conhecimento da verdade de sua santa lei.

E assim, um mês depois de dar a dita esmola, quis ouvir as prègações secretamente, de uma mulher bem entendida nas coisas de Deus, e modo de prégar aos gentios, da qual se servem os Padres para prègar a semelhantes pessoas, * Fl. 199 v. que não podem vir a nossa casa, como era esta, nem ir * os nossos às suas, por justos respeitos; e depois de ter feito bom entendimento do que ouviu, a mesma mulher a baptizou, pondo-lhe nome Maria, o que fêz com tão grande segrêdo, que nem os de sua casa o souberam, nem ainda ao presente sabem, e muito menos os de fora, pelo muito que nisso ia, tirando algumas mulheres cristãs que a servem, as quais se alegram muito de ver a senhora cristã, mas muito mais ela, por achar o verdadeiro caminho da salvação, como o acharam dois filhos seus, que há anos, por seu conselho, se baptizaram e estão ao presente desterrados com o pai gentio, mas êles cristãos e perseverantes na Fé.

Vivia em uma aldeia, perto da cidade do Meaco, um velho da seita dos Ieoxus, de mais de sessenta anos, sogro de um bom e fervente cristão, o qual velho, ainda que casado, fazia ofício de Bonzo e prègador da dita aldeia, e sua casa servia de varela, onde todos se juntavam e faziam suas deprecações a Amida, sendo êle o primeiro que exortava os outros ao culto e veneração daquele Fotoque, a quem todos adoravam. Êste, importunado do genro que desejava tanto a conversão do sogro, veio um dia, com sua mulher, ouvir as prègações do catecismo, e, tocado de Deus, fêz tão bom entendimento que logo na primeira prègação que ouviu, se resolveu a se baptizar; e tornando para sua casa, sem ninguém o aconselhar, chamou logo todos os da aldeia, como costuma; os quais, como não sabiam da mudança que tinha feito, foram, como sempre, aparelhados para fazer suas deprecações e cerimónias. Convidou-os primeiramente o velho; e, depois de convidados, lhes falou desta maneira:

«Ficareis com razão admirados de vos eu convidar hoje, fora do meu costume; pois antes vós me houvéreis de convidar a mim, como atègora fizes-

tes, do que vos dou muitas gra*ças; mas a causa de eu isto fazer, é para vos * Fl. 200. avisar que desde hoje por diante vos não poderei mais ajuntar nesta casa, a fazer as antigas e costumadas deprecações; porque ontem, ouvindo a prègação dos cristãos, vi claramente que Amida, a quem eu e vós atègora adorámos, não me podia salvar, nem menos havia salvação em nenhuma das seitas de Japão, senão na lei dos cristãos, na qual só se acha: pelo que, logo determino de adorar ao Criador do céu e da terra, que é o verdadeiro Salvador dos homens, ao qual dou infinitas graças, por pôr em mim os olhos de sua grande misericórdia, alumiando meu entendimento no cabo de minha velhice, para o conhecer, que, se mais tardara, houvera-me sem dúvida de perder. Pêsa-me muito não sòmente de o não ter conhecido atègora e venerado como devia, por minha culpa e muita cegueira, mas também de o ter tão gravemente ofendido, e, em particular, de ser causa de vós todos em minha casa o ofenderdes, adorando a quem não deveis de adorar. Pelo que, para recompensar tão grande pecado como tenho cometido, vos aconselho e rogo que também abrais os olhos, e com tempo vos retireis do caminho errado pelo qual até agora caminhastes; e estimarei eu muito ser-vos meio de achardes o caminho para o céu, que é o da lei dos cristãos, como o fui ignorantemente para o do inferno, que é o que ensinam as seitas do Japão».

Ouvindo isto os presentes, ficaram todos pasmados da repentina mudança, parecendo-lhes aquilo mais sonho que realidade de coisa, e assim procuraram com tôdas as fôrças de divertir o velho e tirá-lo de seu propósito, acrescentando ameaças a rogos, se não desistisse de tal intento. Mas nunca o puderam acabar com êle, por mais que o pretenderam, pondo-lhe diante dos olhos muitas coisas, e em particular o proveito que perdia, fazendo-se cris*tão. Mas o bom velho, * Fl. 200 v. cortando por todo o humano interêsse, pela honra e estima em que todos o tinham, e por todo o mais de que havia de carecer, feito cristão, veio mui resoluto com a mulher e filhos a ouvir as demais prègações; e, em sinal que de coração renunciava ao demónio, trouxe consigo a imagem de Amida e contas de gentio, e, depois de bem instruído, se baptizou com sua mulher e filhos, com muita devoção, e propósitos de fazer o possível para que todos daquela aldeia venham ao conhecimento de Deus.

Feito o bom velho cristão, como é costume do demónio perseguir aos que vê saídos da sua rêde, incitou muito mais contra êle todos os daquela aldeia; os quais, sabendo que de verdade se fizera cristão, começaram a fazer mau pesar dêle, e, feitos todos em um corpo, procuraram por tôdas as vias de o botar fora da terra; mas, como não puderam, determinaram de o tratar como excomungado, negando-lhe até o fogo e a água. Porém o bom velho não se moveu com isso nenhum ponto de sua Fé e religião; persevera com grande fervor e devoção, não deixando de vir aos domingos à igreja, com ser já de tanta idade e morar tão longe, dando com isto a todos um vivo exemplo de sua paciência e constância na Fé, e ainda esperanças de tôda aquela aldeia por seu meio se fazer, pelo tempo em diante, cristã.

Um moço honrado, de idade de catorze anos, indo a Nangazáqui a fazer sua mercadoria, se fêz cristão, movido assim das prègações de um tio seu, e Irmão que o é de nossa Companhia, como também da verdade de nossa santa

lei, vida e exemplo dos cristãos, e em particular, vendo as coisas do culto divino, que ali mais que em nenhuma parte florescem. Feito cristão com bom
* Fl. 201. entendimento, se tornou daí a alguns meses para o Meaco, * donde era natural; o que sabendo o pai e a mãe, como eram da seita dos Fotoques, com tôda sua geração que grandemente aborrece nossa santa lei, o sentiram muito, e se indignaram contra o filho, e por muitos dias o perseguiram, dando-lhe não sòmente êles, mas ainda os parentes, muitas e grandes batarias para que tornasse atrás, até lhe tolherem que não saísse de casa, e, muito mais, que não fôsse à igreja.

Mas os que mais o perseguiram e mais cruel combate lhe deram, foram uns Bonzos Foquexus, cujo frèguês dantes fôra, os quais, sentidos por perderem tal frèguês como êle era, por ser morgado daquela casa e família, de que lhes vinha tanto proveito, não sòmente o combatiam com razões, mas incitavam particularmente a mãe (a qual era muito sua devota) contra o filho, parecendo-lhes que por esta via o derrubariam. Durou muito tempo a bataria que os Bonzos lhe deram, disputando muitas vezes com o bom moço, que, como era de pouca idade, lhes parecia que fàcilmente o venceriam com razões a que não saberia responder. Mas, como o moço naturalmente era agudo e de vivo engenho, e, quando se baptizou, adivinhando já os contrastes que havia de ter assim da parte dos parentes, como dos ditos Bonzos, o fêz com bom entendimento da verdade de nossa santa Fé e falsidade das seitas de Japão, sendo miùdamente instruído de tudo o necessário para se defender de quem quisesse impugnar sua religião. De tal maneira respondia às razões e soltava os argumentos que o Bonzo lhe punha, que de nenhum modo o puderam convencer; e ainda nas dificuldades mui abstrusas do Bupo, que não sabe senão quem as aprende de
* Fl. 201 v. propósito, sabia escapulir e livrar-se delas de tal maneira, com di*zer que tudo quanto se ensinava no Bupo se encerrava em dizer e concluir que não havia salvação, e tudo se acabava em nada, sem haver nêle coisa de momento algum, e que assim lho ensinaram os nossos prègadores, e o tinha por tão certo, como se o palpara com as mãos: que os Bonzos se não sabiam dar a conselho, nem menos achar caminho para o poderem render.

Era um dos Bonzos, que particularmente tomou o assunto de perverter a João (que assim se chamava o moço), grande letrado, e superior de um mosteiro principal dos da seita dos Foquexus, mestre de todos os Bonzos da dita seita, tido e estimado de todos por um oráculo; e como era tal, sentido por não poder concluir um menino, não desistia da demanda, continuando com as disputas e porfias por alguns dias, para ver se alcançava o que desejava, buscando sempre novos argumentos e razões para o convencer: até que João, enfadado do importuno Bonzo, lhe disse que, se queria alguma coisa mais dêle, fôsse a nossa casa a disputar com um Irmão nosso, e que êle lhe afirmava que, se o vencesse, não sòmente êle retrocederia na Fé, mas ainda faria que todos os Padres se fizessem da sua seita, o que dizia êle, de confiado.

Aceitou o Bonzo o partido, dizendo que viria a nossa casa, e concluïria fàcilmente ao Irmão, que, como também era letrado, não poderia fugir da fôrça de seus argumentos, tão fundados nas autoridades de seus livros.

Isto procuraram os Padres por vezes impedir, dando diversas escusas, por não fazer estrondo no Meaco, de que se seguisse algum prejuízo para os cristãos,

e impedimento para a prègação do Evangelho, por razão da proïbição do Xogum. Porém, * como o Bonzo fizesse grande instância, não se pôde evitar a * Fl. 202.
disputa, sem mostrar nisso covardia, o que fôra notável descrédito da verdade de nossa santa lei. Determinado o dia para a disputa, faltou o Bonzo, dizendo que, por ser o tal dia ruím e aziago, não podia vir, mas que o faria no dia do fundador da sua seita, chamado Nicheren, por ser para êle bom dia e bem afortunado, em que esperava que o havia de ajudar para vencer na disputa, pois defendia e ensinava sua doutrina.

Chegado pois o tal dia em que o Bonzo havia de vir à igreja a disputar com o Irmão, não quis o pai de João que o filho se achasse presente à disputa, ocupando-o de propósito em alguns negócios. Mas, avisado João, por um seu criado cristão, que o dito Bonzo ia à igreja, soube-se negociar de tal maneira, que veio com êle por guia. Vinha o Bonzo acompanhado de um seu principal discípulo, mancebo mui esperto e vivo no falar, e juntamente de alguns seus frègueses, para serem testemunhas do que acontecesse na disputa, em que cuidava ficaria vencedor; e desta maneira acompanhado, entrou em nossa casa, fingindo que se queria fazer cristão com os mais que o acompanhavam; pelo que desejavam de ouvir prègação. Saíu-lhes o nosso Irmão, e, segundo o costume, começou primeiramente a referir as seitas de Japão e a substância em que cada uma delas se fundava, mostrando-lhes com muitas razões, tiradas dos livros das mesmas seitas, como tôdas concluíam que não havia nada depois desta vida, o que lhes provava com palavras mui elegantes e abstrusas, tiradas tôdas do mesmo Bupo, as quais os Bonzos estimavam em muito.

Acabado êste discurso e razões, preguntou o Irmão ao Bonzo principal se tinha alguma dúvida àcêrca daquilo. Começou o Bonzo sua disputa, pondo várias dúvidas, falando ora êle, ora * seu discípulo, pondo tôdas suas fôrças para * Fl. 202 v.
concluir [a]o Irmão nas coisas do Bupo; mas, como estivesse mais visto nelas que êles, não sòmente satisfêz a tudo o que propunham, mas ainda os chegou a tais têrmos, que, perdidas as côres, se vieram grandemente a perturbar, de maneira que, em poucas palavras, começaram a tresvariar e dizer disbarates, mostrando que nem os primeiros têrmos do Bupo sabiam, nem ainda entendiam bem as palavras comuns e usadas do dito Bupo. Bem procurava o discípulo de ajudar a seu mestre, e, como era falador, sustentou um pouco a disputa; mas, como, apertado, chegasse a dizer coisas diferentes do que tinha dito seu mestre, vendo o negócio mal parado, e que assim êle como o mestre, estavam em grande apêrto, sem saber já que responder, disse abertamente, diante de todos, que não era seu mestre, pois se metera em coisas em que se não houvera de meter; e agastado se saíu da disputa e recolheu, deixando só o mestre com os que levava para testemunhas da disputa.

Vendo-se o Bonzo só e sem o discípulo, e sobretudo envergonhado e com a honra perdida, determinou de ver se por alguma maneira a podia recuperar, sustentando só a disputa; porém, como já não sabia o que dizia, de perturbado, em vez de refazer de algum modo o perdido, foi pouco a pouco caindo em maiores barrancos, mostrando mais sua ignorância, a qual chegou a tanto, que até os primeiros princípios e autoridades dos seus livros negava, com as quais claramente o Irmão o convenceu, sem ter que dizer mais que negar tudo a pés juntos.

Vencido desta maneira o atrevido Bonzo, com grande confusão sua e de seus frègueses, não se atrevendo, de envergonhado, a se levantar do lugar da disputa, que já estava acabada, lhe disse João, grandemente alegre de o ver
*Fl. 203. vencido: «Olá, Bonzo, já que tão mal vos * sucedeu a disputa, será bom que vos torneis, e, estudando mais um pouco, tornai outro dia melhor apercebido». Com o que, muito mais envergonhado, o Bonzo se levantou e foi para o seu mosteiro, mui triste e com a honra perdida e de seus frègueses que o acompanharam, ficando os cristãos que se acharam presentes à disputa, mui alegres e contentes, e em particular o moço João, e muito mais confirmados na Fé.

Foi o bom sucesso desta disputa de grande ânimo e fôrças para todos os cristãos que dela souberam, ficando-as perdendo os gentios da seita dos Foquexus, pois viam vencido aquele que todos tinham por mestre, e como tal o estimavam e reverenciavam; e como foi diante de tantos, soube-se logo por todo Meaco e seus arrabaldes como o dito Bonzo ficara vencido na disputa, sentindo-o muito os gentios daquela seita; mas muito mais o sentiram os Bonzos dela, particularmente do mosteiro de que o Bonzo era superior, pesando-lhe grandemente de tão ruím sucesso; e feitos em um corpo repreenderam o Bonzo àsperamente, e o botaram logo fora do mosteiro, ameaçando-o ainda que lhe tirariam a dignidade que tinha, pois por sua imprudência deshonrara a todos êles e a seu mosteiro, pondo tão grande nódoa a tôda a seita dos Foquexus.

Desta maneira, ficou vencedor o bom moço João, não sòmente do pai e mãe e parentes, mas ainda dos Bonzos, triunfando de todos com tanto nome seu e honra nossa e muito mais de nossa santa lei, ficando grandemente acreditada em todo o Meaco, e a falsa e ímpia dos Foquexus com o crédito perdido: e os parentes que dantes repreendiam a João, por se ter feito cristão e ir á igreja, o deixam agora viver como tal; e por se não atreverem com êle, lhe deram licença
*Fl. 203 v. pa*ra à sua vontade ir à igreja, como os demais cristãos, e tratar das coisas de sua salvação; pelo qual, mais como homem de muitos anos de cristão, que como menino de catorze anos, e tão poucos meses depois do baptismo, padecera tantos contrastes, com tanta fortaleza e constância, vencendo a todos, com edificação dos cristãos e espanto dos gentios.

Indo um Padre por um caminho, se encontrou nêle com uma mulher pobre, que estava para morrer; chegando-se o Padre a ela, lhe preguntou se queria ouvir as coisas dos cristãos, e já que morria, morresse cristã e se salvasse; ao que respondeu que sim, e que algumas vezes tinha ouvido não sei quê das coisas dos cristãos, e desejava ouvir de propósito as prègações, mas que nunca pudera cumprir seu desejo. Logo a fêz levar o Padre a casa de um cristão, onde, praticando-lhe um nosso prègador as coisas mais essenciais de nossa santa lei, e feito entendimento delas, se baptizou, com grande alegria da alma; e com a mesma, ao dia seguinte, dando graças a Deus, por lhe ter feito tão alto benefício, morreu com claros sinais de sua salvação. Da mesma maneira morreram alguns outros pobres e desamparados, depois de receberem o sagrado baptismo, cheios de esperanças do Céu e de irem gozar para sempre de seu Criador. Desta diligência, usada dos Nossos para com os pobres e miseráveis, se edificam muito os cristãos e gentios, louvando muito a caridade cristã, que a todos igualmente se estende, sem excluir nenhuma sorte de gente do caminho da salvação.

Viu-se também a misericórdia de Deus Nosso Senhor e sua divina providência para com um homem honrado, criado imediato do Xogum e seu * caça- *Fl. 204.
dor; o qual, pôsto que tinha por vezes ouvido prègação, e desejava de se fazer cristão, nunca todavia acabava de se resolver, por respeito da mulher que o desviava disso. Deu-lhe Nosso Senhor uma doença, para por esta via o salvar, e ordenou que, estando já na derradeira, o fôsse ver um médico cristão; o qual, vendo o perigo em que estava, e sabendo de seus desejos, lhe disse que procurasse o remédio da alma, que o do corpo nenhum tinha, e com outros cristãos amigos do doente e vizinhos, lhe persuadiu ouvisse mais de propósito as prègações, e assegurasse sua salvação, fazendo-se cristão.

Vendo-se pois o doente apertado da doença, e, sem esperanças da saúde corporal, se resolveu a buscar a espiritual, como o médico e mais cristãos lhe aconselhavam. Manda chamar um prègador, consentindo já a mulher que dantes o estorvava, antes aconselhando-o que assim o fizesse; ouviu as prègações, e percebendo bem os mistérios de nossa santa Fé, que por vezes a tinha ouvido, e fazendo de tudo bom entendimento, se baptizou; e depois de baptizado, agradecendo a Nosso Senhor a mercê que lhe fizera, mui conforme com sua divina vontade, dentro de uma hora se foi para o Céu, como piamente se pode crer. Sabida a tal morte dos cristãos, louvaram muito a divina providência e misericórdia, que tanto resplandecera, e muito mais pelo que dela se seguiu, que foi a conversão da mulher e filhos e criados, que, tocados de Deus, receberam logo o santo baptismo.

Aconteceu no reino de Mino a uma devota cristã morrer-lhe seu marido, como então cuidava, sem se poder confessar; e por estar longe donde residem os Padres, se foi por tôda a terra, preguntando * se havia ali algum cristão, *Fl 204 v.
para lhe fazer o enterramento segundo o costume dos cristãos; e ouvindo dizer que dali a três léguas havia um lugar, aonde moravam alguns cristãos, foi lá chamá-los, os quais foram logo todos de boa vontade; e chegando a casa do defunto, acharam que não era ainda morto, e que fôra aquilo um acidente que o chegara a tal estado; e pôsto que a mulher os queria despedir, entendendo êles que todavia morreria o doente, se deixaram ficar, para ajudar ao enfêrmo a bem morrer, como fizeram, maiormente a ter contrição de seus pecados, praticando-lhe diversas coisas convenientes para aquele tempo, com as quais consolado e animado o enfêrmo, daí a pouco morreu, na realidade em presença de todos, com sinais de sua salvação, louvando e engrandecendo muito a providência e infinita misericórdia de Deus, que prolongara a vida àquele enfêrmo, para morrer com melhor aparelho.

Fizeram-lhe aqueles cristãos o enterramento o melhor que souberam e puderam, à vista de todos os gentios, que ficaram pasmados de verem os cristãos estarem entre si tão unidos, e ajudarem-se uns aos outros com tanta caridade e amor em tal passo, ainda àqueles com quem não teem mais outra l[i]ança que da mesma lei que professam.

Mas, se isto fêz pasmar aos gentios, não o fêz menos a fortaleza e constância da viúva; porque, tratando os parentes de torná-la a casar honradamente, prometendo-lhe ainda a renda e ofício do marido defunto, parecendo à boa mulher, por não ter ainda tanta notícia de nossa santa lei, que os cristãos não se

*Fl. 205. podiam tornar a casar segunda vez, respondeu, mui determinadamen*te, que não havia de fazer tal coisa, porque era cristã. Insistiram êles muito; mas, vendo que nem com razões, nem com rogos puderam acabar com ela, vieram às ameaças, persuadindo-lhe fortemente que deixasse de ser cristã, pois o sê-lo (como êles cuidavam, segundo ela dizia) lhe era impedimento para poder casar outra vez. Mas nem com isto se dobrou a boa mulher, e muito menos fêz caso das más persuasões daqueles gentios; porém, como a apertavam muito, saíu-se de sua terra, e foi-se para o lugar onde moravam os cristãos que lhe enterraram o marido; e, achando que se faziam prestes para virem ao Meaco à festa do Natal e dedicação da nova igreja, se veio com êles, dois dias de caminho, trazendo consigo os filhinhos, sem querer mais tornar para a sua terra e parentes, que tinha por inimigos da alma, escolhendo antes viver pobre em terra alheia, aonde tivesse comodidade de vir à igreja e tratar das coisas de sua salvação, que na sua própria, aonde a pusesse a perigo.

Baptizou-se também uma senhora muito nobre, irmã de Cano Fidandono, cristão já defunto, que foi pessoa muito principal em Japão, no tempo de Taico, a qual, vindo ao Meaco do reino de Voxu, onde morava, mais de vinte dias de caminho, a se curar de uma doença: por persuasão do marido cristão, e pelo bom entendimento que fêz da verdade de nossa santa lei, se baptizou com grande consolação sua e do marido, o qual, com viver muitos anos naquele reino, sem prègações nem outras ajudas espirituais, se conservou sempre inteiro na Fé, entre tantos gentios e estorvos que lhe faziam, para tornar atrás, sem nunca o poderem acabar com êle. Vindo pois aqui com sua mulher, se confessou, e ouviu muito devagar as coisas de Deus, e se arreigou muito mais nelas, e também nas razões
*Fl. 205 v. para poder confutar as fal*sas que os gentios lhe traziam, para o fazer retroceder.

Na segunda casa que a Companhia tem na cidade de Meaco, e na parte superior dela, reside um Padre e um Irmão, com os mais ministros necessários para a igreja e para cultivação dos cristãos que naquela parte moram. Baptizaram-se nela duzentos e cincoenta adultos. Entre estes foi uma velha de setenta anos, que era de uma seita nova, que não adora Camis nem Fotoques e ensina novos disbarates, a qual morava perto da porta dos Bonzos principais desta seita; servia-lhes de prègadora, e tinha persuadido a muitos que se fizessem da dita seita, por ser, ainda que velha, mulher de bom entendimento, e sobretudo bem falada e eloqüente. Esta, sendo persuadida de um homem que fôra da mesma seita, nela também obstinadíssimo e mui pertinaz, e que havia poucos meses que, convencido finalmente da verdade de nossa santa lei, se fizera cristão, veio ouvir prègação, trazendo consigo um filho seu, já homem, de sua casa.

Começou, pois, [a] ouvir a velha prègadora, e logo da primeira prègação lhe abriu Deus Nosso Senhor os olhos do entendimento de tal maneira, que pasmavam assim o nosso prègador como os mais que de fora estavam, ouvindo as dúvidas e preguntas tão a propósito que fazia, e de como de uma resposta que o prègador lhe dava engenhosamente ia inferindo outras coisas que o prègador não tinha ainda dito; e o que mais era para ver, como a boa velha pelejava com o filho e o repreendia, porque fazia preguntas fora de propósito, impedindo com elas o curso das prègações, dizendo-lhe que, se lhe ocorriam algumas dúvidas, as guardasse para casa, que ela depois lhas resolveria tôdas.

Emfim, fêz a ditosa velha tão bom entendimento, que se baptizou com o filho, e tão boa manha se deu, como quem sabia bem os modos de persuadir, que em * *Fl. 206. breve fêz baptizar outro filho com sua nora, e anda após os mais que lhe ficam de sua família. E não contente com os seus, persuade a outros muitos que se façam cristãos; e os já feitos traz muitas vezes à igreja, vindo ela também quási todos os dias à missa. Nem se farta de dar graças a Nosso Senhor por lhe ter aberto os olhos da alma, pasmando grandemente de si, por ter dado crédito tantos anos às parvoíces e claros enganos das seitas dos gentios. E, com ser tão velha, aprendeu em muito breve tempo as orações em latim, continuando atègora com fervor e devoção, sendo exemplo aos cristãos, e espanto aos gentios, que dantes a conheceram.

No reino de Farima, em uma povoação dos gentios, pegada com a fortaleza e Paço onde mora o Tono da terra, aconteceu entrar o demónio em uma mulher gentia, e de tal maneira a vexou, que, saindo de casa como uma fera leoa, se foi pelas ruas da povoação fazendo mil bravuras, sem ninguém lhe parar diante; e com êste ímpeto e fúria entrou pela fortaleza; e por não achar quem lho impedisse, chegou até onde estavam as mulheres, pegou de umas e de outras, rasgando-lhes os vestidos e descabelando-as, não perdoando ainda à mesma senhora da fortaleza; e finalmente fêz outras mil diabruras. Encontrando-se, porém, com uma cristã que servia aquela senhora, em a vendo, lançou a fugir a endemoninhada, com que, cobrando ânimo a cristã, foi após ela, a qual tanto mais fugia, até que alguns homens, pondo-se diante, ferraram dela e a amarraram.

Nisto se chegou a cristã a ela, para lhe falar; mas a endemoninhada, sem se atrever a olhar para ela, cobria o rosto quanto podia, dizendo que a cristã era coisa medonha. Preguntou então a senhora à criada cristã porque a endemoninhada fugia dela e a temia tanto. Ao que ela respondeu que o * não sabia, *Fl. 206 v. mas que porventura o diabo fugiria da nómina dos cristãos, do *Agnus-Dei*, a qual ela trazia ao pescoço. Puseram logo a dita nómina sôbre a endemoninhada; e em lha pondo, ficou mui quieta; de modo que, depois de desamarrada, não fazia mal a ninguém; e, continuando com ela por mais vezes, ficou livre de todo.

Pasmaram todos aqueles gentios da virtude do *Agnus-Dei*, e pediram-no à cristã, de tantas partes, para o venerarem, que mandou ela pedir ao Padre uma nómina limpa e rica, para a mostrar aos gentios, entre os quais dizem que faz semelhantes efeitos, e que muitos, movidos com êste milagre, desejam de ouvir as coisas dos cristãos.

CAPÍTULO XXII

Do que se fêz na cidade de Fuximi

ESTIVERAM, êste ano, na residência de Fuximi, côrte de Japão, um Padre e três Irmãos, e alguns dójicos (1) prègadores, bem ocupados, assim na cultivação dos cristãos já feitos, como nos que de novo se vão fazendo, não sòmente moradores da terra, mas de diversas partes de Japão, que ali acodem, maiormente em tempo que nela está o Xogum com sua côrte, oferecendo-se sempre boa ocasião de dar a conhecer a muitos nossa santa lei, que ainda não tinham

(1) *Nt.*: e algũs do Iucus.

conhecido: o que sempre se faz com fruto, trazendo Nosso Senhor alguns a seu divino conhecimento. E quando lhes não é chegada a hora, não deixam de ficar com bom conceito da pureza e verdade de nossa santa lei, dizendo bem dela, e publicando sua bondade aos outros, com que tratam: o que não é pequeno
* Fl. 207. fruto, antes grande meio para muitos a de*sejarem ouvir e também seguir, como estes dois anos fizeram quinhentos e quinze adultos que Nosso Senhor escolheu entre tanta multidão de gentios, e tão vária como naquela côrte se ajunta.

Para conversão dêstes ajudou muito o fervor, zêlo e devoção daqueles cristãos que, feito[s] em um, procuram sempre de persuadir aos gentios que venham a nossa casa a ouvir as prègações do catecismo, excitando-os também a isto com o exemplo de vida, meio eficacíssimo para mais os mover. São mui freqüentes no acudir à igreja, à missa e prègação, e também no uso dos sacramentos, aproveitando-se dêstes divinos meios para irem adiante na virtude e guarda dos mandamentos.

Entre os que se baptizaram, o fêz um pagem de um Tono gentio, o qual, sabendo como o criado se fizera cristão, começou a intender com êle, apertando-o fortemente que retrocedesse. O mesmo fazia o pai do moço, pedindo-lhe instantemente que obedecesse ao Tono, porque de outra maneira perderia a fazenda que tinha; mas, como o mancebo estava forte na Fé, não tendo dever nem com o pai nem com o senhor, continuava como dantes em vir à igreja e cumprir com outras obrigações de cristão; do que agastado mais o Tono, não sòmente lhe tirou a renda que lhe tinha dado, mas ainda o comer, vestidos e moços de serviços, deixando-o sem nada.

Não se turbou com isto o mancebo, antes, com grande paciência, servia de graça ao senhor, melhor ainda do que [o] fazia primeiro, sem se sair nunca de sua casa, dizendo aos demais pagens que agora serviria êle com mais amor ao senhor, pois o fazia sem interêsse: o que, referindo os companheiros ao Tono, em vez de se abrandar e dissimular com tão fiel pagem, e que tanto amor lhe mostrava, se agastou mais contra êle, chamando-o de doido e sem siso, man-
* Fl. 207 v. dando-lhe * dizer que o havia de mandar matar, se não deixasse de ser cristão.

A êste recado respondeu o cristão que isso era o que êle buscava, e que lhe não podia fazer maior mercê que mandá-lo matar por ser cristão, porque dessa maneira seria mártir, que é [a] coisa mais honrosa e mais estimada que há entre os cristãos. Com tão resoluta resposta ficou o Tono gentio atónito e espantado, vendo tanta constância em um mancebo de pouca idade: pelo que, abrandando, lhe tornou a restituir parte da fazenda que tinha primeiro, e o bom e constante cristão, ficando com vitória, continua como dantes, em vir à igreja e outros exercícios de cristão, com devoção e exemplo dos mais.

De maior espanto foi a constância de uma menina de seis anos, filha de um homem nobre e rico, cuja mãe é muito boa cristã. A esta menina chamou seu pai um dia, e lhe mostrou muitas coisas ricas, dizendo que lhe daria delas as que desejasse, se deixasse de ser cristã: ao que respondeu a menina que nada daquilo queria a trôco de deixar de ser cristã, como sua mãe era. Ameaçou-a o pai que a não havia de deixar sair a folgar com as outras meninas: do que ela, rindo-se, disse ao pai que não se lhe dava nada de não brincar, e, em sinal de seu determinado ânimo, esteve três dias sem sair de uma casa, até que o pai,

vencido de tanta fortaleza em tão tenra idade, a mandou chamar, e tratou como de primeiro costumava.

Esta mesma menina tinha uma ama gentia, a qual, como invocasse muitas vezes no dia o nome de Amida, lhe pediu a menina que não nomeasse tantas vezes aquele Fotoque, mas que, em seu lugar, dissesse Jesus, Maria, como dizem os cristãos: o que dizendo, punha juntamente o *Agnus-Dei*, que sempre trazia ao pescoço, em cima * da cabeça da ama. Fêz isto tantas vezes, que a ama e uma * Fl. 208. filha sua se resolveram a ouvir as coisas dos cristãos, e se baptizaram, com grande consolação sua e alegria da boa menina.

Entre os que se baptizaram, o fêz um moço de idade de quinze anos, cujo pai era gentio; mas antes de receber o santo baptismo, lhe mandou dizer o Padre que o não havia de baptizar, por ser menino e ter o pai gentio, e que logo havia de tornar atrás, se o pai o persuadisse. Respondeu o moço que descansasse o Padre, que êle por nenhuma via havia de fazer tal baixeza; pelo que lhe pedia que em todo o caso o baptizasse. Baptizou-o finalmente o Padre. Baptizado, ficou tão forte na Fé por meio do santo baptismo, que, por mais ameaças que o pai gentio lhe fêz, se não tornava atrás, nunca o pôde acabar com êle. Vendo, pois, o pai quão pouco podia com palavras, veio às obras; açoita por isso o menino, não uma, mas muitas vezes, parecendo-lhe que com isto o renderia. Mas, não bastando nem ainda açoites para se dobrar, disse com muito ânimo ao pai que não se cansasse em lhe persuadir que deixasse de ser cristão, nem menos cuidasse que a isso o havia de mover, a poder de açoites ou outro qualquer género de castigo, pois estava prestes para perder antes a vida que a Fé que tinha recebido, na qual consistia tôda sua salvação, e de que fizera muito bom entendimento; e como também não sabia quando havia de morrer, que já de agora se aparelhava para alcançar a salvação. Enfadado o pai com tão eficazes razões e palavras que o Espírito Santo ensinava ao bom moço, desconfiado já de o poder render, açoitando-o muito bem primeiro, o lançou fora de casa.

Desta maneira tratado o menino do cruel pai, se veiò a nossa casa muito consolado e alegre, por ter padecido por amor de Deus; e disse aos de casa que dis*sessem ao Padre que não receasse nada de sua Fé e constância, nem * Fl. 208 v. tomasse pena alguma sôbre seu negócio, que, assim como prometera a Deus e a Sua Reverência, esperava na divina graça de perseverar na confissão da Fé, que de nenhuma maneira a havia de deixar, ainda que lhe custasse a vida: do que alegre o Padre deu graças a Nosso Senhor, que tal ânimo e constância comunicava ainda a meninos de tão pouca idade.

Um cristão antigo, tendo amizade com um Bonzo gentio, costumava muitas vezes a o visitar; e sempre que o visitava, lhe dizia o Bonzo que em todo o caso havia de disputar com êle sôbre as coisas de nossa santa lei e do seu Bupo, que é o livro dos Fotoques. Escusou-se muitas vezes o cristão de tal disputa; mas, como o Bonzo apertava com êle e o importunava tanto que disputasse, disse o cristão que era contente, mas que não havia de ser a disputa em sua casa, senão em outro lugar e diante de testemunhas, e cada um havia de pôr em escrito o que dizia. Aceitou o Bonzo o partido, e chegando-se o dia determinado, foi o Bonzo em busca do cristão, e levando-o ao lugar deputado, diante de muitos cristãos e gentios, se começou a disputa sôbre o Bupo. E como o cristão era

de vivo engenho, e professava também saber o Bupo, depois de falar o Bonzo larga e prolixamente de suas seitas, começou o Cristão a propor ao Bonzo seus argumentos e dúvidas àcêrca do que o Bonzo dizia e o Bupo que professava; as quais, como eram tão fortes e tão novas para o pobre do Bonzo, não sabendo que lhe responder a elas, de apertado, uma côr se lhe ia, outra se lhe vinha, até que, dando-se por vencido e convencido da eficácia dos argumentos, pediu, com bem deshonra sua, aos que estavam presentes, que não falassem por fora
* Fl. 209. da tal disputa; e assim se acolheu bem triste e envergonha*do, sem daí por diante se atrever a falar mais palavra, nem ainda a aparecer diante de gente, ficando os gentios perdendo muito do conceito que tinham do seu Bupo, e os cristãos mais confirmados na verdade de nossa santa Fé, que tão fàcilmente descobria a falsidade e enganos das seitas de Japão.

Vivia em Fuximi um gentio honrado, grande perseguidor e inimigo de nossa santa lei, casado com uma mulher baptizada, mas havia muitos anos que, tornando atrás, vivia como gentia, sem ter nada de cristã. Veio esta mulher a adoecer gravemente, e pouco a pouco se foi chegando para a morte. Estando já desconfiada dos médicos, a foi visitar uma sua irmã cristã e que corria como tal, e, achando-a em tal estado de perder a alma e o corpo e se ir aos infernos, lhe pediu muito que se lembrasse que fôra cristã, e que ainda que havia muitos anos que vivia como gentia, que Nosso Senhor lhe perdoaria seus pecados, se se confessasse e arrependesse dêles: pelo que, não quisesse perder o corpo e a alma. E, como estava presente o marido da doente, lhe rogou também que desse licença à mulher para que, deixando os Camis e Fotoques, se confessasse e morresse como cristã, dando-lhe para isso muitas razões. Foram eficazes as razões da boa irmã, e tanto puderam seus rogos para com o cunhado gentio e tão averso à nossa santa lei, que, rendido já e mudado em outro, deu licença à mulher para se confessar e reconciliar com Deus, a qual não desejava outra coisa, movida dos conselhos da boa irmã. Chamaram logo ao Padre com muita pressa, e instruindo-a, segundo a brevidade do tempo, a confessou; e acabando de lhe dar a absolvição e de fazer alguns actos de contrição, deu fim à presente vida, com esperanças da eterna, louvando muito os cristãos a divina misericórdia, por tal conversão e morte, e também o zêlo da boa irmã, que não se fartava de dar graças a Deus pela mercê que fizera por seu meio a sua irmã.

* Fl. 209 v. * Uma mulher nobre, gentia, chamada de seu filho que era cristão, foi a sua casa; estando lá alguns dias, começou o filho com brandura a persuadir-lhe que se fizesse cristã, dando-lhe para isso várias razões, para mais a mover. Mostrou ela a isto grande repugnância, por ser fina gentia e da seita dos Foquexus, grandes inimigos de nossa santa lei; contudo, por contentar ao filho que tão instantemente lho pedia, veio a nossa casa a ouvir as prègações. Ouvindo a primeira vez, se tornou para a casa mal disposta; e como gentia que era, persuadindo-se que sua doença fôra castigo dos Camis e Fotoques, por causa de ter vindo a nossa casa a ouvir as prègações, não houve remédio para tornar outra vez a ouvir as prègações, por mais que o filho lho rogasse: do que, agastado contra a mãe, quebrou com ela por algum tempo. Vendo isto a mãe, tornou-se para sua casa, confirmada ainda mais no seu êrro e cegueira, persuadindo-se muito mais que o verdadeiro caminho da salvação era o dos Camis e

Fotoques, que acudindo por sua honra a castigaram tão manifestamente. Todavia não se aquietou o filho, que desejava tanto de ver a mãe cristã. Foi, por vezes, a sua casa, a rogar-lhe quisesse ouvir de novo nossas coisas; mas, como a mãe estava tão dura e medrosa pelo que lhe acontecera, nunca pôde acabar com ela que o quisesse fazer.

Neste comenos aconteceu que torna [a] adoecer, depois de sarar da primeira doença, e foram tantas as deprecações e cerimónias gentílicas que fêz por sua saúde, sem nenhum proveito, que, enfadada delas, chamou por derradeiro uma feiticeira, para lhe preguntar que faria para sarar daquela doença e também para bem de sua salvação. Fêz a feiticeira muitas feitiçarias, e lançou muitas sortes, para lhe responder; e sem saber de que seita era o filho, lhe respondeu que se fizesse da seita de seu filho; * pois aquela era a verdadeira seita em que * Fl. 210.
havia salvação. Ficou a doente atónita e pasmada do que disse a feiticeira, e juntamente movida para assim o cumprir; pelo que, logo, assim doente como estava, veio a Fuximi a buscar o filho, e, contando-lhe o que lhe acontecera, ouviu as prègações do catecismo, baptizou-se e sarou logo da doença, com grande alegria do filho e fazimento de graças à Divina Providência, que por tais meios trouxera sua mãe a seu divino conhecimento.

CAPÍTULO XXIII

Do que se fêz na cidade de Vozaca, Sacai e reinos de Fococu

RESIDEM, de ordinário, na cidade de Vozaca, um Padre e um Irmão, com um dójico (1) prègador e outros ministros, necessários para a cultivação e aumento daquela cristandade, que, assim como vai crescendo mais na devoção e conhecimento de Deus Nosso Senhor, assim também cresce em número com os que cada ano recebem o santo baptismo, que, estes dois, passaram de duzentos adultos. O fervor e devoção dos cristãos e concurso à igreja, aos domingos e festas, é o mesmo que o das outras residências daquelas partes, e da mesma maneira a freqüência das confissões, pôsto que se pode dizer serem ali muito mais, pelos que ali concorrem de vários reinos, por ser a cidade de Vozaca pôrto de mar, aonde veem desembarcar todos os que vão à côrte de Fuximi, Meaco, e agora às cidades de Surunga e Iendo, aonde reside o Cubo e seu filho Xogum. Continuam os cristãos com o bom costume de se confessarem certos dias do mês, e com a disciplina que todos juntos tomam na nossa igreja, e também com lição de livros espirituais, e conferências que teem, para mais se ajudarem e crescerem * na devoção e guarda de nossa santa lei, tirando, depois disto, * Fl. 210 v.
entre si alguma esmola para as necessidades dos pobres. Na quaresma fizeram também o mesmo, para dar de comer aos lázaros de quatro hospitais dêles, que há nesta cidade, de que os Nossos teem cuidado, socorrendo-lhes com o que podem, assim no espiritual como no temporal, chamando para isso os de uma casa e outra a certo lugar, onde está uma ermida e cemitério dos defuntos, na qual

(1) *Nt.*: có hũ Doiucu.

juntos, e refeitos primeiro com a refeição da alma, por via da confissão, recebem a do corpo, que os cristãos lhes dão, servindo êles mesmos à mesa; e passam (1) estes lázaros de duzentos. Vai, pela bondade de Deus, crescendo cada vez mais entre os gentios daquela cidade o crédito de nossa santa lei.

Um fidalgo gentio dos principais, criado de Findejori, filho do Taico, veio um dia a nossa casa visitar ao Padre; e chamando os criados diante de si, lhes disse que folgaria muito que todos se fizessem cristãos; e que, se assim o fizessem, não sòmente folgaria com isso, mas também ficaria com maior confiança nêles; que êle desejava também de se fazer cristão, mas, por certos impedimentos, não podia por agora cumprir seus desejos, do que lhe muito pesava; e que a causa por que lhes persuadia que se fizessem cristãos, era porque não havia lei em que os senhores pudessem ter tanta confiança nos seus, como a dos cristãos. E assim em efeito se baptizaram doze ou treze criados seus principais, depois de ouvirem as prègações do catecismo e fazerem bom entendimento delas.

O mesmo aconteceu também a outro fidalgo, vindo visitar ao Padre, de cuja casa, por persuasão do senhor gentio, se fizeram quinze ou dezasseis pagens cristãos, os quais todos procedem com edificação e espanto do senhor, maiormente dois dêles, que, sendo mui travessos e de vida estragada, e por tais
*Fl. 211. tidos do senhor e mais companheiros, depois de feitos cristãos, se * mudaram tanto na vida e costumes, que ficaram sendo um espelho a todos os companheiros, e ao senhor um contínuo espanto, sem acabar de pasmar e se admirar da grande mudança dos ditos pagens, e muito mais de nossa santa lei, que tais maravilhas fazia.

Melhor se aproveitou um senhor nobre e rico da visita e comunicação com o Padre, que os acima ditos. Era êste filho morgado de Jugazudono, senhor de muitas terras do reino de Voxá, as mais orientais de todo Japão, e que está no fim dêle; o qual, tomando amizade com o Padre, lhe veio dizer que queria ouvir as coisas dos cristãos. O Padre, que não desejava outra coisa, lhe fêz logo prègar; e ouvindo as prègações muito de-vagar, se resolveu em se fazer cristão, porque, dizia êle, entendo que hei de morrer muito cedo. Feito cristão, quis logo que todos os seus o fôssem também, dizendo-lhes que, se se não faziam cristãos, que nenhuma confiança teria nêles. Não cabia em si de alegria o novo cristão, pela mercê que Nosso Senhor lhe fizera, da qual, desejando não sòmente que participassem os que actualmente estavam com êle, mas também todos os mais de suas terras, disse ao Padre que em todo o caso havia de levar consigo um Padre para as fazer tôdas cristãs, e que nelas lhe havia de fazer uma boa igreja. E assim, indo logo a Meaco e vendo a nova igreja que ali se tinha feito, contentando-lhe a traça, [a] mandou debuxar, para fazer outra por ela em suas terras; porém em breves dias se desfizeram estas esperanças, morrendo êste senhor de-repente, ficando sua comopr ofecia verdadeira, e seus e nossos desejos de todo baldados, pôsto que o não ficaram os seus principais, da salvação a que Nosso Senhor por sua misericórdia o chamaria, como nêle esperamos.

Entre os que se fizeram cristãos, se baptizaram um médico e um Bonzo, ambos letrados em suas seitas, tanto, que arreceavam os cristãos o como sucederia a disputa com * o nosso prègador; mas, como a verdade é tão poderosa *Fl. 211 v.
e a falsidade tão fraca e sem fôrças, ficaram tão convencidos nas sólidas e verdadeiras razões em que a nossa se fundava, que, não aproveitando nada as suas falsas e aparentes, se renderam logo e sujeitaram ao suave jugo de nossa santa lei. O Bonzo, como era mais eloqüente, e conhecido por tal, e também de esperto e vivo engenho, e sobretudo mui visto na sua seita, começou logo, com todo o ornato de palavras que sua eloqüência lhe ensinara, a dizer quanto sabia de sua seita, e as razões em que se fundava tudo, com tanta agudeza e artifício, que assim os de casa, como os fora, que o ouviam, estavam como pasmados. Acabando êle de dizer o que sentia de sua seita, lhe prègou o nosso prègador, não menos engenhosa que artificiosamente, não sòmente desfazendo tudo o que tinha dito, mas ainda acrescentando muitas outras coisas novas para êle; do que ficou tão satisfeito, que disse que já não tinha dúvida de as seitas de Japão serem falsas e de nenhum momento para a salvação que nelas não havia; pelo que, lhe prègasse das coisas de nossa santa lei, que essas queria ouvir. Assim o fêz o prègador, com grande satisfação do Bonzo, que, caindo logo na verdade de nossas coisas, e na falsidade das que até então crera, disse que agora estava seu coração quieto, pois achara o verdadeiro caminho da salvação, para a qual, se fôsse necessário deixar sua mulher e quanto tinha, e fazer-se religioso, que logo o faria.

Tinha êste Bonzo um impedimento para se baptizar, e era que ganhava sua vida em pintar imagens de Amida. Avisado pois do Padre que, se desejava de se fazer cristão, que deixasse o ofício que tinha, respondeu que, ainda que não tinha outro modo de vida senão aquele, de muito boa vontade o deixaria, e ainda muito mais pela salvação; e assim, deixando o dito ofício, de que se sustentava, se fêz cristão, como também se fêz o médico, com grande alegria dos cristãos, tomando todos com tais conversões maior âni*mo e fôrças contra os gentios, *Fl. 212.
vendo seus letrados e de tanto nome tão fàcilmente rendidos e prostrados da verdade de nossa santa Fé, que dantes tanto impugnavam.

A Fé e devoção de um cristão para com o *Agnus-Dei* se viu em um caso que sucedeu. Havendo na cidade de Vozaca um grande incêndio, junto de suas casas, veio-lhe um seu criado dizer que já o fogo pegara em uma certa casa sua das que costumam fazer contra o fogo, e caíra. Respondeu-lhe o senhor: «Isso é mentira, nem pode tal ser, porque dentro de casa me ficou o meu *Agnus-Dei*, e assim não se há de queimar». Assim como o devoto cristão o disse, assim foi; porque, no tempo em que se pegou o fogo na vizinhança, pela pressa que teve êste cristão, de fugir com sua família ao fogo, não fechou a porta da dita casa, e com a deixar assim aberta, queimando-se tôdas as demais que estavam ali pegadas, só ela ficou intacta e livre do fogo com tudo quanto tinha dentro, por virtude, como se pode crer, da relíquia do *Agnus-Dei* que nela estava, e da Fé e cristandade de seu dono para com a santa relíquia.

Indo o Padre a visitar os cristãos do reino de Farima, como acima temos dito, estando já para se partir da principal cidade daquele reino, chamada Fimengi, para o pôrto de Muro, a visitar também os cristãos que ali há, chegou com muita pressa de uma aldeia, quatro léguas pelo sertão a dentro, um velho cristão que antigamente tinha recebido o baptismo em Anzuquiama, quando

(1) *Nt.*: mesa, lhe passam.

naquela fortaleza residia Nobunaga, o qual tégora se tinha conservado na Fé com muita inteireza, sem nunca nela faltar. Êste, sabendo da vinda do Padre a Fimengi, lhe veio pedir que em todo o caso fôsse confessar sua mulher, que era já muito velha, e estava doente para morrer. Foi lá o Padre, e não pouco se consolou de ver no meio daquela gentilidade uma só casinha, onde o verdadeiro Deus era conhecido e adorado. Tinha o bom velho
*Fl. 212 v. con*certado um oratório muito limpo no melhor de suas casas, e nêle algumas imagens, diante das quais se encomendava êle e os seus a Nosso Senhor, e ali agasalhou o Padre, e se confessou, e o mesmo fêz sua mulher com alguns outros cristãos de sua casa, com particular devoção de todos e não menos do Padre.

Não foi menor a consolação que o Padre recebeu naquele caminho com outro semelhante encontro, ou, para melhor dizer, avantajado, por ser de passagem e bem fora de poder acontecer. Ia o Padre caminhando para um lugar, aonde era chamado, senão quando lhe sai de um bosque um homem com as contas ao pescoço, dizendo que era cristão, e que, sabendo que passava por ali o Padre, o viera esperar de uma aldeia daquele contôrno em que vivia. Consolou-se o Padre grandemente de achar ali aquele bom homem, o qual lhe disse que havia pouco que no reino de Chicugém se fizera cristão, e que se queria confessar a primeira vez; trazia também consigo sua mulher e algumas criadas, e uma criança, seu filho, para se baptizar. Confessou-os o Padre naquele deserto, e baptizou o menino, com alegria de todos, e o bom cristão recreou ao Padre, com os que o acompanhavam, com uma merenda que trazia para isso aparelhada, não cabendo em si de prazer, por Deus lhe deparar ali tão boa e inesperada ocasião para alcançar o que desejava; e todos se tornaram muito contentes e animados com as ajudas espirituais que receberam do Padre.

Entre os que naquele reino se baptizaram, o fizeram duas moças nobres, que servem a mulher do senhor daquele reino, que é a filha do Cubo, e baptizaram-se com bom entendimento da verdade de nossa santa Fé, como já dantes o tinham também feito outras do mesmo Paço, as quais tôdas procedem muito bem, e com grande resguardo de suas almas. Baptizou-se também outra mulher honrada, que desde menina de muito pouca idade desejou de se fazer freira das
*Fl. 213. que há em Japão, no qual desejo perseverou até à idade de trinta * anos, conservando-se sempre na pureza e limpeza do corpo, como se fôra cristã e religiosa dedicada por voto a Deus, o que em Japão, e muito mais nos gentios, é coisa rara. Esta, como se conservava desta maneira no bom desejo, sem até então o efeituar, por persuasão de uma devota cristã, quis ouvir as prègações do catecismo. Ouviu-as, e ficou tão satisfeita, que logo se resolveu em se baptizar; e, baptizada, crescendo-lhe muito mais o desejo de servir a Deus e deixar o mundo, como muito desejava deixar, logo Nosso Senhor, que parece aguardava para quando lhe fôsse aceito seu cumprimento, lho quis cumprir, ordenando as coisas de maneira que, sem embaraço nenhum, se pudesse sair de donde estava, e ir-se para Vozaca, a viver com algumas mulheres recolhidas e devotas que ali há; aonde chegando, cortou logo os cabelos, e deu tudo quanto tinha, parte em esmolas, parte para sustentação sua e das companheiras, que delas vivem, entregando tudo o mais à mais antiga entre elas; e deixando os vestidos de

sêda, com que sempre se criara, se vestiu de ordinário e comum(1), e procede com exemplo e edificação de todos, consolada grandemente com tão boa sorte.

Em uma povoação, no reino de Januqui, mora só um cristão, sem haver ali outros, mais que os de sua família. Êste, para melhor se conservar na devoção e também aos de sua casa, concertou um lugar muito limpo aonde arvorou uma cruz, para êle e os seus irem ali em romaria, e também enterrar alguns cristãos, quando morressem; e assim o fazia, e o faziam também outros cristãos que por ali passavam por mar; os quais, desembarcados em terra, iam visitar a cruz, que estava em um montezinho, junto da praia, de modo que se via dos que por ali passavam. Contentando pois êste lugar aos Bonzos, para seus * enterramentos, *Fl. 213 v.
queimaram junto da cruz (como êles costumam fazer a seus frègueses) um corpo de um gentio, sem o cristão por então o saber. Mas, vindo-lhe logo às orelhas, avisou aos Bonzos e a outros de seu bando, que eram trinta e seis homens, que logo sem detença fôssem tirar as cinzas do adro dos cristãos, e varressem e limpassem o adro muito bem. Os Bonzos com os seus tomaram isto em caso de honra, dizendo que tal não haviam de fazer. Porém o zeloso cristão, parecendo-lhe que se fizera aquilo em desprêzo da cruz e honra de Deus, respondeu aos Bonzos que se resolvessem em as tirar logo, senão que êle havia ali de morrer e os Bonzos também, com todos os da sua quadrilha; o que, se assim fôsse, seria para êle grande gôsto e contentamento; porque, morrendo como cristão por tal causa, iria à glória; pelo que se determinassem com os mais, ou em morrerem todos, ou em tirar as cinzas e alimpar o lugar da cruz, como lhes dizia. Feitas estas consultas, acharam os Bonzos, com seus companheiros, que lhes vinha melhor condescender com o resoluto cristão, que morrerem todos naquela demanda; e assim, a seu pesar, tiraram as cinzas e alimparam muito bem o lugar da cruz, ficando o forte e zeloso cristão vencedor, e nossa santa lei com grande crédito, por ser tal, que folgavam os homens que a professavam, de morrer por amor dela.

Reside na cidade de Sacai um Padre e um Irmão, ajudando os cristãos que ali há, os quais, ainda que não são muitos, como todavia são de estimar em tal terra e de tanto nome em Japão, não sòmente se deseja sua conservação, mas também seu aumento com os que de novo Nosso Senhor chama ao grémio de sua Igreja. Estes foram êste ano perto de trinta adultos, que, considerada a dureza dos moradores daquela cidade, que todos são * mercadores, dados à *Fl. 214.
cobiça e coisas dêste mundo, e também ao falso culto dos Camis e Fotoques, montam tanto como trezentos em outra parte.

Não deixa todavia de haver esperanças de maior conversão com o tempo, e muito mais, quando os Padres estiverem mais patentes e mais à sua vontade do que agora estão, pela incomodidade de gasalhados e estreiteza de casas, que ali há; pelo que, não há por agora tanto concurso de ouvintes, como em outras casas daquelas partes; com tudo isso que há, como é de gente fixa e arreigada na terra, e que puramente se faz cristã, convencida da verdade, como agora é ordinário dos que se convertem em Japão, confiamos em o Senhor, que não

(1) *Nt.:* e comũs.

sòmente perseverarão no começado, mas que ainda por seu meio e persuasão se converterão muitos mais, como já se vai vendo, por misericórdia de Deus.

Em Canazava, principal cidade do reino de Canga, que é um dos três que chamam Fococu e côrte de Figendono, senhor dêstes reinos, reside um Padre com um Irmão, com um dójico, prègador, e outros mais ministros necessários, para melhor pode rexercitar seus ministérios entre aquelas almas que Nosso Senhor ali tem, e no reino de Noto, aonde Justo tem a mais de sua renda. Os baptizados de ano foram noventa adultos; entre estes se baptizou um Bonzo gentio, já de muita idade, que seguira várias seitas, sem em nenhuma delas se poder aquietar, como êle dizia. Êste, estando no reino de Jichu, acertou de ouvir falar das coisas de nossa santa lei, e logo desejou de as ouvir, para ver se achava nelas coisa que mais o aquietasse, do que té então tinha achado nas seitas de Japão. Saíu-se pois de sua casa, sem dar conta a ninguém de seus desejos, como que ia a outra parte, e não a buscar o Padre. Vem-se a Canazava,
*Fl. 214 v. caminho bem * comprido para êle, por ser já velho e doente, e caminhar a pé. Esperou pelo Padre que estava ausente, doze ou treze dias, com bem de incomodidades; mas sofria tudo pelo bem que desejava achar, até que, vindo o Padre, ouviu as prègações, de que ficou tão satisfeito e contente, por achar o que pretendia, que pediu com muita instância que o baptizasse, mostrando tão grandes desejos de se fazer cristão, que, tirada tôda a dificuldade e dúvida que havia, de ser Bonzo e não se saber do seu intento, se houve de baptizar, com tanta consolação e alegria do bom velho, que a todos edificou muito. Baptizado, tomou logo por escrito uma breve instrução de se encomendar a Deus, com a qual consolado e alegre se tornou para sua terra, com propósito de tornar logo, para mais de-vagar aprender as coisas de cristão.

Um gentio, criado antigo de um cristão, sendo por muito tempo e ainda anos persuadido do senhor que se fizesse cristão, nunca houve remédio para o querer ser, resistindo sempre aos bons conselhos do amo, que quási já desesperava de o poder render. Estando pois são e de saúde, sem ninguém o persuadir a isto, movido sòmente de Deus que o chamava, se veio do reino de Noto a Canazava a ouvir a prègação, no qual tempo lhe deu uma doença que o fêz mais apressar e a acabar de ouvir; e feito bom entendimento, se baptizou, e daí a poucos dias morreu, com sinais de sua salvação, louvando os presentes a divina providência e misericórdia, que tanto se manifestara na conversão daquela alma, trazendo-a por tal modo a seu divino conhecimento, e por êle a quisera salvar, como nela esperavam.

O mesmo se viu em uma criança de sete ou oito dias, cujos pais eram gentios, adversos às coisas dos cristãos, a qual estando para morrer, se chegou
*Fl. 215. a ela uma mulher cristã, bem instruída * no modo de baptizar, e lançando-lhe uma pouca de água no rosto, como queml ho lavava, dizendo a forma do baptismo, a baptizou, sem os pais nisso advertirem, nem ainda depois o saberem, e logo ao dia seguinte se foi ao Céu, ganhado com tão ditoso engano e santa dissimulação.

Um menino, de sete ou oito anos, filho de um cristão, tinha uma ama gentia, a quem importunava muito que se fizesse cristã; mas não acabava de a render, por mais que lho pedia. Veio esta mulher a adoecer; o que vendo o menino, se não apartava de junto da cama, tendo cuidado da saúde do corpo,

mas muito mais o fazia da saúde da alma, persuadindo-lhe sempre e importunando-a que se fizesse cristã; até que, vencida a ama dos rogos do menino, que com tanto amor e zêlo procurava seu bem, ouvindo as prègações, se baptizou, com consolação sua e alegria do menino, e não pouco espanto dos que souberam o caso.

Mas de maior espanto foi o que fêz uma irmã dêste menino, de alguns quatro anos, a qual, não querendo ficar vencida do irmão, pega também com sua ama gentia, persuadindo-lhe que se fizesse cristã, pondo nisso tôdas as suas fôrças, tanto, que vindo uma vez a menina à igreja, em tempo que havia prègação aos gentios, se saíu do meio dos ouvintes, entre quem estava, e indo-se a sua casa, que estava perto, trouxe a ama consigo a ouvir a prègação. Finalmente, tanto puderam as simples persuasões, e tanto seus rogos com a ama, que de propósito ouviu prègação e se baptizou.

Tomam grande ânimo os cristãos daqueles reinos, e também os que desejam de o ser, com ver o amor e afeição que Figendono, senhor dêles, mostra ter a nossas coisas, falando delas ordinàriamente muito bem, e com desejos de se fazer cristão. Faz muitos favores a * Minaminombo Justo; pelo que, assim êle *Fl. 215 v.
como os mais cristãos que há em bom número naqueles reinos, estão muito à sua vontade, procedendo com muita liberdade nas coisas da salvação, que com fervor procuram, por meio dos sacramentos da confissão e comunhão, maiormente nas festas principais de Natal e Páscoa e oragos das igrejas onde moram.

Visitou o Padre os cristãos do reino de Jechigém, e animou com seus conselhos a terem mão e se conservarem na Fé, no meio daquela gentilidade, na qual, por misericórdia de Deus, perseveram inteiros, ajudando-se sempre uns aos outros nas coisas da alma, com diversos meios acomodados para isso; e assim vão crescendo cada vez mais no conhecimento de Deus Nosso Senhor, e desejos de sua salvação, ronovando-os cada ano, com as ajudas e fôrças que recebem por meio dos sacramentos da confissão e comunhão, quando o Padre ali vai.

CAPÍTULO XXIV

Das coisas da China e do que se fêz na residência de Xaucheu e Nanchão

ALÉM do colégio que está na cidade de Macau, pôrto da China, tem a Companhia, pela terra dentro dêste reino, quatro residências e casas em cidades principais, nas quais residem treze Padres [e] quatro Irmãos; e tratando em particular das duas primeiras, que são a de Xaucheu e Nanchão, residiram na primeira êste ano, três Padres e um Irmão, ocupando-se na culti-
vação * de mais de oitocentos cristãos que teem ali feitos. Baptizados de novo *Fl. 216.
houve poucos, por razão da grande perturbação e perseguição em que viveram por todo êste tempo, ocasionada das calúnias que em Macau levantaram certas pessoas contra os Padres, avisando aos chinas que olhassem por si, porque os ditos Padres lhes queriam conquistar o reino; e, para o poderem fazer e se levantarem mais a seu salvo, andavam já lá muitos pela terra dentro, dispondo as coisas, como tudo na relação do ano passado se escreveu: da qual calúnia

nasceu tão grande revolta e perturbação nos chins da província de Cantão, que tôda se pôs em armas; e, àlém de custar a vida a um Irmão da Companhia, que com muita crueldade os chins mataram em Cantão, como tôda a fôrça desta tormenta caíu sôbre os Padres de Xaucheu, de tal maneira os atribulou, que tiveram bem que fazer em escapar com vida, ou pelo menos em não serem lançados da terra, o que foi de grande providência de Deus; e assim não houve lugar de fazer conversão de novo, mas assaz se fêz em conservar a feita.

Em Nanchão se baptizaram duzentas e tantas pessoas, em que entraram algumas muito nobres, parentas de el-rei, das muitas que moram naquela cidade. Entre elas, foi uma mulher, cujo marido já era cristão, a qual, como a viessem visitar outras mulheres suas parentas, ainda gentias, e estranhando-lhe, sendo môça, deixar-se ver por um homem estranjeiro, quando foi baptizada, ainda que fôsse diante de seu marido; dava por razão que a tudo isso a obrigara a verdade da lei de Deus e a necessidade do baptismo, para se poder salvar.

Uma destas gentias tivera seis filhos, de que os quatro lhe morreram meninos, e sôbre os dois que ainda criava, por também serem fraquinhos, andava
*Fl. 216 v. sempre estremecendo. Aconselhou-lhe * esta nova cristã que, se os queria conservar, os fizesse cristãos. Porém a gentia, como não sabia ainda a virtude do sagrado baptismo, ainda que lhe pareceu bem o conselho, não quis aventurar mais que um, o qual, depois de baptizado, foi coisa maravilhosa em quão breve tempo guareceu, de modo que parecia outro. Com [o] que os pais cobraram tanto crédito da lei de Deus, que logo deitaram os pagodes fora, e se vão dispondo para tôda a casa receber o santo baptismo, e o mesmo vão fazendo outros dêstes parentes del-rei.

O primeiro Padre que aqui começou a prègar o Evangelho e fêz a mor parte dos cristãos que aqui há, foi o Padre João Soeiro, o qual, pelos trabalhos que teve e necessidades que padeceu nesta cidade, no tempo que nela esteve só, veio a adoecer, deitando muito sangue pela bôca; pelo que, foi necessário mandá-lo vir para Macau, onde Nosso Senhor foi servido de o levar para si; e, como era tão grande o amor e devoção que os cristãos desta cidade lhe tinham, como a seu primeiro pai, que os gerara e criara em Cristo, foi admirável o sentimento que tiveram com a nova de sua morte; porque assim os cristãos, como alguns gentios amigos, se vestiram de dó, e indo a casa dos Padres, na mesma sala em que o Padre os costumava agasalhar, puseram na cabeceira uma cadeira, e como se o Padre estivera assentado nela, lhe faziam a seu modo suas reverências, pondo-se quatro vezes de joelhos, e batendo com a cabeça no chão e alguns com lágrimas. Nas exéquias que os Padres lhe fizeram, houve tantas lágrimas nos cristãos, como se ali tiveram seu pai morto.

Não faltaram alguns gentios, grandes inimigos da lei de Deus, os quais ajuntando-se, fizeram um libelo contra os Padres, e o foram apresentar com uma
*Fl. 217. petição ao * juiz do crime, dizendo que prègavam lei falsa e tinham comprado umas casas muito grandes, a-fim de ajuntarem ali gente, para se levantar com a terra. Não fêz o juiz caso dêles, e os lançou de si, com palavras pesadas; pelo que êles, sentidos do ruím despacho, se amotinaram e ajuntaram muitos mais, para levarem a mesma petição e libelo ao Chiém, que é como justiça-mor. Neste

tempo desta amotinação dos gentios, foi para louvar a Nosso Senhor o como se houveram os cristãos; porque uns vinham visitar os Padres e oferecer-se para irem com êles, se o mandarim os chamasse. Outros andavam pelas casas animando aos que conheciam, e exortando-os que não encobrissem que eram cristãos, e todos com tanta alegria e mostras da verdadeira Fé, que davam matéria de muita consolação aos Padres, e esperança de si, que a confessariam no meio de qualquer trabalho em que por ela se vissem, de que não ficavam muito longe.

CAPÍTULO XXV

Do que se fêz na côrte e cidade de Nanquim

EM Nanquim estão quatro Padres, e os três estudando a língua. Baptizaram-se noventa e seis pessoas, entre êles um menino, filho de um mandarim grande, e que tem por ofício avisar el-rei das desordens de todos os outros mandarins desta côrte, e por isso, e como quem faz tal ofício, para se justificar de não tomar peitas, e proceder rectamente, costuma ser mui retirado de visitas e conversações dos outros. Estava sempre * o pai dêste menino fechado em *Fl. 21
casa, de modo que raramente dava entrada a ninguém.

Porém, como o menino, por meio de um cristão, mestre seu, e outro também mui fervoroso, que com seu pai e êle vieram da côrte de Pequim, tinha já notícia dos Padres, e estava instruído na doutrina cristã e necessidade do santo baptismo, saindo o pai um dia a uma varela a fazer certas cerimónias gentílicas, determinou de se aproveitar da ocasião, e peitando aos moços, para que depois o não dissessem ao pai, se veio às escondidas a casa dos Padres, onde, depois de com muitas reverências visitar a capela, estando com o Padre, lhe repetiu tôda a doutrina cristã que tinha estudado; e declarando-lha o mesmo Padre, o menino se ergueu duas vezes da cadeira, pedindo lhe desse o santo baptismo, por cujo respeito só fizera esta saída. Entreteve-o porém o Padre, dilatando-o para outra ocasião que Nosso Senhor lhe daria, como dera esta. Não tardou muito que a não tivesse, buscada por êle mesmo; porque, por duas ou três vezes se veio, como da primeira, ter com o Padre, tratando-o já com mais confiança, e referindo várias disputas que com os Bonzos tivera em casa, até que suficientemente catequizado, com muita alegria e satisfação sua e dos Padres, recebeu o santo baptismo, depois de um ano de prova, em que mostrou tanta constância, tanto mais para estimar, quanto era ao bafo de um pai tão dado aos pagodes, e de Bonzos inimigos da lei de Deus, que em casa tinha.

Outro menino, sobrinho de um letrado cristão, morrendo-lhe sua avó uma noite, antes de um dia em que êle tinha prometido vir a casa dos Padres acabar de se catequizar, veio no tal dia assaz choroso, mas a escusar-se de por esta causa não poder então acabar com o ca*tecismo, e que só vinha a avisar disto, *Fl. 218.
para se não cuidar que êle tornava atrás em seus propósitos. Passados alguns dias, sabendo o pai do seu intento, procurou atalhá-lo, proïbindo-lhe o fazer-se cristão e ir a casa dos Padres, pois eram estranjeiros: ao que respondeu o menino que nesta parte não tinha que fazer com êle, e que pois seu tio, sendo

letrado, se deixara enganar de estranjeiros, não era muito que êle também fizesse o mesmo, como o fêz daí a pouco, recebendo o santo baptismo.

Foi mui grande o fervor de um mancebo mercador, ao qual, ouvindo o catecismo, Nosso Senhor aclarou tanto o entendimento na verdade de sua lei, que só dizia lhe pesava tê-lo tão tarde conhecido; e assim depois mais parecia trazer o pensamento em inculcar a outros esta santa mercancia, que em negociar a própria, que por vezes lhe aconteceu de mais de meia légua trazer a casa dos Padres alguns conhecidos e amigos a ouvir as coisas de Deus, e voltando para sua casa encontrar outros no caminho, com os quais tornava logo, pelas neves e frios, que naquele tempo havia grandes, a mostrar-lhes o lugar onde se ganhava e conhecia o bem de que êle gozava.

Os anos passados veio a esta cidade um médico que já tinha ouvido as coisas de Deus; e perguntando pelos Padres, como a cidade é tão grande, não achou quem lhe soubesse dar razão dêles: tornando porém êste ano, e achando quem lha desse, se veio logo a casa dos Padres, dizendo que havia muito tempo que andava buscando o princípio de tôdas as coisas, e que nesta demanda fôra dar com um Bonzo que entre outras coisas, lhe ensinara algumas regras da
*Fl. 218 v. vida comprida; mas, como com elas se lhe não aquietasse o cora*ção, êle também não descansara, até não achar os Padres e ouvir as coisas de Deus; as quais ouvidas e fazendo bom entendimento delas, se baptizou com muito fervor.

Alguns receberam o santo baptismo estando para morrer, e foram logo gozar de Deus, entre estes uma velha de setenta e quatro anos, a qual, depois de receber o baptismo, durou só dois dias. Outro, estando enfermo, vieram dar recado a um sobrinho seu, cristão, que estava em casa dos Padres, que acudisse de-pressa, que seu tio estava expirando. Foi logo, e com êle um Irmão nosso, para que, se o achasse em estado para isso, lhe tratasse (1) do sagrado baptismo. Achou-o em seu juízo, praticou-lhe de Deus e da salvação, declarando-lhe, quanto o tempo o sofria, os mistérios de nossa santa Fé. Ouvio o doente, e fazendo bastante entendimento, pediu que o baptizassem; e, meia hora depois de receber o sagrado baptismo, passou desta vida.

A uma mulher livrou Nosso Senhor do diabo, por meio do sagrado baptismo, desta maneira. Estavam um dia dois cristãos oficiais tratando com outros gentios, da lei de Deus e coisas maravilhosas que o Senhor obra pelos que o servem. Disseram os gentios: «Já que assim é, ¿porque não buscais algum remédio para aquela endemoninhada, que mora nesta rua»? Responderam que o tinha a lei de Deus. Andava tal a pobre mulher, que não tinha mais que a pele sôbre os ossos; dizia a cada passo que via o diabo, ora assim vestido, ora de tal côr, que umas vezes lhe tirava o ornato do toucado, outras a enchia de arranhaduras no rosto e braços, por dez ou onze vezes. Viram também os circunstantes
*Fl. 219. acender fogo no pátio, sem dar * fé de quem o acendia, e com tôda a pressa acudiram a o apagar. Uma vez, para dar remédio a isto, chamaram os Bonzos, que armando um altar pequeno, com seus castiçais e candeias acesas, para fazerem uns exorcismos, logo chegou o maligno espírito, e lhes deu com os castiçais e candeias no chão.

(1) *Nt.*: lhe tratar.

Foram pois os cristãos a casa desta endemoninhada; e segurando-lhe o remédio, se ela e seu marido se fizessem cristãos, disseram êles que de muito boa vontade o seriam; pelo que, o marido e seu pai se vieram logo a nossa casa nesse requerimento. Instruídos um pedaço na verdade e necessidade da lei de Deus, se tornaram com a doutrina, para a decorarem, e o Nome de Jesus impresso em papel, o qual, juntamente com uma imagem de Cristo, pôsto em casa, em um lugar decente, o maligno espírito não ousou mais entrar dentro; só dizia a mulher que o via andar de longe no pátio. Decorou ela e o marido a doutrina, e baptizados ambos, cessou totalmente a visão e assombramentos do diabo, que havia sete meses padecia, e foi logo tornando em si e melhorando a olhos vistos.

CAPÍTULO XXVI

Do que se fêz na cidade e côrte de Pequim (1)

NESTA cidade e casa que nela há, residem cinco da Companhia: três Padres e dois Irmãos noviços, com o mesmo crédito e reputação assim das coisas de nossa santa Fé, como do exemplo de suas pessoas, que nas relações passadas se tem escrito que é mui grande naquela côrte, assim para com o rei, como para com seus ministros e mandarins grandes, em quem está o govêr*no de todo aquele grande império; e ainda que geralmente todos *Fl. 219 v.
teem amizade com os Padres, alguns dêstes grandes a teem mui particular.

Os cristãos já feitos se vão cultivando, outros se vão fazendo de novo, ainda que poucos na cidade, por irem os Padres com muito tento e consideração por ora, até se a[r]reigarem mais na terra. Fora da cidade, fêz o Padre Gaspar Fe[r]reira uma missão a certos lugares daquele contôrno, onde baptizou passante de cento e quarenta almas, e a ocasião desta saída foi o seguinte. No ano de 1605, fôra o Padre Diogo Pantoja por aqueles lugares, ao redor de Pequim, e em uma aldeia, que terá passante de mil vizinhos, a que êle pôs nome S. Clemente, por entrar nela no dia dêste Santo, que dista vinte e quatro léguas da côrte, deixou feito[s] dez ou dôze cristãos.

No ano seguinte, foi o Padre chamado de outra aldeia, a que pôs nome de Todos os Santos, por ocasião de um só cristão que nela havia, e ainda que então não baptizou nela mais que só treze, ficaram contudo tão movidos de suas palavras e afeiçoados à lei de Deus, que logo no ano seguinte, mandaram dois homens com cartas ao Padre Mateus Rício, Superior, pedindo instantemente lhes mandasse quem colhesse o fruto da sementeira passada. Não pôde [ir] o Padre Pantoja que a fizera, por ser muitas vezes chamado ao paço; mas foi, em seu lugar, o Padre Gaspar Fe[r]reira, com o Irmão António Leitão, que já lá fôra; e, indo já perto da aldeia de Todos os Santos, onde haviam de residir, eis que sentem vir em seu seguimento muita gente, correndo a tôda a pressa, os quais eram gentios de outra aldeia que lhe ficava atrás, tirando um só, que era cristão. Chegam aos Padres, e sem mais cumprimento que de riso e festa,

(1) *Nt.*: Pachim.

como se já de muitos anos os conheceram, lançam mão às rédeas dos cavalos,
*Fl. 220. pedindo-lhes quisessem tornar atrás e ser * seus hóspedes alguns dias, para lhes praticarem as coisas santas, de que já pelo cristão, seu natural, tinha[m] notícia. Escusaram-se os Padres como puderam, pedindo-lhes lhes deixassem por ora fazer seu caminho, e dando-lhes palavra que êles o fariam daí a alguns dias.

Chegando à aldeia de Todos os Santos, o[s] vieram a receber grande multidão de homens, mulheres e meninos, com tanta festa e alegria, como se todos já foram cristãos. Agasalharam-nos em uma formosa ramada, que para isso lhes tinham aparelhada, com bancos e mesa, para nela se ouvir prègação. Ali foram visitados, assim dos homens per si, como das mulheres também per si, trazendo todos por guia uma, a que obedeciam, a qual dali por deante teve cuidado de as ajuntar para a prègação, e para virem aprender a doutrina, e juntamente de recolher os ídolos, que todos tinham e davam para serem queimados deante da imagem do Salvador: o que faziam com tanto fervor, como se fôra uma mui antiga e fina Cristandade.

Concluídas as cortesias, armaram logo os Padres na ramada um docel, com suas cortinas de sêda, onde puseram uma formosa imagem do Salvador, a que todos logo vieram fazer reverência; e pelo alvorôço e alegria que todos receberam, se espalhou também logo a fama, assim por esta aldeia, como por outras algumas ao redor. De modo que começaram a correr tantos à imagem e a ouvir a nova doutrina e o novo prègador, que era necessário estar de dia e de noite praticando-lhes, até que de cansado adoeceu o Irmão. Repartiram logo muitas doutrinas, para que os que se quisessem converter, a estudassem e comunicassem uns a outros. Era mui grande o amor com que esta gente tratava e agasalhava os Padres, e com que os visitava, com seus presentes, sen-
*Fl. 221. tindo grandemente e dando-se por agravados, se * os enjeitavam.

Para catequizar os que se queriam converter, e para se dar melhor expedição (por serem muitos) os repartiu o Padre em três partes: uma (1) das mulheres de idade, que êle catequizava; outra dos homens, que cabiam ao Irmão, e às mulheres recolhidas e de pouca idade, em suas mesmas casas lhes iam ensinar a doutrina os meninos que os Padres levaram, por serem de pouca idade e bem instruidos na Fé. Era o fervor tanto, que por tôda a aldeia, assim nos soalheiros, como em outros ajuntamentos já se não ouvia prática que não fôsse das coisas de Deus, ou recitar o Pater Noster, Avè-Maria, Credo e mais orações; de modo que ainda os que não queriam ser cristãos, sem o sentir, se achavam com as orações sabidas.

Havia por tôdas estas aldeias muitos prègadores de vários deuses e seitas, os quais, vendo alguns dos seus frègueses convertidos, temendo-se que com o exemplo dêstes e fôrça da doutrina da Fé, cuja luz fazia desaparecer os deuses e sua falsa doutrina, se convertessem outros, e êles perdessem o fruto de sua sementeira, que era o interêsse que dêles pretendiam, determinaram, ou o diabo por êles, pôr tôdas suas fôrças para lançar os Padres fora e impedir o curso da conversão, que tão bem corria. Para isto começaram a [a]motinar a gente,

(1) *Nt.*: hũas.

dizendo-lhe muitos males dos Padres, da doutrina que prègavam, da santa imagem do Salvador; e ajuntando magotes dos seus frègueses, iam, com grandes risadas e descomposição de palavras e vozes, zombar e escarnecer dos que se baptizavam. Não fiizeram nisto tão pouco, que alguns se não esfriassem daquele fervor, com que começaram a ouvir o santo Evangelho.

Andando porém o diabo semeando por seus ministros esta má zizânia sôbre a sementeira de Deus, quis o Senhor enfreá-lo; e foi por meio * de um mandarim *Fl. 221. grande desta comarca, o qual nela governa oito cidades com seus distritos. Êste, vendo o grande número de prègadores de tão várias seitas, que andavam enganando aquele rude povo, mandou publicar um edito, que todos fôssem desterrados e presos, com que todo êste povo ficou desembaraçado dêles, e os que perseguiam os cristãos, açamados (1). Com esta ocasião, pôsto que os prègadores do diabo desapareceram, foi também necessário que os nossos se retirassem por então, e com menos fruto do que prometia a boa disposição daquela gente; pois desta vez naquela aldeia e em outras suas vizinhas, se não pôde estender mais que a cento e quarenta pessoas.

Doutra aldeia vieram por três ou quatro vezes pedir aos Padres os quisessem também ir lá consolar; e prometendo-lhes que iriam um certo dia, era tão grande o desejo que tinham de os ver já lá, que no mesmo amanheceram à porta dos Padres quatro homens, em nome de todos, e um dêles letrado, a lhes pedir que cumprissem sua palavra. Fizeram-no assim, e foram agasalhados dêles, conforme ao desejo que tinham de os ver. Aqui foram visitados de várias pessoas graves, e letrados, e de alguns mestres, acompanhados de seus discípulos; e foi o concurso a ouvir as prègações maior que em tôdas as outras partes, porque nem comer, nem dormir o[s] deixavam, pasmando da doutrina que ouviam. Porém de tanta multidão só quinze por então preordenados de Deus, receberam o sagrado baptismo, ficando as coisas dispostas de maneira, que dão muitas esperanças de na segunda volta se haver de recolher grande fruto.

Detiveram-se os Padres nesta missão dois meses; e deixando ordenado aos cristãos miùdamente o modo como haviam de proceder e conservar-se na Fé e costumes cristãos, com mui*tas saüdades de todos êles, se tornaram para Pequim. *Fl. 221 v.
Entre os que se baptizaram, foi um mancebo que, antes de se converter, grandemente zombava e blasfemava da lei de Deus. Castigou-o Deus com um género de cegueira, que olhando para a terra ou para deante, nenhuma coisa via; e se olhava para o céu, via perfeitamente, como avisando-o Deus que só daquele lugar lhe podia vir a luz. Entendeu êle ser isto castigo de suas blasfêmias; determinou, e assim o prometeu, de receber a lei de Deus. Coisa maravilhosa, que logo viu perfeitamente para tôdas as partes; mas esquècendo-se da promessa, o tornou Deus a cegar da mesma maneira que primeiro; pelo que escarmentado, cumpriu logo sua determinação, fazendo-se cristão, com que tornou a recuperar sua vista.

Uma mulher já cristã, indo de uma destas aldeias para a cidade de Pequim, se agasalhou no caminho em casa de uma sua conhecida antiga, muito devota

(1) *Nt.*: affaçamados.

dos pagodes, a qual tôdas as noites, com os de sua casa, se punha deante do que tinha em seu oratório, a lhe rezar e fazer suas devoções; porém a pobrezinha cristã se punha a um canto da casa a rezar secretamente por suas contas. Espantados os de casa, por ela os não acompanhar, lhe perguntaram a causa: a que respondeu que, por ser cristã e adorar sòmente ao Rei dos Céus; e sôbre isto lhes soube dizer tais coisas, dando Deus virtude a suas palavras, que nove casas inteiras converteu, para virem ouvir a prègação e receber tal doutrina; o que, por ainda então não poder ter efeito, se guardou para melhor ocasião.

*LIVRO QUARTO

*Fl. 222.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Do que se fêz na costa da Guiné e Serra Leôa

OUTRAS relações se tem dado notícia da missão que, por ordem de Sua Majestade, a Companhia fêz ao Cabo Verde e à costa e terra firme de Guiné; e como na ilha do Cabo Verde foi Nosso Senhor servido que falecessem quási todos os Padres que foram (perda que a Companhia sentiu muito, assim pelos perder esta Província, como pelos não ter aquela a que os tinha destinados, e pelo conseguinte carecer do fruto que dêles esperava, por serem todos religiosos de grande virtude e zêlo, e de partes para dêles se poder[em] esperar grandes sucessos na prègação do Evangelho); mas, como aquela ilha é tão doentia, e os Padres, por serem religiosos, não podem usar dos meios mais favoráveis à natureza, para poderem conservar a saúde, de que usam os seculares, e necessàriamente haverem de exercitar seus ministérios, e acudir às prègações, doutrinas e confissões, em todo o tempo e hora, pela fôrça da calma e pelo sereno da noite, que naquela terra é pestilencial, e àlém disso lhes faltarem na doença as coisas e mèzinhas necessárias e cura conveniente, com que puderam guarecer: emfim acabaram cinco sacerdotes, que não pudera ser maior perda para aquela terra.

Ficou só por algum tempo o Padre Baltasar Barreira, su*perior de todos, *Fl. 222 v. que, com ser de tanta idade, que vai para oitenta anos, dá-lhe Deus tal vigor e espírito, que, como se fôra mancebo, tem corrido tôda aquela costa até à Serra Leôa, e entrando pela terra dentro, descobrindo novos reinos e nações, tratando com vários reis, dando-lhes a todos notícia de Deus, prègando-lhes o santo Evangelho, e baptizando logo uns, como foram dois reis da Serra Leôa, com muita gente de seus vassalos, dispondo outros para receberem nossa santa Fé; de modo que não falta mais que haver obreiros que possam ir colhêr e cultivar tão copiosa messe, como Deus tem naquelas partes.

E ainda que neste ano passado de seiscentos, se mandaram desta Província seis companheiros, e quatro dêles sacerdotes de muitas partes, que repartiu pelos postos mais necessários, (pôsto que logo faleceu um dêles e de maior talento e expectação que todos) tudo teve o bom velho por pouco, para o que julgava ser necessário; pelo que, logo mandou pedir mais socorro, pelo menos de seis ou sete sacerdotes, que logo foram destinados para irem; mas deixaram de o fazer, por inconvenientes que nisso houve, não sem mui grande detrimento

do bem e conversão das almas daquelas partes, que para receberem a prègação do Santo Evangelho estão tão dispostas, como se verá nesta relação, por uma comprida carta, que nela poremos logo, a qual escreveu de lá o bom Padre Baltasar Barreira, em que dá conta da disposição que para isso achou em todos aqueles reinos, que êle pessoalmente foi descobrir, e do mais fruto, que até então se tinha feito na conversão daquela gentilidade; e como tôda é de tanta edificação, a poremos aqui, em seu próprio nome e por suas próprias palavras, com que êle a escreveu ao Padre Provincial desta Província, dividindo-a por capítulos, para mais distinção das matérias * de que trata. *Fl. 233.

E para que melhor se entenda o argumento dela, se há de saber primeiro, como entre os muitos reis que há naquele grande sertão da terra firme de Guiné, há um que chamam de Bena, mui poderoso, e a quem alguns sete ou oito reis outros são sujeitos. Êste, tendo fama do Padre e de sua exemplar vida e doutrina que prègava, e como tinha feito cristãos e baptizado aos dois reis da Serra Leôa, Dom Filipe e Dom Pedro, com muita outra gente principal; excitado também a isso por um português honrado, que em seu reino tratava, e com quem tinha muita amizade, mandou pedir ao Padre por vezes, com muita instância, quisesse ir a sua terra, para também o baptizar a êle, pelo grande desejo que tinha de se fazer cristão. Pelo que, julgando o Padre quanto convinha satisfazer a seus desejos, e também por ir ver em pessoa a disposição daquelas terras que nesta jornada havia de descobrir, ordenou sua ida, pela qual e sucesso dela, começa sua carta que diz assim:

CAPÍTULO II

Da missão que o Padre Baltasar Barreira fez ao reino de Bena

«POR uma embarcação, que o capitão desta costa tinha mandado ao reino de Bena, me tornou a escrever o rei dêle, pedindo-me com grande instância, que o fôsse baptizar, antes que moresse, por ser já mui velho, como já muitas vezes me tinha escrito; e para mais me obrigar a não dilatar esta ida, mandou um filho seu, de dezassete ou dezóito anos, que muito amava, que me fizesse muitas vezes estas lembranças e me acompa*nhasse pelo acminho, pedindo-me juntamente que o instruísse nas coisas de nossa santa Fé, e o baptizasse lá; e assim o fiz, depois de bem instruído». *Fl. 233 v.

«Vista pois a instância que êste rei me fazia, e os desejos de ser cristão que mostrava, e temendo que, se morresse sem baptismo, me pediria Deus conta de sua alma, tratei o negócio com alguns amigos, depois de o encomendar a Deus; e a todos pareceu que devia fazer o que êste rei me pedia, pois o seu baptismo podia redundar em muita glória de Deus, e bem das almas de seus vassalos, e de outros muitos».

«Tomada esta resolução, parti para lá o primeiro dia de Maio, na mesma embarcação, e logo naquela noite me quis o Senhor ensaiar na paciência, que depois me havia de ser necessária, e na confiança em sua bondade; porque sobreveio uma tempestade de vento, trovões e água, tão extraordinária, que

tivemos por mercê mui particular de Deus não se ir a barca ao fundo; para o qual ajudou muito ocupar-se tôda a gente em lançar fora a água que nela entrava, do mar e do céu. Outras tivemos também, na mesma viagem, por ser então nestas partes princípio de inverno; mas nem a primeira, nem as mais do mar chegaram a uma que tivemos em terra, depois que saímos no pôrto do outro reino, por onde se passa para o de Bena».

«Estava o rei desta terra quebrado com o de Bena, e por esta causa não queria consentir que lhe levassem pelo seu rio mercadorias nem outras coisas. Vendo pois que nós íamos para aquele reino, e que alguns portugueses levavam fazenda da Europa e outras partes, emquanto mandámos aviso a El-Rei de Bena de nossa chegada àquele pôrto, para nos prover de carregadores, ajuntou estoutro secretamente muita gente de seu reino, para nos impedir a passagem, e com êles tratou isto no mato*, como é seu costume, quando o negócio pede segrêdo. *Fl. 224. A resolução foi que nos matassem a todos, em tal conjunção, que o pudessem fazer a seu salvo, sem arriscar suas pessoas, o qual não podia ser, se à fôrça de armas nos quisessem impedir a passagem».

«Assentado isto, chamou o rei a juízo, o qual se faz verbalmente, quando um demanda alguma coisa a outro; e porque êste havia de ser sôbre fazenda que certo negro poderoso tinha usurpado a um português que ali estava, concorreram também a êle os portugueses, da maneira que estavam, desarmados e sem receio nenhum. Finalmente o negócio chegou a têrmos, que já todos estavam a ponto para dar em nós, com os olhos no rei, esperando um aceno seu, ao qual os movia também a prêsa que lhes havia de ficar nas mãos, da fazenda que levavam os portugueses e da que cuidavam que eu levava, sendo imagens e ornamentos para o culto divino. Mas como a causa era de Deus, ordenou que um negro de autoridade e amigo de portugueses, o qual outro rei superior a êste tem ali por olheiro, o impedisse, alevantando-se em pé, com a espada desembaïnhada, dizendo que havia de matar o primeiro que pretendesse fazer-nos algum mal. Depois do qual, disse tantas coisas em nosso favor, e arrazoou tão bem por nossa parte, que os obrigou a deixar as armas e se aquietarem. O rei me mandou depois algumas desculpas, e vindo a onde eu estava, se mostrou inocente no caso. Eu lhe dei a entender que o cria, e fazendo-lhe alguns regalos, acabei com êle que nos deixasse passar e nos desse algumas almadias, para ir ao pôrto de Bena, por haver, antes de chegar a êle, esteiros mui estreitos e impedidos de mangres, e não poderem entrar lá, por esta causa, outras embarcações maiores».

«O rei de Bena, quando soube da nossa chegada, e viu * seu filho já cristão, *Fl. 224 v. e vestido à portuguesa, (porque por êle lhe mandei recado, em companhia de um português), não se fartava de dar graças a Deus, e declarar a alegria que sentia em sua alma. Mandou logo fazer, com muita pressa, as casas em que me havia de agasalhar, traçadas ao nosso modo; e para nos carregarem e acompanharem, mandou passante de cincoenta pessoas, com seu filho herdeiro do reino, que será de cincoenta anos ou mais, e de outro que será de quarenta. Acharam-nos já na primeira aldeia de seu reino; e depois de gastar obra de dois dias em festejar nossa ida, partimos dali e fomos caminhando para a povoação principal, que dista dois dias de caminho, por matos tão espessos e serras tão

fragosas, que foi necessário ir eu a pé, muita parte do caminho. É esta terra tão montuosa, que por onde quer que íamos, nos achávamos rodeados de outeiros e montes, cobertos de verde arvoredo; e conforme a multidão dos montes, assim era a dos vales e ribeiras, que corriam por entre êles. Os penedos são de côr de ferro, e dêles o tiram os naturais da terra, para tôda sorte de ferramenta, e a que se faz dêle, leva vantagem à destas partes, por ser o metal mui fino».

«Indo pois caminhando desta maneira, e chegando já perto de uma aldeia que está no meio do caminho, encontrámos um cassane, ou criado de El-Rei, com um cavalo, que poucos dias antes lhe tinham trazido de mais de cem léguas, o qual me mandava para o restante da jornada. Respondi que lho agradecia muito, mas que me não atrevia a ir nêle pela aspereza do caminho; e assim o dei a seu filho mais velho, que nele me foi acompanhando, ainda que muitas vezes se descia, por não poder romper algumas brenhas, e passar seguramente
*Fl. 225. alguns barrancos, que encontrávamos. E logo como chegámos a esta * aldeia, o regedor dela, pela fama que já corria que eu não tratava com mulheres, as fêz recolher tôdas em suas casas, e assim estiveram até me avisarem disto, por não haver quem provesse a gente de água e do mais necessário. Mas, declarando-lhe eu que sòmente queria que não entrassem na casa em que estava agasalhado, saíram logo, e acudiram a suas necessidades».

«O dia seguinte chegámos à povoação do rei, e dêle fomos recebidos com mui particular significação de alegria. Agasalhou-me nas casas novas que tinha feito para mim, com uma cêrca de madeira, para que não entrassem lá mulheres. Mandou-me logo um novilho, segundo seu costume; aceitei-lho, por lhe dar gôsto; mas dei ordem como se repartisse pela gente que me tinha carregado e acompanhado, do qual se não edificaram pouco êle e os seus. Praticámos depois largo sôbre as coisas de nossa santa Fé; e porque naquela terra as môças, antes de casar, não trazem nada sôbre si, a primeira coisa que lhe pedi, foi mandasse que se vestissem, e assim o fêz logo, com pregões que lançaram por tôda a povoação».

«Disse a primeira missa dia da Ascensão, estando a igreja enramada e o altar bem ornado. Entraram sòmente sete cristãos para [a] ouvir, por não se acharem ali mais. O rei quisera fazer o mesmo; fui-lhe à mão, declarando-lhe as causas por que se não permitia isto aos que não eram ainda baptizados; mas depois que êle o fôsse, teria nela o melhor lugar. Pois assim é, Padre, disse êle, baptizai-me logo, porque não desejo outra coisa. Respondi-lhe que era necessário dispô-lo primeiro para isso, e ensinar-lhe as coisas de nossa santa Fé, e as obrigações dos que a recebem, com o qual e com lhe mandar pôr uma
*Fl. 225 v. cadeira da banda de fora, e * que um seu cassane lhe fizesse sombra com um chapéu de sol, mostrou ficar quieto. Na Missa fazia tudo o que via fazer aos cristãos, seguindo-o os mais gentios, que o acompanhavam com sinais exteriores de grande admiração, que neles causava assim a formosura das imagens, como o aparato e cerimónias da missa».

«Antes que a começasse, benzi a água pùblicamente, e fiz o Asperges, e prèguei sôbre o mistério daquele dia, declarando algumas coisas de nossa santa Fé, e a causa da minha ida àquele reino, que não era buscar oiro, nem escravos,

nem outras coisas que os homens estimam, senão suas almas, para as alumiar e livrar dos enganos em que viviam, e as encaminhar para o Céu. Ouviu o rei tudo com muita atenção, por entender e falar nossa língua, e outros que também a entendem e falam, e os mais, por lho declarar um intérprete. À tarde, estando o rei na igreja com os cristãos, e de fora seus filhos e todos os mais gentios, pelo respeito que lhe teem, dita a Ladaínha de Nossa Senhora, fiz a doutrina, e nela comecei a tratar algumas matérias que os podiam alumiar, detendo-me principalmente em lhes declarar a falsidade da seita mahometana, por estar já mui introduzida neste reino. A estas doutrinas e práticas concorria cada dia gente de novo, que vinham de diversas partes, e todos davam mostras do que Deus ia obrando neles; porque já antepunham nossa santa Fé às mentiras e falsidades que até ali seguiram, e desejavam que o rei se baptizasse, para êles fazerem o mesmo».

«Além de outra gente, acudiram também alguns reis, sujeitos a êste de Bena, e seus tributários, ou pela fama que corria de minha chegada e das coisas que ensinava, ou por êle os mandar chamar para o que ago*ra direi. Estando junta *Fl. 226. tôda esta gente, saíu um dia pela manhã, vestido ricamente à portuguesa, acompanhando-o os mais reis e senhores, e os portugueses que ali estavam, e tocando-se os instrumentos de que usam em suas festas, chegou desta maneira a um terreiro grande; e depois de se assentar ao seu modo, fêz trazer deante de si muitas peças que tinha de Europa, e vários vestidos que os portugueses lhe mandam e levam, quando vão tratar aos seus reinos; e depois de dar vista de tudo isto, fêz uma fala em presença de todos, engrandecendo-se sôbre os mais reis dos Sousos, que assim se chama esta nação, e sôbre todos os Farins, que são sôbre outros reis, dizendo que nenhum chegara a ter em sua terra e ver com seus olhos o Padre que êle tinha e via no seu reino, nem tivera tantas e tão ricas peças de Portugal, como as que êle ali mostrava. Ajuntou a isto que êle queria ser cristão, e que com êle o haviam de ser todos os seus».

«Louvou depois e engrandeceu nossa santa lei, e detestou e reprovou a maldita seita de Mafoma; e, porque todos trazem nóminas muito bem lavradas, que lhes vendem os bexerins, ou cacizes mandingas, persuadindo-lhes que trazendo-as consigo, e levando-as à guerra, não receberão dano algum, zombou de tudo isto, e declarou que era invenção dos bexerins para lhes levar seu dinheiro. E, para que a todos constasse mais a falsidade destas nóminas, referiu um exemplo que eu lhe tinha contado, e já em outra carta o escrevi, de um rei de Balravento, que vendendo-lhe um dêstes cacizes uma vestidura cheia destas nóminas, provou nêle mesmo a falsidade delas, atravessando-o com uma azagaia; e assim se concluíu tudo, com grandes louvores de nossa * santa Fé, aclamando todos que *Fl. 226 v. queriam ser cristãos».

«Estou vendo o alvorôço, com que Vossa Reverência e os mais Padres esperam o fim de tão bons princípios; mas, como os juízos de Deus são sôbre tudo o que nós podemos entender, foi o sucesso mui diferente das esperanças, porque não sei donde o diabo trouxe um ministro seu, dos que cá chamam judeus, ainda que o não são na lei, porque seguem a dos moiros, mas são como oradores, que teem por ofício louvar os reis e senhores, enchê-los de vaidade, referindo em público as vitórias que alcançaram, e os feitos insignes que fizeram

e os seus antepassados, misturando nisto muitas mentiras. Êste, depois de sua chegada, orou aqui algumas vezes deante do rei e de todos os seus, com tanta eloqüência, ou loquacidade, que em duas horas ou mais que cada vez gastava, nem fôlego parecia que tomava. Eu, ainda que o ouvia da casa onde estava, como não entendia a língua, cuidava que a matéria das orações eram louvores do rei, e em particular, por se querer fazer cristão. Mas não era assim, senão que aniqüilava nossa santa Fé, e engrandecia a maldita seita de Mafoma, persuadindo ao rei e aos mais ouvintes que perseverassem nela e se não fizessem cristãos».

«Ainda que eu não sabia o que êste orador infernal pretendia, dentro de poucos dias o coligi da mudança que vi no rei; porque já se mostrava frio nos desejos de ser cristão, e acudia mal aos divinos ofícios e práticas da doutrina; e tendo-me dado palavra que havia de queimar todas as nóminas que tinha, e os ídolos e estátuas de seus antepassados, chegando eu a apertar com êle que cumprisse isto, deu tantas escusas e pôs tais dificuldades, que bem mostrava ter-se
* Fl. 227. aconselhado com êste ministro de satanás. Quanto às * estátuas de seus antepassados, respondeu que não podia acabar consigo queimar seu pai e seus progenitores; mas que os mandaria a uma de suas mulheres que estava em outra povoação, para que os tivesse lá; a qual escusa eu não quis aceitar, por entender que sua intenção era conservar por êste modo aqueles corofins, que assim se chama tudo aquilo que adoram».

«A contenda principal foi sôbre as nóminas, porque ora perguntava que havia de levar quando fôsse à guerra para não perigar nela; ora punha dificuldade em perder a grande quantidade de dinheiro que dera por elas; ora mostrava que temia o Concho, que é como imperador(1) de todos os Sousos; e a razão de o temer era que se iria queixar a êle o bexerim mor, que é sôbre todos os mais bexerins daquelas partes, e o moveria a que viesse sôbre êle com guerra e o destruísse. Tudo isto lhe parecia que remediaria, se mandasse as nóminas que tinha, ao bexerim mor, pois as recebera dêle. Mas, porque entendi o que pretendia, não me dei por satisfeito dêste remédio, senão com certa condição que êle não quis aceitar».

«Antes de passar adeante, porque falei no bexerim mor, e nos outros que lhe são sujeitos, quero dar aqui alguma notícia dêstes ministros de satanás, Os Mandingas é uma nação de negros, que povoam o rio Gâmbia, de uma banda e outra, e entram pela terra dentro mais de duzentas léguas. Esta nação não sòmente bebeu, há poucos anos, a peçonha da seita mahometana, mas tomou por ofício dá-la a beber a outras nações, para o qual se ajudaram da mercancia e entrada que com ela tinham em outros reinos; e porque são grandes cavaleiros, e onde quer que estão, ajudam os reis em suas guerras, indo sempre na dean-
* Fl. 227 v. teira; são mui queridos e estimados dêles, e folgam de os ter consi*go, e lhes dão terras que povoam, com grandes privilégios. Nestas povoações teem mesquitas, e os bexerins põem escola de ler e escrever letra arábica, que é a de que usam nas nóminas. O bexerim mor, que responde a Bispo ou Arcebispo entre nós, reside no reino que lhe parece mais acomodado para conservação e

(1) *Nt.*: emparador.

aumento de sua maldita seita, e para mandar visitar por outros bexerins inferiores as províncias e reinos de sua jurisdição».

«Quando algum dêstes vem, ou a êste reino, ou a outro dos que seguem sua lei, o qual fazem todos os anos, assim é recebido e respeitado, como se viera do céu. Além da mais gente que vem em sua companhia, traz também consigo alguns moços que vão aprendendo, e estes lêem cada dia, em voz alta, e escrevem suas matérias. Logo como chega à povoação principal, a primeira coisa que faz, é declarar o dia em que há de começar suas prègações; o qual sabido, concorre muita gente de diversas partes, e nêle sai, com grande aparato, a uma praça ou terreiro, que lá chamam oufal; manda estender algumas esteiras finais, tira de uma bôlsa mui lavrada dois ou três pergaminhos escritos, de letra miúda, desenrola-os sôbre elas, põe-se em pé, levanta as mãos e olhos ao céu, e depois de estar desta maneira um pedaço, como quem fala com Deus, prostra-se por terra, deante das bulas infernais; e depois de lhes fazer grandes reverências, levantando-se outra vez, diz em voz alta que dêem todos graças a Alá e a seu grão profeta Mafoma, pelos mandar visitar e convidar com o perdão de seus pecados, e outras coisas a êste propósito; depois do qual, engrandece a doutrina que traz escrita naqueles pergaminhos, pedindo-lhes que a oi*çam com * Fl. 228.
atenção; o que êles cumprem tão bem, que estando mais de duas horas em ler e declarar parte daquela escritura, não há quem fale, nem durma, nem bula consigo, nem tire os olhos dêle».

«Ao bexerim mor destas partes tem ensinado seu mestre, satanás, algumas palavras para invocar os demónios; estas ensinou êle a êste rei, e por esta causa é tão temido dos seus, que nenhum ousa fugir-lhe ou fazer coisa alguma contra sua vontade; porque logo os persegue, castiga e atormenta, por meio dêstes ministros do diabo, e o mesmo faz algumas vezes aos portugueses, quando lhe dão algum desgôsto que êle sente muito. Dois que por esta causa se tinham ido de sua terra, e tornaram lá, quando eu fui, me contaram o que em si tinham experimentado. O ordinário era espancá-los o demónio, de noite, e tratá-los tão mal, que alguns dias se não podiam levantar da cama; mas outras vezes, quando o rei se indignava mais contra êles, agravava o castigo, atormentando-os por diversas maneiras. Um dêles, estando dormindo, lançou-lhe o demónio pelos narizes uma fumaça que o fêz acordar com grandes agonias, e deitar pela bôca grande cópia de sangue, e desta maneira o foi botando, obra de quinze dias. O remédio neste trabalho era invocar o Santíssimo Nome de Jesus e da Virgem Santíssima, sua Mãe, e rezar algumas orações; mas, como por causa do sono, deixava de continuar, logo tornava a sentir os mesmos tormentos. Eu os provi de algumas relíquias, para que Deus, por meio delas, os defendesse destas vexações diabólicas».

«Uma coisa que vi, me fêz cuidar que sòmente serviam os demónios a êste rei de ministros para estes castigos, e que, para outros efeitos, lhe apareciam em diversas figuras; e foi que, estando êle assentado no alpendre * da igreja, * Fl. 228 v.
dando ordem à obra que nela se fazia, lhe trouxeram uma cobra da grossura de uma coxa, enroscada e feita em um novelo, sem lhe aparecer cabo nem cabeça, pintada e lavrada das mais vivas côres, e mais perfeitos lavores, que nunca vi em animal algum. Indo eu à igreja, o achei com ela nos braços, afagando-a e

correndo a mão por ela, como se fôra uma criança. Fiz eu o mesmo, para ver se tinha alguma aspereza, e nenhuma lhe achei, antes uma brandura mui grande: chamam-lhe os da terra raínha das cobras».

«Um português me contou que, vendo uma à porta de sua casa, e indo para lhe dar com um pau, se enroscara tôda, sem lhe aparecer a cabeça; e por lhe irem à mão os negros da terra, deixou de descarregar o golpe sôbre ela. Pela qual propriedade não deixo de cuidar se porventura são estas as cobras de que fala o Senhor, quando diz: *estote prudentes sicut serpentes*, por serem (1) debuxo dos verdadeiros cristãos, que antes querem receber em si os golpes dos perseguidores da Fé, que deixá-los cair sôbre Cristo, sua cabeça. Levou pois o rei para sua casa esta cobra; e, porque logo começou a falar do baptismo e coisas de nossa santa Fé diferentemente do que antes falava, concorrendo com isto a vinda do judeu e sua falsa doutrina, tive grande suspeita que o diabo se lhe metera em casa por aquele modo e naquela figura, para lhe aconselhar e persuadir que desse crédito ao falso prègador de Mafoma, e antepusesse suas mentiras à verdade da lei evangélica».

«Foi esta súbita mudança do rei mui estranhada de todos, e sentida dos que desejavam ser cristãos. Eu, antes de me resolver no que faria (2), além de encomendar o negócio muitas vezes a Deus, busquei todos os meios que pude, para o reduzir aos primeiros propósitos; mas, porque sempre o achei pertinaz
* Fl. 229. em sua opinião, entendi que * não era honra de Deus baptizá-lo com as condições que êle queria, e que, não se baptizando êle, não tinha eu que fazer naquele reino; por que nenhum dos seus, ainda que desejasse muito ser cristão, o ousaria fazer, pelo grande temor que teem dêle. Tratei de minha tornada, dando-lhe as razões que me moviam a isso, e pedindo-lhe que me desse carregadores, que me trouxessem, metendo alguns terceiros, para que me não detivesse; porque de outra maneira era necessário esperar cinco ou seis meses, por irem tomando as ribeiras muita água, e carecerem de pontes e embarcações, para as passar. Êle, ainda que me dava boas esperanças, ia-me detendo, ora com umas escusas, ora com outras, sem chegar à obra. Nisso comecei a cuidar que me queria reter, por razão de estado, como já fêz El-Rei de Angola a outro Padre nosso, e que, se Deus lhe não fizesse fôrça, nunca me deixaria sair de seu reino».

«Vendo pois que as ribeiras iam crescendo cada vez mais, e deminuindo-se as esper[anç]as de minha tornada fundadas no rei, tratei de as pôr em só Deus, e ir-me só com um negro que me acompanhava. Mas não foi o Senhor servido que chegasse a isto, porque, antes de o pôr em efeito, veio recado ao rei, que era chegado ao pôrto que disse, um navio de Balravento, em que vinha um português, grande seu amigo, que dali se fôra havia algum tempo. Foi mui grande a alegria que recebeu com esta nova, e assim, para que o trouxessem, achou logo carregadores, que para mim fingia faltarem-lhe, pela ocupação das sementeiras. Veio finalmente, e com êle o remédio que Deus tinha ordenado, para me tirar do apêrto em que estava; porque a êste, antes que fôsse a Balravento, tinha o rei comunicado os desejos que tinha de ser cristão, e de que eu o fôsse

(1) *Nt.:* terem.
(2) *Nt.:* fazia.

baptizar; e por êle me tinha escrito * o mesmo algumas vezes, prometendo que * Fl. 229 v.
queimaria as nóminas dos bexerins e os seus ídolos; e porque, pela informação que lhe deram, entendeu a mudança que tinha feito, logo nas primeiras práticas que com êle teve, lho estranhou quanto pôde; mas, vendo com quanta razão eu lhe negara o santo baptismo, e pretendia tornar-me, acabou com êle que me desse carregadores para isso. Deu-mos finalmente, mas com mostras claríssimas de que os dava contra sua vontade; e assim, por não dar todos os que me eram necessários, me obrigou a deixar lá algumas coisas que me fizeram depois muita falta; mas contentei-me com me ver livre dêle, e lhe tirar das mãos, por meio do mesmo português, o moço seu filho que eu tinha baptizado».

«Antes de entrar no sucesso da minha tornada, quero dizer o que com êste rei me aconteceu, quando cheguei à sua povoação. Como as casas que tinha feito para mim, estavam frescas e enterreiradas de novo, e por esta causa mui húmidas, pareceu-me que não convinha dormir nelas. Soube-o êle, e fêz-me aparelhar logo uma das casas em que morava, que são grandes e teem muitos aposentos. Passada esta primeira noite, tratámos de outro agasalhado, porque aquele não me convinha, pela vizinhança de suas mulheres; e apontando eu em uma casa redonda, que estava pegada com a nova que tinha feito para mim, soube que era dedicada aos demónios, e servia de ter nela os seus ídolos; contudo, disse que dormiria nela, se o rei a despejasse, sem dar a entender que sabia o que nela tinha. Tratou-se isto sem mim, e o rei se resolveu, ainda que muito contra sua vontade, em a despejar, parte porque não havia perto da igreja outra em que me pudesse gasalhar, emquanto se enxugavam as novas, e parte porque eu não viesse a saber dos ídolos que nela * tinha. Fêz-se assim em minha ausência; * Fl. 230.
mas não puderam despejá-la tão bem, que não achasse, quando entrei nela, os assentos ou nichos em que estavam os ídolos e algumas coisas de seu serviço; mas dissimulei, e dormi daí por deante nela, sem temor algum, ainda depois de negar ao rei o santo baptismo, e saber os ministros que tinha, para se vingar dos que queria; não deixei de imaginar, que por êles me mandaria fazer de noite algum mal; mas parece que, ou se não atreveu, ou Deus não deu licença aos demónios para isso».

CAPÍTULO III

Das coisas, que o Padre fêz, tornando de Bena, e do que no caminho lhe sucedeu, e de alguns ritos destas nações

«DESPEDI-ME finalmente do rei, encomendando-lhe que pedisse a Deus muitas vezes o alumiasse, e dando-lhe palavra que tornaria ao seu reino e o baptizaria, se êle tirasse os impedimentos que havia para isso. Prometeu-me que o faria assim, e depois de me acompanhar um pedaço, o fiz tornar, sem lhe dar a entender que vinha agravado dêle, e dei princípio à minha tornada, na qual houve algumas dificuldades, maiores que à ida, assim por irem já as ribeiras mui crescidas, como por me obrigarem os carregadores a vir a pé, grande parte do caminho; porque, como não vinham já de tão boa vontade como

à ida, a cada passo me punham no chão, e não me tornavam a tomar, senão
*Fl. 230 v. quando queriam. Mas na * derradeira jornada me consolou o Senhor sôbre a
medida dêstes trabalhos, e de todos os que até ali tinha padecido; porque estando eu recolhido debaixo de uma choupana com tôda a mais gente, por causa de uma trovoada que sobreveio, um moço português que eu tinha deixado na Serra Leôa, chegou a mim, sem eu o sentir, por estar rezando as Vésperas, e abraçando-me pelos pés, me saüdou com estas palavras: Alvíçaras, Padre, que tem Vossa Reverência Padres do Reino; e juntamente me meteu nas mãos uma carta do Padre Manuel Álvares, em que me dava conta de sua vinda, e dos Padres, que ficavam na ilha de Santiago».

«Pode-se cuidar a alegria que com esta nova sentiria, pois a mim me faltam palavras para o declarar. Mas foi o Senhor servido de ma aguar cedo; porque chegando à povoação, o maioral dela começou um chôro solene, por um negro principal, que ali morreu; e porque nestes choros se bebe muito vinho, por esta causa, e por estar mui sentido de um português, senhor do navio em que veio o amigo do rei de Bena, jurou muitas vezes que, se vinha à sua aldeia, o havia de matar e a todos os portugueses com êle. Mandei logo aviso disto a êste português, porque não viesse àquela aldeia nesta conjunção; mas, não o achando o que levava a carta, veio sem saber o que passava. Disse-lhe (1) eu, e pedi-lhe que o remediasse. Zombou disso, mas depois entendeu que não acertara; porque, quando mais descuidado estava, o negro que é mui temeroso, saíu de sua casa com uma adarga de rota embraçada (2), algumas azagaias na mão esquerda, e uma na direita, dizendo: Mata, não fique português nenhum. Escassamente (3) acabava de dizer estas palavras, quando saíram todos os seus, uns com azagaias, outros com arcos e frechas, repetindo o mesmo com altas vozes,
*Fl. 231 e arremeteram com tanto ímpeto ao português, que até as mu*lheres que havia
na casa, vieram fugindo para a banda da casa em que eu estava. Um português com outros cristãos se ocolheram a mim, como se eu os pudera defender; outro se deitou de uma rocha abaixo, para se salvar no mato. Eu, porque ouvi nesta revolta a pancada de um arco, quando o dispa[ra]ram, entendi que o tiro se fizera ao português, e que o negro ia executando o que jurara; e assim me aparelhei o melhor que pude para o receber, quando chegasse a mim, pedindo a Deus perdão de meus pecados e oferecendo-lhe a vida. Mas, como não era digno de a perder por seu amor, sucedeu, ordenando-o assim a divina providência, que, quando o negro ia para fazer o tiro no português, correram de-pressa e tiveram mão nela um seu irmão mais velho e a mulher principal, a quem êle tem muito respeito».

«Passado algum tempo, e estando já êste negro mais livre da perturbação, que o vinho nele causara, mostrou grande sentimento do que tinha feito, e para se reconciliar com o português, lhe levou não sei quanta quantidade de oiro. Eu, com esta ocasião, me despedi dêle, e me embarquei com o mesmo português para o pôrto de outro reino, aonde (como já disse) nos tinha Deus livrado de outro perigo semelhante a êste».

(1) *Nt.*: disselhe.
(2) *Nt.*: embaraçada.
(3) *Nt.*: escaçasamente.

«Para que se entenda o que disse do chôro desta aldeia e efeitos dêle, e se veja a ignorância desta gente, e o domínio que o diabo tem neles, quero aqui declarar brevemente o modo como se fazem. Morrendo alguém em alguma aldeia, mandam logo aviso a todas as aldeias em que vivem alguns parentes seus, os quais são comummente muitos, pelas muitas mulheres que teem, do qual pode ser exemplo o que um filho de Farma, o primeiro rei Mane dos Lóguos, me disse de seu pai, que chegou a ter setenta e dois filhos machos e cincoenta
e duas filhas, * e que dêle e dêstes filhos teem procedido e são vivas mais de *Fl. 231 v.
três mil pessoas. Por esta causa, e por casarem em diversas aldeias, é necessário levar-se a tôdas elas a nova do falecimento de seu parente, a qual tanto que chega a alguém, assim se põe tôda em pranto, como se o defunto fôra natural dela. Partem-se logo seus parentes e amigos, para se achar[em] no enterramento de seu corpo, levando cada um conforme a sua posse, uns oiro e panos de vestir, outros algumas coisas das que os portugueses trazem a estas partes».

«Chegando à aldeia em que está o defunto, entram nela chorando com grandes clamores, os quais vão crescendo cada vez mais, com o concurso da gente que os vem receber. Do oiro e mais coisas que trazem para o enterramento, fazem três partes: uma enterram com o defunto; outra dão ao rei da terra; outra entregam ao parente mais chegado, a cuja conta está o pranto, para os gastos que nele há de fazer. Os reis e outros manes grandes enterram de noite mui secretamente, achando-se sòmente presentes alguns parentes mais chegados; e a causa deve ser, porque enterram com êles, àlém de outras coisas, o oiro que na vida entesoiraram para isso, que é ordinàriamente muito; e não querem que se saiba onde estão enterrados, porque o não vão furtar; e para que não fique sinal da cova, enterram-nos em alguma parte por onde corre alguma ribeira, desviando a água, emquanto fazem êste ofício, e deixando-a depois correr, como dantes».

«Além das coisas que disse, enterram também com estes reis algumas pessoas de seu serviço, homens e mulheres, para que tenham na outra vida criados que o[s] sirvam. Os outros que morrem, enterram-nos nas aldeias, e com êles a parte que lhes cabe das coisas que seus parentes e amigos trouxeram, como já disse: e o mais que ganham e adquirem, é para êste fim, por crerem e lhes
ter o dia*bo persuadido que hão de achar na outra vida o que com êles se *Fl. 232.
enterra. Se o defunto era pessoa principal, alevantam-lhe sôbre a cova uma casa, a qual armam com panos e outras coisas que deixam ali, até que apodrecem, e a estas casas vão os parentes falar com os defuntos, e dar-lhes conta de seus trabalhos, para que roguem a Deus os livre dêles».

«Feito pois o enterramento, tornam-se todos para suas casas, com as palhas do chôro, (que é seu modo de contar, para saber o dia em que se há de começar); e para se fazer com mais solenidade e ficar memória do defunto, ajuntam neste tempo muitas coisas de comer e beber, como arroz, vinho, galinhas, cabras e algumas vacas, se o defunto era nobre. Acabadas as palhas, acode muita gente, de tôda a sorte, ao chôro, ou para melhor dizer, à festa dêle, porque êsses dias que dura, não intendem em outra coisa, senão em comer, beber, bailar e cantar. Isto fazem principalmente algumas noites a réu, sem nunca descansar; e como os instrumentos em que tangem, soam muito, e no canto se ajuntam as vozes de todos, assim como êles não dormem, assim não deixam dormir os que não vão

ao chôro; pela qual causa, visto o prejuízo que nos faz a falta de sono, ainda que temos as igrejas nas aldeias, imos afastando delas as casas de nossa habitação. O louvor do defunto e do parente que tem o chôro a seu cargo, consiste em não poder a gente, por muita que seja, vencer o que lhe oferecem para comer, e em ser tanto o vinho, que se enxergue nos muitos que andam tomados dêle».

«Quando algum rei destas partes quer fazer alguma festa grande, chama-lhe também chôro, com título de seus antepassados, e para êle manda convidar
* Fl. 232 v. outros reis e senhores seus vizinhos; porque, como se comunicam * por esteiros e braços do mar, e teem muitas embarcações, podem-se ajuntar, sem muita dificuldade. Assim o fêz êste ano um rei dêstes; e, porque juntamente pretendia tratar com os manes um negócio que a todos êles importava muito, mandou também convidar a El-Rei Dom Pedro, por ser o mais antigo rei desta nação, e tido de todos por oráculo de seus conselhos. Êle se escusou muitas vezes, alegando sua muita idade e que era cristão; mas, porque os recados que lhe mandou, e os meios de que usou para lhe persuadir isto, foram muitos, e um dêles mandar-lhe dizer que já os convidados estavam juntos e as coisas para o chôro aparelhadas, mas que todos se haviam de tornar, e o chôro se não havia de fazer, se êle não ia, resolveu-se em ir, e respondeu que se estava fazendo prestes para isso. Como os que estavam juntos tiveram esta certeza, entendendo que, se Dom Pedro ia, antes de fazerem o que tinham determinado para dar princípio ao chôro, não lho havia de consentir, por ser cristão, fizeram-no sem êle, e foi que levaram ao mato algumas vacas e uma môça, muito bem vestida e adereçada, ao seu modo, e depois de algumas cerimónias, que o diabo lhes tem ensinado, sacrificaram esta môça e as vacas aos reis seus antepassados».

«Chegou finalmente Dom Pedro, com muita gente de guerra, (porque se não fiam estes reis uns dos outros), e alojando-se em lugar apartado da outra gente, procedeu sempre como cristão; e, porque o tempo era de quaresma, ainda que os outros comiam carne, nunca se pôde acabar com êle que a comesse. Acabado o chôro, em que houve grande abundância de comer e beber, com muitos tangeres e bailos e outras festas, Dom Pedro se tornou para o seu reino, deixando aqueles gentios mui edificados, e com grande opinião de nossa santa Fé, e alguns
* Fl. 233. movidos a seguir seu exemplo e conselhos; * e em sinal disto, um grande seu amigo, que há de suceder no reino onde se fêz esta festa, lhe entregou um filho seu, para que o ensinássemos e fizéssemos cristão, como fizemos».

CAPÍTULO IV

Prossegue o Padre seu caminho, e o que nele lhe sucedeu

«TORNANDO à minha saída do reino de Bena, vindo eu mui confiado na palavra que me tinha dado o português que disse, de me levar à Serra Leôa no seu navio, ou em uma varina que consigo trazia, não o fêz assim, dando por razão, que nem êle, nem algum dos seus tinha experiência daquela costa e barra dela, e que o tempo era de águas e ventos contrários. E assim me foi necessário cometer o caminho, parte por terra, e parte por rios

e esteiros, indo em almadias de ilha em ilha, e de pôrto em pôrto, e passando alguns lugares, tão cerrados de mangues e tão impenetráveis, que para nos não perdermos, era necessário levar gente da terra, que tivesse experiência dêles, e soubesse o ponto da maré, em que se havia de cometer; porque até o meio serve o fim da enchente, e daí por deante o princípio da vasante, e mais andam as almadias puxando a gente pelos paus que acham deante, que com os remos. Em cada sangre dêstes, que assim se chamam, gastámos três e quatro horas, maravilhan*do-me eu muitas vezes dos negros que nos guiavam, que eram tantas * Fl. 233 v.
as voltas que davam com as almadias para uma parte e para outra, que não sei como lhes bastava a memória para não errar os passos, especialmente uma vez, que passámos de noite pela conjunção da maré, ainda que fazia luar e levávamos algumas luminárias».

«Nestes princípios, pareceu-me isto trabalhoso, e desejava chegar já a terra firme, cuidando que me custaria menos caminhar por ela; mas não foi assim, porque, como a chuva era contínua; àlém de virmos quási sempre molhados, encontrávamos tão grandes lagoas, que era necessário muito tempo para as passar, o que eu fazia sôbre os ombros de algum negro, alto de corpo que escolhia, por me não molhar; e pôsto que em algumas ribeiras e passos, onde se não tomava pé, achávamos algum modo de pontes, eram elas tais e de paus tão delgados e mal atados, que nos convinha ir por êles muito atento, sem largar a mão té um pau de pegar em outro».

«Desta maneira vim caminhando, ora em ombros de negros, ora a pé, perdendo algumas vezes o caminho, e dando em brenhas tão cerradas, que era necessário irem alguns negros deante cortando paus, e abrindo-me buracos, por onde furasse com menos arranhaduras de espinhos. Mas com estes trabalhos, sempre Deus, àlém dos favores espirituais, misturava alguns corporais, com o bom gasalhado que nos faziam nas aldeias por onde passávamos; e em particular, no-lo fêz o grande Fatema, rei dos Boulões, o qual achámos fora da povoação, em que tem o seu assento em um chicale, que assim chamam as aldeias pequenas».

«Aqui chegámos de noite, alumiando-nos não com tochas de cera, senão de palha; porque destas se servem cá, sem se aproveitar da muita cera que teem. Saíu-me o rei a receber, abraçando-me, com mostras de muito amor, porque já nos conhecíamos de outra vez que nos tínhamos visto. Deu-me muitos parabéns da * vinda, levou-me pela mão a uma casa que tinha mandado aparelhar, com * Fl. 234.
grande fogueira, como êles costumam, para me enxugar e aquentar. Tive com êle grandes práticas sôbre o negócio de sua salvação, trazendo-lhe à memória algumas coisas que já lhe tinham declarado àcêrca de nossa santa Fé. Mostrou-se mui lembrado delas e desejoso de ser cristão. Disse que primeiro queria fazer outra povoação, em que morasse a par do mar, para que com mais facilidade pudesse eu i-lo lá ensinar. Pretendeu deter-me ali alguns dias; escusei-me o melhor que pude, pelos grandes desejos que levava de acabar aquela jornada. Despedido dêle, e estando já aparelhado para me partir, chegaram não sei quantos velhos cassanes de sua casa, e depois de algumas desculpas que me deram da sua parte, do pouco gasalhado que me fizera, a principal das quais era estar fora de sua casa, me ofereceram uma manilha de oiro, que me mandava para os

gastos do caminho. Tomei a manilha nas mãos, rindo-me, e tornando-a aos que ma trouxeram, mandei dizer ao rei que lha agradecia muito, mas que nós não vínhamos buscar oiro, nem outras coisas da terra, senão almas para o Céu, e que mais estimaria levar lá a sua, que todo o oiro que êle tinha e todo o que havia no mundo. Maravilharam-se disto assim êle como os seus, e acabaram de entender que sòmente tratávamos da salvação de suas almas».

«Neste reino achei um cristão crioulo, da ilha de Santiago, que havia muitos anos vivia como gentio, sem mais diferença que enxergar-se nele ainda algum lume da Fé. Estranhei-lhe, quanto era razão, o estado em que estava, e o não se ter ido confessar comigo, depois que vim a estas partes, podendo-o fazer. Conheceu-se e humilhou-se, e prometeu que viria cumprir com esta obrigação, * Fl. 234 v. e que traria consigo um filho que tinha, de de*zassete, ou dezóito anos, para eu o baptizar e instruir nas coisas de sua salvação, o qual cumpriu daí a algum tempo; e o filho, depois de baptizado, ficou encarregado a um português casado, que o cria e ensina com muita caridade, e êle se foi a buscar isso que tinha, para se vir morar entre os cristãos».

«Também achei um alemão, que tomaram com certos corsários, nas ilhas que chamam dos ídolos, pertencentes ao mesmo Fatema; e por ser grande tangedor de trombeta bastarda, lho mandaram. Falava já bem a língua da terra, e vivia como os outros gentios, tão contente, que nem consentimento quis dar para que eu o pedisse (1) ao rei; e também fôra dificultoso tirar-lho das mãos, porque ia ensinando a tanger a alguns moços da terra. É lástima ver como andam estes homens entre gentios, sem se lembrar[em] que são cristãos, e sem se quererem apartar dêles, pela largueza e liberdade de consciência em que vivem. Em Bena achei três ou quatro, tão arreigados na terra, que por mais que fiz pelos tirar dela, com nenhum dêles o pude acabar».

«Desta maneira vivem, e desta acabam a vida, sem Deus e sem os bens temporais, que com tanto trabalho adquirem, porque tudo herda o rei da terra em que morrem. Depois achei um índio, que há muitos anos anda nestas partes; e pôsto que estava em outra aldeia afastada, mandando-lhe eu pedir que se visse (2) comigo, o fêz. Repreendi-o, por andar daquela maneira, e acabei com êle, me desse palavra que se viria comigo, para se confessar e viver entre cristãos. Estando já para nos partir, desapareceu dali, com achaque de ir buscar * Fl. 235. seu fato. Temo que * o castigue Deus, como fêz ao outro, que tendo-me dado a mesma palavra, se escondeu ao tempo da partida, e se tornou a engolfar nos vícios em que antes vivia, e nêles acabou a vida, porque aqueles de que mais se fiava, o mataram, por lograrem aquilo que tinha».

«Dois dias depois de me apartar de El-Rei Fatema, me fês o Senhor mercê que acabei a última jornada, com tão boa disposição, como se viera dalguma recreação, e com tanta alegria e consolação, quanta se pode cuidar receberia com a vista do Padre Manuel Álvares, que para mim foi, como se Deus me mandara visitar por um anjo do Céu, assim por me ver já com companheiro,

(1) *Nt.*: pedisse disse.
(2) *Nt.*: viesse.

e tal companheiro, como por haver perto de três anos, que me não confessava, e o poder já fazer com êle. Do alvorôço do Padre, quando me viu, e da caridade com que me recebeu, e gasalhados que me fêz, pudera dizer muito, se não fôra isso tão próprio dos filhos da Companhia, quando se ajuntam em semelhantes peregrinações».

«Do pôrto em que estava, nos fomos pouco depois para o da ilha de Caracore de El-Rei Dom Pedro, por termos ali casa e igreja, e sermos lá mui desejados dos portugueses e mais cristãos que ali moram. Visitámos de caminho o rei que estava em outra povoação da terra firme; recebeu-nos com grande alegria e mostras de amor; e porque o achámos mal disposto, procurámos persuadir-lhe que se mudasse para a ilha, e lá fizesse seu assento entre os cristãos, pois êle também o era».

«Deu-nos palavra disso, e assim o cumpriu dentro de poucos dias, de que se seguiu muita glória de Deus e bem das almas de seus vassalos; porque, como de todo o reino acodem a êle, serve isto de ver as imagens e ornato delas, e os divinos ofícios, que celebramos na igreja, e o modo com que procedem no cristianismo os já con*vertidos, e de ouvirem as prègações e doutrinas, e o que nelas * Fl. 235 v. se trata àcêrca de seus enganos, e da verdade de nossa santa Fé; e assim se começaram logo a fazer muitos baptismos, entre os quais foi mui notável o de um negro, que era mestre de todos, e o mais sábio das cerimónias de seus ídolos. Vindo êste a Caracore, porque sua morada era em outra parte, notou mui particularmente as coisas que viu na igreja, e ouviu em uma doutrina; e ficou tão alumiado e tão tocado de Deus, que logo pediu com muita instância o santo baptismo; mas quisera que se não soubesse esta sua pretensão, senão depois de baptizado, por temer que alguns lho impedissem, especialmente o filho do rei, herdeiro do reino, que o tinha consigo como oráculo; mas pareceu-nos melhor que o baptismo se fizesse pùblicamente, para mais confusão do diabo e dos gentios, que tanto caso faziam dêste seu mestre; e assim se fêz, depois de bem catequizado, e de se dar conta de sua conversão e desejos a El-Rei, deante do mesmo seu filho, que êle temia. O rei festejou esta conversão, como coisa milagrosa, alevantando as mãos ao céu muitas vezes, dando graças a Deus pela luz que comunicara a êste seu vassalo. O filho não sòmente não foi contra isso, mas mostrou e ofereceu para o mesmo também o filho morgado, que é de pouca idade; mas, porque o menino começou a chorar com mêdo, dilatámos seu baptismo para outro tempo».

«Baptizado Manuel, que assim lhe pôs nome o Padre Manuel Álvares que o baptizou, foi logo à sua aldeia a buscar o ídolo que lá tinha; e trazendo-o, o deitou no chão, deante do Padre e de outros que se acharam presentes, e pôs em cima dêle os pés, confessando sua cegueira e mostrando grande sentimento do tempo que viveu nela. Ajudando-se dêste exemplo, Dom Pedro (1) dizia muitas vezes aos seus, para lhes persuadir que * deixassem suas falsidades e recebessem (2) * Fl. 236. nossa santa Fé: —¿Eu não adorava em Manuel Cubé e tinha por infalível o que me dizia? Ei-lo agora cristão; já zomba de tôdas as chinas, já as põe debaixo dos pés».

(1) *Nt.*: q̃ D. Pedro.
(2) *Nt.*: recebemse.

«Tem-nos maravilhado a constância dêste novo soldado de Cristo nos trabalhos que Deus permitiu padecesse, depois de ser cristão. Alguns gentios, que sabiam a prosperidade em que antes vivia, e vêem agora as adversidades que chovem sôbre êle, tomam daqui ocasião para condenar o que fêz, e lho lançar em rosto; mas, pela bondade de Deus, assim se há em tôdas estas coisas, que pode ser exemplo a muitos cristãos antigos. Os portugueses que antes o conheciam, e agora o vêem tão inclinado às coisas de Deus, tão devoto, humilde e exemplar, não se fartam de louvar ao Senhor, e dar-lhe as graças pelo que tem obrado nêle; e as mesmas lhe dá êle contìnuamente, por se ver fora do cativeiro em que vivia, quando era gentio; porque, espantando-o antes o diabo muitas vezes, especialmente em sonhos, e não lhe aproveitando os remédios que fazia, para se ver livre dêle, nunca mais sentiu isto depois que recebeu o santo baptismo. Ria-se também de si mesmo, porque tinha mandado que, quando morresse, o enterrassem com suas armas, para se defender com elas do diabo no outro mundo. Tal é a ignorância dêstes gentios, e tal a opinião que teem da outra vida, o qual não é pequeno impedimento para sua conversão; porque tôdas as coisas de lá medem pelas de cá, cuidando que são corporais, e que assim usam delas na outra vida, como usavam nesta; nem se persuadem que há inferno, senão que todos os que morreram, vão aonde está Deus; e quanto cá eram maiores, tanto lá valem mais com êle; e assim, em seus trabalhos, se encomendam a êles,
*Fl. 236 v. como já disse, e lhes fazem algumas ofer*tas, para que roguem a Deus os livre dêles».

«Mas, para acabar o que ia dizendo do nosso Manuel Cubé, primeiro buscou a Deus pelo santo baptismo, como fica dito, e depois, segundo a ordem da caridade, trouxe a êle uma só filha que tinha, de seis ou sete anos; e dos outros próximos procura trazer quantos pode, fazendo ofício de prègador, onde quer que se acha».

«Foi também de muita edificação, e causou em todos grande espanto a conversão de um filho de El-Rei Dom Pedro, que há anos vive por si, e é senhor de vassalos. Êste tinha já dois filhos cristãos, que nós baptizámos; e parte pelo que êles lhe diziam, parte pelo que êle via e ouvia em Caracore, achando-se muitas vezes presente aos divinos ofícios, e ouvindo as prègações e práticas da doutrina cristã, ia cada vez mais afeiçoando-se à nossa santa Fé; e, pôsto que dissimulou algum tempo a vontade que Deus lhe dava de ser cristão, não podendo encobrir mais estes desejos, deu conta dêles a El-Rei seu pai, que se alegrou sobremodo com sua conversão; e, para mais o confirmar nesta vontade, lhe disse muitas coisas (1) em louvar de nossa santa Fé, conforme a luz que Deus lhe tem comunicado, e, para que acudissem a êle e o festejassem, como merecia. Fizeram-no assim não sòmente estes, mas também outros muitos que o souberam trazendo todos seus presentes, e os instrumentos que tinham de festa. Foi esta conversão de muita importância e glória de Deus; porque, como a gente era muita, e o que se baptizava, temido de todos, por ser grande comedor de carne humana, e executor dos castigos que se davam aos malfeitores, maravilhavam-se
*Fl. 237. de o ver tão mudado, e de lôbo convertido em cordeiro, e diziam que era gran*de

(1) *Nt.*: muytas vezes.

o Deus que tais mudanças fazia, porque logo abominou êste costume tão bárbaro, e se vestiu da piedade cristã, e lançou fora de sua casa as vasilhas e instrumentos desta abominação».

«Mas, porque não pareça que só êle a conservava, tocarei aqui brevemente a origem dela. Haverá obra de sessenta anos, que certa nação de gente bárbara, por não caber já nas terras em que nasceram e se criaram, saíram para buscar outras para sua vivenda. Estes em Congo se chamam jacas, e em Angola, gindas; na India, zimbas; na Etiópia do Preste João, galas; e nestas partes, çumbas, o qual nome mudaram em manes. Seu comer, quando vinham caminhando, era carne humana, a qual coziam com palmitos, ou olhos de palmeiras, despovoando desta maneira as terras por onde passavam, de seus moradores, e destruindo os palmares que são como vinhas e olivais entre nós, porque destas palmeiras tiram o seu vinho e azeite. Na guerra usavam as adargas de rota, tão grandes, que lhe cobriam o corpo todo; e para meter espanto e temor à gente, nenhum havia que não levasse algum pé, ou mão, ou outro membro humano entre os dentes, atravessado na bôca; a qual vista bastava para pôr em fugida grandes exércitos, que lhe saíam ao encontro. Estes, depois de destruir o reino do Congo, em tempo de El-Rei Dom Bernardo, governando êste reino de Portugal a raínha Dona Catarina, vieram conquistando as terras e reinos vizinhos ao mar, ficando uns em uma parte, e outros em outra, até chegarem a esta Serra Leôa e reinos vizinhos a ela, onde pararam, por acharem a terra fértil e de bons ares».

«Assentados já e quietos nestas partes, foram pouco e pouco deixando o uso de comer carne humana; mas, atègora, nem êles nem seus descendentes o deixaram de todo, porque ainda comem * os que matam na guerra, ou por algum *Fl. 237 v.
delito que cometem. Dos capitães que vieram com esta gente, só vive El-Rei Dom Pedro, que parece o guardou Deus atègora, e lhe vai conservando a vida, com fôrças de mancebo, passando já de cento e trinta anos, para ser glorificado nêle, e o tomar por instrumento para a conversão desta gentilidade. Êle me disse que puseram dez anos no caminho, por causa da guerra que vinham fazendo por onde quer que passavam, e está ainda lembrado do castelo da Mina, e dos tiros, com que se defendeu dêles».

«Ainda que sòmente pretendi dar notícia desta gente, pelo que toquei da carne humana que comiam, serve (1) também para se estimar mais o que Deus vai obrando neles; porque, quanto é maior e mais antiga a posse que o diabo tem de suas almas, tanto deve ser mais glorificado o Senhor, por os livrar dêste cativeiro, e os fazer ovelhas de seu rebanho pelo santo baptismo».

«Mas, tornando ao nosso Dom Cristóvão, filho de El-Rei Dom Pedro, que assim se chama o novo soldado de Cristo, de que ia tratando, a primeira coisa que fêz, depois de ser cristão, foi persuadir a tôda a gente de sua casa, que fizesse o mesmo que êle tinha feito; e assim nos trazia cada dia ora uns ora outros, para os catequizar e fazer cristãos. Nestes entraram três filhos seus, além dos dois que disse, e suas mães; e aonde quer que se achava, fazia o ofício de prègador, engrandecendo as coisas de nossa santa Fé, e declarando a

(1) *Nt.*: seruia.

cegueira e enganos em que vivem os que não são cristãos. Indo ao reino de Dom Filipe, e visitando-o, vieram a tratar desta matéria; e, porque estavam presentes alguns gentios, tomando a mão, disse muitas coisas contra as suas chinas, e contou, que antes de ser cristão, sempre sonhava com o diabo e coisas espantosas, e que, entre os outros enganos em que * vivia, um era que, se comesse com alguma mulher, ou partisse com ela do que comia, logo havia de inchar e morrer; mas que, depois que recebeu o santo baptismo, dormia muito quieto, e dava do que comia às mulheres de sua casa, sem lhe vir por isso mal algum; e juntamente se mostrava magoado pelo que tinha gastado com as chinas, cuidando que sua vida e saúde e o bom sucesso de suas coisas dependia delas. E não mostravam pouco estas práticas e outras semelhantes, porque com elas movia ora uns ora outros a que desejassem e pedissem o santo baptismo».

* Fl. 238.

«Êste zêlo lhe começou Deus a pagar logo; porque tendo-o deixado grande parte de seus vassalos, por ser coisa usada nestas partes, quando a gente fôrra desgosta de um senhor, passar-se para outro; tanto que souberam ser já cristão, logo se tornaram para êle, trazendo-lhe seus presentes, e dando-lhe os parabéns da mercê que Deus lhe fizera, e oferecendo-se para o servir tôda a vida. Foi também visitado de outros muitos, assim parentes como amigos, louvando todos a mudança que fizera, e mostrando desejos de o seguir. El-Rei Dom Pedro, seu pai, não havia contentamento que lhe chegasse a o ver e ter a par de si; punha-o à mêsa consigo, aconselhava-se com êle, e fazia-lhe outros favores, em que o avantajava ao morgado. Falando com os portugueses o dia de seu baptismo, dizia: — Os Padres me deram hoje um filho, que eu nenhum tinha — entendendo que os não conhecia por tais, emquanto não eram cristãos; e, para declarar mais o amor que lhe cobrava, e a conta que fazia dêle, chegou a lhe prometer que a êle só havia de descobrir, antes de sua morte, onde tinha o seu tesoiro, que é o último a que estes reis chegam. Finalmente, oferecendo-se um negócio com Fatema, rei dos Boulões, não quis mandar outro a o tra*tar, senão a êle, parte para o honrar, e parte por ser sobrinho dêste rei, filho de uma sua irmã, mulher que foi sua. Levou Dom Cristóvão em sua companhia tôda a sua gente cristã, vestidos à portuguesa, e com êles um filho de mesmo Fatema, que êle tinha criado em sua casa, e trazia-o também a baptizar com os outros, pedindo-lho assim seu pai».

* Fl. 238 v.

«Foi grande a festa com que Fatema o recebeu, e as honras que lhe fêz; assentou-o a par de si, e quis que comesse com êle, dizendo-lhe que já era maior que êle, pois era filho de Deus. Tôdas as quais coisas Dom Cristóvão notava, e delas tomava ocasião para se confirmar mais na Fé que recebera, dizendo que verdadeiramente conhecia quão grande era o Deus dos cristãos, pois pelo baptismo que recebera, lhe fazia tantas e tão grandes mercês. Fatema se alegrou muito, quando viu o filho cristão e vestido à portuguesa; e porque o menino se mostrava contente, e falava algumas coisas em louvor de nossa santa Fé, disse por graça a Dom Cristóvão: — Os Padres tomam-nos os filhos; e depois de os fazerem cristãos, com êles nos fazem guerra».

«Despediu-o finalmente com algumas dádivas e grandes mostras de amor, respondendo a El-Rei seu pai que, pois todos, antes que fôssem cristãos, se aconselhavam com êle, e iam por onde os guiava, com muita mais razão o deviam

fazer agora que era cristão e filho de Deus; e que, quando a êle lhe parecesse, viria a seu reino ver-se com êle, para tratar mais em particular do que lhe mandara dizer, e de outros negócios que também lhe importavam muito».

«No tempo em que Deus ia obrando estas coisas, chegou a estes reinos uma caravela da ilha de Santiago, com cartas do governador e outras pessoas, em que me diziam ter o Senhor levado para si ambos os Padres que lá estavam. Não sei com que palavras possa declarar a V. R. * a desconsolação que recebi com esta nova, e o sentimento que tive de perder tão bons companheiros, e aquela ilha tão grandes obreiros. Seja o Senhor louvado, que assim o ordenou por seus secretos juízos. Antes de saber que eram vindos à ilha, tinha eu escrito, que logo como chegassem, se saíssem da cidade, e se fôssem para algum sítio dos que se teem por sadios, e nele residissem até serem provados da terra; mas não foi Deus servido que estas cartas chegassem a tempo que pudessem aproveitar, por se deterem em alguns portos mais de seis meses; e, como faltaram estes avisos aos Padres, e êles vinham dêsse reino com grande sêde da salvação das almas, assim se arremessaram aos trabalhos e exercícios com que as podiam ajudar, como se não foram de carne sujeita a doenças e morte. Porque, como aquela gente é naturalmente pia, e muitos ocostumados a se confessar com os Nossos no tempo que viveram, e outros desejavam fazer o mesmo, acudiram a êles tantas confissões, que escassamente lhes davam tempo para comer e descansar».

* Fl. 239.

«A êste trabalho ajuntavam o das prègações aos Domingos e dias santos, e doutrinas de cada dia, e o das lições de Latinidade, e casos de consciência e outros ministérios, que são próprios da Companhia, tomando carga sôbre si, não de dois que eram, senão de um Colégio inteiro, e não em terra natural, senão mui contrária à natureza dos estranjeiros. Êles foram ditosos, pois mereceram que se possa dizer de cada um: *consummatus in brevi explevit tempora multa*. Mas eu fiquei com o amargo de sua morte, temendo que por causa dela não sòmente se não mandem àquela ilha outros, que levem por deante o que Deus obrava por êles, mas que alcance também isto a estas partes da terra firme, e deixem de vir a ela os obreiros de que tinha tantas esperanças, por se cuidar que os pode gastar a terra, * da maneira que aquela gastou já quatro; contra o qual bastará dizer aqui que os ares de cá, especialmente os da Serra Leôa, não dão vantagem aos melhores de Portugal, e que é coisa rara morrer alguém nesta terra das doenças ordinárias nessas partes, senão ou de velhice ou de peçonha, ou de males causados do pecado da carne. E, se não digo o mais que pudera dizer, é porque não haja lá quem duvide do que disser; mas, se nisto merece crédito quem tem corrido tantas terras, a verdade é que esta é mais (1) acomodada para a vida humana que essas da Europa; porque nem tem os excessos de frios, que lá teem; nem as calmas de cá são molestas como as de lá, pela frescura dos ares que sempre correm; e assim nem é necessário aguar as casas, para se defender delas, nem usar de abanos e outros remédios que lá usam. Pela qual causa fui sempre de parecer, depois que vim a estes reinos, que a fundação do Colégio se fizesse em algum dêles, salvo se na ilha se achasse algum lugar sàdio e de bons ares, donde os Nossos pudessem sair a exercitar seus ministérios».

* Fl. 239 v.

(1) *Nt.*: a mais.

CAPÍTULO V

Do procedimento na Fé de El-Rei Dom Filipe, da Serra Leôa, e do que sucedeu a suas terras

«FALANDO em geral, procedeu sempre êste rei, pela misericórdia divina, com tanta luz nas coisas da profissão cristã, que nos deu motivo de louvar a Deus, e aos gentios de se maravilhar e animar a seguir seu
*Fl. 240. exemplo, como fizeram, ajudados também de suas ex*hortações, porque no zêlo de ganhar almas para o Céu, ninguém lhe leva vantagem. Com sua ajuda fizemos no pôrto do Salvador, que é o principal do seu reino, uma igreja, a maior e melhor que temos nestas partes. Acabou-se pouco antes da Circuncisão; no qual dia concorreram a ela muitos cristãos, que vieram por mar, de diversos reinos, ganhar o santo jubileu, concedido às nossas igrejas, nos dias de seus oragos. Houve pela manhã muitas confissões e comunhões, e à tarde um solene baptismo, deante de muitos gentios e de alguns irmãos do rei, que êle tinha mandado chamar, para solenizar mais esta festa. Baptizaram-se, entre os mais, algumas mulheres, que foram do rei passado e dêste, quando era gentio».

«A mesma mercê fêz Deus a um velho de muita idade, que é regedor desta povoação, e há muitos anos que a governa, pelas boas partes que tem para isso; e juntamente se baptizou com êle sua mulher, que parece da mesma idade. Procedem todos com tanta edificação, e acodem tão bem às obrigações de cristãos, que nos causam mui particular consolação. Os irmãos do rei, dos quais alguns são senhores de muitos vassalos e terras, teem dado palavra que hão de fazer o mesmo. Alguns se vão já catequizando para isso, e sem dúvida fôra já todo êste reino cristão, se viram cumpridas as esperanças ou palavra que lhes demos, quando se tomou posse desta conquista, que haviam de vir navios e gente para povoar a terra e fazer fortaleza na Serra Leôa; porque até verem isto, não terão por firme nossa estada nestas partes».

«Depois que fizemos naquele pôrto a igreja que disse, e casas para nossa habitação, fêz o rei também as suas, e logo se mudou para elas com sua gente, o qual nós desejávamos muito, por entender o que agora experimentamos, que é
*Fl. 240 v. grande ajuda para a conversão dêste rei*no, residir êle na mesma povoação connosco; e assim, houve depois muitos baptismos de que logo diremos, e se fizeram outras coisas de grande edificação. Adoecendo, depois desta mudança, Dom Filipe, acudiram logo seus irmãos e parentes a o visitar, e procu[ra]ram persuadir-lhe que se saísse desta povoação e se fôsse curar a outra, por ser isto costume ou superstição dêstes gentios; mas não o puderam acabar com êle, e a resposta foi que êle era cristão e cria que sua saúde dependia não da mudança de lugar, senão de Deus, e que êle a podia dar, quando fôsse servido, ainda que se não mudasse dali, e assim lha deu dentro de poucos dias, com grande consolação dos cristãos e nossa».

«Fizemos uma cruz de madeira, a qual êle nos ajudou a levar, e a arvorou em um lugar eminente do seu pôrto, cantando connosco as Ladaínhas, e rezando deante dela com muita devoção. Perto dêste lugar estava uma china, conforme

ao costume dêstes gentios, que em todos os portos as teem. Esta não parou mais ali, porque não se fizesse honra ao diabo, deante da santa cruz, em que foi vencido. O mesmo ofício se fêz a outras que se descobriram, assim na povoação, como fora dela. Foram-se também desterrando as cantigas gentílicas, sucedendo em lugar delas, a santa doutrina de dia na igreja, e de noite em um lugar público da aldeia, aonde, àlém dos cristãos, concorriam também muitos gentios, seguindo o exemplo de seu rei; e dali saíam com desejos de ser cristãos, os quais a divina bondade cumpria depois a alguns dêles».

«Àlém das mercês espirituais que Deus tem feito a êste rei, depois da sua conversão, também lhas tem feito grandes no que toca ao acrescentamento dos bens temporais e de seu estado, uma das quais foi passarem-se para êle quási todos os vassalos de um seu irmão que, por ter tanta gente, era o mais poderoso e temido * daquele reino. Foi isto mui notado dos outros reis seus vizinhos, *Fl. 241.
atribuindo todos a ser êste cristão».

«Como estes reinos se comunicam muito por mar, e sabem uns o que passa nos outros, a fama que alguns levam das coisas que vêem e ouvem de nossa santa Fé, e do bom procedimento daqueles que se convertem a ela, move aos ausentes a desejar êste bem de que carecem. Quando morreu o pai dêste rei, vieram a o chorar algumas pessoas principais de outro reino que está àlém do cabo Ledo na costa de Malagueta. Estes se acharam algumas vezes presentes aos ofícios divinos, práticas e baptismos que fazíamos; e ficaram tão ofeiçoados às coisas de nossa santa Fé e aos bons costumes que viam nos cristãos novamente convertidos, que se não fartavam de engrandecer a mercê que Deus fizera a êste rei, e encomendar-lhe que fizesse muito caso de nós, porque eram mui grandes as coisas que ensinávamos, ajuntando a isto que êles, depois que fôssem a sua terra com a resposta da embaixada que lhe trouxeram, haviam de tornar a dar volta com suas famílias para se fazerem cristãos, e viver no seu reino entre cristãos; e assim o fizeram êste ano alguns, e se andam dispondo para receber o santo baptismo, e outros ficarem esperando um navio que há de ir lá em Outubro ou Novembro, para vir nele e fazer o mesmo».

«Em outro reino que está àlém do Lóguos, fêz também grande abalo o que ouviam aos que iam de cá; e porque muitos dos principais se moveram a ser cristãos, o rei que também o desejava, me mandou pedir por diversas vias quisesse ir lá e fazer igreja no seu reino, para os ensinar e baptizar. Mas, como não somos mais que dois, e não podemos deixar esta nova cristandade, imos dilatando isto até que o Senhor mande outros que nos * ajudem a repartir o pão *Fl. 241 v.
da vida a estes e a outros que teem fome dêle, e no-lo pedem, não sem grande sentimento nosso, por lhes não poder acudir».

«No ano de 609 se fêz neste reino de Dom Filipe muito fruto, e houve algumas conversões de muita glória de Deus, de irmãos e parentes dêste rei. A primeira foi de uma sua irmã, mulher de muita prudência e ânimo varonil, a qual era mui conhecida naqueles reinos e respeitada de todos. Esta, sendo ainda gentia, depois que entendeu as obrigações dos cristãos, foi grande parte para que se efeituasse o casamento de Dom Filipe na lei da graça, e pela que então viu e ouviu, de nossa santa Fé, se resolveu de a receber, e me deu palavra que, como pusesse em ordem suas coisas, tornaria, para eu a ensinar e baptizar.

Viu-se depois comigo algumas vezes, e eu a fui catequizando; e pôsto que uma destas vezes quisera que eu a baptizara, deixei de o fazer, porque ainda se não vinha de assento para a povoação em que tínhamos nossa casa e igreja, e não me pareceu que convinha, depois de ser cristã, viver fora dali entre gentios. Mudou-se finalmente, movida de grandes desejos que tinha de receber o santo baptismo, para o qual El-Rei seu irmão, depois de preparada para êle, a foi buscar a sua casa com os portugueses da povoação, e outra muita gente, e a trouxe à igreja com extraordinária alegria. Notaram todos o grande entendimento desta senhora, e a luz que Deus lhe tinha comunicado de nossa santa Fé, pelas coisas que lhe ouviram dizer, antes e depois do baptismo, da verdade que seguem os cristãos, e da falsidade das chinas e ídolos em que crêem os gentios. Chamou-se Dona Filipa de Leão, imitando seu irmão de nome, assim como o
* Fl. 242. imitava na Fé. Foi seu baptismo mui festejado, e a fama dêle causou * grande espanto nos reis e senhores que a conheciam. Vindo a notícia a uma irmã de El-Rei Farma, disse estas palavras: —Mobora (que assim se chamava, sendo gentia) é já cristã; ¿quem haverá agora que o não seja?—E assim se viu dêste dia por deante, como diremos no decurso desta carta. O outro seu irmão que depois se seguiu, é o que há de suceder no reino a Dom Filipe; pela qual causa desejávamos muito a sua conversão, para que se fôsse continuando a Fé de Cristo nas cabeças daquele reino. Êste, algumas vezes que tratei com êle dos seus enganos, e da verdade da lei cristã, sempre declarou que o entendia assim, e me prometeu que havia de receber o santo baptismo, para o qual o ajudou muito achar-se algumas vezes presente às prègações e doutrinas, e aos baptismos de outros. Acabou finalmente de se resolver, vendo já cristã Dona Filipa, sua irmã e companheira muito tempo na povoação em que morava. Sabia El-Rei seu irmão estes desejos que tinha, e andava esperando alguma ocasião boa para o efeito dêles. Esta teve da maneira que direi».

«Estando o Padre Manuel Álvares comigo no reino de Dom Pedro, tivemos aviso de outro irmão de El-Rei Dom Filipe, que estava para vir da serra, aonde tem suas terras, ao pôrto do Salvador, para receber ali o santo baptismo que, muito tempo havia, desejava. Sabido isto, ordenei ao Padre que fôsse recolher aquela ovelha no curral de Cristo. E porque a todos os que se baptizam, vestimos, para que mudem o hábito gentílico, dei ao Padre para êle um vestido de sêda, que tinha guardado para o primeiro baptismo que se oferecesse de alguma pessoa nobre. Foi o padre recebido de El-Rei com grande alvorôço e alegria;
* Fl. 242 v. e, porque não era ainda chegado o catecúmeno da serra, por alguns estorvos * que teve (que são impedimentos que sempre o diabo inventa a semelhantes obras) tratam ambos do outro irmão, concordando que aquela ida fôra ordenada por Deus para se cumprirem seus desejos. Toma El-Rei o negócio à sua conta, parte-se para a aldeia do irmão que dista do pôrto obra de uma jornada, declara-lhe a causa da sua vinda. Alegra-se Setuão (que assim se chamava), responde que logo quer mandar recado a certo português seu amigo que estava em outro pôrto dez ou doze léguas dali, para que venha ser seu padrinho. Dá El-Rei volta para onde deixara o Padre, pede-lhe alviçaras do que deixava feito, e aparelha grandes festas para o baptismo que, ao mais cedo, cuidava podia ser daí a dez ou quinze dias, pela detença que havia de haver em levar recado ao por-

tuguês e em sua vinda. Mas Deus ordenou isto de outra maneira, porque escassamente El-Rei se tinha despedido, quando os vassalos de Setuão lhe trouxeram recado que no mar aparecia um batel de portugueses. Alevanta-se com grande alvorôço, vai-o esperar ao pôrto, vê nêle a seu padrinho. Maravilha-se de vir naquela conjunção, antes de lhe mandar recado, tem aquilo por obra de Deus, não se farta de dar graças ao Senhor, recebe o hóspede com grande alegria, dá-lhe conta de seus desejos e do que tinha assentado com El-Rei seu irmão. Agasalha-o em sua casa; gastaram a noite em falar de Deus e das coisas de nossa santa Fé. Nisto o diabo com uivos espantosos declarava o sentimento que tinha da mudança de Setuão e da que outros muitos depois haviam de fazer, seguindo seu exemplo».

«Vem-se chegando a manhã, arde o bom catecúmeno, faz alevantar o padrinho, embarca-se com êle sem dizer nada aos seus; e pôsto que na viagem o mar se embraveceu de tal maneira, que ao português parecia * temeridade ir * Fl. 243. por deante, e quer já algumas vezes retirar-se a algum pôrto abrigado, êle o tirou disso com seu grande ânimo e com a confiança que tinha em Deus que os havia de levar a salvamento. Chegaram finalmente ao pôrto do Salvador com não pequena admiração de todos, especialmente do Padre que, pelo que El-Rei lhe tinha dito da detença que havia de haver, pretendeu passar entretanto ao reino de Dom Pedro, e para isso tinha embarcado aquele dia pela manhã os ornamentos, estando o tempo sereno, mas impediu-lhe Deus a ida com a tempestade de que atrás fiz menção. Estando já recolhido, à noite sentiu reboliço na povoação, e antes de saber a causa, chega a êle um português, e díz-lhe com grande alvorôço: —Padre, isto é milagre. Deus impediu hoje a ida a Vossa Reverência para que o achasse aqui Setuão: aqui está, já é chegado com seu padrinho, para receber o santo baptismo.—Maravilhou-se o Padre; e depois de louvar a Deus e lhe dar graças por êste benefício, ordenou que se recolhesse para tratar o dia seguinte com êle, e o preparar para a mercê que Deus lhe queria fazer».

«El-Rei Dom Filipe, vendo o fervor de seu irmão, não se fartava de o abraçar, e declarar com sinais exteriores a alegria que sentia em sua alma. Agasalha-o em sua casa, gasta com êle grande parte da noite em louvor de Deus e em lhe declarar a verdade de nossa santa Fé, e a falsidade e engano das coisas em que antes criam. Chegada a manhã, vai-se com êle à igreja, e acham nela o Padre; renova-se a alegria de todos, louvam juntos ao Senhor, pedindo-lhe que, pois aquela obra é sua e êle a começou, lhe dê o fim desejado.—Padre, diz Dom Filipe, não dilatemos isto, porque não no impida o diabo, com suas artes e manhas; meu irmão está bem instruído, e Deus lhe tem dado grande conhecimento de si e de sua santa Fé; e não deseja outra coisa, * senão ver-se filho * Fl 243 v. seu. Se para algum baptismo é necessário encurtar o tempo, êste é—. Pede-lhe isto mesmo o catecúmeno; pedem-lho os portugueses e todos os mais cristãos que ali estavam».

«Deu-se o Padre por obrigado a cumprir tão justa petição; tomou aquele dia para o preparar, trazendo-lhe à memória as coisas que antes lhe tínhamos ensinado, e engrandecendo-lhe o benefício que Deus lhe fazia; e porque não se detivesse pelo vestido, dá-lhe o que levava para o outro irmão seu da serra. Chegada a hora da doutrina, depois de jantar, e dado sinal para ela, eis vem o

catecúmeno acompanhado de El-Rei seu padrinho e outros portugueses, e de outra muita gente, assim cristã como gentia, com muitos instrumentos de festas, e êle vestido à portuguesa com tão alegre semelhante, que parecia outro do que antes era».

«Fêz o Padre a doutrina, e depois o baptizou com mui grande consolação, segundo me disse, suspirando muitas vezes com desejos de que me achara eu também ali; e por graça me contou, falando da candura e zêlo de El-Rei, que estando todos na doutrina de joelhos e com as mãos alevantadas, porque via que sua irmã Dona Filipa não tinha cruzados os dedos polegares, se foi a ela, parecendo-lhe que era isto necessário, e concertando-lhos, lhe disse que daquela maneira os havia de ter. Vendo também, no tempo em que o Padre estava fazendo esta doutrina, uma pessoa de sua casa ainda gentia, que a estava ouvindo à porta da igreja da banda de fora, se foi a ela e a meteu dentro, para que a ouvisse melhor».

«O dia seguinte depois do baptismo, veio Dom João, que assim se chamou, acompanhado de seu padrinho, tomar a bênção do Padre, depois da qual lhe pediu seu rosário, relicário e alguma imagem para fazer oração deante dela.
*Fl. 244. Pareceu bem que o padrinho o tor*nasse a levar à sua terra, e entregasse já cristão aos seus, declarando-lhes a razão que tinham de o estimar agora mais que antes, quando era gentio, e exhortando-os a que seguissem seu exemplo. Foi geral o aplauso e alegria com que foi recebido dos seus; ainda que o diabo não deixou de fazer seu ofício, porque um seu capitão que êle muito estimava, não aprovou a mudança que tinha feito, e com mostras de sentimento lhe disse: —¿E quem saïrá agora convosco à guerra? ¿Quem pelejará? ¿Quem vos defenderá de vossos inimigos? Quem?—Disse o padrinho:—D. João é agora melhor, pois é filho do verdadeiro Deus—. E a êste propósito declarou em presença de todo o povo quão cegos viviam, pois criam que os corninhos, peles e mais coisas que levavam à guerra, tinham virtude para os livrar da morte. E tais coisas lhes disse do poder de Deus e do favor que dá aos que nele crêem, que o capitão e todos os mais se renderam, confessando que não havia outro Deus senão aquele em que criam os cristãos, e mostrando desejos de serem filhos seus e seguir seu senhor, na Fé que professava, o qual cumpriram depois muitos dêles, como adeante se verá».

«Entra depois disso Dom João em sua casa, quebra e converte em cinza todos os ídolos que acha nela, e em seu lugar manda arvorar uma formosa cruz, a qual adorou prostrado por terra com grande devoção e fé. Despediu-se finalmente o padrinho dêle, dando-lhe alguns avisos que lhe pareceram necessários para ordenar cristãmente sua vida; e segundo depois contou, não faltou ao demónio vontade de se vingar dêle no mar, e por lhe não ser dada licença para isto, ao menos pretendeu espantá-lo, tomando uma figura que não era de homem nem de peixe nem de outro animal, mas composta de diversas feições e membros,
*Fl. 244 v. e nela lhe aparecia, indo deante do * batel, não sem grande temor dos que nêle iam; e entenderam quanto êste inimigo sentiu tirar-se-lhe das mãos aquela prêsa, e abrir-se porta nas suas terras, para o deixarem muitas almas, e seguirem [a] bandeira de Jesus, seu verdadeiro capitão».

CAPÍTULO VI

Do que mais fêz El-Rei Dom Filipe em seu reino, e conversões que nêle houve

«NÃO se contentava Dom Filipe com empregar seu zêlo na conversão(1) dêstes seus irmãos e de outros que adeante direi, mas também em perseguir os herejes e piratas que vinham ao seu reino, sendo assim que nenhum rei daquela costa os favorecia mais que êle, antes de ser cristão. Chegando êste ano ao seu pôrto principal um navio de estranjeiros, soube dos que o foram reconhecer, que eram herejes, e que a fazenda que traziam era roubada aos portugueses. Dissimulou com êles, deixando-os sair em terra, mas ao tempo que se quiseram recolher, deu neles com sua gente, indo na deanteira, sem temor dos mosquetes e mais armas que levavam; e pôsto que alguns escaparam mal feridos, os mais pagaram seus latrocínios com a vida».

«Avantajou-se pouco depois em outra sorte, porque, vindo ter ao mesmo pôrto outro navio também de piratas herejes, deu nele, e depois de o abalroar com suas embarcações, os matou todos, tirando um menino que nos entregou, para que o reduzíssemos à nossa santa Fé, e o criássemos com o leite da santa doutrina. Esta tomou o menino tão bem, por ter grande habilidade, que a pode já ensinar a outros».

* «Antes que passe adeante, quero contar um caso que aconteceu no reino *Fl. 245.
de Farma, vizinho a êste. O seu pôrto, que se chama Mitomba, e há muitos anos que se habita de portugueses, e é freqüentado de navios que vão a êle resgatar negros, marfim e outras coisas da terra, e por esta causa El-Rei que reside três jornadas dêle, assim pelo que ouve aos portugueses que tratam com êle, como pelo que lhe dizem os seus que vão aos reinos em que nós residimos: tem mostrado grandes desejos de nos ver e ter a par de si, e se ofereceu algumas vezes a nos fazer igreja em qualquer parte do seu reino que quiséssemos».

«No tempo em que Deus o tinha dispôsto desta maneira para receber nossa santa Fé, veio ao seu reino um ministro de Satanás, a que os moiros de Berberia chamam cacizes, e os de Guiné bexerins; êste tratou com êle, e tais coisas lhe prègou da maldita seita de Mafoma, que o rendeu e fêz seu discípulo, crendo e pondo por obra tudo o que lhe ensinava. Foi tão estreita esta amizade, que nem o rei podia viver sem ter a par de si ao bexerim, nem o bexerim perdia ocasião de tirar de El-Rei tudo quanto queria, porque nada lhe negava; e entre as mais coisas lhe deu algumas de estima, das que os portugueses levam àquelas partes».

«Passados desta maneira obra de quatro meses, como os vassalos de Farma, que se tinham achado aos divinos ofícios que nós celebrávamos, e às doutrinas que fazíamos, e tinham visto o modo de proceder dos cristãos novamente convertidos, contavam estas coisas a seu senhor, deante do bexerim: sucedeu que um dia, falando êle com El-Rei, lhe disse grandes coisas de Europa, e dando-lhe

(1) *Nt.*: conseruaçam.

o que dêle tinha recebido, lhe disse: —Toma, Farma, o que me deste; eu vinha
*Fl. 245 v. para te matar; o Deus * dos cristãos é coisa grande; não te matei a ti, e matei-me a mim—. Acabou de dizer estas palavras, e com elas acabou a vida, com grande espanto de El-Rei e de todos os seus, com muita glória de Deus, porque conheceram quão falsa era a doutrina e lei dêste ministro do diabo, e quão verdadeira a que seguem os cristãos. Sôbre o qual fundamento esperamos que o Senhor há de levantar uma igreja mui gloriosa naquele reino, o qual se estende pelo sertão da terra firme, como já disse em outra carta, mais de cem léguas, e confina com outros mui grandes».

«Isto também prometem as mostras que êste mesmo rei dá do grande conceito que tem dos portugueses e do muito que os ama, porque, sucedendo neste mesmo tempo pelejarem dois no pôrto de Mitomba, e matar um ao outro, tanto que o soube, depois de mostrar grande sentimento do caso, mandou logo gente de guerra para que lhe levassem a cabeça do matador. Mas, porque pareceu aos portugueses que convinha moderar-lhe aquele zêlo, pelo que em outros casos podia suceder, àlém de outros meios, procuraram aplacá-lo com dávidas de que fêz pouco caso. Deixou-se finalmente vencer dos seus rogos, dizendo que, se o autor daquele malefício fôra vassalo seu, a êle e a tôda sua geração destruíra; e juntamente mandou apregoar que assim o havia de fazer, se algum lhe tocasse em algum dos seus portugueses; e em lugar da cabeça que pretendia do português homicida, mandou fazer certa cerimónia usada dêles em semelhantes casos, e foi que no lugar do homicídio mataram um animal e fizeram grande pranto sôbre o seu sangue, como se fôra do português morto, dizendo e repetindo que êste se houvera de derramar e não o seu».

«Depois disto foi o Padre chamado ao reino de El-Rei Dom Pedro, onde
*Fl. 246. fêz o fruto que ao deante se dirá. * Como andava em contínua missão de um reino para o outro, tornando ao de Dom Filipe onde foi recebido dêle e de Dom João seu irmão, com extraordinária alegria, por ser mui desejado lá, por ajuntar algumas almas ao rebanho das ovelhas de Cristo, como fêz por meio de algumas conversões que se seguiram de muita glória de Deus. A primeira foi de outro irmão de El-Rei, por nome Souga, do qual tenho feito menção em outras cartas, por ser o mais poderoso fidalgo daquele reino, tão valoroso e prudente, que seu pai o cometeu com a sucessão do reino; e pôsto que a não aceitou, foi sempre mui estimado de todos, especialmente de Dom Filipe. Êste, nas coisas importantes que se tratam em público, fala em lugar de seu irmão, e fala com tanta eloqüência natural, que move os ouvintes a tudo o que quer, como eu vi em alguns ajuntamentos em que me achei, especialmente quando se tratou do casamento de Dom Filipe na lei da graça, sôbre o qual disse tantas e tais coisas sendo gentio, que rendeu os corações de todos, e acabou com facilidade o que pretendia».

«Êste passou à serra com o capitão dos portugueses e comigo, em lugar de El-Rei seu irmão, e fazendo ajuntar os fidalgos e mais moradores daquela província, lhes persuadiu aceitassem a fortaleza que sua Majestade queria se fizesse na ponta da serra, e que dessem para ela o sítio que parece mais acomodado, e tudo o que fôsse necessário. Dêste finalmente dizia o mesmo capitão que dependia a conversão de todo aquele reino, afirmando que, se êle se fizesse cristão, nenhum ficaria que o não fôsse. E por concorrerem nele tantas partes, desejámos sempre muito que Deus o movesse a receber a santa Fé, do que êle dava boas esperanças; mas, como se governava pelas leis da prudência humana, foi dilatando isto alguns anos, queren*do primeiro ver se perseveramos da Com- *Fl. 246 v.
panhia naquelas partes, e o sucesso que tinha a conversão dos outros».

«Desta vez que o Padre tornou àquele reino, foi Deus servido que o achou com Dom Filipe seu irmão, já tão brando e tão trocado, que fàcilmente se rendeu às razões que lhe deu, e aos rogos de El-Rei e Dom João. Foi mui grande a alegria que todos receberam com a palavra que deu, e muitas as graças que deram a Deus pelo que nele obrou, desfazendo os impedimentos que havia para sua conversão. Correu logo a nova pelo reino, e foi muita a gente de tôda sorte que concorreu à festa do baptismo, a qual foi a maior que té então se tinha visto. Puseram-lhe nome Dom Bartolomeu, o qual lhe quadrou bem, por despir a pele da gentilidade, e se vestir de Cristo e de sua santa lei. Foi raro o exemplo que deu depois do baptismo, zêlo com que procurou que todos os seus o recebessem, ao qual deu princípio com oferecer ao Padre dois filhos que muito amava, para que os fizesse filhos de Deus».

«Àlém dêste baptismo se fizeram outros muitos de tôda sorte de pessoas, os quais deixo, por ir continuando com os irmãos de El-Rei Dom Filipe. Deteve-se o Padre nesta povoação algum tempo, prègando aos portugueses, confirmando na Fé, e animando os novamente convertidos, e exercitando os mais ministérios da Companhia. Veio neste tempo visitar a El-Rei outro seu irmão, que tem uma aldeia e terras na serra Leôa, do qual acima se disse que andava mui movido para ser cristão, e tinha dado palavra disto. Em muitas coisas procedia como se fôra; mas, como estava mui afastado das povoações aonde nós residíamos, sempre houve impedimentos para isso se efectuar. Oferecendo-se pois esta ocasião, e vendo já tantos irmãos seus debaixo da bandeira de Cristo, pa-
*receu-lhe que não convinha dilatar mais os desejos que Deus lhe tinha dado». *Fl. 247.

«Sucedeu nesta conjunção que um português, padrinho de D. Filipe, veio de outro reino, aonde tinha ido com um navio seu. Soube Dom Filipe que era chegado a sua casa, a qual tem em outro pôrto do seu reino; trata logo de o ir visitar com seus irmãos, e acompanhar o Padre para celebrar o baptismo que tinha entre as mãos, com as mesmas festas que o português tinha aparelhado para receber El-Rei seu afilhado; o qual veio mui a propósito, porque ainda que foram grandes as que se fizeram a Dom Bartolomeu, foram muito maiores estas que se fizeram no baptismo de Dom Sebastião, que assim lhe puseram nome, por concorrerem com as da terra as que fizeram os portugueses ao seu modo. Estas continuaram alguns dias, e se renovaram, por vir nesta composição ao mesmo pôrto Dom Miguel, filho de El-Rei Pedro, de cuja conversão adeante diremos. A êste príncipe fêz El-Rei Dom Filipe grandes gasalhados e honras, sendo assim que, quando eram gentios, nunca estavam em paz, e um fazia guerra ao outro. Mas a lei de Cristo que é de paz e união, os uniu de tal maneira, que se tratam agora como irmãos».

«Entre os mais que se baptizaram, emquanto o Padre se deteve nesta povoação, foi um mane principalíssimo, mui conhecido naquelas partes, assim (1)

(1) *Nt.*: e assi.

por ser conquistador delas, como por sua grande capacidade e prudência. Êste moveu Deus a ser cristão, assim por o que o Padre lhe tratou de nossa santa Fé, como por o exemplo de Dom Filipe e de seus irmãos. No tempo em que o Padre o estava catequizando, falou de Deus com tanta luz que, maravilhado de o ouvir, um sacerdote que ali se achou, disse ao Padre que êle na Índia Oriental
*Fl. 247 v. vira muitas conversões e baptismos de gentios, mas que * nenhum vira que assim falasse de Deus como êste. Reconhecia-o por Senhor e Criador do mundo, Pai universal de todos os homens, e fonte perene de todos os bens; dizia que pois Deus era tal e tão grande, porque o não buscaria? E pois era tão bom, que queria morar na pobre casa de sua alma, ¿porque o não receberia e agasalharia nela? com outras palavras semelhantes a estas que causavam grande consolação aos cristãos que as ouviam».

«Procurou o demónio impedir esta obra de tanta glória de Deus com uma perturbação que sucedeu na povoação; mas acudindo o Padre, foi Deus servido que se aquietou; e o baptismo se celebrou com muita festa e alegria de todos. Por ser o dia do Apóstolo S. André, lhe puseram o nome. Ofereceu logo um filho seu para que o Padre o baptizasse e fizesse herdeiro dos bens eternos; e deu palavra que todos os de sua casa haviam de fazer o mesmo».

«Pela festa do Natal, depois de o Padre aqui a celebrar, confessando e sacramentando aos que concorreram a ganhar o santo jubileu, se foi dêste pôrto ao de Dom João, e tratou logo com êle do sítio em que se havia de fazer a igreja; e depois de o escolher tal, que, segundo dizem, é o melhor que temos naquelas partes, e o mais a propósito para residirem nele os Nossos que forem de novo: pôs Dom João as mãos na obra, aplicando-lhe tanta gente, que poucos dias depois pôde o Padre dizer Missa nela, com tão grande consolação e tanto abalo de todos, que, se houvera vestidos para os que queriam ser cristãos, quási tôda a povoação se baptizara; mas não faltaram dia da Epifania para alguns, em que entraram dois irmãos e um filho de Dom João, aos quais o Padre pôs os nomes dos Santos três Reis Magos que naquele dia visitaram e adoraram o
*Fl. 248. Menino Jesus no presépio de Be*lém».

«Estando o Padre instruindo estes novos catecúmenos, disse-lhes, entre outras coisas, que não podia parecer bem aos gentios o que êle ensinava, se Deus lhes não abrisse os olhos da alma; e que, ainda que êle falasse coisas grandes, não obraria nada com elas, se Deus lhes não falasse no coração. Interrompeu Dom João o que o Padre dizia, e virando-se para os seus, sorrindo-se, lhes disse com muita graça: — «Quem quiser a Deus e suas coisas, agora que tem aqui o Padre, as pode meter no seu coração; todos haveis de ser cristãos; ninguém cuide que pode resistir a Deus. Eu antes zombava das coisas que os Padres me diziam, e afirmava que nunca me haviam de render; mas, depois que Deus me alumiou e me falou no coração, logo busquei o Padre, para me fazer seu filho».

CAPÍTULO VII

Do que fazia El-Rei Dom Pedro da Serra Leôa, para trazer os seus a receber o santo Baptismo

«TINHA êste rei, antes de ser baptizado, duas mulheres principais, que muito desejava ver cristãs, uma parenta de El-Rei Dom Filipe, outra de El-Rei Fatema. A primeira, ainda que tinha muita vontade disso, e continuava a igreja e ofícios dela, por morar na mesma povoação de Caracore, e a governar em ausência de El-Rei Dom Pedro, não acabava de declarar estes seus desejos, por alguns respeitos humanos, até que El-Rei Dom Pedro, tomando a peito sua conversão, parte em al*guns desenganos que lhe deu, e parte em favores que *Fl. 248 v.
lhe fêz, acabou de a render. A outra residia na povoação principal dêste reino, aonde antes El-Rei Dom Pedro tinha sua habitação, e também a governava, quando êle estava ausente. Esta veio a enfermar de maneira, que ja se não fazia caso de sua vida, por ser de má casta sua doença. Trouxeram-na a Caracore, fizeram-lhe muitos remédios, sem que nenhum lhe aproveitasse, porque Deus, por esta via, a queria ganhar para si. Fazia-a trazer Dom Pedro à igreja algumas vezes, a sua instância; pediam ambos ao Padre que a encomendasse a Deus, ao qual ajuntou ela um dia que, se Deus lhe desse saúde, prometia de se fazer cristã. Foi o Senhor servido que a recebeu logo; e assim cumpriu o que tinha prometido, confessando que não havia outro Deus, senão o dos cristãos».

«Baptizaram-se ambas juntas, com grande consolação de El-Rei Dom Pedro e de todos os cristãos; e trouxeram também consigo ao lavatório do santo baptismo algumas criadas suas que o desejavam, para que as acompanhassem na igreja. É grande o cuidado com que acodem às prègações e práticas de nossa santa Fé, e a devoção com que ouvem os divinos ofícios, e a edificação e bom exemplo que dão, do qual não se maravilham pouco os gentios. Baptizadas estas, procurou El-Rei Dom Pedro que fizessem o mesmo outras que foram também suas mulheres; e, depois que as dispunha para isso, não se pode declarar a alegria com que nos vinha dar a nova, e pedir que as catequizássemos e baptizássemos; e o mesmo fazia, quando trazia alguns filhos seus, que eram ainda gentios, por ser costume dêstes reis não ter consigo tôdas suas mulheres, nem os filhos que hão delas; porque depois que nascem, suas mães os criam e sustentam e teem consigo, até chegar a idade, que fazem suas la*voiras e granjeiam *Fl. 249.
sua vida, por ser isto comum a tôda a sorte de gente. Mas, depois que chegam à idade madura, se teem partes para governar, seus pais lhes entregam algumas terras e aldeias, e os fazem senhores delas».

«Uma mulher destas nos deu matéria de louvar a Deus e notar a profundeza de seus segredos; porque, vindo a Caracore, e vendo o fervor com que suas companheiras corriam ao santo baptismo com seus filhos, ela por si, sem alguma o mover a isso, ficando em sua gentilidade, nos trouxe e entregou um menino de nove para dez anos, filho seu e de El-Rei Dom Pedro, para que o baptizássemos, criássemos e instruíssemos nas coisas dos cristãos. Nós o aceitámos, e depois de baptizado o recolhemos em casa. Sabe já muito bem a dou-

trina cristã, e tem-nos cobrado tanto amor, que nos espanta, e espanta a seu pai e parentes; porque assim se há com êles, como se nunca o[s] vira nem conhecera».

«Semelhante a esta mãe foi o pai de outro menino, nascido de oito ou nove dias, que, sendo gentio, nos trouxe êste seu filho, para que o baptizássemos, e êle se deixou ficar em sua gentilidade. Sua mãe dêste menino a qual morava em outra aldeia desta ilha, dali a obra de seis meses o matou, e fugiu, para que a não castigassem, como merecia. Soube isto Dom Pedro na mesma noite em que aconteceu; deu-nos conta do caso, e mandou logo buscar o corpo do inocente, para o enterrarmos na igreja. Fizemo-lo amortalhar com o rosto descoberto, e pôr na igreja com uma cruz doirada, e umas velas à cabeceira e uma capela na cabeça, e depois o enterrámos com grande consolação de todos, por se dizer haver grandes indícios que a mãe o matou, por ser cristão. E assim podemos esperar que êste santo inocente e mártir será deante de Deus mui par-
*Fl. 249 v. ticular intercessor desta * gentilidade, para que tôda ela se converta à nossa santa Fé».

«É coisa ordinária aqueles que se baptizam, trazerem os ídolos que antes adoravam, e para se vingar dêles, pisá-los, arrastá-los e entregá-los ao fôgo. Nas casas de Dom Pedro acertou de aparecer um, de que êle, sendo gentio, fazia mais caso que dos outros, por ser mui antigo. Deram-nos logo rebate, e deram-no também a êle, que se maravilhou muito da novidade; e, por mais diligências que fêz, não pôde saber onde estivera escondido até então; entregou-no-lo finalmente, e nós o entregámos aos meninos cristãos, filhos seus e de outros reis e senhores, os quais com grande festa o levaram ao fogo, e lhe fizeram deante de nós o ofício que merecia, e que tinham feito a outros muitos, por ser tão grande o zêlo que teem contra êles, que os buscam por todas as vias que podem, e achando-os, a nenhum perdoam; e porque, além dos ídolos de pau, tem êste gentio outras chinas de terra, a modo de pirâmides, obradas não por êles, senão por certo género de formigas brancas, que não aparecem de fora, e teem por dentro suas casinhas, sem se saber que mantimento é o seu: a estas fazem também os meninos cristãos grande guerra, quebrando-as e desfazendo as choupanas em que estão a modo de oratórios, com não pequena admiração dos gentios, por ser grande o mêdo que teem delas; e por esta causa, quando compram algum escravo, a primeira coisa que fazem, é levá-lo a alguma china destas, com sua oferta de vinho e outras coisas, e entregar-lho, pedindo-lhe que, se fugir, faça que cobras, lagartos e onças o matem e comam; o qual os tristes escravos assim
*Fl. 250. crêem que lhes há de suceder, se fugirem, que, por mais mal * que os senhores os tratem, não ousam fazê-lo».

«Também teem grande fé em algumas peles e corninhos de certos animais, e em outras coisas que o diabo lhes ensina, a que chamam mèzinhas. Um grande feiticeiro, que curava a Dom Pedro, quando era gentio, ouvindo dizer que estava mal disposto, depois de ser cristão, veio a Caracore, para lhe fazer o mesmo ofício; mas êle, tanto que soube da sua chegada, nem consentiu(1) que lhe entrasse em casa; antes lhe mandou dizer que se tornasse logo a embarcar e se fôsse,

(1) *Nt.*: consentir.

porque êle era já cristão, e não tinha necessidade de suas mèzinhas; porque lhe bastavam as que os Padres lhe davam, para viver mais são e andar mais valente, que quando era gentio e se curava com êle. Pasmou o feiticeiro desta re[s]posta, e vista a resolução de El-Rei Dom Pedro, se tornou logo envergonhado para sua casa, e nós ficámos louvando a Deus pelo que tinha obrado neste rei, por meio do santo baptismo».

«Há também em cada reino algum lugar dedicado ao demónio, aonde vão fazer os sacrifícios mais solenes. O de Dom Pedro, antes do baptismo, era um ilhéu, afastado da terra obra de uma légua, no meio de um braço de mar, por onde se comunicam o seu reino e o de Dom Filipe. Chamam-lhe Camassono, e é tão temido dos que por ali passam, que para os não meter no fundo, lhe oferecem, quando chegam de-fronte dêle, ou arroz que lançam no mar, ou azeite, ou outra coisa das que levam. A êste ilhéu vinha êste rei uma vez no ano, e em um penedo que está junto dêle, lhe fazia grandes sacrifícios, e juntamente oferecia(1) a Camassono cabras e galinhas vivas, que mandava lançar no seu ilhéu, onde ficavam bem segu*ras de as furtarem; porque nem pôr os pés em *Fl. 250 v.
terra havia quem se atrevesse».

«Passando um dia êste braço de mar o Padre Manuel Álvares e eu, saímos neste ilhéu, e detendo-nos ali à sombra dos grandes arvoredos que tem, os moços que iam connosco, como eram cristãos, zombavam do que os gentios diziam de Camassono; foram-se pela ilheta, e dando com algumas árvores em que criavam abelhas, vieram carregados de mel. Não se pode crer o espanto que isto causou nos gentios, e a festa que nos faziam os cristãos, quando lho contávamos, especialmente os reis Dom Pedro e Dom Filipe, dizendo-lhes nós por graça, que tiráramos êste mel da bôca do diabo, como fêz Sansão da bôca do leão. Perguntando eu ao filho de Dom Pedro, herdeiro do reino, se se atrevera êle a fazer o que aqueles moços fiizeram, a buscar as cabras e galinhas, e trazer as que achasse, respondeu-me que, como fôsse cristão, tudo isto faria; mas que, antes disso, não se atreveria, dando a entender que o diabo não pode fazer aos cristãos o mal que pode fazer aos gentios. Mas, depois que viu doente o Padre Manuel Álvares, atribuía a esta entrada em Camassono a sua doença, dizendo a outros gentios e a alguns cristãos:—Zombai lá com Camassono; os Padres tomam-se com êle! Pois agora verão se lhes falamos a verdade—. Mas declarou-lhe Deus, com a saúde que deu ao Padre, que os males que padecemos e os bens que temos, veem da sua mão, e não das chinas e demónios, em que êles crêem».

«Na volta que fiz de Bena por mar, ao longo de outro reino, me mostraram outro lugar dedicado também aos demó*nios. Vi nele muitos vultos, que se *Fl. 251.
moviam e andavam de uma parte para a outra; persuadi-me que eram negros da terra; mas, porque me disseram, que aquele lugar era deserto, e não vimos coisa pela qual pudéssemos presumir que concorreram ali, para fazer algum sacrifício, não deixei de suspeitar que eram demónios, e pode-se cuidar que veem algumas veses a estes lugares, pela veneração com que neles são tratados e adorados».

(1) *Nt.*: offerecer.

«Mas, tornando a El-Rei Dom Pedro, assim como todo o seu cuidado era honrar a Deus, e procucar que outros o honrassem, recebendo sua santa Fé, assim Deus tomava à sua conta honrá-lo a êle com os homens; porque nunca, quando era gentio, foi visitado de pessoas tão graves, como depois que é cristão, o qual estimam muito os desta nação. Um dêles foi Filau, senhor de muitas terras e vassalos. Veio muito acompanhado; foi recebido e tratado com muita honra e festa. Tinha eu praticado antes disso com êle, em outra parte, sôbre as coisas da religião cristã e engano dos seus ídolos; e pôsto que não declarou então que queria ser cristão, recolheu em seu peito a semente da palavra divina, e o fruto dela foi movê-lo a que viesse ter com El-Rei Dom Pedro, para se aconselhar com êle sôbre êste negócio. A resolução foi que em tôdas as maneiras havia de ser cristão, mas que primeiro queria ir visitar suas terras e vassalos, e procurar que Fatema aprovasse sua determinação, pelo reconhecerem assim êle, como outros senhores ou reis menores, por cabeça. Outro foi o mesmo Fatema, a quem chamam rei grande, e segundo nos disse Dom Pedro, a causa principal de sua vinda, foi também para se aconselhar com êle sôbre o mesmo,
*Fl. 251 v. por lhe dar Deus grandes dese*jos de ser cristão. Deixo(1) o aparato com que entrou em Caracore, a festa que lhe fizeram assim El-Rei Dom Pedro, como os portugueses, o espanto que causou em todos esta novidade, o concurso de gente e os presentes que lhe ofereciam».

«O que muito nos consolou e deu matéria de louvar ao Senhor, foi ver quão afeiçoado se mostrava às coisas de nossa santa Fé, com quanto gôsto acudia aos ofícios divinos e a ouvir as coisas de Deus que tratávamos em público, e com êle em particular. Achou-se presente a um baptismo que fizemos, de diversas pessoas, em que entrava um moço que viera com êle e lhe queria muito, o qual, depois de baptizado, encomendou a um português honrado, para que o criasse e ensinasse; e ao mesmo disse que lhe havia de mandar outro filho seu, para o ter também em sua casa, depois que o baptizássemos. E assentando com Dom Pedro o mesmo que a mim me tinha dito, àcêrca de mudar a sua aldeia e fazer a sua habitação perto do mar, para que nós, com mais facilidade lhe fôssemos ensinar as coisas de Deus, se tornou para o seu reino, despedindo-se de nós com mostras de muito amor».

«O terceiro que visitou a El-Rei Dom Pedro, foi Sangrafaré, pretensor do reino dos Lóguos, que foi do grande Farma, seu pai; e, tendo-lhe já os seus dado o barrete, que é dar-lhe posse do reino, foi lançado dêle por outro seu irmão, que agora reina, contra o qual anda ajuntando gente, para lhe fazer guerra, porque, ainda que ficou também nomeado para a sucessão do reino, não entrava nele, senão depois dêste seu irmão, que é mais velho; e, porque está malquisto dos seus, por ser cruel e matar alguns irmãos seus, para viver mais seguro e possuir o reino sem temor dêles, chamam estoutro, para lhe entregar o reino; mas êle, porque se não fia de todos, quer entrar à fôrça de armas.
*Fl. 252. Maravilhou-se de * ver o nosso modo de proceder nas coisas de Deus, e disse-me que nenhuma coisa o trouxera a êste Caracore, senão a fama que corria de nós, lá onde estava, para nos conhecer e ver, e ouvir as coisas que ensinávamos.

(1) *Nt.*: deixou.

Acudia à igreja e aos ofícios, que nela fazíamos, com tanto cuidado, como se fôra já cristão. Dizia a El-Rei Dom Pedro que nenhum rei dos Manes chegara a ser tão grande como êle, pois era cristão, e tinha Padres no seu reino, encomendando-lhe muito que nos conservasse, e seguisse nossos conselhos. Tudo notava, de tudo se maravilhava, mas mui particularmente das ceremónias da Semana Santa e das coisas que nela viu, como adeante direi. No princípio dizia que, como entrasse no seu reino, havia de fazer nêle uma igreja, maior e melhor que tôdas as que tínhamos, para que alguns de nós fôssemos morar lá, e o fizéssemos cristão com todos seus irmãos e vassalos; mas depois, com a luz que Deus lhe foi dando, chegou a se pôr nas nossas mãos, para que o baptizássemos logo, se nos parecesse; e, quando não, ao menos baptizássemos uma mulher sua, que trazia consigo e o desejava muito. Pareceu-nos melhor dilatar isto a ambos; porque, como se haviam de tornar para outro reino, donde tinham vindo, e nele não há cristãos, podiam fàcilmente esquècer-se do que lhes ensinássemos; e assim os despedimos, com boas esperanças, lembrando-me êle o que muitas vezes tinha rogado, que o encomendássemos a Deus e lhe pedisse que, se o reino era seu, lho tornasse a restituir. Depois soubemos, que estava já recebido da principal parte do reino, e que, passado o inverno, o haviam de introduzir no que restava. Diz lá, segundo me referiram, que não o mate Deus, até que nos torne a ver e o baptizemos, com todos os seus. Queira Deus cumprir estes desejos, porque, como êste reino é o maior destas partes, e confina com
outros muitos do sertão, con*vertido êle, podemos esperar que os outros farão *Fl. 252 v.
o mesmo».

«Além destas visitas, com que Deus quis mostrar que Dom Pedro ainda no temporal não perdera, por se fazer cristão, antes ficara em tudo mais acrescentado, ordenou também que viessem ao seu reino mais navios de portugueses que nunca, e que por esta causa os outros reis, seus vizinhos, procurassem sua amizade, para participar por seu meio da fazenda e coisas de Europa, que traziam. Emquanto estes navios estiveram neste pôrto, tôdas as noites cantavam a doutrina cristã no mar e na terra meninos e meninas, que nós tínhamos ensinado, começando uns, quando os outros acabavam; depois da qual, diziam três vezes:—Senhor Deus, misericórdia, batendo nos peitos, movendo os outros a fazer o mesmo com grande devoção».

«Por isto que aqui viam os que vinham de outras partes, especialmente de Cacheu, e pelo que passava na doutrina de cada dia, onde meninos, que escassamente sabiam falar, a diziam tôda, sem errar palavra, não se fartavam de louvar a Deus e declarar quanto serviço lhe faria a Companhia, se fôsse àquele pôrto e povoação, pela grande ignorância que há, assim nos pequenos como nos grandes. O capitão de um navio dêstes, antes que se partisse para Cacheu, me pediu muitas vezes com grande instância lhe quisesse dar palavra de ir lá, para pedir as alvíçaras disto. Não me atrevi a lhe dar palavra; mas confio em Deus que não sòmente lhe há de cumprir estes desejos, que êle e outros muitos teem, segundo de lá me escrevem; mas que hemos de fundar ali uma casa ou colégio, em que sua divina Majestade se servirá muito da Companhia, por ser aquela
povoação a principal desta Guiné, e virem * a ela muitos navios, assim do reino *Fl. 253.
de Castela, como dêsse e da ilha de Santiago».

«Na Semana Santa desta quaresma passada, nos consolou o Senhor muito; porque, como estava aqui gente dêstes navios, e alguns dêles se tinham criado na Igreja e sabiam entoar a nosso modo, fizemos os ofícios dêstes dias com a comodidade possível, de que se seguiu muita glória de Deus e conhecimento, nesta nova cristandade, dos mistérios de nossa santa Fé, por ser esta a primeira vez que viram celebrar estes da Morte e Paixão do Filho de Deus. Na prègação da quinta-feira, houve tão grande (1) pranto, que os gentios olhavam uns para os outros como pasmados, sem saber a que atribuíssem isto. Seguiu-se depois a procissão dos disciplinantes, nunca vista nestas partes. Saíu da igreja, com as Ladaínhas ordinárias, acompanhando-a El-Rei e todos os cristãos com muitas luminárias, e parando em diversos passos, onde estavam altares ornados, conforme ao tempo. Os disciplinantes não eram muitos; mas o sangue que derramavam, era tanto, que os gentios não sabiam o que cuidassem, por se não poderem persuadir que homem algum quisesse por sua vontade ferir seu próprio corpo, e derramar seu sangue».

«A propósito disto, não quero passar pelo que El-Rei Dom Pedro passou com um gentio nobre de seu reino. Êste, a primeira vez que viu a imagem de Nossa Senhora, tirada da que fêz S. Lucas, totalmente se persuadiu que estava viva; porque, onde quer que se punha, lhe parecia que olhava para êle. Fêz depois diligência curiosamente, pondo-se ora em uma parte, ora em outra, para ver se tinha corpo; e não lho vendo, disse a Dom Pedro:—Aquela mulher viva está, mas ela não tem costas—. Não fêz então Dom Pedro caso disto, porque
*Fl. 253 v. ainda não era cristão, nem sabia fazer diferença entre as ima*gens dos Santos e o que (2) representavam. Êste mesmo gentio, vendo o sangue que derramavam os disciplinantes, creu que era invenção dos cristãos, e que untavam as costas com azeite vermelho, que cá há, porque se cuidasse dêles que feriam suas carnes por amor de Deus. Esta sua imaginação declarou a Dom Pedro (3), indo a sua casa, acabada a procissão. Indignou-se El-Rei Dom Pedro contra êle extraordinàriamente; e tomando isto em caso de honra, disse-lhe:—Vai-te daqui. ¿Não te lembras que, quando me disseste de Nossa Senhora, que não tinha costas, te castigou Deus por isso, e te matou cinco pessoas de tua casa, e a ti te mordeu uma cobra, e te sucederam outros muitos trabalhos; e agora o sangue que os cristãos derramam, para que Deus lhes perdôe seus pecados, dizes que é azeite de palma? Vai-te, maldito, chora teu pecado, antes que venha sôbre ti a ira de Deus e te dê outro castigo maior».

«Mas, tornando aos disciplinantes, porque as disciplinas e vestimentas eram poucas, tôda a noite se foram revezando, sucedendo uns a outros, e desta maneira perseveraram até todo o ofício da Sexta-Feira, com grande edificação de todos. Mas o que mais nos espantou esta noite, foi Dom Cristóvão, filho de El-Rei Dom Pedro, de cuja conversão e bom procedimento tratei já. Êste, sendo da qualidade que disse, e tendo tantos filhos, e havendo tão pouco tempo que era cristão, não lhe pareceu que fazia como tal, se se não disciplinava como os

(1) *Nt.*: bem grande.
(2) *Nt.*: com que.
(3) *Nt.*: o dom Pedro.

outros cristãos antigos; e assim o fêz, com tanto fervor e aspereza, que nos deu a todos matéria de louvar ao autor de tais obras, em gente tão nova no conhecimento de Deus e de nossa santa Fé».

«Mas, tornando às conversões, sobre tôdas as acima ditas, a que foi de maior glória de Deus e consolação de El-Rei Dom Pedro e dos cristãos, foi a de Jata, seu filho * mòrgado, e não sòmente futuro sucessor do reino, mas in- *Fl. 254.
troduzido já nêle, para o governar, pela muita idade de seu pai. Êste, como já se disse, sempre se mostrou contrário à nossa santa Fé, e tão zeloso da honra e adoração de seus ídolos, que os outros gentios o tomavam por escudo, para se defenderem das razões com que os convencíamos de seus erros. Quando El-Rei seu pai se andava dispondo para receber o santo baptismo, êle foi o que mais procurou impedir-lho, e persuadir-lhe que o não fizesse; e vendo que não podia sair com seu intento, para declarar aos gentios, assim do seu reino, como de outros, que não consentia na sua mudanca, acudindo os outros filhos à solenidade e baptismo de seu pai, para o festejar, êle só se ausentou, e não se quis achar presente. Procurou muito o pai, depois disto, tirá-lo da cegueira em que vivia, ajudando-se ora das razões que lhe dava, ora de afagos e favores que lhe fazia, ora de ameaças, declarando que não havia de deixar o reino a filho que não fôsse cristão».

«Com isto, e com ver que os cristãos desgostavam dêle e lhe davam a entender que, se El-Rei Dom Pedro seu pai morresse, perseverando êle na sua gentilidade, o havia de deixar e passar-se para o reino de Dom Filipe, foi dando algumas mostras de querer aceitar nossa Santa Lei, e receber o sagrado baptismo. Deu-nos palavra disso, entregou-nos uma filha para a baptizarmos, e pretendeu que fizéssemos o mesmo a seu filho mòrgado; mas andou depois com tantas dilações, que quási tínhamos perdidas as esperanças de se haver de efeituar sua conversão: senão quando, depois que soube do baptismo de Dom João, seu sôgro, de que acima se disse, irmão e futuro sucessor de El-Rei Dom Filipe, assim lhe abriu Deus os olhos da alma e o tocou interiormente, tratando-lhe o Padre do que nele tinha obrado a Divina Bondade, que * se rendeu de todo, * Fl. 254 v.
confessando a verdade de nossa santa Fé, abominando os ídolos e ritos gentílicos, entregando-se ao Padre, e pedindo-lhe com grande fervor o santo baptismo. Nomeia logo padrinho, e faz tudo o mais que da sua parte se podia desejar. Manda o Padre pedir alvíçaras a seu pai, que estava em outra povoação, a principal do seu reino. Alegra-se o bom velho sôbremaneira; ordena que se aparelhem grandes festas para o baptismo; responde ao Padre com as graças da vitória que alcançara, e com os louvores que a Deus se deviam por aquele benefício tão grande; diz que se quer achar presente, e para isso avisa que lhe mande certa embarcação com que êle soía passar aquele braço de mar».

«Ia o Padre, entretanto, instruindo o seu catecúmeno nas coisas de nossa santa Fé, e êle provando a vontade que tinha de ser cristão com o cuidado de aprender, e com a instância que fazia pelo santo baptismo, declarando que um dia de detença lhe parecia um ano. Mas Deus, para mais satisfação e prova de seus desejos, ordenou que no meio dêstes fervores mandasse El-Rei Dom Filipe ao Padre quisesse logo dar lá uma chegada, para se ajudar de seu conselho em um negócio que lhe sucedera de importância. Partiu-se o Padre para lá, e, pôsto

que tornou com brevidade, não sossegava o catecúmeno. Neste tempo, tudo era suspirar por êle, mandar a nossa casa, e ir êle perguntar se era vindo, com tantos sinais de sentimento, que era necessário consolarem-no os cristãos da povoação. Torna finalmente o Padre, sai a recebê-lo com grande alvorôço, visita-o freqüentemente, não lhe sai da casa, importuna-o, por si e por outros, que o faça filho de Deus».

«Não se tinha mandado até então a El-Rei seu pai a embarcação, para vir ao baptismo, por se não saber quando tornaria o Padre: senão quando, *Fl. 255. depois * de sua tornada, ouvindo reboliço na povoação e perguntando a causa, lhe dizem que El-Rei Dom Pedro vinha chegando ao pôrto. Entendeu o Padre que a grandeza dos desejos que o velho tinha de ver seu filho cristão, lhe não dera lugar para esperar pela embarcação que mandara pedir. Em desembarcando, vem visitar o Padre com um presente, como é já costume. Tratando do que Deus tinha obrado em Jata, engrandece sua bondade e misericórdia, e não cessam de lhe dar graças pelo benefício feito não sòmente a seu filho, senão a todo reino. Assentam que se faça o baptismo dia de São Miguel; vestem-no, conforme à qualidade de sua pessoa, com grande liberalidade do capitão-mor dos portugueses, seu padrinho; concorrem à festa de tôdas as partes do reino; celebra-se o baptismo com grande solenidade; põem-lhe o nome do Santo Arcanjo S. Miguel; gastam finalmente o dia todo em festas, de que se seguiu muita glória de Deus, levando a nova disto a outros reinos os que se acharam presentes».

«Fatema, que é o maior rei daquela banda do mar, e tem ouvido algumas vezes as coisas de Deus, depois de se maravilhar da conversão dêste príncipe, porque o tinha por grande defensor de sua idolatria, deu grandes mostras de o querer seguir, e há esperanças que o fará cêdo. Êste mesmo exemplo acabou também de render outro fidalgo, o mais poderoso daquele reino; e, para se baptizar, não espera mais que a ida do Padre à sua terra. Outro também dos mais principais, quando lhe deram esta nova, disse com grande espanto:—Jata é cristão—. E pondo a mão na bôca, deu a entender, como é seu costume, que todos os gentios daquelas partes o haviam de seguir, o qual concorda com o que algumas vezes tinha dito ao Padre o capitão-mor dos portugueses, que, pois Jata se con- *Fl. 255 v. vertera, desse por convertida tôda a gentili*dade daqueles reinos. O que muito consola ao Padre e a todos os cristãos, é que, assim como êste príncipe, antes de sua conversão, fazia ofício de Saulo, assim, depois dela, o faz de Paulo, procurando com grande zêlo trazer todos quantos pode, ao santo baptismo; e, começando pelos de sua casa, o primeiro que trouxe, foi seu filho mòrgado, de oito ou nove anos. Êste, antes que seu pai fôsse cristão, assim fugia de nós, como se nos tivera por seus inimigos; mas depois foi tão grande a afeição que tomou ao Padre, [e] o amor que cobrou às coisas de Deus, que nunca sai da casa, e a maior recreação que tem, é aprender a santa doutrina e achar-se presente a ela, quando o Padre a ensinava. Chama-se Dom Bartolomeu (1) e, segundo o Padre escreve, procede tão bem, conforme a sua idade, que assim o pai, como o rei seu avô, se revêem nele, e engrandecem a Deus pela mudança que nele fêz» (2).

(1) *Nt.*: Bertolameu.
(2) *Nt.*: nella faz.

«Além dos efeitos espirituais, que o santo baptismo operou em Dom Miguel, obrou também outro corporal, pelo qual êle não cessa de dar graças ao Senhor, por que sendo antes enfermo de um mal que todos tínhamos por incurável, e pelo qual êle vivia muito triste e desconsolado, porque não sòmente lhe ameaçava a morte, mas também o privava da conversação da gente, pelo mau cheiro que dêle saía, sùbitamente, depois daquele divino lavatório, se achou são, e assim o declarou ao Padre, e apregoa onde quer que se acha, com muita glória de Deus, detestando a confiança que antes tinha nos ídolos; porque, quanto mais devoto seu se mostrava, e mais sacrifícios lhes oferecia, tanto se achava peor».

«Esta glória de Deus procurou escurecer o demónio, inimigo de todo bem, movendo um gentio da mesma povoação a que uma noite levantasse um ídolo no lugar * por onde o Padre e outros cristãos iam à igreja, ornando-o e concer- *Fl. 256. tando-o a seu modo, e fazendo-lhe seus oramenes, que assim chamam às cerimónias com que [os] adoram e lhes pedem o que desejam. Passando por ali o capitão dos portugueses o dia seguinte, e vendo o simulacro de satanás, maravilhou-se primeiro do atrevimento do gentio que o pôs ali; e depois, aceso com zêlo da honra de Deus, arremete a êle com o bastão que levava nas mãos, e depois de o fazer em pedaços, não se quis ir dali, sem que primeiro o lugar ficasse limpo e sem rasto ou sinal da abominação que antes ali estava. Mas o diabo, para que os gentios cressem que aquela injúria, feita a seus ídolos, não ficava sem castigo, fêz, permitindo-lho Deus, que se achasse logo mal o capitão. Perturbam-se os cristãos, triunfam os gentios, faz Dom Miguel grande sentimento pelo padrinho, acode logo a sua casa. El-Rei mandou chamar o Padre, já estava recolhido, por ser alta noite; dizem-lhe que o capitão estava morrendo. Consola-os o Padre; diz-lhes que aquilo é inveja do diabo; declara-lhes que não podia fazer mais mal que o que Deus lhe permitisse; que o que êle tomava por meio, para se acreditar, havia de redundar em maior deshonra sua, e glória de Deus. E assim foi; porque, indo o Padre com êles, e achando o capitão com grandes acidentes, clamando que o confessasse, porque morria: foi o Senhor servido que dentro de poucas horas, depois de fazer com êle o ofício de médico espiritual e o encomendar a Deus, juntamente se acabou uma grande tempestade, que se tinha levantado de água e trovões, e a que o enfêrmo padecia, ficando são como dantes, com grande admiração de todos os cristãos, e confusão dos gentios. E Dom Miguel se tornou para sua casa, que tem longe dali, com ânimo de converter em pó e cinza os ídolos que * nela achasse, como fêz em chegando, e de *Fl. 256 v. reformar suas coisas conforme a lei que tinha recebido, levando consigo um menino português, que pediu ao Padre, para acabar de aprender a doutrina cristã».

«As mais destas conversões acima ditas fêz o Padre Manuel Álvares, estando ora no reino de Dom Filipe, ora no de Dom Pedro, por andar em contínua missão de um para o outro, como já se disse. Uma destas vezes que veio do reino de Dom Filipe para o de Dom Pedro, foi em conjunção que estava Dom Pedro em cama. O primeiro caminho que fêz, foi a sua casa. Alvoroçou-se o bom velho e alegrou-se por extremo com sua vista, por serem grandes os desejos que tinha de sua tornada. Quando o Padre passou pelo terreiro das

casas, viu algumas chinas com ídolos das suas escravas gentias; e porque não lhos escondessem, emquanto estava dentro, sai depressa com alguns portugueses que o acompanhavam; dão neles com tanto fervor, que, em breve espaço, não ficou sinal no lugar em que estavam. Chega nesta conjunção o capitão dos portugueses, festejam a vitória, entram todos alegres onde estava El-Rei Dom Pedro, dizem-lhe que aqueles diabos o tinham na cama. Alegra-se o velho, alevanta as mãos ao Céu e não se farta de louvar a Deus, pelo vingar daqueles inimigos, que tantos anos o trouxeram enganado. Diz que só de Deus espera a saúde, e esta foi êle servido conceder-lha por meio do santo Evangelho, que o Padre lhe rezou com fé, sôbre a cabeça; e em testemunho disto, foi dali a pouco visitar o Padre com um presente, tão alegre, que não cabia de prazer, afirmando uma e muitas vezes que Deus por seu meio lhe dera saúde, e dizendo ao escrivão da conquista, que ali se achou presente, que o escrevesse assim».

*Fl. 257. «Dêste benefício nasceu no ânimo de Dom Pedro uma * confiança grande, que Deus havia de dar saúde a um grande seu amigo, por nome Besse, sucessor futuro do grande reino de Fatema. Dêste fidalgo escrevi em outra relação que era grande amigo dos portugueses, e que, vindo visitar a El-Rei Dom Pedro, depois de ouvir as coisas de Deus e de nossa santa lei, e de se achar presente aos ofícios divinos, prègações e doutrinas, declarou o que sentia do verdadeiro Deus e de nossa santa Fé; e abominando os ídolos e ritos da idolatria, deu palavra que havia de receber o santo Baptismo, depois que se visse com El-Rei Fatema, porque se não agravasse de o fazer, sem lhe dar conta disso; e porque foi dilatando o cumprimento desta palavra, foi-o Deus espertando com alguns açoites que lhe deu».

«Um foi que adeantando-se um dia de sua gente, e indo só por um caminho, lhe saíu ao encontro um negro, em que parece tinha entrado o demónio, porque, não lhe tendo dado ocasião, arremeteu a êle para o matar. Achou-se o fidalgo embaraçado; porque, por uma parte, o temor da morte o convidava a fugir, e por outra, o amor da honra tinha mão nele. O negro era conhecido por valente e vinha bem armado. Êle sòmente se achou com seu terçado à ilharga; resolveu-se finalmente em não fugir; e, pôsto que se viu em grande apêrto, pelejou com tanto ânimo, que, sem receber dano algum, matou o seu cometedor. Mas, porque nem com êste benefício de Deus se lembrou do que lhe tinha prometido, caíu pouco depois em uma enfermidade tão grande, que não se podia bulir, nem menear membro algum. Sabendo isto El-Rei Dom Pedro, mandou sua gente que o fôsse buscar e o trouxesse à principal povoação do seu reino, que parece um jardim, para o ter a par de si, e o fazer curar com o cuidado possível. Ali o teve alguns meses, sem nele se enxergar melhoria alguma».

«Neste estado estava Besse, quando Deus deu saúde a Dom Pedro, da enfermidade que tinha, por meio do santo Evangelho, que o Padre lhe rezou. Cai
*Fl. 257 v. na con*ta, entende que a causa de não sarar seu amigo, é porque não acaba de se lavar no lavatório do santo baptismo. Dá conta disto ao Padre. Parece bem a ambos que êle mesmo o vá buscar. Embarca-se logo; acha-o quási acabado. Conta-lhe o que lhe tinha acontecido na sua doença; excita-o a que ponha tôda sua confiança no verdadeiro Deus, e a tire dos ídolos, que nada podem. Não foram necessárias muitas palavras para o render. Trá-lo consigo; pratica o

Padre com êle, conhece seu pecado, e põe-se a si a culpa do mal que padece, por não ter obedecido à vocação de Deus. Foi coisa maravilhosa o que a Divina Bondade obrou nele; porque, levando-o em braços à igreja, depois de catequizado, tudo foi um, receber pelo santo baptismo a saúde da alma e do corpo. Chamou-se Dom Manuel, por se fazer o seu baptismo no dia do santíssimo Nascimento de Cristo; e, porque a esta festa tinham concorrido muitos portugueses de diversas partes, foi celebrado êste baptismo com grande solenidade. Curou-se Dom Manuel, antes de ser cristão, com um bexerim ou caciz moiro. Achou-se êste presente a seu baptismo; e vendo o que Deus obrou por êle, ficou tão rendido, e com tanto conhecimento da verdade que os cristãos professam, e da falsidade da seita em que vivia, que, falando com o Padre, e chamando-lhe muitas vezes bexerim de Deus, se lhe entregou logo, para que o ensinasse e fizesse cristão».

* CAPÍTULO VIII *Fl. 258.

Do fruto que se fêz em alguns outros lugares da costa e terra firme de Guiné

«ESTANDO neste estado as coisas dêstes reinos, tocantes à conversão e bem das almas, sucedeu ser necessário dar eu uma chegada a esta ilha de Cabo Verde, como já disse, assim por serem falecidos os Padres que nela estavam, como para tratar do sítio em que se havia de fazer a casa, que Sua Majestade mandava fundar aqui; sôbre o qual achei no caminho cartas de meus superiores, em que ordenavam o fizesse assim, com grande consolação minha, e por ter acertado com a vontade dos que tenho em lugar de Cristo».

«Ao terceiro dia, depois de sair do pôrto, tornámos a arribar a êle, por nos render um mastro com a fôrça do vento. Aparelhou-se outro com muita pressa; tornámos a partir; e, pôsto que os ventos eram pouco favoráveis, e as águas nos levaram a uns baixos perigosos, foi Deus servido que os passássemos bem. Oito dias depois da nossa partida, me visitou o Senhor com um acidente repentino, o maior (1) que nunca tive; durou-me poucos dias, mas com grandes febres e fastio. Não lhe apliquei remédio algum, porque não tinha outro senão a confiança em Deus, por quem fazia aquela jornada. Esta me valeu e serviu de mèzinha para recuperar a saúde, e ficar livre de um inchaço de estranha grandeza, que me tinha causado o acidente que tive».

«Gastámos dezanove ou vinte dias em chegar à altura da ilha, mas não foi Deus servido que a encontrássemos, nem alguma das outras que estão a par dela; e a causa parece que foi levar-nos a corrente das águas ao Levante, e
* ficarem-nos elas atrás, para a banda do Poente. Visto êste sucesso, e que os *Fl. 258 v.
ventos nos eram contrários, para as tornar a buscar, e que nos ia faltando a matalotagem, pusemos a proa na costa, que corre do rio Senegal (2), para a banda de Cacheu, e chegámos à vista dela em menos de vinte e quatro horas. Con-

(1) *Nt.:* e mayor.
(2) *Nt.:* Cenegà.

tando eu isto depois nesta ilha, todos me disseram que fôra particular mercê de Deus não acertarmos com ela; porque, sem dúvida, caíramos nas mãos de um corsário, que naquele tempo andou muitos dias à vista do pôrto, para roubar os navios que viessem a êle».

«O que neste sucesso se me oferecia, era que porventura nos encaminhara Deus aos portos daquela costa, para remédio de algumas almas. Assim o cuidaram depois os portugueses daquelas partes, e o diziam uns aos outros, e a mim muitas vezes, com grande consolaçao de suas almas, quando viam o que Deus ia obrando por meio das confissões, prègações e doutrinas. É aquela costa povoada de gente inficionada com a maldita seita de Mafoma. Há nela dois portos, em que habitam portugueses, e teem entrada e trato outras nações, especialmente inglêses, holandeses e franceses. O principal é o de Ale, o outro de Joala; êste tomámos, depois de muitas voltas que demos, pelo não conhecer o pilôto. Saí em terra dia de S. Francisco. Vieram-me esperar à praia as portugueses que ali havia, dando-me os parabéns da ida e chegada, com mostras de grande alegria. Tomou-me à sua conta o principal, acomodando-me casas apartadas, junto a um modo de igreja que ali teem; emquanto aqui estive, sempre me proveu do necessário, com tanta caridade e largueza, que me não custou pouco acabar com êle que se moderasse. Perguntando se havia aparelho para dizer missa, soube que o tinha no pôrto de Ale o Visitador do bispado. Gastei os dias que ali estive, em prègar, confessar e fazer a santa doutrina. Concorriam
*Fl. 259. a estas coisas os cristãos com grande * alvorôço e fervor, e não em poucos se enxergou notàvelmente o fruto que daqui se tirava, de que seguiu muita glória a Deus».

«Os moiros, quando prègava ou se cantava a doutrina, estavam de fora ouvindo como pasmados; e alguns bexerins e outros me diziam depois grandes bens de nossa santa lei e das coisas que nas prègações ensinava aos cristãos. Soube-se, dentro de poucos dias, no pôrto de Ale, da minha vinda. Escreveram-me logo grandes significações de contentamento, e em particular o Visitador, cónego da sé dêste bispado, pedindo-me mui encarecidamente que me fôsse para lá, assim para consolação daqueles cristãos que o desejavam muito, como para o ajudar com nossos ministérios, por estar mal disposto; e juntamente me proveu de algumas coisas para o caminho, por saber quão falto vinha do necessário. Parti-me para lá, com desconsolação dos cristãos de Joala, a qual temperei com lhes dar palavra que tornaria, antes de ir a Cacheu, para confessar os que ainda o não tinham feito, e acabar alguns negócios que ficavam principiados. Acompanharam-me alguns por sua caridade, e por não ser aquele caminho mui seguro. Saíu a nos receber o Visitador, com os portugueses da povoação, que são muitos, e o alcaide moiro, governador daquele pôrto, que também me abraçou com os mais, dando-me os parabéns da minha ida, e declarando que não se alegrava menos com ela que os portugueses. Neste passo, porque aqueles moiros aos sacerdotes chamam reis dos brancos, lhe disse o Visitador, apontando para mim: — Êste é rei dos brancos —. E, por êle ser mui ladino e ter muita notícia de nossas coisas, deu mostras que entendia o que queria dizer. Antes de entrarmos na povoação, passando à vista de uma cruz, arvorada na praia, ajoelhei-me eu e fiz oração a ela, seguindo-me todos os que me acompanhavam, em presença

não sòmente dos moiros, mas também de muitos herejes que ali estavam, de várias na*ções; e, por êste mesmo respeito, para confusão de uns e de outros *Fl. 259 v.
e maior glória de Deus, fiz dali por deante a doutrina, todos os dias, ao pé desta cruz, que é o lugar mais freqüentado dos naturais e estranjeiros. Os portugueses que moravam perto, mandavam trazer suas cadeiras, outros bancos, outros se assentavam na relva do campo, achando-se presente de ordinário o visitador, para autorizar aquele acto, do qual eu e todos nos edificávamos muito, respondendo grandes e pequenos, em alta voz, que, por soarem muito, eram ouvidos não sòmente dos que estavam em uma grande praia, que ali faz o mar, mas também dos navios e dos moiros de tôda a povoação, dos quais acudiam tantos, assim homens como mulheres, meninos e meninas, que igualavam e excediam o número dos cristãos; e na quietação, com que ouviam, não se diferençavam dêles».

«Em tôdas estas doutrinas, tomava sempre ocasião de alguma coisa das que nelas se diziam, pertencentes à nossa santa Fé, para praticar dela, de modo que pudesse aproveitar não sòmente aos cristãos, mas também aos moiros e herejes. Desejava eu fazê-las aos domingos e dias santos, com mais solenidade; mas, como o rei daquela terra e os que a governam, e os moradores naturais são moiros, e entre êles há muitos bexerins, não faltaram alguns temores humanos e pareceres em contrário. Assentámos todavia, com aprovação do Visitador, que a fizéssemos ao menos uma vez, com solenidade pública, para ver como se tomava».

«Saímos pois um domingo, à tarde, pela rua principal da povoação, que é mui comprida e larga, levando deante a campaínha, e depois um crucifixo de vulto, mui devoto, e bem acompanhado de luminárias e de portugueses e outros cristãos, em duas ordens, a modo de procissão, respondendo todos à doutrina, que dois meninos iam cantando. Por fora destas fileiras, de uma banda e outra, ia grande multidão de moiros e be*xerins. E, porque a praça está no meio *Fl. 260.
desta rua, as moiras que vendiam nela, vendo-nos ir desta maneira, recolhiam o que tinham em seus balaios, e com êles à cabeça, nos iam seguindo. Chegámos finalmente a uma cruz, que está fora da povoação, cercada de paredes, por ser cemitério dos cristãos. Ajoelhámo-nos logo deante dela, entoando os meninos três vezes: — Senhor Deus, misericórdia — como sempre faziam. No cabo da doutrina repetiam todos o mesmo, batendo nos peitos, de modo que movia a grande piedade e devoção. Desta maneira fomos e tornámos, com tanta quietação, como se a terra fôra toda de cristãos católicos».

«Festejaram muito os portugueses êste sucesso, e ficaram com grandes esperanças que, se a Companhia continuasse ali, todo aquele reino se converteria à nossa santa Fé, com o qual concordava o que muitas vezes me dizia o visitador, que em nenhuma parte de Guiné podíamos residir com mais comodidade e fruto das almas que ali, alegando-me para isso (àlém de outras causas) o bom entendimento daquela gente; e eu experimentei ser assim, nas práticas que tive com os principais do govêrno; porque claramente confessavam que tudo o que os seus bexerins ensinavam da lei de Mafoma, era mentira, e que a nossa lei era a verdadeira, ajuntando a isto que, ainda que no exterior se haviam como moiros, no interior eram cristãos; e que, se não se declaravam e pediam o santo baptismo, era porque viviam das rendas que El-Rei lhes dava, mostrando grandes

desejos de que El-Rei se baptizasse, para êles fazerem o mesmo; e, segundo me disseram os portugueses, parece que não está longe disso, porque tem grande entendimento, e folga de ouvir tratar das coisas de nossa santa Fé; e, quando em particular fala com algum português, zomba de seus bexerins, e tal opinião tem dêles, que já uma vez os quisera desterrar de todo seu reino; mas deixou de o fazer, por respeitos humanos, que com esta gente podem muito».

*Fl. 260 v. * «Um mancebo, filho do principal fidalgo daquela povoação, cujo ofício é arrecadar os direitos e rendas de El-Rei, depois de ouvir o que eu tratava nas doutrinas ordinárias, quando depois fiz aquela mais solene, sentiu em si tão grandes desejos de ser cristão, que se foi logo em busca de alguns portugueses seus amigos, e descobrindo-lhes seu peito, lhes pediu que o trouxessem aonde eu estava, e fôssem medianeiros seus, para que eu o baptizasse. Fizeram-no assim com grande alegria. Lança-se o mancebo, em chegando, aos meus pés; pede-me com as mãos alevantadas que o faça filho de Deus, e o aceite por companheiro meu, porque me quer seguir por onde quer que fôr. Ajudam-no os portugueses, fazem-me a mesma instância, dão-me razões para lhe não negar o que pede».

«Foi para mim de grande consolação êste espectáculo, e assim lho signifiquei, declarando quão justo era o que pretendiam. Duvidei, todavia, como tomaria isto seu pai e El-Rei.—Meu pai, disse o mancebo, bem sei que há de folgar muito de me ver cristão, porque êle também deseja sê-lo. El-Rei não sei como o tomará; mas, ¿que me pode fazer, quando o não aprove?—Não creio, disse um dos circunstantes, homem rico e de grande reputação naquele reino, que El-Rei vos matará, por serdes cristão; mas, se vos cativar e vender, por vos baptizardes sem licença, eu lhe darei por vós quanto pedir, e vos porei em vossa liberdade—. Não se achou presente a isso o Visitador. Porque convinha saber eu primeiro seu parecer, respondi, depois de o consolar, que desse conta do negócio a seu pai e ao visitador; e que, se a êles parecesse bem baptizá-lo eu, logo o prepararia para isso, e faria tudo o mais que me pedia, com mui particular gôsto. Ajuntaram-se o pai e o Visitador e alguns portugueses principais; tratam o negócio; e porque El-Rei tinha mandado dizer que ficava de
*Fl. 261. caminho, para vir ao pôrto, pareceu a todos que o deixassem vir e * tornar, e que depois se podia fazer o baptismo com menos prejuízo do mancebo. Mas, porque depois disto me detive ali poucos dias, por estar já prestes uma lancha em que havia de ir a Cacheu, não sei o que sucedeu».

«Parti-me finalmente para Joala, como tinha prometido, e daí, depois de confessar os que estavam para isso, e concluir outros negócios do serviço de Deus, me embarquei para Cacheu, aonde chegámos ao terceiro dia, perto da meia noite. Tinha-me lá o capitão dos portugueses aparelhado uma casa, a melhor da povoação; e como soube da minha chegada, êle mesmo me levou a ela, com muito alvorôço e alegria. O dia seguinte fui visitado dos moradores daquele pôrto, e eu também os visitei a êles, com uma prática que lhes fiz na igreja, antes de dizer missa, declarando-lhes os rodeios por onde Deus me trouxera ali, e o fim de nosso Instituto, e oferecendo-me a ensinar a doutrina cristã todos os dias, prègar aos Domingos e festas, e a confessar os que acudissem a mim, e a todos os mais ministérios da Companhia».

«É êste pôrto mui freqüentado de navios, que veem a êle de Sevilha e dêsse reino e da ilha de Santiago ao resgate dos negros, e por esta causa há sempre nele muito trato e muitos casos que enredam as almas, ao qual se ajunta que a gente preta cristã, pela muita comunicação que tem com os gentios, e pouca doutrina, tornam fàcilmente a alguns ritos alheios de nossa santa Fé, especialmente os que antes do baptismo eram gabaçouces, que assim chamam aos feiticeiros, que adivinham e curam com remédios e palavras aprendidas na escola de Satanás; e por esta causa, era ali muito desejada a Companhia, e sôbre isso me tinham escrito muitas cartas, quando estava na Serra Leôa. Foi o Senhor servido que se remediaram muitas coisas destas, com muita glória sua. À doutrina, que fazia todos os dias, àlém dos meninos e gente preta, acudiam também muitos portugueses, porque sempre * nela tratava algumas coisas que pudessem apro- *Fl. 261 v.
veitar a todos. Depois que a fazia na igreja, e dava prémios aos que respondiam bem a ela, saíamos, cantando-a dois meninos e respondendo todos, até uma Cruz que está na praia, aonde nos ajoelhávamos; e depois de dizer três vezes—Senhor Deus, misericórdia—dávamos volta para a mesma igreja, continuando pela mesma ordem».

«Nos Domingos e dias santos, fazíamos isto com mais solenidade. Íamos a outra igreja, que está mais longe, tangendo a seus tempos as charamelas, e acompanhando-nos (àlém de outra muita gente) os principais da povoação, e entre êles algumas vezes o rei daquela terra, que é cristão e mora em outra aldeia sua. Seguia-se dêste exercício, e das confissões e mais ministérios da Companhia, tanto fruto, que, segundo voz de todos, parecia outra aquela povoação, e com isso pretendiam obrigar-me a que os não desamparasse; mas defendi-me com as razões que tinha para vir a esta ilha e com as cartas que ali recebi de meus superiores, como já disse, em que me ordenavam o fizesse assim».

«Despedi-me finalmente dêles com lhes dar esperanças, que mui cedo lhes mandaria, em meu lugar, algum ou alguns dos Nossos; e assim o fiz, no mesmo navio, em que vim a esta ilha, por achar nela quatro Padres e dois Irmãos, que dêsse reino tinham chegado, havia poucos dias. Minha vinda, como não era esperada, por haver muito tempo que se não sabia de mim, causou aos Nossos por uma parte admiração, e por outra, grande alegria; e o saber eu que êles estavam aqui, àlém dêstes efeitos, causou em mim grande confiança na misericórdia e Providência divina, que não há-de desamparar esta sua vinha, e que o fruto dela há de responder ao cuidado que tem de a prover de obreiros. Antes que o navio em que vinha, entrasse no pôrto, foi conhecido dos que estavam em uma ponta que a terra faz ao mar; correm de-pressa a pedir alvíçaras aos Nossos; saem logo de casa alguns, para * saber se era assim; embarcam-se e foram ter *Fl. 262.
comigo ao navio. Julgue V. R. a consolação que receberia com sua vista. Assim me apertavam com seus abraços, que era necessário moderar-lhes o fervor, e resistir à fôrça que me faziam, por ser maior que as da minha idade. Apressei a saída, porque me estava aguardando na praia o Governador, com muita gente principal. Fui recebido de todos com demonstrações de grande amor, especialmente do Governador, que assim nos ama e trata, como se fôra Irmão da Companhia».

«Tratei logo de mandar a diversas partes de Guiné os Nossos que nesta ilha achei, para que lá, com menos risco da vida, passassem as primeiras doenças, que são as perigosas, e depois tornar a ela; e como fiquei só, sem outro Padre, foi necessário suprir a falta dêles, não sem temor dos amigos que adoeceria por esta causa; mas foi o Senhor servido que sempre tive saúde e fôrças, para acudir aos próximos e exercitar outros ministérios, e entre êles o de ensinar latinidade a alguns meninos da terra, por entender que convinha assim para maior glória de Deus».

«Mas, antes que acabe esta, quero tocar brevemente algumas coisas mais, que o Senhor foi servido obrar nos lugares da costa e em Cacheu; porque posso dizer que nunca estive em parte, onde a Divina Bondade, em tão breve tempo, tirasse tanto fruto dos ministérios da Companhia, e houvesse tão geral mudança na vida e costumes de todos. Houve muitas confissões gerais, e outras de tanta importância, que os penitentes se persuadiam ter-me Deus levado àquelas partes só por amor dêles, afirmando-me que, se assim não fôra, perseveraram e acabaram a vida em seus pecados, sem os confessar. Entre estes achei alguns, que mais de trinta anos tinham êste estado, e pediam contìnuamente a Deus, que antes de sua morte lhes deparasse algum Padre da Companhia, para se confessarem a êle; e concedeu-lho a divina misericórdia; e a um logo o levou para si».

* Fl. 262 v. * «Tem (1) o demónio nestas partes muitos ministros seus, que com feitiços e beberagens, ensinadas por êle, acabam quanto querem. Chamaram-me para um mancebo, que tinham por endemoninhado, e os sinais eram disso; porque nem nomear queria o Santíssimo Nome de Jesus, nem o da Virgem sua Mãe, nem beijar as suas imagens, nem consentir que lhe deitassem relíquias e outras coisas santas ao pescoço. Fiz-lhe os exorcismos e usei de outros meios, para ver donde procedia aquele aborrecimento que mostrava ter às coisas de Deus e dos Santos; e vim a entender que a causa fôra uma beberagem que lhe dera uma mulher com quem vivia em mau estado, por a querer deixar. E, segundo me disseram, o efeito daquelas beberagens é ficarem os que as tomam, alienados e persuadidos que, se confessarem nossa santa Fé, ou algum artigo dela, ou fizerem reverência à cruz ou a outra coisa santa, hão de morrer logo. Disse uma missa por êle, e, segundo entendi depois, foi o Senhor servido de o livrar daquele trabalho. Dêste princípio parece que nasceu uma coisa extraordinária, que sucedeu em Cacheu».

«Estando eu aí, caíram algumas paredes da igreja principal daquela povoação. Abrindo depois os alicerces para outras, fora do lugar em que estavam as antigas, deu o que ia cavando com o corpo de uma mulher, que êle mesmo tinha enterrado ali, havia catorze meses, tão inteiro, e a mortalha tão sã, como se então acabara de a enterrar; pôs os pés sôbre ela, para ir cavando por deante: senão quando, sentiu se movia, e que o levantava para cima. Salta fora, atemorizado, chama o pedreiro e outros; mostra-lhes o corpo; conta-lhes o que passara; mas, tanto que pôs os pés no corpo, tornou, como antes, a o levantar para cima. Foram dar conta do caso ao Vigário; viu o corpo, da maneira que

(1) *Nt.:* e tem.

disse, e pediu-me que o visse eu, como fiz; e, querendo saber qual fôra a vida daquela mulher, achei tão ruíns informações dela, que entendi permitira Deus que se abrissem aqueles alicerces naque*le lugar, e se achasse o seu corpo da- * Fl. 263. quela maneira, para terror e exemplo de outras negras daquela povoação, que tinham o mesmo trato com o demónio, e viviam como ela viveu, mais gentílica que cristãmente; e parece que, assim como o diabo morou em sua alma e a possuíu na vida, assim depois da morte, permitindo-lhe Deus, a acompanhou, e possuíu o corpo, e o preservou da corrução, com a mortalha e cordão, e tudo o mais que tinha sôbre si».

«É grande a sujeição em que vivem os portugueses dêstes portos, e as tiranias que sofrem dos reis e dos mais que governam a terra, só por viverem à sua vontade e por saírem dali ricos, ainda que a risco de perder tudo em um dia. Deixo os direitos que pagam das mercadorias que metem ou tiram e o rigor com que fazem pagar a uns o que outros deviam, sem outro fundamento mais que serem da mesma nação. Cada vez que o rei tem necessidade de o nheiro, ou finge que a tem, como eu vi, a manda por um fidalgo de sua casa significar aos portugueses. Êste vem, com grande acompanhamento, e entra pelas suas casas tão livremente, e com tanta autoridade, como se os moradores delas foram seus escravos, sem haver quem lhe vá à mão, ou se atreva a lhe negar o que pede, ou deseja; e por mais que lhes dêem, nunca se dão por satisfeitos».

«Se algum navio dá à costa, é logo tomado por El-Rei, com tôda a fazenda que nele acham; e, para fazerem isto mesmo aos que estão de assento na povoação, basta fingirem alguma culpa que cometeram. Mas tôdas estas tiranias vence a que usam com êles na morte; porque, em adoecendo algum, se entendem que a doença é perigosa, logo lhe cercam a casa, para que não se tire dela coisa alguma; e, tanto que expira, imediatamente lhe lançam mão de tudo, ora seja seu, ora de ausentes que tinham companhia com êle. Assim aconteceu a um homem rico que eu conheci. Morreu, e foi logo esbulhado, não sòmente do que tinha em sua casa, seu e de parentes; mas, porque naquele tempo acertou de chegar ao pôrto um navio seu, que im*portava muito, logo lhe lançaram mão * Fl. 263 v. dêle e de tudo quanto trazia».

«Finalmente são seus costumes e modo de proceder, qual é a lei que seguem, e qual o saber e doutrina dos mestres que os ensinam, como se pode coligir do que no mesmo pôrto, estando eu nêle, passou entre um moiro e um bexerim ou caciz, o principal e de mais nome que ali havia, que vindo o moiro ao pôrto a vender alguma fazenda, e indo em busca do bexerim, lhe disse que não viera tanto em razão do negócio, como por tratar com êle uma dúvida que tinha, a qual era: ¿porque os brancos eram livres, e os pretos seus escravos? Ao que respondeu que a razão era, porque Deus criou primeiro os brancos e depois os pretos, aos quais, por serem derradeiros, mandou que servissem a seus irmãos maiores».

«Destas coisas pudera contar muitas que deixo, por abreviar; mas, tornando aos reinos da Serra Leôa e Costa de Guiné e conversão de infiéis, que neles se pode fazer, digo que muito bem vejo quão grandes são as emprêsas dessa nossa Província de Portugal, as quais tôdas estão chamando obreiros para a sua messe.

e colherem o fruto da conversão de tantas almas por tôda a Índia, China, Japão, Brasil, Monomotapa, Preste João; mas isto não basta para nos livrar da mágoa e dôr contínua que sentimos êsses que andamos nestas partes, vendo a perdição de tantas almas que se puderam salvar, se de lá nos viera algum socorro de gente, por ter entendido dêste gentio e da facilidade com que se sujeitam às razões que lhes damos contra suas falsidades, que, se tiverem consigo Padres que os tratem e ensinem, sem dúvida se convert[er]ão todos à nossa santa Fé, e com o favor divino, uns mais de-pressa, outros mais de-vagar, conforme ao como Deus os fôr aluminando e movendo».

«E, para se pôrem os olhos nesta emprêsa, se não mais, ao menos tanto como nas outras, há algumas razões não leves. Uma é ser esta conquista mui
* Fl. 264. antiga, e a de gentios que mais perto estão dêsse reino; porque, em menos * de vinte dias, se pode vir a ela. Outra é ser grande o fruto temporal, que os portugueses tiram dela, há muitos anos, o qual era razão que lhes pagaram com o espiritual de suas almas. Mas, ou seja porque os que veem a estas partes, sòmente tratam de fazer suas armações, ou porque o cativeiro envilece esta gente nesse reino, e os faz parecer incapazes das pedras preciosas do santo baptismo e mais sacramentos, de nenhuma coisa se tratou atègora menos que desta, como se só nesta gentilidade não tivera lugar a obrigação com que se concederam as conquistas. E assim, vista a pouca estima em que se teem estas almas, estou persuadido que, se a Companhia não tomar à sua conta a sua conversão e fizer muito caso desta emprêsa, permanecerá sempre no mesmo desamparo, sem sair nunca do abismo da idolatria e ignorância em que atègora viveram».

«A terceira é que o zêlo que a nós falta da salvação destas almas, sobeja aos moiros, para as inficionar com a maldita seita de Mafoma; porque, sendo assim que antes, não há muitos anos, os impérios e reinos dos fulos, jalofos, bexerins, mandingas, e todos os mais da costa desta Guiné eram gentios, e folgavam de ouvir as coisas de nossa santa Fé e a recebiam alguns; agora todos professam a falsa e abominável doutrina dêste anti-Cristo, e nem consentir querem que lhes tratem das verdades do santo Evangelho; o qual fogo, se se não atalhar, pode-se temer que vá lavrando pelos reinos e nações de gentios, que há até ao Mar Roxo; porque estes mandingas, ainda que a casa do seu falso profeta está tão longe, lá o vão visitar, peregrinando por todas estas terras e prègando as falsidades de sua seita. Disto teve sua Majestade aviso, haverá dez ou dôze anos; e tratando-se do remédio, o que se ofereceu, foi que a Companhia mandasse a estas partes alguns obreiros, o qual, pôsto que se dilatou, por algumas causas que houve para isso, foi Deus servido que se efectuou no ano de 1604; donde se seguiu que os bexerins, que antes vinham a estes reinos,
* Fl. 264 v. co*mo souberam que nós estávamos nêles, e que os gentios se iam convertendo à nossa santa Fé, não tornaram mais a êles».

«Mas, porque não basta começar, importa, para que estes princípios vão por deante em crescimento, e sobre êles se funde uma Igreja mui gloriosa, que nem a nós faltem companheiros necessários, nem a estes reinos o favor de Sua Majestade, que lhes prometemos, como já disse, quando se tomou posse da Serra Leôa e conquista dela, nem aos reis convertidos algumas mercês, que a êles animem, e aos que teem desejos de os imitar, acabem de render, vendo o caso

que se faz dos que já são cristãos; porque tudo isto é necessário, emquanto estas plantas são novas».

«Visto também como Deus vai favorecendo esta emprêsa com a mudança não sòmente dos gentios, que deixam a idolatria, e dos cristãos antigos que saem do mau estado em que antes viviam, mas até dos ares, porque, como notam e afirmam os que teem experiência desta terra, depois que nela levantámos igrejas e celebrámos o altíssimo mistério da Missa, cessaram as bravas e espantosas tempestades que nela havia, e se seguiu grande serenidade e fertilidade: pelo quê, quero acabar com pedir aos caríssimos Padres e Irmãos dessa santa Província, pois tanto zelam a salvação das almas, favoreçam também e ajudem esta, pedindo ao Autor dela, que a leve por deante, para glória sua e aumento da nossa santa Fé».

*LIVRO QUINTO *Fl. 265.

ADIÇÃO À RELAÇÃO DAS COISAS DE ETIÓPIA

Com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente
das que seguiu o Padre Frei Luís de Urreta
no livro que imprimiu da história daquele império do Preste-João

PRÓLOGO

ESTANDO-SE imprimindo esta *Relação das coisas que os Padres da Companhia de Jesus fizeram na India, nos anos*(1) *de 608 e 609*, acertou de vir ter à minha mão um livro, impresso em Valença, no ano passado de 1610, composto pelo Padre Frei Luís de Urreta, da sagrada Ordem dos Prègadores, e intitulado: *Historia Eclesiastica, Politica y Natural de los Reynos de Etiopia, Monarchia del Emperador, llamado Preste Iuan;* no qual o mesmo Padre, movido de caridade e pio zêlo, pretende mostrar que os Abexins do Preste-João nunca foram jàmais, nem são scismáticos e apartados da Igreja Romana, mas católicos e obedientes a ela.

E, porque o mesmo Autor do livro diz que tudo o que nele escreve sôbre Etiópia, assim das coisas sagradas, como políticas, o tira de umas relações e papéis que lhe deu um Dom João Baltasar, abexim, natural daqueles reinos, que veio ter a Valença; e pela muita e certa notícia que se tem neste reino de Portugal, e relações autênticas que nele há, das coisas daquele reino, pela freqüente comunicação e trato que os portugueses, de cem anos a esta parte, e os Padres de nossa Companhia de Jesus, de 56 para cá, teem nele, evidentemente consta que as tais informações do que diz daqueles reinos, assim àcêrca das coisas políticas, como das que tocam à Fé, são erradas * e faltas de verdade; e *Fl. 265 v.
por isso redundam em muito descrédito, não só da verdade das histórias dêste reino, e das eclesiásticas que se escreveram pelos Padres da Companhia de Jesus, mas da mesma Sé Apostólica e da própria Fé e Religião Cristã: pareceu ser mui necessário que se declarasse a pureza da verdade do que passa nas coisas de que as tais informações falam, principalmente no que toca à fé e religião dos Abexins, e ao que diz das missões da Companhia àquele reino, e dos

(1) *Nt.*: aos annos.

portugueses que lá foram, para que não pareça que, dissimulando-se com coisas tão graves, se consente com elas, em prejuízo da mesma verdade e do crédito(1) e autoridade de reis e Papas, da nação portuguesa e dos religiosos que atendem à redução daqueles reinos.

E, ainda que no livro se tratam algumas coisas, em que se puderá reparar, e outras também que o crerem-se ou não se crerem monta muito pouco, diremos sòmente destas que mais importam, e que é bem que o mundo saiba a verdade delas, para que, quemquer que vir o livro, se não embarace em ter de alguma maneira por verdadeiro o que é tão falso.

*CAPÍTULO I

*Fl. 266.

Do que se trata no livro àcêrca da fé dos Abexins

O PRINCIPAL intento e fim do que se pretende em tôda esta história, e principalmente no livro segundo e terceiro, é mostrar que o Preste-João da Etiópia, e os Abexins nunca foram scismáticos e desobedientes à Igreja, nem o são hoje em dia, senão mui bons católicos; e que, ainda que reconheçam por cabeça o Patriarca de Alexandria, a quem diz (liv. 2., cap. v) que pertencem *de jure divino*, e de quem trazem seu prelado, nem por isso deixam de o ser; pois não é conseqüência necessária que, se o prelado é hereje, o sejam também os súbditos; e que, ainda que, por muito tempo, ignoraram muitas cerimónias da Igreja; que todavia, no que toca à fé do mistério da Santíssima Trindade, e dos catorze Artigos e dos Sacramentos, sempre, desde o princípio da Igreja se conservaram em tôda a pureza e sinceridade da Fé, da mesma maneira que se crê na Igreja Católica, sem nunca se apartarem um ponto dela, nem dos Artigos decretados, definidos e determinados em os Concílios Gerais. E quanto ao judaísmo da circuncisão, guarda do sábado e cerimónias da Lei Velha que seguem, que pela intenção com que o faziam, nenhuma culpa tinham; mas que, depois que, pela via da Índia de Portugal, tiveram comércio com a igreja Romana, e entenderam que os cristãos de cá se escandalizavam de êles guardarem a circuncisão e mais cerimónias da Lei, e os Papas também lho * mandaram que o
*Fl. 266 v. não fizessem, logo deixaram * a circuncisão e os mais ritos judaicos e todos os outros erros em que dantes por ignorância viviam.

E diz mais o livro, na página 404, que os autores que escreveram de serem os Abexins scismáticos, e de estarem inficionados com as heresias de Dióscoro e de Eutiques e de outros herejes, que falaram nisto como presumidos, sem nenhum fundamento, e seguindo mais sua imaginação que certeza alguma do que escreviam. Esta é a suma de todo o intento do livro. E a êste propósito diz outras muitas coisas, de que também se declarará a verdade. E pôsto que a intenção e zêlo do Autor que o escreveu, se há de presumir que foi boa, em querer acudir por uma nação cristã, e defendê-la da culpa que cuidava ou estava informado que lhe impunham: contudo, como as informações donde êle diz que

(1) *Nt.:* descredito.

tirou tudo quanto escreve sôbre esta matéria, foram sòmente de um abexim que veio ter a Valença, por nome Dom João Baltasar, e não foram certas: não parece justo que se deixe de responder a elas, declarando o que na pura verdade passa, principalmente encontrando elas tanto a opinião e juízo de tôda a Igreja, que de tantos centos de anos a esta parte, tem o rei e nação dos Abexins por scismáticos, herejes e apartados da obediência e verdadeira Fé da Sé Apostólica; a autoridade de tantos Papas que assim o julgaram, e por êste respeito, de 60 anos a esta parte, lhe mandaram Patriarcas e Bispos, e Religiosos prègadores, para os reduzirem, e em seus Breves e Letras Apostólicas os nomeavam por scismáticos e apartados da obediência da Igreja; a de tão católicos reis, como foram os de Portugal, Dom Manuel, Dom João III e Dom Sebastião, que tanto procuraram a redução daqueles reis e reinos, mandando-lhes para isso suas embaixadas e socorros, assim temporais de gente de guerra para os ajudar contra os moiros seus inimigos, * como espirituais, de Patriarcas, Bispos e Religiosos, *Fl. 267.
que lhes negociaram com os Papas, e os despacharam dêste reino, com tantas despesas de sua fazenda; a verdade e crédito de uma nação tão católica e zeladora da Fé e aumento da santa Igreja, como é a portuguesa, que, depois de cem anos a esta parte, com suas navegações descobriu aqueles reinos, outra coisa não sabe dêles com mais certeza, pelo verem com seus olhos todos os naturais dêste reino que lá foram e andam, que serem scismáticos, herejes, e não quererem obedecer ao Papa, e terem muitos e grandes erros nas coisas de nossa santa Fé, não só de heresias, mas do próprio judaísmo, que guardam.

E também parece coisa fora de razão haver por presumidos tão graves e religiosos autores, como são o Padre Pedro de Ribadeneira, e os Padres Mafeu e Luís de Gusmão, e outros de nossa Companhia e fora dela, que em suas históriase screvem serem os Abexins scismáticos; e dizer dêles que falaram sem fundamento, e mais por imaginação sua que por certeza do que escreviam, e que se regeram por falsas informações, e sem averiguação de verdade, como diz na pagina 215, 613: *e o Padre Mafeu, porque tinha mais ôlho em que o mundo soubesse que era grande latino;* porque o mesmo Padre Mafeu, quando escreveu sua história, vendo qne em Itália não tinha tanta ocasião de averiguar verdades, por falta das informações e papéis necessários e autênticos, que lá não havia, em pessoa veio a êste reino de Portugal, no ano de 1579, e nele a escreveu, inquirindo primeiro e averiguando diligentìssimamente a verdade(1) de tudo o que havia de escrever; e o próprio Cardeal e Rei Dom Henrique, que então reinava, lhe mandou também mostrar e dar tôdas as relações * e papéis autênticos que *Fl. 267 v.
havia nas secretarias e arquivos do reino, e que estão na Tôrre que chamamos do Tombo, nesta cidade de Lisboa.

E os Padres Ribadaneira e Luís de Gusmão tudo quanto escreveram, foi com mui certas e averiguadas informações não sòmente das que havia em Portugal, antes de nossa Companhia ir à Etiópia, mas com as que tiveram, depois que os Padres lá foram por êles mesmos, desde 56 anos a esta parte, que há que lá andam, e que todos sempre e todos os anos, assim o Patriarca Oviedo, emquanto viveu, como os mais, na mesma conformidade escreveram, e escrevem

(1) *Nt.:* as verdades.

hoje em dia, do estado em que está aquele reino e povos nas coisas da Fé e Religião, que é de scismáticos, herejes e desobedientes à Igreja Romana. Pelo qual se deixa ver quão dura coisa é, e o grande agravo que se faz a um tão santo varão, como foi o Patriarca Oviedo, e a todos os mais da Companhia, que de lá informaram e cá escreveram, em se dar ocasião ao mundo, de que se cuide que foram tais, que falsamente quisessem infamar a todo o império, e impôr a tôda uma nação cristã um tão feio crime, como de heresia e scisma contra a Igreja de Deus; e notar aos reis de Portugal e aos mesmos Sumos Pontífices de leves em crerem e se deixarem persuadir de falsas informações, e a ter antes por verdadeiras as de um abexim estranjeiro e não conhecido; o qual, para que se veja o crédito que merecem suas informações, leia-se um tratado seu, que fêz imprimir em Valença, no ano de 609, a que intitulou: *Fundacion, vida, y regla de la grande orden militar y monastica de los cavalleros de Santo Anton Abbade*; o qual publicou por verdadeiro, sendo uma mera ficção, como se pode ver nele mesmo, e no que diz da obediência que aqueles cavaleiros diz que juram à Igreja Ro-
* Fl. 268. mana; do voto, que diz terem, * de não casar, sem licença do Papa; do Núncio Apostólico que diz haver em Etiópia, e de haver estes cavaleiros por todo o mundo, até pela Índia, Gôa, Malabar e China; o que tudo consta não ser verdade; e, estranhando-lhe isto uma pessoa grave, respondeu que aquilo não fazia mal a ninguém, como fazia o livro de que tratamos.

E o que é mais de notar, que, com serem semelhantes a estas as mais coisas que êle persuadiu, e de que informou em seus papéis ao Autor do livro, como as fábulas e ficções que conta por muitos capítulos do monte Amará; acêrca da criação dos filhos dos reis que nêle metem; da inaudita livraria e tesoiros que diz haver nele; e as que depois, por muitos outros capítulos do primeiro livro também se pintam àcêrca da eleição do Preste; das cerimónias que nela finge; do solene juramento que diz que faz da obediência à Igreja Romana; aparato de sua côrte; modo de proceder na justiça e no mais govêrno da paz e da guerra; universidades, seminários; o número de Bispos e Arcebispos que diz haver em Etiópia; extensão imensa daquele império, e outras muitas coisas que seria infinito contá-las: com tudo isto, hoje em dia, se queixa pùblicamente que lhas acrescentaram ainda quatro vezes mais, como consta da petição que apresentou a El-Rei, cujo treslado eu vi.

E, porque no mesmo livro se diz que, dês que os Papas avisaram aos Abexins, de seus erros, e lhe mandaram que se não circuncidassem, nem usassem das cerimónias judaicas, êles obedeceram logo, e em tudo se conformaram com os costumes e ritos católicos, os quais hoje em dia seguem assim e da própria maneira que na Igreja Romana: pede a obrigação da verdade que se diga a do que hoje em dia passa em Etiópia nesta parte, como o afirmam as
* Fl. 268 v. mais modernas relações e teste*munhos, que disto se teem, e não de homens leigos e seculares, mas de sacerdotes religiosos, letrados e de santa vida, que por aquelas partes andaram e andam pessoalmente, gastando-a em servir a Deus e à sua Igreja e procurar o bem daquelas almas.

E seja o primeiro testemunho o do Padre Frei João dos Santos, Religioso da sagrada Ordem dos Prègadores, em um livro que imprimiu, no ano de 608, a que intitulou *Ethiópia Oriental*, na qual êle andou onze anos, principalmente nas

partes de Moçambique, Sofala e Monomotapa. E, quando vem a falar na Etiópia particular, que pertence ao império do Preste-João, que é no livro quarto da Primeira Parte, tratando no capítulo oitavo, de seus ritos e costumes, no que pertence à Fé e Cristianismo, entre outras coisas diz dêles, [o] que tem estes àcêrca da Missa e Confissão, por estas palavras: *As vestimentas com que dizem Missa, são ao modo de camisas grandes, e a estola furada pelo meio e metida pela cabeça. Não usam de amito, nem de manípulo, nem de cordão para se cingirem: os frades dizem Missa com o capêlo na cabeça. Não dizem Missa por defuntos; em cada igreja não se diz mais que uma só Missa. Os sacerdotes consagram no altar, e não mostram o Sacramento ao povo. Tôda a gente que vem a ouvir Missa, é obrigada a comungar, ou deixar de a ouvir. Todos, até os meninos, comungam sub utraque specie; quando se confessam, é em pé, e em pé lhes dá o sacerdote a absolvição.* Donde se vê não ser verdadeira a informação que ao Autor se deu, do que diz na página 514: que os Etíopes usam já dos ornamentos da Missa da própria maneira que os nossos; nem do que diz, que dizem Missa pelos defuntos; nem do que diz na página 507, que depois que o Papa Paulo III lho mandou, já não comungam *sub utraque specie*; nem do que diz na página 492, que, ainda que dantes tinham êste ruím costume de se confessarem em pé, agora já o confessor está assentado, e o penitente de joelhos.

* Diz mais o Padre Frei João dos Santos, no capítulo 7.º do 4.º livro, falando * Fl. 269
dos erros, que teem os Abexins, estas palavras: *Começou no princípio da Igreja a Cristandade destas terras com muito fervor e perfeição na Fé pura, e nela perseveraram muitos anos, até que, pelo tempo em deante, receberam a falsa doutrina de Eutiques e do malvado Dióscoro, Patriarca de Alexandria, aos quais veneram por Santos, seguindo seus erros na Fé, sendo desobedientes ao Papa e obedientes ao Patriarca de Alexandria, e guardando muitas cerimónias judaicas, como são a observância dos sábados e dos jejuns, circuncisão dos meninos, não comerem alguns manjares imundos, darem libelo de repúdio a suas mulheres e tomando outras.*

Veja agora quem ler o livro, se se pode negar que os Abexins, de muitos anos a esta parte, foram e são hoje em dia scismáticos e herejes, e quão errada foi a informação que se deu ao Autor, que no ponto que o Papa lho mandou, deixaram logo seus erros e judaísmos, e se conformaram com a Igreja Romana; se tem razão de dizer, na página 517, que levanta aleive aos Etíopes quem dêles diz que casam com muitas mulheres.

Diz mais o Padre Frei João dos Santos, no cap. 8.º, desta maneira: *O Prelado maior destas partes lhes vem de Alexandria, mandado pelo Patriarca, o qual tem todos seus poderes, e em tôda esta cristandade não há outro Bispo mais que êste, a que chamam Abuná; e êste ordena os clérigos e frades destas partes; e, quando êste morre, vão buscar outro a Alexandria.* Atèqui do Padre. E por isto que êle aqui diz, se fica vendo quão falta de verdade foi a informação que se deu ao Autor do livro, do que diz na pág. 175, e em outras muitas partes, que tem El-Rei de Etiópia um Conselho de Estado, a que chamam o Grão-Conselho, no qual entram trinta personagens, *scilicet*, seis (1) Patriarcas,

(1) *Nt.:* personagẽs. s. seis.

seis Arcebispos, seis Bispos e os demais Abades e seculares, sem declarar estes
*Fl. 269 v. Patriarcas ou Bispos e Arcebispos, donde o são; pois em Etiópia não há ci*dades
donde sejam titulares; nem ainda o Prelado que teem, se chama Patriarca, senão
Abuná, que é o mesmo que Padre; e ainda êste o hão do Patriarca de Ale-
xandria, com muita dificuldade, como se diz na pág. 439. E da mesma maneira
do que diz no cap. 12.º do 2.º livro, em que trata dos Arcebispos e Bispos, que
o abexim informante fingiu haver em Etiópia, e tudo o mais de sua eleição, con-
sagração, forma que teem de fazer sínodos e visitar as dioceses, coisa que lá
de nenhum modo há, nem Prelado que visite ovelhas, nem quem lhes peça conta
de como vivem, nem se ouvem Missa ou se confessam, como consta do que fica
dito na relação atrás, no cap. 10.º do primeiro livro.

Também daqui se vê não ser bem informado o Autor àcêrca do que diz na pág. 553, e noutros muitos lugares, que, por Breves particulares, expedidos por alguns Papas, o Arcebispo mais antigo de Etiópia, é nela Patriarca e Núncio Apostólico, e tem as vezes do Sumo Pontífice, com ordem que nas coisas difícultosas recorra ao Núncio de Portugal, ou ao Arcebispo de Gôa e Teólogos dela: o qual tudo quão fora de propósito seja, a mesma razão o está ditando; porque, ainda que lá houvera tais Arcebispos ou Bispos, ¿como podiam ser Núncios Apostólicos, sendo scismaticos? E, se foram católicos, ¿que necessidade havia então de mandarem lá os Papas Patriarcas e Bispos, como mandaram, para redução daquele reino? E, se tiveram as vezes do Papa, ¿que necessidade tinham de recorrer ao Núncio de Portugal, ou Arcebispo de Gôa e Teólogos dela? E, em caso que recorreram, ¿em quantos anos havia de vir cá e tornar lá a resposta de uma resolução, havendo entre Portugal e Etiópia tão grande distância de mares, e tantos impedimentos para se comunicarem, que estão logo
*Fl. 270 em Etiópia seis e sete anos, sem poderem ter uma resposta * da Índia, e na
Índia sem a poderem ter de Etiópia? E atèqui as informações e testemunhos do Padre Frei João dos Santos. Agora poremos outros não menos segurose verdadeiros, que são os dos Padres de nossa Companhia de Jesus, não só os antigos, que irão mais adeante noutro lugar, mas os modernos, que foram de dez anos a esta parte, e hoje em dia andam em Etiópia.

Informações dos Padres da Companhia

Para nesta matéria se poder dar inteira razão de tudo o que a ela pertence, é necessário declarar-se primeiro que, desde o ano de 57, que o Padre Patriarca Oviedo e mais Padres da Companhia de Jesus entraram em Etiópia, até o ano de 603, que foi espaço de 46 anos, nunca mais pessoa alguma da Companhia, (com tantas vezes cometerem a ida e se procurar por tantas vias) pôde lá entrar; porque logo, depois da entrada do Patriarca e Padres, de tal maneira ocuparam os turcos todos aqueles portos do Mar Roxo, que estão na costa do Abexim, e dantes eram seus, que nenhum só lhes ficou que os turcos lhes não tomassem, e de que não estejam(1) apoderados até ao dia de hoje; pelo que, nunca jàmais houve poderem passar um só português nem Padres a Etiópia, que não fôssem

(1) *Nt.:* estem.

mortos ou cativos dos moiros e turcos como aconteceu, no ano de 1560, ao nosso Irmão Fulgêncio Freire, que da Índia mandaram os Padres a Etiópia, a saber novas do Patriarca e do que lá passava, porque as não sabiam desde que partira de Gôa; o qual no estreito de Meca foi tomado dos turcos e levado cativo ao Cairo, cheio de feridas que lhe deram; donde, depois de muitos trabalhos, foi resgatado por via de * Roma. *Fl. 270 v.

O mesmo sucedeu aos Padres António de Monserrate e Pedro Pais, no ano de 90, os quais(1) indo para Etiópia, ajudar e suceder aos que lá estavam, que não eram já mais que um ou dois, por todos os outros serem mortos, foram também cativos dos moiros, e em seu poder estiveram sete anos, em estreitíssimo cativeiro; o mesmo ao Padre Abraão de Georgiis, maronita de nação, que indo da mesma maneira para Etiópia, no ano de 95, foi conhecido e prêso na ilha de Maçuá, e ali martirizado pelos infiéis, por se não querer fazer moiro. Pelo que, vendo isto os Padres da Índia, e considerando que remédio poderiam ter, para os Nossos poderem passar àquele reino com vida, para acudirem assim àqueles poucos católicos, descendentes de portugueses, que lá há, os quais, por serem mortos todos os Padres, estavam em tanto desamparo, como para verem se podiam reduzir o rei e seus vassalos à obediência da Igreja Romana: nenhum outro acharam mais próprio, que fundar uma casa da Companhia na cidade de Dio, aonde cada ano veem muitas naus de Meca, em razão do comércio, para nelas os Nossos, disfarçados em trajos de Arménios, poderem ir seguros; por ser dali mais fácil a passagem a Etiópia, que de nenhuma outra parte da Índia.

Começou-se esta casa, de bem fracos princípios; e como o demónio viu a guerra que dali se lhe ia ordenando, com quantas fôrças pôde, procurou de a impedir, com muitos estorvos e contradições; porém emfim prevaleceu a causa de Deus. E entrando no govêrno da Índia o vizo-rei Aires de Saldanha, como era tão pio, tão cristão e zeloso do bem e conversão dos infiéis, entendendo de quanta importância era esta casa para a redução de Etiópia que tanto se desejava, entre outras coisas importantes que fêz no tempo de seu govêrno, que não toca a esta hi*stória prosseguir, uma delas foi dar ordem na fundação dela, e *Fl. 271.
promovê-la sempre em tudo o que se entendeu ser necessário, para a levar ao cabo, como levou; e é hoje uma das boas que a Companhia tem na Índia, e utilíssima, não só para os naturais de Dio, cristãos e gentios, mas sobremaneira para o bem de Etiópia, que foi o fim principal por que se fundou; porque desta cidade e pôrto partem os Nossos, em naus dos mesmos turcos e mercadores moiros, os quais obrigados com os favores que em Dio lhes fazem em seus negócios, os levam e põem a salvo em Etiópia, como fizeram, no ano de 603, ao Padre Pedro Pais(2), e no de 605, aos Padres António e Francisco António de Ângelis; e no de 606, aos Padres Luís de Azevedo e Lourenço Romano, que estes cinco são os que hoje lá andam, e dêstes diremos agora aqui o testemunho e informações que por suas cartas dão, do estado em que ao presente está aquele reino nas coisas da Fé e obediência à Igreja Romana; pôsto que de propósito não escrevem desta matéria, por ser coisa tão notória, mas sòmente acaso e por

(1) *Nt.:* aos quaes.
(2) *Nt.:* Pero Paes.

ocasião de outras coisas que iam tratando em suas cartas; e por isso iremos apontando o que cada um diz por si, que é o seguinte.

O Padre Pedro Pais, que é o Superior de tôda a Missão, em uma de 24 de Julho de 604, diz que sôbre o mistério da Santíssima Trindade teem os Abexins que nós os católicos pomos quatro pessoas, porque em Cristo pomos duas naturezas e duas vontades, não pondo êles mais que uma só; teem que o Espírito Santo não procede do Filho, senão do Padre; teem que não há Purgatório; teem que se rebaptizam cada ano e juntamente se circuncidam, e guardam o sábado e outros muitos ritos do judaísmo; e sôbre todos estes erros, diz o mesmo
* Fl. 271 v. Padre * que muitas vezes disputou com alguns abexins, os mores letrados que lá há, frades e leigos, assim em práticas particulares como duas vezes deante da raínha, e uma solenemente deante de El-Rei Tindigil, e que convencidos chegaram a confessar seus erros, como sempre fazem; mas dizendo juntamente que se não atrevem a manifestar por da Fé da Igreja Romana. Diz mais o Padre que reduziu dois homens que cada um estava casado com três mulheres; e declarando-lhes o êrro disto, responderam que o seu Abuná ou prelado lhes dissera que bem o podiam fazer, e que êle lhes dava licença para isso.

Donde consta não ser bem informado o Autor àcêrca do que diz no cap. 3.º e 4.º do 2.º livro e noutros lugares, que a pureza da Fé e obediência ao Papa esteve sempre e está nos Abexins tão pròpriamente, como na Cristandade de Europa, e que nenhum êrro teem no mistério da Santíssima Trindade, nem em nenhum dos Artigos da Fé, nem dos sacramentos da Igreja, sendo êles tão crassos e tantos, como se tem visto e verá no que se segue.

O Padre Luís de Azevedo, em uma de 22 de Julho de 607, diz, falando dos erros dos Abexins, que casam com muitas mulheres; que sua confissão não é dos pecados em particular e espécies, senão em geral, dizendo: *Habesseu, habesseu*, que quere dizer: pequei, pequei, sem descobrir pecados alguns. E ainda essa confissão, tal qual é, escassamente a fazem e mui raras vezes, e que sem ela comungam e ordinàriamente morrem; e que não teem o sacramento da Confirmação, nem o da Extrema-Unção; nem, na hora da morte, usam receber o sacramento da Eucaristia por Viático, e que mui poucos ainda se confessam nela, mas que, como bestas, assim morrem, com lhes parecer muito bem o uso da Igreja Romana, da Extrema-Unção e Viático.

* Fl. 272. E, conforme a isto, bem se deixa ver * quão falsa foi a informação que se deu ao Autor, àcêrca do que diz no cap. 8.º do 2.º livro, que sempre os Abexins usaram e usam hoje em dia do sacramento da Confissão, com tanta inteireza como o propõe a Igreja, e que se confessam de todos os pecados, sem deixar nenhum, e com tôdas suas circunstâncias e condições, e que se confessam muito amiúde; e que, se um acerta de cair em pecado, logo se vai confessar; porque, se o não faz, se escandalizam os outros; e do que também diz que nenhum há, por mais distraído que seja, que se não confesse pelo menos duas vezes cada semana; e que os mais devotos e recolhidos o fazem cada dia; e que os sacerdotes etíopes se governam pelas Sumas de Silvestro e outras muitas, que lá se lhes mandaram de cá; e que, ainda que os Abexins não tiveram por muito tempo conhecimento dos sacramentos da Confirmação e Extrema-Unção, depois todavia que a Igreja Romana os avisou pelos Concílios Florentino e Tridentino,

os abraçaram e usam hoje em dia; e da mesma maneira que, ainda que antes não tinham guardado o Santíssimo Sacramento da Eucaristia nas igrejas, para os enfermos, o guardam hoje: o qual tudo nada passa assim.

O Padre António Fernandes, que é superior da casa de Gorgorra, que a Companhia tem no reino de Dambeá, e o que de ordinário corre na côrte, em uma de 31 de Julho de 606, diz assim: *Aqui onde estou, alguns se reduzem à Igreja Romana, outros confessam a verdade, mas ficam-se em seus erros. El-Rei escreve êste ano ao Papa lhe mande Patriarca, e a sua Majestade lhe mande socorro de soldados portugueses, para ter fôrça com que possa executar esta sua vontade que tem da redução dêste reino à Igreja Romana, porque tôda a fôrça dêste negócio está nos grandes do império. Contudo arreceamos a execução desta vontade; porque é gente esta que troca muito a palavra. Falando eu com muitos homens gran*des, e com muitos frades e clérigos, confessam irem errados,* * Fl. 272 v. *mas não acabam. Deus os alumie, para que não morram sem candeia da Fé, como vivem, e como parece que vai acabando êste império, porque das 20 partes, estão perdidas as 17.* Atèqui êste Padre nesta carta. Noutra de 28 de Junho de 607, diz assim: *Estamos neste reino cinco Padres; dois andamos às bordas do arraial de El-Rei, assim para conservar os nossos católicos, como para procurar que outros o sejam; porém muito poucos se reduzem; pôsto que todos, assim eclesiásticos, como seculares, em extremo louvam nossas coisas e doutrina, mas não a recebem, uns por mêdo, outros por dureza. Teem muitas coisas de judeus; guardam a circuncisão e o sábado, não comem de carnes imundas, nem peixe sem escama; e estão tão ferradas nestas cerimónias legais, que, com evidentemente se lhes mostrar serem acabadas, e êles muitos o confessarem, contudo ficam na sua dureza.*

Noutra de 20 de Julho de 609, que foi a derradeira que se recebeu daquelas partes, em Agôsto passado de 610, diz desta maneira: *Cá ando pelo sertão desta grande Etiópia, em a côrte do imperador dela. Os erros, que teem na Fé, são muitos, e os mais da Lei Velha. Rebaptizam-se, e teem que a Humanidade de Cristo é igual à Divindade; e não criar Deus as almas, senão virem por semente de pais e mães. Sôbre estes e outros muitos erros tive disputas com os mais afamados letrados; em tudo me concederam sempre irem errados; só no da Humanidade não ser igual à Divindade, e a criação das almas não ser por semente de seus pais, não querem vir. Os clérigos são casados; os frades vivem em seus* (1) *mosteiros, mas sem nenhuma clausura; saem quando querem, e vão por onde querem, e são nomeados os que não vivem mal; as freiras da mesma maneira.*

Isto é o que dizem estes Padres que hoje lá andam, que o vêem e palpam e experimentam; do qual se pode ver quão enganosa e falta de verdade foi a informação pela qual diz o Autor que se regeu em tudo o que escreveu; e como também não há em Etiópia aquela distinção que faz na pág. 524, e que diz haver entre os sacerdotes, de uns serem casados e outros virgens, nem tôdas as mais * coisas que dêles diz. * Fl. 273.

Outro testemunho que, por ser de um sacerdote abexim e natural de Etiópia, não é de pequeno momento, de um frade, por nome Tecla Maria, da Ordem

(1) *N.*: tem seus.

de Santo Antão, o qual, no ano de 1593, foi mandado de Etiópia, por via do Cairo, pelo próprio rei Malaseguet, portugues[es] e Padres que lá estão; e a causa de sua vinda foi porque, como por via da Índia não podiam vir, nem ir recados de Etiópia, por razão dos caminhos e portos estarem impedidos pelos turcos, escolheram a êste Tecla Maria, por ser sacerdote e religioso, e saber bem a língua arábia, porque estivera seis anos em Jerusalém, e sabia os caminhos e portos por onde poderia vir por terra a estas partes de Europa, e também ser conhecido por homem virtuoso e de confiança, e o mesmo rei de Etiópia o ter por tal, pela experiência que dêle tinha.

Êste chegou a Roma, e ainda que não trazia carta de El-Rei, trazia a do capitão dos portugueses, por nome António de Góis, para sua Majestade, e dos Padres para Sua Santidade e para o Geral da Companhia, remetendo-se ao que o portador dissesse; porque, por razão dos caminhos, e perigos de serem tomadas as cartas, nem El-Rei quis escrever por si, nem se exprimia nelas tão particularmente o a que vinha, mais que dizerem que se lhe desse crédito ao que êle dissesse. E o que disse, foi pedir duas coisas a sua Majestade e a Sua Santidade, da parte de El-Rei de Etiópia: portugueses e Padres; uma, lhe mandasse socorro de portugueses, porque dêle resultariam dois grandes bens: um, livrar aquela terra dos turcos e moiros; outro, que por êste meio aquela gente se uniria com a Igreja Romana, declarando a grande necessidade que aquela terra tinha de Bispos e Sacerdotes latinos, para terem
* Fl. 273 v. quem os doutrine e sustente na Fé da * Igreja Romana, da qual estavam apartados.

E êste foi o negócio que mui de propósito tratou em Roma, e depois também neste reino, vindo a êle, no ano de noventa e oito; e, porque o santo Padre Patriarca André de Oviêdo, emquanto viveu em Etiópia, viveu sempre com grande perplexidade, como êle dizia aos nossos Padres e aos mais católicos, se os sacerdotes abexins eram vàlidamente ordenados, por ter achado que as formas sacramentais que lá usavam na administração das Ordens os seus abunás, eram muito variadas; e por êste escrúpulo se não atreveu nunca a ajudar-se dos tais sacerdotes: por esta mesma dúvida, quando de Etiópia veio a Roma o sobredito Tecla Maria, escreveram os Padres ao nosso Padre Geral da Companhia, e ao Padre João Álvares, Assistente de Portugal, que então era em Roma, de como o mesmo Tecla era um daqueles sacerdotes abexins, em cujas Ordens havia dúvida. Pelo que, consultando-se o caso com Sua Santidade e Cardeais, pareceu a Sua Santidade que se devia tornar a ordenar Tecla Maria, na forma católica, o que, por especial ordem sua, se executou assim, em casa do Cardeal Santa Severina, pelo Bispo de Sidónia, que o ordenou de tôdas as ordens, o qual tudo testificou o sobredito Padre João Álvares, da Companhia de Jesus, Assistente que foi em Roma, e hoje é Visitador desta Província de Portugal, e o Padre Sebastião Rodrigues, que no mesmo tempo também então residia em Roma, e era secretário de nosso Padre Geral, das coisas pertencentes à Assistência de Portugal.

Pelo que, se vê claramente não ser assim o que diz o Autor, na página 522, por estas palavras: *Aunque los Abexinos en dar las Ordenes, y recebellas*
* Fl. 274. *tengan * muchos abusos, y tambien algunas cosas muy contrarias a todo buen*

concierto, ni por esso se deven de condenar por herejes, como hazen algunos rigurosos calificadores: porque lo hacian con ignorancia, y en mandandoles la Iglesia lo contrario, han obedecido como buenos hijos, y ordenan agora al uso de la Iglesia Romana, con los mismos ritos, y cerimonias, dando las Ordenes los Obispos y Arçobispos(1); pois o mesmo costume guardam hoje que sempre, nem lá há Bispos nem Arcebispos alguns.

CAPÍTULO II

De algumas outras provas, com que o Autor quer mostrar que os Abexins são católicos e obedientes à Igreja. Descobre-se a falência delas

DAS quais uma é de muitos autores, que alega na pág. 601, dos quais afirma que o dizem; ao que se responde que, dado que assim o digam, o certo é que foi por não terem as verdadeiras informações que hoje há, que são as que acima referimos, e abaixo também diremos, senão sòmente de alguns abexins que de tempos em tempos vinham a ter a estas partes de Europa, que no falar das coisas de sua pátria se estendiam, e as pintavam não como elas eram, senão como êles queriam, como o fêz também, no tempo de El-Rei Dom João, Zagabo embaixador do Abexim, de quem Damião de Góis, que o autor cita, tirou o que escreveu desta nação, em que diz muitas coisas que depois se acharam não serem assim; e como fêz agora o abexim João Baltasar, informante do Autor. Mas, se estes escritores que alega, tiveram a notícia desta gente, que hoje se tem na Europa, pelas informações de tantos e tão verdadeiros testemunhos: nenhum dissera se*não que foram e são mui finos scismáticos e * Fl. 274 v
herejes, como o dizem todos os que neste nosso século escreveram dêles.

Outra prova de serem católicos diz que é porque vieram ao Concílio Florentino, no tempo do Papa Eugénio IV, a dar obediência à Igreja Romana, e nele fizeram uma protestação da Fé, concordando com tudo o que a Igreja Católica tem e crê; e também porque muitas vezes os reis de Etiópia escreveram cartas aos Sumos Pontífices, em que lhes davam obediência. A nada disto se contradiz, mas da continuação e perseverança, com que, de mais de mil anos a esta parte, viveram e vivem em seus erros, se mostra que tudo isso ou foi fingido, ou com tão pouca firmeza na verdade, que nenhuma coisa cumpriram do que prometeram; como também se viu nos Arménios.

(1) Neste e nos trechos seguintes que se transcrevem da destemperada obra de Urreta, não há grande rigor. O P. Guerreiro fàcilmente omite, acrescenta ou substitui palavras; e até resume, por sua conta, passagens ou páginas inteiras, numa frase mais ou menos castelhana. Em todo o caso, verificámos com prazer que nestas transcrições reproduz fidelissimamente *o sentido* do autor espanhol. Por nossa parte respeitamos os trechos, como Guerreiro os apresenta; mas julgámos do nosso dever restaurar a ortografia de Urreta, e até acrescentar ou suprimir uma ou outra letra ou partícula, quando na transcrição notámos que havia certamente deslize involuntário de Fernão Guerreiro ou dos tipógrafos de Lisboa. Pudemos fazer isto com segurança, porque na Biblioteca Pública de Évora manuseámos à vontade a primeira parte da obra de Frei Luís de Urreta, impressa em Valência no ano de 1610. A segunda parte, se a publicou, não a pudemos descobrir. — N. do E.

Outra prova, que traz na página 214 e noutras partes, é por haver lá o Tribunal da S. Inquisição contra os herejes e judeus, e castigarem, em lugar de fogo, com os deitarem aos leões e bêstas feras; ao que se responde que Inquisição verdadeira, e como se usa na Igreja Católica contra os herejes verdadeiros, esta não há lá, e foi mero fingimento do informante; porque os Abexins não teem por herejes senão aos que seguem a verdade da Igreja Romana, como ao deante se verá; e o castigo que dão aos que, deixando as heresias e scisma em que êles vivem, se tornam católicos, é êste que diz o Autor, de os deitarem aos leões e bêstas feras. E assim o mandou fazer o perverso imperador Adamás a uns poucos de católicos, que o santo Padre Patriarca Oviedo tinha feito e reduzido de seus erros à Igreja Romana, que, por não quererem retroceder na Fé, os mandou o perverso rei lançar aos leões, como consta de um instrumento autêntico de testemunhas, que o Reverendíssimo Senhor Dom Aleixo de Meneses,
*Fl 275. Arcebispo * de Gôa, mandou tirar da vida e morte do santo Patriarca Oviedo, em Etiópia, no ano de 98, por um sacerdote secular, chamado Melchior da Silva, que o Conde Almirante Dom Francisco da Gama, vizo-rei, e êle, lá tinha mandado por Vigário dos portngueses e mais católicos, depois dos Padres da Companhia serem todos mortos.

Prova mais, na pág. 464, o que pretende, por estas palavras: *Y que los Christianos de la Etiopia ayan ya dexado todas sus costumbres y ritos antiguos, no pido que se me de credito a mis escritos; informense de los Abissinos que viven en el Collegio que ay en Lisboa de su nacion, y del Collegio de S. Estevan de los Indianos en Roma que echaran de ver que digo la verdad, como passa a la letra.* Por aqui verá também o mesmo Autor quão grandemente foi enganado pelo informante, em tôdas as mais coisas que lhe disse de Etiópia, que está tão longe e remota da comunicação destas partes de cá; pois de Lisboa, cidade tão freqüentada de espanhóis, e tão vizinha a Valença em respeito de Etiópia, lhe disse e persuadiu uma coisa tão evidentemente falsa, como é haver nela colégio de abexins, coisa que nem há, nem houve jàmais. E quanto ao colégio de S. Estêvão dos Indianos, em Roma, de que tantas vezes fala, e do qual diz que há nele sempre muitos colegiais abexins, e que estes fazem os ofícios divinos ao modo de Etiópia, e que o Papa Gregório XIII os ia ouvir, e os Ilustríssimos Cardeaes Toledo, Barónio e Belarmino aprenderam dêles várias línguas; e a embaixada que diz que veio ao mesmo Papa, da parte de El-Rei de Etiópia e clero daquele reino, de vinte e quatro embaixadores, dôze cavaleiros de Santo Antão da parte de El-Rei, e dôze Sacerdotes da parte do clero: a verdade de tudo isto saberão os que estão em Roma.

*Fl. 275 v. Outra prova de serem os Abexins católicos, traz na pág. * 608, desta maneira: *Se todos os imperadores cristãos da Etiópia acabaram com os sacramentos da Igreja, e mortes* (sic) *em seu acôrdo, sem se acharem entre êles as traições e outras desventuras que nos dizem as histórias dos mais dos reis e imperadores do mundo; e se os reinos scismáticos e heréticos nunca duraram muito tempo, antes foram castigados de Deus com mil guerras, fazendo-os sujeitos e tributários a infiéis, como vemos dos Gregos, e os reis de Etiópia nunca padeceram estes castigos, mas sempre, desde a rainha Candace, perseveraram com muita grandeza, e não sòmente nunca perderam seus reinos, antes os acrescentaram*

com outros de novo, que ganharam para a coroa imperial; de modo que tem agora o Preste João o mor poder e mais florente império, do que nunca teve: segue-se que não são scismáticos, nem herejes, nem rebeldes à Igreja Romana.

Mostra bem o Autor nisto não ter a notícia das coisas e história de Etiópia, que por cá temos, e quão mal informado foi nestas histórias; pelo que, quanto ao contrário passe de tudo o que aqui diz, se pode ver (àlém do que ao deante se disser) no que passou, de oito anos a esta parte, naqueles reinos; porque, no ano de 603, havendo sete anos que reinava El-Rei Jacobo, os seus, com mui grande traição, se levantaram contra êle, e desapossando-o do reino, o mandaram prêso a uma serra, nos confins do império, e levantaram outro em seu lugar, o qual não durou mais no trono que ano e meio, no cabo do qual tempo alguns grandes do império se levantaram contra êle e o mataram numa batalha mui impiamente; e sucedeu tanta guerra após isto naquele reino, que província inteira houve, que de tal modo ficou assolada, que os lôbos entravam pelos lugares e casas, comendo os corpos mortos, que não tinham quem os enterrasse. Levantaram, em lugar dêste, outra vez, o que dantes tinham prêso, o qual não durou mais que um ano no império, e no cabo dêle, um competidor seu, por nome Sacinos, lhe deu uma batalha em que o desbaratou e matou, com grande estrago de seu exército; e ficando êste com o título de imperador, * se levan- *Fl. 276.
taram muitos contra êle, com título de reis, e o puseram em grandes apertos, como fica referido na relação atrás no liv. I, no cap. 9.º, e se verá também em uma carta do Padre António Fernandes, de 20 de Julho de 1609, onde em um capítulo dela diz assim:

São neste império as guerras a vida dos homens; nem o imperador tem outra que, acabado o inverno, sair às guerras ou contra os seus vassalos rebeldes, ou contra inimigos de fora; e deixando as guerras dos anos passados, direi as que se levantaram de dois anos que há que êste imperador governa; porque no primeiro ano se lhe levantaram, em diversas partes, alguns três ou quatro, com títulos de reis, aos quais todos sujeitou. Êste presente ano, se lhe levantaram outros tantos. Esta foi sempre a vida de Etiópia, de muitas centenas de anos a esta parte; e assim ficamos nós sujeitos a seus balanços e a suas enchentes e vazantes, sem sossêgo nenhum: umas vezes, fugindo às serras, outras às lapas e covas, outras embrenhados pelos matos. Emfim, as ladainhas dos perigos de S. Paulo todos rezamos e padecemos nesta terra, e outros inumeráveis trabalhos, para que, por labruscas, dê uvas ao Senhor que a plantou.

Indo êste ano o imperador a socorrer um seu capitão, que andava em campo contra um rei alevantado, lhe disseram que vinham uns inimigos, por nome galas, que são uns bárbaros cafres, cuja origem se tem que foram concebidos de demónios íncubos; e haverá perto de oitenta anos que estes, sendo pastores, se vieram a rebelar contra seus senhores etiopes, e se foram fazendo tão temidos, que teem hoje tomado, e senhoreiam algumas dôze partes da Etiópia, (afora o que outros inimigos também possuem), e foi prognosticado êste castigo pelo Patriarca Dom João Bermudes, o primeiro que cá veio, por mandado do Papa, em tempo de El-Rei Dom João III, o qual muitas vezes, estando na missa, disse de improviso que via cães pretos destruir tôda a Etiópia, por seus grandes pecados, e tal a teem hoje. Dizendo pois ao imperador que estes vinham, lhes saíu

ao encontro, em que foi desbaratado, e ficou o império em risco de todo se perder. Sucedido êste desastre, fui para o consolar, mas não o pude alcançar, * Fl. 276 v. *porque com novo socorro voltara outra vez contra êles, e dando-lhes * batalha, os venceu, e recuperou tudo o que na vitória passada lhe tinham tomado. Cheguei alguns dias depois, e me recebeu com muito gasalhado e honra, e se alegrou e consolou muito. Mostra-se êste imperador mui afeiçoado às coisas da Igreja Romana, e tem de si dado grandes sinais, e lá vão suas cartas para Sua Santidade e Majestade, em que também lhe pede o socorro de portugueses. Muito pudera dizer do que nele vi, de dois anos e meio que há que o trato; será o Senhor servido dar-lhe sua luz.* Atèqui a carta do Padre.

Diz mais o Autor do livro, na pág. 607, desta maneira: *Fuera de la Iglesia Romana no ay santos, y es impossible que los aya como pruevan los Theologos: pues si en la Etiopia siempre ha avido santos, y personas señaladissimas, a las quales ha honrrado Dios con grandissimos, y portentosos milagros, siguese que son de la Iglesia Romana y muy Catolicos.* Ao que se responde que não negamos que, antes de os etíopes se apartarem da união da Igreja, houve entre êles muitos Santos, mas não se mostra que sempre os houve; pois, tanto que se apartaram da verdadeira Fé, não podia haver entre êles verdadeira santidade e graça de Deus, *quia sine fide nemo potest placere Deo.* E se em algum tempo, depois de apartados da Igreja, houve aparências de virtude e santidade, não houve a substância verdadeira dela. Nem é argumento verdadeiro de a haver, os grandíssimos rigores de penitência que em muitos se viram e vêem hoje em dia; porque, como diz S. Epifânio(1), e o toca também o Evangelho, estes se viram antigamente nos fariseus, e hoje em dia se vêem nos jogues da Índia; e contudo não havia naqueles, nem há nestoutros a verdadeira justiça e santidade: nos fariseus, porque o faziam por vanglória e reputação do mundo, como lhes disse Cristo Nosso Senhor; nos jogues, porque, além de o fazerem pelo mesmo respeito, são infiéis. E além disso, todos êsses rigores de penitência, que em muitos abexins se vêem, pressuposto estarem apartados da Igreja, se devem julgar por * Fl. 277. ilusão do * demónio, que se transfigura em anjo de luz, para, por estas aparências de santidade e milagres falsos que lhes faz fazer (como também por sua operação os há de fazer o Anti-Cristo) mais os enganar e ter seguros em seus erros, a êles e ao mísero povo que os segue, fazendo-lhes cuidar que teem verdadeira Fé. E se houve alguns que, depois de os etíopes estarem apartados da Igreja Romana, fôssem verdadeiros Santos, claro está que o não foram pela fé dos de Etiópia, senão da Igreja Católica.

Outra prova, com que mais o Autor quer mostrar que os Abexins são católicos e obedientes à Igreja Romana, é com dizer [pág. 572, 705] que há em Etiópia grande número de religiosos e religiosas da sagrada Religião do glorioso São Domingos, e que dela são uns dois mosteiros principais daquele reino, que se chamam um o da Aleluia, e outro de Plurimanos, que é de frades e freiras juntamente; e que os priores dêstes conventos são os inquisidores de Etiópia; e que há mais de 300 anos que os reis daquele reino se confessam com religiosos de S. Domingos; e que os ditos Padres lêem lá teologia escolástica,

(1) *Nt.:* Sam Epiphanio.

e que nestes seus dois conventos se dão os graus de doutoramento aos que se graduam, e que teem fundada a devoção do Rosário, de que há muitas e ricas confrarias; e que suas freiras são mais de cinco mil, e outras muitas coisas que diz sôbre esta matéria(1).

Ao que tudo se responde que ditosa e bemaventurada fôra Etiópia, se merecera a Deus tamanho bem, como haver nela religiosos de tão santa e sagrada Religião; e que tiveram o poder e autoridade naquele reino, que o Autor lhes dá, que nenhuma dúvida há que não estivera hoje em dia Etiópia tão assolada na verdadeira Fé e Religião Católica, como está, nem com tanta obstinação negara a obediência à Igreja Romana. Mas a verdade é, e se ve*rá do que dis- * Fl. 277 v. sermos, que em tôda a Etiópia não parece que há religiosos, nem religiosas do glorioso S. Domingos. Primeiramente, porque todos quantos frades há em Etiópia, se nomeiam por frades de S. Antão, de S. Macário e de S. Basílio, e de nenhuma outra Religião monástica de Europa se nomeiam lá frades. Segundo, porque não há lá Inquisição, ou inquisidores da Fé, como já dissemos. Terceiro, porque os reis lá não teem confessores particulares com êste título. Quarto, porque lá nem há universidades, nem escolas públicas, nem se ensinam ou aprendem outras sciências mais que estudarem de cor o texto das divinas Escrituras, do Testamento Velho e Novo, e de alguns concílios; e quem disto mais sabe, é mais letrado, nem há outros doutoramentos nem graus; e as escolas, onde estas sciências se apredem, não são públicas e patentes para todos, mas ou são as próprias casas particulares dos nobres, onde seus filhos e filhas as aprendem e decoram, ou os próprios mosteiros dos frades, onde de ordinário os nobres mandam criar e ensinar seus filhos; e tirando alguns frades, que são bem poucos, tôda a mais multidão dêles ordinàriamente são idiotas; e tudo isto referem em suas cartas os Padres de nossa Companhia.

Quinto. Todos quantos frades há em Etiópia, tirando alguns, que acertam de se reduzir com as disputas dos Padres da Companhia, (que são pouquíssimos), são scismáticos e herejes, e muito mais obstinados na mesma heresia, que os próprios seculares. Antes não tem lá a Fé da Igreja Romana, quem mais a encontre e lhe resista que êles; pelo que, fica claro não serem religiosos de S. Domingos, cujo próprio é serem defensores e propagadores da Fé. E muito mais seguro me parece seguir nesta parte o juízo tão maduro do muito Reverendo Padre Frei Fernando de Castilho, varão de tan*ta autoridade e espírito, como * Fl. 278. de todos é conhecido, o qual, na História que escreveu dos Santos e varões ilustres de sua sagrada Religião, nenhum caso nem menção quis fazer dos frades da Etiópia, que frei Serafino Rasis tinha escrito serem de sua Ordem, nem das grandes maravilhas de virtudes e milagres, que de alguns dêles contou; e não há dúvida senão que, ou pelos não ter por frades seus (o que é mais verdade) ou, como diz o mesmo autor Frei Luís Urreta, na pág. 557, que êle mesmo respondeu, sendo perguntado, por não estar inteirado se os frades de Etiópia eram

(1) Algumas destas afirmações não conseguimos encontrá-las na obra de Urreta; mas notemos que êste, na pág. 708 da primeira parte, promete falar dos frades da Ordem de S. Domingos no livro seguinte, livro pertencente à segunda parte, que não lográmos descobrir.— N. do E.

católicos e filhos da Igreja Romana; porque, se o não eram, pouco lhes aproveitavam suas penitências e martírios, nem se lhes havia de dar crédito, por mais portentosas vidas que fizessem. Sexto, porque, quando, no ano de 1520, Dom Rodrigo de Lima, embaixador de El-Rei D. Manuel, e com êle Francisco Álvares, sacerdote, homem prudente e bem entendido, estiveram em Etiópia, onde andaram seis anos, dis o mesmo Francisco Álvares, no cap. 83 e 84 da primeira parte do livro que escreveu das coisas daquelas terras, que, vendo o Preste-João nas cartas que El-Rei Dom Manuel lhe mandava, que lhe dizia nelas como tinha fundadas nas terras que conquistara, muitas casas de religiosos de S. Domingos e de S. Francisco; o rei o mandara chamar, e lhe perguntara que Santos eram aqueles e que vida fizeram. E respondendo-lhe Francisco Álvares o que sabia dêles, e dizendo-lhe também como levava um *Flos Sanctorum*, em que se contavam suas vidas, El-Rei lho pedira e o mandara traduzir em língua etiópica, e estimara muito saber as vidas daqueles Santos. Donde se vê que até àquele tempo se não sabia em Etiópia haver estes Santos no mundo; ou, se
*Fl. 278 v. alguma hora se soube, de todo sua memória estava esquècida: que é as*saz argumento de não haver lá seus frades; pois, se os houvera, impossível fôra não serem sequer nomeados por razão dêles, e não saber El-Rei que seus confessores eram de sua Ordem.

Sétimo. É também outro argumento, e ainda mais eficaz, desta verdade, a vida que fazem os frades dos mosteiros da Aleluia e Plurimanos, tão diferente de frades de S. Domingos; porque, além de serem todos scismáticos e herejes, diz Francisco Álvares, no livro 2.º, cap. 40, que, indo ter ao da Aleluia, achou ser mui grande e de mui grandes rendas, e ser tradição que foi fundado logo no princípio da cristandade daquela terra, e que se chamou da Aleluia, por esta mesma palavra que um frade devoto, estando em oração, ouviu cantar aos Anjos no Céu; e que dali ficou começarem-se naquele mosteiro tôdas as missas por Aleluia, (pôsto que o começarem-se desta maneira é comum em tôda a Etiópia). Porém (ajunta Francisco Álvares) se naquele tempo aquele frade foi bom e devoto, teem agora os que aí estão, fama de grandes ladrões, em tanto, que pela má fama que êles teem, os não querem comunicar outros doutro grande mosteiro que ali está vizinho.

A mesma reputação tem o mosteiro de Plurimanos, ou Bilibanos (que por ambos estes nomes se chama) do qual diz também Francisco Álvares, no cap. 66 do primeiro livro, que, quando nele esteve, o Prior que então era, e pouco havia fóra eleito pelo Preste, fôra primeiro moiro; e que, depois de se fazer cristão, viera a privar tanto com o Preste, que o fêz Prior daquele mosteiro. E o Padre Mestre Gonçalo Rodrigues, de nossa Companhia de Jesus, que foi o primeiro dela, que no ano de 1555 entrou em Etiópia, em uma carta que escreveu do que lá passara, a qual, no cap. seguinte, havemos de referir, diz que, indo com alguns
*Fl. 279. portugueses a ver êste mosteiro, achou ser * mui grande, e de frades e freiras juntamente; mas que se dizia haver entre êles muitos filhos. Pelo que, bem se deixa ver quão pouco diz isto com religiosos da sagrada Ordem de S. Domingos. E assim o mesmo Padre, salvando logo a honra desta sagrada Religião, ajuntou estas palavras: E estes frades nem são de S. Domingos, nem de S. Francisco, mas chamam-se de Thacleai Manoth, que foi um homem assim chamado, havido

por grande Santo e canonizado por êles, e que converteu os gentios daquela terra a esta fé que agora teem.

Oitavo. Cincoenta e seis anos há que os Padres de nossa Companhia de Jesus andam e vivem naquelas partes, e nunca jàmais até ao dia de hoje puderam descobrir coisa nem indício, por onde pudessem imaginar que os frades daqueles dois mosteiros, nem de quaisquer outros de Etiópia, ou sejam, ou fôssem alguma hora de S. Domingos. O que também mostra a antiguidade dos mesmos mosteiros, cuja fundação foi muito antes do tempo em que Deus levantou no mundo aquele santo Patriarca; nem também acharam que lá houvesse confraria alguma de Nossa Senhora do Rosário, quanto mais, muitas e ricas; pois todos são scismáticos e apartados da Igreja. Uma só tradição acharam, como êles escrevem, em um mosteiro que se chama Abba Guarima, que está no reino de Tigré, e é de estar ali sepultado um varão santo, que êles dizem que foi um de nove, que de Roma foram mandados, no tempo passado, àquelas partes. E já pode ser seriam estes os religiosos de S. Domingos, de que fala Rasis, e que acabariam lá, assim como acabou o Padre Patriarca Oviedo e os mais Padres da Companhia, que com êle foram; dos quais já não houvera memória (1), se a não continuaram os outros, que lhes vão sucedendo. De sorte que, em tôda a Etiópia, não há hoje outra memória de reli*giosos, que fôssem de *Fl. 279 v.
Roma, mais que esta; e ainda entre êles se não diz nem sabe de que Ordem fôssem.

CAPÍTULO III

Da primeira vez que os Padres de nossa Companhia entraram em Etiópia, por causa da sua redução à Igreja Romana, e o que sôbre isso lhes sucedeu com o Preste-João Cláudio, que então reinava.

NOS capítulos precedentes mostrámos o estado em que os Abexins estão, de presente, na Fé e obediência da Igreja Romana, que é de scismáticos, herejes e desobedientes a ela. Daqui por deante, começaremos a mostrar como de muitos anos a esta parte foram sempre estes; o qual se irá vendo, por ocasião do que dissermos das missões, que os Padres de nossa Companhia de Jesus fizeram àquele reino, a-fim da redução dêles, e principalmente da que começou o Padre Patriarca Dom João Nunes Barreto, e efeituou o Padre Patriarca, seu sucessor, André de Oviedo, com mais alguns Padres, todos da mesma Companhia. E ainda que desta missão tratem alguns autores, também da Companhia, em alguns livros e histórias que andam divulgadas, como são o Padre Pedro de Ribadaneira, o Padre Mafeu, o Padre Luís de Gusmão e outros; contudo, como o autor Frei Luís Urreta, falando dela no cap. 21 de seu primeiro livro, ainda que por boas palavras quer dar a entender que a louva e engrandece, por derradeiro a desacredita quanto pode, contando-a por diferentíssima manei*ra do que passou, com que não sòmente lhe tira o lustre da edificação *Fl. 280.

(1) *Nt.*: memorial.

que deu ao mundo, mas a faz de muito pouco exemplo para quem ler o livro: pede a razão e obrigação que os da Companhia temos à nossa Religião, que acudamos pela verdade do que convém à sua inocência, e com tôda a pureza dela, declaremos(1) o que passou.

Depois que os portugueses descobriram, por via da Índia, os reinos de Etiópia, e começaram neles a ter comércio e comunicação, vieram com isto David, rei de Etiópia, e El-Rei D. Manuel, de Portugal, a travar muita amizade entre si, visitando-se por seus embaixadores um ao outro, e por êste meio o de Etiópia a ter mais luz e notícia das coisas da Igreja Romana; porque, ainda que êle e todos seus reinos eram cristãos, havia porém muitas centenas de anos que nenhuma comunicação nem comércio tinham com a Igreja Romana, assim pela grande distância de mares e terras, que havia no meio, povoadas de nações bárbaras, e inimigas de nossa santa Fé, como por os etíopes terem por cabeça sua, nas coisas da religião, ao Patriarca de Alexandria, a quem acudiam a pedir regra de sua fé, a qual não podia deixar de ser cheia de muitos erros como é, saindo de uma fonte tão impura com tantos, e que tão apartada está da verdadeira cabeça e obediência da Sé Apostólica; além de também os etíopes, juntamente com o baptismo, observarem a lei de Moisés e judaísmo.

Mas, instruído e alumiado nestes erros El-Rei David pelos portugueses que foram à sua terra, e por meio dos mais ofícios, que sôbre isto fêz El-Rei D. Manuel, veio a escrever e mandar seu embaixador ao Papa, que então era Clemente VII, dando-lhe a obediência, e confessando-o por supremo Pastor e cabeça
Fl. 280 v. da Igreja, e que como tal lhe pe*dia, pois era mestre de todos, lhe mandasse Padres e mestres, que o ensinassem o que da santa Fé e Religião Cristã eram obrigados a saber. Também escreveu a El-Rei D. Manuel que o favorecesse para com o Sumo Pontífice, em coisa tão justa e santa. O mesmo escreveu a El-Rei D. João III, seu filho, depois que soube ser morto El-Rei D. Manuel, o qual Rei D. João, como com o reino de seu pai, herdou dêle também juntamente o zêlo da Fé, e por novas cartas que logo depois teve de El-Rei Cláudio de Etiópia, que de novo sucedera a David seu pai, e mandava também dar a mesma obediência à Sé Apostólica, fêz sôbre êste negócio todos os devidos ofícios, tratando com o Papa, que então era Júlio III, e depois com Paulo IV, seu sucessor, o qual, informado de tudo, e considerando a importância da coisa, se determinou fazer Patriarca daqueles reinos ao Padre João Nunes Barreto, da Companhia de Jesus, como fêz, dando-lhe grandíssimos poderes; e juntamente fêz Bispos, para que o acompanhassem e lhe sucedessem no Patriarcado, aos Padres André de Oviedo, castelhano, e Belchior Carneiro, português, os quais todos três, com outros Padres da Companhia deputados para isso, haviam de ir dêste reino.

Porém, assentado isto, e emquanto os Padres cá se aparelhavam para fazer sua jornada, pareceu a El-Rei D. João que se fizesse outra diligência, a qual foi que, escreveu ao vizo-rei da Índia, que então era D. Pedro Mascarenhas, que de Gôa mandasse um embaixador a El-Rei Cláudio, para que de novo soubesse seu ânimo e disposição, e o prevenisse para a ida do Padre Patriarca e de seus companheiros. Fê-lo assim o vizo-rei; e mandou um homem honrado, por nome

(1) *Nt.*: declaramos.

Diogo Dias, e com êle um Padre de nossa Companhia, mui douto e pru*dente, *Fl. 281
de muita virtude, por nome M. Gonçalo Rodrigues, e por seu companheiro o Irmão Fulgêncio Freire, que, ainda que Irmão leigo, era porém homem nobre, e de muito entendimento e ser. Foi mui acertada esta diligência; porque, quando estes embaixadores chegaram a Etiópia, acharam já El-Rei Cláudio trocado, e mui diferente do que em Lisbôa se cuidava, e êle por suas cartas tinha prometido.

Era êste Cláudio aquele rei, a quem o governador da Índia, Dom Estêvão da Gama, mandou de socorro, no ano de 1541, a Dom Cristóvão da Gama, seu irmão, com 400 portugueses, que foram os que, à custa de seu sangue, lhe resgataram o reino do poder de El-Rei de Zeila, que havia 14 anos que, com favor dos moiros de Arábia e dos turcos, lhe tinha conquistado tanta parte dêle, que o trazia encantoado pelos fins do reino, e lho tornaram a restituir, com destruïção dos moiros, e morte do mesmo rei de Zeila, como abaixo, noutra ocasião se dirá. Êste rei Cláudio é também aquele, de quem o autor desta história, Frei Luís Urreta, tantos louvores e maravilhas diz em muitas partes, e principalmente no cap. 21 do 1.º livro, afirmando e ratificando uma vez e muitas, que era mui católico e obediente filho da Igreja, provando isto com certos contos que traz: um, que reformou um mosteiro de freiras de S. Domingos, de 5:000 monjas; outro, que fêz fazer profissão da Fé e obediência da Igreja Romana a certos frades herejes, e mandou a Roma buscar a Regra de S. Agostinho, para lha fazer(1) professar; que morreu com todos os Sacramentos, ainda numa batalha. Finalmente, o qualifica por santo mártir, porque morreu pelejando com os moiros; porém, quão católico e obediente êle fôsse à Igreja Romana, e com que Sacramentos morresse, e que razão tenha de lhe chamar mártir, tudo se verá pelo que logo iremos dizendo.

Partiram pois de Gôa para a Etiópia, a 7 de Fevereiro de 1555, o embaixador Diogo Dias, e com êle o Padre M. Gonçalo com seu companheiro. Chegaram àquele rei*no; e tudo o que passaram nele e com El-Rei Cláudio, des[de] * Fl. 281 v.
que entraram até que dêle saíram, conta o mesmo Padre em uma carta que escreveu de Gôa, depois que tornou da Etiópia, aos Padres da Companhia de Portugal, em 13 de Setembro de 1556, na qual, depois de contar os trabalhos que passou na navegação e caminho, até chegar à côrte, diz o que se segue, tirado da própria original, que tenho em meu poder:

Aos 17 de Maio, chegámos aonde estava El-Rei de Etiópia, o qual achámos em um campo, com muita soma de tendas armadas ao redor de si; mandou receber a Diogo Dias e a nós juntamente. No segundo dia lhe fomos falar. Estava assentado em um catre, com umas cortinas por cima; a tenda alcatifada e paramentada de sêda. Deu-lhe Diogo Dias as cartas; mandou-as ler, estando presentes todos os portugueses. Nelas lhe mandava dizer El-Rei nosso Senhor, que para o ano lhe mandaria um homem de sua casa, com certo número de religiosos, de santa vida e provada doutrina. Com isto se mostrava mui confuso, e de tal maneira estava suspenso neste negócio, que, falando-lhe nós, nenhuma resposta nos deu a propósito; e assim nos despedimos dêle e tornámos a nossas

(1) *Nt.*: lhe fazer.

tendas, e daí a dois ou três dias se partiu, a ver uma sua avó, alguns 8 ou 10 dias de caminho; e nós ficámos no meio de um campo desagasalhados, sem têrmos de sua parte quem nos fizesse um cumprimento. Porém a esta necessidade nos acudiu um português honrado, e nos levou para uns lugares seus, que estavam dali 2 ou 3 léguas, onde nos deixou agasalhados em sua própria casa, e se tornou a El-Rei.

Aqui estivemos por obra de um mês que El-Rei gastou em sua jornada; e neste tempo compus um tratado dos erros de Etiópia, e verdade de nossa santa Fé, para apresentar a El-Rei, do qual aqui tive novas, por um português mui privado seu, como êle não queria os Padres, e dizia que não tinha necessidade dêles, nem queria dar obediência à Santa Igreja Romana; e me afirmavam comummente todos que diziam alguns grandes do reino que antes seriam sujeitos dos moiros, que mudar seus costumes e tomar os nossos. Pelo que, mais me confirmava em lhe dar por escrito tudo o que lhe pudera prègar por palavra, se soubera a língua, para que da resposta que me desse, entendesse claramente sua verdadeira intenção tantos tempos paliada; e assim, tornando êle de sua jornada, nos fomos a seu arraial, onde nos agasalharam os portugueses que ali achámos, que êle, depois daquela primeira vez que nos viu, nenhuma lembrança teve mais de nós.

E porque * o tratado que tinha feito, era em português, e necessàriamente, para êle o ver, se havia de traduzir em caldeu, lhe escrevi uma carta, em que lhe pedi me quisesse dar dois frades letrados, para me trasladarem em caldeu algumas verdades de nossa Fé, para lhe mostrar a pouca razão que todos os dos seus reinos tinham, para nos chamarem aos que seguimos a Igreja Romana, herejes e peores que moiros. E porque sabia que têem êles um livro, a que chamam «Adultério de Frangues» feito pelos scismáticos e herejes de Alexandria, donde êles tomam seus abunás a quem obedecem, e por isso pagam tributo ao Turco, no qual livro reprovam o Concílio Calcedonense, dizendo que fêz quatro Pessoas na Santíssima Trindade, com outros muitos erros que falsamente nos impõem a nós: êste livro pedi também a El-Rei. Porém êle o não quis dar, antes se indignou muito de nós sabermos o que tinha êle; os frades só deu. Mas, depois que começámos a traduzir o tratado, os frades, ou por El-Rei assim lho mandar secretamente, ou por temor que dêle tinham, não queriam pôr mão na obra. De modo que foi necessário ir-lhos pedir uma vez e outra o capitão dos portugueses; e emfim, com o favor divino, se acabou, sendo intérprete, da minha parte, um português honrado, que sabia bem a língua.

* Fl. 282.

Porém, sendo necessário um bom escrivão, para tirarmos em limpo o papel, e o trasladarmos em boa letra, pedindo-lho, também o deu; mas logo tornou a mandar um recado mui irado, que lhe déssemos logo o seu frade, e que, se quiséssemos, lhe mostrássemos o papel assim como estava, senão que não andássemos mais em tais negócios. Pelo que, foi necessário, para que não tivesse mais escusa, mostrar-lho assim como estava, assinando-nos êle o dia para isso, que foi aos 20 de Agôsto, no qual fomos o capitão dos portugueses, com sete ou oito mais. Chegámos à cêrca de El-Rei, feita como de sebe, e a sua casa, que é bem fraca, pôsto que a melhor de Etiópia, onde êle estava em um catre; e, depois de feitas as devidas cortesias, começando eu a lhe fazer uma breve prática, em que lhe

declarava o [a] que vinha, êle me cortou o fio, e saltou noutra coisa, como homem que estava armado e me desviava os golpes, com que o eu queria tocar.

Dei-lhe o tratado que tinha feito em caldeu, o qual êle me começou de ler, e enchendo-se de ira, começou a lançar a peçonha que trazia, dizendo que eu lhe pedira licença e frades para trasladar a verdade de nossa Fé, e que ali não fazia isso, antes atribuía erros a quem os não tinha, e que o que eu fazia, não convinha para mim, que era um clérigo simples, senão para Bispos e grandes Prelados e para o Papa. * Respondi que era verdade ser eu um pobre homem; mas o que ali ia escrito, eram verdades Evangélicas e Sagrados Concílios; que a estes ouvisse S. A. e não a mim. Disse-me que lhes punha muitas coisas que êles não tinham. Respondi que, se S. A. não estava errado na Fé, que os seus o estavam; que tudo o que por escrito lhe dava, era verdade, e para prova disso, que mandasse vir deante de si seus frades e letrados, que lhe mostraria mui claramente terem todos, ou os mais dêles, aqueles erros que por escrito lhe apontava. Disse que êle não queria disputa, e que mil e tantos anos havia que estava naquela fé; que as disputas eram para os gentios; e que, sendo esta sua fé tão antiga, de mil e tantos anos; ¿como não houvera atègora quem fizesse outro tanto como eu fazia, e lhe declarasse que estava errado? Respondi que, pelos pecados dos homens, permitia N. S. às vezes coisas semelhantes; mas que desse graças a Deus, por em seu tempo o visitar com a verdade Evangélica.

* Fl. 282 v.

Disse a isto que a Igreja Católica fôra repartida em quatro cadeiras, e que êles obedeciam a uma delas, desde o princípio. Respondi que era verdade, mas que tôdas obedeciam antigamente ao Romano Pontífice, que era sôbre todos, como S. A. em seu reino; porém que, como as três cadeiras se apartaram da obediência romana, por essa causa todos os que a estas obedeciam, eram scismáticos; e que visse S. A. o papel que eu lhe propunha; que nele acharia a resposta de tudo o que me perguntava; e que se guardasse de cair no que dizia o Profeta: Noluit intelligere, ut bene ageret. Finalmente, passadas muitas razões, de parte a parte, estando presentes os portugueses, lhe disse pelo capitão que o que eu pretendia naquele papel, que lhe dei escrito, era saber seu intento, àcêrca de dar a obediência ao Pontífice Romano, e receber os letrados e religiosos, que El-Rei de Portugal, seu irmão, lhe queria mandar: porque, se êle os não queria, nem queria obedecer, não tinham êles para que vir a seu reino, e que visse S. A. se queria dar obediência, como a dera e mandara a Sua Santidade, estando em tal parte.

A isto respondeu que êle religiosos e letrados tinha em seu reino, e por isso dos de El-Rei de Portugal não tinha necessidade, nem menos dera nunca obediência ao Romano Pontífice, que a obediência que Gaspar de Magalhães levara, êle a não dera, mas que um frade arábico, que trasladou suas cartas para El-Rei de Portugal, errara, e as não entendera.

Finalmente concluíu que êle não queria obedecer senão ao Patriarca de Alexandria, a quem sempre obedecera. Pelo que, vendo eu sua deliberação e obstinação, me despedi dêle; o qual, ficando só com o capitão dos portugueses, me começou a gabar de grande * letrado, espantando-se muito, sendo eu tão mancebo, saber tanto. Soube que lera o tratado que lhe dei em caldeu, e que nunca o tirava das mãos, mostrando-o a sua mãe e irmãos e pessoas principais

* Fl. 283.

do reino; e, porque o seu abuná, por saber o que eu pretendia, pusera excomunhão que nenhum lêsse meus escritos, afirmaram-me que o dia seguinte lhe mandou El-Rei pedir licença para os ler, e porque êle lha negou, o deshonrou de moiro, hereje, que lia o alcorão de Mafamede, e que impedia ler-se uma tão santa escritura, como era aquela, e de tão excelentes cristãos; mas, pois êle era mandado por prelado e abuná [a]o seu reino, que respondesse ao que um pobre clérigo, sem nenhuma dignidade, lhe propunha; ao que respondeu o abuná que êle não queria disputa comigo, pois não viera a seu reino, senão para dar ordens.

Neste tempo, como na côrte não se tratava doutra coisa senão desta, e alguns dos da casa de El-Rei se mostravam afeiçoados à nossa parte, outros, principalmente da casa da raínha, a sustentar seus erros: se resolveu com os seus a mandar chamar alguns frades letrados, e que cá têem por homens de santa vida, para consultar sôbre êste negócio da Fé. Mandou El-Rei trasladar o meu tratado; mas temi que lhe tirassem alguns passos de que êle recebia desgôsto, como é, onde falava do Papa Leão e de Dióscoro, Patriarca de Alexandria, a quem êles têem por Santo, e ao Papa Leão por maldito e excomungado; e tão grande ódio lhe têem, que nem ouvir falar nele podem; e assim reprovam o sagrado Concílio Calcedonense, porque dizem que errou na Fé, e que condenou injustamente ao Santo Dióscoro (como êles lhe chamam), não aceitam suas definições, e, dêsde êle(1) para cá, estão apartados da obediência romana, como os de Alexandria, que há 1067 anos são também compreendidos na heresia de Sérgio Paulo, e Pirrho, reprovado no sexto(2) Sínodo Constantinopolitano, e no de Eutiques, que põem uma só vontade em Cristo.

Chegado o tempo, em que parecia que o rei me daria a resposta que ficou de dar, quando lhe dei o tratado, lha fui pedir. Mandou-me dizer que dez anos andara um embaixador de seu pai em Portugal, sem ser despachado; pelo quê, sabendo eu que tudo isto era manha, e que lhe pesava grandemente de eu tornar
*Fl. 283 v. *ao mar, onde nossa armada havia de vir a buscar-nos, por se temer de mim * poder-lhe descobrir seus podres, chegado o tempo de me pôr em caminho para Baroá, me fui despedir dêle. Mas mandou-me dizer que um homem tão grande como eu, e que vinha ao que eu vinha, não se despachava logo assim tão depressa; que, ¿onde podia eu ir, que fizesse mais fruto, que em confessar estes portugueses? Porém, já que me queria ir, lhe desse mais um mês de espaço, para me responder, e se até então o não fizesse, me havia por despedido.*

Aos quatro dias do mês de Outubro, me mandou chamar a raínha, que queria falar comigo, e também queria ver um cális que eu trazia, por ser entre êles muito gabado. Fui logo, com alguns portugueses, aos quais mandou que todos entrassem comigo, e depois de algumas palavras de cumprimentos e cortesias, entrando nas matérias da Fé, me disse que êles e nós outros todos tínhamos a mesma Fé; que, ¿para que era escrever eu o tratado sôbre ela, que apresentei a El-Rei seu filho, nem bulir com nada disto? Disse-lhe que [se] seus abexins estavam bem nas coisas da Fé ou não, que daquela escritura que eu

(1) *Nt.: e desdelle.*
(2) *Nt.: na sexta.*

dera, o podia saber; e que, ainda que Sua Alteza, com os seus, outro êrro não tivessem, mais que desobedecerem ao Sumo Pontífice Romano, Vigário de Cristo na terra, que êste só bastava para todos se perderem. Disse-me que ela e os seus não desobedeciam a S. Pedro, nem a S. Paulo, e que obedeciam a Cristo, que estava nos Céus. Disse-lhe que não obedeciam a Cristo os que não obedeciam a seu Vigário, o Pontífice(1) Romano; pois o mesmo Senhor dizia: Quem vos não obedece a vós, não obedece a mim; e quem vos despreza a vós, despreza a mim; e que, se Cristo dizia por S. João, que seria um curral e um Pastor, ¿quem tinha Sua Alteza que era o Pastor? Respondeu que S. Pedro.

*A isto lhe tornei, que, se S. Pedro o era, também o eram os que a êle por ordem sucediam. Respondeu outra vez que êles não desobedeciam(2) a S. Pedro; que, assim como antigamente fôra ordenado, que assim estavam em a fé; que, se êles estavam errados ¿como os não vieram ensinar em tanto tempo, pois há mil e tantos anos que estão nesta fé? A isto lhe respondi que, por causa dos caminhos estarem tomados pelos turcos e moiros, não pudera o Santo Padre mandar a estas partes quem lhes mostrasse o caminho verdadeiro, e que agora o fazia pela via de Portugal; e que * olhasse bem Sua Alteza que a Igreja Católica era um* *Fl. 284. *corpo místico, cuja cabeça era Cristo no Céu, e seu Vigário na terra, e que um dos membros dêste corpo fôra antigamente o Patriarcado de Alexandria, e que mui claro estava que os membros hão de obedecer à cabeça e ser regidos por ela, e assim obedeciam antigamente todos os Patriarcas da Igreja à suprema cabeça dela, que era o Sumo Pontífice de Roma, e que nesta obediência perseverara o Patriarca de Alexandria e os demais, até ao ano de 488 da vinda de Cristo, em que se celebrou o Concílio Calcedonense. Mas, que, dêste tempo para cá, se dividiram e apartaram da obediência Romana; e como Sua Alteza e os seus desde então estiveram sempre à obediência de Alexandria, e de lá trazem seus abunás, que desde então também estão apartados do verdadeiro Pastor, e era necessário, se se queriam salvar, tornarem-se outra vez a unir e sujeitar a ela, pois o mesmo Cristo Senhor Nosso diz que em sua Igreja não há mais que* unum ovile, et unus Pastor; *e o corpo, onde há muitas cabeças, é monstro, o que não convém ao de Cristo, que é perfeitíssimo.*

Disse-me que isto havia de vir por Concílio, e não por mim; que se ajuntassem os quatro Patriarcas com o Romano Pontífice, e o consultassem, que, ¿como haviam êles de fazer agora coisas novas? que causaria isto grande escândalo no povo. Respondi-lhe que as verdades da Fé não eram coisas novas, senão mui antigas, e que as coisas da Fé não podem dar escândalo, por se receberem, senão tirá-lo. Disse-me que fôssemos ao tronco, e que deixássemos as ramas; que tratássemos estas coisas com o Patriarca de Alexandria, por ordem do Concílio Niceno, e que os deixássemos estar a êles como estavam. Respondi-lhe que aos enfermos convinha mandar buscar os remédios, médico e medicinas, e não aos sãos; que a êles, pois estavam enfermos na Fé, convinha mandarem buscar o remédio de suas enfermidades, e pedi-lo ao Sumo Pontífice Romano, ou por melhor dizer, aceitar as medicinas e médicos que êle lhes man-

(1) *Nt.: e Pontifice.*
(2) *Nt.: na desobediencia*

dava. Respondeu que êles não estavam enfermos; que portanto não tinham necessidade de tais medicinas; que estavam unidos com Cristo nos Céus. A isto lhe disse que não estavam unidos com Cristo nos Céus os que não estavam na caridade, obediência e Fé com seu Vigário na terra.

* Fl. 284 v. *Perguntou-me de que maneira * haviam de fazer isso? Respondi-lhe que escrevesse S. A., com El-Rei seu filho, a seu Patriarca de Alexandria, se queria obedecer ao Sumo Pontífice Romano, como antigamente obedecera, e estar na mesma Fé, em que estivera unido com êle até ao ano de 488; e que, se o não quisesse fazer, o deixassem como hereje, e que aceitassem o Patriarca e a doutrina, que o Romano Pontífice lhes mandava. Disse-me que não falássemos mais nisto, porque lhes era defeso por excomunhão de seu Patriarca. A isto lhe disse que essa tal excumunhão era contra direito e que não ligava; que temesse S. A. a excomunhão do Romano Pontífice, que tôdas as quintas-feiras da Ceia, excomunga da maldição de Deus e de S. Pedro e de S. Paulo, todos aqueles que estão separados de sua obediência; e que temesse S. A. também não lhe fechasse S. Pedro as portas do Céu, pois tem as chaves dêle em sua mão, por esta desobediência que lhe tinha; e com isto me despedi dela.*

Poucos dias depois disto, levantou El-Rei o arraial, e se foi para outro lugar, dali a duas jornadas. Fomo-nos também com êle, e tivemos o sábado e Domingo em um campo, onde, debaixo de uma tenda, levantámos um altar, e dissemos Missa naqueles dias. Aqui vieram ter comigo três frades, um dêles letrado, e que vinha com desejos de me ver, e tratar comigo sôbre coisas da Fé. Êste me disse, começando a praticar, que tudo lhe parecera bem de nós, senão o não guardarmos o sábado e comermos porco e lebre; e no discurso da prática vomitou assaz de erros, dos que têem na fé, convém a saber, que as almas, quando morriam, não podiam logo ver a essência divina, mas que iam ao paraíso terreal; que o Espírito Santo não procedia do Filho, senão do Padre sòmente; que o Filho, quanto à humanidade, era igual ao Padre; que ao Inferno não iam, para estarem lá para sempre, senão os moiros e infiéis; mas as almas dos maus cristãos que não estariam lá mais que até purgarem todos seus pecados; e que ùltimamente todos os baptizados se salvariam, o que provava com as palavras de Cristo Nosso Senhor: Qui crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit. *Respondi-lhe a todos estes erros, declarando-lhe com razões e pelas Escrituras, a verdade em contrário; do que ficou tão satisfeito, que chegando-se*(1) *a mim, à orelha, porque os outros frades, que eram idiotas, o não ouvissem, me disse que aquela era a verdade, e que assim o guardaria em seu coração.*

* Fl. 285. ** Chegado, pois, o tempo, que El-Rei me pediu esperasse sua resposta, lha fui pedir, e juntamente licença para me ir. Êle me disse que me fôsse muito embora, e que, quanto aos Padres que El-Rei de Portugal lhe queria mandar, já tinha aparelhado um homem em Maçuá, para os receber, porque os queria ouvir, e com isto me despedi dêle, e vim por alguns lugares de portugueses, confessando a êles e suas famílias, e casando alguns, que estavam em mau estado com mulheres abexins, reduzindo-as primeiro à nossa santa Fé; e entre*

(1) *Nt.: chegãose.*

elas foi uma infanta, muito parenta de El-Rei; e, porque as igrejas desta terra (além de serem scismáticas) não têem altares acomodados ao nosso uso, trazíamos sempre connosco um altar portátil, em que celebrávamos.

Estando num dêstes lugares de portugueses, me mandou visitar o prelado de um mosteiro mui grande de frades, e outro de freiras, que estava dali duas léguas, que é um dos principais dêste reino, que se chama Bilibanos, ou Plurimanos, do qual depende toda a fé de Etiópia. É o prelado dêstes mosteiros tido em grandíssima reputação. Pareceu-me bem i-los ver. Foram comigo todos os portugueses. Não achámos o prelado em casa; mas vimos os mosteiros, pelo menos de fora. Não são como os de nossa Europa, nem no modo de viver, nem na maneira da igreja. Cada frade vive em casa sôbre si, de modo que fica o mosteiro da feição de uma aldeia, pôsto que de casas palhaças, as freiras de uma parte e os frades da outra; pelo que, dizem que há entre êles muitos filhos. A Ordem dêstes não é de S. Francisco, nem menos de S. Domingos, mas chama-se Tecleai-Manot, que foi um homem assim chamado, e quer dizer, na sua lingua, esteio da fé, o qual têem cá os Abexins que foi grande Santo, canonizado por êles, e que o maior milagre que fêz, foi matar uma serpente mui poderosa que, como a Deus, adoravam os gentios, que êle converteu a esta fé etiópica, que agora têem.

Até aqui a carta do Padre M. Gonçalo Rodrigues, no que toca à matéria da fé e religião que achou nos Abexins, e com El-Rei Cláudio, que Frei Luís Urreta tanto canoniza por fino católico e mui obediente filho da Igreja Romana. E porque depois que o Padre Mestre Gonçalo se saíu da côrte e * arraial * Fl. 285 v. de El-Rei, um português honrado, chamado Afonso de França (e que foi intérprete do Padre, assim no tratado que escreveu, como quando falava com El-Rei, por saber mui bem a língua e andar sempre na côrte) teve com o mesmo rei uma grande disputa sôbre as coisas da Fé, a qual tôda escreveu em uma carta e mandou ao mesmo Padre, a poremos aqui também, pelo muito que confirma tudo o que acima fica dito da obstinação e perfídia dêste rei, a qual é a seguinte:

S. A. determinou tomar-me nos laços que armou a V. R., e vendo-o escapar dêles, quis que eu me não livrasse; trazendo por grandes baixas(1) *a água ao seu moinho, me disse, deante de todos os portugueses, que eu lhe chamava hereje a êle e a Dióscoro e a todo seu povo. Eu lhe respondi que assim o dizia a nossa escritura sagrada dos Concílios santos e mais Histórias da Igreja, de 1070 anos a esta parte, e assim as partes orientais, que estão apartadas da obediência Romana, cuja causa fôra Dióscoro. Ao que me respondeu que, se assim o dizia a nossa escritura, Deus sabia o que dizia a sua. Disse-lhe que também o eu sabia, que nos faziam herejes nestorianos, daqueles que punham duas pessoas em Cristo, e mo diziam cada dia no rosto, e que, se não bastava a escritura de V. R., que lhe apresentara, para prova de nossa santa Fé, que bastassem quantos reis cristãos havia em Europa, unidos em uma Fé e um Pastor, para crer que não podiam tantos errar e êle só acertar. Ao que tornou que atègora estivera em paz e amor com os reis cristãos, e que sòmente eu o fazia desdagora estar mal*

(1) *Nt.: baxâs.*

com êles. Disse-lhe que do Papa e de El-Rei nosso senhor de Portugal lhe fôra eu enviado, para lhe revelar êste segrêdo de nossa santa Fé, no qual eu não pusera mais que as mãos; e, se por isso S. A. tinha desprazer de mim, eu tinha lei e rei, pelos quais entendia morrer, sem nunca os negar.

Disse-me mais que eu dizia aos seus que o seu abuná lhes era dado e enviado pelo Turco. Respondi que era muito grande verdade, porque nenhum sabia vir enviado nem consagrado por Roma. Tornou que, se eu era tão bom romano, e amigo de minha Fé e rei, que ¿para que lhe mandara pedir que me baptizasse e que me mandasse dar o seu Sacramento? Respondi que, quanto(1)
* Fl. 286. ** ao Baptismo, tal não era verdade; porque eu, aos oito dias de meu nascimento, fôra baptizado; que o Sacramento lho mandara pedir, por estar mui doente e em passo de morte, e me parecer que o podia fazer, na extrema necessidade em que estava; e que ainda agora o faria, se me vira noutra tal, não havendo entre nós sacerdote católico que segundo o uso romano me desse o Sacramento. A isto me disse que não mo quisera mandar dar, porque S. Paulo dizia:* Una Fides, unum Baptisma. *Aqui lhe tornei: Pois, se S. Paulo diz isso, ¿qual é logo a causa, por que V. A. se baptiza cada ano? Com isto se alterou; e falando-me palavras descompostas, tomou uma espada, o que eu vendo, lhe disse: Senhor, não me guarde V. A. o castigo para longe, porque eu por esta verdade do Bom Jesus não temo a nenhum dos reis da terra, senão aquele a quem dizemos: Não me castigues em tua ira. Mas a vós, senhor, digo, castigai-me na vossa ira; porque assim como a alma é excelentíssima, assim não quer senão coisas infinitas. Isto lhe disse com grandes brados, sentindo em mim mais fortaleza que fraqueza. Porém, vendo-me o rei tal qual nunca me viu, se foi, e me deixou no campo. Pelo que, entendo que antes tomara El-Rei ser súbdito dos moiros, como os povos dioscóreos, que são os de Alexandria e Egipto, que dar a tal obediência ao Santo Pontífice. E esta verdade nunca quis descobrir atègora a V. R., pelo não desconsolar de maneira, que deixasse de fazer a diligência que a seu ofício competia.*

Atèqui a carta do português Afonso de França, escrita ao Padre Mestre Gonçalo, o qual com esta notícia que por experiência tomou do estado de Etiópia, e da dureza e obstinação de El-Rei Cláudio, se tornou à Índia, onde chegou a salvamento, em Setembro de 56 (2).

(1) Agora seguem-se no texto duas fôlhas com a numeração errada, lendo-se 276, e a seguir 288, em vez de 286 e 287. — N. do E.

(2) *Nt.:* de 66.

CAPÍTULO IV

Da Missão em que o Padre Patriarca D. João Nunes Barreto, da Companhia de Jesus, com outros dôze Padres da mesma Companhia, foram mandados pelo Papa à Etiópia, para redução daquele reino

* NO tempo que o Padre Mestre Gonçalo andava em Etiópia, que foi desde * Fl. 286 v.
Maio de 55, até Julho de 56, partiram também de Portugal para a Índia o P. Patriarca D. João Nunes Barreto, com seus dôze companheiros, *scilicet*, o Padre Bispo Mel[c]hior Carneiro, com alguns, no ano de 55, e o Padre Patriarca, com o Padre Bispo André de Oviedo, e com os outros, no de 56. Dêstes os três não chegaram, por se perder a nau em que iam. O Patriarca com os mais chegaram a Gôa, onde já acharam o Padre Mestre Gonçalo, tornado do Preste; do qual sabendo o que passava, e quão diferente estava El-Rei Cláudio, para receber o Patriarca e Padres, do que El-Rei D. João cuidava em Portugal, houve muitas consultas assim do Patriarca com os Padres, como do vizo-rei com os de seu conselho e com os mesmos Padres, sôbre o que se faria àcêrca da ida do Patriarca a Etiópia; porque haviam por coisa de muito pouca autoridade do Papa e da Santa Sé Apostólica, ir de sua parte uma tão grande dignidade a um rei scismático, e não haver de ser recebido dêle como convinha; e também por grande agravo que o mesmo rei fazia a El-Rei de Portugal que, a sua petição, fôra medianeiro com o Papa, e dera ordem a esta tão apostólica missão, com tantos gastos de sua fazenda.

Eram alguns de parecer que o Patriarca fôsse, mas acompanhado de 600 ou 700 Portugueses de guerra, à sombra dos quais cuidavam que El-Rei Cláudio o receberia e daria obediência ao Papa, assim pelo temor, como pela necessidade que dêles tinha, para se defender de seus [in]imigos. Porém não se atreveram a usar dêste meio, sem primeiro darem conta a El-Rei D. João; pelo que assentaram que o Patriarca D. João Nunes sobrestivesse com sua ida, e se deixasse estar em Gôa; e que entretanto fôsse deante a Etiópia o Padre * Bispo * Fl. 287.
André de Oviedo, com cinco companheiros, para que, conforme ao que lá achasse, e fôsse recebido de El-Rei Cláudio, avisasse à Índia, para com isso se resolver a ida ou ficada do Patriarca; e tudo isto escreveu o mesmo Patriarca D. João Nunes a El-Rei D. João III, em uma comprida carta, do primeiro de Dezembro de 1556, que (1) tenho em meu poder.

Mas, porque o autor Urreta, falando dêste digníssimo Patriarca D. João Nunes, no cap. 21 do 1.º livro, diz muitas coisas que nunca foram, afirmando que foi a Etiópia, com todos os Padres juntos, e Bispos seus sucessores, e dando a entender dêle que se houvera lá com El-Rei Cláudio com pouca prudência, e se mostrava cobiçoso com lhe pedir logo os dízimos, amigo de si, e mercenário, com, assombrado das dificuldades e arreceoso dos trabalhos, deixar as ovelhas, e se tornar logo para a Índia com todos os Padres: pede a razão que por um pouco deixemos o que sucedeu ao Padre Bispo André de Oviedo, em Etiópia, e tratemos

(1) *Nt.:* de 1566. que.

da vida e morte do bom Patriarca D. João Nunes que, sem passar a Etiópia, dali a cinco ou seis anos, morreu em Gôa, com mui grande exemplo de santidade, que parece não quis Deus que ficasse em esquècimento, e metido só em arquivos, um tão raro exemplo de virtude, mas tirar êste bem de o publicar, das calúnias que neste livro se lhe impõem.

Foi êste digníssimo Patriarca natural da cidade do Pôrto, em Portugal, de nobre geração. Sendo secular, era sacerdote de tão santa vida, que cinco e seis horas gastava cada dia em contemplação. A devoção, amor de Deus, caridade com os próximos, penitência contínua, exemplo de tôda a virtude resplandecia
*Fl. 287 v. nêle tanto, que era de grande admiração e edificação a todos os que o * conversavam e conheciam. Mas chamava-o Deus, com contínuas inspirações para outra perfeição maior. Parecia-lhe que, emquanto possuísse os bens da igreja que tinha, e não fôsse pobre e obediente com Cristo, negando sua vontade, e pondo-a nas mãos de superior, por mais castidade, humildade e paciência em que vivesse, não fazia de si a Deus perfeito sacrifício.

Andando nestes tão altos pensamentos, escreveu-lhe de Coimbra uma carta o Padre Mestre Melchior Nunes, da Companhia de Jesus, seu irmão, que então estava naquele Colégio, e depois foi Provincial da Índia, na qual lhe pedia quisesse ir a Coimbra, onde, àlém de ver o modo de proceder dos da Companhia, poderia comunicar as coisas de seu espírito com o Padre Mestre Pedro Fabro, um dos dez primeiros companheiros de nosso Santo Padre Inácio, varão admirável e excelente em santidade, o qual cada dia naquele Colégio se esperava. Movido com esta carta e com as contínuas inspirações que sentia em sua alma, disse certo número de Missas, pedindo com grande eficácia a Nosso Senhor, pondo-se todo em suas mãos, lhe desse claramente a entender a vida em que melhor o serviria.

Ouviu Deus suas orações, e claramente lhe revelou ser sua vontade que se viesse a Coimbra, e em visão lhe mostrou o mesmo Padre Fabro, significando-lhe que aquele era o que o havia de encaminhar. Veio-se logo a Coimbra, e na primeira vez que se viram, estando todos três, o P. Mestre Melchior, e êle e o Padre Fabro, disse o Patriarca ao P. Mestre Melchior, alegrando-se por extremo: Êste é o Padre que eu vi.

Antes da vinda do Padre Fabro, andou sempre mui duvidoso no que tocava a entrar na Companhia; e a razão era pela grande afeição que tinha ao descanso da contemplação; e arreceava, se se ocupasse com os próximos, em os muitos
*Fl. 288. traba*lhos que a Companhia tem pelos ajudar a salvar, que porventura perderia o gôsto e repoiso da contemplação. Mas, depois que deu conta ao Padre Fabro, de sua vida, exercícios e sentimentos interiores que ainda na oração tinha, visitações que Deus lhe fazia, consolações que lhe dava, e do grande gôsto e quietação que nisto sentia, lhe disse o Padre Fabro, entre outras coisas, estas palavras: «Quero-vos dizer uma coisa, para que não digais no dia de juízo que vos não foi dita. Já desde agora não haveis de achar a consolação e devoção, que atèqui sentistes nesta vida que tínheis; porque, emquanto vos parecia que nessa vida agradáveis mais a Deus, acháveis nela consolação e devoção; mas agora, que já tendes conhecido que podeis ter outra vida, em que mais o sirvais e agradeis, quebrando vossa vontade debaixo de obediência, estendendo a caridade e zêlo da salvação das almas por tôdas as partes do mundo, onde a obediência vos mandar, padecendo muitos perigos e trabalhos pela honra de Deus, já não achareis a consolação que antes acháveis; porque sempre vos há de parecer que fugistes da cruz, e que deixastes de seguir a vida de Cristo, por seguirdes a vós e vossa quietação».

Com estas palavras se moveu tanto o humilde Padre, que logo se lançou aos pés(1) do Padre Fabro, resoluto em no mesmo ponto entrar na Companhia. Mas o P. Fabro lhe tornou, dizendo: «Esperai, não vos determineis tão de-pressa. Erguei-vos depois da meia noite, ponde-vos deante de Deus em oração, renunciai-vos todo em suas mãos, e desafiai Lúcifer, que, se depois vos houver de trazer algumas tentações na Companhia, vo-las traga agora, logo antes de entrardes nela; e amanhecendo, dizei Missa, e ponde-vos todo em as mãos de Jesus Cristo, em o Santíssimo Sacramento, e naquilo em que vos determinardes em sua divina pre*sença, assentai e ficai fixo». *Fl. 288 v.

Fê-lo assim; e depois de passar grandes tentações em o desafio, e grandes sentimentos de Deus na oração e na Missa, de tal maneira se determinou, que para sempre ficou fixo em sua vocação. E recebido logo pelo Padre Fabro, o mandaram servir na cozinha e em outros ofícios humildes, nos quais andava com tanta alegria, que dizia o mesmo Padre Fabro que nunca vira homem que no mundo estivesse assentado em vida, e essa tão virtuosa, que na Religião fôsse tão bom de menear e reger debaixo de obediência.

Depois de provada sua virtude em todo o género de mortificação e humildade, foi escolhido, para ir à África, juntamente com o Padre Luís Gonçalves da Câmara, a ter cuidado, em Tetuão, dos cativos cristãos, que estavam em poder dos moiros. Ali padeceu muitas injúrias e perigos de morte; e não sòmente entendia no resgate temporal dos cativos, mas muito mais no espiritual, confortando-os na Fé, prègando-lhes e administrando-lhes os Sacramentos; e era tão grande a caridade que com êles tinha, que a pobre casinha onde morava, parecia uma botica de mèzinhas para os doentes. Muitas vezes ia estar com êles na masmorra, e lá dormia e moía o trigo, e fazia tudo o mais que os cativos doentes houveram de fazer, por lhes escusar os açoites que seus amos lhes davam, se não trabalhavam. À bôca da noite, se vinha ao alçapão da masmorra a tirar os vasos da imundícia, para os ir lavar, e cestos de cisco, para os ir lançar fora.

Finalmente, emquanto esteve em África, se pode com muita verdade dizer dêle que era cativo dos cativos, a quem por amor de Cristo servia; e naquela vida eram tantas as consolações e visitações espirituais que recebia de Deus, que escrevia ao Provincial de Portugal que, se outra coisa não fôsse vontade de Deus, lhe pedia o dei*xassem ali acabar sua vida, servindo aqueles cativos. *Fl. 289.
Mas a Divina Providência tinha dêle ordenado outra coisa; porque, vindo de África a Lisboa, depois de cinco ou seis anos, a buscar esmola para um grande resgate de muitos cativos, achou uma obediência de Nosso Santo Padre Inácio, na qual lhe ordenava que não tornasse a África, porquanto estava eleito para Patriarca do Preste. E, porque sua grande humildade o não deixava cuidar de si que era para tão alta prelazia e dignidade, nunca em tôda sua vida tanto en-

(1) *Nt.*: aos pees.

controu coisa de obediência, como foi esta, ainda que via que o patriarca[do] não era de honras e senhorios mundanos, mas cheio de cruz e de sangue; rendeu-se, porém, ao expresso mandado do Papa.

Foi à Índia, como atrás fica dito; e, como os Padres do Colégio de Gôa onde estava, o quisessem acatar e honrar, conforme a sua dignidade, nunca jàmais o pôde sofrer, nem consentir que em seu comer e vestido fôsse tratado senão como qualquer de seus Irmãos; e, ainda que no exterior, não deixava de conservar o decoro a que sua dignidade o obrigava, em todo o mais êle era o que se mais esmerava na observância das Regras, do recolhimento de sua câmara, na perseverança da oração, na penitência do comer e dormir, e no exemplo da profundíssima humildade com que tinha por costume lavar os pratos, varrer e alimpar a casa, lavar os pés aos religiosos e hóspedes, que vinham de fora, com os quais lhe acontecia muitas vezes o que a S. Pedro com Cristo.

Nunca o achavam ocioso, porque àlém do tempo da Missa, e de cinco ou seis horas que cada dia tinha de recolhimento para se dar a Deus, o mais tempo sempre se ocupava, ou em ouvir confissões, ou ler e estudar pelas Escrituras e Doutores sagrados, ou em alguns exercícios e obras de humildade, como re-
* Fl. 289 v. mendar o vestido, var*rer a casa, e outras semelhantes. Porém, entre tôdas estas obras de tanta virtude, nas quais sempre lhe parecia que fazia pouco, nenhum sossêgo tinha em seu coração, com o entranhável desejo em que ardia de ir padecer a cruz e trabalhos que no Preste João sabia que havia de achar; e sempre solicitou aos vizo-reis e governadores da Índia, que o mandassem pôr em Etiópia a êle e aos demais companheiros, que depois da ida do Bispo D. André de Oviedo, com êle ficaram em Gôa, e se oferecia para ir em dois catures, que são barcas pequenas, ou como quer que o quisessem mandar.

Mas, ou fôsse por aquela gente do Preste não merecer a Deus um tão santo prelado, e a malícia e poder dos turcos ter tomadas tôdas as entradas, por onde se entra em Etiópia; ou por não poderem mais, e Deus assim o dispôr, passante de seis anos esteve na Índia, sem nunca poder ter efeito esta sua viagem àquele reino, onde, quanto maiores trabalhos via que havia de padecer, tanto com mais sêde os desejava. Até que, vendo no ano de 62 que tudo lhe faltava para esta ida, se foi para Chorão, que é àlém do rio de Goa, onde os Padres da Companhia têem uma igreja; e cuidando êles que ia o bom prelado tomar algum alívio dos trabalhos que tivera com o vizo-rei sôbre o haver de mandar, êle se foi, como outro Moisés, a orar no monte, por todos aqueles dias que ali esteve, e em tão contínua oração, que nenhuma só hora de refrigério tomava. E aqui, ou por Deus lhe querer dar o prémio de seus trabalhos, ou porque êle, com aquela contínua oração e penitência lho pedia, lhe sobreveio uma doença do fígado, com febre tão rija, que logo os médicos suspeitaram dela que era mortal. Trouxeram-no para o Colégio de S. Paulo de Gôa, onde peorando cada vez mais,
* Fl. 290. recebi*dos todos os Sacramentos com grandíssima devoção, presentes todos os Padres e Irmãos, que com muitas lágrimas o cercavam, com muitos colóquios e afectos com Deus, lhe deu seu espírito, a 22 dias de Dezembro de 1566.

Donde se verá quão fora de fundamento de verdade falou Frei Luís Urreta em tudo o que dêle disse, como no princípio dêste capítulo referimos. Agora será bem que tornemos à entrada em Etiópia, do Padre Bispo André de Oviedo,

ao qual chamaremos Bispo, emquanto não tiver recado da morte do Padre D. João Nunes, a quem sucedeu no título de Patriarca, e com êle daqui por deante continuaremos, referindo tudo o que lhe sucedeu, por todo o discurso de vinte anos que esteve em Etiópia, des[de] que nela entrou, até que Deus o levou.

CAPÍTULO V

Da entrada do Padre Bispo Dom André de Oviedo em Etiópia, e do que passou com El-Rei Cláudio Preste João

ANTES que entremos na narração de como o Padre Patriarca André de Oviedo chegou e entrou em Etiópia, e do que nela passou com El-Rei Cláudio, e depois com seus sucessores, emquanto viveu, pede o intento que imos seguindo, que ponhamos aqui primeiro o como o Autor do livro conta esta história e missão da Companhia daquelas partes, para que, de*clarando * Fl. 290 v.
depois a verdade do que passou, se veja quanto ao contrário dela falou. Diz pois assim no capítulo 21 do primeiro livro, pág. 203, que, ordenada esta missão de treze Padres da Companhia,

Avida la bendicion(1) *del Summo Pontifice, fueron a despedirse del Santo Padre Ignacio, y se partieron todos treze em compañia de Roma: y llegando a España, caminaron a Portugal, donde El-Rey Don Juan los regalò, y aprestado todo, se partieron para la Etiopia, y navegando por el ancho Oceano llegaron a la Etiopia, y tomaron puerto en Arquico, y de alli se partieron para la Corte del Emperador Claudio; y aunque la mission salio vana, y quedaron las esperanças de todos ellos frustradas, fueron con todo recebidos graciosamente del Emperador respetando a la persona del Patriarca, como a Nuncio Apostolico, posto que sentido de ver que El-Rey de Portugal sin darle a el cuenta, sin pedirle licencia, ni avisalle, le embiasse un Patriarca, y Obispos a su tierra, como si el fuera algun infiel, y cismatico, teniendo el su Collegio en Roma de S. Estevan, donde vivian muchos de sus vassallos, y teniendo ya Nuncio Apostolico en su reino, que es el Arçobispo mas antiguo. Los Padres con el Patriarca mostraron sus poderes, y bulas Apostolicas, las quales fueron admitidas, y poniendoselas sobre las cabeças las obedecieron.*

Pero huvo luego un encuentro, que alborotò todo el Imperio. La causa fue porque ordenò luego el Patriarca dos cosas: una fue, que no huviesse mas Clerigos casados: otra que se pagassen diezmos a la Iglesia de todos los frutos, con que todos clerigos y seglares se rebotaron de modo que con un tolle, tolle, se fueron para el Emperador, diziendo que les quitavan sus costumbres antiguas, y les introduzian usos nuevos, el qual viendo tanta confusion en su tierra, mandò a los Padres que se dexassen de aquello, que no lo obedeceria en ninguna manera, y la pimienta requemate de su colera le hizo sobresalir de manera, que excedio en el termino con el buen Patriarca, y los otros sus compañeros, y se levantò por todo el Imperio un susurro y fama sorda, que de boca

(1) Nem tôdas as palavras são de Urreta, embora seja o sentido. — N. do E.

*en boca yva cresciendo por momentos, inchiendose la tierra de una bozingleria y motin, que alterava los animos contra los Padres. En fin, despues de mucho bravear, y esgremir de lengua, se vino * a tratar del poder que trayan, y el Arçobispo mas antiguo, que era el Nuncio Apostolico, alegava por agravio lo que se hazia con el, y que le quitavan su poder, y con el acostavan todos los demas Perlados, Obispos, y Arçobispos.* * Fl. 291.

El Preste Juan viendo aquella cisma en su tierra, empeçò a quexarse del-Rey de Portugal, por aver informado tan mal al Summo Pontifice, y concluyò que no usassen de su poder los Padres, hasta dar razon a la silla Apostolica de todo. Con estas diferencias el Patriarcha, como era viejo, cercano a la traspuesta del sol de su vida, cansose mas de lo que podian sus fuerças sufrir, estrañolos el temple de la tierra; y assi determinaron salirse de la Etiopia: y ayudavales a esta determinacion el ser Portugueses, y dessear verse entre los suyos: porque esta nacion es sobrado de amartelada por su tierra, y de la compañia de sus compatriotas, y luego les da rostro qualquier otro Pais, y todo el mundo, a su parecer, no tiene que ver con Portugal; y embarcaronse para Goa. Desta maneira refere o Autor a missão e entrada do Padre Patriarca Dom João Nunes em Etiópia.

Mas em tudo o que diz, falta à verdade, de modo que não sòmente regras, mas quási nem palavra há, em que a haja; porque nem o Padre Patriarca, Bispos e mais Padres que foram a esta missão, partiram juntos de Roma, nem foram primeiro tomar a bênção ao Papa, nem despedir-se do Santo Padre Inácio, nem todos juntos vieram de Roma, caminhando por Espanha; nem também, partindo de Portugal e Lisboa para Etiópia, partiram todos juntos, mas uns num ano, como foi o Bispo Dom Melchior (1) Carneiro, com alguns; outros noutro, como foi o Patriarca com os mais; nem foram juntos numa só nau, mas em diversas; nem chegaram todos, mas alguns se perderam na viagem; nem foram direitos à Etiópia e ao pôrto de Arquico, mas direitos à India e a Gôa; nem de Gôa partiram todos para Etiópia, senão só o Padre Bispo Oviedo, com cinco companheiros, ficando ali * o Patriarca com os mais. * Fl. 291 v.

E assim, pelo conseguinte, não foi assim o que diz, que o Padre Patriarca João Nunes com os dois Bispos e todos os mais companheiros, chegando ao pôrto de Arquico, se foram à côrte de El-Rei Cláudio, e que foram dêle recebidos graciosamente, respeitando a pessoa do Patriarca, pôsto que sentido de ver que El-Rei de Portugal, sem lhe dar conta, nem pedir licença primeiro, ou avisar, lhe mandava Patriarca e Bispos à sua terra, como se êle fôra algum infiel, ou scismático, e tendo êle já Núncio Apostólico em seu reino, que é o Arcebispo mais antigo; porque nem o Patriarca Dom João Nunes foi a Etiópia, nem o Bispo Dom Melchior Carneiro, nem os demais Padres, tirando o Bispo Oviedo com alguns; nem que fôra, El-Rei Cláudio mostrara com êle tais sentimentos de El-Rei de Portugal o não ter primeiro avisado; pois a isso foi lá mandado Diogo Dias, e Padre Gonçalo Rodrigues, de nossa Companhia, como em sua carta fica referido, para o avisar, da parte de El-Rei Dom João, como ia o Patriarca, Bispos e Padres, e saber dêle se era sua vontade que fôssem. Ao que êle respondeu que podiam ir.

(1) *Nt.:* Belchior.

Também não foi assim, que, indo o Patriarca e Padres, e mostrando seus poderes e Bulas Apostólicas, El-Rei [as] pusera sôbre a cabeça, pois era tão grande scismático e hereje; mais fizera (1) o que depois fêz, quando foi o Bispo Oviedo. Nem é também verdade o que diz do Patriarca e Padres (para os caluniar e infamar de pouco prudentes, e cobiçosos) que, entrando na côrte, alvorotaram todo o império, porque, tanto que chegaram, ordenaram logo coisas contra os costumes da terra, como foi mandar o Patriarca que os clérigos não casassem, e pedir-lhes os dízimos da Igreja, e que, por isto, todos, clérigos e leigos se rebotaram de maneira, que vieram com um *tolle, tolle*, a El-Rei, dizendo que lhes * tiravam seus costumes, e que lhes queriam introduzir novidades. * Fl. 292. Nem também foi verdade o que diz que, vendo o imperador isto, e tanta confusão em sua terra, mandou aos Padres que se deixassem daquelas coisas, porque de nenhuma maneira lhes havia de obedecer, e que por isso se agastara muito contra o Patriarca e mais companheiros seus; nem o que diz que por isto se enchera a terra de *bozingleria* e motim contra os Padres; porque, como nem o Patriarca, nem os mais Padres foram desta maneira que o Autor finge e diz, a Etiópia, tôdas estas coisas ficam notòriamente falsas. E também o é o que vai dizendo por deante, que *despues de mucho bravear, y esgremir de lengua, se vino a tratar del poder que trayan: que el Arçobispo mas antiguo, que era Nuncio Apostolico, alegava por agravio lo que se hazia con el, y que le quitavan su poder, y que con el acostavan los demas Perlados, Obispos y Arçobispos;* porque, além de tudo ir fundado sôbre falso fundamento, que é da ida do Patriarca com todos os Padres à Etiópia (à qual nunca foi), em Etiópia não há Bispos, nem Arcebispos, nem Núncio Apostólico, como no primeiro capítulo desta Adição fica dito, nem outros Prelados, mais que o seu abuná hereje, que lhe vem de Alexandria. Já dizer (2) que o Preste João, *viendo aquella cisma en su tierra, empeçò a quexarse del-Rey de Portugal por aver informado tan mal al Summo Pontifice, y concluyò que no usassen de su poder los Padres, hasta dar razon a la silla Apostolica*, dá ocasião a se poder cuidar, com muito fundamento, que procedeu nisto com paixão e malevolência: por uma parte (3) em querer dar a entender ao mundo, e infamar, tão sem razão, um Patriarca, e os demais Bispos e Padres da Companhia, que não foram a Etiópia senão a semear discórdia e causar scisma em todo aquele império; por outra, que (quando menos), falou mui descomedidamente, e sem o respeito devido * à * Fl. 292 v. pessoa de um tal e tão grande Rei, e tão zelador do aumento da santa Igreja, como foi El-Rei D. João III de Portugal, em dizer dêle, que informara mal ao Sumo Pontífice, sôbre as coisas de Etiópia: porque, ainda que diga isto narrativamente, como dito por El-Rei Cláudio, por ocasião das diferenças e desgostos que êle finge que tinha com o Patriarca e Padres, El-Rei Cláudio não o disse, pois nunca tais diferenças, nem ocasião de desgostos tivera com os Padres que nunca viu, e com quem nunca falou, nem foram a sua terra; mas êle mesmo, Autor, é o que o diz.

(1) *Nt.:* mais fizera.
(2) *Nt.:* Y a dizer.
(3) *Nt.:* por ũha por parte.

E da paixão com que em algumas matérias fala neste livro, se pode temer que, em descrédito do Patriarca e mais Padres da Companhia, disse também dêles que, enfadados com êste ruím sucesso de diferenças com El-Rei Cláudio, por estranharem o clima da terra e ares dela, determinaram de se sair de Etiópia, como diz que se saíram, e embarcaram para Gôa, acrescentando que lhes ajudava a esta determinação o serem portugueses, e desejarem de se ver entre os seus, por ser esta nação sobejamente amartela[da], (por usar de sua própria palavra), por sua terra, e da companhia de seus compatriotas, e que logo lhes dá em rosto qualquer outro país, ou terra estranha: no qual tudo, vai tão longe da verdade, como em tôdas as mais coisas que aqui tem dito; porque, deixando já o falso fundamento sôbre que fala [em] tudo isto, não é costume dos da Companhia que por obediência se desterram de suas pátrias e colégios onde se criaram, e vão à Índia, Japão, China, Brasil, Guiné e a quaisquer outras semelhantes Missões e partes do mundo, irem para tornarem a Portugal, senão para lá morrerem; e, se torna algum, é por negócio da Religião, o qual acabado,
* Fl. 293. fazem logo volta a suas Missões, e nelas vívem e * servem a Deus, até que morrem; e assim todos quantos Padres da Companhia a[té] hoje têem ido a Etiópia, do Patriarca Oviedo para cá, nem um só (1) tornou a Portugal, nem à Índia, mas êles e todos morreram em Etiópia; e para isso vão apostados, quando vão, todos os da Companhia, e tiveram por grande afronta sua, se, deixando a milícia espiritual e arraiais de Cristo, em que lá andam na conversão das almas, se tornaram a estas partes.

E quanto ao que diz da nação portuguesa, que de muito amartelada, ou afeiçoada à sua pátria, e à companhia dos seus compatriotas, lhe dá logo em rosto qualquer outra terra, e estranha os climas e ares dela, não diz o que passa; pois é tão notório a todo o mundo, que, se há nação desapegada de sua pátria, e que menos caso faça de climas estranhos à sua natureza, é a portuguesa; e se o Autor quisera advertir, êle próprio o confessaria, vendo as navegações que por tão estranhos mares e climas têem feito, e fazem contìnuamente, e as colónias que têem por África e Ásia, por debaixo da linha equinocial e zona tórrida, por tôda a costa de Guiné, desde o Cabo Verde até os reinos de Congo e Angola, e passando o cabo de Boa Esperança, em Moçambique, Çofala e por todo o grande reino de Monomotapa, costa de Melinde, Mombaça e Etiópia, e por tôda a Índia Oriental, até Pegu, Sião, Malaca, Maluco, Camboja, China, Japão: terras tôdas bem contrárias às em que nasceram.

Prossegue mais adeante o Autor [pág. 203] e diz desta maneira: *Embarcaronse para Goa* (entende o Padre Patriarca, e os Padres portugueses), *pero el P. Andres de Oviedo no quiso salir de Etiopia, diziendo que la obediencia le mandava estar en aquella tierra, y que en ella estaria hasta la muerte, y como Castellano iva al passo del buey; considerava las cosas con pausa y madurez, y como sabio y discreto de entendimiento avellanado, considerava que el Visi-*
*Fl. 293 v. *tador no ha de querer en un dia * dexar reformada una comunidad, ni se han de desarraygar en un punto costumbres aceptadas de muchos años. Quedose con el titulo de Patriarca, y por su persuasion desterraron muchas crassas igno-*

(1) *Nt.*: nenhum soo.

rancias, dexaron algunas costumbres peregrinas, y con su heroica virtud tomaron exemplo para vivir catholicamente. El fue el que aconsejò al Emperador que instituyesse el Consejo Latino, [pág. 192] *a cuyos consejeros señalò grandes estipendios, y muy pingues salarios; los quales eran seis: dos Venecianos, dos Florentinos, y dos Portugueses, y se algunos autores han escrito, que en tierra de la Etiopia este bendito Padre fue maltratado, no han sido bien informados dello, porque el Preste Iuan le honrò muchissimo, y le dio el cargo de Presidente de este Consejo Latino, el qual exercitò el buen Padre con tanta satisfacion, contento y aplauso de los Abissinos qual ellos pudieron dessear.*

Isto tudo diz o Autor; porém, tirando o que diz do Padre André de Oviedo, que era santo, todo o mais não tem quási palavra onde haja fundamento algum de verdade, e em tudo foi mal informado, porque nem o Padre Bispo André de Oviedo ficou em Etiópia da maneira que êle diz, pois não foi a ela em Companhia do Patriarca Dom João Nunes, senão por si, com cinco companheiros, nem, se fôra com o Patriarca, e vindo-se êle, querendo que se viessem todos, houvera de ficar contra parecer do Patriarca. Nem é assim o que diz que se ficou com título de Patriarca, porque êste não o teve senão depois da morte do Patriarca Dom João Nunes; e muito menos o que diz que êle foi o que aconselhou ao Preste João que instituísse aquele Conselho Latino de que fala, e que o Preste o fêz a êle presidente do tal Conselho; porque nem êle lho aconselhou, nem jàmais em Etiópia houve tal Conselho, nem o Padre foi presidente dêle, mas tudo isto é uma mera fábula e ficção de quem quer que a fingiu, como quási tôdas as mais coisas que neste livro se dizem àcêrca de Etiópia, pelo que, não * há que dar crédito a coisa dêle. * Fl. 294.

Da mesma maneira foi falsa informação o que diz que o Padre Oviedo foi mui louvado e estimadíssimo do Preste João, e que por sua persuasão e doutrina desterraram muitas crassas ignorâncias, *dexaron algunas costumbres peregrinas, y con su heroica virtud tomaron exemplo de vivir catholicamente;* porque, ainda que o Padre foi na vida santíssimo, e com suas letras, escritos e doutrina trabalhou, emquanto viveu, pelos ajudar e reduzir à união da Igreja, foi porém tal a dureza dos reis e do povo, que de nada se quiseram aproveitar. E para que uma coisa e outra se veja mais claramente, iremos daqui por deante mostrando tudo pelas mesmas cartas, assim do próprio Padre Bispo, e depois Patriarca André de Oviedo, como dos mais Padres seus companheiros, que aqui recitaremos, tirando-as das próprias originais de sua letra e firma, que nos arquivos desta Província se guardam, como muito preciosas relíquias de Santos tão grandes, e que tantos milagres fizeram naquelas terras, como consta do instrumento autêntico de que acima falámos [Vol. II, pág. 181 etc.].

E porque no capítulo precedente deixámos ao Padre Bispo André de Oviedo, partido de Goa para Etiópia com cinco companheiros, diremos agora de sua entrada nela, e sucesso que teve com El-Rei Cláudio, da maneira que o referem os Padres Manoel Fernandes, que era o Superior, e os mais companheiros, que todos juntamente se firmam na carta, a qual escreveram no ano de 1562 ao Padre Diogo Laines, Geral que então era de nossa Companhia, e estava em Roma, a qual mandaram por via do Cairo, e foi a primeira que se recebeu, assim nesta Província de Portugal, como na Índia, cinco anos depois de sua

partida de Goa, por em todo êste tempo (por os portos estarem tomados pelos Turcos), não poder passar carta al*guma nem de Etiópia para estas partes e para a Índia, nem da Índia para a Etiópia. A carta dos Padres diz assim:

Seria coisa tão fora de tôda a humana esperança ser esta dada em mão de V. P., que àlém de outros graves inconvenientes, isto será causa de não me dilatar tanto nela, como seria vontade de V. P. e desejo meu. Mas os perigos são tantos e tais, que nem ainda declará-los licet, *e parece que seria temeridade, se quisesse exactamente referir o que pudera, e fôra bem necessário. Pelo que, V. P. me perdôe, que não é pequena mortificação para mim, não lhe referir* ad unguem *tudo o que por cá passa.*

Nossa entrada nesta terra foi a 25 de Março de 1557. Chegámos a Baroá, que é como cabeça do estado do Barnagais; no mesmo dia, que foi da Anunciação de Nossa Senhora, foi o Padre Bispo recebido dêle com muita humanidade e honra, porque saíu ao caminho bom pedaço a o receber. Quando chegámos ao povo, foi tanto o prazer e alegria da gente plebeia, e beijavam a mão ao Padre Bispo com mostras de tanta devoção, que quási nos faziam tomar aquilo como por pro[g]nóstico do bom sucesso de nossa missão. Ali nos detivemos vinte dias ou mais, e celebrámos a Semana Santa com o maior aparato que nossa pobreza sofria; e sexta-feira de Endoenças fizemos uma solene procissão da nossa igreja à sua, por conciliarmos sua amizade. A gente da terra aqueles dias visitava nossa igreja com tanta devoção e amor, que nos edificava muito. Todo aquele tempo se despendeu em ouvir confissões, e algumas delas de muitos anos, baptizar, etc. O P. Bispo confirmou a muitos filhos e escravos da nossa gente portuguesa. Foi sempre pessoalmente visitado do Barnagais, e outros grandes. Tratou-se muitas vezes com êles da verdade de nossa Fé, e obediência à Santa Igreja Romana, ainda que tudo foi sem proveito.

Passado êste tempo, parte por ser inverno, parte pelos Turcos, que se davam pressa a entrar pela terra, nos partimos de Baroá para a côrte e arraial de El-Rei, e em cincoenta dias chegámos a êle, onde S. A. esperava o Bispo, como se dirá. E porque falei na entrada dos Turcos, saiba V. P. que quando che-
*Fl. 295. *gá*mos a Maçuá, que é uma ilha mui chegada a esta costa de Etiópia, e escala onde vão parar e surgir tôdas as naus, que com mercadorias vêem da Índia e Arábia a esta terra: achámos ali um baxá do Turco com 500 ou mais homens de peleja, que vinha a conquistar Etiópia, e segundo parece, esperavam o tempo em que costuma vir nossa armada. E quando viu que os que entrámos, não era coisa de que pudesse receber dano, procurou entrar; e assim foi que já, quando partimos de Baroá, foi de-pressa por seu respeito: os quais foram tão prejudiciais à nossa missão, que com haver passante de cinco anos que cá estamos, até hoje não sabemos que recado nosso haja passado à Índia. E tem-se feito tanto da nossa parte, que três homens, segundo cremos, são mortos com cartas nossas. Estes Turcos que disse, ainda que fizeram grande dano em a terra, cativando muitas almas, todavia tiraram mal de sua emprêsa, e com perda de quási tôda sua gente, e muito oiro e fazenda, foram lançados da terra, nem puderam entrar mais nela, se não sucedera o que adeante se dirá.*

Fazendo pois nossa viagem para El-Rei, parávamos aos Domingos em que havia missa, prègação, e doutrina aos meninos; e muitos dos nossos compa-

nheiros, que eram quinze portugueses com muita de sua família, se confessavam e comungavam.

E não nos alegrávamos pouco, ver que achávamos em os montes e brenhas de Etiópia alguma coisa das nossas, com a freqüência e comunicação dos Sacramentos. Detivemo-nos muitos dias em o caminho, porque, quanto mais entrávamos pela terra, mais portugueses nos saíam a confessar-se, e alguns também a casar-se com suas concubinas. E houve tantas confissões e tantos a quem o P. Bispo confirmava, que foi coisa de muita consolação nossa. Quási oito dias de caminho antes de chegar a El-Rei, mandou S. A. um dos grandes de sua casa a visitar o Bispo, e trouxe bem de mulas para nossa recovagem.

Continuando nosso caminho, um dia antes de chegarmos onde El-Rei tinha seu arraial, chegou recado que parássemos, até seu mandado. Dali a dois dias o mandou, e chegando quási um tiro de espera do arraial, chegou outro recado de El-Rei, que armássemos nossas tendas; e porque ja vinham em nossa compa-
*nhia muitos portugueses, armadas e*las, pareciam mui bem. Ali estivemos aquela* *Fl. 295 v.
noite; e no dia seguinte ao meio dia vieram grande número de parentes de El-Rei e gente nobre de sua casa, bem ataviados, e em bons cavalos, à tenda do Padre Bispo; e duas pessoas mui principais, entrando nela, lhe deram recado da parte de El-Rei que êle o chamava. Fomos logo, e estava S. A. em um alto de sua casa com sua mãe e irmãos olhando. Chegámos, e sem ser costume, quis que todos entrassem a cavalo em o seu primeiro pátio, estando êle noutro de dentro, vendo tudo. Depois de estar assim um pedaço, mandou que nos descêssemos, e entrássemos no segundo pátio em que estava a tenda de habitação; e ali nos fêz estar outro pedaço, estando êle olhando por entre uns panos de sêda.

Estavam de uma parte e outra da porta de sua tenda muito número de velhos, e pessoas nobres com bastões nas mãos em muita ordem. E estando todos com muito concêrto e silêncio, saíram de sua tenda dois criados seus, um dêles o Barnagais Isac, e feita ao Bispo sua decente reverência, nos levaram a El-Rei, o qual o recebeu com humanidade e amor; e depois de algumas práticas, lhe deu o Bispo as cartas do governador da Índia, e do nosso Patriarca e outras; e El-Rei tomando-as, se começou logo a mostrar desgostoso nas coisas de sua redução, da qual êle estava tão longe como está Roma da Etiópia; mas como era nobre e discreto e amigo dos portugueses, encobria seu desgosto, ainda que não tanto, que deixasse de dar manifestos desenganos de si e de sua perfídia. Porém sempre se houve mui comedidamente com o Bispo, e o tratou de de modo, que emquanto viveu, não houve quem se atrevesse a lhe fazer desacato; e em nosso provimento se houve mui cumpridamente, porque de sua natureza era mui liberal e dadivoso, principalmente em coisas de El-Rei de Portugal, a quem se conhecia por mui obrigado.

*Era tão humano, e sentiu tanto os trabalhos que arreceava ao Padre Bispo, que estando para dar batalha aos moiros, na qual morreu, disse: «Oh! coitado do Bispo! ¿E se eu morro, que há de ser dêle»? Era pessoa Cláudio de tanto ser (fora sua perfídia) que certo creio que em todo o reino não havia homem mais sábio nem mais para ser rei que sua pessoa. Era mui feito aos costumes portugueses, e * com o Bispo tinha tantos cumprimentos em coisas de amizade, que* *Fl. 296.

no meio de tôdas suas pertinácias, sempre ficávamos com esperanças de algum bem. E creia V. P. que não tinha Cláudio, rei de Etiópia, mais que sê-lo, porque em o demais (tirando sua perfídia) era mui diferente dos costumes de seus vassalos.

Como as controvérsias sôbre as coisas da Fé se começaram entre êle e o Bispo, lhe rogou o Bispo o quisesse ouvir com seus letrados, e êle o fêz assim; e em sua presença houve muitas vezes disputas, e todos seus letrados deante dêle pareciam boçais. Êle mesmo tomava sempre a mão, e com tanta veemência defendia seus desatinos, que muitas vezes dava que fazer. E ainda que o Bispo, pela graça divina, sempre a êle e a todos os concluia, ficavam porém zombando, e bradando, dizendo que êles tinham vencido: de maneira que tudo com êle ficava em vão. Pelo que, vendo o Padre Bispo o pouco que nisto se fazia, tomou tôdas as principais matérias, e pontos de seus erros, e se deu a escrever sôbre êles; e depois lhe apresentou estes escritos, aos quais El-Rei respondeu com fazer outros sôbre êles, resolvendo-se juntamente que não havia de obedecer a Roma. E depois de ter isto assaz declarado, e se mostrar desgostoso contra o Bispo, e dizer pùblicamente que não queria o Concílio Efesino primeiro, para o qual o Bispo o chamava, senão sòmente os costumes e fé de seus antepassados, o Bispo se despediu dêle com determinação de (saltem ad tempus) *dar lugar a seus desgostos.*

Estes tão claros desenganos deu El-Rei no fim de Dezembro de 58; e logo no Janeiro seguinte de 59, o Bispo se despediu dêle, e no mês de Fevereiro, pouco depois, vieram a esta terra os moiros, a que cá chamam Malacais, *(que porventura serão os amalecitas) e no mês de Março logo seguinte, na quinta-feira da Semana Santa, se encontrou El-Rei com êles, e sua gente lhe fugiu, e o deixou no campo, onde o miserável morreu, e com êle o nosso capitão com dezóito portugueses; e foi a vitória tão pouco esperada dos moiros, que seu capitão, atribuindo isto a só Deus, se desceu do cavalo, e cavalgando num asninho, celebrou o triunfo da vitória.*

Atèqui parte da carta do Padre Manuel Fernandes, em que trata o que se
*Fl. 296 v tem visto, da entra*da do Padre Bispo André de Oviedo em Etiópia, e do que passou com El-Rei Cláudio, àcêrca das coisas da Fé e obediência à Igreja de Roma, e da triste e arrebatada morte com que Deus o castigou, por sua perfídia e obstinação em seus erros. Donde fica bem evidente quão mal informado foi o Autor do livro, de ser El-Rei Cláudio católico, e obediente à Igreja, como êle o afirma, e de morrer com os Sacramentos dela, e o julgar por mártir; e a pouca razão que teve em repreender na pág. 221, ao doutor Sandero, e ao Padre Mafeu, por contarem a morte dêste pérfido rei, da maneira que ela foi, e a nonotarem por castigo de sua perfídia e rebelião à Santa Igreja.

CAPÍTULO VI

Da sucessão de El-Rei Adamás no império, e do que em seu tempo daí por deante sucedeu ao Patriarca e mais Padres

NO capítulo 21 do livro primeiro, na pág. 218, tratando o Autor, da morte de Cláudio e do rei que lhe sucedera, diz estas palavras: *Succediole a Claudio el Preste Juan, Adamás, hombre manso, afable, benigno, una condicion como de cera bruñida y blanda.* Porém quão diferente dêste fôsse, declara o mesmo Padre Manuel Fernandes, continuando em sua carta desta maneira:

*Morto Cláudio, como lhe não ficava filho, sucedeu-lhe no reino um irmão seu, o qual no tempo que pelos nossos portugueses foram resgatados e livres do poder dos moiros aqueles reinos, estava êle ca*tivo em Arábia e feito moiro.* *Fl. 297. *Porém depois que Cláudio seu irmão, à custa do sangue dos nossos, tornou a recuperar o reino, o resgatou a êle. E assim com muita verdade se pode dizer que com sangue de portugueses, mais que com oiro, foi resgatado do miserável cativeiro em que estava. Mas o agradecimento*(1) *que nêle se achou, foi que vendo-se rei, nenhuma outra coisa parece que pretendia mais que consumir, e assolar essa pobre família de católicos que em seu reino achou. Tinha dado El-Rei Cláudio licença geral que tôdas as mulheres que casassem com portugueses, pudessem, se quisessem, seguir os costumes de Roma, e da mesma maneira todos os escravos e família, como faziam. Porém El-Rei Adamás, a primeira coisa que fêz, foi mandar deitar pregão que nenhum abexim natural de Etiópia entrasse nas igrejas dos portugueses, sob graves penas. E era coisa de maravilhar que, com ter a terra cheia de inimigos, com nenhuma coisa parecia ter mais conta que com aniqüilar a nossa Igreja, e dizia que seu irmão não morrera senão por consentir em sua terra a Fé de Roma. E chegou a coisa a tanto, que mandou pùblicamente açoitar uma mulher, só por ser católica; e prendeu outras duas de portugueses, pelo mesmo; e tomou muitos filhos dos mesmos católicos. E muita gente da que antes seguia nossa Fé, retrocedeu com temor de suas ameaças; e não só ficava nelas, senão que a dois arménios, que aqui andavam, e se tinham reduzido, a um mandou desterrar, a outro mandou cortar a cabeça, por não quererem retroceder.*

Além disto não cessava de tomar aos nossos portugueses suas fazendas, terras e lugares com que Cláudio lhes gratificara tão leais serviços como lhe tinham feito. Ao Padre Bispo prendeu, e o teve em prisão seis meses, ou mais; a nós-outros Padres ameaçava que nos havia de mandar queimar vivos. E isto fazia êste bom rei; e outras coisas muitas desta qualidade, que se tôdas se houvessem de referir, seria necessário larga escritura, porque todo o tempo que teve liberdade para isso, nunca cessou de fazer todos os agravos que pôde à nossa Igreja e gente. Mas, como Deus Nosso Senhor, (ao que parece) queria com êle castigar as liberdades e solturas de que os nossos usavam em Etiópia, assim também quis que êle não passasse sem açoite.

(1) *Nt.:* aguardecimento.

*Fl. 297 v. *E * foi o caso que, por êle também com os próprios seus ser intratável e deshumano, no fim do ano de 1560, tôda a maior nobreza e potência de Etiópia se rebelou contra êle, e fizeram rei a um mancebo bastardo, filho de outro seu irmão mais velho, já defunto. Chamava-se êste mancebo Betancontarcaró*(1). *Com êste se ajuntaram não sòmente muitos e os mais nobres do reino, mas também o nosso capitão com quási trinta portugueses; e não foram mais, porque os outros se não acharam em parte para isso. El-Rei, vendo esta junta, foi contra o inimigo que mais temia, que era o Barnagais Isac, pessoa mui assinalada em coisas de guerra, e por cujo meio estes reinos foram livres de grandes danos. Êste estava nas partes marítimas negociando coisas que o Tarcaró lhe mandou. E ainda que em um encontro que teve com êle, o fêz fugir, no segundo se ficou o Barnagais vencido. E a principal causa foi porque, descendo Adamás às partes marítimas, temendo que viessem os portugueses, e o Barnagais os metesse na terra em favor de Tarcaró, vendo que chegada a monção não vinham, voltou logo em busca do mesmo Tarcaró, seu sobrinho, e aos dois dias de Julho de 1561 pelejou com êle, e o prendeu e houve às mãos, [porque] se havia levantado com favor dos grandes; e depois que se desembaraçou dêste, se tornou em Janeiro de 1562.*

E porqne se tinha por certo que haviam de vir portugueses da Índia, determinava El-Rei de não pelejar com êles, sabendo que tôda sua gente nenhuma outra coisa mais esperava para logo o desamparar e se lançar com os nossos; e por isso se não quis ir ao Tigré(2) *até se segurar, e ver se vinham. Neste tempo o Barnagais Isac, que escapara da batalha passada, e andava junto do mar, vendo que os nossos não vinham da Índia, e temendo que El-Rei desse sóbre êle, fêz liga e amizade com os Turcos de que atrás falei; e ajuntando-os consigo, e arreceando que Adamás matasse ao sobrinho Tarcaró que tinha prêso (como de feito matou) levantaram, êle, e os mais que consigo tinha, a outro irmão do Tarcaró, mas legítimo, para rei. Porém Adamás, vendo*
*Fl. 298. *que pas*sava o tempo da vinda dos portugueses que arreceava, ainda que sabia a liga que o Barnagais Isac fizera com os Turcos, se foi contra êle ao Tigré com muita gente; e aos vinte de Abril de 1562 lhe deu batalha; mas quási sem peleja e sem morte de ninguém, ficou desbaratado, porque sòmente com o assombramento da artilharia, êle e os seus se puseram em fugida, deixando seus arraiais em poder dos inimigos. Nós-outros em todo êste tempo passado, sempre andámos no arraial de El-Rei Adamás, tão afligidos e oprimidos, que não tínhamos poder de assentar nossas tendas, senão onde êle mandava.*

Neste dia da batalha todos ficámos cativos dos Turcos e abexins contrários a El-Rei, e das vidas nos fêz Deus mercê por meio dos portugueses, que ali se acharam, pôsto que com grandíssimo trabalho nosso. Antes disto nos tinham roubado quatro vezes. Aqui acabámos de ser postos em miséria. Só o cálix, e outras coisinhas nos deu o Barnagais; o demais tornámos a resgatar como

(1) *Nt.: Betanconzarcaro.*—Teles, na *Historia G. da Ethiopia a Alta*, pág. 177, escreve: *Habitacum Tascarò.*—N. do E.

(2) *Nt.: Tigray.*

pudemos. Pelo que, Vossa Paternidade pode ver quais andaremos, andando no campo e nas guerras, cercados de inimigos, entre gente tão alheia de nossos costumes, sem podermos dar relação de nós a quem fàcilmente pudera remediar o sacro e profano, carregados de dívidas que não podemos escusar, não só em razão de nossa família, mas de muitas viúvas e órfãos a quem não podemos deixar de acudir, e em terra onde não há uma só pessoa a quem possamos recorrer, porque os nossos portugueses mais estão para receber esmola que fazê-la: e os da terra não há neles dar esmolas, mas tomar o que se lhes dá, e roubar o que se lhes não dá. E sôbre tôdas estas nossas angústias, perdido o alívio de nossos trabalhos que é não têrmos já missa há muitos dias, por falta de vinho, porque o não há na terra.

*Fruto espiritual, não se tem feito coisa que se deva referir, porque a gente é mui dada a seus costumes e ritos. Verdade é que, se houvesse fôrça com que êles puderam escapar das ameaças de El-Rei, houvera tantos que seguiram nossa santa Fé, que * não nos pudéramos valer com êles, porque há muitos que,* *Fl. 298 v. *ainda que conheçam nossa verdade, não se atrevem a segui-la, e tudo pudera remediar o socorro da Índia, se viera. Temos em casa algumas quarenta pessoas a que acudir, e para isto não há um só real nem donde possamos esperar remédio para pagar nossas dívidas, pois nossas abundâncias na mesa (glória a Nosso Senhor) não são tais, que devamos ter escrúpulo delas, porque às vezes nem ainda há abastança de cevada tostada para nós e para a mais família; e há tanto disto, que é melhor passá-lo e calá-lo.*

A pessoa do Bispo anda tal, que não é para ver. Vossa Paternidade a todos nos mande encomendar a Deus por tôda a Companhia, et genibus provolutis, *pedimos a bênção. E porque sôbre escreve[r]mos à Índia e a Roma, são mortos três homens, e feitas grandes despêsas, e já não há por onde correr, tome Vossa Paternidade esta, se à sua mão fôr, pela última que de cá se lhe pode escrever.*

De Etiópia, a 29 de Julho de 1562. Manuel Fernandes, Francisco Lopes, António Fernandes, Gonçalo Cardoso.

Esta foi a entrada do Bispo Dom André de Oviedo em Etiópia e de seus companheiros, e o sucesso que teve com os reis dela, Cláudio e Adamás, nestes primeiros cinco ou seis anos, tão diferentes das bonanças que lhes dá o Autor do livro, enganado das informações que lhe deu o abexim João Baltasar, tão alheias da verdade; e estes os reis que tanto louva: a um, de grão católico e obediente à Igreja; a outro, brando e benigno *y de una condicion como de cera bruñida.*

Mas, para que se vejam ainda mais os trabalhos e perseguições que padeceu êste santo Bispo, (a quem daqui por deante chamaremos Patriarca, porque neste ano de 62 faleceu o Patriarca Dom João Nunes em Goa, a quem êle sucedeu no título e dignidade) debaixo da tirania dêste rei Adamás, ajuntaremos aqui também algumas mais particularidades, que * são as que o Padre Manuel *Fl. 299. Fernandes não ousou de escrever em sua carta, e se referem no instrumento autêntico de que acima falámos(1), que o Reverendíssimo Senhor Dom Aleixo de

(1) Ver Vol. II, pág. 181 e seguintes.—N. do E.

Meneses mandou tirar em Etiópia, de sua vida e morte, no qual entre outras coisas se diz o que segue:

Tendo o santo Patriarca reduzido com sua doutrina a muitos herejes e a muitos frades da terra, o imperador, sentido disto, o mandou chamar, e o repreendeu com muita indignação, dizendo-lhe: ¿«Não basta deixar-vos eu estar em minhas terras e dar-vos licença que trateis e tenhais cuidado dos vossos portugueses, senão que também queirais com vossa falsa doutrina levar após vós os meus frades e a minha gente tôda? Avisai-vos que daqui por deante não intendais mais que com os vossos, nem ensineis vossa doutrina à minha gente». Ao que o santo respondeu com grande liberdade de espírito, dizendo: «O que eu faço é meu ofício, e êste por nenhum respeito o hei de deixar de fazer, e ensinar a todos os que me quiserem ouvir a santa, verdadeira e católica Fé, ainda que me custe a própria vida».

O mau imperador, ouvidas estas palavras, se acendeu em tanta ira e furor, que com grande agastamento lhe chamou muitos nomes, e disse muitas injúrias ¿e para que vinha com mentiras e patranhas ensinar sua gente? E com tanto furor arremeteu a êle, que travando-lhe da roupa, lha rasgou. Mas acudindo alguns fidalgos seus, estranhando-lhe o que fazia, e que não convinha a Sua Majestade tratar daquela maneira a um Patriarca, o largou das mãos, mas com muita cólera o mandou degredar, juntamente com o Padre Francisco Lopes seu companheiro, para uns montes mui altos, e tão ásperos e estéreis, que quási ninguém morava nêles; e lhes mandou sob pena de morte que se não descessem dali; e para mais os magoar, lhes mandou tomar o sagrado cálix, para com isto os privar da consolação e alívios que podiam ter com o sacrossanto sacrifício da Missa.

Recebeu o santo Padre com seu companheiro a sentença do degrêdo com * Fl. 299 v. *grande humildade e paciên*cia, e nêle padeceram mui grandes trabalhos de dia e de noite, com muitas fomes, sêdes, calmas, frios e falta de todo o necessário; e sobretudo com perigo de cada hora serem mortos pelos ladrões.*

Sua casa era uma choupana muito pobre onde se recolhiam de noite; e neste destêrro estiveram seis ou sete meses. Aqui os foi visitar uma senhora que o era daquela terra, e parenta do imperador; e chegando à choupana em que os Padres moravam, lhe pareceu que via dentro um resplendor como do sol ou da lua, de que muito espantada e atemorizada se tornou sem os ver, mas com tão grande conceito de sua santidade, que, com muita instância, fêz com o imperador lhes levantasse o destêrro, e os deixasse vir para povoado, o que êle concedeu, mas mandando que ninguém lhes desse nada de comer nem de beber.

Outra testemunha que foi de vista, e sempre acompanhou os Padres, acrescenta em seu juramento que, quando o imperador chamou o santo Patriarca, que todos cuidaram que era para o mandar matar, e que, quando o repreendeu, o atoestou de traidor e enganador, e que, se não desistia de ensinar sua gente, lhe mandaria cortar a cabeça; e que, quando o Padre lhe respondeu, lhe disse que não havia de desistir, ainda que Sua Majestade o mandasse matar, ou lançar aos leões, porque para tudo estava prestes; e que logo, botando o mantéu abaixo, ficou em corpo com seu roxete, e levantadas as mãos e os olhos ao céu, ofereceu a Deus seu espírito, e o corpo às mãos do imperador, para, por con-

fissão e defensão da santa Fé Católica, padecer até derramar o próprio sangue; o que vendo o imperador, ainda que estava muito furioso, lhe dissera: «Tu querias agora morrer mártir nas minhas mãos; vai-te de deante de mim»! ... E então o mandou para o destêrro com o Padre Francisco Lopes, como atrás fica dito.

*Depois de o imperador ter desterrado ao santo Patriarca e a seu companheiro, mandou logo prender todos aqueles que se tinham reduzido à nossa santa Fé, e repreendendo-os mui àsperamente, os ameaçou com a morte, se não tor*navam atrás. E porque alguns se mostravam mui constantes, e protestaram* * Fl. 300. *que antes derramariam o sangue que tornar atrás, ficou o tirano tão sentido, que logo ali deante de si e de muita outra gente, mandou lançar aos leões, que para isso estavam aparelhados, quatro ou cinco dêles. Porém aconteceram aqui as maravilhas antigas que Deus obrou pelos santos mártires da primitiva Igreja, porque os leões, ainda que bravos e ferozes, se deixaram estar quêdos, sem tocar nos santos cavaleiros de Cristo; do que o imperador e os mais ficaram pasmados; e a tudo estava presente a própria testemunha que isto jurou.*

Depois disto, mandou o imperador degredar e desterrar a todos os católicos que se mostraram constantes na Fé, juntamente com o mesmo santo Patriarca; e indo para êste destêrro, chegaram a tão grandes necessidades de fome, que, por não comerem, havia já muitos dias, iam caindo e desfalecendo de pura fraqueza; e indo caminhando ao longo de uma grande ribeira com o Padre Patriarca, se assentaram todos à borda da água; e ali foi de tanta eficácia deante de Deus a oração do santo Patriarca, como antigamente a de S. Gregório Taumaturgo em secar uma grande lagoa para evitar discórdias entre dois irmãos; porque assim aqui, para remédio da necessidade daqueles fiéis, o santo Patriarca com sua oração de tal modo secou aquela grande ribeira, que com a grande multidão de peixes(1) *que no sêco ficaram, não sòmente remediaram sua fome presente, mas carregaram algumas mulas para adeante; e logo a ribeira se tornou a encher e correr como dantes, ficando êles cheios de muita consolação e ânimo, para padecerem como padeceram por Cristo, tôdas as incomodidades do destêrro em que estavam, até que êle foi servido de lhes ser levantado, e a êste milagre se achou presente a mesma testemunha, que era um criado do imperador, que levava prêso ao destêrro o santo Patriarca.*

Outra vez o mandou chamar o mesmo imperador, e tratando-o mui áspera e deshumanamente de palavras, o ameaçou que lhe havia de mandar cortar a cabeça, se não desistia de prègar aos seus; mas o santo que não desejava menos de ser morto por esta causa, que o imperador de o matar, cruzando as mãos ante o peito, abaixou a cabeça, dando a entender que ali lha dava. * *O que* * Fl. 300 v. *vendo o imperador, cheio de furor, leva da espada, e levantando o braço para descarregar com ela, tendo-o levantado, e antes de o abaixar com o golpe, lhe caíu a espada da mão; do que êle mesmo e todos os mais que estavam presentes, em que entrava também a testemunha que isto jurou, ficaram pasmados.*

(1) *Nt.: de pexes.*

Estava também ali a rainha, que vendo o que passava, a grande pressa se levantou e abraçou com o santo Patriarca para o defender, estranhando muito ao imperador o que fazia, em tratar daquela maneira a um tão santo varão. Mas o mau imperador, com ver tudo isto, não se melhorando de sua malícia, o mandou que se fôsse logo de deante de si, e em secreto ordenou que o matassem; e assim houvera de acontecer, se uns senhores herejes que o souberam, o não impediram; os quais edificados grandemente de sua santidade, sempre procuraram de o favorecer, principalmente quando o imperador o perseguia e tratava mal; e então lhe davam mais esmolas, e lhe acudiam em tôdas suas necessidades.

Outra vez, indignado o imperador de ter o Santo reduzido certos herejes, lhe mandou que se fôsse logo de suas terras, e levasse consigo os seus portugueses; mas as mulheres e filhos lhe deixassem, porque eram seus cativos. Fizeram-no assim, e foram levados a um destêrro mui longe, onde o tirano os mandou, em que padeceram muitos trabalhos e necessidades, pôsto que depois lho tornou a levantar.

Atèqui o que diz o instrumento de testemunhas acima referido, àcêrca do tratamento que em Etiópia fizeram os reis ao santo Patriarca Oviedo. Morreu êste tirano Adamás no mês de Fevereiro de 1563, como consta das cartas dos Padres que adeante se referirão.

Porém aqui é bem que antes que passemos mais àvante, apontemos algumas contradições que, àcêrca dêste tempo de El-Rei Adamás, há nas informações do abexim João Baltasar, das quais evidentemente se vê a pouquíssima verdade
* Fl. 301. que nelas falou, e que tudo o que diz, são meras ficções. Na pág. 218 diz * o Autor que, morto El-Rei Cláudio, lhe sucedeu no império El-Rei Adamás, êste tirano de que até agora falámos; e assim foi. Porém na pág. 616 diz que sucedeu a El-Rei Cláudio o Preste-João Mena, do qual rei nenhuma menção temos nem memória nas relações de Etiópia, assim dos seculares, como dos Padres, salvo se quiser dizer que o rei Adamás tinha dois nomes, do que nas cartas do Padre Patriarca e seus companheiros há também indício, porque, por outro nome, lhe chamam às vezes Minas. E sendo assim, então se seguem maiores contradições no que refere, porque El-Rei Adamás, ou Mena, se assim lhe quer chamar, sucedeu no império a seu irmão Cláudio em Março de 1559, e morreu em Fevereiro de 1563; por onde não ficou reinando mais que quatro anos.

E sendo isto assim, diz o Autor na pág. 107 que, quando soube o imperador de Etiópia chamado Mena, que o imperador Carlos Quinto tomara a cidade de Túnis, que foi no ano de 1535, sabendo que o rei de Túnis tinha uma copiosa e rica livraria, mandara aos mercadores de Egipto, de Roma, de Veneza, de Sicília e outras partes, que à sua custa comprassem os livros que os soldados levavam, que como eram em arábigo, os davam quási de graça; e que desta maneira comprara mais de três mil livros de astrologia, medicina, matemáticas, ervas e outras curiosidades. Pelo que, daqui se pode ver de que crédito sejam tais informações; pois, quando o imperador tomou Túnis, foi vinte e quatro anos antes que Mena fôsse rei. Além disto, ainda que houvera ocasião ou fundamento para se comprar a tal livraria, foram tantas as guerras civis que Mena teve em seu reino, por todos os quatro anos que reinou, e as misérias em que nêle se viu, que impossível fôra poder êle comprar tal livraria.

Diz mais na pág. 616 que êste imperador Me*na ou Adamás escrevera uma * Fl. 301 v.
carta ao Papa Pio Quinto sôbre certa matéria de que ali trata, e de que ao deante se falará, e outras cartas a muitos Cardeais, dando a obediência à Igreja Romana, e pedindo-lhe o Concílio Tridentino, para que se guardasse em Etiópia, e que o Santo Padre lhe respondera e escrevera duas vezes. A contradição que isto tem, é que o Papa Pio Quinto foi eleito no mês de Janeiro do ano de 1566; El-Rei Mena ou Adamás era morto havia três anos, no mês de Fevereiro de 63; por onde fica também encontrando a verdade da carta, que diz que o mesmo Pio Quinto escreveu a êste rei Mena, dando-lhe conta da vitória naval que foi no ano de 70, em que havia sete anos que era morto El-Rei Mena; e semelhantes a estas ficções são tôdas as mais coisas que o abexim diz em suas informações, e que neste livro (1) se contam.

CAPÍTULO VII

Do que sucedeu ao Padre Patriarca e seus companheiros, depois da morte de El-Rei Adamás, e do que mais passava em Etiópia neste tempo

MORTO El-Rei Adamás no mês de Fevereiro de 63, como acima dissemos, o reino que dantes andava diviso, e ardendo em guerras civis, se dividiu muito mais, porque os da parcialidade de Adamás levantaram logo como rei a um filho seu; e o Isac Barnagais com os do seu bando, levantaram como rei ao que já dantes seguiam, que era um menino, irmão do Tarcaró; e * assim tudo ardia e se destruía com guerras, que duraram muitos anos na- * Fl. 302.
quele império, emquanto foi vivo o Isac Barnagais, como ao deante se irá tocando. Neste tempo o Padre Patriarca com a maior parte dos portugueses que a êle se juntaram, depois daquela batalha em que Adamás foi vencido, se vieram para o reino de Tigré, e para uma terra junto de um grão mosteiro, que se chama Abba-Guarima onde o Padre Patriarca fêz seu assento num pobre lugar que ali se foi fazendo, chamado Fremoná, e ali morou sempre em todo o restante de sua vida, que foram alguns 16 anos, sem mais entrar na côrte, nem se ver com rei algum de Etiópia; porque, emquanto êle viveu, daqui por deante, como as guerras e divisões do reino eram tantas, nenhum dos que se chamavam reis estava seguro, ainda que o filho de Adamás foi o que por derradeiro veio a prevalecer, e ficar com todo o império, mas mais de 16 ou 17 anos depois de ser alevantado, e pela morte do Barnagais Isac. Por onde nas coisas da redução dos Abexins à Igreja Romana não houve mais têrmo algum de bem. Sòmente não houve daqui por deante rei nem príncipe, que de propósito perseguisse os católicos, como Adamás fizera. E assim onde estava o Patriarca, e noutras partes por onde os Padres andavam, sempre havia alguns particulares que se reduziam à Fé Católica, mas poucos, pelo grande mêdo que tinham do mal que os grandes lhes podiam fazer.

O Patriarca neste tempo, no lugar onde morava, vivia em suma pobreza e necessidade de tôdas as coisas temporais, como também os mais Padres; e a

(1) Neste livro de Frei Luís de Urreta. — N. do E.

vida que aqui fazia, os trabalhos e necessidades que padecia, se verão melhor de suas próprias cartas, e das do Padre Manuel Fernandes, que daqui escreviam, as quais aqui poremos, tiradas de seus próprios originais, nas quais também
* Fl. 302 v. nenhuma outra coisa com mais eficácia pediam para remédio * daqueles reinos e redução dêles à Igreja Romana, que socorro de portugueses. Começando por uma do Padre Manuel Fernandes, de 3 de Junho de 66, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de São Paulo de Goa, diz assim:

Três anos há que de Baroá (onde ficámos o Padre Cardoso, o Irmão António Fernandes e eu para escrever à Índia) mandámos lá êste canarim, que se chama Amador. Estando já de todo desconfiados de êle ter passado a essas partes, e de nós também podermos mandar mais recado algum à Índia, eis que dia do Espírito Santo, estando nós, o Padre Patriarca e eu, nos dão recado que era tornado e chegado da Índia. A consolação que em nossas almas tivemos em ver e ouvir o que êste Amador assim balbuciando nos dizia, e as novas que nos dava de VV. RR. só Deus Nosso Senhor o sabe. Finalmente ninguém póde quebrar êste encantamento senão Amador. Tantos anos há que dessas partes não sabemos coisa alguma! E estando já tão caídos num poço, tão desesperados de todo o humano favor, tão entregues a ver se podíamos dar algum vau a lazeiras, com nos fazermos lavradores, chega Amador, ou chega Deus Nosso Senhor, e por ministério de Amador tornam nossas primeiras e tão sêcas esperanças a reverdecer.

Louvado seja Cristo Jesus, que não havia esta coisa de vir, senão por ministério do mais simples homem que para isso se podia buscar! É coisa para louvar a Nosso Senhor, que, pelo que êle diz assim a vulto e mal pronunciado, nos convém a nós adivinhar o que quer dizer, se queremos saber alguma coisa da Índia; e mais para o louvar e bemdizer é que seu tão tôsco arrazoar nos parecem suaves cordeais, sòmente por nos falar nos Padres da Companhia de Jesus dessoutro mundo. O papel é pouco, e não é tempo de me assentar a escrever de nós, porque, se o houvesse de fazer como VV. RR. querem e eu o desejo, seria necessário muito tempo, e mais papel, e estarem os caminhos menos perigosos.

Nós, haverá dezoito meses que o Padre Cardoso e o Irmão António Fernandes e eu, nos fomos lá por dentro dêsse sertão a negociar algo de almas e ver os portugueses daquelas partes, que havia já muito que não sabíamos dêles.
*Fl. 303. *Andámos por lá quási ano e meio, e haverá treze dias que * nos viemos ajuntar com o P. Patriarca. E pelos muitos perigos do caminho que nós tivemos, e grandes trabalhos que sua Paternidade por cá passou, quando nos tornámos a ver, foi como se viéramos da Índia. Achámos o P. Patriarca pôsto num tão baixo e abjecto estado, que vê-lo é mágoa, e agora ficamos negociando algumas juntas de bois, para ver se lavrando, podemos remediar nossa pobreza, que quis o Senhor que vivamos entre gente da qual não se pode pretender coisa que o seja.*

Até agora nunca jàmais se deixou de tratar das coisas da Fé, parte em escrito, parte em práticas. Mas o reino todo anda tão revôlto, que não há já ouvir-se nada, mais que cada um pôr côbro em sua casa. As coisas da obediência à Igreja Romana estão omnino *esquècidas. Os Abexins por extremo duros e pertinazes; e é coisa maravilhosa, que parece que, quanto Deus mais os*

fere, menos o sentem. Sete anos há que nenhuma outra coisa passa neste reino, senão ásperas e contínuas justiças que Deus Nosso Senhor nestes faz, como em contumazes: e êles o sentem tão pouco, que perguntam mui desencalmadamente que, sendo êles tão bons cristãos, ¿porque Deus os persegue tanto? Turcos, moiros, galas, peste, guerras contínuas sem cessar, ¡e êles insensíveis ao que Deus Nosso Senhor pretende! A nós não deixam às vezes de nos fustigar também as voltas.

Depois que êste Amador partiu de Baroá, que há três anos, se deram daí a poucos dias batalha campal dois capitães, ali quási à vista de Baroá, e foi desbaratado o que senhoreava aquelas partes; e quando dali nos vimos em salvo, não foi pequena misericórdia de Nosso Senhor, ainda com ficarmos com bem de perda. O Padre Patriarca tinha uma mula em que andava; dois moços de casa puseram-se a fazer fogo de noite; solta-se-lhes o fogo, queima a casa, mata-lhe a mula! Dali a poucos dias, noutra pousada, salta-lhe um ladrão de noite em casa, furta-lhe a lôba de pano e dois roxetes, que não tinha mais, nem outro vestido com que autorizar seu pobre estado, e também levou um ornamento. Finalmente em Etiópia satis est vivere, *sem se esperar mais nada. Isto que disse agora, é coisa de ontem e de antontem.*

*Nas coisas da Fé, nossas verdades estão entendidas, mas não se aceitam, porque comummente é esta gente a mais sem escrúpulos que [não] se viu outra. Estão confessan*do a verdade e dando mostras do muito bem que lhes parece;* * Fl. 303 v.
e se quereis apertar com êles que a aceitem, que sem ela se vão ao inferno, dizem que logo como vierem os portugueses, a receberão, que de outra maneira, têem mêdo de El-Rei, e que, se morrerem entretanto, ao paraíso hão de ir, porque tomam o corbané, *que é o Sacramento, e não comem carne que mate moiro; e com isto lhes parece que têem ganhado sete paraísos. Todavia, nestes derradeiros dias, alguns receberam nossa Fé; e todos sabemos que, se os portugueses viessem, desde sua entrada a bem poucos dias, pessoas de muito preço na terra, tomaram logo a nossa Fé, àlém de estar bem certo de com sua vinda se reduzir logo Etiópia à obediência da santa Igreja. Roguem VV. RR. a Nosso Senhor, e também ao senhor vizo-rei queira mandar gente: e então, poucos são os da Companhia, que há na Índia para os que cá são necessários. Não há hi para que me alargue mais. Todos ficamos embrenhados aqui neste mato. VV. RR. se lembrem de nós em seus sacrifícios e orações. A 3 de Junho de 66.*

O P. Patriarca em uma sua do mesmo dia e ano, escrevendo ao Padre Geral da Companhia de Jesus, diz também assim num capítulo dela: *Louvado seja Nosso Senhor, que, depois de tantos anos, pude ter novas de V. P. e se V. P. as não teve de nós, não se maravilhe, que estivemos como em terra de Turcos e outros [in]imigos, com dano e perda de muitos católicos; e atègora escassamente pudemos ter liberdade para escrever; e esta que escrevo há de ir em nau de moiros e escondida, se Nosso Senhor lá a deixar chegar; e por falta de papel não serei comprido. Cá não nos faltaram trabalhos, o Senhor seja louvado. As coisas de Etiópia e de sua redução à Igreja Romana parece que hão mister fôrça, porque estão mui duros, e ainda que conhecem a verdade, atam-se aos costumes de seus antepassados, como fazem os moiros, e outros que*

não querem receber a verdade. Se viessem portugueses da Índia, logo me parece que se reduziriam; e êles mesmos desejam que venham, porque temporalmente se vêem perdidos com guerras, e males uns com outros, e outros castigos que lhes Deus dá(1).

Atèqui o Padre Patriarca para o Padre Geral. Noutra também sua do
* Fl. 304. mesmo dia e a*no para o Padre Francisco Rodrigues, Reitor do colégio de São Paulo de Goa, diz assim: *Ontem dia do Espírito Santo nos consolou Nosso Senhor com carta de Vossa Reverência, que trouxe Amador. Louvada seja Sua Divina Majestade, que depois de tantos anos que há que esperávamos, nos deixou saber novas de lá, e bem creio que mais vezes fôramos consolados, se os perigos da entrada desta terra deram lugar. Agora, louvores a Deus, está esta entrada mais despejada de Turcos, e que não poderão pôr impedimento à entrada dos portugueses se de lá vierem a dar remédio a esta terra, porque são poucos; e ainda que foram muitos, o mêdo que têem dos portugueses, os fizera arredar, e deixar-lhes o pôrto seguro para poderem entrar. E temos por certo que, se depois que cá estamos há nove anos viera armada da Índia, que em qualquer tempo puderam entrar, e êste reino tivera dada a obediência à Igreja Romana sem dificuldade. E agora mais que nunca está o reino disposto para isto, porque está tão perdido e destruído por guerras e outros estragos que tem padecido, que êles mesmos se não sabem remediar, nem sentem outro remédio senão a vinda de portugueses.*

Nós, todos os anos não fazemos senão escrever, e tornar a receber nossas cartas pelos estorvos que sempre houve de passarem, assim por razão dos reis duros que houve estes anos atrás, como pelos Turcos, e outros inimigos. Os reis que houve dês que cá estamos, foram muitos, e agora longe daqui reina um moço filho de Adamás, mas tem pouca fôrça e é mui desobedecido. Pelo que, estando as coisas assim, não devia a Índia de esperar mais tempo para acudir a estes doentes e frenéticos, compadecendo-se dêles e de outros que não têem culpa, e de infinita gentilidade, que se quer converter, e quando mais não fôra, por acudir a alguns pobres católicos, que escaparam das tempestades passadas, para que, com seus filhos e famílias, se não acabem de perder. E emfim esteja vossa Reverência nesta conclusão, que o remédio de Etiópia e sua redução e obediência à Igreja Romana, está em virem portugueses, e em comum os espera a gente com grão desejo. E pois esta emprêsa é tão alta, e de proveito de tantas almas (que por isso o inimigo da natureza humana trabalha tanto pela
* Fl. 304 v. *estorvar)* * *e El-Rei D. João III, de gloriosa memória, com tantos gastos de sua fazenda procurou de a efeituar, para exaltação de nossa Santa Fé, não deviam*(2) *os que agora têem o poder, deixar cair esta obra, nem desconfiar, pela dificuldade dela e pertinácia da gente, porque as coisas grandes sempre têem dificuldades no princípio, e 500 ou 600 homens bastam para reduzir Etiópia à Fe Católica. E por menores coisas e mais duvidosas, se aventura*(3) *às vezes mais gente com bem graves perdas.*

(1) *Nt.:* que lhe Deos daa.
(2) *Nt.:* dessulão.
(3) *Nt.:* se auenturão.

Deus Nosso Senhor o deixe entender a todos, que a meu ver, não ia fora de bom sentimento o mui Reverendo P. Frei Luís de Granada, quando dizia parecer-lhe esta emprêsa de Etiópia, das gloriosas que havia sôbre a face da terra, pela redução de tanta gente à Igreja Romana. Rogo a V. R. que queira propor tudo isto ao senhor vizo-rei, que pode ser que lhe inspire Deus o que fôr maior bem, e emfim tôdas as coisas hão de acabar, e só o serviço do Altíssimo é o mais fino. E quando de todo em todo esta terra carecer dêste remédio, e parecer à santa obediência que saíamos dela, atentem por caridade, que será bem que fiquem nela alguns Padres, para que os católicos que aqui há, não fiquem sem remédio de Sacramentos.

Atèqui o Padre Patriarca, de cujas cartas, e dos mais Padres se pode ver a falência grande das informações do abexim, pelas quais o Autor do livro se regeu, assim em dizer que os Abexins não eram scismáticos e desobedientes à Igreja, como nos bons tratamentos que diz que sempre se fizeram naquele reino ao santo Patriarca Oviedo, emquanto viveu, pois por êle mesmo, testemunha tão verdadeira, consta aqui, e pelas mais cartas suas que abaixo traremos, ser tudo pelo contrário.

* CAPÍTULO VIII * Fl. 305.

De como o Papa Pio V mandou, por um Breve seu, ao Padre Patriarca, que se saísse de Etiópia, e o que sôbre isso diz o Autor do livro

CHEGADAS a Portugal as informações e cartas que os Padres da Companhia escreveram de Etiópia no ano de 62, como atrás fica dito, e sabendo por elas El-Rei Dom Sebastião os grandes trabalhos que o Patriarca lá padecia, e o pouco fruto que fazia naquela terra, pela pertinácia daqueles reis e gente, e pouca esperança que davam de sua redução à Igreja Romana; e tendo por outra parte novas do grande fruto que se ia fazendo na conversão da gentilidade nos reinos de Japão: julgou com maduro conselho que seria mais serviço de Nosso Senhor que o Padre Patriarca se saísse de Etiópia e passasse para o Japão. Para isto escreveu a seu embaixador que tinha em Roma, e ao Padre Geral de nossa Companhia, para que ambos o tratassem com a Santidade do Papa Pio V, o qual pelas informações que também já tinha do que passava em Etiópia, fàcilmente veio no mesmo conselho e parecer, e aos 2 de Fevereiro de 1566 passou um Breve para o Patriarca de Etiópia, cujo teor é o seguinte:

* *Venerabili Fratri Andreæ*(1) *de Oviedo Patriarchæ Aethiopiæ. Vene-* * Fl. 305 v.
rabilis frater, salutem, etc. Ex litteris carissimi in Christo filii nostri Sebastiani Portugaliæ Regis Illustris ad Oratorem ipsius qui apud nos residet missis, et ab aliis quibus fidem merito habuimus, cognovimus Paternitatem tuam in istis Aethiopiæ partibus ad quas a Sede fueris Apostolica missus, ut istos populos ad fidei orthodoxæ agnitionem et ad unitatem Ecclesiæ Catholicæ reduceres, inter tot annos quibus istic mansisti, propter duritiem cordis eorum et in vetustis erroribus suis retinendis animi pertinaciam, opera et pia industria tua

(1) *Nt.:* Venerabilis Frater Andræ.

*nihil proficere potuisse. Quod si ad insulam quæ Japam appellatur, et in Sinarum regionem, quæ a gentilibus incoluntur, mittaris, in quibus provinciis Domini Nostri Jesu Christi fides magna devotione suscipi cœpit, sperandum esse, Deo adjuvante, ut illic opera tua valde sit utilis, propterea quod messis illic multa sit, operarii autem paucissimi. Quibus auditis, fraterna sane charitate tibi compassi sumus, qui tot, tantorumque laborum et tam diuturnæ peregrinationis fructum * optatum capere minime potueris. Sed si opera tua, illis fuit populis inutilis, non tu tamen, qui tam multa et tam gravia pro Christo Domino nostro passus es, frustra laborasti, pietatis enim et obedientiæ et charitatis tuæ præmium a Domino habebis.*

* Fl. 306.

Quia igitur in hac Sancta Sede, licet sine nostris meritis constituti, omnibus nos esse agnoscimus debitores, et pro commisso nobis officio debemus inservire Omnipotentis Dei honori et gloriæ et animarum saluti consulere; fraterna charitate salutantes te, de cujus pio zelo, et propagandæ catholicæ Religionis studio, gravissima testimonia habuimus, hortamur (1) *in Domino, et in virtute sanctæ obedientiæ, atque in remissionem peccatorum injungimus, ut postquam has litteras acceperis, cum primum tute potueris, et navigandi facultatem habueris ad insulam Japam, et ad Sinarum regionem te conferas, et in illis locis verbum Dei juxta doctrinam Sanctæ Romanæ Ecclesiæ omnium Christifidelium Matris, ac Magistræ docendo et prædicando, et sacramenta quæ Pontificalis sunt officii ministrando, quamplurimas poteris animas lucrari studeas divinæ fretus misericordiæ auxilio*, etc.

Quis aqui pôr esta parte do Breve em latim, para mais certeza de suas originais palavras, que convertidas em linguagem, querem dizer:

* Fl. 306 v.

* Ao venerável Irmão André de Oviedo, Patriarca de Etiópia

Venerável Irmão, saúde, etc. Por cartas do nosso caríssimo filho Dom Sebastião, rei ilustre de Portugal, escritas a seu embaixador que reside em nossa côrte, e de outras pessoas dignas de fé, soubemos que, sendo Vossa Paternidade enviado por esta Sé Apostólica a essas partes de Etiópia, para reduzir os povos dela ao conhecimento da Fé Ortodoxa e à união da Igreja Católica, depois de haverdes gastado muitos anos, não tirastes fruto com todo o vosso trabalho e piedosa indústria, pela dureza de coração dêsses povos, e pela pertinácia que têem em querer conservar seus antigos erros, e que, se fôsseis enviado à ilha de Japão e à província que chamam China, que são povoadas de gentios, nas quais províncias a Fé de Jesus Cristo Nosso Senhor com grande devoção começa a ser recebida, se poderia esperar que, com o favor do Senhor, vosso trabalho seria mui proveitoso naquelas partes, por haver nelas grande messe e pouquíssimos obreiros: Nós-outros, ouvindo esta relação, movidos da caridade fraternal, nos compadecemos de vós, vendo que não pudestes colhêr o fruto desejado, de tantos e tão grandes trabalhos e de tão larga peregrinação.

(1) *Nt.:* Hortãtur.

*Portanto achando-nos * colocados nesta Santa Sé, ainda que sem nosso merecimento, e conhecendo que somos devedores a todos, e pelo ofício que temos, obrigados a servir a honra e glória de Deus todo-poderoso, e a procurar a saúde das almas, saüdando-vos com a caridade de Irmão, e tendo mui graves testemunhos do vosso piedoso zêlo, e do afecto que tendes a propagar a Religião Católica, vos exhortamos em o Senhor, e em remissão de vossos pecados vos mandamos que, em podendo sair seguramente, e tendo comodidade para navegar, depois de receberdes estas nossas letras, vos partais para a ilha de Japão e para a China, e nelas prègueis a palavra de Deus, conforme a doutrina da Santa Igreja Romana, que é mãe e mestra de todos os fiéis, e que administreis os Sacramentos que são próprios do ofício pontifical, e procureis ganhar para Deus as mais almas que puderdes, confiado no favor de sua divina misericórdia. E para que melhor o possais fazer, com autoridade apostólica que temos, vos damos faculdade e poder para exercitardes os ofícios pontificais naqueles lugares, e em quaisquer outros, onde vos achardes, (com tanto que não haja neles Bispo próprio e particular); e para que possais usar de tôdas as faculdades e indultos que vos foram concedidos pelo Papa Júlio III, de feliz memória, e dos outros Romanos Pontífices, nossos predecessores, nesse reino de Etiópia; e com a mesma * autoridade dispensamos convosco, para que sem nenhum escrúpulo de consciência possais morar e permanecer nos ditos lugares, se não tiverdes maior esperança de poder reduzir os povos de Etiópia à união da Fé Católica*, etc.

* Fl. 307.

* Fl. 307 v.

Êste é o Breve que o Papa Pio V enviou ao Patriarca, para que, saindo-se de Etiópia, não tendo maior esperança de sua redução, se passasse para Japão e China. E nas palavras do Breve se hão de notar duas coisas que fazem muito a nosso propósito: uma, a opinião e juízo que o Sumo Pontífice tinha assentado, que por sua própria bôca pronunciava que os povos de Etiópia são scismáticos e desobedientes à Igreja Romana e inficionados com erros antigos contra nossa santa Fé, e que a-fim de os reduzir dêstes erros, e trazer à união da Igreja, fôra lá mandado o Patriarca. A outra, que afirma o Sumo Pontífice ordenar esta mudança do Patriarca de Etiópia para Japão, não só pelas informações que El-Rei Dom Sebastião lhe dava, por suas cartas, ainda que só estas eram bastantíssimas, senão também pelas que êle já tinha de pessoas fidedignas, e a quem com razão dava crédito, *quibus merito fidem habuimus*, do pouco ou nenhum fruto que o Patriarca fazia em Etiópia pela dureza dos corações daquelas gentes, e pertinácia que tinham em seus antigos erros. E fazemos aqui esta advertência, porque, com isto ser assim, e o Papa passar um Breve como êste, sôbre tão certo e seguro fundamento, com tudo isso, diz o Autor do livro, Frei Luís Urreta, em tantas partes dêle, que nunca os Abexins foram nem são * scismáticos. E além disso, falando dêste Breve em particular, no Livro 3.º, e na pág. 613 e 614, diz dêle estas palavras, contradizendo ao P. Ribadeneira que o alega: *A esto que es el mayor batallon que contra nosotros pueden oponer, respondere en breves palabras. Y digo que es verdad que Pio quinto expedio el sobredicho bulleto a instancia del Rey de Portugal, Don Sebastian, pero que no tiene fuerça alguna, y que es surrepticio, por estar el Summo Pontifice mal informado, y lo que le dixeron muy lexos de la jurisdiccion y terminos de la*

* Fl. 308.

verdad, y el Rey Don Sebastian se persuadio con facilidad, ser historia verdadera lo que no era sino fabula y malicia, y dio credito a lo que era levantamiento muy falso, por ver que lo escrivian de Goa y lo dezian los que venian con las naves de la India, nascido todo de la maldad de Portugueses Judios.

E sôbre isto vai contando sua história, que mais adeante se dirá, de muito escândalo. Agora sòmente (deixando ao bom juízo do prudente leitor, o que deve formar das palavras do Autor, e da temeridade e pouco respeito com que fala de um Breve de um Papa, e de um rei tão cristão) mostraremos quão fora foi, no que diz do Breve, dos términos da verdade, com o testemunho do mesmo P. Patriarca, e mais adeante em seu lugar com desfazermos a mácula que neste passo, e sôbre esta matéria quis impôr aos portugueses.

O Breve acima dito foi passado em Fevereiro do ano de 66, e chegou a Etiópia a mãos do Patriarca no ano seguinte em Maio de 67; e no mesmo Junho respondeu o Patriarca sôbre êle a Sua Santidade e El-Rei Dom Sebastião, e ao P. Geral da Companhia, e juntamente neste (1) mesmo mês e ano escreveram também os demais Padres seus companheiros sôbre a mesma matéria, e o capitão dos portugueses com os que com êle estavam a El-Rei D. Sebastião e ao Governador da Índia. E nenhuns dêles escreveram coisa alguma em contrário da informação pela qual El-Rei D. Sebastião e o Papa se resolveram em mandar
* Fl. 308 v. sair o Patriarca de Etiópia para Japão, pelas razões que se têem * dito, pois foram suas próprias dos que escreviam, e da mesma maneira estavam ainda em pé, que quando êles escreveram os anos atrás; e se alguma coisa houvera em contrário delas, ao mesmo Patriarca competia a obrigação de desenganar o Papa e a El-Rei, de serem mal informados.

Porém êle em suas cartas para um e para outro não sòmente o não fêz, mas ratificando a verdade das mesmas informações que lhes tinham dado, sòmente responde representando-lhe os inconvenientes que achava para a execução do Breve em sua saída de Etiópia. E tôda a fôrça de suas cartas batia em três pontos: o primeiro que se não desamparasse de todo Etiópia, ainda que ela com tanta razão o merecia; o segundo, persuadir a El-Rei e ao Papa que o único remédio de Etiópia estava em El-Rei lhe mandar 500 ou 600 portugueses, e que com estes tinha por sem dúvida nenhuma que logo daria obediência à Igreja Romana, afora outros muitos grandes bens que daí se seguiriam; o terceiro que em caso que o socorro dos portugueses se não mandasse, era necessário ir uma armada da Índia em que se pudessem embarcar e vir para ela não só o Patriarca e Padres, mas todos os portugueses com suas mulheres e filhos, família e mais católicos que lá houvesse, pois vindo-se o Patriarca e Padres, e ficando estes lá desamparados de sua doutrina e cura espiritual, nenhuma dúvida havia que, quando não viessem ter a poder dos moiros, todos se haviam de perder e fazer herejes como o são os Abexins. E ainda que pudéramos referir aqui também as cartas dos mesmos portugueses e Padres que dizem o mesmo, bastará pôr sòmente as do santo Patriarca, em que se contém tudo o

(1) *Nt.*: a este.

que as outras dizem. E poremos primeiro a que escreve a Sua Santidade (1), a qual diz assim, tirada de latim em português:

* Beatíssimo Padre * Fl. 309.

Neste ano de 1567 recebi cartas da Índia, do colégio de S. Paulo de Goa, nas quais me vinha a cópia de um traslado simples de um (2) Breve Apostólico de Vossa Santidade para mim. E entre muitas coisas que nele pia, devota e santamente tratava Vossa Santidade, se continham estas palavras: «Exhortamo-vos em o Senhor, e em virtude da santa obediência e remissão de vossos pecados vos mandamos que, depois que tiverdes estas letras recebidas, tanto que puderdes e achardes cómoda ocasião de navegar, vos passeis para a ilha do Japão e reino da China»; e mais abaixo: «Além disto com a mesma Autoridade Apostólica dispensamos convosco que (não tendo melhor esperança da redução dos etíopes à união da Igreja) possais sem nenhum escrúpulo de obediência, passar-vos e ficar com aquelas gentes». As quais letras Apostólicas tanto que vi, como se foram os próprios originais, assim apliquei logo o ânimo a obedecer aos mandados de Vossa Santidade; porque é mui digno e justo e saüdável que sempre em tôda a parte vos obedeçamos, Padre Santíssimo, porque obedecendo a Vós, obedecemos a Cristo, Filho Unigénito do Padre, cujas admirandas e soberanas vezes tendes na terra; e depois de Cristo sois nossa cabeça, pai e mestre de todos os fiéis cristãos; e tôda a indulgência, ordem e potestade da Igreja de Cristo, de vós se deriva para os outros. E a mesma Santa Madre Igreja Romana (cuja fé nunca falta nem faltará) permanece também na virtude de vosso pontificado, por razão da Sede Apostólica na qual vós presidis; e esta Igreja é mãe e mestra de todas as igrejas que há no mundo e dos fiéis de Cristo.

*E quanto ao que me mandais que me vá para a ilha de Japão, tanto que puder ter comodidade de navegar, a falta dessa me escusa, porque a não tenho, nem seguramente me posso embarcar, porque no pôrto de Maçuá, havendo mil naus de moiros, nenhuma há de cristãos. Quanto a ter melhor esperança da redução de Etiópia à Igreja Católica, sem dúvida a tenho, se da * Índia se * Fl. 309 v. mandarem a esta terra, 500 ou 600 soldados portugueses, como sempre esperamos, conforme ao que lá se tratou, antes que eu para cá viesse. Vista a dureza de El-Rei de Etiópia não só terei esperança, mas certeza, que vindo êste socorro, tôda Etiópia se converta com inumerável multidão de gentios de muitas províncias que nela há, por onde se pode discorrer sem passar mar, os quais gentios pela maior parte parecem simples e fáceis para se converterem, nem são tão dados à idolatria. Outros também, e muitos, em outras regiões temos ouvido que pediram a El-Rei de Etiópia que os fizesse cristãos, o que êle não quis, por seus proveitos temporais, e porque cativam muitos dêles, o que os etíopes cuidam não poderem fazer, se forem cristãos, e poderem, não o sendo. Estes que pedem isto a El-Rei, são dos que moram em Damute,*

(1) *Nt.*: sua a santidade.
(2) *Nt.*: e hum.

que é uma região mui grande e vasta, abundante de oiro, e se diz que por uma parte chega às terras de El-Rei de Portugal, que chamam de Moçambique e Çofala.

Também outros gentios de uma região por nome Sinaxi (onde também se dá oiro mui fino) haverá três anos que se concertavam com um príncipe, parente de El-Rei de Etiópia que lhe fazia guerra, rogando-lhe que desistisse dela, e que lhe pagariam tributo; e que, se quisesse que se fizessem cristãos, lhes edificasse igreja, no que êle não quis vir. E dêstes gentios de Etiópia, principalmente de Damute, os moiros mercadores, que são em grande número entre os cristãos, mercam cada dia muitos, e os vão vender ao mar aos moiros e turcos, os quais todos se fizeram (1) *cristãos de boa vontade; e choram, quando chegam ao mar; e são grandes e pequenos, assim homens como mulheres. E é tão grande o número dêstes, que, segundo me parece, são mais de cem mil os que são vendidos aos moiros, os quais depois também se fazem moiros; e como estão fora de Etiópia, se fazem soldados valentes, e por mar e por terra juntamente com os sarracenos e turcos fazem guerra aos cristãos, como vemos por experiência na Índia.*

E se a esta terra vierem quinhentos ou seiscentos portugueses, poderão impedir todos estes males; e servirá isto também para o Estado da Índia e a
* Fl. 310. *cristandade que nela há, se conservarem melhor,* porque, se os turcos vierem primeiro e se fizerem senhores de Etiópia, serão de grande prejuízo à Índia, porque há nesta terra muitas coisas que lhes servem muito para provimento de suas galés, como são escravos, vitualhas, ferro, etc. E o rei que primeiro perseguia nossa santa Fé, com alguns grandes seus aderentes, já é morto, e reina um moço, filho seu, o qual não tem pleno domínio, por razão de muitos que se levantaram contra seu pai, e lhe negaram obediência; permitindo isto Deus por seu justo juízo, que não seja obedecido dos seus o que não quer obedecer a Deus nem a seus maiores, e principalmente à Santa Igreja Romana, da qual todos os que pertinazmente se apartaram, se perderam e caíram em sujeição de infiéis.*

E estão estes povos todos agora tão quebrantados com trabalhos e guerras e cativeiros que têem padecido dos turcos, que parece nenhuma coisa procuram mais que poder viver e ter seus bens temporais. E ainda que o sobredito rei defunto, e outros seus aderentes, e comummente os frades se mostrassem mais duros àcêrca da Fé Católica e perseguissem nossos católicos, contudo a gente popular e muitos outros se mostram mais fáceis para receber a verdade da Fé, a qual com o favor de Deus procuramos de lhes anunciar e declarar nestas partes por prègações e disputas públicas e particulares, e por muitos escritos contra os errores de Etiópia, traduzidos em sua língua, pelos quais as coisas da Fé Católica lhes são assaz notórias, se a êles quisessem receber, e agradam a muitos; mas temem castigos, ou confusão, ou privação de seus bens, e por isso desejam muitos a vinda dos portugueses para terem quem os defenda, recebendo a Fé, porque são fracos; e muitos que a tinham recebido, ou por médo ou por fraqueza tornaram a retroceder da verdade, pôsto que há ainda muitos que

(1) forma eqüivalente a *fariam.* — N. do E.

perseveram nela, não obstante as contradições que têem padecido. E é comum opinião dos etiopes que hão de vir os portugueses, e que a Fé há de ser tôda uma.

Dizem também (e assim o cremos por certo) que êste reino, que em si está tão diviso e inquieto, nunca poderá ter paz nem ordem, senão com a vinda dos
** portugueses. Pelo que, se êles vierem, ainda que seja com intento e título de* * Fl. 310 v.
lhes fazer fôrça, não há escândalo nenhum, nem [para com] os católicos, (pois nenhuma justa causa dêle há) nem ainda para com os mesmos etiopes; e o que parece, em vindo portugueses, só seu nome, ainda que não pelejem, bastará para muitos, constrangidos com o médo, os receberem, porque os não têem por [in]imigos, senão por amigos. E se já foram vindos, sem dúvida temos para nós que a obediência estivera dada nestas partes à Igreja Romana; e que o mesmo será, se vierem. Pelo que, com sua vinda temos grande esperança da redução destas terras à união da Fé católica, com conversão de grande número de gentilidade, da qual ainda, por evitar prolixidade, não disse tanto quanto é. Assim que as coisas de Etiópia em respeito de nossa santa Fé Católica (contra as quais Satanás tanto se opõe) temos para nós serem de grande momento, e que de nenhum modo se devem desamparar, ainda que nos princípios pareçam dificultosas; porque coisa é comum (1) *que coisas grandes não se hão de alcançar senão por grandes trabalhos. E porventura que poucas missões e emprêsas tem hoje nossa Santa Madre Igreja melhores que esta de Etiópia, na qual agora haverá como 400 ou 500 católicos, e porventura mais, afora os que, dês que aqui estamos, morreram na verdadeira Fé, e recebidos os sacramentos, e outros que os moiros levaram cativos, homens e mulheres, e que por razão das guerras e pobreza, se espalharam por tôda Etiópia; pôsto que aqui nestas partes do reino do Tigré, que está perto do mar, estaremos juntos como 230 católicos em duas povoações pequenas, as quais procurámos edificar de dois anos a esta parte, por razão dos muitos danos e perdas que por muitos anos os católicos padeceram, andando peregrinando de uma parte para a outra por Etiópia: e tendo-os aqui juntos, lhes prègamos e administramos os sacramentos; e cada dia se vão aqui ajuntando connosco outros que de várias partes vêem; e outros esperam seguridade dos caminhos para se poderem vir para nós.*

*E desamparar estes, Padre Santíssimo, não parece humanidade, ainda que foram mais poucos; porque aquele bom e Santíssimo Pastor, que deu sua alma por suas ovelhas, * Cristo Senhor Nosso, se uma só vira perdida, não a houvera* * Fl. 311.
de desamparar, senão i-la buscar e trazer sôbre seus ombros. E isto mesmo quer que façamos todos por amor seu e dos próximos, e que socorramos aos fracos, tendo mui solícito e diligente cuidado de todos. E se nós todos os que cá estamos, daqui nos formos, e ficarem os católicos, ainda que não sejam mais que dois ou um sem culpa sua, e porque todos se não podem ir, porque nem estão juntos, nem têem aparelho para isso: ¿que dirá Cristo Nosso Senhor, que morreu por todos, e para confirmar na Fé um só, que foi S. Tomé, lhe mostrou os buracos de seus cravos, e se deixou palpar de suas mãos? E porque todos estes, Padre Santíssimo, a vós pertencem, pois sois pastor de todos, apascentai-os com manjar de saúde, e provei do remédio necessário, escrevendo sôbre

(1) *Nt.:* he comũa.

êles ao serenissimo rei de Portugal, ou avisando disto a seu embaixador, que está em vossa côrte.

E quanto a mim (digo meu parecer a V. Santidade) nunca sofrêra que se desamparara Etiópia. Mas, se (considerado bem tudo) outra coisa se ordenar, ou El-Rei de Portugal não fôr servido mandar o socorro de soldados que se pede pelo bem comum de Etiópia, V. Santidade lhe escreva que mande pelo menos uma armada grande, que baste para recolher todos os católicos que aqui connosco se acharem, porque sendo pequena como dizem, não bastará nem para levar um só, por razão dos turcos e moiros que estão no pôrto de Maçuá, e outros que podem andar pelo mar: para que pelo menos estes católicos que há, e cá ficarem, indo-nos nós, não se percam, morando entre herejes e outros infiéis, principalmente se morrerem as cabeças e pais de famílias, ou lhes faltarem os sacerdotes, indo-se ou morrendo, porque são mortais. E do que V. Santidade nisto julgar, lhe peço me queira avisar.

E quanto ao que a mim toca, Santíssimo Padre, eu estou aparelhado pela graça de Deus, a fazer vossa vontade, ou ficando, como agora estou, em Etiópia, ou para ir a Japão, ou para V. Santidade me mandar aos turcos, ou para me depôr da dignidade Patriarcal, e que sirva a meus Padres da Companhia de Jesus, ou para que sirva a V. Santidade em sua cozinha, ou em qualquer
* Fl. 311 v. *outro ministério que quiser. E se parecer a V. Santidade, lhe * peço nos queira conceder algumas indulgências em remissão de nossos pecados.* Vale, Summe Pater, *etc. De Etiópia, 15 de Junho de 1567. André, Patriarca de Etiópia.*

Na outra que escreve o mesmo Padre a El-Rei Dom Sebastião, ainda que diz também algumas coisas das que na do Papa ficam ditas, não deixaremos de pôr tudo, para mais certeza, pelas mesmas palavras, e na mesma língua castelhana em que a êle escreveu, sem tirarmos nem acrescentarmos uma só palavra, a qual diz assim: *Dios Nuestro Señor con su mano poderosa y clemente guarde y prospere a V. A. en todo bien, muchos y dichosos años, y le dé saber y fuerças con su gracia para hacer en todo su divino querer, y governar sus pueblos y reino en entera justicia, paz y caridad, conforme a su divino beneplácito. Amen.*

Este año de 1567 recibimos carta de la India, con un treslado de una de V. A. para mi, y otra de unas letras de Su Santidad, en que me manda que, despues de recibidas sus letras, luego como seguramente pudiere embarcarme, vaya al Japon, y China, y estar allá, no conosciendo mejor esperança de reduzirse estas naciones de Etiopia a la union de la Iglesia Católica. Y quanto al embarcarme, hasta aora no he podido, porque no ha avido embarcacion; y escribese(1) *que el Visorei de la India queria mandar para esto dos fustas; y como ay aora turcos y moros em Arquiquo y Maçuá, y otros, que por el mar pueden ocorrer, dizen comummente que ni diez fustas, ni veinte solas, sin algunas velas gruessas, pueden llegar, aunque no fuesse sino venir por uno solo: quanto mas que ay muchos católicos en Etiopia con hijos y mujeres, y familias, que podran ser entre todos hasta 400 ó 500, afuera muchos que son muertos, recibidos los sacramentos, y otros que llevaron captivos los moros, y los mas*

(1) *Nt.:* y escriuiesse.

dellos que digo que avrá, estan desparzidos por la tierra, por las rebueltas que ha avido en el reyno, y por sus necessidades; y de todos estos estamos hasta 230, juntos en este Tigray, y esperamos por otros que desean venir con nós, si el tiempo y caminos les dieren lugar. Y es necessario remediar-se todos estos, y que no queden desemparados.

Y se V. A. quiere(1) *que yo y los Padres * salgamos destas tierras para* *Fl. 312. *ir al Japon, y ellos quedaren entre herejes y infieles sin remedio spiritual ni temporal, no es justicia; por lo qual tambien parece que es necessario venir armada gruesa y todos lo piden; yo suplico a V. A. que mande por ellos, o por los que estuvieren para esso, porque no se pierdan todos, si todos no se pudiessen ir por los absentes, en caso que se determine V. A. de no mandar socorro de gente a esta tierra, que bastaria hasta quinientos o seiscientos hombres, los quales si hasta aora fueran venidos, todos los años que acá estamos, teníamos por cierto que se diera la obediencia Romana, y se concertara este reino para el bien de la Fe y servicio de Nuestro Señor. Y parece en comun a todos que no se debria dejar esta empresa de Etiopia en ninguna manera, porque, aunque la gente esté dura y el reyno rebuelto y conturbado por muchas guerras, y aver sido perseguidos los christianos católicos por la Fé: todavia la gente popular es mas fácil, y las guerras se han amansado mas, yendose los moros por una parte y los turcos por otra de la tierra: y el Rey que perseguia nuestra Iglesia con otros sus adherentes ya es muerto, y reina un hijo suyo, el qual no tiene pacífico su reyno, ni todos le obedecen, aunque dizen mas bien del, que no de su Padre, y se ha mostrado mas amigo de los Portugueses, y en comun desean que vengan Portugueses, y tienen para si que han de venir, y que la fé de todos ha de ser una; y dizen que no se puede concertar este reyno, si no vienen Portugueses, por estar en si divisos y quebrantados de las guerras y trabajos y captividad que en ellos hizieron los turcos y moros, y muchos son los señores que dizen que han de recebir Portugueses, si vienen, y entre ellos es el Asmeche Isache Barnegais que es como rey en el Tigray, y un primo hermano del Rey Acenafe Sagued que tiene sus tierras en el Tigray y en el Abacamete, llamado Abetocon Ioannes, el qual se ha mostrado a las cosas de V. A. muy*(2) *aficionado, y en una altercacion ha dicho: Yo criado soi del Rey de Portugal; y es amigo de Portugueses y confiessa que las cosas de nuestra fé son verdaderas.*

Por lo qual, si vienen Portugueses, aunque no se pidan, y aunque no fuesse pretendiendo fuerça ó castigo por sus males ó por lo que han hecho contra los nuestros, no parece que hay escándalo ninguno ni entre los cathólicos, ni entre ellos mismos; y menos si quisiessen tomar la sierra que tienen los Judios con * *Fl. 312 v. *otras muchas tierras que tienen usurpadas de los Christianos, y el Rey no puede con ellos por ser la tierra muy fuerte, y tener el pocas fuerças, y mas ahora que no está pacífico el reyno, y no está lexos de donde nós estamos aora. Y dicen que 200 ó 300 Portugueses bastarian* [*para*] *tomarla, con gente que se les ajuntaria de la tierra, porque ellos no tienen espingarderia para defenderla.*

(1) *Nt.:* quiera.
(2) *Nt.:* y muy.

y entrando Portugueses en ella, y teniendo espingardas y algunas bombardas, dizen que toda Turquia no les podria hazer daño; y son muchas estas tierras y muy fuertes, especialmente la sierra en alto que es como fortaleza fortissima, hecha assi naturalmente y grande; y son muy ricas de mulas y vacas y ganado y de muchos mantenimientos, y de miel en tanta cantidad, que todos los vasos en que comen y beben, fuera de los que ponen al fuego, dizen que son de cera, porque la tierra es muy fria para hazer esto. Y también dizen que hay mina de plata fina, afuera de las riquezas que tienen estos Judios que diz[en] que no ha muchos años que se alçaron de la obediencia que tenian al rey, y le pagavan tributos; y alli se podrian recoger, y estar seguros para almas y cuerpos muchos hijos de Portugueses y otros cathólicos que andan esparzidos por Etiopia, y todos juntos haziendo un cuerpo podrian estar muy fuertes y seguros, y estar [en] una fortaleza en nombre de V. A. muy fuerte y muy abastada y rica, sin otro ningun sueldo, y de alli sin pelear, si no quisiessen, sino blandamente y con buenas palabras harian temer y temblar toda la tierra, y concertar la obediencia Romana a su modo, porque está en el medio del Reyno hacia las partes del Tigray, y por otras partes llega a poder señorear a Dambeá, que és como un reyno entre Christianos y gentiles que tiene debaxo de si; aunque tambien viniendo Portugueses, podrian estar en otras partes bien larga y abastadamente.

*Y no faltan riquezas naturales, y mucho oro que nasce en algunas partes, afuera de lo que nos han dicho algunos que vieron en cierta iglesia ó monasterio, sepulcro de Reyes, que oirlo parece espanto; y los gastos que se hiziessen en la armada que viniesse con gente, en breve tiempo se podrian rehazer con el doble, remediándose tantas almas, y ayudandose los cathólicos que * hay, pudiendose embarcar los que quisiessen y estuviessen para esso en la misma armada; y con la gente que entrasse, pudiessen recoger y cobrar los que andan disparzidos; y el dexar perderse estos cathólicos sin darles remedio, pudiendo, no pertenece a la clemencia de Vuestra Alteza; y el mandar armada con gente que entre en la tierra, parece mas seguro para ellos y mas bien para las almas de la tierra y servicio de nuestro Señor, porque esta empresa de Etiopia no es para tenerse en poco ni dexarse de ligero, y (al parecer de muchos) mirándolo desapassionadamente, es de las mayores, y de mayor servicio de nuestro Señor de las que hay oy dia en la Christiandad, y como tal procura el demonio de estorvarla quanto puede, encareciendo mucho las durezas y dificultades y trabajos que hay, mayormente en los principios; y cosas grandes no se alcançan sin grandes trabajos, y es virtud perseverar el hombre en lo que ha començado. Y llevar al cabo lo que el Rey vuestro abuelo, de gloriosa memoria, començó con muchos gastos y grande amor de la Fé Christiana, redundaria en mucha honra y gloria de Vuestra Alteza; tambien repartir Vuestra Alteza con Christo para su servicio en bien de las almas, de los bienes y rentas que le dió para ayuda de venir socorro de gente, le podrá ser mayor corona en el cielo.*

* Fl. 313.

Y assi mismo el reduzirse estas naciones a la union de la Iglesia Cathólica, por medio de Vuestra Alteza, le será mayor victoria que los triumphos de César; y tambien entrando acá gente de Vuestra Alteza para bien de las almas y ensalçamiento de la Fé cathólica, será mayor conservacion del Estado de la India;

*porque a enseñorearse primero destas tierras turcos, podrian hazer gran daño a la India, que no está lexos, por aparejos que aqui hay de hierro, esclavos y vituallas, y otras cosas para servicio de galeras. Estando estas tierras favorecidas de Christianos, desde aqui es camino para poder hazer daño a los turcos, antes que receberlo dellos, queriendo meter por estas partes gente para hazerles guerra, por servicio y honra de nuestro Señor y de su Santa Fé; y la venida de socorro de Portugueses a estas tierras seria grande bien no solamente para el remedio de los cathólicos y * conversion destos Christianos a la verdadera Fé Cathólica, que es grande bien, mas tambien para conversion de muchos gentiles, que son sin cuento en Etiopia en diversas y grandes regiones, y muchos dellos han pedido a el Rey de Etiopia para ser christianos, el qual no consentió, por no perder sus tributos, y poderlos captivar para sus servicios, pareciéndoles a los Abexins que lo pueden hazer siendo gentiles, y que no podrian, si fuessen Christianos; y los que esto pedian al Rey, dizen que eran de los gentiles de Damute, que es tierra muy grande, y donde nasce mucho oro, que viene a los Christianos de acá, y dizen que hay mucho gengibre y cardomomo y marfil, y vituallas y mantenimientos, y vacaria en abundancia; y es tan grande tierra, que por una parte dizen que llega hasta Çofala a donde tratan por mar con Portugueses, y en señal desto se dize que ha venido de allá un libro de horas de rezar, y tambien cuentas, que es parte de la hazienda en que tratan con ellos, las quales cosas dexaban alli Portugueses y havianlas visto los de acá.*

*Un Portugués que fué muchas vezes a Damute con otros, y de una vez entró muy dentro, me dijo que de alli a siete dias de camino, se dezia que yvan a un rio, donde venian gentes blancas con barbas, y vestidos de paño, y otras cosas que parecia que fuessen de Portugueses; y que tenian mucho oro en partes que facilmente se tornarian Christianos, si el Rey de Etiopia quisiesse, el qual dize que no se curava desso, por poder hazer saltos, y robos en ellos, no siendo christianos. Y tambien en otra parte de gentiles, llamada Sinaxi, de donde viene mucho oro fino de lo que alli nasce, aora havrá hasta tres años que se ofrecian a un pariente del Rey, muy poderoso, de pagarle tributos, ó hazerse Christianos, y que les hiziesse iglesias, porque no peleasse con ellos, ni les hiziesse daño, y no quiso. Y de los gentiles de diversas partes de Etiopia, los moros mercadores que hay en ella, compran tantos cada año, que llevan a vender al mar a turcos y moros, que no tienen número, los quales quando llegan hazia al mar, lloran y dizen que holgarian de ser Christianos, y pierden sus almas hechos moros; y despues son fuertes soldados, y hazen guerra y mucho * daño a los Christianos entre turcos y moros, como se vé por experiencia en Cambaya y en otras partes de la India. Y por amor destas pobres almas y por estorvar a tantos males, por solo esto (quando no huviera otro) no era sin provecho y servicio de nuestro Señor la venida de Portugueses a Etiopia; quanto mas que hay otras muchas cosas en que podran hazer servicio a Nuestro Señor, y bien a muchos con su venida, como tengo dicho.*

* Fl. 314.

Lo qual bien entendido todo, suplico a Vuestra Alteza que antes de alçar la mano de Etiopia, tome entero y sano consejo, y ordene lo que mejor en el Señor Nuestro le pareciere, que yo de mi parte aparejado estoy, por gracia del Señor, para estar en Etiopia, y ir al Japon, y donde Vuestra Alteza y S. Sanctidad

me mandaren. Nuestro Señor sea siempre con Vuestra Alteza, y en todo le dexe hazer su sanctissima voluntad, hinchíndole de su divina gracia y amor. Amen. De Etiopia a los diezyocho de Junio de 1567. Andreas Patriarcha.

Destas cartas do santo Patriarca se fica bem vendo quão fora de caminho e sem fundamento vai tudo quanto o Autor escreve em seu livro, para mostrar que os Abexins não são scismáticos, nem o foram nunca. E para dizer que o Breve do Papa, pelo qual mandava sair ao Patriarca de Etiópia, era inválido e subreptício, pois fôra passado com fundamento de falsas informações, que se deram a El-Rei Dom Sebastião, e êle ao Papa. Mas quais fôssem estas falsas informações, e por quem dadas, conforme ao que êle diz, é bem que declaremos agora, e se vão vendo cada vez mais as muitas e graves falsidades e calúnias que no livro se contêem, ou por culpa de quem informou, ou de quem o escreveu e publicou.

* Fl. 314 v.

* CAPÍTULO IX

Da calúnia e infâmia, que por ocasião dêste Breve, o Autor impõe aos portugueses, e doutras coisas alheias da verdade, que com ela também diz

DIZ o Autor na pág. 614, quando nota a El-Rei Dom Sebastião de fácil em se deixar persuadir das falsas informações de seus portugueses, desta maneira: *Y porque el lector quede saneado y satisfecho, el fundamiento desta falsa informacion, fue que por los años de 1555, poco mas o menos, entraron en la Etiopia muchas compañias de Portugueses, que eran mas de trecientos; los quales fueron recebidos con mucho amor y caricias de los etiopes, viendo que eran Christianos, y mas Portugueses, con los quales ellos de tiempos atrás tenian hechas confederaciones y alianças. Estos Portugueses eram Judios perfidos, no solo de linage y abolorio, sino que tambien lo eran en lei, y creencia y ceremonias: enfin apostatas malditos; solo mostravan ser Christianos en las apparencias exteriores y trato politico.*

Passados algunos dias, que no fueron muchos, porque la heregia, y mas el judaismo, no puede estar mucho tiempo encubierto, sin que salga a la cara, y descubra la hilaza y sepa al pezon: enfin como ningun violento sea perpetuo, pareciendoles que estaban seguros de la Inquisiçion, que es de lo que ellos tiemblan, echando a una parte el antifaz y reboço de Christianos, descubrieron ser judios en lei, en secta, en ceremonias, en obras, en dichos, en palabras, en costumbres. Escandalizaronse los Etiopes, viendo una transformacion tan diabolica de Christianos en Judios. Alborotose la Etiopia; dieron razon a los Priores de la Orden de Santo Domingo, que son los Inquisidores ordinarios en aquellas provincias, para que los prendiessen. Tuvieron noticia de lo que se tratava contra ellos, los Portugueses judayzantes, que el diablo sin duda los devio de
* Fl. 315. *avisar; porque tengo por cierto que quantos * judios ay en estos tiempos son hechizeros, magicos, y tienen travacuentas con el demonio. En fin antes de verse en peligro huyeron de la Etiopia, unos se fueron al reino de Bornò, que es de Moros, y otros embarcandose dieron consigo en Goa, donde para encubrir su maldad y apostasia, levantaron mil testimonios y falsedades contra los Etiopes, diziendo que eran unos cismaticos, y que el Preste Juan era un cruel enemigo de la Religion Christiana, y que el padre Andres de Oviedo estava preso, padeciendo grandes trabajos en las carceles, todo lo qual era falsissimo.*

Los otros Portugueses oyendo esto, dieronles credito, viendo que lo aseveravan con grandes juramentos, y no solo llego esta fama que los Judios avian echado a bolar hasta Portugal; pero tuvo de ella noticia el Rey Don Sebastian, el qual dando credito a los que venian de la India, escrivio una carta a la Santidad de Pio quinto, donde le dava razon de lo que dezian sus vassallos que venian de Goa, rogandole que embiasse un buleto, para que el Padre Andres de Oviedo saliesse de Etiopia, y fuesse predicar a la China y Japon; y este es el fundamento que tuvo el despachar Pio quinto el buleto que trae Ribadeneyra.

Duas coisas se contêem nesta calúnia: uma o dizer que foi informação falsa dada por estes portugueses que êle chama judeus, a por que se moveu El-Rei Dom Sebastião a pedir o Breve, e o Papa a concedê-lo. Desta não temos já aqui que tratar, pois do que fica dito nas cartas do santo Patriarca, se vê quão alheio da verdade foi tudo isto. A outra [é] o falso testemunho tão infame que se levanta aos portugueses que passaram a Etiópia, em dizer dêles que todos eram judeus. E como o Autor nunca leu nem viu isto em história alguma que ande escrita, nem jàmais no mundo se falou nem disse tal coisa, e consta tão evidentemente o contrário, como logo mostraremos, devera de considerar, primeiro que isto escrevera e espalhara pelo mundo * em livro impresso, e pelas * Fl. 315 v.
fábulas que nele se contam, tão bem recebido de curiosos, uma tão grande infâmia que levantava contra uma nação tão católica, e com que consciência o podia fazer: pois ainda que êle soubera de certo que a coisa tinha algum fundamento (o que nunca teve) obrigado estava em boa teologia a calá-lo, e não a publicá-lo com tanto prejuízo da fama alheia.

Mas para que se veja evidentemente quão fora de caminho de verdade, e de todo o bom têrmo o Autor falou nesta matéria, se advirta, como já também acima temos tocado, que desde o ano de 1555 até o de 1609, que foi o derradeiro de que se têem(1) cartas, não fizeram outra coisa o Padre Patriarca emquanto viveu, e seus companheiros, e outros que foram, de oito ou nove anos para cá, e muitos grandes daquele reino, e os próprios reis, principalmente estes últimos que reinaram desde o ano de 603 a esta parte, e o que hoje em dia reina, senão pedirem ao Papa, aos reis de Portugal antigos, e a Sua Majestade que hoje reina, soldados portugueses para único remédio da redução de Etiópia à obediência da Igreja Romana. E com tudo isso, até hoje em dia não sòmente não foram à Etiópia companhias algumas de soldados portugueses, mas nem um só(2) em todo êste tempo entrou nela, tirando os Padres, que foram da maneira que já dissemos, e doze ou quinze portugueses que entraram com o Patriarca no ano de 57. Por onde já, quanto a esta parte do ano de 55

(1) *Nt.*: do que se tem.
(2) *Nt.*: mas nenhum sô.

para cá, fica evidentemente falso o que se diz no livro, de entrarem em Etiópia companhias de portugueses.

Fica agora que, se entraram, não pôde ser senão do ano de 55 para trás. Porém em todo êste tempo, dês que os portugueses descobriram a Etiópia até êste ano de 55, consta que nenhumas companhias outras de portugueses en-
*Fl. 316. traram nela * senão quatorze anos antes dêste que o Autor assina, que foi no ano de 41, as companhias de 400 soldados portugueses que foram com Dom Cristóvão da Gama a socorrer a El-Rei Cláudio, e resgatar-lhe o seu reino do poder dos moiros, e de El-Rei de Zeila que lho tinha quási todo conquistado; os quais portugueses não tenho necessidade de provar (pois é tão notório no mundo) as finezas que fizeram pela Fé Católica, e o exemplo de cristandade que deram em Etiópia, e o esfôrço e zêlo da honra de Deus, com que derramaram seu sangue em tantas batalhas, e deram suas vidas pelejando pela Fé; os quais quási todos morreram naquele reino, e pouquíssimos houve que se tornassem a sair dêle; e os que ficaram vivos das batalhas, lá casaram, e o rei Cláudio lhes deu terras e possessões com que viviam; e os descendentes dêstes, são os católicos que hoje há em Etiópia, sôbre que os Padres e o Patriarca tantas vezes falam em suas cartas, pôsto que também há entre estes católicos alguns naturais da terra, mas poucos.

Nem jàmais El-Rei Cláudio teve quebra com os portugueses, nem nenhum rei de Etiópia até hoje, nem os quis castigar, como diz o Autor, por delito algum, em que os achasse, nem êles lho mereceram. Sòmente o rei Adamás, sucessor de Cláudio, os perseguiu como tirano, com muita crueldade; mas não pelos achar compreendidos em judaísmo, como diz o Autor, senão directamente por serem católicos e filhos verdadeiros da Igreja Romana, e pelo grande ódio que êle tinha à Igreja.

Ora veja o Autor o em que se meteu, em querer infamar por judeus e herejes, aqueles que deram seu sangue pelejando pela Fé Católica, e que tantas perseguições e espoliação de seus bens padeceram por ela no tempo do tirano Adamás, e quão obrigado fica a restituir em outro livro, mais verdadeiro que
*Fl. 316 v. êste seu, a honra que tirou a uma nação tão católica, e * que tão dilatada tem a Fé por todo o Oriente; e quanta razão têem os portugueses de se escandalizarem de uma tão infame e falsa calúnia que o Autor lhes quis impôr. Diz mais, prosseguindo no caso, e na pág. 616, o que se segue:

Los etiopes que estavan en Roma, en San Estevan de los Indianos, viendo lo que se dezia contra la Christiandad de su tierra, despacharon a uno de su compañia para la Etiopia con cartas al Preste Iuan Menna, que sucedio a Claudio, dandole razon de todo lo que passava, el qual quando lo supo sintio mucho la tacañeria de los Judios, y por descomponer juyzios, y desmentir dizques(1), *escrivio luego con su Embaxador para Goa y para el Rei de Portugal, y tambien escrivio al Summo Pontifice Pio quinto, contandoles toda la historia que tengo referida. Escribio juntamente a muchos de los Cardenales, y en particular a su protector. Hizo escribir tambien a todos los del gran consejo, con mucha sumission y lagrimas, con grande Christiandad y religion,*

(1) *Nt.*: diz que se.

confessandose todos por catolicos Christianos, hijos de la Iglesia Romana; y juntamente dandole de nuevo la obediencia: y rogandole que avia entendido que se avia celebrado Concilio en la Iglesia llamado de Trento, que se le embiasse, pues era hijo de la Iglesia Romana como los demas Reys Christianos. Y quanto al padre Andres de Oviedo, que era todo falso, antes era presidente del Consejo Latino, y le reverenciavan como a santo, amavan como a padre, oyan como a sabio, y le tenian como un Apostol embiado de Dios.

Fueron tan eficazes las razones de las cartas, tan dulces sus palabras, y tan evidente la maldad y traycion de los Judios, que los Cardenales illustrissimos quedaron satisfechos, y todos los que se avian escandalizado, quietos y saneados; y el Summo Pontifice mucho mas que todos contento y alegre, el qual respondio al Preste Iuan una carta muy cumplida, con mucho amor y ternura. Y despues de la vitoria naval bolvio a escrivir al Preste Iuan Menna una carta amorosissima. Pero quanto al Concilio Tridentino, se determino con consejo
** de los Cardenales, que por quanto en el Concilio se condenavan muchos he-* *Fl. 317.
reges con sus errores y en particular en lo tocante a la obediencia de la silla Romana, y que podria ser que el Preste Iuan se escandalizasse de ver que en Alemaña y Francia, siendo tierras tan vezinas de Roma, se levantavan tales errores, se le enviasse el Concilio todo por Decretos e Canones afirmativos, sin poner los anáthemas y censuras, ni condenaciones, ni hacer mencion de heregia alguna, por no despertar al dormido. Y en S. Esteban de los Indianos se traduxo en leugoa Etiopica, y segun el se goviernan el dia de hoy en la Etiopia. Y el Preste Iuan acordandose de la maldad de los Judios Portugueses, hizo una ley, (la qual se guarda con grande rigor) que ninguno Portugues pueda entrar en la Etiopia, si no traxere licencia en escrito de los Inquisidores de Lisboa y de la Inquisicion de Goa.

Isto diz o Autor; mas seguramente afirmamos que não há aqui quási palavra que seja verdadeira. E ainda que do que fica dito, consta tão evidentemente o contrário do que aqui se diz, iremos todavia declarando mais em particular cada coisa por si. Deixo o dos colegiais indianos do Colégio de Santo Estêvão, dos quais para Etiópia faz tanto comércio, como se fôra de Roma para Nápoles, o qual tudo é fingido. Para as outras coisas de que mais fala, se advirta que neste tempo (em que o Autor põe estes recados que diz que foram de Roma ao Imperador Mena, por via de seus colegiais de Santo Estêvão, e em que põe as cartas do mesmo Imperador, e de seu conselho para o Papa e Cardeais, para lhes dar razão do que lhe tinham alevantado os portugueses judeus, e a dar nova obediência à Igreja, pedindo-lhe o Concílio Tridentino, e em que também põe o embaixador que diz mandou a Goa e a Portugal sôbre o mesmo, e a resposta que teve de todos) não podia ser outro que no ano de 67 * em que no mês de Maio chegou a Etiópia o Breve do Papa, para o *Fl. 317 v.
Patriarca se sair, que fôra passado no ano precedente de 66. Porém então não havia já o Imperador Mena, que (sendo o mesmo que Adamás, como acima dissemos) havia quatro anos que era morto, pois morreu no ano de 63, e reinava um moço, filho seu, mas com pouco poder e mal obedecido, como consta das cartas do Padre Patriarca para o Papa e para El-Rei Dom Sebastião acima referidas. Donde fica tomada às mãos esta falsa informação, pois não havia neste

tempo tal rei Mena no Mundo. Além disso, ainda que êste Imperador fôra vivo, ¿em que entendimento cabe dizer dêle que fizera tais ofícios com o Papa, e Rei de Portugal, pois era um tão capital inimigo e perseguidor da Fé Romana, e dos portugueses, como acima se tem dito?

Também, em dizer o Autor que na carta que êste Imperador Mena escreveu ao Papa, lhe dizia que o Padre Patriarca era presidente do seu Conselho Latino, se contradiz a si mesmo, porque na pág. 192, diz que o Imperador que a instancia do Padre André de Oviedo instituíu primeiro o Conselho Latino e o fêz presidente dêle, foi o imperador Alexandre III; e aqui nesta pág. 617 diz que êste Alexandre III sucedeu no império ao Imperador Mena: logo manifestamente se contradiz em fazer ao Padre Patriarca, presidente do tal Conselho, antes de ser instituído, e no tempo do Imperador Mena, predecessor de seu instituïdor.

Também é falso o que se diz que se regem hoje em dia em Etiópia pelos decretos do Concílio Tridentino, ao qual Concílio lá nem o nome sabem; e da mesma maneira o que diz da lei que fêz o Preste João para que nenhum português pudesse entrar em Etiópia sem levar licença em escrito, dos Inquisidores
* Fl. 318. de Lisboa ou da Inquisição de Goa, pois os desejam e pedem, e êles não * vão; nem em Etiópia sabem nome à Inquisição, nem que coisa seja.

CAPÍTULO X

De algumas outras coisas que o Autor diz em contrário da verdade, e em que êle mesmo se contradiz

POR estas coisas, que agora diremos, serem próprias dêste lugar e tempo de que imos falando, as poremos aqui. Fala o Autor muitas vezes nesta sua história, do Imperador Preste João Alexandre III, o qual na pág. 193 diz que foi o que, a instância do Padre André de Oviedo, fundou o Conselho Latino, e fêz ao mesmo Padre presidente dêle; e porque pelas coisas que diz dêste rei, se descobrem muitas fábulas e coisas falsas que nêste livro se contêem, iremos apontando algumas, donde se poderá coligir o crédito que às mais coisas do livro se há de dar. A primeira diz na pág. 617, que Alexandre III sucedeu no império, pela morte do Imperador Mena, que como temos dito morreu no ano de 63, tendo dito na pág. 88 que Alexandre III sucedera a El-Rei Nahum, que foi o pai do rei David, e reinava no tempo em que os portugueses descobriram a Etiópia. Diz mais na pág. 118, que Alexandre III morreu no ano de 1606, e foi imediato predecessor do que agora reina, tendo dito na pág. 7 que morrera no tempo de Gregório XIII, porque, quando o abexim Dom João Baltasar, no tempo dêste Papa, chegara à Europa vindo de sua terra, por ser (como êle diz) um dos vinte e quatro embaixadores, que por mandado
* Fl. 318 v. dêste rei diz que vieram ao Papa, * tivera novas certas que era morto Alexandre III, e fôra (1) isto pelo menos mais de trinta anos antes.

(1) *Nt.*: e foram.

Diz mais que, morto El-Rei Mena, e sucedendo Alexandre no império, parecendo-lhe que fôra curto seu predecessor em ter mandado a Roma um só embaixador a dar razão ao Papa, sôbre o negócio das informações falsas que se tinham dado a El-Rei Dom Sebastião e a êle, quis mandar vinte e quatro, doze sacerdotes e doze cavaleiros de Santo Antão, para que dessem a obediência em pessoa sua e de seu império a Pio V, os quais quando chegaram a Roma, já era morto, e governava a Igreja Gregório décimo tércio, a quem a deram.

Diz mais na pág. 7 que êste Imperador, no ano de 1570, deitou de Etiópia a todos os judeus que nela havia, e que todo o que nela se atreve a entrar sem licença, fica por lei condenado a ser escravo. Diz mais na pág. 363 que êste mesmo rei no mesmo ano de 1570 acabou de deitar fora do seu reino todos os moiros que nele havia e todos os que viviam por todas aquelas costas do mar até o Cabo de Boa Esperança, os quais ainda que lhe pagavam tributo, não os quis ter em suas terras, vendo que se multiplicavam muito; e que com isto ficou aquele reino o mais florente, que jàmais o teve nenhum de seus predecessores.

Diz mais na pág. 372 que no mesmo ano de 70 edificou êste rei a cidade de Zambra e a fêz de trinta mil casas, e que a edificou ao modo e pela traça da de Florença, pelos oficiais e arquitectos, que para isso lhe mandou o duque, e que esta cidade fêz assento e côrte do império onde reside de ordinário, deixando já suas antigas peregrinações, e de morar pelos campos, debaixo de tendas, e que as ruas desta cidade são mui largas, os muros fortes e altos, os edifícios soberbos e sumptuosos, os templos magníficos; e que, ainda [que] o Preste * João *Fl. 319.
reside nesta cidade, sua tenda todavia está armada no campo com 7.500 homens de guarda e 6.000 cavaleiros do hábito militar de Santo Antão, afora outros 6.000 que dentro na cidade tem para guarda de sua pessoa.

Tudo isto diz o Autor dêste rei Alexandre; e ainda que por uma parte as coisas em si tão evidentemente estão mostrando serem meras fábulas, e por outra se estão vendo as contradições que logo no princípio apontámos, dos tempos de sua sucessão no reino e morte, em que o Autor manifestamente se contradiz: contudo para mais evidente manifestação da pouca verdade que tudo isto contém, se advirta que de cem anos ou mais a esta parte, que há que nossos portugueses, e de 56 que nossos Padres da Companhia andam naquele reino, nunca tal imperador reinou nele. Porque, quando nossos portugueses a primeira vez entraram naquele reino, reinava David, que governou 36 anos, em cujo tempo foi lá o embaixador de El-Rei de Portugal, Dom Rodrigo de Lima, pelos anos de 1520.

A êste sucedeu seu filho Cláudio, que reinou quási vinte anos, e morreu no de 59; a êste sucedeu seu irmão Adamás, ou por outro nome Mena, que reinou quatro anos, e morreu em Fevereiro de 63; a êste sucedeu um filho seu, que se chamava por nome próprio Sarsa Denghel, e quando se coroou, se chamou Malac Seguet, o qual reinou 33 anos, porque morreu no ano de 96; a êste sucedeu seu filho Jacobo, menino de pouca idade, que reinou sete anos, porque no ano de 603, em que o Padre Pedro Pais de nossa Companhia entrou em Etiópia, havendo sete anos que reinava, foi deposto dos grandes do reino, e prêso, como atrás fica dito; e em seu lugar sucedeu no mesmo ano um primo

seu, por nome Tindigil, o qual reinou pouco mais de um ano, no cabo do qual
* Fl. 319 v. tempo, levantando*-se os seus contra êle, o mataram em uma batalha, em Agôsto de 1604, a quem tornou a suceder o que fôra deposto e prêso o ano precedente; mas não durou no império mais que um ano, porque dividindo-se o reino, e levantando a um seu primo por nome Sacinós, aos 2 de Março de 607, vieram a batalha campal, e foi morto Jacobo, e Sacinós ficou com o império, e é o que hoje em dia reina.

Pelo qual tudo, consta evidentemente que nunca houve o tal Alexandre III, rei de Etiópia, e que tudo quanto dêle se diz é um mero fingimento, e assim que nunca houve embaixada dos 24 embaixadores que de Etiópia viessem a Roma, nem os judeus foram no ano de 70, nem nunca lançados de Etiópia; nem ainda que realmente houvera o tal rei, os lançara fora, pois os mesmos etíopes professam o judaísmo e cristianismo juntamente. E os judeus que o são de profissão e natureza, lá vivem hoje em dia como sempre viveram. Nem também em Etiópia há aquela cidade Zambra que o Autor diz que Alexandre III edificou; mas tudo quanto dela se diz, de sua grandeza, formosura e edifícios, e mais maravilhas que dela conta, é uma mera fábula que quis fingir. A cidade, que hoje em dia é ordinária côrte e assento do rei, se chama Gubay, bem diferente da que o Autor pinta, porque é uma cidade pequena e bem triste, pôsto que a melhor povoação de Etiópia. Nem os imperadores deixam de continuar o que sempre costumaram, de andarem e viverem em tendas no campo, levantando seus arraiais de uma parte para a outra.

Já o que diz, que o rei Alexandre que finge, deitou todos os moiros de Etiópia e todos os mais que habitavam por tôdas aquelas costas do mar até o Cabo de Boa Esperança, é mero disparate, e em que mostra bem o pouco que
* Fl. 320. sabe daquelas partes; * porque a jurisdição do Preste João, ainda que antigamente chegava à costa do mar Roxo, a qual êle perdeu, pelos turcos lhe terem tomados todos quantos portos tinha daquela banda, sem hoje já possuir um só palmo de água, da parte do mar Oceano, e por tôda a costa que corre até o Cabo de Boa Esperança, nunca jàmais teve nenhuma jurisdição, nem poder em pôrto algum, que em tôda ela houvesse, nem os moiros que por ela habitam lhe pagaram nunca tributo, nem êle os deitou fora; nem que o quisera fazer, teve nunca poder para isso, nem por terra, nem por mar.

E daqui se verá também quão fora de caminho fala no que diz na pág. 350, que a ilha de S. Lourenço, que está àlém do cabo de Boa Esperança, e todos os reinos que nela há, que diz são muitos, reconhecem ao Preste João, e lhe mandam seus presentes e donativos; e da mesma maneira o que diz em grande parte, ou em quási todo o cap. 32 do primeiro livro, dos reinos e senhorios que por todo aquele sertão de África, que está do Cabo de Boa Esperança para dentro, correm, os quais todos faz sujeitos ao Preste João, não o sendo, confundindo uns com outros, sem ordem nenhuma de geografia; finalmente sobretudo o que diz do Conselho Latino, que finge ser instituído a instância do Padre Oviedo, e do qual o faz presidente, para provar que o Padre Oviedo foi honrado e estimadíssimo do Preste João.

E se por ventura quiser dizer o Autor, que o rei Alexandre terceiro de quem fala, é o mesmo que reinava no ano de 1570, mas que se chamava por

diversos nomes, e um dêles era o que êle lhe dá, da mesma maneira fica evidente o não ser verdadeiro tudo o que sôbre êle diz. Porque o que então reinava, era filho de Adamás ou Mena, o qual sucedeu a seu pai no princípio do ano de 63 e não a El-Rei Na*hum que havia alguns 70 anos que era morto. * Fl. 320 v.
Nem também morreu no tempo de Gregório XIII, nem no ano de 606, como se contradiz o Autor, mas no ano de 96 que foram dez ou doze anos depois da morte do Papa Gregório, e outros tantos antes do dito ano de 606. Nem êste mandou a Roma os 24 embaixadores, pois nunca foi católico, nem obedeceu ao Papa, nem reconheceu a Igreja Romana por cabeça, mas sempre foi scismático e hereje, como seus pais, pôsto que não perseguiu os católicos; nem também deitou os judeus nem os moiros fora do império, nem das costas do mar até o Cabo de Boa-Esperança, pois no mesmo ano de 1570, em que o Autor diz que isto foi, e sete anos antes, e dez ou onze depois, teve contínuas guerras civis que lhe faziam alguns grandes do reino, que contra êle se rebelaram, e por vezes, em despeito seu, levantaram outros reis; de modo que tinha muito pouco poder, e andou pelas mais remotas partes do império, por os i[ni]migos lhe terem ocupado o melhor dêle. Além disto neste mesmo tempo, os galas lhe destruíam a terra, e os turcos lhe entraram três ou quatro vezes por Etiópia, fazendo grandes estragos, sem êle o poder impedir, por seu pouco poder. Donde também se vê quão fabuloso é o que diz o Autor, da fundação da cidade Zambra, no mesmo ano de 70 por êste próprio rei.

E já quão falso seja instituir êste Conselho Latino por parecer do Patriarca Oviedo, e fazê-lo presidente dêle, assaz evidente fica. Pois des[de] que êste rei sucedeu no reino até à morte do Padre Oviedo, que foram 16 ou 17 anos, nunca se viram, nem falaram um com o outro: porque o rei andou sempre mais de um mês ou dois de caminho do reino de Tigré, onde o Padre Oviedo estava, sem nunca, nem por carta, se comunicarem. Por onde, ou o * Autor fale dêste * Fl. 321.
rei, ou do fingido Alexandre de quem fala, tudo quanto dêle se diz, fica fabuloso, e foi falsa informação do abexim informante, como quási tudo o mais que no livro se contém. E porque o tempo em que se finge que o rei Alexandre sucedeu no reino, e o Padre Patriarca era dêle tão estimado, foi pelos anos de 1570 pouco mais ou menos e daí por deante, é bem que digamos o estado em que esteve, e onde residiu o mesmo Patriarca até que morreu, o que tudo faremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XI

Do que passou o Padre Patriarca, e onde morou desd[e] o ano de 67 até que morreu

NAS cartas que o Padre Patriarca e seus companheiros escreveram no ano de 67, as quais acima referimos, davam conta como ficavam no reino de Tigré onde com os mais portugueses e católicos que se puderam ajuntar das dispersões passadas e peregrinações contínuas em que andavam, se recolheram. Reinava neste tempo o filho de Adamás, como temos dito, mas com muito pouco poder e mal obedecido dos seus, porque alguns grandes do reino

se tinham apoderado de várias partes dêle, onde se haviam como senhores absolutos. E como andavam nestas divisões, os moiros, galas e turcos faziam a sua, e principalmente os turcos tiveram ocasião para de novo entrarem por Etiópia, como o fizeram no ano de 72, da qual entrada escreveu o Padre António Fer-
* Fl. 321 v. nandes em uma de 75 * para(1) o Padre Provincial da Índia, o seguinte: *Vieram os turcos, e entraram na terra no ano de 72, e foi a quarta vez que o fizeram dês que nós cá estamos. Cativaram muita gente, e chegando a um lugar dos nossos em que morava muita parte de nossos católicos, o queimaram, pôsto que a gente quis o Senhor que não cativassem, porque, sabendo da vinda dos turcos, se puseram em salvo. Dali se tornaram para Baroá (que está mais perto do mar), onde fizeram uma fortaleza, em que estão, e dali saem às vezes por roubar a terra; e umas cativam e fazem mal, outras levam na cabeça. E estes abexins, ainda que são tantos, e os turcos tão poucos, como o diabo os tem atados com suas heresias, não são parte para os desfazerem ou tirarem dali; no que se vê bem claro que o Senhor lhos manda para seu castigo e emenda.*

Até aqui são palavras do Padre, das quais também se vê que tais eram as bonanças do império do Preste-João nestes anos em que o autor frei Luís Urreta o faz o mais florente que nunca esteve, com todos os moiros e judeus lançados fora por aquele grande rei fingido Alexandre III. Continua mais o Padre, e diz: *Vendo isto os católicos, que aqui moravam em três ou quatro lugares no ano seguinte de 73 e 74, não se atrevendo a esperar tantos sobressaltos dos turcos, despejaram estes lugares e se foram para o reino de Dambeá e outras partes. Só ficou aqui o Padre Patriarca com alguns poucos que se deixaram ficar no meio dêstes perigos para ver se podiam daqui dar aviso à Índia e receber o socorro da gente que tanto se desejava, se Deus a trouxesse. Mas vendo como era necessário acudir àqueles católicos que se iam, mandou o Padre Gonçalo Cardoso e o Padre Francisco Lopes com êles, para lá, onde quer que estivessem, os acompanharem. Indo caminhando, deram sôbre êles uns ladrões, e mataram às zargunchadas o Padre Gonçalo Cardoso que era um grande servo de Deus, a quem o Senhor tinha revelado que naquele caminho o*
* Fl. 322. *haviam de matar, como êle alguns dias antes declarou a seu * companheiro; e assim aconteceu a 22 de Maio de 74. Foi sua morte mui sentida e chorada daqueles católicos, porque perderam nele o mais útil ministro que em muitos tempos puderam achar. O Padre Francisco Lopes escapou, ferido num braço, de uma zargunchada, e com Deus o livrar de outras muitas que lhe arremessaram.*

De todos os mais católicos nenhum perigou, porque o diabo parece que não vinha armado mais que contra a Igreja, como também parece que faz quanto pode por estorvar que não venha o socorro da Índia, dos portugueses, porque sabe o mal que disso se lhe há de seguir. Assentou o Padre em Dambeá, e pôsto que desconsolado pela perda de tal companheiro, começou a fazer ali seu ofício entre os nossos, e curá-los em suas almas; mas, como estava só, acudiu logo lá o Padre Manuel Fernandes para o ir acompanhar; e descendo El-Rei nesta conjunção para Dambeá, do Damute onde andava, vieram com êle todos os portugueses e

(1) *Nt.*: de 72. pera.

*católicos, e se ajuntaram como setenta famílias em que haverá mil almas católicas, os quais todos ali estão juntos, e com os quais os Padres exercitam os ministérios da Religião Católica com grande consolação de todos, e espanto e edificação dos mesmos scismáticos, que ainda que o sejam, não são tão alheios em seus ânimos, da Religião Católica, que a não tomaram de boa vontade, se não fôra o mêdo que têem de por isso padecerem trabalhos, como êles mesmos dizem que deixam de tomar nossa santa Fé, por não terem quem nela os defenda de quem os quiser perseguir, e que por isso desejam tanto a vinda dos portugueses; e assim não se perde a cristandade desta terra, senão à míngua e por falta dêste socorro de portugueses, o qual se vier, nêle só está a sua redução e fazerem-se todos católicos, e os gentios cristãos. E não me quero [a]largar mais nisto, pois não hei de escrever com lágrimas de sangue a mágua que é ver perder a santa Igreja de Roma a mais gloriosa emprêsa que há debaixo dos céus, e isto só por falta de quinhentos ou seiscentos soldados portugueses, e mais que não é necessário mais que sua presença para tudo isto (e muito mais * que não* * Fl. 322 v.
digo) se efeituar, sem que para isso lhes seja necessário deitar mão às armas, nem arrancar espada nem punhal.

As coisas da Fé estão agora em bem doutra maneira de quando nós viemos, porque o Padre Patriarca tem feitos e faz muitos escritos em que bem claro lhes mostra as verdades de nossa santa Fé, e confuta suas heresias que são muitas. Tem feito muito fruto com isto, e com prègações e práticas, porque, como os Padres entendem já seus livros, neles lhes mostram claramente as verdades, e não sabem que responder senão: «Esta é a verdade; dai-nos fôrça de portugueses, que logo tudo é feito». Muitos tomam de novo nossa santa Fé, frades e leigos, grandes e pequenos; mas os que são grandes ou frades, fazem-no secretamente, e assim se confessam e comungam. Mas a gente comum fá-lo em público; e agora nos escreveu o Padre Manuel Fernandes de Dambeá, que tomara lá a Fé um homem grande, muito parente de El-Rei, e que tem direito no reino; e aqui entre nós fêz o mesmo um frade dos mais honrados desta terra, e muito rico, porque os frades cá têem próprio. Pelo que, pelas Chagas de Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que olhem lá bem tudo isto, e vejam que estas tristes almas não têem outro remédio depois de Deus, assim os católicos para se conservarem, como os scismáticos para se reduzirem, que êste da vinda e socorro dos portugueses.

Atèqui a carta do Padre António Fernandes. Mas não é bem que passemos pelo que também a êste propósito diz o Padre Manuel Fernandes em uma sua de 20 de Dezembro do mesmo ano de 75 para o P. Provincial da Índia, que é o seguinte:

*¿ Que direi, Padres meus e Irmãos Caríssimos? Dar culpas a Vossas Reverências que estão na Índia por tão grande descuido e desamparo como é o não se dar ordem a vir êste socorro de que depende o único remédio e redução desta terra, vejo que me falece razão, porque bem certo estou que tivera êste remédio, se fôra em mãos de Vossas Reverências. Mas uma coisa lhes peço por * amor* * Fl. 323.
de Cristo, que, já que Vossas Reverências o desejam e não podem, roguem com muita instância ao Senhor que êle ponha eficazes desejos nos que nesta parte podem, para que queiram com eficácia. Também estou certo que, se Vossas Reverências vissem de lá o que se perde, por falta de uma pouca de gente que assista nestas partes e com que se pudessem segurar os que desejam tomar nossa

Fé, pelas ruas e praças andaram clamando e chorando tamanha perda. Vossas Reverências podem nesta parte ter a estimação que a cada um parecer; eu digo e afirmo que a Companhia de Jesus não tem hoje mais nobre nem mais gloriosa emprêsa que esta, se se põe em efeito. E dizer-se que é necessário êste socorro de gente para acabar êste negócio da redução dêste reino, não deve de parecer muito, pois é certo que nessa Índia, na própria hora que falta o favor do príncipe, logo se sente, e logo o negócio da conversão vai mal àvante. E que digo da Índia? pois em Portugal, se faltar ajuda do braço secular, os próprios prelados não podem fazer seu ofício. Assim que nós não pretendemos aqui mais que o serviço de Deus e bem destas almas, pois está certo que com a fôrça, qualquer que seja, de nossa gente, se alimpará êste reino dos inimigos de fora, que são turcos e moiros, e de dentro que são os galas que o molestam grandemente e com quem estes infelizes cristãos não podem; porque, assim como êles contradizem a Nosso Senhor, assim Deus os contradiz e castiga com môscas, que tais são os galas, pois não está em juízo humano que gente despida e desarmada faça o que estes fazem, e havendo-o com gente que peleja com muitos cavalos e armas, senão que Deus é o que lhes faz a guerra, e lha fará até que êles deixem de a fazer à Divina Majestade.

Assim que por isto, e porque com a presença dos nossos o temporal e espiritual nestas partes terá remédio, rogo a Vossas Reverências peçam a Nosso Senhor queira mandar êste socorro a esta terra. E lembro a Vossas Reverências com quanta caridade e confiança em Deus o nosso santo Padre Inácio man-
*Fl. 323 v. *dava aos superiores de Portugal que cada mês falassem nesta missão a El-*Rei D. João que Deus haja. E pôsto que isto não seja querer persuadir a Vossas Reverências que façam o mesmo com o vizo-rei, pelo menos isto direi: que pois esta causa é de Deus e da Companhia, e tão grande, não deixem de a solicitar assim com Deus, como com os príncipes, porque se não possa dizer:* coepit aedificare et non potuit consummare. *E vá seguro com o divino favor que, vindo êste socorro, não sòmente Etiópia, mas uma certa Europa venha ao verdadeiro conhecimento de Cristo e obediência da Igreja Romana.*

Atèqui a carta do Padre Manoel Fernandes sôbre esta matéria do socorro dos portugueses que tanto se desejava, e deseja e pede ainda hoje em dia, não só pelos Padres, mas pelo mesmo rei e grandes do império, para único remédio e redução dêle.

Tornando ao Padre Patriarca, indo-se os católicos que ali junto dêle moravam (como já dissemos) para o reino de Dambeá, e outras partes, por fugirem dos trabalhos e perigos que padeciam com a má vizinhança dos turcos, êle se deixou ficar ali em um lugar por nome Fremoná em que sempre residiu por todo o restante do tempo que viveu. A vida que fazia, dizia um tio do imperador, com ser scismático e hereje, que era semelhante à dos grandes Santos do êrmo. E dizia verdade, porque tal foi a que fêz neste lugar, onde nunca sua comida foi outra, senão uma certa semente amargosa, semelhante a mastruços (1) que é mantimento da gente pobre e baixa; e chegou a tanta pobreza de vestido, que não tinha senão um pobre pano com que se cobria. O tempo gas-

(1) *Nt.*: masturços.

tava em contínua oração, e em prègar e ensinar aos católicos e aos herejes; e o tempo que havia de tomar para descansar, êsse tomava para escrever vários escritos contra os erros de Etiópia, e trasladar as coisas de nossa santa Fé na língua da terra, para aproveitar aos próximos.

Era de umas entranhas tão cheias de caridade para com os pobres, que tudo quanto podia haver, lhes dava; e não lhe * ficando uma vez já que lhes dar, *Fl. 324. senão um boi que lhe servia de levar o fato da igreja de uma parte para outra, êste lhes mandou matar e repartir. E dizendo-lhe um homem que não se devia de matar aquele boi, pois tinha dêle tanta necessidade para a igreja, respondeu: «Filho, deixai-o matar e repartir hoje aos pobres, que àmanhã Deus nos proverá». E assim foi, porque sabendo um senhor hereje o que êle fizera, e a necessidade em que estava, movido de tão grande exemplo, lhe mandou logo quarenta vacas, e outro muito mantimento com setenta ou oitenta panos; o que o santo estimou grandemente para acudir aos pobres. Oferecendo-se-lhe uma vez ocasião de casar uma pobre órfã, e não tendo já nada que lhe dar para seu casamento, lhe deu uma mula que lhe servia, quando fazia caminhos compridos, indo dali por deante em um jumento, ou faltando-lhe êste, a pé. E chegou a tanta pobreza, que veio a não ter alva com que dizer missa, o que sabendo um senhor hereje, lhe mandou muito pano com que fêz algumas, e teve que repartir com os pobres. Nunca jàmais, do que lhe davam, guardou nada para si, mas logo repartia tudo, de maneira que nada lhe ficava para o dia seguinte; e quando não tinha que dar aos pobres, êle mesmo ia a pé pelos lugares vizinhos, e às vezes dois e três dias de caminho, a pedir e buscar esmola para êles, vindo muito contente e alegre, quando lhes trazia alguma coisa. E uma destas vezes encontrou no caminho com uns elefantes bravos, que o houveram de matar, se Deus não livrara o seu servo.

Estando um hereje muito doente, e de uma doença tão contagiosa e asquerosa, que não havia quem o quisesse curar, nem ainda os próprios parentes, o santo Patriarca se foi a sua casa, e se pôs a servi-lo em tudo com mui grande caridade e humildade, dando-lhe * de comer com suas mãos, varrendo-lhe a *Fl. 324 v. casa, lavando-lhe os panos sujos, e com mais diligência do que fizera um muito leal criado: de que o hereje ficou tão edificado e rendido, que deixando seus erros se reduziu à Fé. Vindo uma vez uma grande praga de gafanhotos sôbre as sementeiras daqueles lugares em que junto dêle viviam os católicos, em tanta multidão, que quebravam os ramos das árvores com o pêso dêles, acudiram todos ao santo Padre pedindo-lhe sua ajuda. Foi-se logo à igreja com êles, e depois de fazer oração e rezar as ladaínhas de Nossa Senhora e dos Santos, saindo para fora da igreja, acharam os gafanhotos todos mortos e secos.

Estando uma vez os católicos do lugar de Fremoná, onde êle morava, mui medrosos e afligidos por razão dos turcos e galas que vinham por ali perto, matando, queimando e assolando tudo, se foram a seu bom pastor, pedindo-lhe conselho e remédio do que fariam, pois nem ali estavam seguros, nem tinham para onde se pudessem ir. Animou-os o santo Padre, exhortando-os a que pusessem tôda sua confiança em Deus, e foi-se dizer missa por aquela necessidade, e para que Nosso Senhor lhe ensinasse o que deviam fazer aqueles pobres católicos; e nela ouviu uma voz que lhe disse: «Fremoná permanecerá». Pelo que,

acabada a missa, quietou e segurou a todos que se não bulissem, porque nenhum perigo correriam; e assim foi, porque vindo os inimigos, e passando à vista do lugar, queimando e assolando todos os outros vizinhos, com serem bem fortes e defensáveis, êste só ficou livre, com estar em um plano descoberto, e tão perto como meia légua do caminho direito por onde os inimigos passaram.

Muitas outras coisas de grande edificação e exemplo fêz êste santo Patriarca neste lugar, emquanto viveu, que por brevidade deixo; e porque uma
Fl. 325. das razões * por que escolheu êste sítio e lugar de sua morada, foi por estar em paragem mais vizinha do mar, e onde, vindo o recado da Índia, o pudesse mais fàcilmente ter e mandar: por isso todos os anos, emquanto viveu, e teve ocasião para o fazer, nunca deixou passar monção em que não escrevesse e avisasse a El-Rei de Portugal e a seus vizo-reis da Índia, o que tantos anos havia que clamava, que era por socorro dos portugueses em que via estar o único remédio e redução de Etiópia. E porque no ano de 76, o mesmo rei de Etiópia, desejando também grandemente êste socorro, mandou sôbre isto um homem à Índia, com esta ocasião escreveu também o santo Patriarca uma carta ao Sumo Pontífice sôbre o mesmo negócio e outros, a qual me pareceu pôr aqui, que diz assim:

Santíssimo Padre

Para dar cuenta a V. Santidade de las cosas de Etiopia, como era razon, há sido grande impedimiento los turcos y infieles que hay en ella, que hasta agora tienen cerradas las puertas del mar, de manera que no hay quien por alli pueda llevar aviso, y algunos que han ido con cartas nuestras para la India le[s] han matado moros en el camino; y tambien muchos años havemos estado sin saber nuevas de la Christ[i]andad ni de la India, ni recibir cartas de allá, hasta este año de 1576, que recibimos cartas en que nos han dado algunas esperanças del remédio que deseamos para este reyno y para los catholicos que estan en el, que podran ser hasta mil almas, que es el socorro de los portugueses, en el qual despues de Dios consiste el remedio de Etiopia, y redu[c]cion della al gremio de la santa Iglesia Romana, como muchas veces de acá se há dicho, y pedido este socorro, sin el qual probablemente todo vá perdido; lo que seria gran mal ver perder tantas almas catholicas, y este reyno antiguamente tan christiano venir en poder de infieles que tanto del tienen ya ocupado. Y quanto a la verdad de nuestra Fé Catholica está ya en el muy conocida,
* Fl. 325 v. *por predicaciones y pláticas, y mu*chos libros de la Fé que en su lengua tengo escritos; y muchos letrados y otras personas grandes de la tierra han tomado nuestra Fé y otros muchos más la tomarian, si viessen quien los defendiesse; y estan esperando la venida de los portugueses de la India para luego tomarla; y toda la tierra en general desea su venida, teniendo para si que sin su ayuda no puede ser concertado este reyno, sino perdido; y el Asmeche Isaac Barnaguaes, que es la maior persona del reyno, ha embiado muchas veces a pedir á la India este socorro, estando aparejado a recibirlos. Y tambien agora el mismo rey de Etiopia, manda un mensagero con cartas suyas á la India, pidiendo con mucha instancia que le manden socorro de portugueses; y con esta*

oportunidad me pareció escribir agora a Vuestra Santidad, suplicandole por amor de Iesu Christo, que ayude en lo que pudiere con el Rey de Portugal, que con toda brevedad sea socorrida esta tierra, antes que sea del todo en manos de infieles, que seria grande mal y lástima perderse reynos tan grandes, por falta de um poco de socorro, el qual venido y la obediencia dada, todo será uno, y tanta multitud de gentilidad que hay, se convertiria, porque muy fácil es hazerse Christiana; y si hubiesse quien los ayudasse y no impidiesse (como los han impedido muchos a que no se hagan Christianos) luego se bautizarian, con otros muchos bienes espirituales y temporales, que á la reduccion se seguirian. Y para la guerra que oimos dezir que hace la Christiandad contra los turcos, por aqui por Etiopia más que por otras partes se puede conquistar el Cayro, y hazerse mucho mal àquellos infieles; como tambien por el contrario, si de Etiopia se enseñoreassen los turcos (lo que Dios no permita) podrian desde aqui hazer gran daño a la India.

*Por lo qual todo, el Rey de Portugal debia con todo animo remediar a Etiopia con el socorro de soldados que se le pide para exalzamiento de la Fé Catholica y servicio de Nuestro Señor y bien de tantas almas y mayor seguranciа de sus tierras; y Vuestra Santidad enquanto pudiere, no permita que sea desemparada Etiopia, mas antes proveida de Obispos y Prelados Catholicos, y coadyutores y successores al Patriarca que por tiempo fuere, y muchos sacerdotes y ministros espirituales, encargando mucho al General de la Compañia de Jesu este negocio, pues con tanto zelo espiritual tomó esta empresa la Compañia, dando Padres della para Patriarca y Obispos y ministros en Etiopia; y porque otros ministros espirituales Catholicos para Etio*pia, fuera de los de* * Fl. 326. *la Compañia, no hay agora; y los que de presente estan, son pocos y viejos, y muy trabajados, y reduciendose Etiopia, son menester muchos ministros: no dexe Vuestra Santidad de tratar con el Rey de Portugal que de sus reinos mande a Etiopia muchos ministros religiosos de la Compañia quantos se pudieren embiar, y tambien de otras Religiones que sean utiles, para que habiendo muchos monasterios y religiosos, la Fé Catholica en Etiopia sea más firme para los tiempos futuros, y asi sea mas útil y hermosa esta Iglesia Ethiopissa* adornata et circumdata varietate Religionum.

Hay muchas tierras y aparejos en Etiopia para poderse hazer monasterios que tengan rentas y provisiones de las cosas necessarias, y para más abundancia, porque las tierras del Patriarca son muchas, y dizen que es la tercia parte del reyno; y muchas dellas estan en poder de seglares, que con dificultad se han de sacar dellos. Mande Vuestra Santidad licencia y dispensacion, ó al Patriarca otro, si yo muriere primero, que sin ir contra el juramento de la consagracion, de non alienandis possessionibus ad mensam Patriarchalem pertinentibus, *de las dichas tierras y possessiones de la Iglesia Patriarcal podamos hacer monasterios y congregaciones de religiosos,* etiam utriusque sexus, *si fuere menester, y casas de hospitales, y otras obras pias; y todo puede despues redundar en más provecho espiritual y temporal del que fuere Patriarca, porque en todas sus tierras el no puede estar, y para locarlas a seglares, ó arrendarlas havrá poco provecho, y sin esto le quedan tantas, que la mitad le puede bastar, y sobrar. Tambien nos mande Vuestra Santidad algunas indulgencias generales*

para Etiopia, y pareciendole, facultad para poder bendecir cuentas con los perdones que a Vuestra Santidad pareciere pro vivis et defunctis. Vale, Sanctissime Pater, *y en la bendicion de Vuestra Santidad encomiendo todo este reyno de Etiopia, y los Catholicos que estan en ella. A 7 de Junio de 1576. Besa el pié de Vuestra Santidad.* Andreas de Oviedo, Patriarcha Aethiopiae.

Ao seguinte ano, em 8 de Junho de 1577, escreveu outra ao mesmo Papa, apertando mais, lhe mandasse coadjutor e futuro sucessor, antes que acabasse de morrer êle e os mais Padres velhos que lá andavam, para que não perecessem com sua morte aquelas migalhas de católicos que havia em Etiópia; *Fl. 326 v. e mostran*do muito sentimento por não acabar de ir socorro de portugueses, que tantos anos havia que pediam e esperavam; dizendo mais que naquele ano ardia Etiópia em grandes guerras civis, por se ter levantado contra El-Rei dela, outro rei que competia com êle do império. E apertava tanto por sucessor, porque se via já mui enfermo, e entendia que sua vida duraria pouco, como durou, com a morte que dali a três meses, em Setembro do mesmo ano, o tirou desta vida, e trasladou para outra melhor, a qual foi desta maneira.

Havia anos que era mui doente de pedra, e dela morreu, com grande sentimento não só de todos aqueles poucos católicos portugueses e abexins que havia em Etiópia, mas até dos próprios scismáticos; de modo que, ouvindo dizer um dos grandes do reino que o Patriarca era morto, dando com ambas as mãos em seu rosto, exclamou, dizendo: «Morreu o Padre Patriarca, morreu o Padre Patriarca! acabados e destruídos somos todos»! Foi sepultado na mesma igrejinha do lugar de Fremoná, em que vivia, onde depois de morto fêz e faz muitos milagres que, por já noutra relação nossa andarem escritos, deixo de os contar. À sua sepultura se tem tão grande reverência, que quando os abexins querem fazer algum grande juramento, o vão fazer sôbre ela. Sua santa cabeça mandou o Padre Pero Pais a Goa no ano de 605. Donde fica respondido o Autor do livro, frei Luís Urreta, sôbre o que tão mal informado disse na pág. 210, por estas palavras, da morte, sepultura, exéquias do santo Padre:

Al fin murio santisimamente. Hizieronle las honras mismas que suelen hazer a los Emperadores, llorandole todos los de la Etiopia, celebrando Aniversarios por todas las Iglesias del Imperio por espacio de treynta dias, y enterraronle en el cementerio de la Iglesia del Espiritu Santo del monte Amarà *Fl. 327. *(entierro antiguo de los Emperadores) hallandose presente el Preste * Juan, y toda la Corte en sus Obsequias (favor grande, y muestras de lo mucho que le amaban y preciaban) de suerte que solo el Padre Andrés de Oviedo está enterrado en aquel cementerio, fuera de los Emperadores.* O que tudo foi tanto ao contrário, que à sua morte e entêrro se não acharam mais que os Padres e os poucos católicos que com êle estavam, nem teve outras exéquias mais que as que por êles lhe foram feitas, que as dos Padres fora[m] suas missas, as dos leigos muitas lágrimas. O rei com todos os seus, tão fora estiveram de se achar a seu entêrro e exéquias, que, (àlém de, como scismático e hereje, não comunicar com êle) no mesmo tempo e mês em que o Patriarca morreu, andava assaz atribulado e afligido não só com as guerras civis, que os seus lhe faziam, senão também com a que lhe fazia El-Rei moiro de Adel, Robusmamude, que entrando por Etiópia com um grosso exército, lhe tinha de novo outra vez conquistado o

melhor do reino, pôsto que adeante faremos menção do sucesso que teve esta guerra, na qual agora tocamos, para mostrarmos quão ao contrário falou o Autor em tudo, da morte, sepultura, exéquias do Patriarca, do que na verdade passou nela.

E quanto a êste monte Amará, onde o levou a sepultar entre os reis e imperadores, se advirta que êste é aquele monte de que falou o mesmo Autor nos capítulos 8, 9, 10 e 11, e em alguns outros seguintes do primeiro livro, e que faz tão prodigioso, e do qual diz que tem em seu cume 20 léguas de circuito e cercado com um muro mui gracioso e bem lavrado por cima, onde põe uma fonte como de um paraíso terreal, com que diz que se regam os jardins admiráveis que nele finge, e onde diz que há 34 palácios reais em que moram os filhos dos reis que ali metem; dois mosteiros, cada um de 1:500 frades de Santo Antão; e num dos palá*cios 4 salas em que estão os tesoiros reais, que êle diz *Fl. 327 v. que são mil e duzentos milhões de oiro, porque em cada sala das quatro, põe trezentos milhões, afora o tesoiro da pedraria, que finge tão grande quanto uma boa imaginação pode compreender; e onde diz que está uma livraria inaudita, a qual da maneira que a êle traçou, excede a tôdas as de quantos reis e imperadores houve no mundo, ainda que tôdas se ajuntassem em uma só; e onde diz que não podem jàmais entrar mulheres de qualquer estado ou condição que sejam, nem jàmais alguma entrou nem subiu àquele monte, tirando a raínha Candace, que só subiu a êle a baptizar os príncipes que ali estavam; e do qual monte diz mais outras grandezas que seria longo referir, pôsto que tudo afirma que escreveu pelas informações do abexim Dom João Baltasar, o qual diz que naquele monte serviu ao imperador Alexandre III, quando, sendo príncipe, estava ali, e que depois serviu e residiu muitas vezes no mesmo monte.

Porém quão fora de caminho sejam tôdas estas informações do abexim Dom João Baltasar, prova evidentemente o que acima mostrámos de nunca tal imperador Alexandre III haver em Etiópia. Além disso, o que nossos historiadores portugueses escrevem do mesmo monte, principalmente Diogo do Coüto no quinto livro da quinta década das coisas da Índia, quando fala da jornada de Dom Cristóvão da Gama àquele reino, e mais em particular Miguel de Castanhoso (1) na relação que escreveu da jornada do mesmo Dom Cristóvão, em que êle se achou, e fala de tudo como testemunha de vista; o qual diz, que quando Dom Cristóvão da Gama com sua gente ia caminhando por Etiópia e mandou recado à raínha, mãe de El-Rei Cláudio, que se viesse ajuntar com êle, havia 14 anos que a raínha estava recolhida * neste mesmo monte Amará com *Fl. 328. duas filhas suas e um filho, e muita outra família de mulheres de seu serviço; e ainda que concorda com o nosso Autor no sítio, fortaleza e feição do monte, em tudo o mais conta tudo diferentìssimamente; porque de circuito diz que não é mais aquela alta corôa do monte, que de uma légua, pouco mais ou menos, pondo-a o Autor de mais de 20; palácios para gasalhado dos príncipes, que não tem mais que uns arrazoados aposentos, pôsto que grandes, e não 34, como diz o Autor; fonte nenhuma há, e toda a água que tem, é de cisternas, feitas na pedra viva, a qual se recolhe nelas no inverno; mosteiros não há mais que um,

(1) Miguel de Castanhoso, *Dos feitos de D. Chrestovão da Gama*, Lisboa, 1898.

onde havia então 50 frades; e pôsto que nela há terras em que se semeia trigo e cevada, não são de mais quantia que quanto baste para sustentar mil pessoas.

Havia ovelhas, carneiros, galinhas, patos e ádens em muita abundância. Livraria nenhuma, e tôda a que há em Etiópia, está, como escrevem nossos Padres, no mosteiro que chamam Acçumo, ou Acaxumo, que era antigamente o maior que havia em Etiópia, e fundado, conforme a tradição dos Abexins, pela raínha Candace, e na mesma cidade que antigamente se chamava Sabbá, onde morava a antiga raínha Sabbá; a qual agora está mui arruïnada e destruída; sòmente ficam alguns vestígios bem mostradores da grandeza que ali houve antigamente. Neste mosteiro, como digo, está a livraria do reino, mas não a que o Autor traçou em seu entendimento, e pôs no monte Amará, mas tão diferente em tudo, que nem merece nome de livraria real.

Quanto aos tesoiros, é tôda a informação que disto lhe deu o abexim, tão apócrifa, que, com só êste monte por sua fortaleza ficar pelo Preste-João no tempo que El-Rei de Adel, ou de Zeila lhe tinha conquistado quási todo o
*Fl. 328 v. reino, tão pobre estava o Preste-João de tesoiros, que, * depois que à custa do sangue e morte de Dom Cristóvão e dos mais portugueses, recuperou o reino, querendo ir alguns portugueses para a Índia, e desejando êle de em alguma maneira lhes satisfazer os muitos e grandes serviços que lhe tinham feito, não teve que lhes oferecer senão as próprias jóias da raínha sua mãe e de alguns dos seus, que pôde ajuntar, pedindo-lhes muitos perdões, por não ter mais com que os pudesse remunerar; mas, se quisessem ficar, lhes daria uma província onde havia muito trato de oiro, com que pudessem enriquecer. Os portugueses porém lhe agradeceram muito a boa vontade com que lhes oferecia aquelas jóias, mas nada lhe quiseram tomar, nem, por derradeiro, se tornaram para a Índia.

Donde bem se vê quão diferentemente procedera o Preste-João com estes portugueses e com os demais, e lhes satisfizera seus serviços, se no monte Amará tivera os tesoiros de oiro e pedraria que o Autor diz. E de quão mal informado foi nestes particulares de que aqui falamos, se poderá entender a pouca verdade das informações nas demais coisas que refere (1) daquele monte; e seguram a verdade do que temos dito o testemunho de vista de Miguel de Castanhoso que isto escreveu, como dissemos, e de dois capitães portugueses, chamados Manuel da Cunha e Francisco Velho, os quais Dom Cristóvão da Gama mandou ao mesmo monte com seus soldados para trazerem a raínha onde êle estava, e aos quais ela mandou subir acima; e para poderem subir foram com engenhos dos que estavam de cima levantados em um cesto, que doutra maneira não se subia lá, e com seus olhos viram tudo o que no monte passava; e nem neste monte se coroavam nem enterravam os imperadores.

(1) *Nt.:* referem.

* CAPÍTULO XII *Fl. 329.

Em que se declara a verdade em contrário de algumas coisas apócrifas que no livro se contêem

COMO tudo o que neste livro se escreve, principalmente no que trata de Etiópia, vai fundado e cheio de meras ficções e fábulas, nem se tratam nêle as coisas na realidade do que são, senão como as quiseram fingir ou vieram à imaginação dos autores; e isto seja não só no que toca às coisas sagradas, mas também nas políticas da paz e da guerra, ritos e costumes, e juntamente nas descrições geográficas, situação, graduação de terras, reinos, províncias, mares, rios, fontes, alagoas, e tudo com uma confusão e miscelânea tão intricada, que não há achar nelas coisa coerente: não é possível poder-se responder com declaração da verdade a tanta multidão e variedade de coisas manifestamente contraditórias e disparatas entre si, pois seria fazer um grande volume, e sôbre coisas de pouca importância. Basta sòmente têrmos acudido ao principal e mais necessário, pôsto que para remate desta Adição, não deixaremos, nestes derradeiros dois capítulos dela, de apontar ainda algumas coisas notòriamente apócrifas e falsas, das muitas que no livro se contêem, por terem particular respeito às coisas e terras da coroa de Portugal e da nação portuguesa.

Falando, no capítulo 32 do primeiro livro, dos reinos e senhorios do Preste, e grandeza imensa que finge de seu império, antepondo-o a todos (1) os outros gran*des que houve no mundo, diz que os reis dos Jelofos, Beafares, Tungubutu, *Fl. 329 v.
que é a metrópole e cabeça do reino dos Fulos, Berbexins, Sapes (que são todos reinos da costa de Guiné, a nós vizinha, e que estão na terra firme, que corre desde antes do Cabo Verde até Serra Leôa) e depois o reino de Congo e o de Monomotapa, o qual diz o Autor que chega até ao Cabo da Boa-Esperança, e que tem de costa oitocentas léguas, não tendo uma só, porque tudo é sertão da Cafraria, e tôda a ilha de São Lourenço; que todos estes reinos reconhecem ao Preste-João, e seus reis com presentes lisonjeiam sua amizade e procuram sua graça, porque lhes pode fazer muito dano. E nomeia outra manada de reinos, que diz estão metidos por êsse grão sertão de África e Cafraria, os quais todos diz que reconhecem ao Preste-João e lhe pagam tributo, não só por serem conquistados por êle, mas também por desejarem de o ter por amigo e protector; porque estando à sua devoção, se têem por seguros de outros reis gentios lhes fazerem guerra, com o temor dêle.

Tudo isto quão apócrifo seja, e fora de todo o caminho da verdade, notòriamente está visto, pelo grande e imenso caos de reinos e províncias incógnitas, e até agora não descobertas nem sabidas, que há por todo sertão que jaz entre estes reinos que aqui nomeou, e a Etiópia de que o Preste-João é senhor. E ainda que os reis dêstes reinos tiveram algum comércio ou vizinhança com o Preste-João, pouco tinham que o lisonjear com presentes, ou pretender sua

(1) *Nt.:* antepondo a todos.

amizade, para êle os defender de seus inimigos, pois o pobre rei pode tão pouco, que nem de uns poucos de negros despidos e desarmados, que em seu próprio reino se levantaram contra êle e lhe têem tomado a mor parte de suas terras, * Fl. 330. que são os galas, se pode defender; e há cincoenta anos que pede so*corro de quatrocentos ou quinhentos portugueses para se poder valer contra êstes inimigos domésticos e outros de fora, moiros e turcos, e mais não os pode alcançar. E se não fôra o socorro de 400 portugueses com que no ano de 1541 Dom Cristóvão da Gama lhe acudiu (estando aquele reino ocupado de moiros, dos quais o livrou) já hoje de todo, o império e nome do Preste-João fôra extinguido no mundo.

Diz mais no mesmo capítulo e na pág. 355, que entre as guerras que êle finge que fêz El-Rei David (em cujo tempo se descobriu Etiópia pelos portugueses) uma delas foi a que fêz a El-Rei de Congo, a qual refere por estas palavras:—*La tercera batalla y triumfo insigne fue, el que tuvo contra el poderoso rei de Monicongo, al qual vencio en batalla campal, en la qual avia un millon y mas de gente: pero fue dichoso el Rey de Monicongo en quedar vencido del Preste Iuan, pues quiso Dios que por aquella via viniesse en conocimiento de la ley Christiana, y se convirtiesse; y el y los mas de su reino se bautizaron, siendole padrino el Preste Iuan; y desde entonces ay muchos Christianos en aquel Reyno.*—Quão apócrifo isto seja, o testemunham bem muitas e várias histórias, assim dêste reino, como de fora dêle, pelas quais é tão notório que El-Rei do Congo com grande parte de seus vassalos se baptizaram no ano de 1491, em que neste reino reinava El-Rei Dom João o II, que pelo grande zêlo que tinha da Fé, e conversão da gentilidade, mandou àquele reino Rodrigo de Sousa por embaixador, e com êle três religiosos da sagrada Ordem de S. Domingos, os quais com muito zêlo foram os primeiros que naquele reino prègaram o santo Evangelho e baptizaram a El-Rei e à Raínha, com a mor parte dos grandes de sua côrte; e depois pelo tempo em deante se foram baptizando os mais do povo, com que aquele reino ficou todo cristão por esta via de Portugal * Fl. 330 v. e zêlo de El-Rei Dom João * o II, e não pelo Preste-João, como diz o Autor, entre o qual e o rei de Congo nunca jàmais houve comércio, pela grandíssima distância, e porventura inacessível, que há de um reino a outro; pois o de Congo confina com o mar Oceano do Cabo da Boa-Esperança para cá; e o de Etiópia confina com o mar Vermelho, mares tão remotos, e disparatos um de outro.

Diz mais na pág. 322:—*Que el Preste Iuan que vive agora y se llama Zeraschaureat, con muchos oficiales y gente anda quitando los arrecifes del rio Zayre, y con algunos engenieros*(1) *que para este fin le ha embiado el Duque de Florencia, para hazer la navegacion facil, que salido con esto, pueden las naves saliendo de la laguna Cafates y de la ciudad de Zambra, Corte del Preste, que està a sus orillas, entrando por el rio Zayre, que de la dicha laguna sale, y desenbocando en el Oceano, en el reyno de Congo, venir hasta Lisboa y Sevilla sin entrar en otro señorio si no ês del Rey Dom Felipe III. De suerte, que entrambos Reyes pueden comunicarse por sus proprias tierras.*

(1) *Nt.:* genizeros.

Nas desconveniências disto não há que gastar tempo em as mostrar, pois são tão notórias: sòmente digo que o Preste-João, que o Autor diz que no ano de 608 (que é o de que êle fala, e em outra parte diz que escrevia seu livro) andava ocupado nesta obra, e que também é o que hoje reina, estava tão longe de empregar aqui seu poder e ocupação, que nesse mesmo tempo tinha bem que fazer em se defender de três ou quatro reis, que uns em uma parte, outros noutra, se lhe tinham levantado com título de lhe tomar o império. E quanto à lagôa Cafates, donde diz que nasce o rio Zaire, e da qual diz também que tem algumas cem léguas de comprimento, e a cuja ribeira diz que está a cidade de Zambra, côrte do Preste, os que com mais verdade e certeza escrevem dela, que são os portugueses e Padres que lá andam, e moram junto della, a fazem sòmente de vinte léguas de comprido pouco mais * ou menos, e seis até nove * Fl. 331. de largo; e não lhe põem nome de Cafates, senão Dambeabahar, que quer dizer mar de Dambeá, e não dizem que nasce dela o Nilo, senão que a atravessa, vindo correndo de sua fonte, da qual também falam, como tudo dissemos na relação atrás, falando nas coisas de Etiópia, no capítulo quinze(1) do primeiro livro, onde também se disse que a cidade real e côrte do Preste não era Zambra que o Autor finge, como já dissemos, senão Gubbay, bem diferente da que êle pinta.

Diz mais na pág. 283(2) *Que aunque antiguamente no avia vino en Etiopia, y para dezir Missa hazian vino de las passas, despues que los Españoles han entrado, y plantado viñas, han provado tanbien, que es uno de los Reynos que tiene mas viñedo; pero no lo beben hombres, ni mugeres hasta que tengan hijos, y se tiene por muy grande afrenta: no lo guardan en tinajas, porque no las hay; ni la tierra, por ser arenisca, es apta para semejante barro. Tampoco ay cubas, ni toneles, porque las maderas tôdas son contrarias al vino, y le gastan; y por esso lo guardan en cisternas grandes de piedra, y se hallan bien con esta usança. De estos vinos se hazen grandes sacas para la Lybia, Nubia, Congo, y toda la tierra de los Negros. Los Judios de Meca llevan mucho para los Judios que viven en la Arabia. Llevan tambien a la Persia, donde, aunque moros, lo beven. Los portugueses cargan naves del vino de la Etiopia en el puerto de Xaquen, Coco, y Guardafuñe, para toda la India hasta la Trapobana, y China.*

Vai tudo isto tão fora do caminho, que parecem mais sonhos que história. A terra de Etiópia carece tanto de vinho de uvas, que no tempo delas, se consagra com mosto, e no outro tempo com sumo de passas que delas espremem; e muitas vezes acontece aos nossos Padres da Companhia estarem muito tempo sem dizer missa, por não terem uma gota de vinho em que consagrar. E achando-se o Padre Pero Pais na côrte, no ano de 604, diz êle * mesmo numa carta * Fl. 331 v. sua, que, pedindo-lhe o próprio Rei que dissesse missa ao uso romano, que a queria ouvir, a deixou de dizer por falta de vinho, do qual em toda a côrte se não achou uma só gota. E estas são as cisternas cheias dêle, que o Autor diz que há, e de que faz carregação para tantas partes do mundo.

(1) *Nt.:* quatorze.—Veja-se a pág. 61 etc.
(2) Na obra de Urreta lê-se *pág.* 256; mas há êrro de paginação. Deve ler-se 283.

Mas houvera também de declarar se esta carregação de vinho que se faz para Congo, Núbia e Líbia, e para tôdas as mais terras de negros, Arábia e Pérsia, se é por mar ou por terra; porque se é por mar, o Preste-João não tem em todo o seu império um só pôrto marítimo, nem barco em que navegue; se por terra, bem se deixa ver, como isto é impossível. Também houvera de declarar em que se carregava e levava para fora a quantidade de vinho que diz, se lá não há pipas, nem vasos.

Diz mais na pág. 179:—*En tiempo del Preste Juan que se llamava Panúfio llegaron a la Etiopia muchos Doctores en leys: los quales embiava el Rey de Portugal, con grandes librerias de sus Baldos y Bartolos, con proposito de introduzir la doctrina de sus derechos. El emperador viendo tantos libros, preguntò de que ciência tratavan; y fuele respondido, que eran libros de leys Imperiales, Civiles, y Canonicas, y que ellos eran Dotores en leys, cuyo oficio era ayudar al buen govierno de las ciudades, determinar pleytos, proseguir causas, y dar su derecho a quien se le deve. Respondio el Emperador, como si escupiera en ayunas. Yo no conosco otros Doctores sino los de la Iglesia, ni en mis tierras se permite que nadie se llame Doctor, sino son los sagrados Theologos. Estos libros son de leys: yo no se que aya otra ley que la de Iesu Christo. Y pues vuestro oficio es proseguir causas, yo no he menester pleytos en mi Reyno; y assi hallo que conviene a la quietud de mi Imperio que os bolvays a Portugal, y que dentro de tantos dias salgays de todas mis tierras, llevandoos todos essos libros, porque los echare a todos en el Nilo, sin remission; y si porfiaredes, a vosotros tras ellos. Viendo ellos la resolucion del*
*Fl. 332. *Pre*ste Iuan, tuvieron por mas acertado embarcarse para Goa.*

A isto me parecera também mais acertado não responder a propósito, como nas demais fábulas que neste livro se contêem; mas, como êle se fêz e publicou para pregoar por verdadeiras coisas tão falsas e apócrifas, não podemos deixar de lhe dar alguma breve re[s]posta. E a que esta tem, é que desde que os nossos portugueses entraram em Etiópia até hoje (começando em Pedro de Covilhão que El-Rei Dom João II lá mandou há mais de cento e vinte anos) nunca houve tal rei Panúfio em Etiópia; e assim como o Autor finge a história, finge também o rei. Nem também, tirando soldados para pelejar, que foram os do capitão Dom Cristóvão da Gama, e Padres da Companhia para prègar, nunca outros portugueses, nem tais doutores em leis, rei algum de Portugal mandou a Etiópia. E dado caso que os mandara, guarda o Autor pouco decoro aos reis de Etiópia, que tanto por outras vias engrandece, em dizer dêles que houvessem de usar de tamanho desprimor com letrados e doutores, que um tão grande príncipe, como El-Rei de Portugal lhes mandava a sua terra. Nem estimam tão pouco aqueles reis as leis de Portugal, como o Autor finge, porque em uma carta sua do ano de 604, escreve o Padre Pero Pais, que anda em Etiópia, que o rei Tingidil, que então reinava, lhe escreveu uma carta em que o chamava à Côrte, e entre outras coisas lhe dizia estas palavras:—*Desejamos muito que nos tragais o livro da Justiça dos reis de Portugal, porque estou muito desejoso de o ver, e juntamente nos trazei os livros que tinha o Patriarca, e vinde logo com tudo*—. E o mesmo desejo de ver as Ordenações do reino de Portugal lhe mostrou também depois El-Rei Sacinos, que é o que agora reina, e outros grandes.

*Diz mais na página 165, que na Semana Santa se não acompanha o impe- *Fl. 332 v.
rador com pessoa outra alguma senão com os embaixadores de El-Rei de Portugal, do vizo-rei da Índia, do cônsul dos mercadores de Itália e dos outros latinos. Porém diz nisto o que imagina, e não o que é, porque tirando o embaixador Dom Rodrigo de Lima, que com êste título, e aparato decente a êle, foi ao Preste-João, mandado por El-Rei Dom Manuel, nunca outro embaixador de Portugal jámais esteve em Etiópia, e muito menos do vizo-rei da Índia, pois em caso que estivera o de El-Rei seu senhor, não tinha êle para que mandar lá embaixador próprio. Já de mercadores de Itália, nem latinos, nenhum cônsul nem embaixador atègora houve nem há lá.

Diz mais na página 365, que, fazendo El-Rei Cláudio grande guerra ao Turco, e ajuntando para isto um exército de quinhentos mil homens, venceu os turcos e os deitou de tôda Etiópia, sem que ficassem com um só palmo da terra dela; e que feito isto, edificou algumas fortalezas para seguridade e defensa das entradas, que lhe faziam os moiros de Egipto, e que os portos marítimos do mar Roxo deu aos portugueses [pág. 363] com suas fortalezas, para que êles as guardassem dos moiros de Arábia, e se pudessem recolher as armadas de Portugal, quando àquelas partes vão e vêem da Índia.

Isto diz o Autor; mas nada do que diz, passou nem passa assim; porque nem El-Rei Cláudio, emquanto viveu, teve poder para fazer a guerra que diz ao Turco, nem ajuntar a gente que diz, nem teve mais fôrça para se defender dos moiros e turcos, que as dos portugueses que lhe foram de socorro com Dom Cristóvão da Gama, que tirando-lhe seu * reino do poder de turcos e *Fl. 333.
moiros, que lho tinham tomado, o tornaram a fazer senhor dêle. Nem El-Rei Cláudio deu aos mesmos portugueses portos de mar, nem fortalezas algumas, porque todos os portos marítimos, de que antigamente foram senhores os reis de Etiópia por tôda a costa do mar Roxo, lhos tinham tomados os turcos e moiros, sem lhe ficar um só; nem êle mais lhos tornou a tomar até o dia de hoje; e nem os portugueses em tôda a costa do mar Rôxo têem pôrto nem fortaleza alguma, onde suas armadas se recolham, pôsto que algumas vezes tomaram alguns, mas não os quiseram conservar, pelo muito que lhes custavam, e pouco que rendiam.

Na pág. 233, falando das mulheres de mau viver, que há em Etiópia, o que pudera bem escusar, entre outras coisas puramente apócrifas, diz estas palavras: *Y las que dejan aquel trato, las embian a Goa al monasterio de las convertidas, de que tienen cargo los Padres de la Compañia de Jesus. Lo mismo hazen de los hijos, que de ellas nascen, y de qualquier bastardo o illegitimo, que en siendo de edad los embian a Goa, ó a Ormuz, a Ceylon, o Mozambique, donde son alimentados a costa de los sacerdotes, porque en ninguna parte de la Etiopia se pueden avezindar los illegitimos.*

São tão verdadeiras tôdas estas coisas, como tôdas as mais que ficam ditas. Em Goa não há mosteiro de convertidas que esteja a cargo dos Padres da Companhia, nem os ilegítimos e bastardos de Etiópia, vão às partes onde diz, nem se sustentam à custa dos sacerdotes. E houvera de ajuntar por que autoridade ou magistrados são mandadas estas duas sortes de gente às partes da Índia, e que obrigação tenham os sacerdotes da Índia a sustentar os espúrios

de Etiópia ou a casa das convertidas de Goa, quando houvesse a que êle diz, de receber e sustentar as más mulheres de Etiópia. Mas, como o Autor es-
* Fl. 333 v. creve tudo o que lhe disseram, ou imagina, não atenta pelas objecções que * se podem opôr.

Semelhante é a que diz na pág. 183, que certos homens italianos que foram compreendidos em delito nefando em Etiópia, mandou o imperador que os levassem presos a Goa e que o vizo-rei dos portugueses executasse a sentença do castigo que mereciam, donde no ponto que chegaram, os queimaram pùblicamente: como se os vizo-reis da Índia de Portugal fôssem executores dos delitos cometidos em Etiópia.

Diz mais na pág. 364, falando do reino de Borno (o qual reino êle diz que confina por uma parte com Etiópia e com o reino de Biafara, que é no Cabo Verde) que como quer que êste rei traz guerras com o Preste-João, uns portugueses que de Etiópia fugiram, com mêdo de serem presos pela Inquisição, ensinaram àqueles moiros a fazer pólvora e arcabuzes, para fazerem guerra aos cristãos de Etiópia, o que já acima mostrámos quão grande calúnia era.

Diz mais na pág. 708, que não quis o Preste-João consentir em Etiópia algumas das Religiões de Europa.—*Y aunque han entrado frayles Franciscos y religiosos de la Compañia de Iesus, no los han dexado fundar. Y la razon que dan para esto es, que estando rodeados de moros y gentiles por todas partes, tienen necessidad de gente para defenderse en medio de tantos infieles, que por esso de tres hijos dan uno a la guerra, y de seis dos; y que si abriessen la puerta a tantas religiones como ay en España y Itália, no les quedarian hijos, por ser gente pia, devota y amiga de penitencia, y todos se harian frayles. Verdad es que en Moçambique, y Zeilan, y Guardafuñe, y otros puertos que caen en la costa del Oceano de la otra parte del cabo de buena Esperança, que viven Portugueses, ay algunos monasterios de frayles Franciscos: pero ha los dexado fundar el Preste Iuan con esta condicion, que no puedan vestir el habito a ningun Etiope: lo qual guardan el dia de hoy, que casi todos los frayles destos conventos, son Portugueses.*

Mostra o Autor nisto quão enganado foi nas informações, e quão pouca
* Fl. 334. notícia tem daquelas partes. Des[de] que os portugueses e Padres * da Companhia andam em Etiópia, não houve rei algum que proïbisse fundarem-se naquele reino as Religiões de Europa; e nem o próprio tirano Adamás ou Mena, ainda que perseguiu a Igreja, se declarou nesta parte por êste modo; nem os povos de Etiópia *directe* nem *indirecte* significaram nunca tal. Antes em uma carta do Padre Patriarca, que acima referimos, para Sua Santidade, lhe diz que reduzindo-se Etiopia, há mui grandes comodidades nela, para se fundarem muitos mosteiros de homens e mulheres de tôdas as Religiões de Europa. Nem há entre êles lei de dar de três filhos um para a guerra, pois quando há necessidade, todos acodem, nem há perigo de faltar gente para ela, porque é infinita: e os mais dos clérigos são casados, e os frades não vivem bem. Nem os religiosos de S. Francisco atègora entraram em Etiópia, nem rei algum lhes proïbiu fundarem nela seus conventos: e muito menos aos Padres da Companhia, os quais têem lá duas casas, e para uma que é junto da côrte, lhe deu o mesmo rei o sítio; e se tiveram sustentação de cá, puderam fundar quantas qui-

seram, com muito grande gôsto do rei, e aplauso dos naturais. Nem o Preste-João tem jur[is]dição alguma em Moçambique, nem na costa do mar Oceano do cabo de Boa-Esperança para lá. Nem em Ceilão, que é uma ilha na Índia; nem por esta mesma costa há mosteiros de São Francisco em pôrto algum; nem em Moçambique, nem em Guardafu, o qual não é pôrto nem cidade, mas um promontório despovoado, ou ponta da terra do reino de Adel, que entra muito pelo mar, entre o estreito de Meca e a costa de Melinde. Nem nos outros mosteiros ou casas de religiosos, que estão em Moçambique e por aquela costa o Preste-João proïbiu que não(1) entrassem etíopes, pois nenhum poder nem jur[is]dição tem por ali, como fica dito.

* CAPÍTULO XIII * Fl. 334 v.

Do que diz àcêrca do que fêz Dom Cristóvão da Gama em Etiópia. Declara-se a verdade de tudo

FINALMENTE concluïremos esta re[s]posta com acudirmos ao que se diz no livro àcêrca do que o capitão Dom Cristóvão da Gama, e portugueses que com êle foram, fizeram em Etiópia; a qual história iremos contando com as palavras do Autor, e respondendo por partes ao que fôr necessário. Diz pois assim [pág. 358]: *Andava el Moro Rey de Zeila haziendo mil males, y executando inauditas crueldades en los tristes Christianos de Etiopia. La madre del Preste Iuan Claudio embio un correo al Visorrey de Goa, don Esteban de Gama, pidiendolè socorro. El embio 400 soldados, y por Capitan de ellos a don Christoval de Gama, su hermano. Partieron de Goa con muchas armas, en el mes de Iunio de 1541. Embarçandose, llegaron, aunque con trabajo, a la Etiopia, y tomaron puerto en el Reyno de Barnagaso: donde les acudio mucha gente. Entendido por la Emperatriz el socorro, salio de su escondrijo, y fué a visitar al Capitan: el qual la recibio con gran salva de artilleria, y con mucha fiesta. Ella proveyò de bastantes, y aun sobrados mantenimientos.*

*Y considerando don Christoval que no era tiempo de detenerse, partio con sus 400 soldados, y con muchos millares de Etiopes, por grandes jornadas, caminando de dia y de noche por coger al enemigo descuydado. Como lo desseo, le sucedio: porque hallo a los Moros tan descuydados, que estavan desarmados, y tan sin orden de guerra, como si no estuvieran en tierra de enemigos; y dando contra ellos de sobresalto, los tomaron a manos, antes que pudiessen venir a las manos; y antes que se pudiessen abroquelar, los çamar*rearon de * Fl. 335.
suerte, que no se les quito el escoziimiento tan presto. Fueron facilmente vencidos, y volviendo las espaldas, dieron todos a huyr, a corre mas corre. Y como el huyr sea linage de bolar, dejavan de correr y bolavan. Murieron muchissimos en los alcances, y el Rey Gradahametes herido de un mosquetazo, que le passò la pierna, y le matò el cavallo, vino al suelo; aunque los suyos le pusieron en cobro, de la qual herida convalecio. El buen Capitan gozò de un riquissimo*

(1) *Nt.*: que nem.

despojo de infinitas armas, y arcabuzeria, con que armò su gente; y caminando en seguimiento de su enemigo, a remo y vela navegava el triunfante vencedor por el mar de sus vitorias; entro por el Reyno de Adel quemando, talando, derribando, y llevando todo a fuego y a sangre, hasta un monte donde se avia hecho fuerte el Rey Gradahametes, y alli le cercò el Capitan Gama, con intento de no partirse hasta cogerle muerto, o vivo, y embiarle al Preste Iuan.

Como esta jornada, e as coisas que nela sucederam, foi uma das mais ilustres e memoráveis que os portugueses fizeram no Oriente, não é justo que se contem por tais têrmos, que não sòmente faltem na verdade, mas deminuam e abatam na honra de um tão excelente capitão, como foi Dom Cristóvão da Gama e dos mais portugueses que com êle foram. E pôsto que o Autor devia ter lido esta história, não a refere porém como ela passou, e êle a leu. Antes, nos particulares dela vai mui desviado da verdade, como em dizer que Dom Cristóvão com sua gente, partira de Goa direito a Etiópia; que entrando nela se lhe ajuntaram muitos milhares de abexins, que houve vitoria dos moiros, porque os tomou descuidados e desarmados; que armou seus soldados com as armas que lhes tomara; que depois desta vitória entrara pelo reino de Adel, assolando e abrasando tudo: do qual nada passou assim. Mas a história na pontual verdade, como a escreve Diogo do Couto no 5.º livro da 5.ª década de sua história da
* Fl. 335 v. Índia, e mais particularmente Miguel de Castanhoso que na jornada * se achou, foi (1) desta maneira.

No ano de 1541, sendo governador da Índia Dom Estêvão da Gama, filho segundo do Conde Almirante Dom Vasco da Gama, que foi o primeiro que a descobriu: fêz uma das poderosas armadas, que até àquele tempo no Estado da Índia se tinham visto, com intenção de ir ao estreito de Meca, e entrando pelo mar Roxo, chegar (2) [a]té Suês, a queimar as galés e armada do Turco, que naquele pôrto estava, e se aparelhava para ir à Índia. Assim o fêz; e entrando com sua armada, se foi ao longo da costa da Arábia até perto de Suês. E pôsto que não pôde queimar a armada do Turco, pela terem varada em terra, com as novas que tiveram da nossa: à volta todavia não deixou de fazer grande estrago em muitos lugares e cidades de Arábia, entrando, saqueando e queimando tudo, e tomando-lhe todos os navios que achava. Chegando à ilha de Maçuá, veio ali ter com êle o Barnagais, senhor grande, e como rei daquelas partes marítimas do Abexim e vassalo do mesmo Preste-João. Com êle veio também um embaixador de El-Rei Cláudio de Etiópia, que então reinava, com cartas suas, e da Raínha sua mãe, pelas quais lhe pedia com mui grande instância quisesse socorrer aquele reino cristão, a quem o moiro Gradahametes, Rei de Adel e de Zeila, havia 14 anos que tinha pela mor parte conquistado, com grandíssimo estrago de tôda a terra, cativeiro de infinitas almas, incêndio e assolação de grande número de mosteiros e igrejas nobilíssimas que havia naquêle reino.

O governador, havido conselho, julgou que, àlém do grande serviço de Deus que seria acudir àquela necessidade tão urgente, o seria também de El-Rei de

(1) *Nt.*: e foy.
(2) *Nt.*: chegara.

El-Rei de Portugal, seu senhor, pelas muitas razões que para isso achava. E assim se assentou que se lhe mandassem 400 soldados, e por * capitão dêles * Fl. 336.
escolheu a Dom Cristóvão da Gama, seu irmão, mancebo de grão valor e esfôrço. Com esta gente mui bem armada, e com armas dobradas, e algumas peças de artilharia, se partiu Dom Cristóvão no mês de Junho de 1541 da ilha de Maçuá. E caminhando pela terra dentro de Etiópia, depois de muitas jornadas, e bem de trabalho que tiveram no levarem a artilharia por lugares mui fragosos; tendo a raínha aviso da sua vinda, se veio também ajuntar com êle, com suma satisfação de ambos, e nunca mais se apartou de nosso arraial. Indo assim caminhando, tomou alguns lugares fortes que estavam pelo Moiro, deitando os inimigos de tôda a terra por onde passava, e reduzindo muitos povos, que por temor e fôrça se tinham entregues ao inimigo, e negada a obediência ao seu rei. Seu intento era ir-se ajuntar com o Preste-João; mas, porque andava mui longe, e perto de dois meses de caminho, nos confins do reino, por temor dos moiros, não pôde ser unirem-se tão de-pressa, como desejavam.

Teve aviso El-Rei de Zeila da vinda dos nossos, e do intento que tinham de se ajuntar com o Preste; mas, como andava com seu exército tão vitorioso, e senhor do campo, determinou de lho impedir; e com tôda a pressa, a grandes jornadas, os veio buscar, e lhes saíu ao encontro nos campos que chamam do Zarte, com bem diferente poder na multidão de gente do que os nossos eram, pôsto que não no género de armas nem no esfôrço dos soldados. Não recusaram os nossos a batalha, porém não com moiros desarmados e descuidados de guerra, como diz o Autor, mas tão bem aparelhados para ela, como devem de estar homens, que êles mesmos vão buscar seus próprios inimigos, para pelejarem com êles.

Com os nossos, até êste tempo da primeira batalha, se não tinham ajuntado aqueles mui*tos milhares de abexins, que o Autor finge; mas tão poucos, que * Fl. 336 v.
não passavam de 200. Tinha o moiro em seu campo quinze mil homens de pé e mil e quinhentos de cavalo, e 200 turcos arcabuzeiros. Os nossos eram 350 portugueses, porque os outros 50 estavam ausentes. Começou-se a batalha em amanhecendo, e foi travadíssima, e durou até depois do meio dia, em que a vitória se declarou pelos cristãos; porque neste tempo, andando a batalha mui travada, foi ferido El-Rei de Zeila com uma arcabuzada, que lhe atravessou uma perna e matou o cavalo. Pelo que, êle e os seus viraram logo as costas, e se puseram em fugida; e os nossos lhe foram um pedaço no alcance; e por não terem cavalos, não foram mais. Ficaram muitos moiros mortos, e mais de trinta turcos. Dos nossos faltaram onze, e quarenta foram feridos.

Deu-se esta batalha em quatro de Abril de 1542, e daí a treze dias se deu outra, porque o moiro se tornou a refazer com muita gente que de refrêsco lhe veio, entre êles, um grande capitão chamado Gradamar com três mil homens de pé e 300 cavalos. Pelo que, aos 27 dias do mês de Abril, tornou o moiro a cometer a Dom Cristóvão, que com muito esfôrço lhe saíu ao campo, e recebeu a batalha, onde pelejaram grande parte do dia, e lhe mataram logo os cristãos o seu capitão Gradamar, que vinha na dianteira com muitos outros moiros de valor, e por derradeiro o venceram a êle, e puseram em fugida com grande estrago dos seus, e lhe ganharam o arraial, e tendas, e foram matando

neles por espaço de meia légua; mas, por não terem cavalos, não concluíram naquêle dia a conquista. Dos nossos morreram 14, e ficaram feridos muitos. O moiro se recolheu como pôde, e Dom Cristóvão dois dias depois se foi em seu seguimento, por 10 dias inteiros, até * que o encurralou numa serra, onde todo o inverno o teve como cercado, de modo que o moiro em nada se podia ajudar das terras, que ficavam da parte do sertão, onde os nossos estavam; mas as da parte do mar lhe ficavam livres; pelo que, teve modo para mandar recado ao Baxá do Turco que estava em Zebibe com 3:000 turcos por guarda do estreito, ao qual pediu socorro, que êle lhe mandou de 900 turcos, em que entravam alguns de cavalo e 10 peças de artilharia de campo, com muitas espingardas. Também mandou pedir socorro aos Reis de Arábia, donde lhe veio boa cópia de moiros.

*Fl. 337.

Emquanto isto fazia, os nossos que tinham pôsto seu arraial num monte vizinho por nome Ofalá, para ali invernarem, não deixaram de continuar na guerra pelas comarcas e lugares vizinhos, reduzindo todos aqueles povos à obediência de El-Rei; e principalmente foi Dom Cristóvão em pessoa a conquistar a serra a que chamam dos Judeus, que com ser mui forte, e quási inexpugnável, emfim a entrou e tomou com só cem homens que consigo levou, tendo ela de presídio quatro mil moiros de pé e trezentos de cavalo; a qual tomada, se tornou com tôda a pressa para o arraial, deixando, para virem mais de-vagar, trinta soldados, com oitenta bons cavalos que, se chegaram a tempo, foram de muito proveito e ajuda da nossa gente na batalha em que se perderam.

Neste mesmo tempo os nossos se aparelhavam também de muitas munições e coisas necessárias para a guerra, que, passado o verão, esperavam fazer. Porém o moiro com o socorro que lhe veio, se deu tanta pressa em seus apercebimentos, que saíu ao campo mais cedo do que se pudera cuidar; e logo ao outro dia que Dom Cristóvão chegou da serra dos Judeus, teve aviso do socorro que era vindo ao moiro, pela mostra que os novecentos turcos e moiros de Arábia deram de si ao nosso arraial. Pelo que, entendendo Dom * Cristóvão que os inimigos não tardariam em o vir acometer, como vieram logo ao dia seguinte, que foi aos 28 de Agôsto de 1542, se aparelhou e fortificou com tôda diligência por todo aquêle dia e noite. Porém o sucesso desta batalha, refere o Autor por estas palavras:

*Fl. 337 v.

Entretanto que los Christianos tenian cercado al Rey Moro, el de las partes maritimas pidio favor y suplemento de gente y armas a los turcos del mar Rojo y a los Reyes Moros de Arabia. Acudieron todos a favorecerle; embiaronle mucha gente de armas y arcabuzeria, y pieças de campaña, con la qual ayuda engrosò su exercito; y poniendose en orden de batalla, baxò del monte, en demanda de los Portugueses. Hallolos qual el fué hallado dellos, derramados por los campos; unos en tiendas, y otros en caserias, sin orden de guerra, ni disciplina militar. Y dando de repente el Moro Gradahametes sobr los descuydados Christianos, unos dormidos, porque era de noche; otros atur-e didos con la artilleria, outros descuydados, y todos desapercebidos: al fin aunque mostraron alguna defensa, al cabo comenzaron a ciar, y despues a se retraer; hasta que no pudiendo mas resistir, huyeron, alegres con llevar las vidas. Huyò el Capitan Christoval de Gama, pero fue preso en un bos-

que, de los soldados que yvan en su seguimiento, y llevado al Moro Gradahametes, etc.

No que diz o Autor do grosso socorro que o moiro teve do mar, falou verdade. No modo de descuido, negligência, desordem, e falta de disciplina militar, em que diz que tomou os nossos descuidados e dormindo, por ser de noite, e na remissão e fraqueza com que mostra que pelejaram e fugiram, não foi assim como diz e pinta. Antes, se nossa profissão e intento fôra contar esta guerra por extenso, com as miüdezas e circunstâncias que nela passaram, e do modo com que se houve o capitão Dom Cristóvão da Gama, e com que se houveram seus soldados, depois que desde o mar Roxo saíram em terra, e começaram a caminhar por Etiópia, até o ponto em que Deus permitiu que depois de tantas batalhas e tão milagrosas vitórias, nesta última se * perdesse: não há dúvida que o mundo todo julgara não ter faltado Dom Cristóvão da Gama em seu ofício em coisa alguma de tudo quanto de um mui grande e excelente capitão se podia desejar, nem seus soldados em tudo o que deviam a soldados cristãos e portugueses; e que não houvera quem não reprovara muito o que no livro se diz em descrédito de um tão esforçado e excelente capitão, e de soldados que com tanto valor pelejaram tantas vezes contra os inimigos da Fé, e derramaram seu sangue, e deram por derradeiro suas vidas pela defensão e exaltação dela.

*Fl. 338.

A verdade pura é que nem os moiros tomaram os portugueses descuidados e desapercebidos; nem uns metidos em tendas, outros em casas, outros espalhados pelo campo sem ordem nem disciplina militar, nem outros dormidos, outros estrovinhados com a artilharia dos inimigos, senão mui bem apercebidos, vigiando tôda a noite precedente mui a ponto, e com as armas nas mãos em tôda a boa ordem e disciplina de guerra, que sempre guardaram; e andando o seu capitão correndo as estâncias em cima de um cavalo, provendo-continuamente em tudo, com grandíssimo esfôrço e diligência. Nem a batalha foi dada de noite, senão de dia, nem com a brevidade e pouca resistência que o Autor diz, por os portugueses se pôrem logo em fugida; senão que acometendo os inimigos nossos valos, e começando-se o combate dêles e batalha em saindo o sol, se continuou com mui grande esfôrço dos cristãos, pelo dia todo até que se pôs, sem nunca jámais os nossos terem um só momento de descanso, nem deixarem de andar numa roda viva de saírem dos valos a pelejar no campo com os moiros, ora uns capitães, ora outros, e tornarem-se a recolher; e de cada vez que saíam, levavam os moiros e turcos por muito espaço deante de si, pelo campo, matando e fazendo neles mui grande estrago. Mas, como não tinham mais que oito cavalos, pelo que, não podiam seguir o alcance dos inimigos e * lhes era forçado tornarem-se [a] recolher aos valos, nestas voltas perderam sempre os nossos muita gente. E como os moiros eram tantos milhares, e os nossos não chegavam a 340, e os abexins que estavam em o nosso arraial, se estavam à mira, sem nunca quererem sair dos valos para os ajudarem, quando davam nos moiros e os seguiam, ficando os nossos sós na briga, se iam deminuindo cada vez mais; e os que ficavam não se podiam já bulir de cansados e quási todos feridos. Pelo que, andando a batalha até à tarde sem se declarar a vitória, neste tempo começaram os inimigos a entrar nossos valos, do que sendo avisado

*Fl. 338 v.

Dom Cristóvão da Gama, que já estava mui mal ferido de duas espingardadas: uma que lhe atravessou uma perna, e outra, que lhe quebrara o braço direito, com que pelejava, esquècido das feridas, e tomando a espada na mão esquerda com grande furor arremeteu para aquela parte, dizendo aos seus que quem o quisesse seguir, o fizesse, porque êle ia morrer no meio dos [in]imigos.

Porém aqui, vendo os nossos que com êle estavam, sua determinação, com grande fôrça o detiveram, dando-lhe muitas razões para que se quisesse antes retirar e ver se podia salvar a vida sua e dos mais companheiros que ainda a tinham, pois com ela se podia depois restaurar aquela perda; e tomando-o por fôrça nos braços o puseram em um cavalo, e os mais companheiros com êle, tomando a raínha deante de si, com seus abexins, se saíram do arraial para uma serra que ali estava perto. Mas, como isto era já à bôca da noite, e a raínha com sua gente e alguns outros portugueses íam deante, em breve a perdeu Dom Cristóvão de vista; e assim, ela foi por uma parte e se pôs em salvo, com os que com ela iam; e êle com catorze companheiros, tomando por outra, andaram tôda a noite por aqueles matos, até que amanhecendo foram dar com uma fonte, onde se puseram a descansar, e curar as feridas.

* Fl. 339. Mas foi Deus servido que estando ali, vieram dar de súbito * com êle muitos moiros de cavalo, dos que andavam buscando os nossos, os quais prenderam a êle e aos demais, e com grande festa o levaram a El-Rei de Zeila, que com a mesma o recebeu; mas o tratamento que lhe fêz, foi qual se podia esperar de um moiro tão cruel inimigo do nome de Cristo como êste era; o qual o mandou despir nu, e com as mãos atadas, e uma corda ao pescoço, o fêz levar por seu arraial, dando-lhe muitos açoites e bofetadas com as alparcas dos pés de seus escravos. E levando-o deante dos capitães, lhe diziam que lhes fizesse salema (1), e tirando pela corda, o derrubavam no chão, dando-lhe muitos coices e pancadas, que se tornasse a levantar.

Tornando-o depois a El-Rei, lhe mandou fazer das barbas torcidas com cera, e depois pôr-lhe o fogo, e com uma tenaz lhe mandou pelar as pestanas e sobrancelhas, e atanazar a carne de que lhe corria muito sangue; o que tudo o esforçado e católico capitão sofria com admirável paciência, e com os olhos sempre pregados no céu, pedindo a Deus perdão de seus pecados, e oferecendo-lhe sua alma. Mandou-o depois o Rei desatar, e por escarnecer dêle, cobrir com um pano sujo e vil, dizendo-lhe entre outras coisas, que lhe perdoaria a vida e lhe faria mercês e honras, e o deixaria embarcar para a Índia com todos os seus que se achassem vivos, com condição que os mandasse chamar donde quer que estivessem, que se viessem para êle. Ao que respondeu Dom Cristóvão: «Moiro, se tu conhecesses quem são portugueses, não falaras coisas de vento. De mim podes fazer o que quiseres, pois estou em teu poder; mas sabe certo que ainda que me desses ametade do teu reino, nem um só português faria vir para ti, porque os portugueses não costumam viver com moiros, que são sujos
* Fl. 339 v. * e inimigo[s] da santa Fé de Cristo meu Senhor».

Com a qual resposta o moiro se indignou de feição, que levantando-se donde estava, e arrancando seu terçado, com suas mãos lhe cortou a cabeça, honrando

(1) *Nt.:* solemá.

Deus o seu cavaleiro com, no lugar onde o corpo caíu e seu sangue se derramou, se abrir milagrosamente uma fonte de água, com que depois saravam os enfermos cristãos que com devoção iam ver aquele lugar; e fazendo outros milagres, que em Etiópia são mui celebrados, sendo de todos havido por mártir, como piamente se pode crer que foi, assim por sua muita paciência, como pelo ódio de nossa santa Fé com que aquele inimigo dela lhe tirou a vida. Sentiram muito os turcos a morte de Dom Cristóvão, e se desavieram com o moiro por amor dela, pelo muito que desejavam de levar vivo ao Grão Turco um tão principal e grande capitão, e irmão do Governador da Índia.

E porque depois desta rota e morte de Dom Cristóvão, os portugueses que ficaram vivos, se foram ajuntar com a raínha, e pouco depois com o Preste-João seu filho, e com êle tornando outra vez sôbre El-Rei de Zeila lhe deram batalha, em que o venceram e mataram, e acabaram de livrar tôda a Etiópia do poder dos moiros; e o Autor do livro, contando também êste sucesso, o refere por mui diferente têrmo do que passou, declararemos aqui a verdade de tudo. O que o Autor sôbre isto diz [pág. 361] é o seguinte, e por estas palavras:

*Mientras estas cosas passavan en el Reyno de Adel, el Preste Iuan baxava con un copiosissimo campo, que cubria los campos, los montes, y valles, y quitava la luz de la tierra, donde avia mas de seiscientos mil hombres. A tres, o quatro jornadas antes de llegar al reyno de Adel, encontro con muchos de los suyos que huyan, y con algunos Portugueses que le dieron las tristes nuevas, de todo lo que passava, y de la muerte de Christoval de Gama. Grande fue su mostaza, y enojo con la desgracia, mas corrido * algo de mostrar sentimiento* * Fl. 340. *por tales pajuelas, compuso su semblante, e con una fingida risa, dixo: Pues a fe, a fe Gradahametes que algun dia me pagareys tantos agravios, y no tardara mucho el castigo. O ilustre Capitan Gama dichoso fuiste, pues padeciste una muerte tan gloriosa: alegrate, pues tienes un Emperador que vengara tu muerte y doy palabra, que ni el Rey de Portugal mi hermano, ni el Visorey de la India hermano tuyo, se podran quexar de mi en ningun tiempo. Y marchando [pág. 362] a buela pie toda aquella numerosa muchedumbre, alegres y contentos, dando mil saltos de plazer, dieron sobre los Moros, hallandolos tan descuydados, que estavan aun haziendo mil danças y bayles por la vitoria passada, pero presto se bolvieron en tristes lagrimas: porque estando el Rey de Gradahametes dando saltos y brincos, le cojio en el ayre una dichosa bala, que le travessò los costados, y dio con el muerto en aquellos campos.*

Bem mostra o Autor que leu a história de como isto passou; mas no referir dela, falta no principal. Primeiramente o lugar e província onde estas batalhas passadas se tiveram, não foi no reino de Adel, que está dali mui longe e ao longo da costa do mar Oceano, mas no meio do sertão de Etiópia e reinos do Preste-João. Além disso nem o Preste-João, quando chegou, usou dêstes feros que aqui finge, e ameaças contra El-Rei de Zeila; nem teve por coisas de *pajuelas* o caso e morte de Dom Cristóvão, para se correr de mostrar por êle o grandíssimo e mortal sentimento que teve, quando o soube; nem finalmente trouxe consigo o inumerável exército que o Autor finge. Mas o que nisto houve, refere Miguel de Castanhoso, como testemunha de vista, que a tudo se achou presente, desta maneira.

Recolhida a raínha naquela serra que estava junto do lugar da batalha, com os seus e alguns outros portugueses que a acompanharam, os feridos que não podiam andar tão de-pressa, se foram pouco a pouco, ajuntando com ela, porque
*Fl. 340 v. mandou ela muitos dos seus que por várias partes * os fôssem buscar, e trouxessem aonde estava. Ali se curaram, e descansaram alguns dias com ela, que pelas diligências que mandou fazer, teve também recado da prisão e morte de Dom Cristóvão a quem ela por várias partes mandou buscar. E quando soube o que era feito dêle, não se pode com palavras encarecer os prantos e sentimentos que sôbre êle fêz.

Foram os portugueses que ali se ajuntaram, como cento e vinte, com os quais fazendo a raínha conselho, se assentou que se passassem para a serra dos Judeus, que atrás dissemos fôra conquistada por Dom Cristóvão, para ali esperar ao Preste que a ela havia de vir deferir. Estando ali, no cabo de vinte dias chegou o mesmo Preste, mas não com seiscentos mil homens, como diz o Autor, senão com tão pouca e tão triste gente, que não tivera poder para tomar esta serra aos moiros, se já não estivera tomada pelos nossos. Aqui soube o Preste, da raínha sua mãe e dos mais, tudo o que tinha passado; e foi tão grande o sentimento e tristeza que teve pela perda e morte de Dom Cristóvão, que não havia consolá-lo. Chamou os portugueses todos, e lhes falou com grande benignidade, consolando-os e dizendo-lhes que se não houvessem por estranjeiros e desamparados em seu reino, porque êle o tinha por de El-Rei de Portugal, seu irmão, pois com o sangue de seus portugueses, verdadeiros cristãos, fôra comprado; e a todos proveu logo mui copiosamente de todo o necessário.

Esteve nesta serra alguns meses, emquanto se lhe foi ajuntando alguma gente; e tendo já como 500 de cavalo e oito mil de pé, vendo os portugueses que com esta se podia já dar batalha aos inimigos, lhe fizeram uma fala, rogando-lhe muito lhes desse aquela gente, para com ela irem buscar os moiros e
*Fl. 341. vingarem a morte de Dom Cristóvão. Duvidou o Preste, * por lhe parecer pouca; porém apertando os nossos com êle, veio em o fazer, e se partiu dali a seis de Fevereiro do ano de 1543.

Eram os portugueses já então 130, em que havia alguns aleijados que o Preste dizia que ficassem; mas êles o não consentiram, senão que juntamente haviam de ir morrer com seus companheiros. Marchou com seu campo em busca do moiro, que estava alojado junto da alagoa que atravessa o rio Nilo, o qual teve logo novas da ida de Cláudio, ficando mui espantado, quando lhe disseram que havia ainda portugueses, porque cuidava que todos eram mortos. Chegou o Preste à vista do moiro; assentou seu arraial, e antes de virem às mãos, se passaram alguns dias em que houve muitas escaramuças, principalmente dos portugueses de cavalo, que eram 70, com os moiros. Finalmente vieram a romper batalha campal, seis meses depois de nossa rota. Tinha o moiro em seu campo treze mil homens de pé e de cavalo, e duzentos turcos. Os de El-Rei Cláudio não chegavam a oito mil de pé, e 500 de cavalo, em que entravam 70 dos portugueses, aos quais querendo El-Rei Cláudio dar capitão, êles lhe responderam que, pois tinham perdido seu capitão, Dom Cristóvão da Gama, não haviam de ter outro senão a êle e à bandeira da santa Misericórdia, a qual levavam arvorada, pedindo-a a Deus, pelos merecimentos da Virgem Nossa Senhora da Piedade, que nela ia pintada.

Começou a batalha em amanhecendo; e os nossos portugueses se concertaram todos de não intenderem mais, no primeiro encontro, que com os turcos que vinham deante, e com o rei moiro, onde vissem suas três bandeiras, que era a divisa de sua pessoa. Assim o fizeram, dando com tão grande ímpeto nos inimigos, que logo deixaram mortos mais de 50 turcos; e os nossos arcabuzeiros de pé se * meteram tanto pelos esquadrões inimigos em busca do rei, *Fl. 341 v.
que vendo-o andar esforçando e bradando aos seus, e com êle um seu filho mancebo, tantos tiros lhe fizeram, até que um o acertou pelos peitos, e caiu logo de bruços sôbre o arção deanteiro do cavalo; o que vendo os seus, lhe acudiram, e abatendo as bandeiras o levaram fugindo; e seu exército se começou a desbaratar e pôr em fugida, indo-lhe os nossos no alcance, matando a todos, sem perdoarem a grande nem a pequeno. E pela detença que faziam em matar, teve lugar a raínha para escapar, fugindo com 400 de cavalo que a acompanharam.

Concluíu-se a batalha com se trazer a cabeça de El-Rei moiro ao Preste, e o príncipe seu filho cativo, e ficar seu arraial em poder dos cristãos, com tudo o que nele havia, e recuperação do que na rota passada nos tinham tomado, liberdade de grande número de cativos cristãos, homens, mulheres, meninos que nele tinham, e sem morte de um só português, que foi coisa de grande admiração. E com esta vitória acabou El-Rei Cláudio de recuperar todo seu império e terras que os moiros lhe tinham tomado, e ficar senhor dêle.

Porém, porque o Autor continua por deante, exagerando esta vitória de El-Rei Cláudio, e dizendo dela coisas que nunca passaram, não podemos deixar de concluir esta matéria, com declarar a verdade de tudo o que nela passou. Diz pois o Autor assim [pág. 362]:

*Muerto el Rey, a todos los snyos se les murieron los coraçones; y viendo aquella muchedumbre de gente que descargava sobre ellos, dieron a huyr, enflaquecidos, desmayados y debilitados, asaltadas las almas y juyzios con aquel sobresalto. Pero los valientes Etiopes dieron en aquel batallon de los Moros, hiriendo y matando con la braveza y colera, qual la vengança de tales agravios pedia. Era un juyzio y asombro ver y oyr el temeroso ruydo de las trompetas y caxas, el rebramar de la arcabuzeria, el rugir de las balas, la ferocidad de los cavallos, el quebrar * de las lanças, el caer, el gritar, las bozes, los alaridos, *Fl. 342.
los suspiros, las heridas crueles, las muertes desapiadadas, los arroyos de sangre, el polvo, el humo, la confusion. Y esto es guerra? El Emperador Claudio, como animoso y valiente, vestido de una fuerte coraza hasta media pierna de piel de Elefante, con su rodela azerada, y con lança de dos hierros, puesta su visera y hielmo con una banda de carmesi, colgada de la cabeça, se metia por los esquadrones mas cerrados de los enemigos; y los tratò de arte, que no dexò alguno que no muriesse a sus manos, o no huyesse de sus manos. Murieron casi todos los Moros, dando mil gritos que hundian los cielos, llamando a su Mahoma: sino que como está en el infierno, no los oyò.*

No quedò contento con este castigo el Preste Iuan, ni satisfizo el desseo de vengança con las muertes de aquellos Moros; sino que como un rayo, y con

una braveza que salia de madre, determinò de una vez quitar tan penoso y enojoso enemigo de sobre sus espaldas: y assi entrando por el Reyno de Adel, no dexò lugar ni villa que no quemasse, y derribasse. Y fueron tantos los Moros que murieron a manos de los Christianos Etiopes, que se pudo dezir por via de encarecimiento gracioso: «Que seno infernal podia bastar a recebir tantos diablos como alla entravan»? Basta que siendo un reyno muy poblado, y de infinita gente, y tan grande, que teria trezientas leguas de circuyto, apenas quedaron vivas quatro mil personas. Derribò fortalezas, hizo otras de nuevo en los passos mas importantes; y trayendo gente de la Etiopia, para que poblasse aquel Reyno, dio los puertos a los Portugueses, con sus fortalezas, para que ellos los guardassen de los Moros de la Arabia y se pudiessen recoger las armadas de Portugal quando van y vienen de la India. Este fin tuvieron las guerras del Rey de Adel.

Isto diz o Autor por estas próprias palavras; tudo porém é uma mera ficção poética, que êle em seu entendimento traçou, ou quem quer que o informou, mas não de coisa que no mundo passasse. E para que se veja a verdade de tudo, se há de saber que El-Rei Cláudio, depois desta última batalha, a qual se deu ao longo da alagoa do rio Nilo, não entrou no reino de Adel, mas teve
* Fl. 342 v. assaz que fazer em tornar a recuperar suas terras, que os * moiros lhe tinham conquistado, e reduzir à sua obediência os povos e capitães que, ou por mêdo ou por malícia, se tinham lançado com o moiro. E nisto gastou bem de mêses. Nem depois da vitória passou dali do lugar onde a alcançou, mas ali invernou com tôda sua gente. E os moiros que escaparam com a raínha, se foram ao reino de Adel, o qual, tirando a perda de gente que morreu na batalha, que não foi a multidão que o Autor diz, pois dos treze mil homens que o moiro tinha, escaparam muitos, em todo o mais ficou tão inteiro como dantes estava; nem El-Rei Cláudio entrou por êle, nem lhe tomou, não só vilas ou cidades, mas nem um (1) palmo de terra; nem fêz fortalezas, nem entregou as marítimas aos portugueses; e o sucessor de Gradahametes, não sòmente nunca se sujeitou, nem reconheceu obediência a El-Rei Cláudio, antes foi sempre continuando na guerra contra êle, que por si ou por seus capitães lhe fazia.

E pôsto que com a ajuda que tinha dos portugueses, de ordinário os vencia, por derradeiro (permitindo-o Deus assim em castigo da sua perfídia e da rebelião tão pertinaz que teve contra a Igreja Romana, e obstinação com que resistiu ao santo Patriarca Oviedo, no negócio da redução, e dar obediência ao Papa) sucedeu que no mês de Março do ano de 1559, vindo contra êle um capitão de El-Rei de Adel, por nome Noor, e dando-lhe batalha em Quinta-Feira de Endoenças, o venceu e matou miseràvelmente, como seus pecados e heresias mereciam.

Mas correndo os tempos, e continuando-se a guerra entre El-Rei de Adel e os reis de Etiópia, que sucederam a Cláudio, aconteceu que no ano de 1577 (2) (reinando em Etiópia o Imperador Malaseguet, filho do tirano Adamás, de que
* Fl. 343. atrás se falou, e tendo em seu reino muitas guerras civis, que lhe * faziam

(1) *Nt.*: nenhum.
(2) *Nt.*: de 1557.

alguns grandes do reino, que contra êle se rebelaram, e estando o reino com isto muito perturbado e perdido) vendo esta boa ocasião Robus Mamede, rei que então era de Adel, com poderoso exército entrou por Etiópia, conquistando muitas terras, até chegar às principais e melhores do reino. O imperador Malaseguet, ainda que contra parecer de quási todos os seus, por conselho porém do capitão dos portugueses, que então era Francisco Jácome, lhe saíu ao encontro, e com a gente que pôde ajuntar dos seus naturais, e com os portugueses, que eram os em que mais confiava, se pôs à vista do moiro; e não hav do mais em meio que um rio de que uns e outros bebiam, depois de muitas escaramuças, e batalhas que com êle tiveram, finalmente o puseram em estado, que o moiro deixou o campo e quanto nêle tinha, e com os principais capitães e alguns outros que o quiseram seguir, se pôs em fugida. Mas por derradeiro, assim êle, como todos os mais, foram tomados e trazidos deante do Preste, o qual, assim ao rei como aos outros capitães principais, mandou cortar as cabeças, em que entraram três filhos do capitão Noor, que matara a El-Rei Cláudio. Tomaram-se ainda aqui no despôjo três peças de artilharia nossas, e o capacete e saia de malha de Dom Cristóvão, que os nossos grandemente estimaram.

Esta batalha e sucesso escreveram os Padres de nossa Companhia de Goa, na carta geral do ano de 78. E como foi havida no mês de Dezembro do ano precedente de 77, três meses depois da morte do santo Padre Patriarca Oviedo, se pode crer piamente que por seus merecimentos e rogos a concedeu Deus àquele pobre reino que então estava em tão miserável estado, pelos males domésticos que padecia, que só o braço de Deus lhe pudera (1) valer; e assim confessa o capitão dos * portugueses em sua relação, que foi esta vitória glo- * Fl. 343 v.
riosa, e havida mais pela mão de Deus que por fôrça humana.

E com tudo isto não deixou nem deixa de permanecer o reino de Adel, e ter contínuas guerras com o Preste-João. Mas parece que conserva Nosso Senhor aqueles poucos portugueses que há em Etiópia, que já agora são os descendentes dos primeiros que foram com Dom Cristóvão da Gama, para em semelhantes ocasiões e perigos, terem mão naquele império, ainda que scismático, para que se não acabe de perder, até que Nosso Senhor seja servido inspirar no coração de Sua Majestade mandar-lhe socorro de outros soldados portugueses, que o próprio imperador e todo o reino, e principalmente os católicos desejam e pedem contìnuamente de 60 anos a esta parte, e até êste presente, como se vê nas cartas que na relação atrás ficam referidas, que o rei e outros grandes escrevem a Sua Santidade e Majestade; aos quais Nosso Senhor queira mover os corações, para acudirem a uma emprêsa, a maior que hoje há no mundo, para aumento da Santa Igreja, conversão de tantos reinos e províncias tão grandes, salvação de tantos milhões de almas como neles há, as quais tôdas dependem só dêste remédio de Sua Majestade lhe mandar êste socorro, que para com Deus não há dúvida senão que será obra das mais meritórias que neste mundo fizer, e para o temporal e aumento de sua real corôa e glória, ainda dêste mundo, porventura a maior ocasião e emprêsa que nêle há; o que não

(1) *Nt.*: lhe poderá.

poderá fàcilmente entender quem não estiver bem nas histórias daqueles reinos e na notícia das coisas que neles há, com que esta emprêsa se pode facilitar; pois não se pedem mais para ela que quinhentos ou seiscentos soldados portu-
*Fl. 344 gueses, que jun*tos com os poucos que lá estão, bastarão, assim para remir aquele império, dos inimigos que a destroem, como para o reduzir todo à obediência da santa Igreja Romana, e ainda da real corôa de Sua Majestade.

Impresso em Lisboa, com licença da santa Inquisição,
Ordinário e Paço, por Pedro Crasbeeck.
Ano de 1611.

ÍNDICE

RELAÇÃO ANUAL

VOLUME TERCEIRO

(5.º volume da 1.ª edição)

Pág.
LICENÇAS VII
AO LEITOR VIII

LIVRO PRIMEIRO

Do que pertence à Província de Goa e suas Missões

CAPÍTULOS:
I — Da Província de Goa e do que nela se fêz 1
II — Da nova missão ao reino de Monomotapa e Moçambique 4
III — Da missão do Mogor 6
IV — Do sucesso de algumas disputas que os Padres tiveram com os moiros deante de El-Rei 9
V — Disputa que se teve sôbre a imagem de Cristo crucificado e sua Divindade . . 12
VI — Prossegue nas demonstrações que êste Rei faz no amor e afeição que tem a Cristo Nosso Senhor 15
VII — Da jornada que o Padre Manuel Pinheiro fêz de Lahor a Goa, e de Goa a Cambaia, em benefício do Estado da Índia 20
VIII — Da missão e descobrimento do Cataio, e do sucesso e fim que teve 25

Das coisas de Etiópia

IX — Do estado temporal em que ao presente está o reino e império de Etiópia . . . 31
X — De como El-Rei se houve com os Padres, e coisas da redução à Santa Igreja Romana 33
XI — De algumas coisas particulares do serviço de Deus, que se fizeram em Gorgorrá 43
XII — Do que se fêz em Fremoná 46
XIII — De alguns apertos em que os Padres por vezes se viram em Fremoná, e como Deus os livrou 51
XIV — Algumas outras coisas de edificação, que sucederam em Fremoná 57
XV — Em que se dá notícia de algumas igrejas, rios, lagoas mais notáveis de Etiópia, e dos muitos reinos em que se divide aquele grande império 61

LIVRO SEGUNDO

Da Província de Cochim

CAPÍTULOS: Pág.

I — Do Colégio de Cochim, e suas Residências 67
II — Dos Colégios de Cranganor e Coulão, Columbo, e S. Tomé, e do que se fêz em seus distritos 70
III — Da residência do reino de Pegu, e Missão do reino de Sião 77
IV — Do que se fêz nos Colégios de Malaca e Maluco 87
V — Do que se passou na Missão do Maduré 89
VI — De algumas perseguições que o demónio levantou contra o Padre e mais cristãos 99
VII — Como dois cristãos do Maduré vieram a Cochim, e foi mandado para aquela Missão o Padre Manuel Leitão 106

LIVRO TERCEIRO

Das coisas do Japão dos anos de seiscentos e seis, e seiscentos e sete [e das coisas da China]

I — Do estado geral da Companhia neste reino 115
II — Do estado em geral da Cristandade, e de algumas moléstias que em algumas partes se padeceram, e fim que tiveram 117
III — De como o Bispo de Japão, Luís Cerqueira, em trajos e forma de Bispo, foi visitar ao Cubo, senhor do Japão, e dêle como tal foi recebido e acatado . . . 120
IV — De uma comprida jornada que por bem da Cristandade que estava mui afligida, e promulgação do Evangelho que se impedia, o Superior da Companhia do Japão fêz ao Cubo e a seu filho; e daí, com a boa nova a tôda a Cristandade em vários reinos espalhada 123
V — Da jornada que o mesmo Padre Provincial fêz à cidade de Yendo a visitar o Xógum, filho do Cubo, com o mesmo intento do bem da Cristandade e promulgação do Evangelho 128
VI — Da volta que o Padre Provincial fêz a Surunga, e o que passou nela 133
VII — De como o Padre se partiu de Surunga para o Meaco 138
VIII — Da jornada que o Padre fêz de Ozaca até Nangazáqui 142
IX — Das coisas que sucederam em Nangazáqui e suas Residências 146
X — De algumas coisas particulares de edificação que em Nangazáqui e suas Residências sucederam 149
XI — De algumas missões que se fizeram de Nangazáqui a diversas partes 155
XII — Do que se fêz em Arima e nas Residências 159
XIII — De alguns casos notáveis e outras coisas de edificação que sucederam em Arima e seu distrito 165
XIV — Da Cristandade do reino de Fingo, e do processo da sua perseguição 171
XV — Do que se fêz na cidade de Facata, do reino de Chicugém, e nas terras de Aquezuque 178
XVI — Do que se fêz na cidade de Ianagava, do reino de Chicungo 181
XVII — Do que se fêz no reino de Bugém, e de Bungo 187
XVIII — Do que se fêz na cidade de Firoxima 192
XIX — Do que passou em Iamagúchi 197
XX — De algumas coisas mais, que pertencem a esta missão de Iamagúchi 206
XXI — Do que se fêz na cidade do Meaco e casa reitoral dela 211
XXII — Do que se fêz na cidade de Fuximi 221
XXIII — Do que se fêz na cidade de Vozaca, Sacai, e reinos de Fococu 225

CAPÍTULOS: Pág.

XXIV — Das coisas da China, e do que se fêz na Residência de Xaucheu e Nanchão . . 231
XXV — Do que se fêz na côrte e cidade de Nanquim 233
XXVI — Do que se fêz na cidade e côrte de Pequim 235

LIVRO QUARTO

I — Do que se fêz na costa da Guiné e Serra Leôa 239
II — Da missão que o Padre Baltasar Barreira fêz ao reino de Bena 240
III — Das coisas que o Padre fêz, tornando a Bena, e do que no caminho lhe sucedeu, e de alguns ritos destas nações 247
IV — Prossegue o Padre seu caminho, e o que nele lhe sucedeu 250
V — Do procedimento na Fé, de El-Rei Dom Filipe da Serra Leôa, e do que sucedeu às suas terras 258
VI — Do que mais fêz El-Rei Dom Filipe em seu reino, e conversões que nele houve 263
VII — Do que fazia El-Rei Dom Pedro, da Serra Leôa, para trazer os seus a receber o santo Baptismo 267
VIII — Do fruto que se fêz em alguns outros lugares da costa e terra firme de Guiné . . 277

LIVRO QUINTO

Adição à Relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Padre Frei Luís de Urreta, no Livro que imprimiu da História daquele império do Preste-João

PRÓLOGO 287
I — Do que se trata no livro àcêrca da fé dos Abexins 288
II — De algumas outras provas com que o Autor quer mostrar que os Abexins são católicos e obedientes à Igreja. Descobre-se a falência delas 297
III — Da primeira vez que os Padres de nossa Companhia entraram em Etiópia, por causa da sua redução à Igreja Romana, e o que sôbre isso lhes sucedeu com o Preste-João Cláudio, que então reinava 303
IV — Da missão em que o Padre Patriarca D. João Nunes Barreto, da Companhia de Jesus, com outros doze Padres da mesma Companhia, foram mandados pelo Papa à Etiópia, para redução daquele reino 313
V — Da entrada do Padre Bispo Dom André de Oviedo em Etiópia, e do que passou com El-Rei Cláudio Preste-João 317
VI — Da sucessão de El-Rei Adamás no Império, e do que em seu tempo daí por deante sucedeu ao Patriarca e mais Padres 325
VII — Do que sucedeu ao Padre Patriarca e seus companheiros, depois da morte de El-Rei Adamás, e do que mais passava em Etiópia neste tempo 331
VIII — De como o Papa Pio V mandou, por um Breve seu, ao Padre Patriarca, que saísse de Etiópia, e o que sôbre isso diz o Autor do livro 335
IX — Da calúnia e infâmia que, por ocasião dêste Breve, o Autor impõe aos portugueses, e doutras coisas alheias da verdade, que com ela também diz . . . 346
X — De algumas outras coisas que o Autor diz em contrário da verdade, e em que êle mesmo se contradiz 350
XI — Do que passou o Padre Patriarca, e onde morou desde o ano de 67 até que morreu 353
XII — Em que se declara a verdade em contrário de algumas coisas apócrifas que no livro se contêem 363
XIII — Do que diz àcêrca do que fêz Dom Cristóvão da Gama em Etiópia; declara-se a verdade de tudo 369

Nota final da 2.ª edição

O ano de 1927, tomou a iniciativa da reimpressão da *Relação Anual* de Fernão Guerreiro, o Ex.mo Sr. Dr. Joaquim de Carvalho, ilustre lente da Universidade de Coimbra, e director da Imprensa da mesma Universidade. Resolveu-se então que a obra se reimprimisse a expensas do Estado Português, nas oficinas da Imprensa Universitária, e que o encargo de prefaciar e dirigir a nova edição fôsse confiado ao R. P. António Antunes Vieira, membro da Companhia de Jesus, que naquela altura vivia no exílio, na cidade de Pontevedra (Galiza) e ocultava o seu nome sob o pseudónimo de *Artur Viegas* que figura na portada dos três tomos da presente edição.

Desde a primeira hora, quem escreve estas linhas foi amanuense e ajudante do R. P. Antunes Vieira nos trabalhos preparatórios, e logo na revisão das provas tipográficas. Mas esta coadjuvação durou só alguns meses.

A primeira fôlha impressa da nova edição (1) recebemo-la em Pontevedra no dia 15 de Janeiro de 1928: já lá vão mais de 14 anos.

Em Maio seguinte fomos nós para o colégio de *La Guardia,* em frente de Caminha, e só em Julho pudemos voltar a Pontevedra, para auxiliar no seu labor ao R. P. Antunes. Êste, por sua vez, passou em Setembro para o colégio de *La Guardia,* onde nós ficámos também a residir, mas sem o podermos ajudar nos seus trabalhos, por no-lo impedirem ocupações mais urgentes. A reimpressão continuava lenta; entretanto o R. P. Antunes completava o seu longo e erudito *Prefácio* à *Relação Anual;* assinava-o em Janeiro de 1929, e logo no dia primeiro de Fevereiro seguinte, vitimado por uma congestão cerebral, dava a alma a Deus, quando a reimpressão do tômo primeiro estava ainda muito longe do fim. Foi um grave percalço para a emprêsa começada.

(1) As fôlhas, desde o princípio, eram de 8 páginas; depois da fôlha 24 do III tômo, começaram a ser de 16 páginas.

Coube então ao R. P. Alexandre Coutinho Castelo(1), residente no mesmo colégio, a incumbência de levar a bom têrmo a impressão do tômo I, que saíu à luz em 1930.

O tômo II foi impresso sob a direcção do R. P. António Pinto de Carvalho, professor no mesmo estabelecimento de ensino, e veio à luz pública em 1931.

Da impressão do tômo III, que principiou em 1932, encarregou-se o R. P. António Júlio Gomes, então residente em Caminha, e hoje secretário do *Mensageiro do Coração de Jesus*. O R. P. Gomes passou pouco depois para Braga, e até 1933 continuou o seu trabalho até à fôlha 24 *inclusivè*.

Foi então que sobreveio o maior percalço à *Relação Anual*. Naquele ano acabou a Imprensa da Universidade de Coimbra, suspendendo-se tôdas as obras que lá se estavam a imprimir. O original da *Relação Anual* já preparado para a imprensa, foi para Lisboa, com todo o recheio da Imprensa Universitária.

Desde o ano de 1933 até ao ano de 1939 ninguém soube dar conta da *Relação Anual*, nem se pôde saber se era possível continuar a sua reimpressão. Por fim o R. P. Gomes, descoroçoado, delegou em nós o encargo de levar isso a efeito, se fôsse possível.

Em Fevereiro de 1939 dirigimo-nos pessoalmente à Imprensa Nacional de Lisboa, onde falámos repetidas vezes com o pessoal directivo, conseguindo-se felizmente que aparecesse o original da *Relação Anual*.

Oferecemos então os nossos serviços para se continuar e levar a cabo a reimpressão de obra tão importante; mas respondeu-se-nos que não podia ser, sem ordem expressa do Sr. Ministro do Interior, e que a administração da Imprensa Nacional não podia tomar a iniciativa de solicitar o despacho do Sr. Ministro.

Em vista desta declaração, tomámos nós a iniciativa; recorremos ao Sr. Ministro, e passado pouco tempo, veio o despacho favorável.

No dia 24 de Setembro de 1939 recomeçava a impressão da *Relação Anual*. Sobrevierem, porém, pouco depois, as festas centenárias, e a Imprensa Nacional viu-se obrigada a imprimir obras mais urgentes.

Por tôdas estas causas é que o terceiro e último tômo da *Relação Anual*, começado em 1932, só agora em 1942 sai à luz da publicidade.

Duas palavras sôbre o *Índice Alfabético*. Entrava no plano do R. P. Antunes publicar no fim do III tômo um índice alfabético ou ideológico de tôda a obra; e por isso tratámos de o confeccionar o melhor possível.

(1) Faleceu a 25 de Janeiro de 1937 no Colégio das Caldas da Saúde (Santo Tirso).

Surgiu, porém, uma grave dificuldade. Embora esta 2.ª edição tenha ganhado muito com a actualização da ortografia, desaparecendo a incrível e desconcertante anarquia da edição primitiva, contudo, a-pesar da boa vontade de todos, verifica-se por exemplo que os nomes próprios e palavras exóticas do Japão, da China e de tantas outras regiões do Mundo em que trabalhavam os Jesuítas de Portugal, vêem grafados, não de uma só maneira, como era bem, mas de modos tão diversos, que não sabe a gente muitas vezes, se representam uma só, ou se muitas pessoas ou coisas diferentes.

Que fazer neste enleio? Nós julgámos do nosso dever, seguir êste partido, para utilidade dos leitores. Depois de verificarmos pacientemente que duas ou mais grafias eram apenas variantes do mesmo nome, registámos no *Índice Alfabético* aquela que nos pareceu mais razoável, e logo a seguir, em parêntese, arquivámos tôdas as outras grafias boas ou más.

Sucede porém que algumas dessas variantes são simplesmente *erros* que se devem expungir, por serem apenas deslizes de copistas, de tipógrafos, e de revisores. Nestes casos, menos freqüentes, seguimos a regra seguinte. A grafia errada vai em parêntese, como as outras variantes, a título de inventário; mas, em seu lugar competente, entra também no índice alfabético, acrescentando-se apenas que *é êrro*, e remetendo para a grafia legítima. Dêste modo o leitor fica livre de cuidados e pesquizas enfadonhas.

Em todo o caso não nos atrevemos a afirmar que fiquem solucionadas tôdas as dúvidas que possam surgir. Pode muito bem suceder, mais de uma vez, que o leitor curioso, com êste índice na mão, aproxime dois ou mais nomes que nós damos por diversos, e verifique afinal que são apenas variantes de um só e mesmo nome. Ainda bem, se o caso se verificar, pois nisso nós nada perdemos, e em compensação ganhará a verdade histórica.

Colégio das Caldas da Saúde (Minho), 6 de Maio de 1942.

Júlio de Morais S. J.

Correspondência entre a 1.ª e 2.ª edição

A segunda edição consta de três tomos:

Tômo I —abrange o 1.º e o 2.º da 1.ª edição.

Tômo II —abrange o 3.º e o 4.º da 1.ª edição.

Tômo III—corresponde ao 5.º da 1.ª edição.

Índice Alfabético

Abacamete, região de Etiópia, III, 343.

Abagamedri (Abagadamedri) na Etiópia, III, 32, 48, 62, 65 e 66.

Abamaria, frade etíope, grande letrado, amigo da Igreja de Roma, III, 38.

Abba Guarima (Abagarimá), igreja e mosteiro de Etiópia, III, 62 e 303; o Bispo André de Oviedo desterrado para junto de, 331.

Abdula Isac, ou Jesus, entre os moiros do Mogor, III, 26.

Abdulá Xhá, governador dos reinos do Tamerlão, no Mogor, II, 359.

Abduxão, rei de Husbec, na Ásia central, I, 303. Cf. *Usber*.

Abetocon Joannes, Acenafe Sagued, senhor de Tigré e de Abacamete, na Etiópia, amigo dos portugueses, III, 343.

Abexim ou **Abissínia**, I, 310. Ver *Etiópia*.

Abexins, os naturais da Abissínia; erros dos, I, 352 e 356; III, 287 sgs., e 332. Ver *Etiópia*.

Abibe, frade etíope, do mosteiro de *Baganá*, II, 180.

Abibiá. província de Etiópia, II, 401.

Abissínia ou **Etiópia**, Jesuítas na, I, pp. VI e VIII. Ver *Etiópia*.

Abmadabat, capital de Cambaia, no Mogor, II, 378.

Abraão, Padre. Ver *Georgis*.

Acaricamon, é êrro. Ver *Acaxicamão*.

Acaxicamão (Acaxicamon, Acaricamon, Acaxicamandono), D. João, japonês, cunhado do rei de Bijém, Bijeno Chunugandono; grande cristão, I, 67-68, 116 e 117; na guerra contra o usurpador Daifuçama; vencido, desterrado, 155-156; faz exercícios espirituais, quere fazer-se Jesuíta, 183-184; depõe num processo de martírio, II, 269.—I, 205 e 224.

Acçumo (Acaxumo, Axum), igreja e mosteiro de Etiópia, fundado pela rainha Candace, III, 62 e 362.

Achém, reino da ilha Samatra, I, 49, 276 e 295.

Achequi, japonês, capitão de Nobunanga; revolta-se, morre, I, 57 sgs., e 62.

Adamás ou **Mena**, rei de Etiópia, sucessor de Cláudio; perseguidor, derrotado pelos turcos, morre, I, 356; III, 325-327; crueldades contra o Bispo Oviedo e católicos, 328-330; um filho de, rei de Etiópia, 353; fantasias de *Urreta* àcerca de, 330.—III, 331, 334 e 348.

Adão, montes de, na Arábia, I, 364.

Ádem, pôrto de, na Arábia, III, 23.

Adel, rei de, na Etiópia sul, III, 65, 362, 369 e 370.

Admocon, ministro abaixo do vice-rei, na Etiópia; persegue os Padres e os cristãos, III, 53-55, 59 e 60; repreendido e prêso, 56; desterrado, arrepende-se, 57.

Adultério de Frangues, livro dos herejes de Alexandria contra os católicos, III, 306.

Afonseca, P. Jorge. Ver *Fonseca*.

África, Jesuítas na, I, pp. VIII e X.

Agá, província de Etiópia, III, 66.

Agá, Rezoão, turco, criado do baxá de Suaquém (na Etiópia); em Dio, leva o P. Pero Pais à Etiópia, I, 362-365; morre, 366.

Agaos, cristãos brancos da Etiópia, III, 32.

Agapito, Santo, igreja de, na Etiópia, III, 62.

Agiscoa, colaço do rei Aquebar (Mogor); capitão e chanceler do mesmo, I, 298, 299 e 302; castigado pelo novo rei, reconciliado, II, 379.

Agnus-Dei, relicário, virtude do, contra o demónio, III, 211 e 221; contra o fogo, 227.

Agostinho, Dom, Teuno Cami (Teunocami) (Conixi, Tucnono, Camidono Agostinho); grande cristão japonês, capitão general de Taicoçama, na guerra da Coreia (Corai), I, 63; amor de, à Igreja, 71, 72, 92 e 114-116; havia mais de cem mil cristãos nas terras de, 136; lealdade de; entra na guerra contra o usurpador Daifuçama, 124, 129-133, 136-140, 143 e 144; vencido, prisioneiro, decapitado, sepultado; insigne bemfeitor da Companhia

de Jesus, sufrágios em tôda a Companhia, carta de, 146-154; exéquias de, 224 e 225.— I, 68, 69, 71, 72, 78, 79, 92, 94, 96, 100, 114, 115, 129, 131, 133, 136-138, 140, 143, 144, 160, 162, 171, 174, 177, 186, 193, 196, 204 e 214; II, 50 e 246.

Agra, cidade e segunda côrte do reino do Mogor, I, pp. VIII, 296, 299, 303, 307-309, 311, 371 e 372; residência de, igreja de, à europeia, II, 358, 361, 367, 369 e 370; conversões em, 374 sgs.; endoenças e procissão de penitência em, 377, III, 20; os Jesuítas de, disputam com os moiros durante um mês, III, 8-14; disputam com o rei sôbre a castidade, 17-18; paços reais de, ornados de muitas pinturas sagradas, 15-16; B. de Góis em, 25.

Águeda, japonesa cristã, espôsa de Faitô Henrique, II, 63.

Aguós, gentios da Etiópia, II, 403.

Ahchanam, ou beata de Meca, irmã do rei de Cascar (Ásia central), III, 25 e 26.

Aicha, lagoa de Etiópia, III, 63.

Aier ou Padre, no Maduré (Índia), III, 102.

Alá e o seu profeta Mafoma, na Guiné, III, 245.

Alahabec, terra do Mogor, I, 307.

Alazarat (Mazarat) **Icam** ou Senhor Jesus, no Mogor, II, 372.

Albergaria, Sebastião Soares de, na batalha naval contra os holandeses em Malaca, rende-se o galeão de, II, 315.

Alberto, cristão do Maduré, instruído e baptizado pelo P. Nóbili, II, 329-331; zêlo de, III, 92-93 e 109.

Albuquerque, Afonso de, retrato de, oferecido pelos Jesuítas ao rei do Mogor, I, 297; manda descobrir as Molucas, II, 303.

Albuquerque, Matias de, vice-rei da Índia, despede-se dos missionários que vão para a Etiópia, scena patética, I, 358.

Alcorão, a bíblia de Mafoma, doutrina do, II, 113.

Ale, pôrto de, reino de, na Guiné, I, 403; o Visitador do Bispado de Cabo Verde, no pôrto de; o P. *Barreira* faz doutrina e procissão solene em, III, 278-279.

Aleixo Naique, zeloso cristão do Maduré, III, 92 e 93; renuncia às coisas do mundo, 98-99, 104 e 108.

Aleixo, P. Paulo, parte de Goa para o Monomotapa, em Moçambique, III, 5.

Aleluia, convento da, na Etiópia, III, 300 e 302.

Alepo, naturalidade do P. Abraão de *Georgis*, mártir, I, 359.

Alexandre III, rei de Etiópia, é fábula de *Urreta*, III, 350-354 e 361.

Alexandre VI e as conquistas de Portugal, direitos de Portugal sôbre as Molucas, II, 304. Ver *Maluco*.

Alexandria, cidade de, I, 293; Patriarca de, hereje, mentor dos cristãos da Etiópia, III, 288, 303 e 307-310.

Alfândega de Dio. Ver *Dio*.

Alianças, rio das, na Serra Leôa, I, 408.

Almas, cristãos, à conta dos Jesuítas no Oriente, I, 3.

Almeida, Irmão Luís de (depois Padre), cirurgião, no Japão, I, p. XVII; generoso, esmoler, XVIII e XXX.

Almeida, P. Manuel de, parte para a Missão de Cabo Verde, Superior, morre cêdo, II, 415.

Álvares, P. Francisco, presbítero secular, companheiro do embaixador D. Rodrigo de Lima, vive seis anos na Etiópia, escreve a história da embaixada, III, 302.

Álvares, P. João, Assistente de Portugal em Roma, manda ao rei do Mogor um precioso quadro dos Reis Magos, III, 16.

Álvares (Alvres), P. Manuel, parte para Cabo Verde, vai para a Guiné, companheiro do P. B. Barreira, trabalhos e fruto maravilhoso, II, 415 sgs.; III, 248; na Serra Leôa, 252-253, 260 e 261; no reino de D. Pedro e noutros reinos da Serra Leôa, 264-266, 269 e 273-276.

Álvares-Pereira, D. Nuno, leva dois Jesuítas na armada do Vizo-Rei para Malaca, II, 316.

Álvares, Irmão Vicente, glorioso martírio de, perto de Dabul, ao norte de Goa, em um navio de Moiros, II, 349-350.

Amacusa, ilhas de (Japão); residência de, colégio de, imprensa de, I, pp. XXV, 62 e 92; cristandade de, quarenta e cinco igrejas, 95; II, 18 sgs.—I, 130, 136, 162, 170, 176 e 192; II, 236; III, 171.

Amacusadono, D. João, japonês, cristão valente, I, 159 e 224.

Amador, canarim, correio dos Padres de Etiópia, III, 332 e 333.

Amador Calistri, cristão do Maduré, III, 94-95.

Amanguche ou **Amangúchi.** Ver *Iamangúchi*.

Amar, Soldão, rei moiro de Einão (Arábia), I, 357.

Amará, reino de Etiópia, III, 32, 39, 61 e 65.

Amará, a língua mais política da Etiópia; cartilha da Doutrina Cristã, composta pelo P. Pero Pais na língua, II, 65.

Amará, monte de Etiópia, fábulas de *Urreta* sôbre o monte, III, 290 e 361-362.

Amaral, P. Gomes de, mártir na ilha de Java, indo para as Molucas, I, 268.

Amaro, Santo, vila de. Ver *Santo Amaro*.

Ambóino, ilha das Molucas, residência de, I, pp. XI, 49 e 50; tristezas e desgraças, 266 sgs., 270 e 271; fruto em, 273-274 e 277; armada portuguesa em, guerra em, 278-283; os holandeses conquistam a ilha de, delicados ao princípio com os vencidos; dois Padres e vários cristãos presos, desterrados, vão para Manila, II, 127-128; um Padre vai animar a cristandade de, 311.

Amida, deus do Japão, I, 227 e 229; bonzo, filho de, desmascarado por um Irmão Jesuíta, III, 135-137.—II, 247; III, 208, 214, 215, 223 e 227.

Amor filial de um cristão japonês, I, 83.

Amoucos, que se votam à morte, na Índia, I, 28 e 29.

Ana, cristã chinesa, avó de Jorge, mandarim em Xancheu, II, 122.

Ana, espôsa de Paulo, cativo coreano, no Japão, III, 156.

Ana, cristã de Travancor, curada por S. Fr. de Xavier, III, 72.

Ana, Santa, baixos de. Ver *Santa Ana*.

Anahel, homem principal de Etiópia, morre às mãos do imperador Atanás Sagued, II, 405.

Anchieta, coisinhas do P. José de, conservadas milagrosamente, II, 421.

Ancocugi (Ancosugi, Ancolugi), bonzo japonês, inimigo dos Padres, mentor de Moridono, I, 101 e 102; condenado à morte, 148-149; II, 50.

Ancolugi, é êrro. Ver *Ancocugi*.

Andrade, P. António de, descobridor do Tibet, I, p. VIII.

André, cristão chinês de Macau, feito prègador, II, 93.

André, juiz da costa de Travancor, curado por S. Fr. de Xavier, III, 72.

André, mane principal da Serra Leôa, baptiza-se, III, 266.

André, Padre, Bucério. Ver *Bucério*.

André, Bartolomeu, português, na Serra Leôa, II, 202 e 206-208; escreve das riquezas e clima da terra, carta de, ao rei de Portugal, 209-212; P. B. Barreira e, 210-211.

André, Dom Frei, Franciscano, Bispo de Cochim, pede Jesuítas para Ceilão, I, 325-326.

André, Cuiamam, cristão japonês, em Xibúqui, II, 56.

André, P. João, no Pegu, I, 47-49.

André, Santo, residência de. Ver *Santo André*.

Andrevarão, lugar de Travancor (Índia sul), I, 234.

Anga, pôrto de Bengala, é êrro. Ver *Dianga*.

Angamale (Agamele), cidade do Malabar, I, 28; Bispo de, 339; concílio diocesano de, 343.—I, 371; II, 335 e 336.

Ângeles, água de, II, 144.

Ângelis, P. Francisco António de, parte de Goa para a Etiópia, carta de Dio, II, 175 sgs.; na Etiópia, III, 293.

Angigá, província de Etiópia, II, 401.

Angil ou **Evangelho**, no Cataio, II, 386.

Angoi, rei de, em Angola, II, 414.

Angola, Jesuítas em, I, p. VIII; escravos de, no Brasil, 379; o rei de, quere paz com os portugueses, 398; das coisas de, 395-398; II, 413-415; viagem para a missão de, trabalhos sem conto de três Jesuítas, carta de, 191-198; queixas contra as autoridades militares de, 195 e 198.

Angote (Angoté), reino de Etiópia, III, 63 e 65.

Anjá, senhor grande de Chatigão (Bengala), I, 288.

Anjo da Guarda, devoção ao (no Japão), I, 85 e 92.

Ano-Novo, no Japão, muda-se em festa cristã, I, 93.

Antas, capitão Luís de, prisioneiro do Mogor, libertado pelos Jesuítas, com outros muitos cativos, II, 363.

António, cristão zeloso em Riosógi (Japão), I, 112.

António, cristão japonês, governador de Nangazáqui (Japão), II, 78.

António, Frei, Capucho, irmão do P. João da Costa, Jesuíta, em Dio, II, 177.

António, Irmão, em Iamangúchi (Japão), I, 136 e 207.

António (Santo), igreja de. Ver *Santo António*.

Antunes-Vieira, P. António (*Artur Viegas*), falece no Colégio de La Guardia (Galiza), I, p. XLI.

Anunciada, Confraria da (Congregação Mariana), em Goa, II, 351; em Arima (Japão), III, 159.

Anziques, rei dos (Angola), II, 414.

Anzuquiama, cidade japonesa, I, pp. XXVI, XXIX, XXX e 58.

Apiapetangas (Apiapitangas), índios bravos da capitania do Espírito Santo (Brasil), I, 387 e 388.

Apolona, lugar do Estado de Goa, III, 2.

Apóstolo das Gentes (S. Paulo), lema do, I, p. IX.

Aquebar (Equebar) ou **Rei-Grande**, rei do Mogor ou Grão-Mogor. Ver *Mogor*.

Aquerá, província de Etiópia, II, 409.

Aqui, reino de Japão, III, 142 e 193.

Aquita, cidade japonesa, do reino de Deva, II, 226 e 227.

Aquizzúqui (Aquizuque), cidade japonesa, no reino de Chicujém, terras de, senhorio de

Sogemandono Miguel, I, 204 e 206; coisas da residência de, II, 59 sgs., e 277; III, 144 e 181.
Arábia e Dio, comércio de, II, 389; os reis da, socorrem o rei de Adel contra os portugueses da Etiópia, III, 372.
Arábio (língua árabe); Evangelho em, mostrado pelos Jesuítas ao rei do Mogor, II, 376.
Araújo, ourives português, descobre prata na Serra Leôa, e vende-a, II, 211.
Arbó, província de Etiópia, III, 66.
Arco-Grande, índio amigo, da capitania do Espírito Santo (Brasil), I, 388.
Areal ou **Deserto**, entre a China e a Pérsia, II, 110.
Ária Perumal, gentio tirano da Costa da Pescaria, defesa dos cristãos contra, I, 36 e 37.
Arie, residência de, no reino de Arima (Japão), I, 87.
Arim, província de Etiópia, III, 66.
Arima, reino e cidade de Japão; príncipe cristão de, II, 9; cristandade de, I, 87-92, 190-193; II, 233-243; III, 159-171; casa reitoral e residências de, I, 87; III, 159; colégio e seminário de mais de cem alunos, I, 190; II, 234; mulher cristã de, vai ao inferno e conta o que viu, III, 165-166; almas do outro mundo em, dois casos famosos, II, 237-241; III, 166-167; Bispo do Japão em, crisma dezassete mil pessoas, III, 160; missão de, a Satçuma, III, 169.—I, 61, 67, 68, 82, 86, 130, 143, 159, 173, 174, 194, 199, 201, 202 e 228; II, 250 e 256; III, 146, 172, 174-176 e 178.
Arimagão, terra e pôrto do reino de Bisnagá (Índia oriental), III, 77.
Arimandono (senhor de Arima), Dom João. Ver *João*.
Arimandono (senhor de Arima), Dom Protásio. Ver *Protásio*.
Ario, reino de Etiópia, III, 65.
Aris, província de Etiópia, III, 66.
Arménio, cristão, valente e heróico, perante a morte, pela fé católica, no Mogor, III, 19.
Arquico, pôrto de Etiópia, III, 342.
Arracão (Aracão), cidade, rei e reino de, ou dos mogos (Bengala); o rei de, é amigo dos portugueses e dos Padres, I, 44-47; torna-se inimigo dos portugueses; guerras, 286-293; II, 133, 134, 137, 139, 140 e 318; mata a Marcos de Brito e a outros portugueses, e cativa milhares de pessoas, 319; batalhas ferozes do rei de, contra os portugueses, III, 77-84.
Arriatos, certos negros da Guiné, I, 404.
Arte da Lingoa do Japam, I, pp. XXII e XXV.
Arte breve da Lingoa Japoa, I, pp. XXII e XXVI.
Ásia, Jesuítas na, I, pp. VIII e X.
Asmeche Isache Barnegais, III, 343. Ver *Barnagais*.
Asonodario, governador de Japão, I, 65 e 66.
Associação Luso-Japonesa, fundada em Tóquio, I, pp. XXXII e sgs.
Atai, chinês, amigo dos Padres, em Xaucheu, II, 122.
Ataíde, D. Estêvão de, leva Padres Jesuítas de Goa para Moçambique, III, 5.
Atalicuri (Talicuri), lugar de Travancor, I, 333.
Atanás Sagued, Savenguil (Tigindil, Tingidil, Tindigil), imperador de Etiópia, primo do imperador deposto, *Jacobo;* começa a reinar em 1603; bom e amigo dos Padres, carta de, ao P. Pero Pais, recebe-o, II, 170 sgs.; pede os livros da Justiça dos Reis de Portugal, 170; III, 366; reina treze meses, morre em guerra civil, sucede-lhe o primo *Sacinos* durante quatro meses, e depois o primo *Jacobo* antes deposto, II, 400-405 e 408-410.—III, 31, 33, 34, 50 e 352.
Atanateus Erás (Atenateus Arás) ou **Cabeça de Atanásio**, capitão etiópico, revoltado contra o imperador *Atanás Sagued*, II, 401-402; morto o imperador, combate contra Zazelazé, camarada da véspera, pede conselho ao P. Pero Pais, e mostra-se bom e amigo, 406-407 e 409; apoia a união da Etiópia com a Igreja de Roma, cartas de, ao rei de Portugal e ao Vice-Rei da Índia, III, 34 e 36-37.—II, 405; III, 38 e 56.
Atango, mosteiro de bonzos (sacerdotes gentios) do Japão, I, 230.
Atango, cami ou ídolo japonês, perto de Meaco, II, 82.
Athanesenambaxá, arrenegado, cruel, rouba os portugueses no Mar Vermelho, III, 51.
Aucàguerlé, reino de Etiópia, III, 65.
Avá (Vuá), reino de, no Pegu, I, 49, 57, 290 e 292; riquezas de, II, 317 e 318.
Ava, reino do Japão (há dois reinos com êste nome), I, 57. Ver o mapa, p. XIV.
Azevedo, P. Gaspar de, missão de, ao interior de Angola, II, 413-414; morre, 415.
Azevedo, Inácio de, índio da aldeia dos Reis Magos, na capitania do Espírito Santo (Brasil), I, 386.
Azevedo, Dom Jerónimo de, capitão-general de Ceilão, irmão do B. Inácio de Azevedo, mártir, III, 75.—I, 326; II, 149 e 344.
Azevedo, P. Luís de, entra na Etiópia, um triunfo, carta de, II, 180 e 397-400; na Etiópia, carta de, III, 293 sgs.

Azevedo, Miguel de, índio da aldeia dos Reis Magos na capitania do Espírito Santo (Brasil), I, 386.
Avexedá Pandará ou **Sumo Sacerdote** (Maduré), III, 100.

Babilónia, Bispo de, manda no Malabar, I, 343; os Bispos de, e os cristãos de S. Tomé (Malabar), II, 160.
Bacácio, baía de, em Ambóino (Molucas), I, 278.
Baçaím, casa de, I, 350; colégio de meninos catecúmenos, mãe das catecúmenas em, mártires cristãos em, 351; conversões em, III, 2.
Bachão (Baacham), ilhas de, reino de (Molucas), I, 267; rei de, perseguidor, II, 129.—II, 303 e 311.
Bachalá, rei de (Bengala), II, 133 e 134.
Baçurá (Bassorá), turcos no estreito de, oprimem os cristãos da Mesopotâmia que pedem socorro à Índia; projecto de expulsar os turcos, III, 3.
Badagá (Bagadá), certa casta da Índia, III, 110-112.
Badagás, naturais do reino de Bisnagá, II, 142.
Badur, Soldam, rei de Cambaia; em Dio, II, 387.
Bagadá, é êrro. Ver *Badagá*.
Bagas, certos negros da Guiné, I, 406.
Baganá, mosteiro da Etiópia, II, 180.
Bage, bebida inebriante, no Mogor, III, 14.
Baía, capital do Brasil; colégio da, I, 373; a cidade da, ameaçada pelos índios bravos, 377; missão trabalhosa ao sertão da, carta, 380.
Baião, António, Director do Arq. Nac. da Tôrre do Tombo, I, p. XXXVII.
Bailur, pôrto de Etiópia, I, 361.
Balane, tranqueira de, em Ceilão, I, 327.
Baleias, contra um batel de missionários (Angola), II, 197; contra outros missionários, no sul do Brasil, 421.
Balola, pôrto e povoação, na Guiné, I, 406.
Balravento. Ver *Barlavento*.
Baltasar, Dom João, etíope, inspirador de Frei Luís de *Urreta*, no livro que escreveu àcêrca de Etiópia, III, 287, 289, 297, 327, 330, 350 e 361.
Baltasar, Dom, fidalgo cristão de Firando, no Japão, I, 73.
Bambuns (bambus), órgãos de, para tocar nas igrejas do Japão, I, 92.
Banda, ilhas de, na Oceania, I, 279.
Banda Abdula, nome que tomou o Irmão Bento de Góis em Agra (Mogor) antes de partir para o Cataio, I, 312.
Bandou, onde está o Estado Geral do Japão, I, p. XVII, reinos de, 64 e 65.
Baneanes, negociantes indianos, I, 364 e 366; manhas dos, II, 390, 393 e 394; alguns fazem-se amigos dos Padres, 398.
Bangue, rio da Serra Leôa, I, 408.
Banhá, ou duque, no Pegu, I, 292.
Baptismo milagroso, no Japão, I, 119.
Baramos (Boramos), negros da Guiné, I, 405 e 406.
Baris, macacos espertos da Serra Leôa, I, 407.
Barlavento (Balravento), grupo norte das ilhas de Cabo Verde, III, 243 e 246.
Barnagais, Isac (Asmeche Isache Barnegais) ou **Rei do mar**, grande de Etiópia, governador de uma província marítima, sujeito ao Vice-Rei do Tigré; amigo dos Padres, I, 367; III, 47-48 e 50; liga-se com os turcos contra o imperador tirano Adamás, 326; amigo dos portugueses, 343.—III, 322, 323 e 331.
Baroá (Baruá), cidade de Etiópia, a principal do Estado do Barnagais; Jesuítas em, II, 399; III, 62, 322, 332, 333 e 354.
Barreira, P. Baltasar, Superior da Missão de Cabo Verde, I, 399; parte para a Guiné, 402; trabalhos apostólicos, carta de, 410-413; fruto maravilhoso na Guiné e na Serra Leôa, carta de, II, 199-112; trabalha incansàvelmente juntamente com o P. Manuel *Álvares;* carta de, III, 239-285; parte para Cabo Verde, grande recebimento na vila da Praia (Ilha de Santiago) donde escreveu a carta anterior, 282.—II, 210.
Barreto, Francisco, sai de Lisboa com uma armada para conquistar o Monomotapa (Moçambique); leva quatro Jesuítas, III, 4 e 6.
Barreto, P. João Nunes, Patriarca de Etiópia, onde não chegou a entrar, I, 356; II, 181; III, 303 e 304; vida de, 314-317; fantasias de *Urreta* àcêrca de, 313 e 316-318; morte de, 327.
Barreto, P. Melchior Nunes, irmão do Patriarca D. João Nunes Barreto, III, 314.
Barriga, cortar a, castigo imposto no Japão só a gente nobre, suicídio legal, como se pratica, II, 264.
Barros, Irmão António de, trabalhos na viagem para Angola, II, 191-198.
Barros, P. Manuel de, missionário de Cabo Verde, I, 399 e 410; morre, II, 199.
Bartolomeu, Dom, rei de Omura, no Japão, I, 75, 76 e 86.
Bartolomeu, menino de nove anos, filho de D. Miguel (Serra Leôa), III, 274.
Bartolomeu Souga, Dom, Irmão do rei D. Felipe, da Serra Leôa; baptismo de, III, 264-265.
Basília, terras de Chocória (Bengala), III, 78.

Batio, homem baixo da Etiópia, que diziam ser o pai do imperador *Jacobo*, deposto e desterrado, II, 166.
Batochina, ilha de (Molucas); cristandade de, I, 267.
Bato China do Celebe, ilha de (Celebes), II, 311.
Bathochina do Moro ou **ilha do Moro** nas Molucas, II, 303.
Bavária (Baviera), duque de, traduz em alemão as notícias das Missões dos Jesuítas, I, p. XXXVIII.
Baylu Georges, médico etíope, favorecido pela intervenção milagrosa do Patriarca Oviedo, II, 187.
Bembar, região do Maduré, I, 33-35 e 323; III, 96.
Belalá ou **Mestre**, no Maduré, III, 93.
Belchior, Dom, Talete, rei de Ito (Ambóino), I, 281.
Bemnau e **Nau** (Ambóino), dois outeiros sobrepostos, I, 279-280.
Bena, rei de, na Serra Leôa, senhor de muitos outros reis, pede o baptismo, II, 207; III, 240 sgs.; o filho de, baptiza-se, 240 e 269.
Bené, reino de (Serra Leôa), II, 210.
Bengo (Bungo), rei de (Angola), II, 414.
Bengala, reinos de, missão e residências de, I, 42-44, 285-289 e 370; II, 132-137; Bengala conquistada pelo rei *Aquebar* (Mogor), 366; guerras dos portugueses em, III, 77 sgs.
Bento, irmão de Dom Agostinho; nomeado governador do Sacai (Japão), I, 63 e 115.
Bento, japonês, cristão de Iamangúchi, encontra a cabeça do mártir Damião, II, 269.
Berbexins (Berbecins), raça de pretos da Guiné, I, 402 e 403, III, 363.
Bergamó, província de Etiópia, III, 66.
Berinjão, terra no reino de Travancor, I, 30.
Bermen, deus do Malabar, I, 341.
Bernardo, Dom, rei do Congo, III, 255.
Berpetibla, terra na costa sul do Brasil, II, 422.
Besegui, rei de, na Guiné, II, 417.
Beseguiche, pôrto de, feitoria e fortaleza dos estranjeiros na Serra Leôa, II, 211.
Besse, amigo do rei D. Pedro da Serra Leôa, e futuro sucessor do reino de Fatema, baptiza-se, recebendo o nome de D. Manuel, III, 276-277.
Beto ou **Cabeça do povo**, no Japão, II, 47.
Betra Abagarimá, igreja de Etiópia, III, 62. Cf. *Abba Guarima*.
Beva, reino da Serra Leôa, II, 212.
Bexerim, sacerdote, caciz ou feiticeiro entre os negros da Guiné, I, 403; III, 243; um famoso, que perverte o rei de Farma (Serra Leôa) e morre de repente, 263-264.
Bexerim-mor, equivalente a bispo, entre os pretos da Guiné, III, 224.
Beziguche, pôrto do reino dos Jalofos (Guiné), I, 402.
Biafar (Biafara, Biafares, Beafares, Biafadas), raça de negros da Guiné, I, 406 e 413: II, 417; III, 363 e 368.
Biangá, rei de, em Angola, II, 414.
Bíblia Régia, com letras hebraicas, em Pequim, II, 292.
Biconi ou **freira**, entre os indígenas do Japão, II, 69.
Biguba (Biguga, Bigubá), pôrto e povoação da Guiné, I, 406, 410 e 412; II, 199; rei de, 417.
Biguga, é êrro. Ver *Biguba*.
Bijagós, negros belicosos, naturais das ilhas do mesmo nome, na Guiné, I, 406; ilhas de, fertilidade e riqueza de, II, 417.
Bijém, reino de Japão, perto de Meaco, cristandade de, I, 116; perdas, tristezas, 134, 159 e 205; III, 192. Cf. *Bugém*.
Bijendono, cristão japonês, filho de *Fucuximandono*, I, 119.
Bijeno Chunugandono (Chunogandono, Canogodono), rei gentio japonês, senhor do reino de Bijém e de outros, amigo dos cristãos, seguiu o partido contrário a Daifuçama, e foi para o destêrro, I, 62, 65, 116, 155, 159 e 183; III, 214.
Bilibanos. Ver *Plurimanos*.
Bingo, reino de Japão, III, 192 e 193. Cf. *Bungo*.
Bisna, deus do Malabar, I, 341.
Bisnagá (Índia oriental), reino de, o rei de, e os Jesuítas, I, p. XI; da missão do reino de, e sua residência, 40-42 e 315-324; II, 141-146 e 321-333; embaixada do rei de, a Goa; Goa retribui, I, 315-316; o rei de, muito amigo dos Padres, que o obsequeiam quanto podem, 322; amigo dos Padres e dos portugueses, carta do, ao rei de Portugal, III, 76.
Bissau, pôrto da Guiné, I, 410; II, 415.
Bizá, igreja de Etiópia, III, 62.
Boa, reino de Etiópia, III, 65.
Boa-Esperança, cabo da, III, 363.
Bobadilha, Padre, firma de, I, 313.
Boémia, uma conta de (objecto de devoção), no Japão, II, 42.
Bonzos, sacerdotes dos ídolos; no Japão, convertidos, I, 97, 99 e 102; feitos prègadores da fé, 116; na China, têem grossas rendas, II, 125.
Boo, ilha de (Celebes), na Oceania, II, 311.
Borá, província de Etiópia, III, 66.

Borno, reino de, confinante com a Etiópia, III, 368.
Bornéu, ilha da Oceania, I, 279.
Botelhana ou **igreja**, no reino de Tabete (Ásia central), II, 386.
Botelho, Diogo, governador, e os Jesuítas, em Pernambuco, I, 377; II, 425.
Boulões, rei dos (Serra Leôa), é o grande *Fatema*, III, 251.
Boves, P. André, em Chatigão (Bengala), preso, I, 288 e 289.
Bramá, divindade do Maduré, III, 97.
Bramá, Vesmu, Rubren, trindade indiana, III, 100.
Bramau ou **raio**, na Índia, II, 328.
Brâmane, indivíduo de casta sacerdotal (Índia), II, 394; um brâmane amigo do dinheiro (Maduré), III, 104.
Brasil, missões no, I, pp. V e X; coisas do, Província do, casas, pessoal, trabalhos, 373-375, 382-386 e 388-389; influência benéfica dos Jesuítas no, 375-378; fruto entre as diversas classes de gente do, 379; missões ao sertão do, carta de um missionário, 380-382; amansam-se e pacificam-se várias regiões de índios bravos do, 389-395; novas missões no, II, 419 sgs.
Brancos, cobiça dos, nas Missões de além-mar, I, 374-375; estorvos dos, nas missões do Brasil, à cata de escravos índios no Brasil, crueldades dos, II, 423-424.
Breampur (Briampur), reino e cidade (Bengala), rende-se ao rei do Mogor, I, 6-8, 296 e 304.
Brei, pôrto de (no rio Zaire), II, 414.
Brito, capitão António de, começa a fortaleza de *Ternate* (Molucas); obediência voluntária do rei da terra a, II, 304.
Brito, P. Estevão de, missões de, no Malabar, II, 339.
Brito, Filipe de Brito Nicote (Nicode), português, general do reino do Pegu, ao serviço do rei de Arracão; senhor de Pegu, I, 290 e 291; vitória de, contra um banhá ou duque, 292; vai com uma embaixada a Goa, para entregar a Portugal o reino de Pegu, 293; planos de, no Pegu, II, 137; em Goa pede Padres, 138; é atacado pelos mogos de Arracão; vitorioso, prende ao príncipe e ao capitão-general inimigo, 139-141; entrega seu filho em refém, e matam-lho, 318-319; batalhas e valentias de, III, 77-84.
Brito, Fernão de Mesquita de, governador de Cabo Verde, I, 399.
Brito, Marcos de, filho de Filipe de Brito Nicote, é morto à traição pelo rei de Arracão, II, 319; III, 77-78.
Brito, Irmão Mateus de, nas Molucas, I, 270; II, 131.
Broçal, reino da Guiné, I, 403.
Broek, região de Holanda, I, p. XXVIII.
Bucério, P. André, faz grande cristandade na costa de Travancor (sul da Índia); cartas de, I, 328-335; II, 150 e 151.
Buchi, reino de Japão, I, 62.
Buda (Budapest); moço de, cativo no Mogor, liberto pelos Jesuítas, I, 305.
Budismo, religião de Buda, dominante na China e Japão, I, p. XIV.
Bugém, reino de Japão, longe de Meaco; residência de, coisas de, I, 103-105 e 210-214; II, 278-279; III, 187-189; exéquias por alma de D. Grácia, carta, I, 216.—I, 63, 67-69, 129, 130, 155, 224 e 229. Cf. *Bijém*.
Bugendono (Bujendono) ou **Bugenocami Comagage** (Coumagage), Belchior, fidalgo japonês, cristão, estimado de Moridono; constância heróica de, I, 208-210; II, 50-51; carta de, a Moridono, 52; martírio de, com mais cem cristãos, 260-266.—I, 207; II, 53, 55, 56 e 270; III, 197, 198, 204-206 e 208-210.
Bungo, reino de Japão, Jesuítas em, I, pp. XVI, XVII, XIX, XXI e XXVI; residência de, 107-111; cartas escritas de, 108-111; rei de, 130; cristandade de, perseguição, cristãos covardes, cristãos valentes, 193-203; coisas de, II, 57-58, 226, 227 e 279; III, 189-192.—I, 68, 103, 159, 182 e 212.
Bunhuns, negros da Guiné, I, 404.
Bupo, substância das seitas do Japão, livro dos *Fotoques*, III, 213, 216, 217, 223 e 224.
Buré, reino de, na Serra Leôa, sujeito ao rei Fatema, II, 201.
Buru, ilha de (Ambóino), nas Molucas, I, 279.
Bushido, doutrinas dos japoneses, I, pp. XXI e XXIX.
Butebum, rio da Serra Leôa, I, 408.
Buto, ilha de (Celebes), II, 311.

Cabanave, lugar a treze léguas de Cangoxima, no Japão, II, 241.
Cabo-Lêdo, na costa da Malagueta, àlém da Serra Leôa, III, 259.
Cabo Verde, ilhas de, com seus nomes, I, 401; coisas de, 399-413; muita caça, 401; capitanía de, 402; missão de, ilha do *Fogo*, II, 199; notícias de, 415; III, 239; morrem cinco Padres, o P. B. Barreira trabalha em, 277.
Cabral, P. Francisco, Provincial da Província de Goa, I, 325.
Cabul, cidade do império do Mogor, I, 313; o príncipe revoltado foge para, II, 367.—II, 376; III, 7 e 25.

Caca, espécie de gôma, serve de breu, na Serra Leôa, II, 212.
Caçanares (cassanares), sacerdotes dos cristãos da Serra de S. Tomé (Malabar), II, 338.
Cacheu, povoação portuguesa e pôrto principal da Guiné, II, 199; III, 271 e 277; P. B. Barreira em, 280-281; notícias de, 282-283.
Cachil Ameat, primo do rei de Ternate (Molucas) rende-se aos portugueses, II, 310-311.
Cachoeira, aldeias da, ao norte da Baía (Brasil), I, 380.
Cachoeira, sítio ao sul da Baía (Brasil), I, 390.
Cagolins, negros da Guiné, I, 406.
Cacongo, reino de, em Angola; o rei de, pede Padres, II, 414.
Cacuzaimon, governador de *Iatçuxiro* (Japão), perseguidor, II, 23, 26-28, 30, 32, 37, 38, 46-48 e 243-259.
Cadarrai (Canderrai), rei, senhor da ilha de *Sundiva* (Bengala), I, 286; senhor das terras de *Siripur*, II, 134.
Cafates, lagoa da Etiópia, donde sai o rio Zaire, segundo a fantasia de *Urreta*, III, 364-365.
Cafleal (Cafleale, Clafea, Casleal), grande senhor de Etiópia, I, 361; vice-rei do Tigré, amigo dos Padres, nomeadamente do P. Pero Pais, ouve a doutrina, II, 165, 166 e 168; acompanha o P. Pais à côrte, grandes atenções, 171-173; III. 34 e 47-48; volta-se contra os Padres, 53 e 54; castigado pelo imperador, destituído, 57.—III, 34, 47 e 48.
Cafraria, terras dos negros de África, III, 363.
Cafre cristão, valente e heróico pela fé, no Mogor, III, 18.
Cafristão, terra da Ásia central, III, 25.
Cafuche, poderoso soba de Angola, derrotado, I, 396-398.
Cagaçais, ilhas do rio das *Pedras* (Serra Leôa), I, 407.
Caicoulão, fortaleza do rei de Travancor (Índia), I, 329 e 330; conversões em, II, 154.
Caigar, reino de (Ásia central), I, 311.
Cailor, residência de, em Ceilão, II, 344.
Caimel, lugar e igreja, em Ceilão, I, 326; III, 75.
Cainocami (Carnocami, Cainocamidono), depois *Chicujenocamidono*, japonês cristão, filho de Cambiogedono Simeão; senhor do reino de Bugém, favoreceu na guerra o partido de Daifuçama, que triunfou contra o príncipe herdeiro de Taicoçama, I, 63, 70, 103-105, 129, 130 e 147; rei de *Chicujém*, favorece os Padres, 155; nobre acção de, 156; precipitado, 205, 206 e 211; frio com os cristãos, II, 59; favorece os cristãos, manda levantar uma igreja em *Facata*, 60; come com os Padres, 277.—I, 183, 184, 202 e 204; II, 276; III, 143, 145 e 178. Ver *Chicujenocami*.
Calaoá, província de Etiópia, III, 66.
Calca, terra de homens ruivos (Ásia central), III, 25.
Caldeia (caldaica); imprensa com caracteres da língua, enviada pelo Papa aos cristãos de S. Tomé (Malabar); imprime-se o *Cerimonial Romano*, traduzido na língua, II, 160.
Calecut (Calecute), reino de, cidade de, côrte do Samorim, na Índia ocidental, I, 27; residência de, 336, 340 sgs., e 345; coisas da residência de, II, 155 e 158 sgs.; conversão de um cristão que se fizera moiro, 354-355.—I, 371 e 372; II, 334; III, 67.
Calima, profissão da lei de Mafoma, II, 372.
Calistri, Amador, cidadão nobre do Maduré, baptizado pelo P. R. *Nóbili*, III, 94.
Caloete, instrumento de suplício, semelhante à cruz, na Índia, I, 334.
Cama, lugar perto de Iamangúchi (Japão), III, 205.
Camaçura (Camarura, Comacura), antiga côrte do Japão, onde residiam os Cubos ou Xòguns; ruínas de, II, 231; III, 129 e 130.
Câmara, P. Luís Gonçalves da, em Tetuão, África do Norte, III, 314.
Camarura, é êrro. Ver *Camaçura*.
Camassono, ilhéu e ídolo da Serra Leôa, III, 269.
Cambacudono, depois *Taicoçama*, imperador do Japão, I, 59.
Cambaia ou **Guzarate**, costa de (Índia ocidental); cinco casas da Companhia de Jesus em, I, 350; cidade de, reino de, comércio de, II, 387; missão de Dio ao reino de, 393-396; costumes dos gentios de, quatro raças: *brâmene, baneanes, cateris*, e *vices*, 394.—III, 21.
Cambaia, sede episcopal instituída por S. Tomé, II, 142.
Cambalu ou **Cambaleb**, metrópole do *Cataio*, I, 310.
Cambaluc ou **Pequim**, III, 26.
Cambambe, serra de; soba de (Angola), derrotado, I, 397; II, 415.
Cambiogedono, Condera Simeão. Ver *Simeão*.
Camboja (Comboja), reino de, na Indochina, II, 318.
Camêlo, capitão João Rodrigues, conquista aos holandeses a fortaleza de Ternate com o auxílio da armada vinda de Manila para êsse fim, II, 309-310.
Cami (reinos altos) ou **Goquinai** ou **Meaco**, região do Japão, III, 124 e 210.

Cami, deus, ídolo, pagode, no Japão, I, 101; um transformado em dois ratos, III, 143.
Camis e **Fotoques**, divindades, ídolos, do Japão, homens elevados a deuses, I, 102.—I, 61, 67, 101, 158-160, 172, 206, 219, 226, 228 e 231-233; III, 185, 186, 191, 195, 207 e 208.
Camiçama (Camisama), princesa ou raínha, espôsa do Tono ou Senhor da terra (no Japão), I, 75 e 76; III, 162.
Camul, terra da Ásia central, III, 26.
Camur, terra da Ásia central, II, 385.
Canaga, rio da Guiné, I, 402; II, 211.
Cananéia, terra do sul do Brasil, II, 420.
Canazava, cidade japonesa, côrte do reino de Canga; residência de, II, 289; III, 230.
Candaçar (Candaar), rei de, no Mogor, I, 301 e 303.
Candeias, Nossa Senhora das, I, 93.
Cândia, reino de, em Ceilão, I, 325 e 327; rei de, II, 149 e 344.
Canga (Sanga), reino de, no Japão, igreja na côrte do reino de, II, 85-87 e 289; III, 230.
Cangecaçu (Cangecasu), grande de Japão, I, 65, 78, 131 e 169.
Cangoxima, côrte do rei de Satçuma (Japão), II, 16 e 241.
Canjura, é êrro. Ver *Conçura*.
Cano Fanjemon, Sancho. Ver *Sancho*.
Cano Fidandono, cristão japonês, senhor principal no tempo de Taicoçama; baptiza-se uma irmã de, III, 220.
Cano Jogoro Justino. Ver *Justino*.
Cantão, cidade da China, perto de Macau, I, p. x; os portugueses e, 371; rio de, passagem feliz, II, 121; os Padres e portugueses caluniados em, morte de um Irmão da Companhia em, II, 299 sgs.—III, 232.
Candace, raínha da Etiópia, funda a igreja e mosteiro de *Acçumo*, III, 62 e 362.
Cantó. Ver *Quantó*.
Capes, negros da Serra Leôa, I, 408 e 409; II, 211.
Capor, rio da Serra Leôa, I, 408.
Canzuca, colégio de, no Japão, I, pp. xxv e 87.
Canzugedono (Canzuge), senhor do reino de Fingo, I, 130; conquista Uto, prende os Jesuítas, 137-139, 141 e 142; estima os cristãos, 162; persegue os cristãos, 194-203 e 214; II, 23 sgs., 27-30, 35, 37, 44, 46-48 e 243 sgs.; III, 171, 176 e 177.
Canzuquedono. Ver *Conçuquedono*.
Capuchos, religiosos franciscanos, em Dio, estimam os Jesuítas, II, 176 e 177.
Car ou **bugio**, depois *Taicoçama*, imperador do Japão, I, 56.
Caracore, ilha da Serra Leôa, povoação de, III, 253, 254, 267, 268 e 270.
Caranha, espécie de goma (Serra Leôa, II, 211.
Caranjá (Bengala); portugueses de, I, 286.
Carateu, cidade, fortaleza no Ximo (Japão), I, 193; II, 19-21.
Cardim, P. Fernão, Provincial do Brasil, manda missionários aos índios Carijós, II, 419.
Cardim, P. António Francisco, escreveu os *Elogios Japoneses* (notícias dos mártires do Japão) e elaborou o *Mapa das Missões do Japão*, I, p. xv.
Cardiva, ilha de (Ceilão), residência de, II, 344 e 345.
Cardoso, Irmão (depois Padre) Gonçalo, parte para a Etiópia, trabalhos, morte, I, 355-357; informação sôbre a morte de, II, 181 e 188; morre às mãos dos ladrões, 354.—III, 327.
Cardoso, Manuel Lopes, cidadão português, faz um forte e povoação na Guiné, I, 405.
Carias, gentios de Travancor (sul da Índia), inimigos dos cristãos, II, 150.
Carijós, índios do sul do Brasil, missão aos, costumes dos, cartas, II, 419 sgs.
Carneiro, Dom Belchior (Melchior), bispo de Nicéia, coadjutor do Patriarca de Etiópia, I, 355; fica na Índia, trabalha nas serras de Trugure (Malabar), II, 339.—III, 304 e 313.
Carnocami, é êrro. Ver *Cainocami*.
Carrazu, fortaleza de, no Japão, I, 154.
Cartas do Japão, obra impressa, colecção de Cartas, I, pp. xvii, xxvi, xxvii e xxxvi.
Carturte, lugar do rio de Cochim, III, 107.
Carumi, cidade japonesa, no reino de *Chicungo*, II, 278.
Carvalho, Álvaro de, capitão-mor da Baía (Brasil), I, 377, 378, 391 e 392.
Carvalho, capitão Álvaro de, na armada do Vizo-Rei para Malaca, morre na peleja contra os holandeses, II, 316.
Carvalho, Domingos de, capitão português, toma a ilha de Sundiva (Oceano Índico), I, 286; em Siripur (Bengala), vence ao Manassingão; é ferido; vence a quatrocentos mogores, II, 134; é preso e morto à traição pelo rei de Chandecão, 135-136.
Casa-Manca, rio da Guiné, I, 404.
Casangas, negros da Guiné, costumes dos, I, 404 e 405.
Casanha, soba de Angola, II, 414.
Casa-do-Noviciado, em Goa, II, 347.
Casa-Professa, em Goa, II, 347.
Cascar, reino de (Ásia central); o rei de, recebe várias vezes ao Irmão Bento de Góis, ouve-o sôbre a Lei de Deus, II, 381-382; a

raínha de, é socorrida caridosamente por Bento de Góis, e êste é indemnizado pelo filho que o ouve atenciosamente àcêrca do Papa e da Igreja, 382-383; a irmã do rei de, III, 25.
Casleal, é êrro. Ver *Cafleal*.
Cassane ou **criado do rei**, na Guiné, III, 242.
Castanhoso, Miguel de, companheiro de D. Cristóvão da Gama, na Etiópia, escreve a história da expedição, III, 361, 362, 370 e 375.
Castel-Branco, Gonçalo Vaz de, capitão português, em Ambôino (Molucas), I, 280.
Castel-Branco, Trajano Ruiz de, capitão português, em Ambôino, I, 280.
Castela, reino de (Espanha); navios de, vão ao pôrto de Cacheu (Guiné), III, 271.
Castilho, Jorge de, náufrago, e prisioneiro no Mogor, libertado com outros muitos pelos Jesuítas, I, 306; II, 363.
Castilho, Frei Fernando de, Dominicano, fala da Etiópia, III, 301.
Castro, D. Martim Afonso de, Vizo-Rei da Índia, em Malaca, batalha naval contra os holandeses, II, 313; vão de Lisboa na armada de, doze Padres e Irmãos, 347.
Casturo Naique, senhor principal do Maduré, III, 92 e 97.
Catabira, vestido de verão, no Japão, I, 213.
Cataio (Catai), reino misterioso e cristão do Oriente, I, p. VIII; cristãos do, 296; da missão do, 310-314; fantasias antigas sôbre o, 310; notícias tiradas da carta do Irmão Bento de Góis que vai descobrir o reino do, II, 381-385; notícias de nova carta de Góis, 385-386; descobrimento do, desvenda-se o mistério, de Agra (Mogor) à China do Norte, III, 25-30.
Catânio (Catâneo), P. Lázaro, em Nanquim (China), I, 50 e 238; em Pequim, II, 292; em Macau, caluniado, presumido general para a conquista da China, 299 sgs.
Catarina, Dona, raínha de Omura (Japão); esmoler; morre, exéquias, I, 86 e 87.
Catarina, japonesa, filha de D. *Madalena*, zêlo de, I, 118.
Catarina, japonesa, aia de D. *Maxência*, I, 105.
Catarina, japonesa, espôsa de Chicugodono Luís, II, 71.
Catarina, raínha de Portugal, I, 147.
Cateris, gentios de Cambaia, gente de armas, II, 394.
Cate Sarangue, equivalente a duque (Molucas), II, 304.
Catual, governador, justiça-mor, na cidade de Lahor (Mogor), I, 14-17 e 305; II, 361.
Catur, no Malabar, igreja de, I, 336.
Cauripana (Cauripá), ilha de (Celebes), reino de, I, 267 e 311; III, 88.
Cavalo-marinho, contas de (rosário), III, 187.
Cavalos-marinhos, na Etiópia, na lagoa de Dambeá, III, 63.
Caxa, moeda de cobre, no Japão, III, 143.
Caxemir, reino de, conquistado pelo Mogor, II, 366.
Ceidmorabeva, rei da Arábia, III, 3.
Ceilão (Taprobana), ilha de, I, 277; fundação da casa de, 325-327; a parte norte de, para a missão dos Jesuítas; a parte sul para os Franciscanos, 326: revolta contra os portugueses em, trabalhos dos Jesuitas, 327; colegio de, e suas residências, II, 149 e 344-345; III, 369.
Celebes, ilhas dos (Molucas), I, 267; II, 311; III, 88.
Cerimonial Romano, em língua caldaica, no Malabar, II, 160.
Cerqueira, Dom Luís de, Jesuíta, bispo de Japão, escreve a Ximandono, governadôr do Ximo (Japão), I, 154; visita a Cuboçama, imperador do Japão, grande triunfo, III, 120-122; vai às ilhas do Gôto, 158; em Arima crisma dezassete mil cristãos, 160.—I, 68, 73, 83, 84, 92, 93, 98, 133, 160, 172, 178, 179, 190, 195, 196, 201 e 202; II, 44; III, 213.
César-Augusto, I, 93.
Céspedes, P. Gregório de, no Japão, I, 157.
Chacil Tabarija, depois D. Manuel, rei de Ternate (Molucas), nomeia para seu sucessor a El-Rei D. João III de Portugal, II, 304.
Chagas, Manuel Pinheiro, escritor, louva os Jesuítas missionários, I, pp. VI e VII.
Chale, igreja de, no Malabar, I, 340.
Chalis, cidade da Ásia central, III, 26.
Chandecão (Chandecam), reino de (Bengala); residência de, I, 42, 285 e 370; II, 133 e 134; o rei de, prende e mata à traição a Domingos de *Carvalho*, 135-136; prende os quatro Padres e todos os portugueses; os Padres confessam os presos; dois vão para o Pegu, e dois para a Índia, acabando a residência, 136-137.
Chandegri, capital do reino de Bisnagá (Índia Oriental); notícias da residência de, I, 40-42, 315-324 e 371; II, 142 e 321 sgs.; o rei é amigo, 143; presentes dos Padres ao rei e do rei aos Padres, 144; o príncipe herdeiro estima os Padres, carta, 145.
Chão, alcunha de uma família chinesa (Nanquim), II, 293.
Chapar ou **assinar**, na Índia, I, 298.
Chapas ou **provisões** a favor dos Jesuítas, na China, II, 295.

Characar, cidade da Ásia central, III, 25.
Charangia, aldeia de, em Bengala, I, 46.
Chatigão (Chatigam, Ratigão), cidade de (Bengala), pôrto de, residência de, I, 44-47 e 285-289; II, 132 e 139.
Chatua, rio do Malabar, barra do rio, os holandeses em, II, 158.
Chaúl, na Índia Ocidental, casa de, I, 3; valentia dos estudantes de, em *Chaúl de Cima*, contra os moiros, I, 350-351.
Chavarcovardim, senhor de Daraporão (Maduré), recebe carta do P. R. *Nóbili*; carta de, III, 91.
Chiansi, província da China, cuja capital é *Nanchão*, I, 256.
Chibados, grandes feiticeiros de Angola, II, 414.
Chicujém Faxiba. Ver *Faxiba*.
Chicujém, reino de Japão, cristãos de, I, 107, 111, 184, 202, 203-206 e 211; III, 228.
Chicujenocami (antes **Cainocami**), rei de *Chicujém*. Ver *Cainocami*.
Chicujendono, senhor de Chicujém. Ver *Chicujenocami*.
Chicujeno Chinagandono, rei de *Chicujém*, I, 131.
Chicugodono, Luís, cristão japonês, coluna dos cristãos de Firoxima, II, 71; III, 193-197.
Chicugodono (Chicungodono), Tanaca, senhor do reino de Chicungo (Japão); amigo dos Padres, III, 144-145 e 181 sgs.
Chicungo, reino de Japão, I, 68 e 69; residência de, 105-107, 135, 159, 184, 192 e 227; II, 59 sgs., e 277-278; III, 181 sgs.
Chiém, justiça-mor de *Nanchão* (China), III, 232.
Chifui, ouvidor geral, na China, II, 112.
Chilau, terra de Ceilão; residência de, I, 326; II, 344 e 345; III, 75.
China, império da, Jesuítas na, I, pp. VII, VIII, X e XV; medicinas dos Jesuítas para a, XVII; Vice-Província da, 2; coisas da, 50, 51, 59, 79, 131, 196 e 217; progressos, 235-266; II, 89-126; é inconquistável a, 89-90; missionários da, sustentados pelos cidadãos de Macau, 90; seis Jesuítas partem de Macau para a, 91-92; projecto de um seminário ou colégio de meninos na, 92; dezasseis Jesuítas na, 92-93; raínha, ou mulher principal do rei da; mais cinco raínhas menores; o herdeiro do trono; desordens, perturbações, 101-102; bom natural dos habitantes da, piedade filial, 104; moiros na, 109-110; seitas da, 110-113; casamentos na, 114; cristandade da, carta da, 290-302; III, 231-238.
China (Cataio), sede episcopal fundada por S. Tomé, II, 142.
China e **Cataio**, I, 310 e 370.
China, ídolo, pagode dos negros da Guiné e Serra Leôa, I, 404; II, 416; III, 253, 256, 258-259, 268, 269 e 276.
Chinchinai, ídolo chinês, I, 265.
Chingalás, os cristãos naturais de Ceilão, II, 345.
Chinguia (Japão); residência de, I, 87.
Chinquocum, mandarim de Pequim, é visitado e visita os Padres, II, 295.
Chinsúqui (terra de Japão); cristãos de, I, 111.
Chitinada (Chitinadá) **Vero**, estatuário do Maduré, baptizado pelo P. *Nóbili*, III, 94 e 95.
Chocanada, deus (ídolo, pagode), do Maduré, II, 331 e 332; III, 99, 100 e 103.
Chocória (Bengala); rei de, III, 78 e 80.
Chorão, terra perto de Goa, Jesuítas em, III, 314.
Chugoou, no Japão, é êrro. Ver *Xicocu*.
Chuiemondono, japonês, zeloso cristão, sobrinho de D. *Agostinho*, I, 96.
Chuíu, chinês, letrado, amigo dos pagodes, suicida-se, II, 100.
Chunugandono (Chinagandono), japonês, neto do imperador Nobunanga, zeloso cristão, I, 61 e 119-122; é preso, 129.—134 e 206.
Ciliapula, senhor indiano, privado do rei de Travancor, I, 330, 332 e 333. Cf. *Coriapula*.
Cinguão, deus de Ceilão, ídolo, demolido, II, 345.
Circuncisão dos etíopes scismáticos, I, 369.
Clafea. Ver *Cafleal*.
Cláudio, rei de Etiópia, filho do rei David; amigo dos herejes e scismáticos de Alexandria, I, 352, 354, 355 e 356; III, 304, 305-312, 313 e 321; recebe ao Bispo André de Oviedo, mostra-se inimigo da união com a Igreja de Roma; morte de, 321-324; recupera o império com o auxílio militar de Portugal, contra os turcos e contra o rei de Zeila, 376 e 377; ingrato e pérfido com os portugueses, morre às mãos dos moiros de Adel, 378.—III, 348, 361, 367 e 370.
Clara, menina japonesa, filha de Mónica, III, 186.
Clara, cristã coreana, no Japão, vê o Inferno e o Purgatório, III, 165-166.
Clemente VII, Papa, e a Etiópia, I, 352; III, 304.
Clero indígena, no Japão; os dois primeiros sacerdotes; cautelas e dificuldades locais em ordenar sacerdotes indígenas, I, 178; sacerdote japonês, pintor, músico, construtor de órgãos e relógios, 179: seminário, 191; P. Luís, japonês, 195; os três primeiros sacerdotes japoneses são párrocos em Nangazáqui, III, 146; seminários na Etiópia, 46-47.
Coces ou **milhas**, no Mogor, I, 313.
Cochim, cidade e reino de; colégio de; o rei de, mostra-se mau, I, 336; grande procissão

em honra de Nossa Senhora e das Onze mil Virgens, festa grandiosa do colégio de, 337-339; o Bispo de, proíbe comerciar com a Costa de Travancor, para castigo dos perseguidores da cristandade, II, 151; o colégio de, é a cabeça da Província de Cochim ou Província do Sul, 155; o rei de, é mau com os cristãos, 155; caso notável de um possesso em, 156-157; Província de, pessoal e casas, 303 e 304; colégio de, e suas residências, 334-337; o rei de, mostra-se menos esquivo com os Padres, e pede desculpa do passado, 338 e 339; cristandade de, III, 67-113; dois cristãos do Maduré em, 106-107.

Coçura (Cocura, Cocurá, Conçura, Conzura), cidade japonesa, côrte do reino de Bugém; residência de, II, 63 sgs., e 278; III, 122, 143 e 187.

Coelho, P. Gaspar, escreve do Japão, I, pp. XXVI e XXX.

Coia, mosteiro de Bonzos, no Japão, I, 134.

Coja (no Japão), que foi uma universidade principal, I, 238.

Coím, deus rato, no Japão, III, 207.

Coimbra, colégio de, em Portugal, I, p. VI; tipografia do colégio de, XXV.

Colaus, supremos conselheiros do rei da China, II, 94.

Colchete, lugar de Travancor, casos notáveis em, II, 152.

Columbo, em Ceilão, cidade e fortaleza de, I, 325; Jesuítas em, colégio de, e suas residências, 326 e 327; II, 149; III, 75.

Comorim, cabo de (sul da Índia), I, 328; II, 342; pedra na ponta do cabo de, santuário gentílico, convertido em fortaleza pelos cristãos perseguidos, 151-152.

Cômoro, ilhas do, no Oceano Índico, holandeses em, II, 348 e 349.

Companhia de Jesus, em Portugal, I, pp. VI e IX; nas missões, VII e IX-XI; no Oriente, 1-2; casas da, no Oriente, 2-5.

Compu, Conselho ou Ministério das obras do rei da China, II, 95.

Comunhão milagrosa, I, 96, 117 e 122.

Concha, reino de Etiópia, III, 65.

Concho, imperador de todos os Sousos, povos da Guiné, III, 244.

Concho, reino de, oiro de (junto da Serra Leôa), II, 210.

Conchos, terras dos, oiro dos (junto à Serra Leôa), I, 407.

Concílio Calcedonense, não recebido pela Etiópia, III, 306, 308 e 309.

Concílio Efesino, primeiro, rejeitado pelos etíopes, III, 324.

Concílio Niceno, na Etiópia, III, 309.

Conçura, côrte do reino de Bugém, é êrro. Ver *Coçura*.

Condera Cambiogedono, Simeão. Ver *Simeão*.

Confrarias, do SS. Sacramento, de N. Senhora da Anunciada e da Misericórdia, no Japão, II, 10.

Congá, no Japão, residência de, I, 83; III, 147.

Congo, Jesuítas no, I, p. VIII; reino do, III, 363; Dominicanos no, 364.

Conixi, Tucnono, Camidono Agostinho. Ver *Agostinho*.

Conquam, região do Maduré, III, 96.

Constantinopolitano, Sínodo, III, 308.

Conselho Latino, de homens europeus, na Etiópia, fantasia de *Urreta*, III, 349, 352 e 353.

Constantino, Ioximino (Jeximino), Dom, filho de D. Francisco, rei de Bungo, I, 130; apostasia de, conversão de, 160-161; desterrado para *Deva*, pede um Padre, carta dêste, 229-230; penitência e morte, II, 226-227.

Conzuque, reino do Japão, III, 134.

Conzuquedono (Consuquedono, Canzuquedono, Cozugedono), senhor japonês, o maior privado do imperador Cuboçama; amigo e defensor dos Padres, ouve a prègação, II, 79, 280 e 285; recebe um tratado da doutrina cristã, composto pelo Irmão Fabião japonês, 138-139; III, 119, 122, 123, 125-127, 134 e 138.

Conzura (Canjura), ilha de Japão, extremo sudoeste, perto de *Amacusa*; residência de, I, 92, 94, e 176; II, 21, 236 e 257. Comparar com *Coçura*, no reino de Bugém.

Conzura, côrte do reino de Bugém, é êrro. Ver *Coçura*.

Corai (Coréia), I, 59, 63, 68, 69, 79, 85, 88, 96, 103, 146 e 196.

Corangarim, tio do rei de Arracão (Bengala), I, 45.

Coraxi, Sacugemon Jacobo. Ver *Saquiamon*.

Corbané, Santíssimo Sacramento, na Etiópia, III, 333.

Corea, pôrto da ilha de *Java*, I, 270.

Corea (mulher da Coréia), no palácio de Cuboçama (Japão), grande cristã, II, 285.

Corea, raínha da Coréia, mudada em Cami (Japão), III, 207 e 209.

Coreas (coreanos) cativos dos japoneses, III, 156.

Coriapula, privado do rei de Travancor, I, 332.

Corlas, ou concelhos, em Ceilão, II, 345.

Corofins, todos os objectos adorados pelos indígenas da Guiné, III, 244.

Coromandel, sudoeste da Índia, roupas de, II, 318.

Corpo de Deus, festa do, em Nangazáqui (Japão), II, 221.

Correia, P. Gaspar, a caminho de Pequim, carta, II, 121-123.

Correia, Irmão Pedro, morto pelos índios Carijós (sul do Brasil), II, 420.

Correia de Sá, Salvador, governador do Rio de Janeiro, e os Jesuítas, I, 376.

Correia, Simão, capitão chingalá, crueldades de, em Ceilão, II, 345.

Corsários, inglêses e bátavos (holandeses), I, p. XII.

Corsi, P. Francisco, em Lahor (Mogor), I, 296, 297 e 312.

Corume, no reino de Chicungo (Japão), I, 69 e 105; cristandade de, 135, 156, 159 e 184; missão em, 185 e 190.

Cosme, chinês cristão, letrado, zeloso, paciente, II, 117-119.

Cosme de Tôrres. Ver *Tôrres*.

Cossa, embarcação à vela (Bengala), I, 286; II, 134.

Cossondes, peças de vestuário (Japão), I, 201.

Costa, P. João da, Jesuíta, II, 177; socorre os náufragos de uma nau, na Ilha dos Reis (Costa da Pescaria), 325.

Costa, Teodoro da, português da Etiópia, I, 361.

Costumes bárbaros, na Índia, I, 318-319.

Cotão, mãe do rei de (Ásia central), III, 25.

Cotate (Cotaté), na Costa de Travancor, igreja de, I, 330-335; cruz milagrosa, II, 152; retratos de S. Inácio e de S. Francisco de Xavier; milagre das alâmpadas da igreja de, 343; cruz de, cruzes de, milagres de S. Francisco de Xavier, III, 72-74.

Cotta, P. Guilherme, italiano, morre num tufão (Japão), II, 220.

Coulão, colégio de (Cochim), e suas residências, I, 30 e 31; trinta e sete igrejas, 328; coisas do, colégio de, II, 149-154; 336 e 342 sgs.; III, 71-75.

Couleche, na Costa de Travancor, residência de, I, 30 e 31.

Coutinho, P. Belchior, trabalha na fortaleza de Velur (*Bisnagá*), II, 322.

Coutinho, D. Jerónimo, capitão-mor; vão de Lisboa oito Jesuítas na armada de, II, 348; chega a Moçambique, rearma a fortaleza, chega à Índia, 348-349.

Coutinho, João Roiz, governador de Angola, morre, I, 396.

Couto, Diogo do, escreve de D. Cristóvão da Gama na Etiópia, III, 361 e 370.

Covilhã, Pero da, enviado, por terra, à Etiópia, por D. João o segundo, III, 366.

Cozugedono. Ver *Conzuquedono*.

Crangano, pagode em Dio (Índia), uma das três pessoas com divindade, II, 391-392.

Cranganor, fortaleza de (Malabar), I, 29 e 343; rei de, vassalo do Samorim, relações com os Jesuítas, II, 158 e 159; Bispo de, 338; seminário de, volta para Vaipicota, 338-339; colégio de, Arcebispo de, cristãos da Serra ou de S. Tomé, III, 70-71.

Cristãos valentes, I, 39, 86, 118 e 199-200; III, 178.

Cristen, deus do Malabar, I, 341.

Cristo, Vida de, composta em língua persa, pelos Jesuítas (Mogor), que o rei *Aquebar* ouvia ler, II, 366.

Christóvão, Dom, filho do rei D. Pedro (Serra Leôa); baptismo de, converte-se em apóstolo, III, 254-257; é disciplinante na Semana Santa, 272-273.

Crucifixo, os mandarins chineses intrigados com um, I, 343-345.

Cruz, Francisco da, cristão de Travancor, I, 325.

Cruz, P. Gabriel da, nas Molucas, faz muitas conversões, III, 87-88.

Cruz, devoção à, milagres na Índia, I, 34-36.

Cruzes, lavradas numa pedra antiqüíssima (Japão), I, 98.

Cuanza, rio de Angola, I, 397.

Cuboçama (Cubo ou Xógum), antes chamado *Daifuçama*, general em chefe das tropas do Japão, II, 5; política de, 6-7; favorece os Jesuítas com esmolas, quando o govêrno da Índia lhes falta com as esmolas estipuladas, 7-8; mêdos e sustos dos cristãos de Ozaca, por causa de, 72, 76 e 77; ouve queixas infundadas contra os mercadores portugueses; amansa por meio do P. João *Rodrigues*; recebe ao P. *Organtino*, 78; usurpa o trono de Japão, e declara herdeiro a seu filho segundo, 217 sgs.; é visitado por um Jesuíta, 232; não desfavorece a Lei de Cristo, 280; mostra-se pacífico, prudente, III, 115, 116 e 118; edicto suave contra os cristãos, 119. Ver *Daifuçama*.

Cuiamam, André. Ver *André*.

Cujemandono, é êrro. Ver *Miguel Sogemandono*.

Cum, chinês, filósofo antigo, II, 100; ordenou e reformou a seita dos *Letrados*, 110-111.

Cumamoto. Ver *Sumamoto*.

Cunge (Cungué) ou *Ministro do Dáiri* (Japão), I, 118 e 229.

Cungao, Padre Grande, do Cataio, II, 386.

Cunha, Manuel da, companheiro de D. Cristóvão da Gama, na Etiópia, III, 362.

Cunha, Nuno da, governador da Índia, II, 304; em Dio, 387.

Cunha, Dom Pedro da, governador das Filipinas, com uma armada de espanhóis e portugueses, reconquista Ternate (Molucas), II, 132 e 138 sgs.; III, 87.
Cunha, P. Vasco da, morre com os trabalhos do cêrco de Malaca, II, 316.
Cunhale (Cunhal), na Índia ocidental; conquista de, I, 372; os moiros pedem ao Samorim a fortaleza de, III, 68.
Cunhale, sobrinho do, morto por ordem do Samorim (Calecut), II, 334.
Cunugão, templo de gentios, na cidade de Honão (China), e antes igreja de antigos cristãos, II, 293.
Curanda Sogemandono. Ver *Miguel Sogemandono.*
Curumbi, cordão (?) no Maduré, III, 111.
Curunodono, fidalgo japonês, I, 122.
Curume (Curumi), povoação do Japão, III, 144.
Cumbas (Cubas, Çumbas, Cumbas) ou **Manes**, negros conquistadores da Serra Leôa, I, 409 e 410; II, 206; III, 225.
Çamorim. Ver *Samorim.*

Dabem ou **Meirinho-mor** (Bengala), I, 288.
Dabul, cidade do Hidalcão (Índia); pôrto de, martírio do Irmão Vicente *Álvares*, morto em, II, 349-350.
Dachém, pimenta do, III, 318.
Dadamurte (Dadamur), cidadão nobre do Maduré, baptizado pelo P. *Nóbili*, III, 94.
Dahali, reino de Etiópia, III, 65.
Dai, cidade de Etiópia, cristãos em, I, 361.
Daibut, ídolo de Xaca, no Japão (Meaco), I, pp. XX e XXX; arde, 234; III, 130.
Daifu (Daifuçama); o médico do, converte-se na cidade de Macau, II, 93.
Daifuçama (Daifuça, Daifu), depois Cuboçama, imperador do Japão, I, 69, 70, 78, 81, 90, 105, 108, 115 e 119; guerra contra, 123-132; vitória de, contra os partidários de Findejoriçama, filho herdeiro de *Taicoçama*, 131, 133-135, 137, 143, 145-147 e 151-153; perdoa a vida à mulher e filhas de Dom Agostinho, e a muitos senhores inimigos; é benigno com os Jesuítas, que o visitam; assegura-lhes as casas de Meaco, Ozaca e Nangazáqui, 154; proíbe prègar a lei de Cristo; terríveis ameaças; abranda a ira, 171-174; nova ameaça; confia nos Padres, 175 e 176.—I, 155-160, 162, 169, 184, 188, 193, 204, 206, 208, 214, 217, 219, 223, 224, 225, 227-229 e 231. Ver *Cuboçama.*
Daimiogin, cami ou **deus** do Japão, I, 231.
Dai-Nipon (Japão), I, p. XVI.
Dáiri, rei natural, só nominal, espiritual, do Japão, I, pp. XXIX, 114, 118, 229 e 230; II, 5 e 217; III, 121.
Damão, na Índia portuguesa, colégio de, I, 3 e 350; pai dos cristãos em, conversões, III, 2; guerra com o Mogor, antes amigo, 24.
Dambeá, cidade, reino, província de Etiópia, cristãos em, I, 361; II, 188, 401 e 408; III, 32, 49, 62, 65 e 344; Jesuítas e portugueses em, 354-355 e 356.
Damoté, reino de Etiópia, III, 66.
Damute, região de Etiópia, III, 340, 344 e 354.
Dancali, reino de Etiópia; rei moiro de, I, 361; III, 65.
Danda, terra ao norte de Goa, III, 24.
Danu, terra de Cambaia, III, 23.
Daniel, P. Bartolomeu, nas Molucas, I, 270.
Daos ou **Padres**, no Japão, II, 283.
Daquini, terra ao norte de Goa, III, 24.
Daraporão, província do Maduré, III, 91.
Daraitá, província de Etiópia, III, 66.
Das coisas maravilhosas que tenho ouvido, livro impresso por um chinês, escrito sobretudo em honra do P. *Rício* e do P. *Catâneo*, II, 291.
David, rei de Etiópia, pai do rei Cláudio, I, 352, III, 304, 351 e 364.
Débia Líbanos, é êrro. Ver *Debra.*
Debra (Débia), **Líbanos** (Monte Líbano), igreja etíope, III, 61.
Decão (Decanim) (Bengala); reino de, I, 6 sgs., 296 e 307; conquistado pelo rei *Aquebar* ou Grão-Mogor, II, 366.
Delee, cidade da Etiópia, I, 360.
Demétrio, mercador grego, companheiro de Bento de Góis, no descobrimento do Cataio, III, 25 e 27.
Dervixes (Darvexis, Darueres), espécie de religiosos penitentes do Mogor (Índia), I, 13; III, 14.
Descobrimento do Tibet (O), livro publicado, I, p. VIII.
Deus primeiro, Deus segundo, Deus terceiro; baptismo em nome de, II, 340.
Deva (Uva), reino de Japão, carta, I, 229.
Dianga (de Anga, Dianguá), pôrto do reino de Arracão (Bengala), I, 46; portugueses de, 286; III, 78.
Dias, António, índio da aldeia dos Reis-Magos (Brasil), I, 386-388.
Dias, Diogo, embaixador, com o P. Gonçalo Rodrigues à Etiópia, I, 355; III, 305.
Dias, P. Manuel, em Nanchão (China), I, 256; II, 115, 116, 117 e 290.
Diccionarium Latino-Lusitanicum ac Japonicum, I, p. XXVIII.

Dimá, igreja de Etiópia, III, 61.
Dio (Diu), ilha portuguesa junto à Costa de Cambaia; casa de, fundação, I, 352; a casa de, e a Missão de Etiópia, 352, 362 e 363; coisas de, 387-396; alfândega de, importantíssima; comércio de, com muitas terras, 389-390; luta entre a cruz e os pagodes, triunfa a cruz em, 390-393; missão de, ao reino de Cambaia, 393-396.—II, 176, 397 e 398.
Diogo, fidalgo japonês de Iamangúchi, I, 102.
Dióscoro, hereje antigo, patriarca de Alexandria; erros de, na Etiópia, III, 31; tido por santo na Etiópia, III, 308 e 311.
Disciplinantes, cristãos, em Margão e Rachol (Índia portuguesa), I, 5; no Mogor, II, 377; na Serra Leôa, III, 272.
Dissavas ou **Distritos**, em Ceilão, II, 345.
Dixi, doutrina, no Maduré, III, 97.
Doca, rei de Firando (no Japão), I, 73.
Dofar, cidade da Arábia, Jesuítas em, I, 357.
Dógicos (dojucus, doiucos), catequistas, seminaristas, cantores, pintores, músicos, retóricos, filosofos, teólogos que os Jesuítas educavam no Japão, I, 70, 81, 85, 87, 92, 94, 96, 97 e 136-139; III, 154; perto de trezentos, I, 169; estudos dos, 191 e 218; tocam e cantam deante de Findejoriçama (filho do Taico), III, 141.
Domingues, Irmão; missão ao interior de Angola, morre, II, 415.
Dom Rodrigo, pôrto de, no sul do Brasil, II, 421.
Dongo, côrte do rei de Angola, I, 398.
Dos feitos de D. Chrestovão da Gama, obra de Miguel de *Castanhoso*, III, 361.
Doturo, semente peçonhenta, no Mogor, I, 13.
Doxala, pôrto da Guiné, I, 403.
Dubané, província de Etiópia, III, 66.
Dubino, P. António, em Chandegri (Bisnagá); em Velur, II, 323.

Ebijara, cobra venenosa (Brasil), I, 380.
Eclipse do Sol, causa de uma perseguição em Travancor, II, 149-150.
Elefante branco, honrado como rei, I, 44.
Einão, cidade da Arábia, Jesuítas em, I, 357.
Endoenças, solenidades religiosas de Quinta-Feira Santa, no Japão, I, 100; III, 147; em Agra (Mogor), II, 377; III, 20; em Mormugão (Goa), II, 356.
Enjeitados, no Japão, socorridos cristãmente, I, p. III.
Equebar ou **Aquebar**, rei-grande, ou Grão-Mogor. Ver *Mogor.*
Erari, príncipe, sobrinho do Samorim de Calecut, I, 345.
Ernesto de Vasconcelos, almirante, louva os Jesuítas missionários, I, p. VIII.
Errores (erros), dos patriarcas de Alexandria, I, 352.
Escárgio, João; erros de, no Alcorão, II, 113.
Escravos, da Guiné para a América e para Sevilha, I, 400 e 401.
Espírito Santo, capitania do, Jesuítas e inglêses na, I, 377; prosperidades da, 386 sgs.
Espírito Santo, colégio do, em Goa, I, 3.
Esquipano, P. António, cativo em Ceilão, I, 325.
Esteves-Pereira, Francisco Maria, louva os Jesuítas missionários, I, p. VIII.
Etiópia, Abissínia ou **Preste-João**; Jesuítas na, I, p. VIII; princípios da missão de, I, 352-372; III, 313 e 317 sgs.; raínha de, Patriarca de, e dois bispos coadjutores e sucessores, I, 354; III, 313; Portugueses da, pedem Jesuítas, documento, I, 361; cristandade de, II, 165-191 e 397-411; III, 30-60; casos notáveis, I, 166 sgs.; o P. Pero Pais carteia-se com o rei de, é bem recebido por êle, 171-175; mais quatro Padres chegam à, carta de um frade etíope a saüdá-los, 175-180; prisão do rei Malac-Sagued Jacobo; morte do rei Atanás-Sagued; lealdade dos portugueses na, II, 404; sucessão dos reis de Etiópia desde 1520 até 1607, III, 351-352; frades da, amigos dos Padres e da Igreja de Roma, 39-40; boa índole e devoção do povo da, 40-43; igrejas notáveis da, 61-62; fontes, rios, lagos da, 63; vinte e seis reinos na, 64-65; catorze províncias da, 66; a terceira parte da, pertence *de jure* a Portugal, 66; *Adição* à relação das coisas de, refutam-se muitas afirmações de Frei Luís de *Urreta*, 287 sgs.; fantasias de *Urreta* sôbre coisas da Etiópia: sôbre Oviedo e o Conselho Latino, 291-292; sôbre o colégio dos abexins em Roma, 298; sôbre Dominicanos e Dominicanas na, 300, 302, 303, 305 e 311; sôbre a confraria de N. S. do Rosário na, 303; sôbre a extensão do império da, 365-366; sôbre leis e legistas europeus na, 368; sôbre mulheres más da, remetidas para Goa, 368; sôbre Ordens Religiosas de Europa na, 351-352; sôbre a campanha de D. Cristóvão da Gama na, 369-380; sôbre os erros dos abexins, 288 sgs.; sôbre a obediência dos abexins à Igreja de Roma, 297 sgs.; sôbre a acção de D. João Nunes, Patriarca de Etiópia, onde nunca entrou, 317 sgs.; sôbre Oviedo contraposto ao Patriarca e a outros Padres, 320 sgs.; sôbre o Breve de Pio V para Oviedo, que diz ser *subreptício*, 337 sgs.; sôbre a acção dos portugueses, aos quais calunia, 346 sgs.; sôbre

a sucessão dos reis de Etiópia, 350 sgs., e sôbre o comércio de vinhos na, 365-366; os Jesuítas são testemunhas abonadas sôbre coisas de, 292 sgs.; cristãos às feras na, 298; guerras na, quási contínuas, Santos na, 299; Religiosos de S. Macário, de S. Basílio, e de S. Antão na, 301; todos os Jesuítas cativos na, 326.

Etiópia Oriental, obra digna de crédito, escrita por Frei João dos Santos, Dominicano, impressa em 1608, III, 290 sgs.

Eunucos do Imperador da China, I, 239.

Eutício, P. Pedro, vai a Sete-Corlas, reino de Ceilão; grande fruto, morre em Columbo, III, 75.

Eugénio IV, Papa, e a Abissínia, III, 297.

Evará, província de Etiópia, III, 66.

Évora, colégio de, I, p. VI; universidade de, XXV.

Fabião, Irmão japonês, compõe um tratado da doutrina cristã, oferecido a *Conzuquedono*, III, 138-139.

Fabião, cristão valente de *Iatçuxiro* (Japão), II, 25, 47 e 48.

Fabro, P. Pedro, em Coimbra, III, 314-315.

Facata, capital do reino de *Chicujém*, no Japão, I, 66, 110, 111, 155 e 203-206; coisas da residência de, II, 59 sgs., e 276-277; III, 143-145 e 178-181; mil e novecentos baptismos em, 179.

Fachicon, bonzo chinês, quere ser visitado de Rício, II, 103.

Fachimão, japonês antigo, guerreiro e cami, deus das batalhas, I, 65; II, 6 e 15.

Fachisúqui, japonês, filho morgado de Fucuximandono, II, 66.

Faitó Henrique, principal cristão de *Coçura* (Japão), II, 63.

Falupos, negros da Guiné, I, 404.

Fangemon (Canefangemon), japonês, nobre e valente cristão de Iamangúchi, II, 269-270.

Fangui (Fangi, Frangi), côrte de Moridono, no Japão, a seis léguas de Iamangúchi, II, 263 e 267; III, 198, 201, 203 e 206.

Fardo de arroz, no Japão, valia meio cruzado, I, 213.

Farima, reino de Japão, I, 181; III, 221 e 227.

Farins, negros da Guiné, III, 243.

Farma, rei e reino da Serra Leôa, primeiro rei *Mane* dos Lóguos, inúmeros filhos de, III, 249; pervertido por um *bexerim*, e êste morre sùbitamente, 263-264; 270.

Fascaló, reino de Etiópia, III, 66.

Fatagar, reino de Etiópia, III, 65.

Fatema, rei dos Boulões (Serra Leôa), amigo dos Padres, II, 201; III, 251, 252 256, 267, 270 e 274.

Faxiba (Faxibadono, Faxiba Chicujém), depois Taicoçama, imperador do Japão, I, 55-58.

Fenício, P. Jácome, em Calecut, I, 340-342 e 345; na côrte de Samorim, agente de paz, II, 159; em Tanor, para fundar uma igreja, 337.—341, III, 68.

Fequida Tarazuge, cristão caído, no Japão, promete converter-se, II, 36 e 38.

Fernandes, P. André, vai de Inhambane para o Monomotapa (Moçambique), III, 4.

Fernandes, Irmão, depois Padre António[1], parte de Goa para a Etiópia com o Bispo André de *Oviêdo*, e lá morre, I, 355-357; informação sôbre a morte de, II, 181 e 188; carta de, assinada por mais três Jesuítas, III, 321-327; nova carta de, 354-355.—III, 332.

Fernandes, P. António[2], natural de Lisboa, parte de Goa para Dio, e de Dio para a Etiópia, II, 175 sgs.; chega à côrte de Etiópia, III, 33 e 293; cartas de, 295 e 299-300.

Fernandes, P. Brísio, nas Molucas, ferido, I, pp. XII, 276, 278, 282 e 283.

Fernandes, P. Francisco, em Arracão (Bengala), I, 45; em Chatigão, 46; é prêso, e morre, 288.—II, 139.

Fernandes, P. Gonçalo, na residência do Maduré, II, 328 e 329; III, 89 e 104.

Fernandes, P. Jorge, mártir na ilha de Java, indo para as Molucas, I, 268.

Fernandes, P. Luís, Superior da Missão das Molucas, em Ambóino, I, 271, 273 e 279; II, 131 e 305; em Tidor, na batalha contra os holandeses, 307; vai, com os portugueses vencidos, para as Filipinas, 308.

Fernandes, P. Manuel[1], missionário de Cabo Verde, I, 399; morre, 402.

Fernandes, P. Manuel[2], vai para a Etiópia; trabalhos, morte de, I, 355-357; informação sôbre a morte de, II, 181 e 189; cartas de, III, 322-324, 325-327, 332-333 e 355-356; trabalha em Dambeá, 354-355.

Fernandes, Irmão João, vai de Pequim a Subecheu, encontra o Ir. Bento de Góis que já entrara na China, em demanda do Cataio, III, 27-29.

Fernandes, Pedro, cristão de Travancor, I, 334.

Fernandes, Irmão Sebastião (Bastião), vai para Pequim, I, 50, 237 e 242; valentia de, 245; em Nanchão, 256.

Fernandes, Sebastião, português, capitão do forte de Biguba na Guiné, I, 412.

Fernando, Dom, capitão, natural de Ceilão, amigo, I, 327.

Ferreira, P. Diogo, morre em Angola, I, 398.

Ferreira, P. Gaspar, na residência de Pequim, III, 235.

Fiancho; a seita dos pagodes da China, saíu de, II, 111.

Fidandono, cristão japonês, rei de Buchi, e genro de *Nobunanga*, I, 62.

Figém (Fijém), reino de Japão, I, 68; missão em, 112.—III, 148.

Figendono (Fingendono, Fijendono), rei de Canga, no Japão, I, 62, 65, 78, 232 e 233; amigo dos Padres, II, 85-87 e 289; senhor de três reinos, III, 214 e 231.

Figueira, P. Luís, vai em missão até à serra de Ibiapaba, norte do Brasil, II, 425 sgs.

Figueiredo, Fidelino de, escritor moderno, I, p. XV.

Fiienoiiama, capital religiosa do Japão, I, p. XVI.

Filau, senhor principal da Serra Leôa, amigo dos Padres, III, 270.

Filipa de Leão, Dona (antes *Mobora*), irmã de D. Filipe, rei da Serra Leôa; baptismo de, III, 259-260 e 262.

Filipe de Leão, Dom, rei da Serra Leôa, baptismo e matrimónio de, II, 202-205; carta de, para o rei de Portugal, pede Padres e uma fortaleza, 208-209; grande zêlo de, 258-262; persegue os herejes e piratas estranjeiros, 263.—II, 206, 207 e 210; III, 240, 264, 265, 267, 269, 273 e 275.

Filipe, Jácome, italiano, no Mogor, amigo dos Jesuítas, I, 308.

Filipe II de Portugal (III de Espanha), manda duas fortes armadas contra os holandeses do Oriente, uma da Índia, outra das Filipinas, reconquistam-se as Molucas, II, 308 sgs.; as missões de Cabo Verde e, I, 399.

Filipinas, religiosos das ilhas, em Japão, irritam o imperador Daifuçama, I, 169-170; nau das, afundada por um tufão, II, 219; armada das, para as Molucas, contra os holandeses, 308; portugueses e Jesuítas das Molucas, refugiados nas, II, 127-128 e 308.—I, 226 e 231.

Fimengi, cidade do Japão, no reino de Farima, III, 227 e 228.

Findecão, japonês cristão, genro de el-rei D. Francisco de Bungo, III, 144.

Findejoriçama (Findeiorisama, Fim de Ioriçama, Fidigori, Findejori, Findiyori), príncipe herdeiro de Taicoçama, imperador do Japão, I, 121; II, 5, 72 e 217; desapossado de seus direitos, 218; enviado por Daifuçama para a fortaleza de Ozaca, III, 117 e 119; a mãe de, má para os cristão, 140; o Provincial do Japão é recebido e presenteado por, 141; amansa a mãe de, 142; um criado de, louva a lei de Deus e deseja ser cristão, 226.

Findenas (Findeno, Findena). Ver *Simão Findenadono*.

Fingo, reino de Japão, I, 63 e 69; o Natal em, 71 e 72; casa reitoral e residência de, 95-100; cristandade de, perseguição, valentes e covardes, 193-203; II, 23-25 e 243-259; III, 171-178.—I, 91, 94, 140, 147, 162, 187, 214 e 227.

Fiqui, lugar perto de Xibúqui (Japão), II, 56.

Firando, reino, cidade e ilha de Japão, perseguição em, I, 72-75 e 143-145; missão a, II, 230; missão de Nangazáqui à ilha de, III, 158-159.—I, 77 e 157.

Firandono, tono, ou senhor de Firando, I, 144-146.

Firoxima, cidade do reino de *Aqui*, e cabeça dos nove reinos de Moridono; residência de, I, 70 e 101-103; padecimentos em, 135; missão a, 231-232; coisas de, II, 60, 65-72 e 271 276; cristandade de, III, 142 e 192-197.—I, 151, 158, 207 e 208; II, 260 e 269; III, 198, 199, 206, 207 e 209.

Fissaichi, japonês, correio dos cristãos, III, 209.

Fiunga, reino de Japão, I, 68; II, 242.

Flos Sanctorum, impresso em língua malabar, I, 331; traduzido em língua etiópica, III, 302.

Focama, lugar de Japão, residência de, I, 83.

Focócu (Fococo, Foquoco, Fococa), conjunto de três reinos do Japão; missão a, I, 232-234; nova missão a, II, 85.—II, 279 e 289; III, 230.

Focujém, João, cristão japonês, tio de Arimandono, II, 251.

Fogo, ilha do, em Cabo Verde, II, 199.

Fonda Sadondono (Sadodono), pai de Conzuquedono, o maior privado do Xógum filho de Cuboçama; amigo dos Padres, III, 128 e 130.

Fondazano, japonês, um dos governadores de Daifuçama, defende os cristãos, I, 225.

Fonseca, P. Belchior da, em Arracão (Bengala), I, 45; em Bachão, 305.—II, 131.

Fonseca, P. Manuel da, cativo dos gentios de Travancor, III, 72.

Foquedono, japonês, perfilhado de Fucuximandono, ouve a doutrina cristã, II, 66.

Foqueixos (Fotqueixos, Fuquexus), seita dos (Japão), I, 194, 220 e 221; II, 23, 47 e 52; III, 178, 216 e 218.

Foquéquio, livro da seita dos foqueixos, II, 23, 24, 26 e 27.

Foquiém (Fuquiém), província da China, II, 107 e 114.
Forcão, Taurete, Zabur, Angil, livros do Mogor, I, 12.
Formão ou provisão, I, 297.
Formação (A) intelectual do Jesuíta, obra de F. Rodrigues S. J., I, p. IX.
Forunda, terra de Japão (residência de *Focama*), I, 83.
Fosaimondono, japonês, a mãe de, é cristã, I, 207.
Fotoque, deus, ídolo, no Japão, roubo de um, dógico valente, I, 94.—106, 187, 193 e 229.
França, Afonso de, português da Etiópia, intérprete do P. Gonçalo Rodrigues, disputa com o rei, carta de, III, 311-312.
Francês, grande aventureiro, apóstata, convertido pelos Jesuítas no Mogor, III, 19-20.
Francisca, menina de Travancor, deve a vida a S. Francisco de Xavier, III, 73.
Franciscanos, religiosos, no Japão, martirizados, e porquê, I, 170; não querem Jesuítas em Ceilão, 325; os Jesuítas entram em Ceilão contra vontade, a pedido do próprio Bispo de Cochim, Franciscano, cuja diocese compreende aquela ilha, 325-326.
Francisco, japonês, filho de Belchior Bugendono, entregue como refém por seu pai a Moridono, II, 263.
Francisco, Dom, rei de Bungo (Japão), I, 69; exéquias por alma de, 105.—I, 182, 193 e 203.
Francisco, Dom, cristão japonês, filho de *D. Maxência*, I, 106 e 156.
Franco, P. António, autor da *Imagem da Virtude*, escreve de Fernão Guerreiro, autor da *Relação Anual*, I, p. XXXIX.
Frangi, no Japão, é êrro. Ver *Fangui*.
Frangues (Franguis), europeus ou portugueses, na Índia, I, 304; II, 322 e 331; III, 101, 102 e 104.
Freiras, gentias, no Japão, III, 228.
Freire, Irmão Fulgêncio, acompanha ao embaixador português mandado à Etiópia, I, 355; é cativo dos moiros, levado ao Cairo, e resgatado por via de Roma, III, 293 e 305.
Freitas, Jordão de, escritor moderno, I, pp. XXV e XXVI.
Freitas, Jordão de, capitão de Ternate, II, 304.
Fremoná, lugar de cristãos portugueses na Etiópia, recebe solenemente ao P. Pero Pais, I, 368; Jesuítas em, II, 399; P. Pais em, 409; seminário de, 39 e 46; fruto, exemplos, e trabalhos em, 46-61; O Patriaca Oviedo em, 331 e 332.—II, 165, 171, 180 e 182; III, 33 e 356.
Fróis, P. Luís, escreve de Japão, I, p. XXVI; recebe recados de Taicoçama, 60.
Fucafuri, terra de Japão, perto de Nangazáqui, missão a, I, 82 e 185; II, 288; III, 147 e 148.
Fuchu, (Fuchum, Fochu), cidade do reino de Surunga (Japão), III, 125, 127 e 128.
Fucuximandono (Fucoximandono, Fucoximondono, Fucuximadono), japonês, senhor dos reinos de Voari, Aqui, e Fingo; é amigo dos Padres e dos cristãos, I, 62, 119, 128, 158 e 231; II, 65-67 e 244; dá boas casas aos Padres, 271-273; ouve a prègação, 274.
Fudogamá, no Japão, perto de Nangazáqui, residência de, III, 147.
Fuij (Fuijcan, Fuijsans), célebre vulcão do Japão, III, 128-129 e 135.
Fuím, rei de Firando (Japão), I, 73-75.
Fulos, negros da Guiné, III, 284 e 363.
Fulos Gasalhos, pretos da Guiné, I, 402.
Fundacion... de los caballeros de S. Anton Abbade, obra fantástica àcêrca de Etiópia, publicada em Espanha, III, 290.
Fumucão, chinês, governador da província de Huncão, primeiro castigado, depois honrado, II, 96; honra e estima os Padres; estuda, copia e imprime o catecismo do P. Rício, 97-98.
Funai, cidade de Japão, I, 109.
Funcos, ou alpendres, para tribunais (Serra Leôa), I, 408 e 409.
Fuximi, cidade e fortaleza de, perto da cidade de Meaco (Japão); residência de, I, 65, 66, 114, 117, 127 e 214; II, 217, 279, 281 sgs., e 284 sgs.; côrte do Japão, 124, 140, 142 e 164; coisas da residência de, 221-225.

Gabaçouces (jabacouces, iabacouces), feiticeiros da Guiné, I, 400 e 405; III, 281.
Gabeá, rio de Etiópia, III, 63.
Gabriel, João, capitão dos portugueses da Etiópia, I, 361 e 368; II, 399; grande cristão e letrado, III, 61; dá notícias geográficas de Etiópia, 61-64.
Gabriel, menino chinês, em Nanchão, II, 117.
Gaçar, província do Mogor, I, 314.
Gaceu, bonzo japonês, III, 130.
Gago, P. Baltasar, escreve do Japão, cartas de, I, pp. V, XVII, XVIII e XXI.
Gaifu. Ver *Guifu*.
Gaimurés, índios bravos da Baía (Brasil), domesticados pelos Jesuítas, I, 378 e 389-395.
Galas, gentios bárbaros da Etiópia, derrotados, II, 170-171; 403 e 409; III, 35, 46, 48, 65, 255 e 354.
Galinato, João Soares, capitão castelhano, em Ternate, quando se reconquistou, II, 310.
Galiseu, João, veneziano, em Lahor (Mogor), I, 312.

Gama, D. Cristóvão da, irmão de D. Estêvão, vai à Etiópia socorrer o imperador; batalhas, I, 353; morte, 354; fantasias de *Urreta* sôbre a campanha de, 369-379; campanha verdadeira, 370-372; notícias sôbre a morte de, 373-375; capacete, saia de malha, peças de artilharia de, recuperadas numa batalha contra os moiros, 379.—III, 305, 348, 361, 362, 364, 366 e 367.
Gama, D. Estêvão da, Governador da Índia, manda seu irmão D. Cristóvão com uma expedição militar à Etiópia, III, 305.
Gama, D. Francisco da, conde da Vidigueira, Almirante do Oceano Índico, Vice-Rei da Índia, e Ceilão, I, 325 e 326; e a Etiópia, 360.—II, 181.
Gama, D. Vasco da, Conde Almirante, III, 370.
Gâmbia, rio da Guiné, I, 403; II, 211.
Gamocanore, lugar de Ternate (Molucas), II, 311.
Ganga ou **Ganges**, rio de Bengala, II, 317.
Gangas, rios que cortam Bengala, III, 101, 102 e 103.
Garibos (mesquinhos, súbditos), no Pegu, I, 291.
Garijós, índios do sul do Brasil, desejam Padres, e recebem-nos, I, 384-386.
Garus. Ver *gurus*.
Gaspar, japonês. Ver *Rocusuque*.
Gato, deus gato, no Japão, III, 207.
Geilolo, lugar da ilha de *Moro* (Molucas), II, 310.
Gelanda (Zelândia) navegantes de, nas Molucas, I, 269.
Gem, capitão-mor de uma armada (Bengala), II, 134.
Genifoím (Genefoím), governador de Meaco, no Japão, I, 65 e 230.
Georgis, P. Abraão de, maronita, Jesuíta, parte para a Etiópia; preso e martirizado, I, 358-360; restos de, perdidos, II, 399.—I, 370; III, 293.
Geral, o P. Geral dos Jesuítas, e Bento de Góis, I, 313.
Gibonoxo (Gibonoio), governador do Japão, I, 65, 78 e 122; preso, 131, 132 e 133; condenado à morte, 148 e 149; II, 50.
Gidá, no Mar Roxo, comércio de, II, 389.
Gindas, negros de Angola, III, 225.
Ginja, na Índia Oriental, holandeses em, III, 76.
Ginji, naique de (Bisnagá), II, 143 e 327.
Giomári, senhor antigo do Japão, III, 142.
Giocho, era japonesa, III, 173.
Girão, Padre, *Carta Ânua de*, publicada por António Baião, I, p. XXXVII.
Giras, cidade da Pérsia, I, 351.
Girozaimon, gentio japonês, amigo do mártir Gofioge Simão, II, 32 e 33.
Gioyozu, cidade japonesa, no reino de Voari, III, 139.
Glória de Deus, o alvo dos Jesuítas, I, p. XII.
Goa, capital da Índia portuguesa, I, p. XI; Província de, Província do Norte, casas, pessoal e fruto, I, 3-25, 296-314 e 347-372; II, 165-190 e 347-412; III, 1-66, 277 e 287-380; mais de 250 Jesuítas na Província de, II, 347; morreram perto de quarenta Jesuítas em quatro anos na Província de, 349; noviciado de, 352; noviço de, salvo das ondas, 353; mais de seis mil baptismos na cidade de, 353; conversões em, III, 2-3; o Arcebispo de, e Bento de *Góis*, I, 313; casas de, setenta e dois Jesuítas chegam de Lisboa a, 347; servem Jesuítas no hospital de, 348.
Gocu de arroz (dois fardos), I, 115, 116, 121 e 223.
Godinho, Belchior, capitão português, destrói Dianga, em Bengala, III, 84.
Gofioge Zaquendo. Ver *Simão*.
Gojama (Guojamá, Guorjamá, Guoiamá, Goiamá), reino de Etiópia, II, 402, 403, 406 e 408; III, 61 e 62.
Góis, Irmão Bento de, natural de Vila Franca, na ilha de S. Miguel (Açôres), explorador da Ásia central, I, p. VIII; retrato de, XXXIV; vai do Mogor a Goa, 10 e 11; acompanha ao rei do Mogor, 12; vai descobrir o misterioso Cataio, cartas de, 296 e 311 sgs.; toma o nome de *Banda Abdula*, 312; duas cartas de, sôbre os progressos da viagem, II, 381-387; desvenda o mistério do reino do Cataio que é o mesmo que a China, onde entrou pelo norte, III, 25-28; vida, conversão milagrosa, morte e restos mortais de, 28-30. Ver *Isac*.
Góis, Damião de, escreve coisas erradas sôbre a Abissínia, III, 297.
Góis, P. Francisco de, viagem atribulada para Angola, tempestades, piratas, cativeiro etc., carta de, II, 191-192; missão ao interior de Angola, 214.
Góis, P. Luís de, vai de Goa para o Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Golaio, Tristão, português, amigo do Rei de Sião (Indochina), III, 85.
Goli, pôrto de Bengala, II, 134 e 135.
Gomá, reino de Etiópia, III, 65.
Gombuna, Miguel, rei de Tabete, cativo em Hircande (Ásia central), II, 386.
Gomes, P. Pero, Vice-Provincial do Japão, morre; elogio de, I, 79 e 80.
Gomes, P. Sebastião, vai aos índios garijós (sul do Brasil), I, 385.

Gonçalo, São, intervenção de, I, 43.
Gonçalves, P. Afonso, preso em Uto (Japão), morre em Nangazáqui, I, 139 sgs.
Gonçalves, André, português da Etiópia, I, 361.
Gonçalves, P. Diogo, destinado à Etiópia, I, 358; trabalha na Costa de Travancor, II, 151.
Gonçalves, P. Francisco, de Goa vai para Monomotapa (Moçambique), III, 5.
Gonçalves, Sebastião, capitão português, destrói o pôrto de *Dianga* (Bengala), III, 84.
Gonçalves Viana, louva os trabalhos lingüísticos dos missionários Jesuítas, I, pp. XXIII--XXV.
Goquinai ou **Meaco**, no Japão, I, 114.
Gorgorrá, na Etiópia, estância dos Jesuítas, III, 33 e 38; fruto em, exemplos notáveis, 43-46.
Goromá, reino de Etiópia, III, 32, 33 e 61; quási ilha, feita pelo Nilo circundante, 65.
Gorozaimon, João, cristão japonês, II, 24 e 25; glorioso martírio de, 26-30; carta de, sentença de morte contra, 27-28.—II, 45.
Goru ou **pontífice**, entre os gentios do Mogor, abençoa ao príncipe revoltado, castigo de, II, 369-370.
Gôto, ilhas de Japão, cristandade de, I, 113 e 185; II, 231; III, 156-158.
Gouveia, P. Cristóvão de, Visitador, e os inglêses na Baía (Brasil), I, 376.
Gotoxaburodono (Gotoxozaburodono), japonês, privado do Cubo; amigo dos Padres, III, 125-128, 138 e 139.
Graal novo, as missões de além-mar, I, pp. IX-X.
Grácia, Dona, cristã japonesa, senhora do reino de Tango, espôsa de Nangavoca Jocundono gentio; morre heròicamente; carta de um Padre, I, 125-127; lia e escrevia português, 126; exéquias solenes de, 214-218, 224 e 225.—I, 210 e 211; II, 63 e 65; III, 122 e 143.
Grácia, japonesa cristã, criada de Maria, senhora de *Ozaca*, II, 287.
Gracia, P. Domingos, Superior da residência dos Reis-Magos (Brasil), na capitania do Espírito Santo, I, 386.
Gradanha (Granha, Granhe, Gradahametes), rei de Adel e de Zeila; vitórias de, derrota e morte de, à mão dos portugueses da Etiópia, III, 62, 369-371 e 377.
Granada, Frei Luís de, I, pp. XXV e 81; louva a emprêsa apostólica dos Jesuítas na Etiópia, III, 335.
Gran-Capitão. Ver *Mendonça*.
Granhe. Ver *Gradanha*.
Grão-Mogor, império do, Jesuítas no, I, p. XI. Ver *Mogor*.
Gregório XIII, Papa, e as missões do Japão, II, 7.
Grimão, Leão, grêgo, companheiro de Bento de *Góis*, em demanda do *Cataio*, I, 311 e 313.
Gualdames, P. André, na Etiópia; informação sôbre a morte de, II, 181 e 188.
Guarativa, rio do sul do Brasil, II, 420.
Guardafui (Guardafu), cabo de, na costa oriental de África, I, 406 e 410-412; II, 415.
Gubai (Gubay, Gubbay), côrte do imperador de Etiópia, na província de Dambeá, II, 408; III, 63, 352 e 365.
Guederão ou **latim dos brâmanes** (Índia), III, 90.
Guembadono, japonês, irmão de *Jocundono*, I, 212.
Guerreiro, P. Fernão, autor da *Relação Anual*, I, pp. VI, VIII, X, XXV e XXXVII-XXXIX.
Guia de Pecadores, obra de Frei L. de Granada, impressa em língua japonesa, I, pp. XXV, 81 e 108.
Guiçava, japonês, capitão geral de *Moridono*, II, 52 e 53.
Guifu, (Gaifu), capital do reino de Mino (Japão), I, 119, 128-129 e 213; III, 134 e 135.
Guiné, escravos da, no Brasil, I, 397; missões da, 399-413; descrição da, 402-410; trabalhos apostólicos na, cartas do P. B. Barreira, II, 199-212 e 415 sgs.; III, 239 sgs.; enterros e festas bárbaras na, 249-250; costumes da, 282-283; grande conversão que se pode fazer na, 283-285.
Guno ou **pico**, outeiro alto, na ilha de Ambóino (Molucas), I, 278 e 281.
Gurus, (garus) mestres da lei, no Maduré, (Índia), II, 331; III, 90, 95, 97, 109 e 110.
Gusmão, P. Luís de, historiador espanhol, Jesuíta, escreve àcêrca de Etiópia, III, 289 e 303.
Guzarate ou **Cambaia**, reino de, propriedade do príncipe do Grão-Mogor, I, 297; conquistado pelo rei Aquebar (Mogor), 366; comércio de, 387.—II, 363.

Hambalac ou **Pequim**, III, 26.
Hendu ou **Malabar**, antiga sede episcopal fundada por S. Tomé, II, 142.
Henriques, P. Henrique, sepultura e veneração de, em Tutucorim (Costa da Pescaria), I, 32.
Heremechiti (Heremechi), Naique, capitão do Maduré, amigo e protector do P. R. Nóbili, III, 100-101.—III, 103, 104 e 113.
Hidalcão (Idalcão), grande potentado da Índia; reinos do, I, 296; II, 349.
Himalaia, montes da Ásia central; o P. António de Andrade no, I, p. VIII.
Hircande (Ásia central), côrte de El-Rei de Cascar; o Irmão B. de *Góis* escreve de, II, 381; cem mesquitas em, 384; riquezas de, 385.—III, 26 e 27.

História de Portugal, de M. Pinheiro Chagas, I, p. VII; de Paulo Merea, XV.
História Eclesiastica, Política ... de Etiópia, publicada por Frei Luís de *Urreta*, em Espanha; refuta-se, III, 287 sgs.; conserva-se um exemplar do primeiro volume na B. P. de Évora, 297. Ver *Urreta*.
Holanda, navegantes de, naus de. Vér *Holandeses*.
Holandeses, nas Molucas, I, 269, 275, 276, 277 e 279; tomam Tidor (Molucas), II, 306-307; em Bungo (Japão), vêem-se em trabalhos, I, 107 e 108; em Iendo (Japão), visitados por um Jesuíta, II, 233; gentileza dos, com os portugueses, I, 282; em Macau, piratas, 236-237; II, 7; roubam duas naus portuguesas, 91; tomam um navio em que iam três Jesuítas para Angola, trabalhos sem conto, largam os missionários a três léguas de terra, carta, 193-196; treze naus dos, contra Moçambique, desistem de tomar a fortaleza, 348; em frente de Goa, 349; naus dos, na Serra Leôa, 209-210; na Costa da Guiné, III, 278; em Malaca luta brava, II, 312-316; na Costa de Bengala, em Patane, I, 294; na ilha do Maio (Cabo Verde), 401; tomam o arménio Isac, companheiro de Bento de Góis, largam-no, III, 30.
Homem (O) que trocou a sua alma, estudo de Fidelino de Figueiredo, I, p. XV.
Honão (Honam), província da China; um mandarim judeu de, vai a Pequim falar com os Jesuítas, II, 292; cristãos antigos em, 293.—III, 27.
Hortuna, Gaspar, velho de Itanaém (sul do Brasil), II, 420.
Hospital, fundado pelos Jesuítas em Bungo (Japão), I, pp. XVI-XVIII; outro de leprosos em *Ozaca*, 115; outro em Guifu, 120; outro de sangue, em Malaca, entregue aos Jesuítas pelo Vizo-Rei, II, 316.
Huncão, província da China, II, 96.
Husbec, reino de (Ásia central), I, 303. Cf. *Usber*.

Iabundos, negros da Guiné, I, 404.
Iamabúxi (Iamabuxe, Iamambúxi), bonzo feiticeiro do Japão, I, 221; II, 55; baptiza-se, III, 190.
Iaiciomondono, japonês, ministro de *Cacuzaimon*, II, 245.
Iamangúchi (Amanguche, Amangúchi), cidade japonesa, I, pp. XXI, XXIII e 68; residência de, 71 e 101-103; trabalhos e sofrimentos em, carta, 135; ministérios, perseguição em, carta, 206-210; missão a, 49-57; cristandade de, 260-271; III, 197-210.—I, 158, 159, 184, 201, 215 e 217; II, 14.
Ianagava. Ver *Janagava*.
Iatçuxiro (Yatcuxiro, Jateuxiro), cidade japonesa do reino de Fingo; conversões em, I, 72; residência de, 95 e 97; igreja de três naves em, semana santa em, 97; tribulações em, saem os Padres de, 140-143; cristãos caídos, depois arrependidos, 202 e 203; perseguição em, II, 23, 243 sgs., 250 e 252; treze cristãos presos, carta, 253-255.—I, 186, II, 28-30 e 46; III, 172 e 174-177.
Ibiapaba, serra de (norte do Brasil), primeira missão à serra de, enviada de Pernambuço, infeliz, II, 425 sgs.
Ichiam (Ychiam), japonês, privado de *Cubo-çama*, alcança que o Bispo de Japão visite ao mesmo Cubo, III, 120 e 121; amigo dos Padres, 128.
Ichicava Iifioje (Iifioge), japonês, algoz do mártir Simão Gofioge, II, 31 e 34; converte-se à fé, 45-46.
Icoxus (Icoxos) seita dos (Japão), é a mais prejudicial, I, 95-96.—I, 83, 222 e 232; II, 52 e 67.
Idalcão. Ver *Hidalcão*.
Ídolos, ilhas na costa da Serra Leôa, I, 408; II, 200 e 252.
Iefo, semente alimentícia na Etiópia, parecida com a mostarda, III, 55.
Iendo (Yendo), cidade do Japão; missão a, II, 231; descrição de, 232; holandeses e inglêses em, visitados por um Jesuíta, 233; é residência do Xógum, filho do Cubo, III, 127 e 128 sgs.—II, 272; III, 130, 132, 133, 135 e 162.
Iemão, deus do Inferno (Japão), II, 238 e 239.
Ierém, rei dos negros da Guiné, I, 404.
Ietxu, reino de Japão (no Meaco), II, 289.
Ifai, taboleta levantada junto de um defunto, no Japão, III, 192.
Igo, é êrro. Ver *Iyo*.
Igreja, Católica, converter os povos à, I, p. IX.
Iiaiasu, rei de Bandou e de Micava, (depois *Daifuçama*), I, 64 e 65; governador principal do Japão, 69.
Iifiacos, cristãos japoneses, oficiais da caridade, zeladores e conselheiros dos mais, II, 24, 37, 38, 40, 41, 44, 48 e 423 sgs.; III, 171 sgs.
Iifiogi, cristão japonês, para ser fiel, emigra para o reino de Sião, II, 244; 245 e 250.
Ilhéus, capitania de (Brasil); influência benéfica dos Jesuítas em, I, 392.

Imprensa, a primeira do Japão, obras impressas no Japão, I, p. XXV sgs.
Imprensa (A) **de tipos móveis em Macau e no Japão, nos fins do seculo XVI**, por Jordão de Freitas, I, p. XXVI.
Inácio, Santo; milagres de, no Japão, II, 12 e 68; na Índia, retrato de, feito por um Irmão italiano, 322.
Inari, Cami (deus), do Japão, I, 233.
Inchio ou renúncia do estado em favor de outrem, no Japão, I, 206.
Índia, Jesuítas na, I, pp. VIII e X-XII; missões da, 2-50 e 286-357; II, 132-163 e 312-396; III, 1-30 e 67-113.
Índios, do Brasil, costumes, ignorância, docilidade, amor aos Padres, I, 375 sgs.; loucuras religiosas dos, 381.
Inês, cristã japonesa, espôsa do martir *Simão* Gofioge, II, 33, 35 e 36; glorioso martírio de, 37 sgs.
Inês, japonesa cristã, filha de João Nangato, caso famoso de possessão, II, 237-241.
Inês, menina chinesa, catequista, valente, I, 265.
Inglês, no Mogor, feito embaixador do rei de Inglaterra, é escandalosamente protegido pelo rei do Mogor; inimigo dos portugueses, perde a graça do rei, III, 22, 23 e 24.
Inglêsa, nau, em Tidor (Molucas), em som de paz, II, 305.
Inglêses, em três navios, de Londres a Cambaia, perdidos, depois a Surrate, bem recebidos, III, 22-23; perdem a graça do rei do Mogor, desamparados, socorridos pelos Jesuítas, 24; na costa Guiné, III, 278.
Íngua, rei de, no Japão, I, 61.
Inquisição, tribunal da, na Etiópia, é fantasia de *Urreta*, III, 298.
Iodoxus (Idoxus, Jodoxus), seita dos, no Japão, III, 148 e 208.
Ionaguizava Sangazamon, homem principal, súbdito de Moridono, no Japão, II, 263.
Ior, pôrto de (Malaca), os holandeses refazem-se em, II, 313 e 315.
Ioximino, cristão japonês. Ver *Constantino*, Dom.
Ipon Mateu, lugar perto de Iamangúchi (Japão), II, 268.
Isabel, Dona, japonesa, espôsa de Jácome Mimasacadono, I, 97; cabeça dos cristãos de *Satçuma*, II, 15 e 16; valente cristã, 17; virtudes e morte de, III, 163-165.
Isac, cristão arménio, companheiro sempre fiel do Irmão Bento de Góis até descobrir o Cataio; III, 25 e 27; vai de Pequim a Macau; tomado pelos holandeses; chega a Malaca, a Cochim, a Goa, e a Cambaia, sempre socorrido pelos Jesuítas, 29-30.
Isafai (Issafai), no Japão; cristandade de, residência de, I, 83; senhores gentios de, muito amigos dos Padres, II, 228-229; III, 147.
Isafaio (Isafai, Isafaidono), japonês, I, 68; missão nas terras de, gentios de, 82 e 83.—III, 160.
Itacurandono, governador do Meaco (Japão), ouve a prègação, II, 280.—III, 122.
Itália, montepios em, I, p. XIX.
Itanaém, no Brasil-Sul, II, 420.
Itaparica (Taparica); índios gaimurés para a ilha de (Baía-Brasil); caridade dos Padres, I, 391.
Itapocu, rio do sul do Brasil, por onde desceu Gaspar *Hortuna*, II, 420.
Itcuquxima? (Iteuqueima?), ilha do Japão, perto de Firoxima, III, 206 e 207.
Ito, ilha e cidade, em Ambóino (Molucas); holandeses em, I, 275, 276 e 279.
Itodono, senhor principal do Japão, I, 68.
Itolama ou sacerdote, no reino do Tabete (Ásia central), II, 386.
Itos, os naturais de *Ito* (Ambóino), guerra aos, I, 278.
Iunda, lugar de Iamangúchi (Japão), II, 262.
Ixe, reino do Japão, I, 128 e 129; II, 43 e 44.
Ixorém, deus do Malabar, I, 341.
Iyo (Igo), reino de Japão, III, 192.
Izu, reino de Japão, III, 194.

Jabé, lugar de Japão, residência de, I, 95, 98 e 100.
Jacas, negros da África (Congo), III, 255.
Jacata ou rei do Bungo, I, 212.
Jacobe, Irmão, japonês, em Pequim (China); pintor que faz pasmar, II, 93.
Jacobo (Jacob), imperador de Etiópia, chamado Malac Sagued, filho de Malac Sagued (Sarsa Denghel). Ver *Malac Sagued Jacobo*.
Jácome, japonês, cristão principal, serve a Fucuximandono, I, 158.
Jácome, Mimasacadono, fervoroso cristão japonês, marido de Isabel, súbdito principal de D. *Agostinho*, I, 97; morre, 186-187.
Jacuím, nome de um bonzo proxeneta, I, 61.
Jagoru ou mestre das coisa da lei (Índia), II, 329.
Jaguaraba, índio amigo, da capitania do Espírito Santo (Brasil), morre cristão, I, 387 e 388.
Jaigém, reino do Japão, I, 233.
Jaléia (jalia, jálea), embarcação ligeira de trinta remos, em Bengala, I, 46, 286 e 278; III, 133.

Jalofos (jelofos), pretos da Guiné, I, 402 e 403; II, 284; III, 363.
Janagava (Ianagava, Yanagava), cidade principal do reino de Chicungo (Japão); fortaleza de, residência de, I, 185; II, 287; III, 144 e 181-186.
Janagavadono, senhor do reino de Chicungo (Japão), I, 227.
Jangomá, rei de, no Pegu, I, 292; II, 317.
Januqui, é êrro. Ver *Sanúqui*.
Japão, império do, dado a conhecer pelos Jesuítas, I, pp. XXI, XXIX e XXX; mapa do, feito e publicado pelos Jesuítas, reprodução, XV; *Cartas do*, obra publicada, XVII; costumes do, XX-XXX; a escrita do, XXI-XXIV; qualidades dos naturais do, XXVII; II, 243-244; o chá no, I, p. XXVIII; tipografias no, XXV; iconografia dos portugueses no, XXXII; música de órgão etc., no, XXVI; guerras no, 127-132; prova do fogo no, III, 194-196 e 199; os Jesuítas no, I, pp. VIII, X e XIII-XIV; Vice-Província do, 2, 53-164 e 169-234; II, 5-87, 217-289 e 370; III, 115-231; penitências dos cristãos do, I, 100 e 118; Visitador do (P. Alexandre Valignano), I, pp. I, 73, 80 e 81. Ver *Valignano*. Trinta residências no, 78; cento e vinte e três Padres e Irmãos no, 79; consolações dos Padres e cristãos do, depois da vitória de Daifuçama contra os partidários do filho herdeiro de Taicoçama, 152 sgs.; pessoal e casas dos Jesuítas no, II, 7; pobreza dos missionários do, 7-8; casos sobrenaturais no, 10-12; cristandade do, III, 115-231; pessoal e casas dos missionários do, 115; tufão que sofreram seis Jesuítas que iam para o, milagre, 116; quinze mil conversões no, 117; Bispo do Japão (D. Luís de Cerqueira, Jesuíta), I, 68, 73 e 74. Ver *Cerqueira*. O Provincial, ou melhor, Vice-Provincial do, (P. Francisco Pásio)[1], visita ao imperador Cuboçama; foi um triunfo, III, 123-128; visita ao filho do Cubo em Iendo; novo triunfo, 128-133; vai a Surunga, 133-137; volta para Meaco; visita em Ozaca ao filho de Taicoçama; de Ozaca vai para Nangazáqui; foi uma excursão apostólica frutuosíssima de quási cinco meses, 138-146.
Jarim ou São Domingos, rio da Guiné, I, 404 e 405.
Jasor, residência do rei de Chandecão (Bengala), II, 135.
Jata (Jatá, Yata). Ver *Miguel*, Dom.
Jateuxiro, é erro. Ver *Iatçuxiro*.
Java, ilha de; moiros de, matam a dois Jesuítas que iam para as Molucas, I, 268; 270.
Javaxará, ano de, no reino de Bisnagá, III, 76.
Jechijém (Jechiém, Jechigem, Jequiém), reino de Japão, II, 87 e 287; III, 126 e 231.
Jechingo, reino de Japão, I, 226.
Jechinocami (Ychinocami, Jechino Cami), japonês, aio de Findejori (filho do Taico), irritado; com a visita do Provincial do Japão abranda a favor dos cristãos, III, 140 e 141.
Jemonodono, governador do Japão, I, 65.
Jenaidono, cristão japonês, homem principal, I, 207.
Jendochunugandono, filho herdeiro de Daifuçama, imperador do Japão; visitado por um Irmão da Companhia de Jesus, I, 115.
Jenomotedono, fidalgo de Moridono (Japão), I, 227.
Jenxu, seita de, no Japão, I, 122.
Jenxus (Ienxus, Ieoxus, Genxus); seita dos, no Japão, I, 114 e 223; II, 53; III, 148, 213 e 214.
Jenzuge, governador de Iatçuxiro, no Japão; amigo dos cristãos, II, 46.
Jerogemon. Ver *Joaquim*.
Jerónimo, Dom, fidalgo japonês de Firando; filho de D. António, I, 73, 74, 144 e 145; oferece-se à morte por Cristo, 146; 157.
Jesuítas, religiosos da Companhia de Jesus, fundada por S. Inácio de Loiola; utilidade dos, I, pp. X-XII; médicos, cirurgiões, XVI; quási seiscentos no Oriente, 2; ensino, e outras ocupações dos, no Oriente, 2-3; um milhão de cristãos a seu cargo, no Oriente, 3; influência benéfica dos, nas Missões Ultramarinas, 370 sgs.; agentes de paz, 371.
Jesus, colégio de, em Baçaím, I, 3; colégio de, em Goa, 3.
Jesus Cristo, amor a, I, p. VII.
Jesus e Maria, amor dos gentios a; milagres, I, 41.
Jeximino. Ver *Constantino*, Dom.
Jichu, reino de Japão, III, 230.
Joala, pôrto da Guiné, trabalhos apostólicos do P. B. *Barreira* em, III, 278.
Joana, japonesa cristã, mãe do mártir Simão Gofioge, II, 31, 33, 35 e 36; glorioso martírio de, 37 sgs.
João, cristão japonês, foge do reino de Fingo para Nangazáqui, morre, III, 149.
João, cristão de Travancor, na igreja de Cotate; milagre das alâmpadas de água, II, 343-344.

1 O Padre Francisco Pásio foi Vice-Provincial do Japão desde 1600 até 1611; antes dêle fôra o P. Pero *Gomes*, falecido em 1600. Ver *Gomes*.

João, cristão japonês de Meaco, converte-se em Nangazáqui; constância de, contra os bonzos; célebre disputa de, III, 215-218.
João, cristão japonês, familiar do tirano Canzugedono; conversão, baptismo e destêrro voluntário de, II, 259.
João, Dom, japonês fidalgo e cristão, senhor de Arima; piedade de, II, 234, 259 e 281.
João, Dom, *Setuão*, cristão, filho do rei D. Filipe, da Serra Leôa; baptismo de, III, 260-262; 264 e 265; baptizam-se dois irmãos e um filho de, 266; 273.
João, Dom, o alevantado, em Ceilão, contra os portugueses, I, 325 e 327; morre, II, 149.
João, Dom, Acaxicamão. Ver *Acaxicamão*.
João Gorozaimon. Ver *Gorozaimon*.
João Naitofindandono (Naitofindono), Cami, cristão principal, no Japão; carta de, I, 196; constância de, 201.
João Tigoro, japonês, cristão valente de Iatçuxiro, II, 24-26, 29, 35, 41, 42, 47 e 48; prêso, interrogado, carta de, 245-249.
João II, Dom, rei de Portugal, e o Preste-João, I, 310, 352 e 354; III, 334; e o Congo, 364.
João III, Dom, rei de Portugal, e os Jesuítas missionários, I, pp. v, 354 e 373; e a Etiópia, III, 304, 313 e 334.
Joaquim, cristão japonês, em Arima, chamado por Deus para o céu, III, 167-168.
Joaquim, japonês, cristão valente, pela fé, em Iatçuxiro, I, 199-200 e 203.
Joaquim Vatanabe Jeromon, (Jerogemon) japonês, um dos três *iifiacos* (irmãos ou oficiais da caridade) em Iatçuxiro; vida santa e heróica de, por amor da fé, II, 24, 26, 27, 29, 35, 36, 41, 42, 47 e 243 sgs.; prêso com sua mulher Maria, e com seus dois companheiros João e Miguel, 250 e 251-259; carta dos três ao P. Provincial da Companhia, 255; prêso durante três anos, protestação de fé, III, 172-173; morre, carta de, 174-175; obtêem os Padres o corpo do mártir; entêrro de, 175-176.
Joaquim, pai de D. *Agostinho* (Japão), I, 115.
Jocundono (Jucundono, Jocundo, Jecundono, Yechudono) Nangavoca (Nagavo Yecundono), gentio japonês, rei de Tango; favorece os Jesuítas, I, 155; rei de Bugém, favorece a cristandade, 157; honra, e favorece os Padres, carta, 211-214; exéquias por alma de Dona Grácia espôsa de, 214-218; amigo dedicado, solta os presos condenados à morte e entrega-os ao Padre Missionário, II, 63-65; III, 122 e 143; baptiza-se a mãe de, 187-188.—I, 210, 224 e 278.
Jogoro, Justino. Ver *Justino*.
Jogue, na Índia, II, 156 e 157.
Jonovoribe, fidalgo japonês, I, 223.
Jorda, adoração, com a cabeça em terra (no Mogor), II, 365.
Jorge, japonês, pai de João, soldado de Tarazava; valente cristão, II, 20.
Jorge, intérprete do P. R. Nóbili, no Maduré, III, 90 e 96.
Jorge, cristão e mandarim chinês, em Xaucheu; grandes exemplos de caridade, I, 259.—II, 122.
Jorge, P. Francisco, Maronita, morto em Maçuá (Etiópia), II, 178.
Jorge Jafingidono (Jafinjidono, Jafingindono, Jafindono), cristão japonês, súbdito de D. Agostinho, I, 98 e 99; carta com louvores de, vida santa de, 100; escreve ao P. Provincial, carta de, 195-196; constância de, 201.—I, 198 e 199.
Jorge, Manuel, português da Etiópia, I, 361.
Josaimondono, japonês, sôgro de Fucuximandono, II, 60.
José, japonês, irmão de D. *Agostinho*, I, 225.
Judeu, terras do, na Etiópia, III, 33.
Judeus, abexins, fortificados nas serras de Etiópia, III, 63; serra dos, 372 e 376.
Jugazudono, japonês, senhor principal do reino de Voxu; o filho morgado de, baptiza-se, III, 226.
Júlia, espôsa de El-Rei Francisco de Bungo (Japão), I, 182.
Júlia, irmã do apóstata Naitofindandono João; perseguida, I, 227-228.—II, 73 e 74.
Júlio III, Papa, e a Etiópia, I, 354; II, 181.
Junsalão, pôrto de (Pegu), I, 294; II, 317.
Juritono (Joritono), antigo senhor do Japão, II, 218, 231.
Justa, Dona, japonesa, espôsa de D. Agostinho, I, 133 e 225.
Justa, Dona, japonesa, raínha de Arima, espôsa de D. Protásio; bondade de, I, 90 e 174-175.—I, 228.
Justa, Dona, japonesa, espôsa de Dom João Arimandono, piedade de, II, 234.
Justino Cano Jogoro, cristão Japonês de Iamangúchi; zêlo, prisão e martírio de, III, 198-202.—III, 206 e 207.
Justo, japonês, senhor cristão, espôso de Tecla; leproso, I, 182-183.
Justo Ucondono (Ocundono, Hacandono, Justocondono, Justoucondono, Justucundono, Justo), capitão japonês, cristão, I, 58, 63, 108, 116, 121, 232 e 233; II, 84-86; funda uma residência da Companhia em Canazava, côrte do reino de Canga, 87 e 289.—III, 230.
Jusumandono, Pedro, japonês, converte-se, II, 80-81.

Kiuchinkium, chinês antigo, venerado como santo pelos adeptos da seita dos *Tauxus*; fábula curiosa, II, 111-113.

Laboca, igreja de Etiópia, III, 61.
Labua, lugar da ilha de Bachão (Molucas); cristandade de I, 269 e 272; II, 129, 305 e 311.
Lacamalião, principal conselheiro de Atanás Sagued, imperador da Etiópia; morre em guerra civil, juntamente com o imperador, II, 404 e 405.
Lacidecabedelo, lugar de Ambóino (Molucas), I, 282.
Lacomo, lugar da ilha de Ternate (Molucas), II, 310 e 311.
Laércio, P. Alberto, Provincial do Malabar, I, 316, 337 e 347; leva aos cristãos de S. Tomé uma imprensa de caracteres caldeus, II, 160.
Lafeita, Cosme de, capitão de Cochim, zeloso, I, 343 e 344.
Lahor (Laor), capital do império do Grão-Mogor, residência de, I, pp. 5, 6, 12 sgs., 296, 297, 299, 307 sgs., 305, 306, 308, 311, 312, 314 e 371; II, 358 e 359; Jesuítas perseguidos e roubados, 360; restituídos, 361; castigo dos perseguidores, 361-362 e 367; os Padres visitam o novo imperador, 368; conversões, 374 sgs.; comércio de, 389.—II, 367; III, 7, e 25.
Lamanancor, é êrro. Ver *Ramanancor*.
Langão (Langião), reino de, junto do reino de Sião (Indochina), II, 317 e 318.
Laodiceno, Concílio, aplicado em Etiópia, III, 49.
Larego, primeiro conselheiro do rei, em Guinala (Guiné), I, 412.
Larim, moeda do Mogor, II, 380.
Lascar ou **marinheiro** (Bengala), I, 295.
Leão de Noteu, cristão japonês, faz a melhor igreja de Bungo, I, 110.
Leão, diácono grego, companheiro de B. de *Góis*, em demanda do Cataio, III, 25 e 27.
Leão, cristão japonês de Vongóri, perto de Iamangúchi, III, 198.
Lecá, reino de Etiópia, III, 65.
Lêdo, Cabo, na Serra Leôa, I, 407.
Lei do Grande Ocidente ou **Lei de Cristo**, na China, I, 256 e 260.
Leitão, Irmão António, na residência de Pequim, III, 235.
Leitão, P. Manuel, mestre de noviços em Cochim, pai dos cristãos, vai a pé para o Maduré, III, 107-108; carta de, 108-113.
Leitão, Martim, capitão português, na Paraíba (Brasil), I, 375-376.
Lengica, terras de, na Índia, III, 170.
Lengicuxu, seita de Japão, vinda da Índia, III, 170.
Léni, P. Alexandre, Reitor do colégio de Tutucorim, Índia sul, I, 33 e 34.
Letrados, seita dos, na China, II, 110 e 112.
Levanto, P. Nicolau, Reitor do colégio de S. Tomé, (de Meliapor) vai ao rei de Bisnagá, para o aplacar a favor dos portugueses que o tinham agravado, II, 321.—III, 76.
Lima, Paulo de, fidalgo português, em Ternate (Molucas), II, 311.
Lima, Dom Rodrigo de, embaixador de El-Rei D. Manuel à Etiópia, I, 352; III, 302 e 367.
Líncia, fortaleza de, na China, I, 241.
Lincitao, autoridade da China, I, 240, 243 e 244.
Lingão, ídolo, pagode indiano, III, 100.
Lingocão, mandarim de Pequim, muito amigo dos Padres, quere levar o P. Rício, II, 107; imprime e anota pela primeira vez *o mapa de seis quinas* de Rício, 107-108.
Lini, cidade da China, I, 239.
Lini, afamada família chinesa, que quere dizer *dos Matos*, II, 114; carta de um Lini, quere ser cristão, 115-116; não o pode ser por certa circunstância; baptizaram-se três filhos seus, 117; propaga-se a lei de Deus, tem a imagem do Salvador em casa, 297; pede aos Padres lhe ensinem e eduquem três filhos, 298.
Lino, cristão japonês, neto de Nangato João, caso famoso de possessão, II, 240.
Lipo, tribunal dos negócios estranjeiros na China, II, 101 e 102.
Lipo, mandarim chinês, molesta os Jesuítas de Pequim, I, 248-249.
Lipo de Pequim, favorável aos Jesuítas, I, 250.
Lipo Xauxu (China) favorável aos Padres, I, 250-251.
Lisboa, Capital de Portugal, I, p. IX; colégios de, VI; missionários Jesuítas partem de, IX e X.
Livuxi, cristão de Pequim, membro de um tribunal; protestação do baptismo de, encantadora, II, 105.
Loanda, vila de (Angola), I, 398.
Loango, rei de, a vinte léguas de Angola, II, 414.
Lobato, P. João, vai aos índios Carijós (sul do Brasil), II, 419 sgs.
Lôbo, Luís Dantas, náufrago, no Mogor, I, 306.
Lóguos, povos da Serra Leôa, III, 249 e 259.
Longacame, perto de Nangazáqui (Japão), II, 228.
Lopes, P. Estêvão, vai de Lisboa para o Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Lopes, Irmão (depois Padre), Francisco, vai para a Etiópia, trabalhos e morte de, I, 355-

357; cabeça de, 370; informação sôbre a morte de, II, 181, 183, 185 e 188-190.—III, 327, 328-329 e 354.
Longobardo, P. Nicolau, em Xaucheu (China), I, 51; carta de, 124-126; regista dez calúnias espalhadas contra os Padres, 300-301.—II, 122 e 290.
Lucena, P. Afonso de, Reitor de *Omura* (Japão), I, 86 e 87.
Luções (*Luzon* das Filipinas?), um senhor gentio do Japão vende uma imagem de N. Senhora da Anunciação, para os, II, 242.
Luís, Padre, um dos dois primeiros sacerdotes japoneses; em Fingo, I, 195; vai consolar os cristãos presos em Iatçuxiro, e visitar a Canzugedono, carta dos presos a, II, 256 e 257; III, 172-173; visita os cristãos de Sumamoto e de Uto, volta a Arima, 174; prega em Arima nas exéquias de *Joaquim* Vatanabe Jerogemon, morto pela fé na prisão de Iatçuxiro, 176.
Luís, menino japonês, mártir de oito anos, filho adoptivo da mártir *Madalena*, II, 39 sgs.—II, 244.
Luís, P. Francisco, governador do bispado de Malaca, entra na Companhia de Jesus, e morre três dias depois, II, 316.
Lunrique, médico vindo do Cataio a Hircande (cidade da Ásia central), II, 386.
Lusíadas, versos dos, I, p. v.
Lusitânia, revista portuguesa, I, p. VIII.
Luzia, Dona, filha de D. Maria sogra de Arimandono (Japão), III, 162.
Luzia, chinesa, espôsa de Jorge, mandarim em Xaucheu, II, 122.

Macassar (Macaçar), na ilha de Celebes (Oceania), I, 279; II, 311.
Macaná Celacém, igreja de Etiópia, III, 61.
Macareu, baía do Pegu, I, 291 e 295.
Macau, cidade de (no sul da China); imprensa de, I, p. XXV; colégio de, 50; incêndio na igreja e colégio de, 235; tempestades em, naus holandesas em, que retiram com perdas, 235-236; coisas do colégio de, II, 89; seminário e viveiro das missões da China e Japão, 93; calúnia de uma pessoa de, contra os Padres de, gravíssimos desgostos e tribulações, 298-302; notícias do colégio de, III, 231-232.—II, 290.
Machado, P. António, no Mogor, I, 296 e 311.
Machado, Francisco Dias, português da Etiópia, I, 361.
Machado, Luís, português da Etiópia, I, 361.
Machamalá, terras de, no sertão da Serra Leôa, I, 408.
Machão, fortaleza de, em Bengala, I, 47.
Macom, chinês, eunuco da cidade de Siutim; primeiro favorece os Padres, depois é traiçoeiro, I, 240 e 241 sgs.
Maconos, conselheiros dos sobas em Angola, II, 414.
Maçuá (Macua, Mancua), ilha e pôrto de, na Etiópia, I, 358-360 e 364-366; II, 398; III, 310, 339, 342 e 370.
Madalena, japonesa cristã, filha de Giogocu Maria, III, 212.
Madalena, japonesa cristã, mãe de D. Agostinho; secretária da imperatriz do Japão, I, 63; morre, 115.—I, 118 e 215.
Madalena, japonesa, espôsa de Nangato João; caso notável de possessão, II, 237-241.
Madalena, japonesa, espôsa do mártir Gorozaimon João; II, 26; glorioso martírio de, 37 sgs.
Madapé, igreja de, em Ceilão, I, 326.
Madavá e Dio, comércio de, II, 389.
Madeira, ilha da; aportam três Jesuítas à, II, 191
Madre de Deus, igreja da, em Salsete (Goa); freqüência na, II, 357.
Madre de Deus, frèguesia anexa ao colégio de S. Tomé de Meliapor (Índia Oriental), II, 321.
Madre de Deus, colégio da, em Taná (Goa), I, 3.
Maduré, cidade e reino de (no reino de Narsinga ou Bisnagá, Índia Oriental); residência de, I, 33, 35 e 322; II, 327 sgs.; duas residências na cídade de, III, 89; missão de, pertence ao Arcebispo da Serra, 186; naique de (ou capitão de); senhor de, é mau, II, 143, 323, 326 e 327.—III, 89.
Maesse, pagode em Dio; uma das três pessoas com divindade, II, 391 e 392.
Mafamede (Mafoma), desprezado no Mogor, I, 300; autor do Alcorão, II, 113.—II, 359 e 360.
Mafeu, Padre João Pedro, historiador, fala da Etiópia, III, 289 e 303.
Magalhães, Gaspar de, na Etiópia, III, 307.
Mahaolá, reino de Etiópia, III, 65.
Maio, ilha do arquipélago de Cabo Verde; holandeses em, I, 401.
Majundo, mosteiro de bonzos, no Japão, II, 54
Malabar, na Índia ocidental, Província do (ou Província de Cochim, ou Província do Sul), coisas do, I, 26-49; 265-295 e 315-346; II, 127-164; 155-163 e 303-347; III, 67-113; deuses do, 341; poeta célebre no, 341-342.—III, 371.
Malac-Sagued (Malasaguet), Sarza Denghel, filho do tirano Adamás; imperador da Etiópia, II, 410; III, 54; vence ao rei de Adel ou Zeila em 1577, 378-379; reinou 33 anos, morreu em 1596, sucedeu-lhe seu filho Jacobo, 351.

Malac-Sagued (Malasaguet), Jacobo (Jacob), imperador da Etiópia em 1596, bom e amigo dos Jesuítas, I, 369; reina sete anos, é destronado e prêso, II, 167-168; III, 351; sucede-lhe Atanás Sagued (Savenguil), II, 170; volta a reinar, escreve ao P. Pero Pais, 409-410; morre em batalha (guerra civil); sucede-lhe *Sacinos*, III, 31-34 e 352.
Malac-Sagued, antes *Sacinos*. Ver *Sacinos*.
Malaca, cidade de, colégio de, I, 49, 269, 271 e 293; conquistada por Afonso de Albuquerque, cercada pelos holandeses e malaios, II, 312-316.—II, 303; III, 87.
Malacais, moiros, na Etiópia, vencem e matam ao rei Cláudio, III, 324.
Malagueta, costa da, além da Serra Leôa, II, 209.
Maluana (Maloana), em Ceilão; baptismo solene em, II, 344.
Maluco (Moloch) ou **Molùcas**, I, pp. XI e 49; coisas de, 267-283; injustiças, calamidades, perseguições, sessenta mil mártires em, 267-268; carta ânua de, 268-269; guerra em, 275-276; armada de Goa para, 276-283; missões de, II, 127-131; descobrimento e história das ilhas de, direitos de Portugal sôbre, 305-307; os Jesuítas de, com os portugueses vencidos pelos holandeses, vão para as Filipinas, 308; voltam os Jesuítas portugueses das Filipinas, na armada que reconquistou as ilhas de, 309-312; colégio de, III, 87 sgs.—I, 372.
Mamala, lugar forte em Ambóino (Molucas), conquista de, I, 275 e 282.
Mampoli, na costa de Travancor (sul da Índia), I, 30.
Manaar, lugar de Travancor, I, 335.
Manacuri, lugar de Travancor, I, 330.
Manadá, ilha das Molucas, III, 88.
Manamaduré, rei de (Maduré), dá esperanças de se converter, III, 91.
Manapar, na Costa da Pescaria, confissões em, I, 34; devoção à Santa Cruz, 35.—I, 36.
Manar, ilha de (sul da Índia), I, 31-35 e 323; os capitães portugueses vexam aos naturais, e cristãos de, II, 323.—I, 324.
Manassingão (Manassingua), capitão general do rei Aquebar (Mogor), I, 291; ataca ao Cadarrai, senhor de Siripur (Bengala); é derrotado pelo capitão português Domingos de Carvalho, II, 134.
Mâncio, Dom, cristão e grande senhor de Japão, I, 68.
Mâncio, cristão japonês, criado de Saxodono (Iamangúchi), II, 54 e 55.
Mandarim, autoridade, governador, na China; açoitado pelos portugueses, I, p. X.
Mandarins, amigos dos Jesuítas e dos cristãos, I, 263 e 264; açoitados por ordem do rei da China, II, 96.
Mandimança, imperador dos negros da Guiné. I, 404.
Mandingas, negros da Gniné, I, 403; III, 244 e 284.
Mandocorosama, Quitano (Mondocorasama, Madocorosama), espôsa de Taicoçama, imperador do Japão, I, 118; II, 282; III, 214.
Manes, ou **çumbas**, certa raça (a dominadora), de negros da Serra Leôa, III, 255 e 271.
Mangate, rei de (Malabar), mau, I, 343.
Maniagar (Mandiaguar), chefe de aldeia, na costa de Travancor, I, 67.
Manila, capital das ilhas Filipinas (Oceania); frades de, em Japão, I, 67; os Jesuítas e portugueses desterrados de Tidor (Molucas) aportam a, II, 308; o rei de Ternate e o príncipe com os grandes (inimigos de Portugal, e amigos dos holandeses) vão presos para, 311.
Manual do Bispado de Nangazáqui, em língua japonesa, III, 162.
Manuel, neto de Belchior Bugendono (Japão), entregue como refém, por seu avô, a Moridono, II, 263.
Manuel, Dom, Besse. Ver *Besse*.
Manuel Cubé, negro da Serra Leôa, mestre dos outros, baptiza-se, faz-se prègador, III, 253-254.
Manuel, Dom, Rei de Portugal, primeiro conquistador da Índia, II, 304; relações de, com a Etiópia, III, 302, 304 e 367.
Manuel, Dom, rei de Ternate, chamado antes Chacil Tabarija; baptismo de, testamento de; nomeia por sucessor a D. João III, Rei de Portugal, II, 304.
Manuel, João, menino mártir, congregado da Anunciada do colégio de Santa-Fé em Goa, morto pelos moiros na viagem para Dio, II, 351.
Manuquer, cristão, embaixador do rei da Pérsia, no Mogor, I, 305.
Mapa das Missões do Japão, feito pelo P. António Francisco Cardim, reprodução do, I, p. XV.
Mapa geográfico e astronómico, com letras badagás, mostrado pelos Jesuítas ao rei de Bisnagá, II, 323.
Mappa-Mundi e esfera, com o movimento do Sol e da Lua, explicados por um Irmão Coadjutor (no Japão), ao filho do Taico, II, 73.
Mappa-Mundi, do P. Mateus Rício, na China, II, 125.
Maquiém, ilha das Molucas, II, 303 e 305.

Mar, trabalhos do, II, 191-198.
Marabá, serra de Etiópia, Jesuítas em, III, 33.
Marbatão, é êrro. Ver *Martavão*.
Marco Polo, escreve das terras do Oriente, I, p. XXIX.
Marcos, menino japonês, no reino de Fingo, vê cruzes milagrosas, I, 72.
Marcoza Marian, igreja de Etiópia, III, 61.
Margão, em Salsete (Goa); casa dos catecúmenos em, I, 348; colégio de, passa para Rachol, II, 355 e 357.
Margarida de Chaves, bemaventurada, relíquia milagrosa de, II, 380.
Maria, P. João, na fortaleza de Sirião (Pegu), III, 84.
Maria, Dona, filha de D. *Agostinho* (Japão), grande cristã, I, 112-113 e 133; espôsa do rei de Firoxima; repudiada, faz voto de castidade, vive santamente, morre em Nangazáqui, II, 225.
Maria, Dona, japonesa, sogra de Arimandono; virtudes, morte, exéquias solenes de, III, 160-163.
Maria, japonesa, filha do mártir Bugendono Belchior; baptiza-se, III, 208-209; carta de, 209-210.
Maria, japonesa, valente cristã, filha de Fangemon, nobre cristão de Iamangúchi, II, 270.
Maria, japonesa, espôsa de João (do reino de Fingo); morte santa de, III, 149-150.
Maria, japonesa, valente cristã das ilhas de Gôto, II, 14-15.
Maria, japonesa, espôsa de Joaquim, prêso em Iatçuxiro, companheiro de João e Miguel também prêsos; é prêsa por ser cristã, II, 250.
Maria, japonesa, espôsa de Miguel, cristão de Cabanave e filho de Miguel de Cangoxima, II, 242.
Maria, japonesa, mãe de Sogemandono Miguel, I, 211.
Maria, japonesa, e zelosa cristã, espôsa de Sogemandono Miguel, I, 204; III, 181.
Maria, japonesa, antes da seita dos Lengicuxu (ou do Oriente); baptiza-se; antes do baptismo fazia curas extraordinárias com rosários e com o Santo Lenho, sem saber o que aquilo era, III, 170-171.
Maria, japonesa, senhora de Ozaca (Japão), II, 287.
Maria, japonesa, perfilhada do Taico, e espôsa de Bijeno Chunugandono, baptiza-se, III, 214.
Maria Quiogocu (Giocu, Quiegocu), japonesa, senhora do reino de Vomi, mãe de Saxodono, cristão e senhor do reino de Vacasa; zêlo de, I, 219 e 226; II, 74; faz solenes exéquias a sua filha *Madalena*, III, 117-118.—II, 74, III, 212-213.
Marina, japonesa cristã, possuída ou possessa de Leão, sôgro de Miguel (em Arima); fala a Miguel, ameaça-o a êle e a sua irmã Mícia, III, 166-167.
Marina Matçu, filha de Nangato João (Japão), entra num caso famoso de possessão, em Arima, II, 237-241.
Maripó, lugar de Ceilão, III, 75.
Mar-Roxo, expedição militar ao, III, 370.
Marta, japonesa cristã, nora de Nangato João, que lhe aparece depois de morto, caso famoso de possessão, em Arima, II, 237-241.
Martavão (Martabão, Marbatão), reino de, pôrto de, no Pegu, I, 49, 249 e 295; II, 139, 317 e 318.
Martinho, Irmão Fara, japonês, prègador, I, 80; fala a Canzugedono, e êste solta os Jesuítas presos, 162.
Martins (Miz), Irmão Francisco, em Xaucheu (China), I, 51; prêso e morto em Cantão, vítima de calúnias contra os Jesuítas e portugueses, II, 298-303.
Martins, Dom Pedro, bispo do Japão, I, 154.
Maruja, jaléia (embarcação), do capitão-mor do rei de Arracão (Bengala), tomada pelos portugueses, III, 79.
Mascarenhas, P. António de, Provincial de Portugal, II, 191.
Mascarenhas, D. Fernando, capitão de um galeão, na batalha naval contra os holandeses, em Malaca, morre em combate, II, 313-314.
Mascarenhas, Manuel, capitão-mor, e os Jesuítas no Rio Grande do Norte (Brasil), I, 376 e 377.
Mascarenhas, Dom Pedro, irmão de Dom Fernando *Mascarenhas*; na batalha naval contra os holandeses em Malaca, sucede ao irmão morto em combate, e morre também; virtude e piedade de, II, 313-314.
Mascarenhas, Dom Pedro, Vice-Rei da Índia, III, 304.
Mascarenhas, Manuel, índio valente, da aldeia dos Reis Magos, na capitania do Espírito Santo (Brasil), I, 386; morre, 387.
Mascate, fortaleza portuguesa, no reino de Ormuz, I, 362.
Masónio (Massónio), P. Lourenço, em Ambóino (Molucas), I, 278; prêso com seu companheiro, e desterrado pelos holandeses, vai para *Manila*, II, 128.
Massangano, vila de, em Angola; cristãos em, I, 398; II, 415.
Mata, P. Gil da, vem de Roma, morre no mar; elogio de, I, 79.

Matavalur (Matabalur), cidade de Travancor, I, 332 e 334.
Matenjedono, fidalgo japonês, I, 212.
Matos, família chinesa dos. Ver *Lini*.
Matos, P. Agostinho de, vai aos índios Carijós (sul do Brasil), I, 385. Ver *Garijós*.
Matos, Manuel de, na ilha de Sundiva (Oceano Índico), valente capitão, I, 286 e 287.
Maurício, armas do príncipe holandês, em Ambóino, I, 281.
Mavio, cidade do Pegu, I, 47.
Maviá, capitão do rei de Arracão (Bengala), derrotado pelos portugueses, III, 82.
Maxência, cristã japonesa de Bungo, valente, II, 47-58.
Maxência, Dona, filha de D. Francisco rei de Bungo (Japão), espôsa do rei Simão Findenadono, I, 68, 69, 105, 106, 159 e 184.
Maxência, japonesa cristã, neta do rei de Bungo D. Francisco; voto de castidade, vida santa, e morte de, em Nangazáqui, com dezóito anos de idade, II, 222-225.
Mazarat, é êrro. Ver *Alazarat*.
Mazba, deserto da terra de, na Etiópia; carta de um frade etíope de, aos Jesuítas recém-chegados, II, 180.
Meaco (Miaco), capital do Japão, I, pp. XVII, XIX e XXVI; cristandade de, 114, 117-119, 225-231, 233 e 370; II, 76-84 e 279-284; III, 211-221.—I, 55, 57, 58, 60, 62, 65, 68, 70, 71, 73, 75, 105, 127, 130, 133, 143, 147-150, 153, 154, 161, 171, 172, 174, 184, 201, 204, 205, 208, 214 e 219; III, 124, 140 e 225.
Meca, cidade de Mafoma, na Arábia; romaria mahometana a, II, 179; fazendas para, I, 294 e 297; comércio de, e Dio, II, 389; estreito de, III, 369 e 370.
Mecha (ou Meca?), no Mogor, II, 20.
Mécia, Camiçama, ou princesa, Dona, japonesa, filha de D. Bartolomeu, rei de Omura; valentia de, I, 75-77.
Mecoco, rei dos Anziques, Angola, II, 414.
Mecom, rio do Sião (Indochina), I, p. VII.
Medafaval, terra de Cambaia, III, 23.
Melinde, costa de (África Oriental), III, 369.
Melique, reinos do (Índia), I, 296.
Melo, capitão Duarte de, em Dio, bemfeitor, II, 388.
Memnao, mandarim da família Chão, conhecido do P. M. Rício, em Pequim; usa e venera a cruz, II, 293.
Mena ou **Minas**, rei de Etiópia; fantasias de *Urreta* sôbre, III, 330-331.
Mendonça, André Furtado de (Gran-Capitão), louva os Jesuítas das Molucas, I, p. XII; capitão de uma armada, 50 e 276; sucesso da armada de, de Goa para Ternate, carta, 276-283; pouco feliz nas Molucas, II, 129 e 308; capitão de Malaca, 312; governador da Índia, declara quebradas as pazes com o Mogor, III, 23.
Meneses, D. Álvaro de, capitão-mor da armada de Malaca; batalha naval com os holandeses em Pulobotum; os inimigos retiram, II, 315.
Meneses, Dom Francisco Aleixo de, Primaz da Índia, e os cristãos de S. Tomé, II, 160 e 161; tira informações da vida e morte do Patriarca A. de Oviedo e companheiros, mortos na Etiópia, 181 sgs.
Meninas, prègadoras, I, 39-40 e 43; III, 231; valentes, I, 84 e 99; III, 222-223.
Meninos, cristãos valentes, I, 106, 151, 192 e 200; II, 13-14, 16-18, 39 sgs., e 286; III, 223 e 230-231; feitos prègadores, I, 349-350; comprados na China, I, 245.
Merea, Paulo, louva os Jesuítas missionários, I, p. XV.
Merisaquias, ministro principal do rei de Cascar (Ásia central), fala com Bento de Góis, II, 382-383.
Mesquita, Martim Afonso de, mata ao rei de Ternate (Molucas), II, 305.
Metarouba, chefe dos Petiguares (Paraíba, Brasil); pede Padres, I, 384.
Mexia, P. Lourenço, escreve de Japão, I, p. XXVII.
Micava, reino de Japão, II, 231.
Micavanocami (Michavanocami), filho do Cubo (Japão), e senhor de Jequiém, II, 287; morre; barrigas cortadas em honra de, III, 126.—205.
Miguel, cristão japonês, baptizado por S. Francisco de Xavier, II, 241-242.
Miguel, filho do Miguel baptizado por S. F. de Xavier; reside em Cabanave (Japão), II, 242-243.
Miguel, cristão *iifiaco* (oficial da caridade), de Iatçuxiro (Japão), II, 24, 26, 29, 35, 41-43, 47 e 243 sgs.; prisão de, 251 sgs.; três anos prêso pela fé, III, 172-174 e 176.
Miguel, cristão japonês de Iatçuxiro, carpinteiro, valente, II, 253.
Miguel, menino chinês, em Nanchão, II, 117.
Miguel, Dom, antes *Jata*, filho de D. Pedro, rei da Serra Leôa, III, 265; baptismo de, 273-274.
Miguel Sogemandono (Curanda Sogemandono, Sogemondono, Sojemandono, Sogimondono, Sogedono, Cujemandono), irmão de Simão Cambiogedono, e tio de Cainocamidono, todos três cristãos, e capitães de Taicoçama e de Daifuçama, imperador do Japão, I, 103,

135, 159, 202, 204, 205, 211, 212, e 218; II, 60 e 66; III, 144 e 181.
Miki (Miche) Paulo, João e Diogo Irmãos Jesuítas, mártires, entregues à morte pelo governador de Ozaca (Japão), II, 75.
Mimazaca, reino de Japão, I, 159.
Mimazaca, Jácome (Diogo) (Mimazacadono), grande cristão japonês, espôso de D. Isabel; fidalgo e criado principal de D. Agostinho, I, 97; defende a fortaleza de Iatçuxiro contra Daifuçama; retira-se, 140; zêlo e devoção de, 141-143.—II, 247.
Mina, Costa da (África Ocidental), II, 209; oiro da, 216; III, 255.
Minami Gorozagemon João, mártir japonês, III, 176.
Minaminambo Justo, japonês cristão, III, 231.
Mino, reino de Japão, I, 59; cristandade de, cartas, 119-122; perdas em, 134; missões ao, II, 85; III, 212 sgs.—I, 128, 129 e 131; III, 219.
Miramumins, índios da capitania de S. Vicente (Brasil), convertem-se, I, 384.
Mirim, rei de Breampur (Bengala), I, 6-8.
Miro, povoação de Japão, II, 246.
Misericórdia, Irmãos da, no Japão, I, p. XVIII; casa da, em Nangazáqui, 83; em Ximabara, 91; em Meaco, 118.
Missa do galo, em Lahor, no reino do Mogor, III, 7.
Missionários, mais de dois mil, que partiram de Lisboa para o ultramar, I, p. X.
Missões, notícias das, estimadas na Europa, I, p. XXXVIII.
Miz. Ver *Martins*.
Mitomba, pôrto do reino de Farma (Guiné), III, 263-264.
Mitombo. Ver *Tagarim*.
Mobora. Ver *Filipa de Leão*.
Moca (Moça, Moçá), cidade e pôrto da Arábia, no Mar Vermelho, I, 364; II, 179; III, 23, 51 e 65.
Mocadam, moiro do navio em que ia o P. Pero Pais para a Etiópia, I, 364.
Mocarebecam, embaixador do Mogor a Goa, III, 21.
Mochima, terra de Angola, II, 415.
Moçambique, armada de D. Martim Afonso de Castro em, II, 347; holandeses em, assolam tudo, retiram duas vezes, sem poderem conquistar a fortaleza de, 348 e 349.
Mofaquiém, sangaje (duque), de Ternate (Molucas), rende-se, com outros sangajes, aos portugueses, II, 310-311.
Mogo ou rei de Arracão (Bengala), II, 318; traição e guerra contra os portugueses do Pegu, é vencido, II, 319-320.
Mogos, os naturais do reino de Arracão, I, 287; II, 132; tomam a ilha de Sundiva (Oceano Índico), e o Reino de Bachalá, 134 e 135.
Mogor ou **Grão-Mogor**, designa o rei, ou o reino do mesmo nome, que se estende desde Cambaia até Bengala e compreende grande parte da Ásia central, tendo como capital a cidade de Lahor, I, 5; o rei chama-se *Aquebar* ou *Equebar*, 5; missão do Mogor, coisas do, 5-12 e 296-309; II, 358-380; III, 6-25; o rei *Aquebar*, a-pesar de velho, anda quási sempre ocupado em guerras; traz consigo sempre dois Padres da Companhia de Jesus; outros dois Padres trabalham em Lahor, I, 5; é muito devoto do Sol a quem reza muito por um rosário riquíssimo de pedras preciosas, 5; ambições e conquistas do, 6-9; embaixada do, à Índia portuguesa; carta do, ao Vizo-Rei da Índia, 10 e 11; é amigo dos Padres, e passa um formão ou portaria (minutada pelos Padres), para se poder administrar o baptismo livremente, 297-298; favorece ao Irmão Bento de *Góis* que vai em demanda do reino do *Cataio*, 311 e 312; o filho de *Aquebar* também é amigo dos Padres e dos cristãos, 307-309; discórdia entre *Aquebar* e o filho herdeiro, 307 sgs.; morte do rei *Aquebar*, suas boas qualidades, II, 364-366; o novo rei do Mogor, filho de *Aquebar*, chama-se *Nurdim Nohamad Iahamuir*, mostra-se moiro, tendo aparências de cristão antes de subir ao trono, 366; o filho de *Nurdim* levanta-se contra seu pai, é prêso, castigado corporalmente, desherdado, 366-370; govêrno do novo rei; mostra-se amigo da justiça, atencioso com os Padres; mas é cruel com dois meninos cristãos, 370-374; recebe, defende, e favorece os Padres, III, 7-8; adorna o seu palácio com imagens sagradas, respeita a Jesus e Maria, e estima a religião cristã, 15-18; manda um embaixador e um Jesuíta a Goa, 20-21; favorece os inglêses que entram no seu reino, quebrando-se as pazes com os portugueses, 22-23; anula os favores feitos aos inglêses, restabelece-se a paz, por meio dos Jesuítas, 24.
Mogor, antiga sede episcopal, fundada por S. Tomé, II, 142.
Moiro, Guterre de, é êrro. Ver *Monróí*.
Moiros na China, II, 109-110.
Moisés, lei de, na Etiópia, III, 304.
Molucas. Ver *Maluco*.
Monclaro, P. Francisco, parte de Lisboa para o Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Monomotapa (Manomotapa), reino de, na África Oriental portuguesa; missão do, III, 3, 4-6; 363.

Mónica, japonesa, conversão de, do pai e de uma filha, III, 185-186.
Monróí, D. Fernando de, nomeado capitão da conquista do Monomotapa, morre, III, 4.
Monróí, Guterres de (Guterre de), capitão português no Oriente, I, 270 e 271; capitão de Dio, 352 e 362; bemfeitor dos Jesuítas, II, 387.
Monserrate, P. António de, vai com o P. Pero Pais para a Etiópia; seis anos cativo na Arábia, morre em Goa, I, 357; 362 e 363; II, 178-179; III, 293.
Montargil, naturalidade de Domingos de Carvalho, conquistador da ilha de Sundiva, I, 286.
Monteiro, Jerónimo, português honrado, em Arracão (Bengala), I, 45; prêso com o P. Boves, 289.
Montepio, o primeiro no Japão, I, pp. XVI e XVIII-XX.
Morais, Wenceslau de, fala mal, e bem, dos Jesuítas missionários do Japão, I, pp. XIII-XV e XXV; fala mal dos portugueses no Japão; resposta, XXX-XXXII; falece no Japão, XL.
Moral, lugar de Travancor, sul da Índia, III, 72.
Morejon (Morejam), P. Pero, no Japão, I, 81; Superior da casa de Ozaca, carta de, 223.
Mori, ermitão, mestre, no Maduré, III, 97.
Mori, reino de, reinos de, no Japão, I, 57; II, 14.
Moridono (Mori), senhor de Iamangúchi no Japão, idólatra e mau, I, 57, 58, 62, 65, 68 e 69; Jesuítas nos reinos de, 70 e 101-103; senhor de nove reinos, 101, 102 e 131; covardia de, 132; perde sete reinos, 158; perseguidor, II, 49-52; adora o deus piolho, 53-54; senhor dos reinos de Xicocu, III, 197-208 e 210.—I, 135, 148, 151, 159, 184, 206, 207-209 e 211; II, 54-57 e 260-271.
Moro ou **Batochina do Moro**, ilha do (Molucas), II, 303; volta um Padre à ilha do, 311.
Morotai, ilha das Molucas, cristãos de nome, e gentios convertem-se, III, 87-88.
Moulas (Mulás), prègadores ou sacerdotes mouriscos, no Mogor, II, 371 e 382.
Moutel, ilha de, nas Molucas, II, 303.
Mulheres, cristãs, valentes, no Japão, I, 104, 111-112 e 200; no Mogor, 305-306; na Índia, 318 e 319.
Mulnana, fortaleza de, em Ceilão, III, 75.
Mundarrai, capitão-mor da armada de Manassingão (Bengala), morre, II, 134.
Munocerão, pagode de Ceilão, III, 75.
Murmugão (Goa), carta de um Jesuíta de, endoenças em, II, 356.
Murmulão, reino de, em Bengala, I, 49.
Muro, pôrto de, no Japão, III, 227.
Murtete, reino de, no Malabar, I, 336.
Musaxi, reino de, no Japão, III, 194.
Música, instrumentos de, no Japão, I, p. XXVI.
Mussulapatão, reino de (Bengala), I, 291 e 320; III, 84.

Nabaho, justiça-mor, em Lahor, capital do Mogor, I, 22 sgs.
Nabixamadono, senhor do reino de Fijém, no Japão, I, 68.
Nacali, lugar de Ceilão, III, 75.
Nadal, imagens do Padre, livro de imagens, na Índia, II, 322.
Nahum, rei de Etiópia, é fantasia de *Urreta*, III, 250 e 353.
Naiamandono, cristão japonês, irmão do senhor de Funai, I, 109.
Nainaro, terras de, na Índia sul, I, 329.
Naique, Pedro, nobre do Maduré, baptizado por *Nóbili*, III, 96.
Naique, D. Aleixo, nobre do Maduré, baptizado por *Nóbili*, II, 330, 331 e 332; III, 92 e 93.
Naiques ou capitães, na Índia, II, 327.
Naitofindandono (Naitofindano), João, nobre cristão japonês, II, 85.
Nojima, fortaleza de Japão, I, 204.
Nalus, negros da Guiné, I, 406; II, 417.
Namuamidabut, saüdação ao deus Amida (Japão), III, 208.
Nanchão (Namchão), capital da província de Quiansi, na China, descrição de, II, 110; reinam tôdas as superstições da China em, 110-113; residência de, I, 51 e 256; II, 90, 110-121, 290 e 297; III, 232-233.
Nancheu, cidade da China; Jesuítas em, I, 238.
Nangafama, fortaleza de, no Japão, I, 57.
Nangão, cidade da China, II, 122 e 123.
Nangato, João, japonês, mau cristão, morre, volta ao mundo, apossa-se de outro corpo, caso famoso de possessão, em Arima, II, 237-241.
Nangatocubo, bonzo rico, perto de Meaco, no Japão; dá que falar a sua avareza, I, 230.
Nangavoca, Jocundono. Ver *Jocundono*.
Nangazáqui (Nangazaque), cidade e pôrto de Japão; tem quatro a cinco mil habitantes, todos cristãos; colégio de, I, p. XXII; imprensa de, XXV e 81; festa do Natal em, 71; pessoal, seminário de, 81; missões de, a outras partes, 82; residências de, 83; bons exemplos, 84; tribulações em, 133; sobressaltos em, 143-146; prosperidades e tristezas, protecção de Deus, caridade dos Jesuítas em, 178-181; coisas de edificação em, 182-185; novas missões do colégio de, a outras terras, 186-188; cidade

cristã com governadores cristãos, II, 9; casos edificantes em, 13; cristandade de, 220-233; III, 146-159; o colégio de, é cabeça de tôda a Província de Japão; pessoal, noviciado de; três párrocos de, são japoneses; casa da misericórdia, confrarias, 146 sgs.—I, 66, 67, 69, 74, 75, 87, 101, 117, 130, 135, 142, 153, 154, 157, 158, 163, 170-172, 175, 176, 190, 201, 202, 204, 206, 218 e 228; II, 37, 44, 250, 256, 257 e 269; III, 119, 120, 123, 125, 128, 135, 142, 146, 184 e 215.

Nanguinata, arma japonesa, alabarda, II, 264.

Nanhiná (Naniná, Nanina, Naninâ), lugar de católicos portugueses na Etiópia, no reino de Goromá, I, 33 e 370; II, 400-402 e 407; III, 33.

Nan-kiong (Nankium), cidade chinesa, II, 122 e 123.

Nanlijuém, tribunal de negócios tocantes à pessoa do rei da China, II, 100 e 101.

Nanquim, cidade da China, descrição de, I, 252-253; residência de, I, 50 e 237 sgs.; conversões na cidade e arredores, 253-256; erros de Pitágoras em, 254; Jesuítas e cristãos em, II, 89 e 99, coisas de, carta, 121-123; grandezas de, 290; casa de, 291; residência de, III, 233-235.

Nara, templo budista no Japão, I, pp. XX e XXX.

Narea (Nareá, Nerea), reino de Etiópia; rei de, morto pelos galas, II, 171; 404, 409 e 410; III, 31, 32 e 65.

Nasacava, cidade do reino de Bugém, no Japão, I, 160.

Nau e Bemnau (Ambóino), dois oiteiros sobrepostos, I, 279 e 280.

Náufragos, de Malaca para as Molucas, I, 269 sgs.; portugueses (cincoenta), naufragados em Cambaia, prêsos no Mogor, sôltos e socorridos pelos Jesuítas, I, 306.

Navelim (Salsete-Goa), devoção dos cristãos de, a N. Senhora, II, 357.

Negrais (Negais), ponta de (Pegu), II, 139; pôrto de (pôrto de Sirião), 318; passo de, III, 78.

Negapatão, na costa do reino de Bisnagá (Índia Oriental), povoação tôda de portugueses; pôrto de, casa de, I, 38 e 320.

Neto, P. Pedro, parte para Cabo-Verde, morre cêdo, II, 415.

Nestório e o Cataio, I, 310; erros de, no Malabar, II, 160; na Etiópia, III, 31.

Nhani, homem espiritual, no Maduré, III, 95 e 102.

Nicheren, japonês, fundador da seita dos *Foquexus*, III, 217.

Nicolau, Irmão, japonês, morre em Omura, I, 87.

Nicolau, chinês, heróica paciência de, I, 260-261.

Nicote, Filipe de Brito. Ver *Brito*.

Nilo, rio da Etiópia, II, 402 e 404; III, 365, 376 e 378.

Niximangobioge, japonês, perseguidor, I, 136.

Nóbili, P. Roberto, na cidade do Maduré, reino de Narsinga ou Bisnagá (Índia Oriental), acomoda-se aos costumes e etiquetas da casta alta ou brâmane, e começa a conversão do Maduré, II, 328 sgs., III, 89-90; escreve a dois senhores do Maduré, estes respondem, 91; carta de, 93-94; conversões notáveis, carta de, 94-99; perseguição, 99-104; manda dois dos seus cristãos ao colégio de Cochim; vão depois receber o crisma do Arcebispo da Serra, 106-107; virtudes dos cristãos de Nóbili, 110-113.

Nóbrega, P. Manuel da, cartas de, p. V.

Nobunanga (Nobunaga), imperador do Japão, I, pp. XIII, XXVII e XXIX; protege ao futuro Taicoçama, 55 sgs.; baptiza-se uma filha de, II, 72-73; baptiza-se um filho de, III, 213-214.—I, 61, 62, 64, 65, 81, 196, 219, 228 e 232; II, 218; III, 212 e 228.

Nonzo, no Japão, cristãos de, I, 110.

Nonzui, no Japão, residência de, I, 95 e 97.

Noor, capitão do rei de Adel, vence e mata ao rei Cláudio de Etiópia, III, 378; três filhos de, mortos pelo rei de Etiópia, 379.

Norimono, cadeira levadiça, andas, andor, em ombros de homens, no Japão, I, 210-211; II, 41 e 42.

Noronha, D. Francisco de, galeão de, na batalha naval contra os holandeses em Malaca, foi ao fundo com grande estrago dos inimigos que o cercavam, II, 315.

Nossa Senhora, devoção a, nas missões, I, 4, 85, 92, 95, 98, 99 e 190; II, 152; na Índia, painel de, com o Menino Jesus e S. João Baptista, feito por um Irmão italiano, 322; devoção de gentios e moiros a, 358; igrejas de, na Etiópia, III, 61-62, igreja de N. S. da Assunção na Etiópia, II, 402; N. S. da Guia, ermida de, num monte fora de Dio, notável, 387; N. S. de São Lucas, na Índia, I, 317 e 344; II, 206 e 337; em Fremoná (Etiópia), 400; na Serra Leôa, III, 272; N. S. do Rosário, igreja de, em Navelim (Salsete), II, 357; N. S. do Pópulo (Mogor), devoção do povo e do rei, I, 299-302; N. S. da Protecção, no Japão, festa de, no dia do ano novo japonês, 84, 92, 118 e 120.

Notobé, Inazo, japonês, autor de *Le Bushido*, I, p. XXI.

Noto, reino de Japão, igrejas no, II, 85 e 289; III, 230.

Novais, Paulo Dias de, primeiro governador de Angola, I, 395.

Nunes, António, feitor e capitão em Guinala (Guiné), I, 411.

Nunes, P. Brás, na batalha de Sundiva (Oceano Índico), deixa a ilha juntamente com todos os portugueses, II, 133.

Nunes, P. Diogo, e os índios petiguares (Brasil), I, 377.

Nuno, rio da Serra Leôa, II, 211.

Nurdim Mohamad Iahanuir, novo rei do Mogor, sucede a seu pai *Aquebar*, II, 366. Ver *Mogor*.

Oare, grande rio da Etiópia, III, 63 e 65.

Ocié (Oecié), reino do sul da Etiópia, III, 63 e 65.

Ocundono (Ucondono). Ver *Justo Ucondono*.

Odiá, côrte do rei de Sião (Indochina); Jesuítas em, III, 85-87.

Oiano, terras de, no Japão, I, 176.

Ola, carta, ou documento em fôlha de palmeira, II, 145, 155 e 157; III, 91.

Oleiros (Beira-Baixa), naturalidade do P. António de Andrade, descobridor do Tibet, I, p. VIII.

Oliacer, ilha de (Ambóino), nas Molucas, I, 273 e 275.

Oma, ilha de (Ambóino), nas Molucas, I, 273.

Omi, reino do Japão, I, 219 e 233.

Omura, reino e cidade do Japão, I, 61, 67, 68, 71, 74, 75 e 82; casa principal de, e residências de, 85 sgs., 130, 143, 144, 159, 170, 173 e 174; carta de, 188-190; tem príncipe cristão, II, 9.

Omurandono, japonês, rei de Omura, ou D. Sancho, I, 143, 170, 190 e 226; II, 234; III, 148.

Ongava, lugar perto de Iatçuxiro (Japão), II, 29.

Ongaravadono (Ongazavaradono), fidalgo japonês, I, 125 e 126.

Ongo, terra de Angola, II, 415.

Onze mil Virgens, colégio das, em Damão, I, 3.

Oramenes, cerimónias gentílicas na Serra Leôa, III, 275.

Orfanato, o primeiro, no Japão, criado pelos Jesuítas, I, p. XVIII.

Ordenações do reino de Portugal, na Etiópia, III, 366.

Organtino, P. Gneco, no Meaco (Japão), I, 67; fala com *Daifuçama*, 81; fala com Moridono, 102; é Superior nas terras de Meaco, 114-116, 126, 153, 157, 171, 215, 219 e 224; visita duas vezes a Daifuçama, 225; 227 e 230; é recebido honradamente por *Cuboçama*, II, 78-79.

Oriente, Jesuítas no, I, pp. V-VII, X e I sgs.; têem mais de cem casas no, 2; são quási seiscentos no, 2.

Ormuz e Dio, comércio de, II, 389.

Ortigão, Ramalho, escreve dos holandeses, I, p. XXVIII.

Ortografia, adoptada na 2.ª edição da *Relação Anual*, I, p. XL.

Ossaoescrestam, língua cortesã do reino de *Bisnagá*, II, 143.

Oteu, fortaleza de Japão, tomada de, I, 128.

Ozaca (Osaca, Ozacha, Vozacá, Vozaca), cidade de Japão, fortaleza de, côrte de, I, 65; residência de, 114-117 e 219-225; II, 72-76 e 286-287; hospital em, I, 115; exequias em, por alma de D. Grácia, 214-216.—I, 67, 70, 78, 102, 114, 116, 117, 125, 127, 131, 132, 135, 143, 147, 148, 151, 153, 154, 159, 171, 174, 204, 211, 217, 226, 232 e 233; II, 279 e 282; III, 119, 120, 124, 140 e 142.

Oviedo, P. André de, Jesuíta espanhol, nomeado Bispo de Ierápolis, coadjutor e futuro sucessor do Patriarca de Etiópia, parte para o Oriente, entra na Etiópia, mil trabalhos e pouco fruto, I, 355-357; III, 321-324; casinha pobre em que morou no destêrro, 368-369; morte e milagres de, II, 187, III, 366; informação jurídica sôbre as virtudes e morte de, II, 181-191, III, 328-330; caridade heróica de, 356 sgs.; trabalhos em Fremoná até à morte, 353-362; cabeça de, I, 370; carta de, ao P. Geral da Companhia, III, 333-334; carta de, ao Reitor do Colégio de S. Paulo de Goa, 334-335; Breve de Paulo V para que vá para o Japão, 335-337; fantasias de Urreta sôbre o Breve anterior, 337-338; carta de, ao Papa, responde ao Breve, 339-342; carta de, ao Rei de Portugal (D. Sebastião), 342-346; segunda carta de, ao Papa, 358-360; escreve nova carta ao Papa, a pedir um sucessor, 360; fantasias de Urreta: sôbre a acção de, na Etiópia, 317-321, sôbre a participação de, no *Conselho Latino*, 349-350, sôbre a morte de, 360-361.—II, 183 e 400; III, 46, 292, 289 sgs. 303, 304 e 313.

Pachavelões, peças de vestir, de pano doirado, no reino de Bisnagá, (Índia) II, 144 e 322.

Padi, Paju e Passão, os três princípios de tudo (Índia); o dogma da criação; o êrro da transmigração das almas, II, 329-330.

Padre-Nosso, eficácia sobrenatural do, em Cochim, II, 157; na China, 120.

Padrigi salamat, saüdação do povo de Agra (Mogor), aos Padres, II, 370 e 373.

Pagodes, seita dos, na China, vinda de fora, II, p. III.

Pais, P. Pero, Jesuíta espanhol, parte para a Etiópia, seis anos cativo, volta a Góa, I, 357;

entra na Etiópia, carta, 362-370; o que fêz na Etiópia, II, 165 sgs.; carta do rei Atanás Sagued para, 170; vai à côrte do rei, 171-173; é bem recebido, diz missa e prega deante do rei, 174-175; carta de, sôbre a morte do rei, 400-410; em Fremoná, III, 33, 35 e 50; carta de, 293 sgs.—III, 351, 365 e 366.

Palão, aldeia cristã do reino de Travancor, I, 330; queimada pelos gentios, II, 150.

Paleacate, residência de (reino de Bisnagá), I, 316; II, 145; III, 77.

Palém, sacerdote dos cristãos de S. Tomé (serra de Sodomala), I, 346.

Palimbão, rei de (em Java), I, 277.

Palipôrto, residência de (Malabar), I, 28, 29, 336 e 342-344; II, 160, 161, 340 e 341.

Palurte (Palur), reino de (Malabar), II, 115, 334 e 335; igreja de S. Quirício em, a primeira que houve no Malabar, 336.

Pamech, desertos de (Ásia central), II, 385.

Pamir, região da Ásia central, I, p. VIII.

Panane, terra do Malabar, II, 336.

Pandara, mestre, na Índia, II, 331.

Pantinfu, cidade chinesa a trinta léguas de Pequim; vai um Padre a, estrada maravilhosa e freqüentadissima, II, 296; banquete chinês em honra do Padre em, 297.

Pantoja, P. Diogo (Cristóvão), para Pequim, I, 50 e 237 sgs.; em Pequim, II, 93, 94 e 105; carta de, 124; missão a duas aldeias, III, 235.

Pantúfio, rei de Etiópia, segundo a ficção de *Urreta*, III, 366.

Panur, terra de um rei gentio do Malabar, igreja de, II, 159.

Papuas, terra dos (Oceania), III, 89.

Papur, terra da Ásia central, III, 25.

Paraíba (Brasil) Franciscanos e Benedictinos na, I, 373; piratas franceses da Rochela na, 375.

Parão, terra de Bengala, II, 140.

Paravás, povos da Índia sul, I, 31, 37 e 323.

Pariabar, lugar do reino de Travancor, I, 330.

Párias, (pariás), gente de raça vil (Índia), III, 102.

Pársea ou **persa**, vida de Cristo em língua (Mogor), I, 299 e 309.

Párseo ou **persa**, Evangelho em, mostrado pelos Padres ao rei do Mogor, II, 376; livro das vidas dos Apóstolos em, no Mogor, obra dos Jesuítas, III, 7.

Paru, ilha de, no Malabar, igreja de, roubada, o ladrão castigado por Deus, II, 340; afronta contra um sacerdote, guerra ao rei de, êste pede paz, concorre o P. Fenício, 341.

Patane (Bengala), naus holandesas em, I, 294.

Patanão, lugar de (Costa da Pescaria), I, 32.

Patangatins, os cabeças das aldeias (Costa da Pescaria), II, 324 e 344; III, 75.

Patriarca de Etiópia, e seus coadjutores, I, 354-355.

Paude, rei de (Cabo de Comorim), convertido por S. Tomé, II, 142.

Paulá, chinesa, mãe de Jorge, mandarim em Xaucheu, II, 122.

Paulo, hereje monotelita, erros de, na Etiópia, III, 308.

Paulo, cristão letrado de Pequim, zeloso e devoto, II, 106 e 108.

Paulo, cristão e mandarim de Pequim, II, 294; favorece os Padres por si e pelos amigos, 295.

Paulo, zeloso cristão coreano, cativo no Japão, III, 156-157.

Paulo, cristão japonês, valente, em Iatçuxiro, II, 253.

Paulo, cristão principal de Bungo (Japão), serve a Fucuximandono, I, 158.

Paulo, Irmão, japonês, na côrte do Xógum (filho do Cubo), assenta um relógio numa tôrre, III, 134.

Paulo, moiro letrado e médico do príncipe do Mogor, baptiza-se, II, 359.

Paulo, Irmão João, vai de Tidor para as Filipinas, II, 308.

Paulo, Xugendono, cristão japonês (Meaco), manda celebrar as exéquias de seu irmão *Sacadono*, cristão, morto no destêrro, I, 230.

Paulo IV, Papa, e a Etiópia, I, 354; III, 304.

Pau-Sêco, índio poderoso da Paraíba (Brasil), pede Padres, I, 383 e 384.

Pedras, rio das, na Serra Leôa, I, 407.

Pedro, cristão japonês do reino de Chicujém, valente pela fé, III, 179-180.

Pedro, nobre cristão japonês de Firoxima, II, 275.

Pedro, cristão de *Manaar*, na costa de Travancor, protegido por S. Francisco Xavier, I, 335.

Pedro, Dom, rei da Serra Leôa, baptiza-se, III, 240; grande zêlo de, 267-277.—III, 250, 253-255 e 264.

Pedro Manuel, Dom, capitão de Ceilão, I, 325.

Pegu (Segu), reino de, residência de, I, 44, 45 e 47-49; ruína do reino de, 48-49; coisas do, 290-295, II, 137-141 e 317-320; guerras e valentias dos portugueses em, III, 77-84; uma nau do, para Ternate, descobre terra nova, de gente alva (Austrália?), 89.

Pequim, capital da China, I, 50; os Jesuítas entram em, 237 sgs.; descrição de, 247-248; cristãos em, II, 89; residência de, 93-110; cinco mil letrados sujeitos a exame, 98-99;

os Padres são molestados em, 99-104; os Padres recebem ordenado do rei da China, 101; perigo dos Padres em, saem livres, 102-103; bondade dos cristãos de, 104-110; moiros do Ocidente em, falam com os Padres, 109-110; notícias de, 291-298; coisas da residência de, 235-238.—I, 313 e 370; III, 27 e 28.

Pereira, André, português, vai de Portugal à Índia por terra, e volta da Índia à Caldeia, III, 3.

Pereira, P. André, nas Molucas, I, 270.

Pereira, P. António, vai de Tidor para as Filipinas com os portugueses expulsos pelos holandeses, II, 308; trabalha na ilha de Sião (Molucas), III, 88.

Pereira, Irmão Brás, na Armada do Vizo-Rei contra os holandeses, perto de Malaca, morre na batalha, II, 316.

Pereira, Fernão, capitão de dois galeões em Tidor, ferido na luta contra os holandeses, II, 306.

Pereira, Francisco Maria Esteves, elogia os Jesuítas missionários, I, pp. VII-VIII.

Pereira, Guilherme, comerciante português em Bungo (Japão), I, p. XVII.

Pereira, P. Jorge, em Angola, I, 397.

Pereira, Manuel Cerveira (Serveira), governador de Angola, vence ao soba Cafuche, I, 397.

Peres, Damião, louva os Jesuítas missionários, I, p. XV.

Peres, P. Francisco, na Índia Oriental, trasladação das relíquias de, I, 321.

Perião, Manuel, cristão de Travancor, I, 333.

Periches, embarcações de remo, pequenas, em Calecut; contra os holandeses, II, 335.

Pernambuco, colégio de, I, 373; Jesuítas e inglêses em, 377; missão de, à serra de Ibiapaba, II, 425.

Persada, baixos de, além de Malaca, I, 271.

Persas, nome que na China dão aos cristãos que estão fora dos muros do império, II, 292-293.

Pérsia, rei da, I, 305.

Perumal (Perunal, Permal), pagode da Índia, perto de Chandegri (reino de Bisnagá), I, 316; pagode que se passa para Ceilão, II, 151; pagode do Maduré, III, 99.

Perumal, Ária, tirano da Costa da Pescaria, I, 36 e 37.

Pescaria, Costa da (sul da Índia), Jesuítas na, cristãos, piedade, I, 31 sgs.; perseguição, 36; grande cristandade, assaltos contra as povoações cristãs, 322-323; casos notáveis na, II, 146-149; coisas da, cento e trinta e cinco mil cristãos a cargo dos Jesuítas na, 323 sgs.; trata-se da expulsão dos Padres da, suspende-se, 326-327.

Pessoa, capitão André, na batalha naval contra os holandeses em Malaca, morre, II, 315.

Petiguares, índios do Brasil em Pernambuco, deslealdade para com os; dóceis aos Padres, I, 377 e 378; missão aos (Paraíba), bondade dos, 383 e 384.

Pico (4 arrobas), picos de sêda, no Japão, I, 131.

Pimenta, serra da, serra de S. Tomé, II, 160; rei da (nas serras de Trugure), no Malabar, amigo, II, 339.

Pimenta, P. Nicolau, Visitador da Índia, I, pp. XII e 282; firma de, 313.

Pinda, baixos de, perto de Moçambique; naufrágio de uma naveta com doze Jesuítas; salvam-se, voltam a Moçambique, chegam à Índia, II, 347.

Pinda, pôrto de, no Zaire (África Ocidental), II, 414.

Pinheiro, P. Manuel, no Mogor, companheiro do P. Jerónimo Xavier, I, 8 e 9; escreve de Lahor, 12-22; roubado, 15; presépio que dura 40 dias, 16; baptismos, 17; conversões, 17-19; constância dos cristãos, 20-26; feito embaixador do Mogor ao Vizo-Rei da Índia, III, 7; ministérios em Cambaia, vai a Goa, volta a Cambaia, para tratar das pazes com o Mogor, volta a Goa como embaixador do Mogor, 23-25.—I, 296-299, 301, 305, 312 e 313; III, 36.

Pinheiro Chagas. Ver *Chagas*.

Pinto, P. Francisco, missão ao rio Maranhão com o P. Luís Figueira, morre na serra de Ibiapaba, às mãos dos índios, II, 425 sgs.

Pinto, capitão José, em Ambóino (Molucas), I, 278.

Piolho, deus do Japão, II, 53-54.

Pio V, Papa, e as missões, I, 357; manda um breve ao Patriarca André de Oviedo, para que deixe Etiópia e vá para o Japão, texto latino e tradução portuguesa, III, 335-337.

Piqueri (Piquery), rio e serra no sul do Brasil (Paraná), II, 420.

Piraguasu, índio amigo (capitania do Espírito Santo, Brasil), I, 388.

Piranacá (Brasil-sul), espanhóis arribam a, II, 420.

Piratininga, São Paulo de, no Brasil, I, 386.

Pires, P. Custódio, vai aos índios Garijós (sul do Brasil), I, 385. Ver *Carijós*.

Pires, P. Manuel, Superior da missão do Pegu, na armada contra o rei de Arracão, III, 84.

Pirrho, hereje monotelita, erros de, na Etiópia, III, 308.

Pita (alcunha), capitão de um navio da armada portuguesa, tem crua peleja com uma galeota de moiros do Malabar, sai vencedor, II, 341.
Plácido, chinês, faltas e virtudes de, I, 261-262.
Plurimanos ou **Bilibanos**, mosteiro principal da Etiópia, III, 300, 302 e 311.
Pogomo, na Guiné, reino de, sujeito ao rei Fatema; rei de, amigo e bom, II, 200.
Polada, deus dos gentios do Mogor, I, 20.
Porcá (Porcua, Porca), reino de, I, 1; residência de, no Malabar, 28, 236, 342-344 e 371; casos notáveis, em, 161 sgs.—II, 160 e 340.
Pôrto-da-Cruz, povoação portuguesa da Guiné, I, 406.
Pôrto-Novo, no reino de Bisnagá, III, 77.
Pôrto-Seguro, capitania de, padece danos dos índios gaimurés, I, 390.
Portugal, Missões de, I, p. V; longe de, X.
Portugueses, injustiças, vexações dos, contra os habitantes das Molucas, I, 267; agravos dos, contra os cristãos da Costa da Pescaria, confederados com o rei de Portugal que prometeu defendê-los, II, 323. Mais injustiças dos, nas missões, I, pp. X, 371, 374, 377, 378 e 386.
Praia, Vila da, na ilha de Santiago (Cabo-Verde), I, 400 e 401.
Preste-João, rei ou reino; sinónimo de Abissínia ou Etiópia; fantasias sôbre o, II, 310; rei do, 352, 354 e 371. Ver *Etiópia*.
Priapatão, na Costa da Pescaria (Índia sul), residência de, igreja de, I, 37-39.
Prisioneiros e cativos portugueses, no Mogor, libertos pelos Jesuítas, I, 303-304.
Protásio, Dom, rei de Arima, no Japão, dá seu paço aos missionários, faz-lhes igreja, I, 88-90.—I, 164, 170, 172-175 e 190.
Província da China e Japão, I, 2. Ver *Japão*. Ver *China*.
Província de Cochim (ou do Sul) ou **Província do Malabar**, I, 2. Ver *Cochim*.
Província de Gôa (ou do Norte), I, 2. Ver *Gôa*.
Provincia de Portugal (da Companhia de Jesus), I, p. X.
Províncias da Companhia de Jesus no Oriente, são três, I, 2.
Pru (Prum), reino de, em Bengala, I, 49 e 292; riquezas de, 317.—III, 78.
Pulas, privados do rei de Travancor (Índia sul), I, 332.
Pulobotum, enseada de (Malaca), batalha brava com os holandeses, que retiram, II, 315.
Punicale, terra na Costa de Pescaria, I, 32 e 33.
Putalão, lugar de Ceilão, II, 345.
Quadros, P. António de, envia de Goa missionários ao Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Quantó (Guantó, Cantó), são oito reinos, no Japão, I, 115, 122, 128, 132 e 223; II, 54, 217, 231, 232 e 281; III, 118, 123, 133, 135, 145, 162 e 185.
Quedá, pôrto de, no Pegu, I, 294; pimenta de, II, 318.
Quiansi (Quianci), província da China, II, 110.
Quimura, Mâncio, cristão japonês de Iamangúchi, III, 201; desterrado, 202, 205 e 206.
Quingodono, rei de Bijém, no Japão, I, 159 e 224.
Quinoxita, depois *Taicoçama*, imperador do Japão, I, 56.
Quiomóri, um senhor principal de Japão, II, 67.
Quisúqui, fortaleza de, no Japão, I, 212.
Quitano, Madocorosama. Ver *Mandocorosama*.
Quocum, classe de mandarins, segundos depois do rei, na China, II, 295.

Rachado, Cabo, em Malaca; batalha naval do, contra os holandeses, que retiram, II, 313.
Rachimatão, lugar do reino de Travancor, I, 330.
Rachol (Índia portuguesa), igreja de, I, 348 e 349.
Rafael, menino chinês, em Nanchão, II, 117.
Ragalarda, ilha das Molucas, III, 88.
Raiale, rei de Soter (vizinhanças de Malaca), I, 49.
Raiú, Raiús, ou príncipes do Maduré, III, 93, 101 e 103.
Ramá, Chandre, Crisná, Nerrene, deuses do Mogor, I, 13.
Ramanancor (Lamanancor), baixos de, na Costa da Pescaria, I, 37; o templo mais famoso do Oriente, III, 101-103.
Rantambur, fortaleza de, no Mogor, I, 303.
Rasis, Frei Serafino de, Dominicano, escreve sôbre coisas de Etiópia, III, 301 e 303.
Ratigão, é êrro. Ver *Chatigão*.
Ratinhos de Quiansi (China), alcunha, como *Ratinhos da Beira*, II, p. 111.
Rato, deus rato, no Japão, II, 53-54; III, 207.
Realejo, dos Padres, no Japão, III, 145.
Redondo, Conde de, Vizo-Rei da Índia, manda sair os missionários do Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Rêgo, Paulo do, grande capitão da Índia, contra a armada do rei de Arracão; valentias, morte de, III, 78 sgs.
Regina, japonesa, zelosa cristã, I, 111-112.
Reis, ilha dos, refúgio dos cristãos e Padres de Tutucorim (sul da Índia), II, 146; perde-se uma nau portuguesa nas restingas, socorro dos Padres, certidão, 323-325.

Reis-Magos, aldeia dos, na Capitania do Espírito Santo (Brasil); missão ao sertão de, I, 386 sgs.
Reis-Magos, retábulo dos, em Cambaia, vindo de Roma para o rei Mogor, devoção do povo, III, 21.
Reitavai, pôrto do Pegu, I, 294.
Relação Anual, de Fernão Guerreiro, valor da, I, pp. VII, VIII, X, XVI, XVIII, XXX, e XXXIV sgs.; defeito da, XXXVII; traduções da, XXXIX; frontispício do 1.º vol. da, XL; ortografia da, XL e XLI; segunda edição da; iniciativa, colaboradores, contratempos, III, 385-387.
Relance da história do Japão, obra de W. de Morais, I, pp. XIII-XV.
Repeli, régulo do Malabar, mau, arrepende-se, III, 70-71.
Residências (casas), dos Jesuítas, o que são, I, 2.
Ressurreição, de um amortalhado, I, 187-188.
Ribadeneira, P. Pedro, escreve sobre a Etiópia. III, 289, 303 e 337.
Ribeiro, P. Pedro, em Nanquim (China), II, 291.
Ricci, P. Mateus, I, p. VII. Ver *Rício*.
Rício, P. Mateus, Jesuíta italiano, parte para Pequim (China), I, 50; entra em Pequim, 237 sgs.; presentes de, para o imperador da China, 241-242; roubado, 242-243; escarnecido, 244; chamado pelo imperador, 246; o imperador aprecia os presentes de, 246-247; é molestado, 248; ensina astronomia, 248-249; mostra a sua obra *De Amicitia*, 249; faz um catecismo em chinês, e baptiza alguns neófitos, 250; santo e sábio, II, 90 e 93; carta de, 94-95; Astronomia de, 94-95; tratados, glôbos e mapas, filosofia, moral, catecismo de, 95; tratado *De Amicitia* impresso na China, 97; alguns mandarins desaprovam os livros de, tribulações e sustos, 100-103; estabelece residência numa casa de demónios, 124; ganha fama com seus livros, 125, 291 e 292; intervém perante o novo mandarim de Cantão, em defesa dos Padres e portugueses caluniados, 301.—I, 259; II, 105, 107 e 108; III, 26-29 e 235.
Rio-Grande (do Norte) no Brasil; Jesuítas em, I, 376.
Rio-Grande, rio da Guiné, I, 405, 406 e 411.
Rio-de-Janeiro (Brasil), colégio de, I, 373.
Riosoge (Riosógi), cidade de Japão, cristãos de, I, 112 e 184.
Robus Mamede, rei de Adel, derrotado pelo rei de Etiópia com auxílio dos portugueses, III, 379.
Rocha, P. João da, em Nanquim (China), I, 50 e 238; II, 123 e 291.
Rocusuque, Gaspar, cristão japonês, valente, III, 153-154.
Rodrigues, P. Diogo, de Gôa para Moçambique, III, 5.
Rodrigues, P. Francisco, louva os Missionários Jesuítas, I, p. VIII.
Rodrigues, P. Gonçalo, o primeiro Jesuíta que entrou na Etiópia; disputa com o rei e a raínha, carta de, III, 302 e 305-311; compõe em caldeu um tratado sôbre a doutrina católica, e mostra-o ao rei, 307; companheiro do embaixador Diogo Dias, 355.—III, 313.
Rodrigues, P. João, imprimiu a primeira gramática japonesa, I, pp. XXII-XXV; visita ao imperador Taicoçama, já moribundo, I, 66; visita ao imperador Daifuçama, 153; visita a Ximandono, 154; na côrte, 170; intérprete do imperador; estimado de Daifuçama, 175 e 176; chamado por Daifuçama, 226; dá os bons anos ao Cubo (*Cuboçama*, antes *Daifuçama*), que despreza as acusações contra os mercadores portugueses de Nangazáqui, II, 78; vai a Meaco, visita e presenteia ao Cubo, III, 119; acompanha ao Bispo do Japão (D. Luís de Cerqueira, Jesuíta), na visita ao Cubo, 121 e 125; vai ver as minas de Yzzu, para satisfazer aos desejos do Cubo, 133-134.—I, 67; II, 127 e 128.
Rodrigues, P. Jerónimo[1], trouxe de Jerusalém (aonde fôra por morte do Cardeal D. Henrique, rei de Portugal) um sepulcro (relicário), que, enviado para o Mogor, lá foi roubado, I, 15.
Rodrigues, P. Jerónimo[2], vai aos índios Carijós (sul do Brasil), carta de, II, 419 sgs.
Rodrigues, P. Jerónimo[3], em Xaucheu, na China, II, 290.
Rodrigues, P. Nuno, Provincial de Gôa, I, 313.
Rodrigues, P. Paulo, vai de Gôa para Moçambique, III, 5.
Rodrigues, P. Pero, Provincial do Brasil, vai em missão aos índios Petiguares, I, 384.
Rogeiro, Padre, nas Molucas, II, 131.
Roiz, Álvaro, português rico da Cachoeira (sul da Baía, Brasil) amansa os índios Gaimurés, I, 390-392.
Roiz, Irmão Domingos, domestica os índios Gaimurés (Brasil), I, 392 sgs.
Roiz, P. João. Ver *Rodrigues*.
Romano, P. Lourenço, parte de Gôa para Dio, II, 180; de Dio para a Etiópia, 397; chega à côrte, III, 33 e 293.
Romão, cristão japonês, de Bungo, valente, II, 58.
Roque, cristão japonês, de Sacai, cura um menino, II, 76.
Ros, D. Francisco, Jesuíta, Bispo de Angamale (Malabar), I, 339, 342, 343 e 345; descobre

uma memória arqueológica de S. Tomé, carta, II, 142; na serra de S. Tomé, 160 sgs.
Rosatelo, ilhéus de, lugar de Ambóino (Molucas), I, 278-279.
Roscoli, Jerónimo, autor italiano, escreveu comentários à Cosmografia de Ptolomeu, II, 293.
Rossalau, ilha de, (Ambóino), I, 273.
Roxá, reino de Etiópia, III, 65.
Rozanégus, reino de Etiópia, III, 65.
Rutru, divindade do Maduré, III, 97.

Sá, P. Simão de, funda a residência de Paliacate (reino de Bisnagá), II, 145.
Sabbá, cidade antiga de Etiópia, onde morou a raínha do mesmo nome, III, 362.
Sabina, japonesa cristã, II, 29.
Sacadono, Jácome Mina, cabeça dos cristãos de Satçuma (Japão), II, 15.
Sacai, cidade do Japão, I, pp. XVII e 63; cemitério em, 115; residência de, 229.—I, 215; II, 75 e 76; III, 140.
Sacazúqui (Sacanzuque), saüdação mútua com copo de vinho, no Japão, I, 209.
Sacerdotes, cristãos, feitos comerciantes, na Serra Leôa, II, 205-206.
Sacinos, rei da Etiópia; chamou-se primeiro *Malac-Sagued* (Malaceguet, Malaseguet) (depois *Seltão Sagued*), era primo do rei *Atanás Sagued*, II, 407; reina quatro meses, sucedendo-lhe *Jacobo Malac-Sagued*, 409, 410; III, 31; morto Jacobo em batalha, volta a reinar definitivamente, bom e amigo da união com Roma, 32-33 e 352; quer a união com Roma, escreve ao Papa e ao rei de Portugal, III, 34-36; defende os Padres, 38; favorece os portugueses, 39; pede as Ordenações do reino de Portugal, 366.
Sacojamon, Jacob, japonês, filho de Isabel (Satçuma), valente cristão, II, 15 e 16.
Sacondono, cristão e fidalgo japonês, filho morgado de Genofoím, vice-rei do Meaco; desherdado e desterrado por seu pai, por ser cristão; morte e exéquias de, I, 230.
Sadondono. Ver *Fonda Sadondono*.
Sáfares, gente sem lei, II, 386.
Sagamidono, aio do Xôgum (príncipe herdeiro do Japão); amigo dos Padres, III, 131.
Saide ou parente de Mafamede, I, 312.
Saigó, no Japão, residência de, I, 87.
Saixondono, japonês, I, 122.
Sal, feito a poder de fogo, e vendido na Guiné, II, 200.
Salçumano Cami, japonês, filho do Cubo, e senhor do reino de Voari; amigo dos Padres, III, 212.
Saldanha, Aguada de, na África Ocidental, III, 22.
Saldanha, Aires de, Vizo-Rei da Índia, padrinho de neófitos, I, 4; retrato de, 297.—I, 50, 276 e 345; II, 308.
Salsete (Goa), colégio de, I, 3; coisas das terras de, meninos apóstolos em, 349 e 350; quarenta e cinco mil cristãos a cargo dos Jesuítas em, carta de um párroco, II, 355-358; os cristãos de, recorrem ao Papa, ao P. Geral da Companhia, e ao Rei de Portugal, para que lhes não tirem os párrocos Jesuítas, 357; conversões em, III, 2.
Salerno (Talerno), P. Natal, siciliano, no Pegu, II, 141; vai a Arracão (Bengala), tratar de pazes, 318; vai a Malaca pedir socorro militar, 319; morre numa batalha naval (Pegu), III, 77 e 80.
Salvador, igreja do, na Etiópia, III, 62.
Salvador, pôrto do, o principal da Serra Leôa; igreja no, III, 258 e 261.
Samachão (Samarkand), na Ásia central; pátria do Tamerlão, II, 110.
Samaforo, lugar da ilha de Morotai (Molucas); conversões em, III, 88.
Samorim (Çamorim), rei de Calecut, e os Jesuítas, I, p. XI; os Jesuítas agentes de paz junto do, II, 158-159; amigo dos portugueses, inimigo dos holandeses, aconselhado pelos Jesuítas, 334 sgs.—I, 371 e 372; II, 339; III, 67.
Samatra (Sumatra), ilha de, reino de, I, 49.
Sancho, Dom, rei de Omura, no Japão, I, 71, 74-77, 86, 87, 143, 164, 170 e 172-175.
Sancho Cano Fanjemon, irmão de *Jogoro Justino* mártir; cristão japonês, coluna dos cristãos de Iamangúchi, prêso, 201-204; carta de, 205-206.—II, 269 e 270; III, 198, 199 e 210.
Sando, reino de Japão, II, 7 e 284.
Sanga, reino de Japão, é êrro. Ver *Canga*.
Sangage ou **conde**, cristão, da ilha de Labua (Molucas), I, 272.
Sangami, reino de Japão, III, 129.
Sangrafaré, pretendente ao trono do reino dos Lóguos, filho do grande Farma (Serra Leôa); vai à igreja, pede o baptismo, III, 270-271.
Sangu, em Bengala, I, 292.
Sanguím (Sangui, Sanguir), ilha de, reino de (Celebes), I, 267; II, 311; III, 88.
Saniases (Saniasses, Saniassas), homens castos e recolhidos, no Maduré, III, 90, 101-103 e 109.
Santa-Ana, baixos de, na costa da Serra Leôa; pérolas nos, I, 408.
Santa-Catarina, ilha, no sul do Brasil, II, 421.
Santa-Cruz, pôrto de, na Guiné, II, 415.
Santa-Fé, colégio de, em Goa, 351.

Santa-Maria, cabo de, na Guiné, I, 404.
Santiago, Apóstolo, na guerra, I, 121.
Santiago, frèguesia de, perto de Cochim, pastoreada pelos Jesuítas, II, 155 e 334.
Santiago, igreja de, em Travancor, queimada, cinza milagrosa, II, 152.
Santiago, ilha de Cabo-Verde, Jesuítas em, descrição de, I, 399-401; tabalhos em, III, 257.—II, 199; III, 271.
Santo Agapito, igreja de Etiópia, III, 62.
Santo André, residência de, no reino de Murtete (Malabar), I, 336 e 337; II, 155 e 334; III, 67.
Santo António, igreja de, no Japão, I, 83; devoção a, no Japão, 85.
Santo Tomé, cidade de (Meliapor), na Índia Oriental, I, 316; colégio de, 317; II, 141, 142 e 321-323; III, 76-77.
Santo Tomé, Serra de (Malabar), cristãos da, I, 342 sgs., 345 e 358; II, 159 sgs.; Serra de *S. Tomé* ou da *Pimenta*, 160; quatro igrejas de S. Tomé nos reinos do Samorim, carta de um Padre, 335-336; colégio da Serra de, e suas residências, 338 sgs.; III, 70-71.
Santos, Frei João dos, Dominicano, testemunha abonada sôbre as coisas de Etiópia, III, 290 sgs.
Sanúqui (Januqui), reino de Japão, III, 229.
São Clemente, aldeia de, perto de Pequim (China), III, 235.
São Domingos, pôrto de. Ver *Jarim*.
São Filipe, povoação portuguesa na Guiné, I, 404.
São Filipe, galeão, no Japão, I, 169-170.
São Francisco, rio, no sul do Brasil, II, 420.
São Francisco, nau da armada de D. Jerónimo Coutinho, encalha em Moçambique, II, 349.
São João, cristãos de (no Eufrates), vão à Serra de S. Tomé (Malabar); mal baptizados, II, 340.
São João Baptista, cristãos de, na Arábia, III, 3.
São Lourenço, ilha de, (Madagascar) África oriental, III, 363.
São Mateus, padroeiro dos reinos de Etiópia, II, 165.
São Miguel, Bento de *Góis*, é natural da ilha de (Açôres), I, 311.
São Pantaleão, igreja de, na Etiópia, III, 62.
São Pedro ad vincula, festa de, I, 93.
São Paulo, casa de, em Piratininga (sul do Brasil), I, 385.
São Paulo de Goa, colégio de, I, 3; III, 314 e 347.
São Paulo, igreja do Apóstolo, num pagode de Ceilão, II, 345.
São Paulo, vila de, capital de Angola, I, 398.
São Pedro e São Paulo, casa de, em Chaúl, (Índia ocidental) I, 3.
São Quirício, igreja de, no Malabar, II, 335-336.
São Vicente, na capitania de (sul do Brasil), I, 384; índios Garijós vêem a, 385 e 386.
Sapes, povos da Guiné, III, 363.
Saquiamon (Sacuieemon, Sacujemon), Jacobo, japonês, filho de *Isabel*, III, 163, 164, 169 e 170.
Sarangue, moiro do navio que levou o P. Pero Pais à Etiópia, I, 364.
Sarza Denghél. Ver *Malac-Sagued*.
Sarzete, terra de, na Etiópia, II, 180.
Sataque, senhor principal de Japão, I, 169.
Satçuma (Saxuma, Satsuma), reino de Japão, I, 129; valentia do rei de, 132; coisas de 141-144, 169 e 170; III, 163, 164 e 169; missões ao reino de, I, 186 e 187; II, 15-17; um Padre visita ao rei de; êste é amigo dos Padres, II, 18; vulcão em, 242-243.
Sateumano Cami, filho de *Cuboçama* (Japão); morre; barrigas cortadas em sua honra, III, 126-127.
Satow, Mr. Ernest Mason, americano, estuda as obras literárias dos Jesuítas no Japão, I, p. XXV sgs.
Saxodono[1] (Saxedono, Saxe, Saxadono, Saxidono, Saxundono, Saxondono), japonês, governador principal dos reinos de Moridono, inimigo dos cristãos, I, 101 e 207; II, 50-55, 270 e 271; III, 201-205.
Saxodono[2], japonês, senhor de Iamangúchi, e sobrinho de Moridono, I, 102-103.
Saxodono[3], japonês, senhor do reino de Vacasa, tio de Moridono, e filho de Maria *Quiogocu*; baptiza-se em Meaco, I, 159 e 226.
Savenguil (Za Danguil). Ver *Atanás Sagued*.
Savojama, fortaleza de, no Japão, I, 131.
Saxe Firoiemon (Firoyemon), japonês, em Fangui, côrte de Moridono, III, 206.
Sebastião, Dom, Rei de Portugal, e as Missões, I, 357; e os Jesuítas do Brasil, 373; e a Etiópia, III, 335 e 338.
Sebastião, Dom, irmão de D. Filipe, rei da Serra Leôa; baptiza-se, III, 265.
Sebastião, Dom, moiro nobre, convertido e baptizado antes da morte a que foi condenado em Goa, II, 353-354.
Século (O), diário de Lisboa, fala bem dos Jesuítas do Japão, I, p. XXXI.
Segu, é êrro. Ver *Pegu*.
Selá-Cristós (imagem de Cristo), vice-rei do Tigré, na Etiópia, III, 39; amigo dos Padres e da Igreja, 48-50.
Senegal (Senegá), rio da Guiné, III, 277.
Seppuku, suicídio legal, no Japão, I, p. XXX. Ver *Barriga*.

Sequeira, Irmão António; missão ao interior de Angola, II, 413-414.
Sequeira, P. Baltasar de; da Índia para o reino de Sião, III, 85.
Sérgio, hereje monotelita, erros de, na Etiópia, III, 308.
Serra, Arcebispo da (no Malabar), recebe, e crisma dois cristãos do Maduré, III, 106-107.
Serra de S. Tomé; colégio da. Ver *Santo Tomé.*
Serra Leôa, ao Sul da Guiné; descrição da; riquezas e costumes da, I, 407-410; missões do P. B. Barreira, carta, II, 199-212; trabalhos e fruto extraordinário, carta de Barreira; europeus perdidos na; bondade do clima da, III, 239-285. Ver *Barreira.*
Serrão, Francisco, navegador português, descobre as Molucas, II, 303-304.
Sete-Corlas, reino de, em Ceilão, III, 75.
Sete-Pagodes (reino de Bisnagá), III, 77.
Setuão, Dom João. Ver *João, Dom, Setuão.*
Sião (na Indochina); reino do, Jesuítas no, I, pp. VII e 292-295; II, 317, 318 e 320; fundação da missão do; costumes religiosos do, III, 84-87.
Sião, ilha de, reino de, junto á ilha dos Celebes (Oceania); Jesuítas em, portugueses em, I, 267, 271 e 272; II, 130, 308 e 311; III, 88.
Silva, P. Belchior da, Padre secular, natural da Índia, vigário na Etiópia, I, 359-361, 365, 369 e 370; II, 181; volta a Goa, 191.
Silva, Bento Correia da, português, funda, com seu irmão João, uma povoação na Serra Leôa, I, 407.
Silva, João Correia da, português na Serra Leôa, I, 407.
Silva, Irmão Duarte da, cirurgião, I, p. XVII; primeiro gramático e primeiro dicionarista no Japão, XXII.
Silva, P. Feliciano da, em Nanquim (China), II, 291.
Silva, Gaspar da, embaixador português em Arracão (Bengala), I, 291.
Silveira, P. Gonçalo da, funda a missão do Monomotapa (Moçambique); martírio de, III, 4 e 6.
Simão Findenadono (Findena, Findeno, Findenas), cristão japonês, senhor de Corume, I, 69; zêlo de, 105, 106 e 107; morre, 184.—I, 135.
Simão, Zaquendo Gofioge (Taquenda, Zaquede Gofroge), cristão japonês, II, 24, 25, 27 e 28; glorioso martírio de, 30-37.—II, 44, 45, e 244-246; III, 176.
Simeão Condera Cambiogedono, rei de Bugém (Japão), irmão de Miguel *Sogemandono*, e pai de *Cainocamidono* (depois Chicujenocamidono), todos três cristãos e esforçados capitães, primeiro de *Taicoçama* e depois de *Daifuçama*, I, 62-63 e 103-105; morre, II, 59 e 60.—I, 130, 155, 159, 160, 162-164, 184, 204, 206 e 211.
Simeixém, cristão japonês, filho de Chicugodono Luís, III, 193.
Simentirão, pagode de, no reino de Travancor, I, 331.
Sinabadi, grande fidalgo de Arracão (Bengala), morto pelos portugueses, I, 287.
Sinde (Iinde), reino de, conquistado por Aquebar, rei do Mogor, II, 366; comércio com Dio, 389.
Sinai, monte, na Arábia, II, 179.
Sinforosa, espôsa santa de Jorge, mandarim chinês em Xaucheu, I, 261.
Singapura, os holandeses tomam a nau da China, no estreito de, II, 91.
Sinien, lugar vizinho de Xaucheu (China); fruto em, I, 264.
Sir, fortaleza de, no Mogor, I, 303.
Sirião (Pirião), pôrto português no Pegu, fortaleza de, I, 47, 286, 290 e 294; madeiras de, para Suez em naus turcas, II, 137; cercada a fortaleza de, pelo rei de Arracão, 81; vitória dos portugueses por mar e terra, 83; incêndio casual da fortaleza de, edifica-se de novo, 83-84.—II, 317 e 318; III, 77 e 78.
Siripur, pôrto de (Pegu), I, 285; II, 133.
Siutim, cidade de (China), I, 239-240 e 242.
Soares, P. Francisco, reitor de Salsete, vai de Goa para Moçambique, III, 5.
Soares, P. Gaspar, Superior da casa de Dio, e a Etiópia; carta de, II, 176; vai em missão a Cambaia, 394; disputa com um *vertiá*, 394-395.
Soares, Lourenço, estudante do colégio de Santa-Fé (Goa); piedade, penitência e morte santa de, II, 351-352.
Soares, Maurício, português da Etiópia, capitão dos seus naturais, defende os Padres, III, 53-54.
Sobas de Angola, alguns protegidos e governados legalmente pelos Jesuítas, I, 395; invejas, desgostos e conflitos com os brancos, a pretexto dos sobas protegidos dos Padres, 396.
Socotorá, ilha do Oceano Índico, sede episcopal instituída por S. Tomé, II, 142; III, 23.
Sodomala, serra de (Malabar); descobrimento da, I, 345-347.
Soeiro, P. João, em Nanchão (China), I, 51 e 256; II, 113, 133 e 290; foi o primeiro Padre que prègou o Evangelho em Nanchão; morre em Macau, exéquias em Nanchão, III, 232.

Soeiro, P. Paulo, morre de trabalho, cuidando dos doentes e feridos do hospital de Malaca, II, 316.
Sofala (Çofala), na África Oriental, III, 340 e 344.
Sogemandono (Miguel?), em Iamangúchi, faz baptizar os filhos e netos, I, 207.
Sogemandono Miguel. Ver *Miguel.*
Sogemono, fidalgo japonês, gentio de Quantó, disputa com os Padres em Ozaca, sôbre religião, I, 223.
Solataquins, ministros reais, na Serra Leôa, I, 408 e 409.
Solor (Salor), ilha portuguesa da Oceania; Jesuítas aportam a, missão dos Religiosos de S. Domingos, I, 270.
Soter, rei de, perto de Malaca, I, 49.
Souga, Dom Bartolomeu. Ver *Bartolomeu.*
Sousa, Dom Francisco de, governador da Baía, e os Jesuítas, I, 376.
Sousa, Irmão João de, morto pelos índios Carijós (sul do Brasil), II, 420. Ver *Garijós.*
Sousa, Rodrigo de, português, embaixador ao Congo, III, 364.
Sousa, Tomé de, governador do Brasil, I, 373.
Sousos, gentios dos reinos sujeitos ao rei de Bena (Guiné), III, 243.
Spínola (Spínula) P. Nicolau, italiano, Reitor do colégio de Coulão (Travancor); ministérios de; conclui a paz entre o rei de Travancor e os portugueses, II, 342-343.
Suá, reino de Etiópia, III, 66.
Suaquém, ilha e pôrto de Etiópia, Jesuítas em, I, 359, obséquios dos baxás de, II, 179, 180 e 397; III, 64.
Subecheu (Sucheu), cidade do norte da China; Bento de *Góis* chega a, I, p. VIII; III, 27.
Subgamó, província de Etiópia, III, 66.
Subsídios para a Bibliografia Portuguesa, obra de Jordão de Freitas, I, p. XXV.
Sucheu. Ver *Subecheu.*
Sujedono. Ver *Xugendono.*
Suez, cidade do Egipto, I, 293; III, 370.
Sumamoto (Cumamoto), cidade do Japão, côrte de Canzugedono, senhor do reino de Fingo, I, 198 e 202; II, 26, 28, 37, 45 e 48; III, 174, 176 e 178.
Sumbanassumba, personagem fabulosa em Dio, II, 391.
Sumoto, ilha de, no Japão, I, 176.
Sunda, ilhas da, rei da (na Oceania), I, 276, 277 e 279.
Sundares, capitães da armada (Bengala), I, 287.
Surrate, cidade e pôrto de Cambaia; naus de, I, 294; comércio de, II, 389-390; inglêses em, III, 23.—II, 395.
Sundiva (Sundim), ilha de (Oceano Índico), residência de, tomada da ilha de, I, 285-289; os mogos atacam a ilha de; vitória dos portugueses, mas estes deixam a ilha, 133, 134 e 319.—II, 132.
Surunga, cidade de, reino de, no Japão; residência do *Cubo*, III, 123, 124, 127-129, 133, 138, 205, 206 e 225.
Suvo, reino de Japão, II, 70.

Tabete, rei de, na Ásia central, II, 386.
Tacace, rio de Etiópia, III, 62.
Tacacúqui, montanhas de, no Japão, I, 116.
Tachão, chinês principal, em Pequim, morre de açoites, II, 103.
Tael, moeda chinesa, I, 241.
Tagarim, rio da Serra Leôa, I, 408.
Taichoró, bonzo japonês, III, 130.
Taicoçama (Taicosama, Taico, Taicó), teve nove nomes, imperador do Japão, I, 55 sgs.; já amigo, já inimigo dos Padres, devasso, e por isso perseguidor dos Padres e dos cristãos, I, 60 e 61; trata do seu sucessor, 63 e 64; quer honras de Deus, 152; causa principal da perseguição de, contra os cristãos, foi o mêdo que lhe causaram os religiosos que vieram das Filipinas; manda matar os religiosos de S. Francisco e alguns Jesuítas, 170, decreto de, contra os Padres, II, 77; morre, I, 65; alegria pela morte de, 66; recebe honras de cami ou deus, II, 6-7.—I, 62, 67, 68, 69, 101, 103, 107, 114, 115, 119, 132, 160, 169, 172, 177, 182, 190, 193, 203, 204, 219, 226, 228 e 230; II, 5; III, 314.
Tajudono, senhor dos reinos de *Aqui* e *Bingo* (Japão), III, 193, 194 e 207.
Talagame, surgidoiro de Ternate; nau holandesa em, defende-se, II, 309; foge, 311.
Talhan, na Ásia central, III, 25.
Talapóios (talapaios), sacerdotes de Arracão (Bengala), II, 319, e do Sião (Indochina), III, 86 e 87.
Talerno, é êrro. Ver *Salerno.*
Tâmara, ilha da Guiné, II, 201.
Tamba, reino de Japão, II, 74, 84 e 287.
Tambasira, rio da Serra Leôa, I, 408.
Tamerlão (Tamorlão), que desbaratou ao Grão-Turco, II, 110; na China, 292; 359.
Tamixiro, reino de Japão, II, 37.
Taná (Tana), colégio de (costa ocidental da Índia), I, 3 e 350; conversões em, III, 2.
Tanaca, Chicugodono (Chicungodono), japonês, senhor do reino de Chicungo, amigo dos Padres, III, 144 e 181.

Tanaçarim (Tanaçari), pôrto e cidade do reino de Sião, junto ao Pegu, I, 294; II, 139, 317 e 318; III, 85.
Tanegaxima, ilha do Japão, monumento aos portugueses que o descobriram, I, p. XXXII.
Tango, reino de Japão; senhorio de Xorindono, cristão, irmão de Saxadono, I, 62, 125, 217, 219 e 226; III, 212.
Tangos ou lançados, comerciantes portugueses, metidos e perdidos entre os negros da Guiné, I, 400, 403 e 406.
Tangu (Tango), reino e cidade, no Pegu, I, 44, 45, 47 e 290-292; descrição da cidade de, 294-295; riquezas de, 317.—II, 140, 317 e 318; III, 80 e 83.
Tanjaor, naique de (reino de Bisnagá), II, 143 e 327.
Tanor, reino de, igreja de (no Malabar), I, 340; P. Jácome Fenício em, II, 337; residência de, III, 67-69.
Tão, médico chinês, catecúmeno, I, 255.
Taossas, adivinhos, na China, I, 263.
Taquenda, é êrro. Ver *Simão* Zaquendo.
Tarapor, pôrto de, ao norte de Goa, III, 24.
Taravasadono, senhor das ilhas de Xequi e Amacusa (Japão), perseguidor, III, 171.
Tarazava, Ximonocami (Ximano Cami), japonês, perseguidor, II, 18-23; perde o reino de Nangazáqui, 78; abranda os rigores, 236.
Tarazuga. Ver *Fequida*
Tarcaró (Betancontarcaró), proclamado rei de Etiópia, contra Adamás, guerra, prêso e morto, III, 326 e 331.
Tari, cidade da Arábia, Jesuítas em, I, 357.
Tau ou governador de uma província (China), II, 96.
Tauceá, rio de Etiópia, III, 63.
Taucenta, ilha da costa da Serra Leôa, I, 408.
Tauli, chinês, autoridade em Xaucheu, II, 122.
Tauxima. Ver *Zeuxima*.
Tauxus, seita dos, na China, II, 111-113.
Tavai (Teva), cidade e pôrto do Pegu, II, 139, 317 e 318.
Tavanapatão (Índia oriental), pôrto de, entregue aos portugueses, Jesuítas em, III, 76.
Tavares, Gonçalo, capitão de Dio, I, 352.
Távora, Rui Lourenço de, Vizo-Rei da Índia, ordena a conquista do Monomotapa (Moçambique), e pede Jesuítas, III, 4-5; espera o embaixador do Mogor, 24.
Teatro cristão, nas Missões, em Cotate (Travancor), representa-se *O Rico Avarento*, assistência de mais de quatro mil pessoas, I, 331.
Teola, japonesa cristã, espôsa heróica, I, 182-183.
Tecla-Maria, frade etíope, vai a Roma, pelo Cairo, ordena-se de sacerdote em Roma, III, 296.
Teive, Francisco de Sousa, português, em Ambóino, prisioneiro, sôlto pelos holandeses, I, 282.
Teixeira, Estêvão, capitão português, em Ambóino, I, 278.
Tejo, baía do, missionários partem do, I, p. IX.
Tenca, o govêrno do Japão, I, 69, 78 e 119; revoltas da, 123-132.—I, 137, 152-154 e 226.
Tento ou Deus, no Japão, III, 122.
Teotónio de Bragança; Dom, Arcebispo de Évora, que fôra Jesuíta, favorece as missões do Japão, I, p. XIX.
Ternate, fortaleza de, nas Molucas, I, p. XI, reino de, 267; naus holandesas de, pelejam contra Tidor, 271; mau sucesso na guerra de, II, 129; holandeses em, atacam a fortaleza de Tidor, os inglêses auxiliam os portugueses, defesa brava, retiram os inimigos, reconquista-se tôda a ilha de, 132 e 303; o rei de, nomeia por herdeiro ao rei de Portugal, 304; guerras de, perda de, 305; reconquista de, 308-312; Jesuítas em, III, 87-89.—I, 279, 280, 282, 283 e 372; II, 303.
Tetuão, na África do norte, Jesuítas em, III, 314.
Teugapatão, aldeia de Travancor (sul da Índia); os cristãos de, resistem contra os gentios, II, 151.
Teúno Camidono, Agostinho. Ver *Agostinho, Dom*.
Teunocami, serras de, reino de, cristandade de, no Japão, II, 43.
Teu Teugi, letreiro cristão numa igreja do Japão, II, 84.
Teuxima. Ver *Zeuxima*.
Teuximandono. Ver *Zeuximadono*.
The Jesuit press in Japan, por Mr. Ernest Mason Satow, I, XXVI.
Thecleai (Thacleai), Manoth (Manot), tido por santo na Etiópia, frades de, III, 302, 303 e 311.
Tibet, notícias do, descobrimento do, I, p. VIII.
Tidor (Tidore), fortaleza de, nas Molucas, I, p. XI, 49; reino de, 267 e 268; naus holandesas contra, 271 e 272; tristezas e trabalhos, cêrco de, casa de, carta, II, 129-132; guerras de, perda de, conquistada pelos holandeses, 305-308; reconquista de, 308-311.—II, 304.
Tigoro João. Ver *João Tigoro*.
Tigré (Tigray, Tigare), reino de, província de, na Etiópia, I, 361; II, 165, 166, 399, 407 e 408; III, 32, 33, 39, 46, 49, 51, 53, 56, 57, 62 e 63, descrição do, 64; Jesuítas no, 331, 343, 344 e 353.

Tindigil (Tingidil, Tigindil), imperador de Etiópia. Ver *Atanás Sagued*.
Tipografia, a primeira no Japão, I, p. XXV.
Tirojemon, cristão japonês, valente, I, 200.
Tiroquichidono, japonês, ministro de Cacuzaimon, II, 245 e 246.
Tirozai, japonês, marido de Marta, cristã, filho de Nangato que lhe aparece depois de morto; caso famoso de possessão, II, 237-241.
Titole, rei de (Celebes), II, 311.
Todares, supostos descendentes dos cristãos de S. Tomé (serra de Sodomala), no Malabar; costumes dos, I, 345 e 346.
Toar, P. Pero, vai de Goa para o Monomotapa (Moçambique), III, 4.
Todos-os-Santos, aldeia de, no Japão, I, 67.
Todos-os-Santos, aldeia de, na China (perto de Pequim), III, 235 e 236.
Tolo, lugar da ilha de Morotai (Molucas), converte-se, III, 87-88.
Tomé, Dom, japonês, filho de D. Jerónimo, fidalgo de Firando, I, 73, 144 e 145; oferece-se à morte por Cristo, 146 e 157.
Tomé, Santo, Apóstolo, converte seis reis, três dêles imperadores, e funda oito sedes episcopais no Oriente, II, 142.
Tondo, no Japão, residência de, I, 92.
Tongavale ou cerimónias, em honra do pagode *Perumal* (Cabo de Comorim), II, 251.
Tono ou senhor, no Japão, III, 143, 145, 148 e 182 sgs.
Topaz ou intérprete (Índia), II, 144 e 332; III, 90.
Topo, lugar de Travancor (sul da Índia), I, 335.
Tóquio, moderna capital do Japão, I, p. XXI; universidade católica de, fundada pelos Jesuítas, XXI; e reconhecida pelo govêrno japonês, XXXIII.
Toquixiro, depois **Taicoçama**, imperador do Japão, I, 55.
Tora, rei, na Serra Leôa, amigo, II, 205 e 206; pede o baptismo, 207.
Tôrre de Babel, obra de Fidelino de Figueiredo, I, p. XV.
Tôrres, P. Cosme de, escreve do Japão onde trabalhava, I, p. XXVII; cristãos do Japão, do tempo de, em Iamangúchi, II, 49.
Tôrres, Irmão João de, no Japão, I, 212 e 216; prega nas exéquias de D. Grácia, 217.
Tôrres, Martim de, português, no reino de *Sião* (Indochina), I, 293.
Toscano, Padre, em Angamale (Malabar), I, 28.
Totias, casta nobre dos (Maduré), III, 96.
Toto, ilhas do, na costa da Serra Leôa, I, 408.
Tranquebar, povoação da Índia Oriental, I, 321.
Travancor (sul da Índia), reino de, cristandade de, I, 328-335 e 371; trágica perseguição em, II, 149-154; casos notáveis em, 152 sgs.; coisas de, 342-345.
Trento, concílio de, conhecido na Etiópia, III, 349.
Trepeti, cidade de (reino de *Bisnagá*), I, 315.
Trincanamale, rio de Ceilão, II, 345.
Tripalicorim (Tripalicuri), igreja de (Costa da Pescaria), I, 38 e 323.
Trões ou procuradores, advogados, na Serra Leôa, I, 409.
Trufão, terra da Ásia central, II, 384.
Trugure, serras de, no Malabar; missão a, II, 339.
Tubacatum (Tungubutu), capital dos negros Fulos Gasalhos (Guiné), I, 402; III, 363.
Tucuximandono, rei de Voari, no Japão, favorece os Jesuítas, I, 155.
Tudesco (Tedesco), P. Bartolomeu, em Xaucheu (China), II, 122 e 290.
Tufão no Japão, II, 219-220.
Tunixi Raien, senhor dos *Totias* do Maduré, III, 96.
Tupinambás, índios bravos do Brasil, I, 389.
Tupinaquins, índios bravos do Brasil, I, 389; II, 421.
Turco, o sultão da Turquia, I, 293.
Turcos, no Mar Vermelho, favorecem e metem alguns Padres na Etiópia, II, 397; invadem a Etiópia, III, 354.
Tur'cunofuxi, uma das partes da cidade de Iatçuxiro (Japão), II, 252.
Tutão ou Vizo-Rei de uma província (China), I, 239, 243 e 255; II, 96; III, 27.
Tutucorim (Tutucurim), na Costa da Pescaria, colégio de, I, 31 sgs.; baptismos em, 33; assalto ao colégio e à igreja; mudam-se os Padres para a ilha dos Reis, II, 146; rei de, 323 e 324.

Uoondono (Ocundono), *Justo*. Ver *Justo*.
Ulpos (upos) ou **meirinhos**, beleguins dos mandarins na China, I, 241 e 242; II, 122 e 123.
Umbares ou desembargadores do Paço, na Etiópia, III, 60.
Umimedono, cristão japonês, filho de João Naitofindano Cami; lindas cartas de, I, 196-198.
Urreta, Frei Luís de, Dominicano espanhol, publica uma *História Eclesiástica, Política... de Etiópia;* refuta-se longamente, III, 287 sgs. Ver *Etiópia*.
Úrsula, nobre japonesa, cristã destemida, III, 183-184.

Úrsula, cristã coreana, nas ilhas de Gôto (Japão), III, 157.
Usher, reino de, no Grão-Mogor, II, 359. Ver *Husbec*.
Usúqui, cidade de, no Japão, I, 108.
Usuquendono, senhor principal do reino de Bungo (Japão); amigo dos Padres e dos cristãos, II, 279.
Uto, no reino de Fingo (Japão), I, 94; casa reitoral de, 95; Semana-Santa em, 96; tribulações em, 136 sgs.; defesa da fortaleza de; isenção dos Jesuítas na guerra civil, são presos; Reitor de, carta, 137-139.—I, 97, 130, 159 e 162; III, 174.
Uva, reino de Japão, é êrro. Ver *Deva*.

Vacasa, reino de, no Japão, I, 219; III, 212 e 213.
Vacochica, lugar principal das ilhas de Gôto (Japão), III, 158.
Vagnoni, P. Afonso, na China, carta de, II, 290-291.
Vaipar, lugar da Costa da Pescaria; baptismos em, I, 33; confissões em, 34.—I, 323; III, 96.
Vaipim, Santiago de, residência de (Cochim), II, 155.
Vaipicota, colégio de, e suas residências (no Malabar), I, 28 sgs., II, 160-163; seminário de, 343.—II, 336 e 338.
Vaiquidono, filho herdeiro de Jocundono (Japão); amigo dos Padres, III, 188.
Valdebá, Arbatu, Anracá, igreja de Etiópia, III, 62.
Valença (Valência de Espanha); livro de Frei L. de *Urreta* impresso em, III, 287.
Valignano (Valinhano), P. Alexandre, italiano, Visitador das missões do Oriente, I, p. XIX; partida de Lisboa, I; no Japão, festejado, 97; escreve a Ximandono, 154; quer entrar na China, e morre, II, 299-300.—I, 66, 68, 88-90, 92, 93, 98, 99, 104-106, 113, 133, 135, 137, 142, 157, 160, 163, 172-174, 176, 177, 186, 187, 192, 194, 195, 198, 216 e 218; II, 91; III, 123.
Vanchum, lugar vizinho de Xaucheu (China), I, 265.
Varagém, lugar de Travancor, I, 333.
Varanula, ilha de, em Ambóino (Molucas), tomada de, I, 281-282.
Vasconcelos, D. Diogo de, capitão de Macau, caluniado e perseguido pelos chineses de Cantão, II, 300.
Vasconcelos, almirante Ernesto de, elogia os Jesuítas missionários, I, p. VIII.
Vatanabe Jerogemon, Joaquim. Ver *Joaquim*.
Vaviacorim, lugar na Costa de Travancor; caso notável da cinza da igreja de, II, 152.
Vaz, P. Duarte, viagem trabalhosa para Angola, II, 191-198.
Vaz, Jorge, português da Etiópia, I, 361.
Vehimé (Vehine, Veïmé), residência de, perto de Nanzagáqui (Japão), tem duas igrejas, e uma casa de leprosos, I, 83; II, 228; III, 147.
Vaidamão, capitão dos *baneanes* em Maçuá (Etiópia), II, 399.
Veiga, P. Manuel da, Visitador do sul da Índia, I, 31 e 33; procurador a Roma, 325; Provincial de Goa, manda quatro Padres à Etiópia, II, 175 sgs.
Veiga, P. Sebastião da, nas Molucas, I, pp. XII, 276, 278 e 282.
Velho, Francisco, português, companheiro de D. Cristóvão da Gama na Etiópia, III, 362.
Velur, côrte do reino de *Bisnagá*, fortaleza de, residência de, um Padre em, II, 143 e 321 sgs.; III, 77.
Veneatapati, rei de Bisnagá, carta de, III, 76.
Ventacaxá, rei de Narsinga (ou Bisnagá), carta de, III, 76.
Vêrga, cabo da, na Guiné, I, 406-408.
Vertiás, religiosos gentios mendicantes, em Cambaia, costumes dos, II, 394 e 395.
Vesmu, divindade do Maduré, III, 92, 95 e 97.
Viacami, no Japão; residência de, perto de Nangazáqui, III, 147.
Vicente, Irmão, catequista no Japão, I, 211.
Vice-Província da China, I, 2. Ver *China*.
Vice-Província do Japão, I, 2. Ver *Japão*.
Vice-Provincial do Japão, I, 133, 137, 189, 190, 195, 196, 198, 206 e 212. Ver *Japão*.
Vices, gentios ocupados em ofícios mecânicos (Cambaia), II, 394.
Viegas, Artur (P. António Antunes Vieira), prefacia a 2.ª edição da *Relação Anual*; falece, I, p. XLI.
Vihuvada, Naique, mancebo cristão do Maduré, valente, III, 92 e 108.
Vieira, P. Francisco, procurador da Índia a Lisboa, volta a Goa, I, 347.
Vieira, Pedro, português da Etiópia, I, 361.
Vila-de-Ferreira (Évora), naturalidade do mártir Vicente *Álvares*, II, 349.
Vila-Franca, na ilha de S. Miguel (Açôres), naturalidade do Irmão Bento de *Góis*, III, 28.
Vila-Lôbos, Diogo Nunes, português, em Bengala, I, 46.
Vilela, P. Gaspar, missionário no Japão, I, pp. XVI, XXI, XXIII e XXX.
Viosu, cidade do Japão, no reino de Voari, III, 127.
Vito, menino chinês, filho de Jorge, mandarim em Xaucheu, II, 122.

Voari, reino do Japão, I, 55 e 62; cristandade de, 119-122; missão ao, II, 85; nova missão a, 212 sgs.—I, 128, 129 e 131; II, 126 e 139.
Vocabulário da lingoa do Japam, I, pp. XXV e XXVII.
Vomi, reino do Japão, I, 78 e 131.
Vondavará, cidade do reino de Sangami (Japão), III, 135.
Vonfus, os parentes do rei da China, em Nanchão, II, 290.
Vongóri, lugar perto de Iamangúchi (Japão), III, 198.
Voragerí, lugar de *Travancor*, castigo de um moiro sacrílego em, II, 343.
Voxu, reino de Japão, III, 220.
Vozaca. Ver *Ozaca*.
Vuá, é êrro. Ver *Avá*.

Xaancon, lugar vizinho de Xaucheu (China), I, 226.
Xaca, deus do Japão, I, 234; desprezado, II, p. 11; livros de, 246 —II, 247 e 248; III, 193.
Xacalá, lagoa de Etiópia, III, 63.
Xamato, reino de Japão, II, 30.
Xamaxiro, reino de Japão, II, 43.
Xanacane, conquistador do reino do *Decão* (Mogor), escreve ao Provincial de Goa, e ao P. Gaspar Soares, cartas do, II, 395-396.
Xancalá, província de Etiópia, III, 66.
Xancorá, província de Etiópia, III, 66.
Xanti, Rei Supremo, Deus verdadeiro, na China, I, 263; II, 125.
Xantio, rio da China, I, 252.
Xantum, província da China, I, 238 e 239; II, 107.
Xaoa, reino da Etiópia, III, 61.
Xarojemadono, fidalgo japonês, I, 212,
Xarte, região de Etiópia, III, 62. Cf. *Zarte*.
Xataca, povoação do Japão, cristãos de, I, p. 111.
Xaucheu (Xauqueu), cidade da China, na província de Cantão, I, 50; foi a segunda residência dos Jesuítas na China, 255; modo de catequizar e baptizar mulheres, 257-258; bons exemplos dos cristãos de, 258 sgs.; perseguição da parte dos bonzos em, 263-264; coisas de, e seus arredores, 264-266; carta, II, 121-126.—II, 90, 290 e 300-302; III, 231-232.
Xauquer, região da China, I, 249.
Xauquim, cidade da China, primeira residência dos Jesuítas, I, 255.
Xauxuns, presidentes dos tribunais supremos na China, II, 94.
Xavier, S. Francisco de; cartas de, I, pp. V e XIV; monumento em Iamangúchi (Japão), XXXIII; foi o primeiro Jesuíta que partiu para o Oriente; na Índia, I; em Iamangúchi (Japão), 103; em Ceilão, 325; retrato de, em Travancor; devoção a, 334; cristãos do tempo de, em Iamangúchi, II, 49 e 241; preciosas relíquias deixadas por, em Japão, a um cristão, 242; na Índia, retrato de, feito por um Irmão italiano, 322; sepulcro de, pede-se a canonização de, ao Papa, 352; venerado na Costa de Travancor, milagres de, III, 72-73.
Xavier, P. Jerónimo, Superior da Missão do Mogor, I, 5-9, 18, 296, 299, 301, 306-309 e 311; II, 381; III, 19-21 e 29.
Xenxi (Xersi), província ocidental da China, I, 249; cristãos antigos em, II, 293.—II, 297; III, 27.
Xensu, cristãos da lei de, cristãos antigos que usam da cruz, na China, II, 293; dez mil em Nanquim, 294.
Xenguém, famoso templo de Cami, no Japão, III, 129.
Xequi (Xiqui), ilhas de, no Japão; cristandade de, casa reitoral de, e residências, I, 92-95, 130, 136, 162, 176 e 192; II, 18 sgs., e 236; III, 169 e 171.
Xeuxima, ilha de, reino de, no Japão, I, 62. Cf. *Zeuxima*.
Xhander, rei, no Mogor, I, 301.
Xibúqui, no Japão, perto de Iamangúchi; lugar todo de cristãos, II, 56.
Xicocu (Chugocu, Chugoou), reinos de, no Japão, III, 142.
Ximabará, no Japão, residência de, I, 91.
Ximagá, no Japão, residência de, I, 87.
Ximandono (Ximondono), governador do Ximo, no Japão, I, 66, 69 e 109; vai a Nangazáqui, sustos, 143-146; consola os Jesuítas em Nangazáqui, 154; acusa os Jesuítas e os cristãos a Daifuçama, 175; perde o crédito; procura a amizade dos Padres, admite-os nos seus estados, 176-177.—I, 189, 190, 192 e 193.
Ximixém, *Mappa-Mundi* dos Japoneses, II, 73.
Ximo ou **reinos de baixo**, no Japão, I, pp. XIX, 61, 63, 66, 68, 71, 130, 131, 146, 160, 183, 186, 203, 220 e 227; II, 18 sgs.
Ximonexequi, pôrto do Japão, I, 71.
Ximuteuquedono, japonês, senhor do reino de Voari, filho do *Cubo*, II, 85.
Xinano, reino de Japão, III, 134.
Xinchen, província da China, II, 297.
Xinfachimão, depois *Taicoçama*, imperador do Japão, I, 65.
Xingendono, fidalgo japonês, I, 212.
Xischande, reino de, conquistado pelo rei *Aquebar* (Mogor), II, 366.

Xiun, certas nuvens roxas, no Japão, III, 200.
Xògum ou **Cubo**, Daifuçama, absoluto senhor do Japão; novo *Xògum*, o filho herdeiro, II, 217-218 e 219.
Xògum, filho do Cubo (Japão); visitado pelo Provincial do Japão, III, 128-133; paços ricos do, 131; reside em *Iendo*, 225.—III, 139, 213, 219 e 221.
Xorindono, cristão japonês, senhor do reino de Tango, I, 226.
Xugendono (Sujedono), japonês cristão, senhor do reino de Tamba, II, 84 e 287-288.
Xugendono, Paulo. Ver *Paulo*.
Xunchó, província de Etiópia, III, 66.
Xuque, na China, lugar de cristãos antiquíssimos, provável *Cataio*, I, 249.

Yacatá, de Saxuma (Satçuma), senhor japonês, III, 164.
Ychinocami. Ver *Jechinocami*.
Yzzu, reino de Japão, III, 127 e 129.

Zagabo, embaixador da Etiópia em Portugal (no reinado de D. João III), III, 297.
Zaguaribe, pôrto de, na costa do Brasil, ao norte de Pernambuco, II, 425.
Zaire, rio, metido na Etiópia, por ficção de *Urreta*, III, 364.
Zamabuxes, gentios do Japão, II, 243.
Zambra, cidade inventada por *Urreta* (na Etiópia), III, 351-353, 364 e 365.
Zarte, região de Etiópia, campos do, batalhas em, I, 353; III, 371.
Zazelazé (Zelazém), capitão etíope, vizo-rei de Abibiá e Angigá, revoltado contra o imperador *Atanás Sagued*, II, 401-402 e 404; fere ao imperador que morre na batalha, 405; combate contra *Atanateus*, camarada da véspera, 406; trata bem ao P. Pero Pais, 408; morre em batalha, III, 33.—II, 409.
Zazuche, Simeão, cristão japonês, filho morgado de Xicugodono Luís, II, 71.
Zebibe, no Mar-Roxo, I, 353; III, 372.
Zebu (Zobu), ilha das Filipinas, dois Jesuítas portugueses aportam a, desterrados de Ambóino (Molucas), pelos holandeses, II, 128; Jesuítas portuguêses desterrados de Tidor (Molucas), vão para, 308.
Zedeli, cidade da Ásia central, III, 25.
Zeila, reino de, rei de, derrotado na Etiópia, I, 353 e 354; III, 65; rei de, opressor da Etiópia, 305, 370, 374 e 375.
Zela, lagoa de Etiópia, III, 63.
Zeraschaureat, imperador fantástico da Etiópia, inventado por *Urreta*, III, 364.
Zet, reino de Etiópia, III, 65.
Zeuxima (Tauxima, Teuxima), ilha e reino do Japão, rei de, I, 68 e 133; missão a, 112-113. Cf. *Xeuxima*.
Zeuximadono (Teuximadono), genro de D. Agostinho, japonês, rei de Zeuxima, I, 68, 112, 113 e 133; II, 225.
Zimbas, povos da Índia, III, 225.
Zindono, senhor japonês, III, 194.
Zingeró, reino de Etiópia, III, 65.
Zoens (embarcações), catures grandes, em Bengala, II, 133.

Corrigenda

Tômo II, p. 170, ll. 16-17, leia-se:

«Carta dEl-Rei Atanás Cegued chegue ao honrado Padre

Tômo III, p. 193, l. 8, leia-se:

dois reinos: Aqui, aonde está a cidade de Firoxima, e Bingo;

Acabou de se imprimir esta segunda edição
da *Relação Anual* aos 29 dias do mês
de Setembro de 1942, na
Imprensa Nacional
de Lisboa